CARTA 1.ª

DE J. A. D. M. A SEU AMIGO J. J. P. L. Joaquim José Pedro Lopes

Lembra-me ter lido, quando eu lia, (que agora até estou livre de lêr as mesmas cartas do Correio, por mais que venhão com ellas bater á porta); lembra-me ter lido não sei em que Historia das cousas de Theatro, que a Arte dos Pantomimos nascêra em Sicilia nos aureos dias da Tyrannia d'ElRei Hierão, que mandou a seus Vassallos por huma Lei não sei de quantos §§, cujo projecto tinha sido redigido por huma Commissão das suas Côrtes, que não fallassem huns com os outros sob pena de morte. Prohibido desta arte o uso da lingua, como era licito ao Cidadão fazer tudo aquillo que a Lei não prohibe, e a Lei não prohibia o uso das mãos, nem os tregeitos dos olhos, nem as gambadas das pernas, nem os movimentos da lingua saliente sem articulação de sons, começárão a trabalhar com toda esta ferramenta; porque em fim era preciso pedirem huns aos outros hum bocado de pão, e huma vez de vinho; disto se lembrárão, e daqui nasceo a Arte dos Pantomimos, que tanto prazer nos dava quando vimos o Diluvio Universal em Dança (e chegámos tambem a vêr o dia do Juizo!) Se eu vivesse então, eu lembraria aos Cidadãos Sicilianos, que em lugar de tregeitos, se servissem de hum Páo, ou de hum bom Cajado, mandado vir ou das planices d'Azambuja, ou das campinas de Salvaterra; porque ás vezes duas arrochadas tezas dizem mais que todos os Discursos ainda que saião em torrentes da bôca de Isócrates, de Demosthenes, de Marco Tullio, de Lucio Crasso, e de Marco Antonio; porque em fim, meu bom amigo, hum arrazoado páo sacudido a tempo he mais milagroso que a mais vehemente Filippica, e vigorosa Catilinaria!... Onde me levará o exordio desta Carta? Eu lho digo. A Tyrannia, ou desenfreada Licença de huma tropa, ou tropel de exaltadissimos *Grutescos*, ou saltando pelas ruas, e praças, ou deitando as hirtas, e felpudas cabeças

de todas as Lojas, Botegas, Botequins, e Tascas, e o que mais he, dos mesmos Corpos de Guarda que devião manter a pública tranquillidade, tudo a eito atacavão, insultávão, e accomettião, offendendo os homens mais sensatos, sisudos, e circumspectos, que são os verdadeiros amigos do Rei, e da Carta, porque sabem que cousa seja o Rei, e que cousa seja a Carta. Esta confusão anarquica, esta guerra popular, que he a mais funesta, não tem feito ha hum anno mais que irritar, e indispôr milhares de homens que amão e desejão a Constituição que equilibra os Poderes, que levanta barreiras ao Despotismo, que coarcta a prepotencia Ministerial, que mantem os direitos do homem que não nasceo para a servidão, mas para a obediencia, que não veio á sociedade para ser espezinhado, mas para ser feliz. Estes insultos gratuitos tem acendido o facho da Discordia, assoprárão a Trombeta da guerra Civil, dividirão os Portuguezes, arrancando os do centro da união; e de hum Povo o mais pacifico, o mais moderado, o mais moral da Terra, fizerão hum bando de Tigres para se atassalharem huns aos outros, engrossando desta arte o partido Anti-Carteiro, ou Anti-Constitucional, exasperando-se de tal maneira o odio mutuo, que parece que já não somos Portuguezes, somos Caraíbas, ou Iroquezes.

Eu vi tudo isto, e costumado a olhar para as cousas com attenção, e madureza, determinei-me a tomar hum partido que não tivesse partido, nem estimulasse nenhum partido, — a taciturnidade, ou absoluto silencio: — Nem palavra! — Assentei que esta devia ser a devisa do homem prudente. Obedecer á Lei promulgada, respeitar o Governo, não offender os homens, servir quanto podesse a Sociedade, e não envergonhar a Patria. Transformei-me em Pantomimo; bem sabe, meu amigo, que quando nos encontrava-mos, raras vezes, qual era a minha linguagem, punha o bordão a que me arrimo, e que me escóra a maquina, que á violencia de dores vai ter perpetuo arrimo na sepultura, óra horisontal, óra vertical, óra com maior, ou menor obliquidade de angulo, conforme a direcção que levava este, ou aquelle *Grutesco* do nosso conhecimento. V. m. entendia muito bem esta linguagem, e encolhendo, e levantando os hombros com enfasi expressivo, me dizia, que com effeito o bordão era a mais terminante resposta a tantos destemperos; e com mutua, e muda barretada de chapéos, e sem apertarmos as mãos. . . nos separavamos. He verdade que este meu silencio das ruas, das casas, e das sociedades não

se continuava nos Templos, porque se eu alli não desse á lingua, tambem não dava aos dentes em casa. Alli fallo, e fallarei: O que? O que todos ouvirão. — A Lei he de Deos? Pois obedeça-se a Deos. A Lei he de Cesar? Pois obedeça-se a Cesar. A Constituição que nos deo o Sinai, e o Evangelho, obriga em consciencia, a Constituição que nos deo o Cesar, tambem em consciencia obriga. Que mais he preciso? Qual he o Heráclito, que em lugar de chorar se não espojasse com rizo, vendo em cadeira tão sagrada, e tremenda, trepado hum homem descalço, metido n'hum sacco áspero, e rude, e, devendo fallar das benditas almas do Purgatorio, fallar das Theorias das Assembléas Constituintes; deixando as Almas sem huma migalha de suffragio?

Mas em fim, meu velho amigo, quem me obrigaria com furor a apartar-me do nosso partido silenciario? Quem teria este poder? O Tom Sultanico, e a Diarréa palavrosa de hum Periodico, ou Lençol de tres ramos, chamado em Letras gordas, e quadradas — *O Portuguez*. — Desgraçado, e mofino delle se sahir á espora: porque, Razões? Aqui está esta. Descomposturas? Não me acobardárão as de Pato, Mestre Pedro, e Companhia. Dirão muitos: — Pois o Portuguez está em campo, com o braço ás armas feito, com a mente ás Musas dada, vai por hum anno, e inda agora Vossa Mercê vem atirar a primeira pedrada a este formidavel Golias espantador dos Esquadrões Periodiqueiros? Sim, meus Senhores, e não me importárão nunca os seus Discursos, as suas *empafias*, as suas mentiras, a sua hypocrisia, a sua tortuosa, e revolucionaria politica embrulhada no Capote Constitucional. Lá está o Governo, lá está o illustradissimo Magistrado da Policia, que lhe dê os agradecimentos. Eu como homem de algumas Letras, ou magras, ou gordas, não pude conter a indignação, nem conservar o silencio, vendo ultrajado hum dos Individuos que mais honrão a especie humana — Mylord *Francisco Bácon*, Barão de Verulamio, Visconde de Santo Albano, Grão Chanceller, ou Chanceller Mór, de Inglaterra, que nasceo em Londres, segundo minha lembrança, em 1560, e morreo em 1626.

Eu não tenho paixão por Nação alguma senão pela Portugueza, e desejaria que fosse agora como foi quando era maior que todas, não digo só pela extensão de seus Dominios, mas pela sua Virtude, pela sua Sciencia, e pelo seu Valôr. A Anglomania ainda me não chegou, nem chegará; admiro

muito a grandeza do seu Commercio, a actividade da sua Industria, a perfeição de suas manufacturas; mas nada disto me importa, porque tudo isto he para quem tem dinheiro, e quizer cahir com elle. Apezar desta indifferença sobre a gloria da Gran-Bretanha, não posso deixar de estimar, e respeitar meia duzia de homens, não só grandes, porém maximos, que na infeliz repartição das Letras tem produzido, e agora me parecem mais que maximos no Laconismo, por algumas Cartas de linha e meia, ou duas linhas que vi na Gazeta. Quem podera ser assim! E se assim fosse o — *Portuguez* — valia mais os tres vintens, porque não matava tanto a gente com tão compridas arengas, que deixando a algibeira sem dinheiro, deixão os bofes sem elasticidade! Entre os homens maximos, pois, da Inglaterra eu constituo Mylord *Bacon*. Vossa Mercê não sabe quem elle he? Sabe muito bem. Conserva todas as suas Obras, e entre ellas huma separadamente rara, e pouco vista até entre os mesmos Inglezes, de que não vi segunda edição. Mas sempre lhe quero dizer mais alguma cousa, para entrarmos depois no esmiuçamento de Mylord *Bacon* no caso presente do — *Portuguez.* —

Grandes, e claros Engenhos tinhão visto antes de *Bacon* a misera condição do Entendimento humano, e das Sciencias: muitos tinhão tentado resgatar a Razão do captiveiro em que barbaros Tyrannos das Letras a conservavão: mas, ou fosse infelicidade daquelles tempos, ou fraqueza de forças, sempre ficou frustrada tamanha empreza: mas, em fim, este *Bacon* appareceo, creio que produzido pela mesma Razão, para tirar o jugo debaixo de cujo pezo se arrastrava a Filosofia, purgando-a de suas manchas, e chamando-a ao Senhorio, e á Liberdade. Conheceo todas as suas imperfeições, e as corregio: imaginou bellissimos projectos de reforma, e tanto trabalhou pelo Imperio da Razão, que chegou a despertar os animos adormecidos, illuminando-os de modo, que a Filosofia se vio expurgada, e levada áquelle fastigio de belleza em que depois se vio (e agora desappareceo). Foi chamado o Pai da verdadeira Filosofia, o descobridor das preoccupações, e dos erros, o abridor de novos caminhos, o destruidor de Filosoficos Tyrannos. Veja Vossa Mercê, que lá a ha de ter, a — *Censura dos mais célebres Auctores* — por *Pope-Blount.* — Veja *a Historia da Sociedade Real de Londres* — por *Thomaz Sprat*, e os Planos da reforma da Filosofia que elle fez, veja-os em *Baillet* — *Vida de Des Cartes.* Veja esse

Alemão gordo, e córado que lá tem — *João Gottlieb* na *Historia da Filosofia*, citando outro Alemão mais gordo chamado *Bruker* na *Historia Critica*, Tom. 4.° Parte 2.ª Cap. 4.° E finalmente, he melhor vêr o mesmo Bacon em o Livro que intitulou — *Do augmento das Sciencias*, a quem o Alemão ainda mais gordo que todos — *Leibniz* — chamou — *incomparavel*: — Em o *Novo Methodo da Jurisprudencia;* Parte 1.ª § 32. Com effeito neste Livro — *Do augmento das Sciencias*, eu não sei o que admire mais: Como he possivel que hum homem só visse tantas cousas, as quaes tantos seculos ignoravão? Depois deste Livro, trabalhou 18 annos n'outro Livro que se chama — *O Novo Orgão das Sciencias*, — ensinando o Entendimento humano a encaminhar-se pelas veredas da Verdade, dando-lhe guias seguros para descobrir as causas de seus impedidos progressos. Se desta Racional Filosofia passo a contempla-lo na Filosofia Fysica, e natural, tantos Livros escrevêo, tantos prodigios fez naquelle seculo tão de ferro. *Puffendorfio*, disse com muita razão no seu *Quadro de controversias*, Cap. 1.° § 5.°: Que a belleza, e a graça da flórea Filosofia Fysica dos nossos tempos, he devida, em grande parte, a este grande homem. Não veja Vossa Mercê senão o mesmo *Bacon* nos Livros: — *Historia natural dos Ventos: — Historia da densidade, e diafanidade dos Corpos: — A Historia da vida, e da morte: — Os Pensamentos, e Visões Fysicas: — O fluxo, e o refluxo do mar: — A discripção do Globo intellectual: — A sapiencia dos Antigos: — A Nova Atlantide*, etc. etc. etc. Se Vossa Mercê mostrar esta Carta a alguns curiosos meus inimigos, que não tem fim, nem tem número, por certo dirão com hum riso assim por modo do Mondego: — Pois este homem, que não tem Livros senão os que Vossa Mercê lhe empresta, pois até o *Prædium Rusticum* — lhe foi pedir emprestado outro dia, faz tantas citações de memoria! Isto he embofia! Não he, não Senhores; isso já se vio muitas vezes, até n'hum Capucho. — Oxalá que assim como me pareço com elle no apellido, me parecesse tambem nos miollos!!

E para que vem, me dirá Vossa Mercê, tanta palavraria sobre *Bacon*. Para que? Para o que já lhe disse, para pulverizar as fanfarronadas evasivas do *Portuguez*. — O Gazeteiro actual, porque Vossa Mercê felizmente he *já* Ex Gazeteiro, lembrou se muito a proposito, e muito para o caso que tratava, de humas palavras, ou texto de *Bacon*, que me parecem, não digo de certo, dos *Discursos moraes, politicos, e economi-*

cos; e transcreveo as palavras Latinas que são estas taes, e quejandas: —

Publica ista Invidia, magis in Regum Ministros involat, quam in Regem ipsum. Attamen, si Invidia quasi generalis sit, ut omnes Ministros amplectetur, quasi occulte Regem ipsum petit. —

O Gazeteiro, ou alguem por elle, fez mal de não pôr isto em Portuguez, porque era de presumir que isto fosse ás mãos do *Portuguez*, porque julgo que na tal Fabrica, não entra mais que *Constant*, que *Bentham*, e tambem o *Leviathan* de *Hobbes*, se o apanharem em Francez, porque Latim, isso cheira á Frades, e a Clerigos que são huns asnos, e mais bestas os pais que os mandárão ensinar, e essa creação não era para homens que fazem o *Portuguez*. Vossa Mercê, se os conhece, mande-lhe esta traducção, que aqui vai com todo o rigor sintaxeiro.

" Esta Inveja *(mania revolucionaria)* pública tem por objecto mais os Ministros do Rei, que o mesmo Monarcha; todavia se esta Inveja se tornar quasi geral, isto he, que abranja todo o Ministerio, então occulta, e indirectamente se ataca em Pessoa o mesmo Rei."

E que outra cousa ressumbra de cada hum dos tres ramos do Lençol Portuguez mais que aquelle espirito de vertigem de — Ministerio abaixo, Ministerio acima? Que outra cousa quer dizer aquelle osso arremeçado á Carruagem de hum Ministro? Que outra cousa quer dizer aquella teimosa, e sacrilega inculpação do acto mais proprio da Real Clemencia, e Soberania do que he Depositaria a Serenissima Senhora Infanta Regente, no Indulto, e Amnistia offerecido aos culpados do crime de rebellião? Eu já vi estes homens os mais apaixonados, e amigos da Amnistia, que houve no Mundo, quando se tratou da rebellião de 1820. Até eu com toda a minha melancolia me ri de hum exemplo, com que querião convencer o Soberano para publicar Amnistia, Amnistia, Amnistia, — Senhor, dizião elles em letra redonda, — Assim como Henrique 4.° no sitio de París perdoou ao Carreiro, que levava huma carga de pão para os sitiados, assim V. M. deve perdoar á Junta do Porto, seus Confrades, e Irmãos de

armas. — Isto convencia, porque os casos erão perfeitamente identicos! Então tanta Amnistia, e agora não querem nenhuma! Que he isto? Então era huma virtude Real, agora he huma cobardia, e froxidão do Governo, isto he, do Ministerio! Ah! que eu não sei se os adivinho! Não querem Amnistia para os outros, porque contão com a impunidade para si. E como se hade solidar esta impunidade? Com mais revoluções, com mais Democracias, com mais desgraças deste Reino, que Deos delles, e das suas maquinações defenda. Estes homens querem sangue para remover obstaculos. A felicidade de Portugal não se faz com o punhal, entendamo-nos, faz-se com o novo Pacto Social, com a Lei de fundamento, bem explicada, bem exposta, e bem seguida. Quem senão Demagogos querem por toda a parte huma continuada fluctuação no Ministerio? A moderação, a prudencia do actual he hum crime para os Senhores Mestres do Portuguez. Já disse que isto me não importava, importa-me Mylord *Bacon* ultrajado por humas formiguinhas. Ellas dizem que Bacon foi hum máo Ministro de Estado, que em rigor assim se não deve chamar; porque não era Secretario, era *Guarda Sellos.* Supponhamos que era Ministro froxo, e venal, disso não se trata, trata-se de huma verdade que elle como Filosofo, e tão grande Filosofo, disse naquellas palavras, trata-se se ellas são applicaveis, e se explicão o estado presente. Se eu dou huma arrochada no cão de Beltrão, tambem a dou em Beltrão; assim como quem ama a Beltrão, ama o seu cão. Os Ministros são os braços dos Reis, e descarregar lambadas nestes braços, he descarrega-las na cabeça do Rei. Se prevaricão, o Rei, seus Conselhos, suas Camaras os castigarão; mas agora huns venaes Periodiqueiros, pegados como lesmas pelas escadas das Secretarias, e Galerias de Camaras, insultarem os orgãos da Soberania, e até insultarem Mylord *Bacon*, porque diz o que elles dizem, e o que elles fazem!! Mylord Bacon morreo em extrema pobreza, mas a sua maior desgraça he ser depois de 201 annos da sua morte insultado por huns vérmes, que, se se deixão crescer, roerão mais do que tem roido. Então, meu velho amigo, não he isto dar de mansinho? Vamos com a moda, hum Tiroteio: a Artilheria está mui longe, e contra o meu genio, porque na arte desta guerra eu não conheço mais que as do calibre quarenta e oito. Já que eu lhe escrevo, escreva-me vossa mercê tambem. Vossa mercê ainda hade conservar seu amor, e amor de Sobrinho, á Tia Gaze-

ta, pobre velha, mas honrada; ella podia pôr seus brincos, seu rossiclér, seu afogador, e seus sinaes, mas não a deixão; porque se ella podesse pôr seus arrebiques, grande Belforinheiro tinha aqui!

Olhe vossa mercê, os Inglezes devião mandar, e dar aos Collaboradores do Portuguez, por lhe tratarem assim o seu *Bacon*, hum daquelles Rosbifes que elles trazem nos punhos fechados, que eu tenho visto dar huns aos outros, e com molho logo prompto, ás portas das Tavernas. Que dirão, meu velho amigo, os do grande lençol quando tal virem? Que eu fui comprado pelo ouro Corcundal, e vendido á Junta Apostolica, e que isto só podia ser feito por hum Apostolico, porque os Apostolicos até fizerão o Manifesto da Catalunha! Não he assim, quem lhe escreve estas duas regras para saber da sua saude he

Seu amigo em huma, e outra fortuna

J. A. D. M.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 2.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

Recebi a sua em resposta á minha. Com effeito, meu amigo, quando chegão duas vitéllas á porta de hum Medico, ou quando entrão dous Perûs pelo Escritorio de hum Escrivão, não se excita maior prazer na alma do recipiente, que em minha alma se excitou quando puz os olhos nos dous Numeros do *Portuguez* 160, e 161, que V. m. me remettia fechados na sua. Os olhos de hum antigo Guarda-Portão de hum antigo Orgão de Mercês, e de Despachos, não se arregalavão mais quando vião entrar pela porta de seu Amo dous Religiosos *Cartuxos*, do que se arregalárão os meus olhos fitando-se, e pregando-se nos dous inextimaveis thesouros da impostura, da malicia, e da salgalhada. Antes que eu descoza este fiado, e veja o fundo a esta canastra, he preciso que eu faça huma prévia, e pequena Dissertação sobre huma materia, que tem passado sem ser bem examinada, e bem conhecida, e que he huma especie de postulado, e concedido, sobre que se quer levantar a planta de huma demonstração, que vem a ser hum Ente ideal, e quimerico, chamado a *Junta Apostolica-Jesuitica*. Eu bem sei que V. m. he hum homem de cabeça segura, circumspecta, séria, e reflexiva; assim a tenho eu tambem, e talvez que este seja o motivo porque sympathisâmos; sei que gosta do estilo cerrado, e grave; de huma Dialectica vigorosa, que exclue a arma de Juvenal, o *Ridiculo*, que no sentir de Horacio serve mais que o grave, e o acre para cortar, e espatifar certas cousas; mas V. m. não ignora, e eu tambem sei, que os escondidos, mysteriosos, e innominados collaboradores do lençol de tres ramos, não merecem outro estilo

mais que o ridiculo, pois não fazem mais que desafiar, e provocar o amargo riso, e a desdenhosa indignação dos homens de bem, que por convicção, por principios, e por conhecimentos são os verdadeiros Constitucionaes, que querem o Rei, e a Lei para felicidade da Grei, porque a Grei não he feliz sem hum Rei só, sem huma Constituição só, sem excluir outra, se a primordial pelo lapso dos seculos, pela mudança dos sentimentos, e dos costumes, ou pela maior somma de conhecimentos adquiridos, não fôr, ou se julgar insufficiente; porque até o Compromisso de Santa Cecilia, que he a sua Constituição, pode ter suas mudanças, e alterações se os Musicos asnearem muito, ou se as Festas escacearem muito, ou houver grande quebra (o que fatalmente tem acontecido) nos seus emolumentos. Vamos á Dissertação.

Apparecem na grande scena do Mundo certos Demagogos, certos Revolucionarios, que no fundo da sua alma não querem nem Rei, nem Roque, nem Constituição, nem Ordenação, nem forma alguma de Governo, que não seja huma tumultuosa, e mal entendida Democracia. Como verdadeiros Camaleões tomão sempre diversas côres, e differentes aspectos, dão tombos como as enguias; mas quem olha para ellas, e para os tombos sempre descobre o rabinho, que se inclina, e toma a direcção da agua. Inculcão, e assoalhão planos de reformas, procurão embair os incautos com mudanças, e melhoramentos, fazem arear as classes, que a soberba julga infimas no Povo com as nivelações e igualdades diante da Lei, detraz da Lei, á ilharga da Lei; chovem as garantias dos direitos de cidadão aos forçados das Galés, e aos lava-peixes; alargão, e profundão todas as vallas, abrem todos os canaes, enchem o Reino de cereaes aqui nascidos, e creados; em cada charco de agua levantão huma fabrica de papel, e outra de chitas; o bicho carpinteiro da industria formiga, e se revolve por toda a parte; em cada Aldêa são logo instaladas as Escolas de Athenas, e o Instituto de Bolonha; a Navegação estende-se tanto, e com tanta actividade, que promettem ir n'hum Bote do Caes de Belem muito para lá das Terras Austraes; promettem tanto ouro, e tanta prata, que, como no Reinado de Salomão, as calçadas das ruas serão de ouro; e a prata será reputada como a lama das mesmas ruas; e fartos em promessas as-

segurão que só elles descêrão dos Ceos para tirarem o Mundo do abysmo, do servilismo, do despotismo, do absolutismo, e das fogueiras da Inquisição; e, o que he mais que tudo isto, das fatexas dos Padres da Companhia!

Os Povos, que em fim não são tão tolos como elles os querem fazer, ou querem que sejão, começão a desconfiar de tanta manteiga, e de tão palavrosos Impostores; e pelo que elles começão a fazer, e a decretar, conhecem que o fim maximo destes perturbadores do socêgo das Nações he roubar, e dominar; a reacção he igual á compressão, e a elasticidade moral he mais valente que a elasticidade fisica; e por hum impulso natural e unanime recalcitra, e diz altamente que não está para aturar huma cambada de Arlequins, e Saltimbancos, huma caterva de Tira-dentes, que inda até agora, por quasi quarenta annos, não dizem senão o mesmo, não tem outras fráses, outra linguagem na França, na Hespanha, em Napoles, no Piemonte, e nas margens do Tejo cristalino, imbutindo a mesma descozida arenga, ou nariz de cera de Medico, ao Botecudo n'America, e a este seu Criado no Forno do Tijolo. Universalisa-se, e pronuncia-se esta justissima opposição, porque os Povos em fim antes querem estar pelo que lhes promettia o Homem das Botas, e o Gigante Voraz, do que pelo que promette esta Horda de amotinadores, que arrancão as Nações do seio da tranquillidade, alluindo lhes os alicerces da ventura social, firmados nos antigos costumes, nas antigas Leis: fossem embora hum jugo de ferro, ninguem se queixava a estes Senhores, e ninguem lhes encommendava tal sermão; e se alguem lho tinha encommendado, que lho pagasse. Apezar desta opposição, porque os Povos não estão para ser Filosofos, e se davão bem com sua antiga ignorancia, não fosse embora o mel para a bôca do asno, vivião fartos como hum vilão, e cheios como hum ovo: vião suas mulheres mettidas em casa, seus filhos muito bem creados, seus Curas rudes, e probos; não querendo para o Povo mais que a Cartilha, e para si mais que o Larraga; e se querião mais algum augmento de Congrua, não passava dos dizimos do liquido em Carcavellos, e na Chamusca: os gratuitos Regeneradores insistem em os querer livrar do absolutismo, e da irresponsabilidade dos Ministros; e como se não podem livrar desta tão bem pronunciada opposição, que não rejeita nem o Rei, nem a Constituição,

que o Rei lhes mandou, porque os taes Regeneradores são muito transparentes, e os Povos lhes descobrem sua intenção, que he não quererem nem Rei, nem Constituição, porque esta, que o Rei lhes acaba de dar, se for bem observada, he Sancta e Justa, e levava o Diabo os Regeneradores (não me obrigue V. m. a pôr em toda a luz este grande mysterio de iniquidade;) que fizerão os collaboradores do *Portuguez* anonymos, os seus écos, e trombetas? Arquitectárão, e imaginárão huma fantastica Junta Apostolica de tão quimerica existencia como a mesma Quimera da Fabula. Existe esta Junta porque o *Portuguez*, e os outros Periodicos de igual jaez, ou *Portuguez*, dizem que existe, e a quem o Cura do *Portuguez* no n.° 160 baptizou, e poz o nome de *Liberticida*, *Regicida*, *Legicida*. Oução-se as suas palavras —*Lençol* 160, *ramo do meio* — Lisboa 9 de Maio.

> *Quem tiver meditado nos meios empregados pela Facção Apostolica, para levar a Hespanha á sua ultima ruina....* —

Espero que a mais severa Censura concorde aqui comigo, porque a materia he importantissima. Para se fazer huma semelhante inculpação, para se dizer á face do Mundo civilisado, e do que está por civilisar, que existe huma associação de homens, que promovem por todos os modos, e meios a morte, e desthronisação dos Reis com a sentença sem frases — Desfaçamo-nos delles —, que não aspirão mais que á dissolução, e transtorno dos Povos, instigando-os á rebellião, fomentando-a, ou impellindo-a com a alavanca pecuniaria, procurando fazer estalar o laço, que prende as humanas sociedades, que, finalmente, animada, e dirigida sempre pelo Genio do mal, que vem a ser o Diabo, quer conservar as Nações debaixo de hum jugo de ferro no abysmo da ignorancia, e da escravidão; era preciso, primeiro que tudo, mostrar até, e ainda além da evidencia, que existe, e como existe tão infernal Congregação, e produzir incontestaveis Documentos desta mesma existencia. Ora eu peço licença para me explicar com hum exemplo, mas com toda a circumspecção, e dignidade.

Se eu produzisse chronologicamente Bullas Pontificias, que para os Catholicos Romanos são alguma cousa; se depois

correndo hum a hum os Reinos da Europa, começando pelo mais vasto, e pelo mais frio, até o mais meridional, e mais quente, quero dizer, a Russia, a Prussia, a Austria, e muitos dos grandes Estados, que algum dia compunhão a Confederação Germanica, a França sempre grande, e sempre flórida, a Italia desde Napoles até ás raizes dos Alpes, com todos os seus pequenos Potentados, ora chamados assim, ora chamados assado, o Piemonte com as ensanchas, que se lhe alargárão, a Hespanha finalmente, e esta ourela, ou esta geira de terra, em que ficou Portugal; e se de todos estes Reinos eu trouxesse os Diplomas, as Leis, os Decretos, as Ordens, as Providencias, as medidas de severidade, e rigor, que se tem publicado, e tomado para prohibir, anathematisar, proscrever, e arrazar huma Junta de homens, qualquer que seja o seu nome; se eu pegasse na ametade da sua Constituição aqui impressa entre nós; se quando eu produzisse esta primeira parte do seu Codigo, que custa dezoito vintens, lhe ajuntasse tambem impressos seus Cathecismos até certos gráos de seus mysterios; se a esta cousa, que já se pode chamar Livraria, eu ajuntasse hum Manifesto, que fez huma Provedoria Mor contra hum Julgado, ou Concelho pequeno; e se para divertir o meu Congresso de videntes, e auditores, eu trouxesse a gravura fina, que se fez de humas penduras paramentadas, em *Granada*, onde se pendurárão; e se para hum saboreante do Banquete eu désse huma volta pela Cisterna do Garrido, e apresentasse alli a feira da Ladra, que lá estava de molho; que faria eu com isto? Provava a existencia de huma Junta, ou Associação real, e existencia, com maior clareza que *Diogenes* provou que havia movimento contra Pirrhon, que o negava, pondo-se a passear diante delle.

O *Portuguez* que tudo attribue, e tudo empurra á Junta Apostolica como principio do movimento da maquina de todas as actuaes desordens Européas, e sobre tudo de huma conspiração geral contra os Povos, e contra os Reis, chamando-lhe capa de velhacos de quantos rebeldes respirão no Mundo, devia produzir todos os documentos, ou equivalentes, que eu produziria para comprovar a existencia da Junta acima indicada, e não chamada pelo seu nome, para deixar indubitavel a existencia da Junta Apostolica, que he rigoroso consoante da outra, ainda que se não pareça; e

então dizer : Esta Junta Apostolica fez o Manifesto da *Catalunha* contra S. M. C. Fernando 7.° A outra Junta existe, porque o mostra, e o sente o Mundo; a Apostolica existe porque o diz o Portuguez, porque ao Escriptorio do Portuguez chegão todos os dias, todas as horas, todos os Correios, todos os Postilhões, todos os Expressos, todos os Encarregados de todos os Gabinetes, de todas as Côrtes, de todas as Confederações; os Prégos de Columbia, e de Argentina são aos cardumes, e não ha quem possa desembocar sem encontrões, pizadellas, e estortegões, da Rua Augusta para o Terreiro do Paço; e como o Portuguez tem tudo isto, afóra as correspondencias particulares, que todas vem francas, porque todos querem gastar o seu dinheiro com o Portuguez, sendo cousa pasmosa que, antes de se compor o Portuguez, ninguem conhecia taes homens, e jámais lhe chegou á porta hum Carteiro de Patrona com huma Carta de 25 réis, diz que existe a Junta Apostolica, porque elle o diz, e assim o ensina o aperto, em que estão de assignalarem huma causa, e hum principio á opposição geral dos Povos contra os Innovadores, que não trazem ao Mundo mais que desgraças, como tem mostrado a experiencia, desde que rebentou a desastrosa Revolução Franceza, felizmente acabada em França pelos mesmos Francezes, onde nunca se ápagou de todo o Facho da Razão, e da Religião.

Ah! meu bom Amigo, isto ainda he hum Tiroteio pela linha dos Atiradores, *Voltigeurs;* nenhuma bôca de fógo de mais algumas pollegadas tem fallado ainda; o terreno he escabroso, não pode ainda manobrar a Cavallaria. Algum dia chegaremos a Waterloo; comecei com as descargas de Cartas, não hei de acabar, e nestas refregas ninguem me vio ainda os calcanhares.

Chegámos ao Manifesto da Catalunha estendido no Lençol, ou já posto em Lençoes de vinho. O *Portuguez* nos fez mimosos com este bom presente; e para o empurrar se servio do estratagema das *Notas*, como vejo por todo o Lençol 160, e 161, ficando ainda assim peior a emenda que o Soneto. O Manifesto da Catalunha foi feito pela Junta Apostolica; por signal que lá vem assignado em razo *Sório* Secretario! Bem dessorados devião ficar os miolos do Portuguez quando da Côrte de Madrid, do seio do Ministerio Hespanhol, onde quasi nunca houve senão homens grandes desde

Antonio Peres, Secretario de Filippe 2.°, até Salmon, Secretario do Sr. D. Fernando 7.°, ministerialmente, officialmente, authenticamente veio a declaração, em que se patenteou ao Mundo quem fosse a Junta Apostolica, que fez o Manifesto, declaração lançada na espezinhada, e bigodeada Gazeta de Lisboa, mais comprimida que hum paralytico. Foi feito o Manifesto, diz ElRei de Hespanha, foi feito por huma Junta, mas huma Junta de *transfugas*, *revolucionarios*, *bandidos*, *votados* á Forca, e proprietarios do garrote, acolhidos em Reinos estranhos, e que ao longe teimão em proseguir na obra nefanda da Revolução Democratica. Esta foi a Junta. Eu esperava que no dia da publicação da Gazeta, que nos apresentou este Documento, que he o triunfo da Verdade, e a confusão da Impostura, se fechasse a porta do Escritorio do *Portuguez*, a quem *Bandarra* podia chamar o que chamou ao tumulo d'ElRei D. Sebastião nestes sonoros, e cadentes versos:

> Metto a sovela nas viras,
> E vejo pelo buraco
> Os ossos de Pero Jaco
> No Moimento das Mentiras.

Eu tambem poderia vêr pelo buraco da chave as Estatuas, (obra das mãos de Canóva) as Estatuas quebradas da Embofia, e da Impostura. Mas em fim, tambem Vasco da Gama se enganou, e não lhe succedeo como cuidava = diz o maior de todos os Poetas. = Continuou o Portuguez como se não fosse nada com elle; e tendo a Gazeta tomado á sua conta desmentir o *Portuguez*, e com documentos, destes que colhem ás mãos, vai por diante da mesma sorte, como se nada fosse com elle; e sendo o Portuguez hum Portuguez como os do cunho velho, que julgou sempre que era tão vergonhoso mentir, como ser desmentido, moita: he como aquelle parente de *André Caldeira*, que a tudo quanto se lhe dizia na Gazeta Universal — Moita, e mais moita. Veja V. m., meu velho Amigo, o que tem rendido as primeiras palavras, com que o Portuguez começa o cabeçalho para o lançamento do Manifesto, e seu Commentario, e que geito isto leva! Leva geito de não acabar nem em 1830, que tal tenção tenho, se Deos me emprestar a vida. Vamos ás segundas palavras do cabeçalho do lançamento.

"Encontrará que elles são os mesmos, posto que menos disfarçados, de que se servio o Jesuitismo no seculo passado para agrilhoar os Povos, e dominar os Reis."

Outra descoberta nova: tudo o que fôr opposição dos Povos aos principios desorganisadores, e aos transtornos geraes, de que a Europa tem sido victima, he maquinação dos Jesuitas, todos elles familiares do Sancto Officio, e carrascos. E teimárão agora com os Jesuitas; todas as revoluções são feitas pelos Jesuitas, inimigos dos Reis, e dos Povos.

Não houve hum Rei mais glorioso e hum Povo de maior consideração, que foi Luiz 14.°, e o Povo Francez. Tudo neste Reinado foi grande, e na repartição das Letras nenhum foi, nem será, nem pode ser maior. Luiz 14.° tinha duas orelhas, a huma estava sempre o Jesuita *La Chaise*, seu Confessor, e á outra sempre estava o Jesuita *Bourdaloue*, seu Prégador. Foi então aquelle Imperio o Imperio dos Jesuitas. *Colbert* ouvio como discipulo os Jesuitas, e *Louvois* os Jesuitas ouvio. E Luiz 16.° foi levado ao Patibulo pelos Jesuitas? Sim, Senhor, dirá o *Portuguez;* não, Senhor, direi eu, foi levado pelos Filosofos niveladores, e Demócratas. *Danton*, *Barrere*, *Robespierre*, *Sain-Just* forão grandes Jesuitas!!! *Raynal* que foi, e era Jesuita, escreveo aquella grande Carta, que fará honra á Probidade humana, e dirigida á Convenção Nacional, ou Assemblêa de Canibaes — *sangui-sedentos*, palavra do *Portuguez*. Se os Jesuitas prevaricárão, não digo que não, porque a Sociedade foi dissolvida por Clemente 14.°, e a grande Bulla foi obra do Cardeal *Passionei*. E os Jesuitas extinctos são os que fazem as revoluções? Isso he verdade, eu estava esquecido, e já me não lembrava do que víra no Porto em Agosto de 1820. O Jesuitismo, nos diz o Portuguez, he a mola, que agita a maquina das revoluções, procurando levantar a Democracia sobre a ruina dos Thronos, e dos Reis. Que assombro foi o meu, quando *naquella sempre tranquilla, e leal Cidade*, eu fui topar com huma melgueira de *Jesuitas!* Erão por certo Jesuitas, porque eu conheci, tão bem como os meus dedos, o R.do P. Estriga, o R.do P. Chicara, e o R.mo P. Cabreira, que se não chegou a ser Geral, não ficou muito longe, pois foi depois declarado Vice-Presidente; e por hum triz que o

Capituló não ficou de todo atrapalhado em *Alcobaça;* e se não desterrão o Geral *Cânellas*, seria como nos Franciscanos — o Partido dos *Escotos* punha-se a cavallo no Partido dos *Chóriços*. Veja V. m. com quanta razão o Sr. Portuguez se levanta contra os Jesuitas, e Jesuitismo: veja a poeirada, que aquelles treze Jesuitas do Porto levantárão! Aquelles treze erão do quarto voto! Veja a Communidade, que ajuntárão, porque no 1.º de Outubro entrárão em Lisboa para a celebração do Capitulo Geral mais de 20$ Jesuitas; e que narizes, e bochechas elles tinhão! Mettião medo! Obrigando a todos a jurar os Exercicios de Sancto Ignacio, que ainda se havião fazer, que vinhão só projectados; e se vinhão feitos, vinhão escondidos. Com quanta razão, e juizo diz o Portuguez que taes Jesuitas vinhão *dominar os Reis, e agrilhoar os Povos!* Fóra com taes Jesuitas! *Dominar os Reis:* e então não dominárão? V. m. não tem visto alli nos dias depois da Pascoa os Hortelões andarem com S. Pedro Gonçalves ao cóllo? Assim andárão com o Rei, — jure aqui, sente-se aqui, vá para alli, venha agora cá, tome lá esta colhér, deite aqui hum bocado de argamaça .... ah! meu Amigo! Praza aos Ceos que isto não fòra assim! Mas dos Ceos veio o remedio, e vemos, e felizmente temos hum Rei, que não recebe, mas que dá a Lei aos seus Povos! *Agrilhoar os Povos:* outra verdade; veja o que aquelles Jesuitas fizerão aos Povos!! Que vergonhosa escravidão, e que pezados grilhões! Veio a Lei — *Habeas Corpus* — Lei dos Jesuitas! Serás livre, serás senhor do teu corpo. Não fomos nós, forão elles; elles he que forão senhores dos nossos corpos. Elles nos mettião onde querião, elles nos mandavão para onde querião. Nas Berlengas havia mais corpos nossos do que coelhos, havendo lá tantos! Havia corpos nossos, ou nós em corpo, e alma, sem pasto, e guarida, fora deste Reino; V. m. que o diga: depois de lhe terem o corpo de capoeira por cincoenta dias, o mandárão para a margem esquerda do tristissimo Guadiana. Bem sabe que por força de consoante os Padres da Companhia forão chamados os Padres da — *Apanhia* — porque elles apanhavão tudo; veja o que apanhárão os Jesuitas, que vierão do Porto! Não só mudárão o nome ao Erario Regio, mudárão para suas casas, e com suas unhas tudo o que lá havia, excepto as teas de aranha, e os empregados com caras de fome. A mesma manha dos Jesuitas: occupa-

rem os primeiros lugares, e metterem-se nas casas dos Grandes: eu vi o P. Estriga em casa de hum Marquez; o P. Cabreira em casa de hum Barão. Bem vio V. m. como elles derão a todos os seus Leigos, e Donatos calças, e gibões de saragoça para se conhecerem que erão seus. Eis-aqui os Jesuitas que dominárão os Reis, e agrilhoárão os Povos. E a Junta Apostolica, que he senão a Junta dos Jesuitas? Huma cousa ha, que eu não entendo no *Portuguez:* em huma parte diz que a Junta Apostolico-Jesuitica quer desthronar os Reis, em outra parte diz que a mesma Junta Apostolico-Jesuitica quer hum Rei absoluto, sem as maniotas da Constituição. Ora entendão lá os do *Portuguez*, que desde a pucilga do seu Escriptorio estão illustrando o Mundo! O que elles fazem (aqui para nós, que ninguem nos ouve, e não ha perigo de mexerico) o que elles fazem he mentir muito, e mentir de mais, não digo por malicia, porque, segundo me dizem, são bons rapazes, mas por ignorancia, que em Escriptores publicos, como elles dizem, he hum grande baldão. Veja V. m. o que elles dizem no Lençol 160 ramo de fora, Nota 2.ª

" Foi a falta de execução do Decreto de 4 de Maio de 1814 quem sublevou os Americanos...."

O' mentirosos, e lambareiros! Pois em 1814 não havia já cinco annos que tinha começado a revolução na America Hespanhola? As mentiras nestes homens são como as cerejas, vão puchando humas pelas outras, porque seguem a dizer:

" Foi a expedição do *Sanguinario Morilho*...."

Ah! maganões, maganões! *Morilho* foi depois de muitos annos passados de revolução, e já a conflagração era quasi universal. Que os Povos se illustrem com verdades, sei eu muito bem, mas que se illustrem com mentiras, só elles o sabem; mas a mentira não dura, e por isso se desperta a opposição dos Povos aos do Portuguez, e seus Confrades.

Com quatro palavras do Portuguez em hum só ramo do Lençol tenho enchido esta Carta, e irei enchendo muitas nos intervallos da minha horrivel molestia; mas eu cancei de ouvir o Povo, que me martelava aos ouvidos — Pois estes

homens hão de dizer tudo o que quizerem, e ninguem lhes ha de dizer huma palavra? Se elles são Cidadãos para fallar, tambem os outros são Cidadãos para lhes responder. Pede isto a Justiça, e isto deve querer a Censura recta, e imparcial.

São Constitucionaes? Tambem eu o sou, e porque o sou digo que se devem respeitar os Reis, que pela Constituição são inviolaveis; e não posso soffrer que se ultraje S. M. C. o Rei de Hespanha; e se elle vir o Lençol 160, e lêr no ramo de fora virado do avesso estas palavras (Que horror!!!)

> " Para eterno opprobrio da illustração, lhe pertence todavia a tolerancia, e protecção dada á Facção Apostolica!....

Eu conheço o Censor do Portuguez; he homem de luzes, e de consumada probidade, e sem dúvida estas palavras forão accrescentadas depois de lhe apanharem a Licença. Ora: se o Manifesto he escandaloso, as Notas ferem, irritão, e exasperão. Deos nos tenha da sua mão, e nos livre destes principios anarquicos, e subversivos. Olhe V. m.: se isto não acontecêra, eu não o dizia. — Hum Prégador inimigo da Amnistia como os Prégadores do Portuguez, prégando do Sr. Jesus dos Perdões disse em alto, e bom som, que — J. C. tinha feito hum *acto impolitico* em perdoar aos que o crucificavão, pois os devia castigar como seus inimigos. — Os Judeos chamárão-lhe filho, e ministro de *Belzebub;* e este homem crucificado para o Mundo como hum S. Pedro de Alcantara, chamou-lhe *impolitico.* — Vivão as luzes do seculo! Vamos a ellas, meu Amigo, como quem vai aos lobos.

Forno, 3 de Junho de 1827.

J. A. de M.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 3.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

SAude, e paz: não quero demorar a minha resposta, nem devo parecer descortez, e desagradecido ao distincto obsequio, que recebi da sua benignidade, e grandeza, na remessa do par de Lençoes N.° 160, e 161; e já que seus Auctores tão boa cama fizerão, nella se deitarão, ou eu os deitarei. He verdade que pouco tempo tenho hoje, 4 de Junho, para cumprir com esta minha obrigação, porque estou como absorvido, embebido, e até abarbado na leitura da tocante relação de huma Festa Politica, Patriotica, e Religiosa, que em huma Igreja desta Cidade fizerão só os Fieis daquelle sitio em acção de graças pelas conhecidas melhoras da Serenissima Senhora Infanta Regente no dia 2 do corrente Junho. Creio que a mesma relação se publicará pela Imprensa, e he bem digna de chegar ao conhecimento dos ultimos Povos da Terra, ou habitantes deste grande Planeta. Tudo admirei; mas como tenho o coração mavioso, não pude deixar de me enternecer até ás lagrimas, que me corrião dos olhos como correm as de dous amantes, que se apartão, e que não podem dar nem hum ai! que tão suffocados ficão! O dia era Sabbado, e dia de jejum de preceito, e os taes Fieis andavão tão cançados nos preparativos da Festa, e suas armações, tão estafados em buscar dinheiro novo, e do trinco, para dar aos pobres, tão tresnoitados no talho da carne, e no funil do arrôz (não sei se era da Asia) que chegárão a extremo tal de cançaço, e debilidade, que em consciencia o Medico se vio obrigado a manda-los comer carne, o que effectivamente todos fizerão; e foi tanta a concorrencia de

gente, que por certo haveria afrontamentos nas mulheres, gritarias em crianças, muito lenço, e muito relojo furtado, o que costuma acontecer a quem se mette em apertos, se os Directores dos Fieis, como varões prudentes, não tivessem a atilada prevenção de não admittirem na Igreja senão outros Fieis seus conhecidos, a quem distribuírão senhas, e bilhetes: disto gostei eu muito; se isto mesmo se praticasse nas outras Igrejas, não teria eu visto o que tenho visto, tudo desordens, e irreverencias. Outro rasgo de prudencia, e vista verdadeira de economia politica se admirou, segundo diz a relação, no mesmo religioso festejo; como ha creaturas, que por defeito organico descrevem huma curva na espinha dorsal, e com esta prominencia huma só occupa o lugar de duas, não erão estas admittidas pelos Irmãos vigilantes, para que as outras estivessem mais á larga, havendo, com o Senhor exposto, ordens de bancadas com suas dobradiças com destros arrumadores. Não particulariso mais, porque V. m., como he curioso de cousas novas, tudo verá na relação impressa, e eu mesmo aconselhei os veneraveis Directores que a publicassem na Gazeta para chegar ao conhecimento, não só deste, mas de todos os Reinos Europeos, onde hajão chegado os progressos da civilisação. Nesta mesma relação, que me foi apresentada para collocar huma ou outra expessão em mais symmetria, por ter sido feita muito á pressa, e chegar logo ao conhecimento do vulgo, que do mesmo festejo deseja anciosamente ser inteirado, vem alguns extractos do Sermão; e se pelo dedo se conhece o Gigante, por estes mesmos dedos meminhos eu conheci o volume da cabeça, a vastidão dos conhecimentos, o nervo da eloquencia, e aquella impetuosidade de estilo, que não parece destas eras, e destes dias; não tem modelo, nem acha rival nas tres memoraveis épocas da Litteratura, quero dizer, na de Augusto, Leão 10., e Luiz 14. He homem, que se parece só comsigo; eu sou do officio, e á vista disto devo fechar a Loja. He verdade qne o mesmo Orador, lembrando-se da sentença do grande pedante Quinctiliano, que diz que muitas vezes he arte apartar-se dos preceitos da mesma arte, desprezou estas Leis tyrannicas; porque o seu Discurso, como vejo nos judiciosos extractos, não teve principio, nem teve fim, teve só meio. Não dando principio a seu Discurso, vejo que imitou, ou venceo a Cicero, que não

dèo exordio á sua Catilinaria, gritando logo: = O' Catilina, até que ponto has de moer, e dar com hum páo em nossa paciencia! = Assim elle, diz o extracto, (oh que extractador este! nenhuma Secretaria o tem!) Subio, e gritou (todos o ouvírão) o paragrafo cento e tantos, não digo bem, o paragrafo quatorze da Carta ..... famoso paragrafo ...., e calou-se, porque são cousas que succedem; fim não teve, e nisto não sei a quem imitou, porque todos os Oradores acabão os seus Discursos, mesmo os de S. Martinho. Huns disserão que ficou a grandeza do beneficio, que o Reino recebeo nas melhoras de S. A.; mas outros, (mas emulos, e invejosos) disserão que se tinha perdido, ou que lhe tinha varrido tudo pelo excesso de alegria, em que estava naquella tarde depois do jantar, em que tudo erão vivas, e consolações dos verdadeiros Fieis, e Catholicos Romanos. Tudo isto me parece huma falsidade, porque por extractos não se póde fazer huma cabal idéa das cousas; talvez o Sermão se imprima por sua *integra*, porque tambem me dizem que elle fora retocado pela habil mão de hum Mestre de Meninos bem conhecido pelo mais destro Cantor em Loas do Cirio do Cabo. Outro problema ainda não resolvido a respeito do Orador tem sido saber-se a que Corporação Monastica elle pertencia; pela tonsura, e habito parecia Monge; mas se elle trazia hum capote azul do Armazem Adrião!... Em fim, isso he hum accidente, e nada faz para o caso; o que for soará. Louvemos sempre as boas intenções destes Fieis, e o espirito de Religião, que os animava; basta não terem querido mistura alguma de profanos; tudo era piedade, Christianismo, união fraternal, e patriotismo: a caridade para com o proximo talvez fizesse embotar os fios da espada da Divina Justiça. A acção foi santa, e edificante; por detraz da Capella mor se davão aos pobres talhadas, e taludas de presunto de fiambre com tanta circumspecção, que ninguem o soube, e alli verdadeiramente ignorava a mão esquerda o que fazia a mão direita. Olhe, meu amigo, que tudo isto he público, e verdadeiro, eu não accrescento nem hum apice. Ha homens malignos, e perversos, cobertos de crimes, vendidos á Junta Apostolica, orgãos do Servilismo, que tem enchido tudo de dixotes, e tolices, que eu não repito, porque a recta Censura os não devia consentir. As acções mais edificantes são mal interpretadas,

e em tudo achão que notar, e que apodar; mas huma Festa de Igreja não são nabos em sacco, e tudo passou como lhe digo; e se o Sermão foi excessivamente curto, antes isso, porque do mal o menor; e em quanto a mim foi muito melhor, mais pathetico, e laconicamente sublime, que essas intoleraveis arengas, que, se tem principio, nunca levão geito de terem fim; e alli veio mais a proposito a explicação de hum paragrafo da Carta, em nosso estado actual de trevas, e de ignorancia, para desengano dos inimigos da Carta, os revoltosissimos Apostolicos, do que todas as Homilias de S. João Chrysostomo, que não vinhão para o caso. Eu já préguei do mesmo objecto na Igreja dos Religiosos de Xabregas; e se eu tivera ouvido a explicação do paragrafo da Carta, que esqueceo ao Orador do capote azul, eu não teria seguido a marcha, que segui, e que se verá pela impressão; porque em fim os discipulos devem seguir as pizadas, ou as patadas dos grandes Mestres; para outra vez será. Tomára eu saber que paragrafo era aquelle da Carta! A memoria dos homens sempre he muito escorregavel! Tambem da memoria me hia escorregando a mim que o objecto, e a materia desta minha 3.ª Carta era o Lençol de tres ramos 160, e 161.

O Manifesto da Catalunha, meu amigo, o Manifesto da Catalunha, obra da nefanda Junta Apostolica, como o declarou ElRei Fernando 7.º, cuja declaração se lançou na Gazeta, como já lhe disse na minha precedente; o Manifesto he a cousa mais impia, sacrilega, e revoltosa, que tem apparecido no Mundo desde o dia desastrado, e *ominoso*, em que rebentou a Revolução Franceza, mãi e mestra, cunho e molde de todas as outras revoluções, que tem existido, e existem. He o incendio mais voraz, que se tem ateado na Terra desde a origem dos seculos; he huma refinação da malicia diabolica, chegando nelle ao ultimo cumulo a perversidade humana. Se com elle se alcançasse o fim proposto e premeditado, então se diria que era obra dos grandes Genios, dos Homens immortaes, dos Libertadores do Genero humano, dos *Arguelles*, dos *Calatravas*, dos *Torenos*. Não pegou o Manifesto; decepárão-se no covil as cabeças desta Hydra; pois então diga o Lençol de tres ramos, que he obra da Junta Apostolica (Junta que não se sabe onde existe), faça-se odiosa, e empurre-se-lhe o maior attentado

qüe se tem commettido na Terra. V. m. tem por certo noticia, e conhecimento de quantos papeis volantes e livros fixos tem infestado este Reino desde que nelle rebentárão os volcões revolucionarios, huns famosos pela sua parvoice, outros mais famosos ainda pela sua malicia e perversidade: outro valor mais alto se levanta! Nenhum mais farto de freneticas contradicções tem apparecido do que este lençol, ou verdadeira manta de retalhos. Que haja no Mundo huma Seita, a qual quanto diz, quanto faz, quanto medita, quanto baralha, quantos estragos faz, attribue aos outros ainda naquelle mesmo instante, em que he apanhada com a bôca na botija sem poder nem pernear; esta cousa he tão vulgar, que já não espanta; mas ter dado a conhecer o que seja a supposta Junta Apostolica, quaes sejão suas attribuições, qual o seu fim, qual a sua marcha, quaes os seus meios, qual o emprego de seus fantasticos recursos, e attribuir e empurrar a esta mesma ideal associação, o que os seus mais empenhados inimigos fazem, e o que ella mesma quer destruir, isto só fez ainda, e só o fará no Mundo o Lençol de tres ramos. A Junta Apostolica na Hespanha não quer revoluções, não quer Constituições dadas pelos Povos aos Reis; a Junta Apostolica prepara e offerece ao Rei todos os recursos possiveis para manter independente a sua Soberania absoluta; a Junta Apostolica contribue para a manutenção do Exercito Francez, cuja força e aspecto reprima, e algeme as facções Democraticas, e desorganisadoras; a Junta Apostolica acolhe, anima, e dirige com immensas despezas o que se chama na mesma Hespanha o partido Realista, formado pela maioria da Nação Hespanhola, que tantos golpes tem soffrido para a segurança, estabilidade, e independencia do Throno, derramando para isto, e tão repetidas vezes, torrentes de sangue; a Junta Apostolica quer, e promove aquellas sagradas e venerandas leis, que fizerão grande a Hespanha por quatorze seculos desde Ataúlfo seu primeiro Rei até Fernando 7.° seu actual Soberano; a Junta Apostolica quer com afinco sustentar a Religião, e absolutismo.... eis-aqui as funcções da Junta Apostolica, segundo diz o Lençol, e seus apaniguados, e trombetas. Pois a Junta Apostolica, segundo o mesmissimo Lençol no Manifesto da Catalunha, e em seus detestaveis, e abominandos, e nefandos Commentarios, quer huma total sublevação dos

Povos contra os Reis; a Junta Apostolica chama a Nação á rebellião e ás armas; a Junta Apostolica quer fazer a guerra áquelle mesmo Exercito Francez, que ella conserva, e que ella paga; quer desthronar, banir, desterrar aquelle mesmo Fernando, que ella tem defendido a expensas de seu proprio sangue; a Junta Apostolica quer fazer passar o seu sceptro ás mãos de seu Irmão; a Junta Apostolica quer arremeçar o jugo da obediencia. A Junta Apostolica he a fautora de todos os partidos revolucionarios, a promotora principal da anarquia; a Junta Apostolica he huma alcateia de lobos, hum covil de ladrões, que querem beber o sangue, e despojar todos os bons Hespanhoes das suas sagradas propriedades; a Junta Apostolica abusa do nome de J. C. e dos sagrados Apostolos S. Pedro e S. Paulo para destruir a Religião, cometter Regicidios e parricidios, lançar os Hespanhoes no abysmo da escravidão, da penuria, da miseria, da ignorancia, e do desprezo.

Eis-aqui, meu amigo, o que he a Junta Apostolica na bôca e na penna dos que cozem as costuras do tal lençolinho. Ouça V. m. a exclamação, que elles fazem na undecima Nota ao Manifesto da Catalunha, e que he a ultima.

" E ha de a Europa soffrê-lo? Onde estão hoje os de-
" cantados principios do *Direito Divino* dos Reis? Esquece-
" se essa doutrina sancta, e sempre proveitosa, para entre-
" gar o dominio absoluto a revoltosos, e a fanaticos furibun-
" dos? "

Antes de mais, demos aqui huma gargalhada, vendo fallar em *Direito Divino dos Reis* aquelles mesmos, que, ha apenas quatro annos, prendião e desterravão gente por dizer que todo o Poder vem de Deos, e que por Deos reinão os Reis. Ahi vão dous versos de Juvenal;

Quis tullerit Gracchos de seditione quœrentes,
Si fur accuset Verrem, Catilina Cethegum.

Quem ha de aturar os Gracchos
Queixosos de sedição?
Ou Verres ser accusado
Por hum famoso Ladrão?
Catilina que a Cethego
Faz a mesma accusação?

O crime maior dos Apostolicos, que ha muito pouco tempo erão chamados Corcundas, nome felizmente encontrado pela alta sabedoria da revolução, conspiração, e rebellião de 1820, era dizerem que o poder dos Reis não vinha dos Povos, vinha de Deos; porque a Soberania (esta he a maxima fundamental das revoluções) está em a Nação. O Lençol apparece, e argue os mesmos Corcundas Apostolicos de se esquecerem *do Direito divino dos Reis, essa doutrina sancta, e sempre proveitosa!!!!!*

Eis-aqui o espirito que anima os lençoleiros! Que nos admiramos? Eu estava huma vez em Villa Franca, vejo entrar e correr atropeladamente por montes e valles meia Lisboa Liberal; e apenas chega defronte das casas do Capitão Mor, como se alli estivesse o Magico de Salerno, e nós o vissemos manobrar no Salitre, ou a Maga Adelli no mesmo Theatro moral, no costado de todo aquelle illuminado Liberalismo começárão de assomar formidaveis marrãs, que depois, conforme o encejo das marés, se forão eclipsando juntamente com as medalhas. O' Gentes, ó Gentes do Mundo, exclamava Fernão Mendes Pinto, vinde ver as poucas vergonhas, que se fazem pelos Reinos do Avá, e de Travancor! Peor tenho eu a cabeça que Fernão Mendes Pinto quando della lhe tirárão hum osso em Malaca! Os costureiros do Lençol, como já lhe repeti na precedente, arguem Fernando 7.° *da protecção e tolerancia dada á facção Apostolica....* Que Monarca he este!! Tolera, protege huma facção, que diz em hum Manifesto, paragrafo ultimo:

" Cumpre desthronizar Fernando de Bourbon, instrumen-
" to e origem destas nossas adversidades; esta medida, pos-
" to que pareça violenta, torna-se absolutamente necessaria.
" He pois necessario arroja-lo, não só do asylo do Palacio,
" e da Côrte, mas tambem do territorio, que pertence hoje,
" e de futuro pertencer a esta Monarquia; separemos do
" nosso contacto, e da nossa vista sua pessoa, não seja co-
" mo o Leproso da Escritura, que possa de futuro infestar
" cousa humana, que a elle se aproxime........ "

Fernando 7.° manda authenticamente declarar que tal Manifesto não he obra de tal Junta Apostolica, mas de huma facção de bandidos, que andão ao caldo das Portarias pelos Reinos Estrangeiros. Quem mente? He Fernando 7.°, ou os costureiros do Lençol? Se estes não mentem, então o maior

inimigo de Fernando 7.º he o mesmo Fernando 7.º, que protege, que tolera huma Junta Apostolica, que não só lhe quer intimar hum Mandado de despejo, sem esperar pelo S. João, e pelo Natal, de seu mesmo Palacio, da sua Côrte, de seu Reino, de seu mesmo Territorio, mas até daquelle mesmo Territorio, que as armas da Junta Apostolica houverem para o futuro de conquistar, accrescentando-o ao já possuido Territorio Hespanhol, de maneira que, se as armas da Junta Apostolica conquistarem o Globo inteiro, o que he de esperar, porque o Exercito da Junta Apostolica he actualmente maior que o Exercito Russo, vem a ser Fernando 7.º arrojado para fora do Globo! Eu julgo que não he para fora, mas que he para dentro do mesmo Globo, porque o que os revolucionarios querem he enterrar Fernando 7.º Se os mortos ouvissem, nem os mesmos mortos poderião ouvir com paciencia semelhantes desaforos!

Mas em fim, meu bom amigo, Fernando 7.º entrou em si, conhecêo a Junta Apostolica, e começou a enforcar nelles. Querem-me tirar o Throno, e revolucionar a magestosa e grave Nação Hespanhola? Pois então forca com elles. Dito, e feito. Veja quantos pescoços da Junta Apostolica tem apertado o cordel!! *Riego*, este grande Presidente da Junta Apostolica, foi bem e verdadeiramente pendurado. Não ha grande Cidade, ou pequena Povoação na immensa Hespanha onde se não hajão visto, não digo todas as semanas, mas por certo todos os mezes, destes festejos patrioticos. O escorregadio cordel, o summario arcabuz, tem alimpado a Hespanha de cardumes destes Apostolicos, que, segundo affirma o Lençol, tem querido tirar o Throno a Fernando 7.º Quantos Apostolicos com seu mesmo Uniforme grande, e em grande ceremonia, forão pendurados em Granada, pelos apanharem a conspirar contra Fernando 7.º! Desenganou-se Fernando 7.º e veio a conhecer em fim que casta de gente erão os Apostolicos. Na mesma Catalunha, onde se publicou o Manifesto da Junta Apostolica, quantos Apostolicos tem já passado deste Mundo para o outro por meio do cordel, e do chumbinho! A Junta Apostolica, diz o Lençol, comprou Fernando 7.º por 500 milhões (he muito milhão de mais!) e a Junta Apostolica quer ao mesmo tempo desthronar Fernando 7.º! Que tolice he esta da Junta Apostolica? Não era melhor desthronisar logo Fernando 7.º sem lhe dar tanto di-

nheiro para elle comer primeiro? O seu dinheiro! O meu dinheiro!! Isto afora vinte milhões, por que a mesma Junta Apostolica comprou o Ministro *Calomarde*! Tudo isto diz o Lençol. Pela nossa correspondencia particular e confidencial sabemos que toda essa somma de milhões fora dada á Junta Apostolica pelos seus Commissarios de sacóla, os Franciscanos, e Capuchos, que a *ochavo* e *ochavo* a andárão pedindo pelas portas; e a Collecta que fizerão estes Capuchos, e Franciscanos pelas Fronteiras de Portugal, lhe foi levada pelo valoroso Cachapuz; eu não sei como o homem pôde, porque tudo erão bronzes!

Meu bom amigo, eu deixo-me insensivelmente escorregar por este estylo ironico, e lubrico, mas em reflectindo com mais seriedade para os commentarios, que o Lençol faz ao Manifesto, espumo de raiva, e de indignação. A humana malicia ainda até agora não tinha tocado este ponto de Diabolica perversidade.! Veja a Nota 1. da continuação do Manifesto. O Manifesto chama Parricida a Fernando 7.°, e aqui fica, e nada mais explica, nem diz; e podendo alguem attribuir esta palavra a máo tratamento, ou desattenção que escapasse, o Lençol em ar de defeza, publica o mais horroroso attentado, e com isto dá a conhecer essa, a que chamo diabolica malicia: eis-aqui as suas palavras:

" Huma Nota illustrativa do Manifesto attribue a Fer-
" nando 7.° tentativas de mandar envenenar em Roma seus
" decrepitos Pais...... semelhantes attentados nunca des-
" honrárao o Solio, e apenas se encontrão entre as classes
" mais baixas da Sociedade. "

Isto he fazerem-se tollos para se mostrarem grandes homens de bem! *Classes baixas!!* Deixemos outros exemplos antigos e modernos.... Classes baixas? Quem envenenou Germanico? Quem? Nero. Quem envenenou Tito? Quem? Domiciano. Meus costureiros do Lençol, o remendo he muito mal deitado; VV. mm. disserão o que querião dizer. E tudo he Junta Apostolica, e mais Junta Apostolica. O Manifesto tem a palavra = Parricida =; já que transcrevem o Manifesto, o que não devião fazer, porque com taes atrocidades não vai muito ao longe a illustração pública, contentassem se com isso, e deixassem o público julgar o que quizesse da palavra = Parricida =: pozerão aquella Nota illustrativa, e para serem como os Avestruzes, que escon-

dem só a cabeça deixando o corpo á vela, vem com o emplastro, que o veneno só he proprio das *classes baixas*! Sim, Senhores das classes baixas. As classes baixas servem-se de bordoada, ou de facada; as classes illuminadas servem-se dos seus punhaes; e quando hum ou outro individuo se quer aviar, e não quer dar incommodo a ninguem, paga aos seus criados, arruma as suas cousas, vai para casa, e ou bem ou mal com huma corda d'esparto lá se pendura de seu vagar, deixando os necessarios *esclarecimentos*. VV. mm., Senhores do Lençol, tem cousas galantissimas! São colhidos ás mãos; e a resposta? A mesma, que derão áquelle sujeitinho, que se annuncia na Gazeta, chamarem-lhe nomes, *Sycofanta*, *Epistolante*, e outros deste jaez, com que tudo fica bem respondido. Elle tambem lhe diz huma dizidella, e chama hum nome, que no meu fraco juizo he o peor de todos, chama-lhes (e na Gazeta que corre séca, e méca) *Pseudo Portuguez*, falso Portuguez, que he peor que as falsas Decretaes de Izidoro Mercador. Sim, falso Portuguez, que tal nome merece quem de continuo indispõe o Povo contra o Ministerio, quem nota e reprehende os actos do Governo, que em circumstancias as mais difficeis vai procedendo com huma circumspecção e politica, poucas vezes vista.

Com effeito, meu amigo, o Lençol nunca me fez mal algum; verdade seja nunca me deitei nelle, e por isso não me devia deitar a elle. Quando o anno passado Nosso Senhor nos mandou aquelle bocado de tempo com tamanho vendaval de Periodicos, bons repellões me apparecêrão por lá n'um bem insultante =O Amigo da Carta=; n'outro mais demagogico ainda =O Velhinho do Douro= etc., e tudo por amor do Sermão prégado na Estrella, que aquelles dous brutamontes não poderão, nem souberão entender; por certo que tudo isto, e o mais dos autos não cahio em saco roto; era só comigo, e tambem com V. m.: não disse nem huma palavra. Tracta-se a causa pública no *Portuguez*, he preciso não lhe deixar deitar tanto as mãosinhas de fóra. He *anonymo*, então não ha personalidades, podemos fallar. Então o *Portuguez* he o Dey d'Argel, e o Bey de Tunes? O Escriptorio do *Portuguez*, a Imprensa do *Portuguez*, a collaboração do *Portuguez*, a correspondencia do *Portuguez*, as communicações francas ao *Portuguez*, he tanta Portuguezada junta, que enjôa: he hum *Burό* de fanfarronadas que

se não pode aturar. He o *Banco da Opinião Publica*, lá estão depositados todos os fundos da intelligencia, e dos sentimentos humanos. Somos Escriptores públicos, dizem elles; tambem eu não escrevo ás escondidas; e em público e raso me assigno.

Forno 4 de Junho.

De V. m. amigo velho

J. A. D. M.

N.B. Motivos momentaneos fizerão estorvar a publicação desta Carta na ordem da data, em que foi escripta; removidos os quaes sahe agora á luz para preencher a série.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

CARTA, segundo os Numeros, 4.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

Meu Amigo, bem dizia eu, não sei aonde, que em materias de Politica, e Sciencias de Diplomáta, era huma miseria; não me empurrou para ahi a Natureza, nunca me quiz soccorrer a arte, e a tudo se oppunha com pertinacia a dureza inamolgavel da minha cabeça: agora o conheci por experiencia: duvidava, porque não comprehendia, ou não estava mais na minha mão, da existencia da fatal, revoltosa, e desorganisadora Junta Apostolico-Jesuitica. Vim a conhecer, e até a confessar que existe para desgraça das Nações civilisadas esta Aggregação de monstros, ou de Tigres, riquissimos com os despojos dos Povos, e dilapidações dos Bens da Igreja; mas de que modo? Eu não me posso explicar, ou exprimir com perspicuidade, que he a primeira virtude do estilo, sem lhe contar huma historia, que de si mesmo me contou hum grande Letrado Preto, que houve aqui em Lisboa, chamado Domingos Botado, que não era desbotado, pois era de huma côr seguramente azevichada. No dia do terremoto de 1755, me disse elle, era eu pequenino; minha mãi era huma Preta, (não era preciso que elle o dissesse, bastava olhar-lhe para a cara) morava no Campo de Santa Anna, e fugio de casa comigo para o meio do Campo, onde estava immenso povo, e de repente rompeo huma voz d'entre elle, que dizia: — Lá está Nossa Senhora da Penha de França, que apparece sobre o telhado da sua Igreja, não tenhamos medo. — Todos se poserão de joelhos, e todos dizião que vião distinctamente a Imagem da Senhora: minha mãi me disse — Dominguinhos, filho das minhas entranhas, põe-te de joelhos, olha, tu não vês Nossa Se-

nhora? Não, senhora, não vejo: ó rapaz, pois tu não vês Nossa Senhora, que eu descubro com os meus olhos, e todos estão vendo? Não, senhora, não vejo. — Traz; e deome tamanha bofetada, que a cara se me não fez vermelha, e todos sabem o motivo: eu lhe disse chorando: — Sim, senhora, agora vejo, lá está Nossa Senhora, já não tenho cataratas nos olhos, lá está Nossa Senhora. Foi preciso hum bofetão; sim, meu Amigo, lá está a Junta Apostolico-Jesuitica; eu bem a vejo, e tão rica, que á sua vista são huns pobretões os Q. Q. e os B. B.

Nunca mais me intrometterei em materias de Politica; como he possivel que hum Clerigo, e velho, ainda que seja hum Mazzarino, que tambem era Clerigo, entenda o que vai pelo mundo politico, e que se atreva a duvidar da existencia da Junta Apostolico-Jesuitica? Os dous primeiros malvados, cobertos de crimes, que chamárão os Povos á rebellião, promovêrão a anarquia, e semeárão a discordia entre os Cidadãos, levantando-se contra a Carta, forão os dous faccinorosos de Chaves, os infames Transmontanos, Portuguezes degenerados, o *Cachapuz*, e o *Viuvinho;* e por huma Carta, que eu vi de pessoa muito capaz, e fidedigna, muito adicta ao Systema, e muito entendedora das sabias Instituições, e que pelo seu denodo, e energia tem concorrido para os progressos da civilisação, e derramamento de luzes na Provincia do Minho, soube, que pela apprehensão da correspondencia daquelles dous scelerados feita por hum bravo Sargento de Milicias, e por hum bravo Corneta de Caçadores, se tinha encontrado huma Patente da Junta Apostolico-Jesuitica, referendada pelo Secretario *Sório*, e era Patente de Mãoposteiro, e Recebedor das Provincias do Norte. Este caminho levárão as Pastoraes, e a Carta, furtadas a hum Reverendo Cura pelo infame *Vasconcellos*, como nos disse a Gazeta, transcrevendo hum dos mais eloquentes, e veracissimos artigos da matisada *Borboleta.* Eisaqui o que me tem tirado as nevoas dos olhos; e para não dar mais erros em Politica, fallando do que não entendo, ou do que a minha macissa cabeça não comprehendia, nunca mais direi huma palavra, protestando considerar, e respeitar sempre como hum Oraculo infallivel, e indefectivel em Politica, e como verdadeira chave de todos os Gabinetes o *Portuguez*, chamado o maior de todos os Periodicos

de Portugal! e com razão, porque o papel he da marca maior!

Ora pois, meu Amigo, sendo eu hum bruto, e hum quadrupede em materias politicas, e vergonhoso hospede até nas primeiras Linhas das sciencias Diplomaticas, e Publicisticas, e indigno de ser hum Escriptor público, illustrador da Patria: . . . . alto lá, que em Historia, e Filosofia sou alguma cousa; e, conscio da minha sufficiencia, posso fallar nestas materias com alguma afouteza. A Gazeta fallou, ella me authorisa para fallar, V. m. tambem me desperta, e estimula na sua Carta missiva, e particular, transcrevendo nella huma passagem do *Portuguez* de 30 de Maio já combatida na Gazeta, mas com tanta doçura, e suavidade, que parece hum bolo celeste das Dónas de Santarem. Para esta suavidade, e doçura não estou eu, porque cada hum he levado pelo seu genio; e, se eu não respeitasse a Censura, teriamos huma trovoada maior, que a de 6 de Março de 1808; e a bataria de 100 canhões tomada por Kuttousoff não faria maior estrondo, ou maior estampido. Esta passagem combatida na Gazeta, me diz V. m. na sua carta — "*se dirige nada menos, que ao vilipendio da Nação Portugueza, e de seus Monarchas, que tão sabia, e suavemente a tem regido por tantos seculos* — Ahi vai a passagem, tendo á vista a Gazeta, o *Portuguez*, a sua Carta, e a traslado escrupulosamente, porque ella ha de ser o meu Thema eterno para agora, e para sempre; não sou senhor de mim quando vejo vilipendiada a sempre grande Nação Portugueza, e enxovalhados seus gloriosos Monarchas desde Affonso Henriques até ao nosso Augusto Soberano o Senhor D. Pedro IV.

Passagem atroz.

"Limitemos nossas reflexões a este desgraçado Portugal,
"victima escolhida, altar privilegiado, onde ha tantos an-
"nos se accendeo a fogueira do sacrificio, e se conservão no
"tormento barbaro, e horroroso de hum fogo lento a mais
"de tres milhões de homens condemnados a soffrer sem dar
"hum gemido, e a beber a tragos a morte sem abbreviar o
"momento da *anniquilação*, etc.,

Em menos palavras não se podião annunciar mais, e maiores horrores!!! Se estes Senhores do *Portuguez* quizes-

sem entender por isto a desgraça dos trinta e tres mezes da revolução, e rebellião de 1820 unicamente, tinhão manifestado aos olhos do Mundo hum quadro o mais verdadeiro, apontado, e digno dos pinceis de Cornelio Tacito; mas abranger toda a existencia politica deste Reino desde o seu berço até este momento, em que os do *Portuguez* escrevem, he verdadeiramente o — Attentado Nacional. — Ponho diante dos olhos da minha alma toda a Historia deste Reino, toda a Legislação deste Reino, toda a Economia Politica deste Reino, toda a Politica deste Reino, todos os Tratados que elle tem feito com as outras Nações, todos os testemunhos, todos os feudos, e tributos de louvor, e admiração que os Estrangeiros tem dado á sabedoria profunda, e á consumada prudencia de seu Governo civil, politico, militar, economico, administrativo, commercial, maritimo, e colonial, e vejo cheio de pasmo, e assombro, que os Portuguezes formárão sempre a Nação mais dignamente livre da Terra. Os Direitos do Homem, os Direitos do Cidadão, os Direitos de Vassallos, ou Subdito, são mantidos, garantidos, conservados até ao escrupulo em todas as épocas, e até na de 1581, em que passou á dominação estranha pela catastrophe da Africa em 1578. Quizerão os Portuguezes ser livres em 1143, forão livres: quizerão ser livres em 1383, forão livres: quizerão ser livres em 1640, forão livres: quizerão ser livres em 1808, forão livres: quizerão ser livres em 1823, dêo hum homem hum grito de liberdade, forão livres: quizerão livrar-se dos Castelhanos na Europa, livrárão-se; dos Mouros na Africa, livrárão-se; dos Hollandezes na America, livrárão-se; dos Francezes dentro em casa, livrão-se. Se elles vivêrão sempre livres de coacção externa, onde pode estar, e onde tem existido a coacção interna? Quem levantou *este altar privilegiado*, quem accendeo *esta fogueira do sacrificio?* Ou forão os Monarchas com seu despotismo, ou forão as Leis com sua barbaridade. Comecemos pelos Reis, trataremos depois das Leis. Quem fez a Nação Nação, e Nação independente? Quem a poz na linha das Nações em gloriosa Soberania? Eis-aqui o que disse Affonso Henriques com a espada na mão, e levantada em alto: Quereis pagar tributos a ElRei de Leão? Não queremos, disserão os Portuguezes; pois tambem eu não quero, disse o Rei, e aqui está esta espada para sustentar a minha, e a vossa livre-

vontade. — Povoai o Reino, que he meu, e vosso, disse Sancho I. Essas terras já não tem Mouros, tem Portuguezes; quereis Fóros, ou quereis Foraes; nomeai Homens bons para o meu Conselho, façamos Foraes; e ahi estão Foraes, ahi tendes as liberdades territoriaes, ahi tendes os Direitos sagrados das vossas propriedades. — Os senhores Cantões Suissos, os senhores Codiguistas da Pensylvania antiga, e das novas Pensylvanias, não tem Foros, nem mais livres, nem mais Republicanos, que os Foraes dados ás Terras de novo conquistadas, e povoadas, que os Foraes de Sancho I. — Quereis Camarás Municipaes? Vêde a sua instituição na proporção das populações com votos nas Assembléas Nacionaes, ou Côrtes. — Sancho I. he Povoador, Affonso II. seu filho he Lavrador; aqui começárão as Leis agrarias, que não temos desse tempo escritas, mas que se conservão na prática, e na tradição oral, aqui temos os livres aforamentos, a instituição, e vinculação dos Morgados, e a liberdade da nomeação dos Prazos, o augmento, e a segurança das propriedades: eu não quero ser Letrado, só para não jurar que estou doente, estando são como hum pero; porem digo que mentem os que dizem, que existio entre os livres Portuguezes o rigoroso Feudalismo: mentem; os Portuguezes nunca forão Vassallos senão do seu Rei. Senhores de Terras são Donatarios; nunca forão Régulos; isso fica lá para os polidos Filosofos Francezes, para os tardos e profundos Allemães, e para a infinita bicharia dos Russos, ainda que a verdadeira Filosofia, e mais humana Legislação haja abolido, ou adoçado este captiveiro. Tirasse embora Justiças, e pozesse Justiças nas suas Terras a Senhora Abbadeça de Arouca, e a Senhora Abbadeça de Lorvão; que importava isso? Pois aquellas mãos de manjar branco, ou de alfenim, podião acaso impôr hum jugo de ferro aos livres Portuguezes? Tornemos á seriedade. Sancho II. perdeo-se de amores por D. Mecîa de Paredes, perdeo-se a si, e perdeo o Throno, mas nem perdeo, nem agrilhoou os Portuguezes, ninguem os conservou mais livres, levantou mais Templos, deo mais liberdade á Agricultura, impoz menos tributos; e, se se pode chamar beneficio ao Commercio interno a creação das Feiras, ninguem instituio mais, e mais francas; foi hum prodigio e hum bom Rei; mil vezes tenho desejado compor a sua vida, e fazer sua

apologia, mas isto não he tempo de letras, he tempo de dizer a quem vai passando: — olha que pedaço de *Caracunda* alli vai! Isto dizem até golas de veludo, e montes d'ouro de galões, e n'outro dia colher de manteiga, e penduras de vellas de sebo. Livres forão os Portuguezes com Affonso III; elle conquistou o Algarve, livrou Portugal de Mouros, e com os livres Portuguezes os acossou por terra, e ha vestigios na Historia, que tambem os acossasse por mar. *E a fogueira do sacrificio, quem a accendeo* até agora? Os tres milhões de homens vão sendo cada vez mais livres, porque se seguio D. Diniz. Então, vão para a *fogueira tres milhões de victimas morrer a fogo lento*, que formão huma Nação, que he livre com boas Leis, com a prosperidade da Agricultura, com a cultura das Letras, com a extensão do Commercio, com allianças vantajosas, com o respeito dos outros Reinos, com a inveja da Europa, vendendo trigo para fora, o que fizerão até ao tempo de D. Fernando, chegando a estar surtos no Tejo até quatrocentos navios que vinhão exportar este precioso cereal? São estes os escravos, *que não podem dar nenhum gemido?* Eu não componho huma Historia, escrevo huma Carta, he preciso correr as cousas com rapidez, e bem pouco basta para pulverisar estas estatuas de Nabuco do falso *Portuguez*, como lhe chama a Gazeta. Os Escravos do Dei de Argel são Piratas, nunca forão Conquistadores; eu devo chegar áquella época, em que os livres Portuguezes forão mais livres, mais respeitados, mais temidos, mais adorados, que esses grandes Demócratas Romanos, Senhores das cousas, e Gente de Toga. Ao menos, Senhores do *Portuguez*, deixem VV. mm. (a Lei regula os tratamentos) que ao menos nesta época se apague *a fogueira do sacrificio.* Vejão como *ardem em fogo lento* essas *victimas*, esses escravos Tunesinos, que conquistão a Asia por tudo quanto bate o mar desde o Cabo Guardafú alli pelas bocas do Estreito Persico até á Cidade de Nangazaqui na mais remota Ilha do Japão. — *Sem poder dar hum gemido;* nem arrotar elles já podião de fartos! Veja estes homens a arder *n'huma fogueira do sacrificio,* mas a quebrar os cornos da soberba de Moleĩ Maluco, fazendo fluctuar, ou tremolar as Quinas, e as Esferas nas torres, e muralhas de Azamor, de Ceuta, de Mazagão, de Safim, de Tangere, e de Arsila, e o Moleque escravo chamado *Lopo Barriga*, com huma lança na mão,

batendo ás portas de Tetuão, e de Marrocos; e outro Moleque tambem escravo chamado *D. João de Menezes*, dizendo a ElRei D. João I, que para governar Ceuta, e fazer que os Mouros dessem aos calcanhares lhe bastava aquelle cacete de zambujo, em que se abordoava. Vejão o livre Viso Rei da India despachando todos os annos setenta e dous Capitães, ou Governadores de Fortalezas desde a Costa Oriental da Africa até Macáo na chapada da soberba, e recatada China. *Na fogueira* morrem os Portuguezes a fogo lento depois que VV. mm., e outros que taes com quatro palavrões que nada dizem, e quatro frases surradas, que nada explicão se mettêrão a governar o Mundo em secco, e a pôr os Povos na linha das Nações civilisadas. Não he na linha, he na espinha, que VV. mm. poem os Povos. VV. mm. escrevem o *Portuguez*, mas eu sou o Portuguez, que mais conhece, e que mais ama a Patria, que todos os Portuguezes, e a quem nenhuma força, nenhum interesse, nenhum partido, nenhuma facção, nenhuma seita que haja, ou possa haver no Mundo me fará torcer hum passo do caminho da verdade, da honra, da sciencia, e do patriotismo. Não me desesperem de todo, que tambem fora de Portugal se escreve; e, ou morte, ou confundir os Impostores que ultrajão a Nação, e vilipendião os Monarchas: e he servir verdadeiramente a Patria arrancar a máscara aos que não querem Patria, nem querem Soberanos. O Senhor D. Pedro IV he justo, e elle saberá punir a quem aos olhos do Mundo representa os Portuguezes como escravos condemnados a morrer *a fogo lento* sem dar hum gemido, e os Reis como Tyrannos, que lhes não deixão dar nem este mesmo gemido. Tenho vingado os Reis Portuguezes, vingarei agora as Leis de Portugal.

Entre os Escriptores modernos, que destas cousas de Legislação tractão, os Italianos, que em tudo escrevem bem, são os que melhor tem escripto. Ferri, Longano, Filangieri, Beccaria, entre estes são grandes; mas entre todos basta lembrar o Conde Gorani. Este para seu texto em materias de boa Legislação se serve frequentemente das Leis Portuguezas, despidas ha muito de todo da aspereza, e rudeza Wisigoda, e Longobarda, de que inda não estão de todo livres os mais illustrados Codigos da Europa, segundo este politico Escriptor: não cansa de louvar a Legislação

Portugueza, que equilibra todos os Poderes. Por quantos Tribunaes passão as cousas antes de chegarem ao Throno! Quantas Consultas primeiro que a resolução? São os casos mais que as Leis, pois os Assentos tomados na Casa da Supplicação, e no Desembargo, são outros tantos prodigios da Jurisprudencia universal, e dos eternos principios da Justiça. Tão amigos das Leis são os Reis Portuguezes, que até para os casos de sua consciencia quiz D. João III hum Tribunal; outro quiz hum Conselho da Fazenda; outro huma Junta dos tres Estados; outro hum Conselho de Guerra. Porque se chamão Desembargadores do Paço? Porque El-Rei no seu Palacio não despachava sem elles. Ha Leis mais justas, mais nobres, mais sustentadoras da justiça, e da liberdade? Quem prohibio as Côrtes de propôr Leis? Ha alguma differença a este respeito entre as Côrtes antigas, e as Camaras modernas? Propunhão as Côrtes, propoem as Camaras. Não havia a palavra — *Veto* — havia o mesmissimo — *Regeito*, *acceito.* — Pois se he o mesmo, tractando-se de Leis, como ardião então na fogueira, e agora não ardem? Não queremos as Leis antigas, porque erão Leis de ferro dizem, por exemplo, as Milicias do Termo, e outras Milicias, que não tem termos, e dizem os gritadores em grupos; que nellas não achamos a Liberdade do Cidadão, que nós fazemos unicamente consistir em podermos dizer pelas praças, e pelas ruas ao Clerigo, e ao Frade, que vão passando, que não são Portuguezes, mas Framengos á meia noite: — *Ah! só Padre, e o meu dinheiro?* — Queremos garantias, e mais garantias, e só garantias, eis-aqui o que queremos nas Leis. Se V. m. fôr perguntar a Arruamentos inteiros, que cousas são garantias? Ouvirá dizer — São garantias. — Eis-aqui a que elles chamão Liberdades patrias, gritar, insultar, e asnear. Não ha Leis no Mundo, que mais affiancem ao Cidadão a sua liberdade, a sua dignidade, a sua propriedade, que as Leis Portuguezas. *No augusto Salão do Soberano Congresso, no sacrosancto sanctuario das Leis* por trinta e tres mezes se projectárão Leis, e se fizerão Leis, e por fim que vimos? Duas cousas galantissimas, a Constituição Hespanhola de 1812 traduzida por cem traductores *de verbo ad verbum*, e o Reino a governar se pela Velha Ordenação, pelos Velhos Tribunaes, e nesta fogueira a arderem muito contentes tres milhões de homens. Outra cousa ainda mais

galante: para sustentar a felicidade, que nos trazia a Constituição Hespanhola, era preciso recorrer ás Leis velhas, e ao absolutismo. Não se prenda hum homem sem culpa formada! Para sustentar a Lei que tal mandava, suspenda-se, e prenda-se, e desterre-se o homem a torto, e a direito, sem ser ouvido, e sem ser julgado. *Para não morrer a fogo lento na fogueira do sacrificio*, continue a arder na mesma, e em maior Fogueira!! Fora Impostores!

A mais sabia, e a mais luminosa Legislação do Mundo, he a Portugueza: Veja-se na Ordenação o Regimento dado aos Corregedores; e sobre tudo, e mais que tudo, vejão-se as Leis Coloniaes, e os Regimentos dados aos Governadores de Ultramar. Estas são as fogueiras do sacrificio, em que temos ardido, só estes Senhores do *Portuguez* vierão para nos deitar agua na fervura, vilipendiando os Reis, e injuriando a Nação. E a Inquisição? Tem razão. Quando vierão os Senhores do Porto, não existia em seus Carceres nem hum só prezo. Supponhamos nós que o Pasteleiro *Balthasar Espinosa*, fingindo-se Legado Apostolico, veio enganar ElRei D. João III: a boa intenção deste Soberano quiz perservar o Reino da contaminação geral da Heresia, que tanto perturbava a Europa com a chamada reforma de Luthero: se houve abusos, e rigor, foi com quatro Judeos relapsos, e contumases que judiavão com o Rei, com a Nação, e com a Religião. Ah! Senhores, eu tenho visto mais atrocidades na intolerancia politica, que todos os seculos vírão na intolerancia religiosa. Roberspierre matou mais Francezes por opiniões politicas, que todas as Inquisições por opiniões religiosas. No Reinado de Luiz XV sem Inquisições forão punidos com excessivo rigor huns sujeitinhos, como muitos que ahi andão, que na ponte de S. Miguel não tirárão o chapéo, passando o Viatico. Esta espantosa sentença vem trasladada em hum Livro pouco depois impresso, e que se intitula — Oraculo dos novos Filosofos, V. 2.° E se isto se fizesse em Portugal!!! *Fogueira do sacrificio, e tres milhões de homens a arder!!!* Vamos, meu Amigo, ao mais horroroso da passagem transcripta, e combatida na Gazeta, que são as ultimas palavras, olhadas talvez com indifferença.

" Beber a tragos a morte sem abbreviar o momento
" da *anniquilação.*"

A Religião, e Portugal mandão que se manifeste, e combata esta nefanda impiedade, que ultraja a Filosofia na ordem da Natureza, e solapa os fundamentos da nossa Sancta Fé, e Divina Revelação. Vinde cá, Portuguezes, sabeis acaso o que dizeis com a palavra — *anniquilação* — com que quereis dar a entender o momento extremo da existencia? A separação das duas substancias, de que se compoem o Ente racional, chama-se morte. Nem huma, nem outra substancia se anniquila, ou pode anniquilar. Não se anniquila a corporea, nem pode anniquilar. Nenhum grão de area se pode anniquilar sem se desconcertar toda a machina do Universo; não se anniquila a materia corporea, passa á nova forma; as particulas são indestructiveis. Se o corpo se anniquila tambem se anniquila hum Artigo da Fé — *A resurreição da carne.* — Se a anniquilação se entende a substancia espiritual, então está acabada a Religião, acabou-se a Revelação, a Igreja he huma fabula, pois todo o edificio immortal da Religião assenta sobre o fundamento da espiritualidade, e immortalidade da alma; se esta se anniquila, nem he espiritual, nem he immortal. Que doutrina he esta, que chama ao momento da morte o momento da anniquilação? He o puro materialismo: doutrina a mais opposta á conservação do Estado civil, e politico, estão perturbadas, e destruidas todas as sociedades humanas. Tudo se anniquila na morte. A alma anniquila-se, então comettamos todos os crimes, não ha Justiça Divina, que eternamente os castigue: comettamos todos os crimes, que nós illudiremos a Justiça humana. Bem sei que se levantarão as classes todas, e toda a baixa em pezo, e quererão desculpar os rapazes do *Portuguez* dizendo, que são ignorantes, que não sabem a Historia do Reino, e menos sabem os principios da Filosofia racional, e menos a parte, que se chama Psycologîa: que fallar-lhes Metafisica, he o mesmo que querer explicar os Marmores de Arundel, ou as épocas Siro-Macedonicas, e as Medalhas dos tres Gordianos ás Recrutas das Milicias, ou ao Corpo do Commercio, tão respeitavel, aliàs pelo seu patriotismo; que tirados do *rão-me-rão* de vir Cachapuz, de entrar Cachapuz, de arrancar Pastoraes Cachapuz, e de chamar o infame Vasconcellos inimigo da Carta, e algoz das garantias, em tudo o mais são cousa nenhuma, e que por isto tem desculpa. Seja assim, mas antes de escrever, porque não

perguntão? Assim como ao Escriptorio do *Portuguez* vão todos os Expressos de todos os Gabinetes não poderia ir tambem hum Portuguez da gêma, que lhes dissesse — rapazes, respeitem os Reis, e a Nação Portugueza, e antes de chamarem escravos aos Povos, e aos Reis Tyrannos, lêão, e aprendão a Historia deste Reino, e vejão se podem entender a Cartilha do Mestre Ignacio para não ultrajarem a Religião—. Assim como hum Prégador descalço, e penitente disse, ha pouco tempo, que S. Paulo se converteo por hum milagre, mas que era impossivel que o Marquez de Chaves até por hum milagre se convertesse, peçamos a Deos que ao menos por hum milagre da sua Graça converta os do *Portuguez* para os caminhos do verdadeiro amor da Patria, do verdadeiro amor da Carta, do verdadeiro respeito, e vassallagem ao Senhor D. Pedro IV, e que os illustre com a sua sabedoria, para elles nos illustrarem a nós.

Amigo Velho

Forno do Tijolo 16
de Junho de 1827.

J. A. de M.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 5.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

Estimarei que esta ache a V. m. com perfeita saude; a minha he nenhuma. Já participei a V. m. que tinha respondido a essa Obra Magistral, intitulada = *Resposta á Carta, que ha poucos dias appareceo* = A resposta he tal, qual eu a podia fazer: a espoleta durava, e a artilheria de bater estava almejando por estourar; e Souwarou depois de fazer oração de joelhos sobre a sua pelle de Urso, em que dormia ao relento, não fez com maior estampido voar para as muralhas de Mantua mais foguetinhos de lagrimas: em sahindo se publicará; e, o que for, soará. Ora: ainda que eu olhe com toda a attenção para materias de tão alta, e tão transcendente importancia, tal he a fartura da mencionada *Resposta á Carta*, que muitas cousas escapárão á minha infatigavel vigilancia, ou porque naquelle momento as julguei de pouca importancia, ou porque me via affogado na abundancia da materia. No ante-penultimo §. da mencionada Obra, achei, tornando agora a ler, estas palavras, primeiras, e ultimas, com que responde á minha Carta; condemna Lord *Bacon*, e vinga victoriosamente os conspicuos Redactores do *Portuguez*: ahi vão as palavras taes, e quaes como estão escritas:

> " *Ahi te remetto agora a tal Carta inclusa, redigida*
> " *pelo* Corifêo *dos Escriptores rebeldes á Legitimidade*
> " *dos Reis.* "

sobre isto só eu podia fazer dous Tomos, cada hum delles

*

mais gordo, que huma Prosodia. A palavra = *Legitimidade* = se offerece *in abstracto*, e não *in concreto*; *á parte rei*, mas *simpliciter*; não *in sensu diviso*, mas *in composito*; não *categorematicè*, mas *syncategorematice*. Tudo isto são fórmulas Aristotelicas da Logica velha, mas fórmulas, que entendidas esmiução de tal arte as faculdades intellectuaes, que em ultima analyse apparece em ordem o raciocinio humano. *Inimigo da Legitimidade*: simpliciter. Em apparecendo Rei Legitimo, já eu sou inimigo deste Rei, porque sou inimigo da *Legitimidade* onde quer que ella apparecer, e mais bem parada estiver. Pode acaso hum homem ser mais atrozmente calumniado? Em apparecendo Rei que não seja *legitimo*, já eu sou seu amigo. Ah! meu Amigo, recuemos hum pouco, e transplantemo-nos á época dos Reis de Fabrica nova. Quem vio muitos destes Doutores, que agora fallão em *Legitimidade!* Ião em procissão á rua do Alecrim, ás casas do Barão de Quintella dizer de joelhos a Mestre *Junot*: "Senhor, o nosso Legitimo, e verdadeiro Rei he o Grande Imperador de Trebizonda, e do Mundo; o dia mais alegre, que V. Ex.ª, Senhor Duque, nos dêo, foi aquelle, em que V. Ex.ª nos declarou que tinha acabado de reinar a Casa de Bragança; todos tem sido intrusos, e não legitimos, porque isto andava usurpado á Casa da Senhora D. Maria Leticia." Eu vi huma Sentença dada por hum Juiz de Fóra de Chaves, que dizia = Fulano de tal, Juiz de Fóra de Chaves, e dos Orfãos por S. Magestade Imperial e Real, e tudo com alçada pelo mesmo Senhor D. Napoleão que Deos guarde etc. etc. — Eu vi isto, e vi tantas cousas, que nunca me esquecerão. Estes amigos enthusiastas da *Legitimidade* agora, são os mesmos em corpo e alma, que adoravão, e reconhecião em altos brados por Legitimo Rei *D. Pepe*, Rei de Hespanha; *D. Joaquim*, Rei de Napoles; *D. Jeronymo*, Rei de Westfalia; *D. Luiz*, Rei de Hollanda; *D. Napoleão* pequeno, Rei de Roma; *D. Eugenio*, Rei, ou Vice-Rei de Italia; *D. Paz*, Rei do Algarve; e D. Tal, Rainha do Minho, e Archi-Duqueza legitima de Tras os Montes. Destas Legitimidades não duvidavão elles, nem reconhecião outras; e talvez que ainda no seu coração nenhumas outras reconheção. Estes mesmos, que em 1820, 1821, e 1822 disserão, e se conserva em boa letra redonda—*Desfaçamo-nos delles*—, que não reconhecião nos Reis *Legitimidade*,

mas usurpação, são os mesmos que gritavão que os Povos não se fizerão para os Reis, mas os Reis para os Povos; que a Soberania, de que se jactão, não lhes vem de Deos, mas da Nação, na qual essencialmente existe; que o Povo a dá, que o Povo a tira, quando muito bem quer, e determina. Ponhão estes Senhores nas mesmas circumstancias, vê-los-hão arrotar os mesmos principios, assoalhar as mesmas maximas, e republicanisar muito á sua vontade. Mudou o Catavento, ei-los gritando, viva a Carta, venha o Hymno, *Legitimidade*, *Legitimidade*; e quem lhes descobre as manqueiras, e põe a calva á mostra, he inimigo da *Legitimidade*, dando este nome a hum homem, que, se fosse nascido em 1640, mais que João Pinto Ribeiro, e Antonio Paes Viegas, diria, e provaria quem era o legitimo Rei de Portugal, e atiraria mais depressa com Miguel de Vasconcellos pela janella fóra. Fóra! Quem pode ser inimigo da *Legitimidade*, tão abstractamente fallando? Elles, Demagogos, e Hypocritas. No coração Republica, e na bôca Rei Legitimo. Eu não lhes quero outros castigos, mais que a violenta, e forçada dissimulação em que andão. De dia grandes Legitimeiros, e de noite..... são de mitra, e gaita, como diz o Rifão velho. Ah! dirão muitos, isto he atacar com violencia; e o que elles fazem não he insultar com impunidade? Quem gritou mais por hum Rei absoluto, do que aquelles mesmos, que mais tinhão berrado por hum primeiro Magistrado, e por hum primeiro Cidadão? Estes revolucionarios derão então bem a conhecer que não reconhecião legitimo, senão quem fosse legitimamente como elles.

Meu Velho Amigo, isto he o que basta para responder ao que me tinha escapado na extensissima analyse da = *Resposta á Carta.*

Ora: V. m. não me mandou mais que os dous Numeros do *Portuguez* — 160, e 161. V. m. não os tem querido comprar, eu não posso, ou não estou para isso; mas, basculhando-os com miudeza, em tão abundante, e pampinosa Vinha sempre se acha rabisco: he huma esterqueira; mas ruim he a Gallinha, que não esgaravata para si. Em lançando o olho para o *Portuguez*, cada palavra, que leio, me dá hum volume: vejão quantos volumes poderei fazer dos dous mencionados Numeros, que tem tantas Letras!! He perciso transcrever; este he o meu maior trabalho, porque não me

corre tão expedita, e tão livremente a penna: paciencia: ahi vai a Nota 5.ª ao Manifesto da existencia da revoltosa Junta Apostolica.

> " Iguaes meios se empregárão outr'ora em menoscabo
> " da pura Religião de J. C. para armar o braço de
> " Ravaillac, de João Chatel, de Pedro Barriere, de
> " Poltrot, de Balthasar Gerard [*se põe tambem o se-*
> " *leiro Louvel, que matou o Duque de* Berri], *campa-*
> " *va!*] As mesmas causas darão hoje os mesmos ef-
> " feitos, bem como os mesmos meios empregados en-
> " tão conduzirão agora aos mesmos fins, se Fernan-
> " do VII, ensinado pelas mesmas lições, não occor-
> " rer com prompto remedio ao furor *Jesuitico.*"

Os Apostolicos, dizem os nossos bons homens do *Portuguez*, prégão do Pulpito abaixo, e dizem aos Povos em segredo no Confessionario, que se revoltem contra o Rei, que o não queirão, só se elle se reduzir a hum páo de Cabelleira no meio de suas Côrtes Democraticas, tirando com humildade o seu Chapéo á primeira pedra, que se deitar no Cavouco da Lapida Constitucional, porque destes meios do Pulpito, e Confessionario se servirão para matar Reis, Principes, e Generaes de exercitos! Com effeito: os Apostolicos Jesuitas de Hespanha são bem antigos, e todos elles são Prégadores, e Confessores approvados, e Pais Espirituaes, e Directores de Beatas, e mais de Beatos; e todos elles tem tanto dinheiro, porque todas estas cousas não se fazem só com exhortações, he perciso tambem muita somma de vintens; bem se matão, eu, e os nossos Prégadores com os beneficios da Carta, tão conhecidos, públicos, e experimentados, e não ha dia, e não ha noite, em que não abalem chusmas de rebeldes *Chaveiros* para o infame Ex-Marquez de Chaves, e seus infamissimos companheiros de revolta, attentado, e rebellião. *Balthasar Gerard*, que matou em huma sedição popular o Principe de *Orange*, foi induzido pelos Apostolicos Jesuitas em Amsterdam, (que os havia lá) para dar aquella meia duzia de facadas. *Poltrot*, que, sendo Protestante, matou o Duque de *Guise*, pela rivalidade, e traição de Condé no tempo de Carlos IX, era confessado dos Apostolicos, e dos Jesuitas, que a prégar, e

a confessar lhe persuadírão a estocadinha: e *Francisco Ravaillac*, que matou *Henrique IV*, que já tinha abjurado o Calvinismo, reconhecido a Supremacia do Papa, para subir ao estribo do Coche, e dar no Coração do melhor Rei de França, até alli, aquella picadinha, tambem foi preparado com Sermões, e Confissões pelos *Apostolicos Jesuitas*, que querião hum Rei *Protestante*, e emperrado *Calvinista!* Esquecêo-lhe *Jacques Clemente*, Religioso do Padre *S. Domingos*, que matou em audiencia *Henrique III*; tambem foi ensinado pelos Apostolicos Jesuitas! e *Thomás Roberto Francisco Damiens*, que dêo a facadinha em *Luiz XV*, tambem foi comprado pelos Jesuitas Apostolicos!!!

Estes Senhores do *Portuguez*, eruditissimos como são, e para isso lhes basta a sua correspondencia particular (mas nisto lhes excede o bem redigido Periodico dos Pobres, e basta a sua correspondencia de *Melgaço*, sem de lá lhe mandarem nem ao menos hum Presunto), podião allegar outros exemplos de Regicidios promovidos, preparados, e comprados com esse Potozi de dinheirama pelos Apostolicos Jesuitas! Forão os Apostolicos, que abrindo os seus Cofres de Reserva (que nem os igualava os que tirou Affonso de Albuquerque a ElRei Ceifadim em Ormuz, e até o Cofre, em que a Rainha guardava as suas joias, que alli está na Graça, que o mandou elle Affonso), e tirando duzentos mil saquiteis de Onças Hespanholas, e quatrocentos mil de Peças Portuguezas, postas a render nos Bancos de Flandres, levárão ao Cadafalso Luiz XVI, a infelicissima Maria Antonieta, a celeste Princeza Isabel; forão os Apostolicos, que com hum resto de tostões, que ainda tinhão, comprárão o Çapateiro, que guardava no Carcere o Delfim, ou Luiz XVII, para o envenenar! Os mesmos Apostolicos, refeitos de mais vintens, fizerão *fuzilar* n'hum dos fossos dos Baluartes de Vincennes o Duque de Enghien, fazendo-o sahir com o seu dinheiro do lugar de seu refugio; e bem se sabe quanto nesses dourados dias em toda a França os Apostolicos trabalhavão no Pulpito, e no Confessionario; como lembrei acima o seleiro *Louvel*, que matou o Duque de Berri, bem se sabe, que os Apostolicos Jesuitas, que são os que não querem em *França* nem meio *Bourbon*, mas o inteiro Napoleãosinho pequeno, forão os que pozerão *Louvel* á porta do Theatro com a tal sovina escondida debaixo do capote,

e lhe disserão: "ó Louvee, agora he que he preciso ser Apostolico ás direitas, o Duque de Berri he esse, fogo!,, Os Apostolicos todos são Liberticidas, Patricidas, Regicidas, Tyrannicidas, Legicidas: todos os afogadores de Nantes, que fazião descer n'hum instante ao fundo dos mares milhões de victimas atadas humas ás outras, erão Apostolicos Jesuitas; elles o não podião negar, porque não só as caras, mas as roupetas o mostravão, e dizião! Os metralhadores de Lião, que ao povo em massa sem distincção de idade, de sexo, de condição, de estado, nas praças cheias, e nas ruas atulhadas de desgraçados, fazião ir tudo pelos ares feitos em pedaços, erão Apostolicos Jesuitas, ou erão seus confessados, e dirigidos, que do Pulpito, e do Confessionario erão exhortados, e pagos com o dinheiro da Junta Apostolica para fazerem aquellas matanças, que deshonrarão eternamente a humanidade. Tudo isto fizerão os Apostolicos, não em nome de S. Pedro, e S. Paulo, mas em nome da Liberdade, da Igualdade, da Fraternidade, porque, fraternisar como estes Apostolicos, nunca se vio no Mundo; Caim, e Abel não erão dous irmãos mais unidos, amigos, e conciliaveis.

Não pode haver cousa que mais impaciente, ou exaspere, que ver, ouvir, e ler semelhantes cousas. Não posso deixar, lendo tal no *Portuguez*, de pôr diante de meus olhos dous exemplos, que nunca podem esquecer, hum de Hespanha, e outro de Portugal, e ambos em 1820. Bem sei que gritão com a coartada de que estão perdoados; pois, se estão perdoados, calem-se, e nem insultem, nem ataquem os homens de bem, que querem o Rei, e querem a Carta, que elle outorgou; e elles, se tivessem na bôca o que tem no coração, dirião que não querem Rei, nem querem Carta, querem Democracia pura, e perfeitissima. Vamos aos exemplos: Conspirão, levantão-se estes Demagogos, furiosissimos, como vimos, armão, ou trasladão huma Constituição vinda de França, e lá concebida no momento da maior efervescencia revolucionaria; e convocando-se a si de proprio moto, escudados com a força d'ante mão corrompida, e sagazmente mettida nos mesmos interesses, mudão hum Reino debaixo para cima, e de cima para baixo; lá vão Leis primordiaes, lá vão Codigos, lá vai Throno, e lá vai Altar; e nesta mexida, e transtorno geral, lá vai Agricultura, lá

vai Commercio , lá vai Navegação , lá vão Artes , lá vão Sciencias , lá ficão obstruidos todos os canaes, por onde vem a prosperidade, a paz, a abundancia , o socego, e a fraternal união de hum Reino todo; e depois de tudo isto sahir, e acabar, vem a fome, a penuria, o atrazo, a emigração, e a miseria; e as dividas augmentão-se a ponto de ficarem insolviveis. Neste estado ficou a Hespanha, neste estado ficou Portugal em 1820. Agora não podemos temer isto, porque em fim temos hum Rei, que dá a Lei, hum Rei, que póde dizer, não quero esta, ou aquella Lei, e que póde dizer ás suas Camaras, eu vos dissolvo, ide-vos para vossa casa, eu vos convocarei quando eu determinar, e me aprouver. Assim he que se deve ser Rei, e assim he que se póde ser Povo. Na Hespanha, e em Portugal houve naquella época de 1820 homens de bem, amigos do Rei, e que não podião aturar, e soffrer que elle fosse hum mero, e simples executor, e passivo mandatario das vontades populares, e instrumento material de revoluções, e que com honra, e com força procurárão deitar abaixo, por seus pés de barro, este Fantasma, ou Aventesma ruinoso; eis-aqui nos miolos dos mesmos amotinadores, e revolucionarios levantada huma Junta Apostolica, a quem começão logo a embutir tudo aquillo, que elles mesmos fizerão, e querem fazer. Quantos Confessores vimos em 1822 prezos, porque lhe levantavão, o que era impossivel provar em Juizo, que elles exhortavão seus penitentes a dar cabo da Constituição! Pois eis o que faz a Junta Apostolica pelo Confessionario, como diz o *Portuguez*; porque assim como os Apostolicos ha tres Seculos exhortárão *Poltrot* que matasse o Duque de *Guise*, e a *Balthasar Gerard* que matasse o Principe de *Orange*, assim agora são os Apostolicos os que querem desthronar os Reis, e arruinar os Povos, e fazer, e arquitectar revoluções por toda a parte, pedindo a ElRei de Hespanha *que dé prompto remedio ao furor Jesuitico.* Não tem de que se queixar; em 1822, em Sexta Feira de Paixão, ouvi eu hum sincero Prégador, que muito me compungio, com o Sancto Sudario na mão, chorando muito as mulheres, em huma Freguezia desta Côrte dizer: —*Peza-me, Senhor, de todo o meu coração de não ter observado como devia a minha Constituição politica!* — As mulheres parárão com os alaridos, e os homens, que todos alli estavão calados, desembestárão em solemnes gargalha-

das, e taes, e tão prolongadas, que o bom do Prégador se vio obrigado a ir enrolando o Sancto Sudario, porque os irmãos das tochas até as deixárão cahir no chão, e elles forão tambem de cambalhota atraz dellas. Era hum pobre Clerigo calvo (ha muitos, e he escusado irem agora todos com as mãos ao osso frontal, e por alli acima, cuidando cada hum delles que he elle mesmo); e, se depois viesse para a rua, chamavão-lhe Apostolico. Isto he o que eu vi, e ouvi; e, para confessar toda a verdade, tambem eu fiz huma boa perna naquillo, que digo *verbo* gargalhada.

Os Senhores do Portuguez, mesmo á vista do procedimento deste pelado Apostolico, continuarão a argumentar com a sua costumada Logica nova: — Assim como os Apostolicos ha trezentos annos se servírão dos meios do Confessionario para persuadirem a Balthasar Gerard, a Poltrot, a Ravaillac, que matassem Reis, Principes, e Duques, dos mesmos meios se servem agora para revolucionar a Hespanha, a França, o Mundo, debaixo de diversas denominações, Absolutistas,Congregandistas,etc. mas sempre os mesmissimos Apostolicos. He esta huma sahida, que eu não esperava, he o remedio de Amaro da Lage, que servia para tudo, e querem-nos conservar no mesmo estado das duas Regateiras: — Chama-lho, antes que ella to chame. —

Ora: estes Senhores, que não sabem o que escrevem, tambem não entendem o que lêm; peço á Censura que não decida, sem lêr, e ponderar tambem o que eu escrevo, porque escrevo a verdade, não cito de falso, transcrevo exactamente; não revélo defeitos moraes, embirro he verdade com as patadas do entendimento, porque dizendo a Natureza a todos, que sejão homens de bem, a ninguem diz que seja Escriptor, e Periodiqueiro de pão quotidiano. No Lençol 160, 3.° ramo, debaixo do Titulo Correspondencia, vem huma furiosa tirada contra a Gazeta, onde muito se maldiz transcripta *a sempiterna Sentença da Russia*: e quem se queima alhos come; e depois de muitas injurias pessoaes ao Gazeteiro vivo, e ao Gazeteiro defunto, diz o §. que vem a pag. 736: "Vivo reconhecimento he por certo devido ao Throno, " que ha evitado novas lutas: devemos na verdade amar a " Liberdade da Imprensa, garantia de todas as outras, po" rem que se pode tornar tão perigosa quanto he vital, se " degenerar na Licença." Pois a Liberdade da Imprensa he

vital, quando degenera em Licença? Senhor Redactor, consulte o seu Pedagogo.

Qualquer Mestre de Meninos, destes que forrão as esquinas com bem escriptos annuncios (aqui o bem escriptos entende-se da letra do caracter Inglez, que he bom caracter!! já esquecerão os lançados velhos do nosso Andrade!), em que promettem ensinar todas as Linguas, e todas as Grammaticas, e sobre todas a Grammatica Filosofica da Lingua Portugueza, que ainda se hade fazer, devia chamar o Redactor do Portuguez, e dizer-lhe: tu nem dás, nem percebes o sentido do que estás lendo, ó rapaz; teu Pai que te mande ensinar. Diz o Gazeteiro que a Liberdade da Imprensa, he garantia de todas as garantias, mas que se pode tornar tão perigosa, quanto he vital, *quando degenéra em Licença.* E lhe devia dizer, tu lês isto ás avessas, e dizes — *Pois a Liberdade da Imprensa he vital quando degenéra em Licença?* — Olha, o *vital* refere-se á Liberdade da Imprensa; quando em seus termos he garantia das garantias, he *vital*, mas he *perigosa* quando degenéra em Licença. Entendes agora? Isto não devia ir a quináo de dous de contra; devia ir de outro modo. Viva o Senhor Mestre de Meninos! lhe diria eu; V. m. era capaz de pôr hum Collegio de Meninos internos, e Meninos externos, como já houve hum, e de ir dar lições de noite a pessoas envergonhadas.

Eu que lhe devo dizer a VV. mm. Senhores Redactores? Nada que offenda as suas pessoas; são bons Cidadãos, e a Carta manda que se respeitem os Direitos do Cidadão: só lhe devo dizer que se não deixem cegar tanto do odio, e raiva contra a Gazeta, que he a velha mais encolhida, rugosa, e de mais pregas na cara que o Roquete de hum Clerigo rico, que não tem nem mãozinhas para deitar de fóra, que nem cheguem a lêr, nem entender o que ella tão claramente diz, e lhe peço que, antes de emittirem, como huns Aristarcos, as suas opiniões, meditem hum bocado. He preciza boa fé, e não dar ás palavras o sentido, e a intelligencia, que ellas não tem, pois fica muito mal a huns homens, que o Ceo tinha destinado para illustrarem o Seculo, honrarem a Patria, e ensinarem a nós, estes pobres humildes, e ignorantes, o que em nossa rudez inculta não podiamos saber, ou advinhar no meio das trevas, que por tantos Seculos tem envolvido o triste Portugal; e que seria delle, se

VV. mm. não forão? VV. mm. desde esse seu Escriptorio servem do mesmo que serve hum membrudo Cabo de Esquadra, de estatura como a de Adamastor, robusta, e válida no flanco esquerdo, ou direito de hum Batalhão, de signal; de signal ao Governo para a sua marcha, e evoluções politicas, pois tanto tem ralhado dos Ministros; mas segurem-se, e dêm ao menos a conhecer boas intenções: mereção sempre o titulo, que lhes dá o seu Advogado...... quando responde á minha 1.ª Carta, e confunde Lord Bacon, sem fallar nelle chamando-lhes — *A bella Folha* — não haja algum desalmado que lhes chame — boas folhas, — que he peor que — bella folha. — Hão-de desculpar a minha confiança nestas limitações, que ponho na sua presença; nunca me esquecerei de saber da sua boa saude, e da continuação da sua preciosa vida, que a Patria tanto deseja, que se continue, ao menos até áquelle ponto, em que de todo possa sahir do abysmo, em que o absolutismo a tinha precipitado; então se cingirá a sua cabeça do merecido Louro, e gosarão em perpetua paz dos fructos dos seus Literarios, e Politicos trabalhos; podendo dizer quando VV. mm já cá não existirem, olhando para as suas Estatuas, como Athenas dizia olhando para a Estatua de Demosthenes: Eis-alli quem nos salvou da tyrannia de Filippe de Macedo, ou de Macedonia, e que se não fosse o *Periodico dos Pobres*, que tanta *sombra* lhes faz, serão chamados os Salvadores das Patrias Garantias, e das Patrias Liberdades. Eu lhes peço que se enchão de emulação á vista daquelle rival *redutavel*, temeroso, e formidavel. Se elle mentir muito, o que não he de esperar, mintão VV. mm. muito mais. Cicero era o rival de Hortensio, Hortensio era o rival de Cicero. A Lide está pendente, ainda não podem os Juizes Louvados decidir, se aos Pobres, se a VV. mm. se deva conceder a palma da Eloquencia. Cornelio Tacito, e Filippe de Commines, Saavedra, Fajardo, e Nicoláo Machiavello, aquelle com as Emprezas, este com o Commentario ás Decadas de Tito Livio, vierão donde quer que estavão, para Lisboa, e andão como Manes, e Lémures passeando á Porta dos *Pobres*, e á Porta do *Portuguez*, a ver a quem hão-de dar a Corôa civica da Politica. O Repertorio *Preto*, e seu irmão d'armas o *Borda d'agua*, implacaveis rivaes, não podem soffrer que os seus vaticinios atmosfericos se cumprão tanto á risca, como seus va-

ticinios politicos. VV. mm. são na Ordem Politica o mesmo que os dous mencionados Astronomos são na Ordem da Natureza; chega o dia da promettida trovoada com vento impetuoso, e chuva de pedra copiosa, prepara-se a gente com a vela das Candêas, e Palma benta, em fim confia em Deos, amanhece hum Dia de rosas, e huma viração do Mar deliciosa desde pela manhã até Sol posto: e a trovoada? Ficou lá no Repertorio? Entrão VV. mm. pelos Gabinetes, e Parlamentos todos, assistem a todos os Congressos, vão ás segundas Mezas de todos os Jantares Diplomaticos, e de tudo o que por lá apanhárão, e lamberão, colligem, concluem, e annuncião que infallivelmente a Guerrilha de S. Gregorio fôra desarmada por cinco Batalhões de Infanteria Galega, e que já marchára para o interior dos Pyreneos Orientaes; no outro dia chega hum Expresso das immediações de S. Gregorio, e diz que lá entrou a Guerrilha, que roubára hum Cura, que levára tres Pastoraes por não ter papel para cigarros. He precizo motivar mais os seus vaticinios, e acabar de huma vez o parentesco, que tem o Astrologo Borda d'agua com as Profecias politicas dos Periodicos. A Deos até á primeira: e V. m., meu Amigo, tenha saude, e Nosso Senhor o livre de Periodicos; se os não houvesse teria o Mundo Paz, e Pão.

Forno 9 de Julho de 1827.

J. A. de M.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 6.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

Estimarei que estas duas regras achem a V. m. desfructando a mais perfeita saude; outro tanto lhe não posso eu dizer de mim, Deos louvado. Grande, e profunda cousa he o coração humano! Indefinitos são os seus sentimentos, nem todos se conhecem, e muitos não se explicão. Como poderemos conhecer o coração alheio, se até o nosso mesmo coração nos he desconhecido, pois não sabemos que nome possamos dar a alguns de seus sentimentos, ou movimentos? Neste estado estou eu, quando leio os dous Numeros do Senhor Portuguez, 160, e 161. Trago estas joias comigo n'huma pastasinha, em toda a parte os leio, em toda a parte os medito, como rapaz, que vai para a escola ler ao Senhor Mestre o escripto de má letra, que traz na pasta. Começo de ler o Manifesto da Junta Apostolica, e seu Commentario, e já não sei que sinto no coração; he tal o tumulto dos sentimentos, que não sei determinar qual delles prevaleça, ou qual delles tenha a supremacia. Parece-me que o horror, e a indignação ficão sempre em campo contra tanta malignidade, e tanta impostura. Huma conspiração Democratica, e teimosamente revolucionaria, que jurou o odio, e dispôz o exterminio de todos os Soberanos da Europa, cousa que ha 37 annos com tanto afinco procura, e promove, embute a mais diabolica trama, que só no inferno podia ter principio, a huma cousa chamada Junta Apostolica, que, se existe, pelo mesmo que estes energumenos dizem, quer pontualmente o contrario de tudo aquillo, que lhe empurrão. Nenhuma das atrocidades dos primeiros furores da Revolução Franceza, que vemos consignadas na Historia, póde igualar, nem de muito longe, a reflectida malicia de empurrar a esta Junta, ou real, ou fantastica, o Manifesto da Catalunha, lançado no *Portuguez*, e commentado pelos do *Portuguez*. Para acreditarmos isto, era preciso fazer-nos acreditar pri-

meiro que os revolucionarios, enthusiastas furiosissimos do Republicanismo, não promovem, nem querem outra cousa mais que hum Rei absoluto, sem dependencia de pacto social, e primordial, sem respeito a Lei alguma, sem Tribunaes de Justiça, sem forma de Processos, sem audiencia de Partes, sem outra consulta, ou outra norma de reinar, mais que o seu cego capricho, e o liberrimo arbitrio da sua vontade, e sustentada tyrannia. Tudo isto he preciso acreditar para nos persuadirmos que a Junta Apostolica Jesuitica fizera o Manifesto, que chama ás armas toda a Nação Hespanhola contra Fernando 7.°, fazendo clamar esta mesma Junta pelas Côrtes de 1812, e pelas de 1820, para lhe segurarem não só a Corôa, mas até a sua mesma vida. Este descaramento, e o maior descaramento ainda das Notas ao mesmo Manifesto, sem hesitar hum momento, he o attentado mais horroroso, que apresenta toda a Historia do Mundo, desde que ha memoria nos homens, e dos homens até este instante, em que isto escrevo, meio dia 10 de Julho de 1827. Chamo-lhe attentado, e não sei que nome lhe dê: he na verdade hum tyrannico, e desaforado insulto feito á razão humana, porque he suppôr todos os homens estupidos, selvagens, obtusos, cegos, surdos, insensiveis, e rematados loucos, ou troncos brutos sem sentidos, sem movimento, e sem alma. Se os *Argelinos* nos captivassem a todos, para nos sopear, e maltractar como escravos, não terião a insolencia barbara de nos dizer o que nos dizem as Notas do Manifesto, feitas por Portuguezes, á obra de transfugas, e revolucionarios Hespanhoes. Eu sou incapaz de tom declamatorio, e menos de asserções vagas. Estão diante de meus olhos, e diante dos olhos do Mundo inteiro, as provas eternamente exaradas neste Demagogico papel — *O Portuguez* — : eu as traslado; e, se elles commentárão o Manifesto, eu lhes commentarei os Commentarios, como prometti (vivendo) até ao anno de 1830!

Portuguez. Vol. 2.° N. 160 pag. 455. Nota 2.ª

" O Systema Constitucional haveria vinculado, e mais
" e mais apertado os laços de huma alliança fraternal, se
" por ventura o imperio da Lei, em vez do *Arbitrio*, se
" radicasse *na infeliz Hespanha*. Os desvarios de hum Po-

" vo fiel, e amante do seu Rei, terião sido corrigidos pe-
" la experiencia; e todos, trabalhando para a commum
" felicidade, reproduzirião os tempos felizes da Hespa-
" nha, daquella Hespanha ditosa, dando Leis ao Mundo,
" e decidindo dos grandes Destinos de meio Globo. Mas
" este systema não deixava medrar os Apostolicos, tor-
" nava-os subditos da Lei, coarctava *seus planos nefan-*
" *dos* do dominio universal; tanto basta para ser jugo,
" e jugo, que he preciso sacudir. "

Eis-qui o que he capaz de levar a desesperação ao seio de huma pedra! *O Systema Constitucional haveria vinculado, e mais, e mais apertado os laços de huma alliança fraternal, se por ventura o imperio da Lei, em vez do Arbitrio, se radicasse na infeliz Hespanha.* — Tem razão em lhe chamar *infeliz*!! E quando começou a Hespanha a ser infeliz? Tomára que estes homens me dissessem se a sua consciencia lhe diz isto, ou se estão de boa fé persuadidos que dizem a verdade! Começou a ser infeliz, quando começárão os Impostores de 1812 a fallar em Systema Constitucional a seu modo. Então se lhe acabou magestade, grandeza, representação, opulencia, conquistas, thesouros, navegação, marinha, exercito, commercio, artes; e, o que he mais que tudo isto, costumes, Religião, união, laços fraternaes, e sociaes, dividindo-se em facções, em partidos, em bandos: em fim reduzida, sim, reduzida aquella magestosa Hespanha, que foi Arbitra da Terra em ambos os Mundos, a hum esqueleto politico, sendo-lhe preciso que huma força estranha, que he sempre incómmoda, lhe acudisse para não cahir na ultima ruina, e inteira dissolução. Eis-aqui como o Systema Constitucional Hespanhol apertou os laços de huma alliança fraternal. Digão-me, Senhores, depois que os Reinos, que compunhão a totalidade politica da Peninsula, se reunírão em hum só, quando se derramou mais sangue, e mais se armárão huns contra os outros os Hespanhoes? Quando se rompêrão mais os laços de huma fraternal alliança? Veja-se a *Coróa Gotica* de Diogo de Sáavedra, veja-se a Historia de Mariana, veja-se a mesma Historia da Guerra da successão até a entrada do Neto de Luiz 14, Filippe 5.º: mostrar-se-ha neste vasto quadro de treze seculos de existencia da Monarchia Hespanhola huma scena mais luctuosa, mais funesta, mais desastrada, e até

mais vergonhosa, que a que tem exposto aos olhos do Universo desde 1812 até ao dia de hoje? Podemos dizer, sem exagerar, que a Hespanha deixou verdadeiramente de ser Hespanha, isto he, a Nação mais gloriosa, mais opulenta, (não me importão cá os Castelhanos, mas devo dizer a mais sabia, e a mais prudente da Terra.) O dinheiro, que corre neste Globo desde Badajoz até Pekim, e desde Moscow até Tabelfai (ou Tablebay) he Hespanhol, e nem o Grão Turco, nem o Imperador de Marrocos o fundem, ou se atrevem a mudar-lhe o typo, para servir de perenne, e sempiterno testemunho da grandeza Hespanhola. Os mesmos Inglezes, Nação faustuosa, e grande, ainda hoje mesmo, os Equestres na presença do Troca, e os Pedestres por essas Tabernas, não offerecem senão — Duros: — ainda outro dia hum com falla de sovelão, e meia lingua de trapos em Portuguez do Norte, me offereceo vinte por hum Papagaio. Deixemos isto, porque hoje o tom deve ser mais forte.

"Se o imperio da Lei, em vez do Arbitrio, se radicas-
"se na infeliz Hespanha....

Isto tambem he huma das verbas da Ladainha dos palavrões — *O Arbitrio.* — Quem ouve isto assenta que na Hespanha não havia Leis, e que se governava arbitrariamente, e ainda mais do que se governão os Mouros (que não são tão infelizes como os Regeneradores fizerão a Hespanha), que não tem Leis escriptas mais que o Alcorão de Mafoma. Nem Portugal comparativamente tem mais Leis que a Hespanha. Tomára que estes Senhores não fallassem tanto de papo para sustentar imposturas. Leião alguma cousa, haja ao menos boa fé, ou tenhão alguma cousa na memoria, já que no seu ministerial Escriptorio não tem Livros. Vejão ao menos os sabios Codigos, as sabias Leis de Affonso o Sabio; sim, leião ao menos as Leis das Sete-Partidas. Não quero mais que este Livro para os confundir, e para confessarem que em Hespanha nunca houve *Arbitrio*, nem em casos civís, nem em casos crimes, nem militares, nem economicos, nem commerciaes, nem coloniaes; para tudo houve sempre Leis, e por ellas se governou a Hespanha por treze Seculos até a infeliz época das frases sesquipedaes, e surradas da Constituição de 1820. Só foi feliz a Hespanha em quanto es-

te capote dos Demagogos não apparecêo no Mundo, isto he, para evitarmos interpretações, e applicações sinistras, porque eu sei o que digo, em quanto meia duzia de Niveladores não começárão a revoltar os Povos para darem a Lei aos Soberanos, em lugar de receberem a Lei dos Soberanos. He verdade que no tempo do Imperador Carlos V. apparecêo pelo alto Aragão huma matilha de podengos chamados *Communeros*, que ainda do antigo buraco tentão hoje mesmo deitar a trombinha de fora. A estes *Communeros* chama o mais polido, o mais castigado, o mais vernaculo de nossos Escriptores, o illustre Padre Bernardes, as *Communidades.* Estas Hydras forão decepadas logo no covil. Seu fautor, o Bispo D. Antonio d'Acunha, foi enforcado no Castello de Simancas; e huma D. Maria de Padilha, mulher de hum decapitado, veio morrer a Portugal pedindo esmola. *Arbitrio* na Hespanha? Nunca houve Reis menos arbitrarios, sempre os vi assentados no Throno com dous grandes Baluartes aos lados, hum Supremo Conselho de Indias, e hum Supremo Conselho de Castilha. Os seus Ajuntamentos, ou Camaras, tiverão sempre mais fóros, mais authoridade, ou mais Constituição do que aqui teve entre nós, em 1822. o Senado, de quem era digno Procurador o erudito Mestre Pedro, e Braz seu Presidente! Tiverão os Reis de Hespanha validos? E qual he o Rei, que os não haja tido? Os validos podem lembrar, e promover arbitrios, porém morrem decapitados; isto succedêo a D. Alvaro de Luna; e o Conde Duque de Olivares morrêo em desterro, em pobreza, e em desprezo; o Principe de Esquilache, que sorte teve? Farinelli foi depois outra vez compôr solfa para Aspasia na Syria, e Heraclio reconhecido. Ah! que Turrecremáta queimou trinta mil Indios!! E Roberspierre levou á Guilhotina milhões de Francezes condemnados no Tribunal da Inquisição Constitucional.

O *Arbitrio*!!!! he hum dos males, que estes Medicos espontaneos, e caritativos vem curar com o emplastro especifico, e empirico das Constituições feitas por elles, e não dadas pelos Soberanos legitimos, porque nestas elles sabem conservar a sua Soberania; nós, dizem elles aos Povos socegados, tranquillos, satisfeitos, contentes com a sua sorte, sem já mais se queixarem do Governo, vimos para vos arrancar das garras do *Arbitrio*, e pôr no Throno o Impe-

rio da Lei, para serdes felizes. Já se sabe o que isto quer dizer: vós vivireis como escravos vis, e abjectos debaixo do jugo do nosso Soberano Arbitrio, e com o aranzel — manda a Nação — vos conservaremos mais pobres que Job na sua esterqueira, e mais opprimidos que os Captivos no Banho de Argel. Não se podem aturar, ao menos sem continua rizota, estes Prégadores de felicidades, sempre com a mesma lenga-lenga, que com as suas Constituições delles me parecem estes Hamburguezes das Camaras Opticas no Largo do Corpo Sancto; os rapazes de bôca aberta, e olho vivo pelo buraquinho do vidro, e elles os Hamburguezes com os magicos cordeis (e os cinco reis) nas unhas: — Vejão Vossas mercês agora o Grão Palacio das sete Torres: lá vai por debaixo daquellas arvores o Grão Sultão Selim Quarenta passeando de braço dado com a Gran Sultana Valida, seiscentos Eunucos negros com seus beiços de alguidar lhe vão pegando na cauda. Lá está naquelle canto o Grão Visir com seu grande cachimbo na boca com hum Grão Firman na mão para o Grão Senhor assignar; e lá vão atraz delle dous Genizaros escondidos para lhe cortar a cabeça.... Coitadinho, diz hum dos rapazes muito compadecido!! Vejão agora Amsterdam com seus Canaes, e naquella Praça hum grande monte de Queijos Flamengos, que se estão repartindo aos rapazes... tomára eu hum bocadinho, dizem os rapazes: vem a taboinha abaixo, acabou se Amsterdam, e ficão todos peor do que estavão sem os cinco réis, e morrendo com fome. — Assim estes Magicos das Camaras Opticas das Constituições de 1812, e 1820, dizem aos Povos, que elles tratão como rapazes: Vejão VV. mm. a sua ventura, tenhamos as nossas Côrtes, seremos quaes fomos nos dias da nossa gloria, vejão como a Marinha sahe do seu estado de podridão. Vejão agora o grande Imperio da Lei, dilatando suas Conquistas sobre os Territorios do *Arbitrio.* Vejão como á sombra da Arvore da Liberdade cada pé de milho deita cincoenta espigas, e mais; vejão como entrão por essas barras, e rios de Galliza os Galleões de Patacas, vindas de Vera Cruz, e de Calháo, que já não ha onde se metta tanto dinheiro, a não ser nas algibeiras dos Rebatedores. Vejão os Exercitos Nacionaes descalços de pé, e perna, não dizemos bem, vejão como recebem o *pret*, que estão jogando a chapa com onças, e onças e meias; já

os Ministros não são mudos, já respondem, se querem, quando se lhe pergunta alguma cousa, e elles estão para isso. Em fim vejão VV. mm. — *Aquella Hespanha ditosa, dando Leis ao Mundo, decidindo dos grandes destinos de meio Globo!* —

Isto he verdade, mas vejamos quando a Hespanha esteve neste estado, se foi no tempo dos *Arguelles*, e dos *Galliannos*, ou se foi no tempo de *Carlos V*, e de seu filho *Filippe II*, tempo da maior safra do *Arbitrio*, quando em Hespanha não havia a Constituição Democratica, nem a mais remota, e imperfeita idéa de Leis, quando ainda em Genebra o quinto Avô de Jan Jaques Rousseau estava endireitando ponteiros a Relogios, quando os malvados Apostolicos Jesuitas agrilhoávão os Povos, e os Reis. Carlos V. Senhor de dous Mundos, e no mar do Sul querendo ser Senhor das Molucas, como era das Filipinas, tinha ás suas Ordens Fernando de Magalhães, que lhe achasse para lá mais breve caminho, levava as suas armas a Argel, e a Tunes, militando debaixo das suas ordens o Infante D. Luiz; tinha a seus pés em Dresda o Duque de Saxonia, pedindo-lhe, não o Reino, mas a vida, e em *Pavia* depois da mais sanguinolenta Batalha, e gloriosa Victoria, vendo prostrado na sua presença Francisco I Rei de França, entregando-lhe a espada, vindo de queixo cahido prisioneiro para Madrid, onde a espada se conservou até aos nossos dias, em que Buonaparte, *amigo* dos Reis de França, de lá a tirou; (foi pena, que a não levasse o General *Pepe;* mas este gostava mais de oiro, que de ferro; e, se não achou ferro na Hespanha, achou oiro em Portugal: tinha cá Parentes, que lhe acudirão.)

E Filippe II? Se não fosse o *Arbitrio*, em que tanto manquejou.... que seria este homem? Ainda maior. Os Monarcas são pequenos, quando não são feitos a arbitrio dos *Communeros* revolucionarios. Ora: no tempo, em que não havia Leis na Hespanha, e em que tudo se governava pelo *Arbitrio* de hum só, em que os Zangões do Estado não trabalhavão, em que os Apostolicos trazião todos os Povos na grilheta, que foi a Hespanha com este Filippe II. seus Validos, e Cortezãos lisongeiros? Eu direi o que foi, pelo que se conta, e eu tenho lido. Apresentárão a Filippe II, para se conhecer a grandeza do seu Imperio sem Riegos, e sem

Quirogas, hum Relogio: o ponteiro das horas apontava em cada huma, em lugar de signal numerico, hum Reino pelo seu nome, de quem a Hespanha era Senhora; o dos quartos hia apontando pelos minutos, em cada risco, hum Estado, huma Provincia, hum Principado, hum Senhorio, que lhe pertencia; e olhem VV. mm. que a Armada invencivel não foi destruida pelo braço do homem, foi destruida no Canal pela furia dos Elementos, contra os quaes os Monarcas não tem imperio, nem poder. E a Batalha de *Santo Quintino* vencêrão-na os Hespanhoes, e foi mais glorioso este triunfo, que o de *Pavia*.

Vejão VV. mm. agora se as Revoluções Constitucionaes de 1812, e de 1820 — *reproduzirão estes tempos felizes da Hespanha, daquella Hespanha ditosa*, ou se já agora os podem reproduzir. Esta esperança só nos pode dar agora a nós os Portuguezes a força das nossas actuaes, e sabias Instituições, hum Veto absoluto, e duas Camaras harmonicas. Mas á Hespanha? Isso agora he impossivel, porque segundo as Notas ao Manifesto de Catalunha, os Apostolicos, unidos com os inimigos do Throno, e do Altar, e mais Communeros que os Communeros, querem dar cabo do Throno, e escolher novo Rei. Este milagre, dizem VV. mm. só o pode fazer a Constituição de 1812, e 1820. Mas Senhores com ella he que a Hespanha deixou de ser o que era, com ella perdêo as Indias, perdêo o Exercito, e vio seu seio dilacerado pela força dos partidos. VV. mm. dizem que os Apostolicos não querem este Systema, porque *com elle não podem medrar*, só querem o Systema antigo, que era o *Arbitrio*. Com este então, segundo VV. mm., he que a Hespanha foi *aquella ditosa Hespanha dando Leis ao Mundo, e decidindo dos grandes destinos de meio Globo*. Quando a Hespanha foi isto, pela sua confissão de VV. mm. mesmos, não havia senão Arbitrio, e só com este medrão os Apostolicos, e todos os outros Cidadãos se definhão como se definhárão no tempo de Carlos V, e Filippe II, em que a Hespanha decidia dos grandes destinos de meio Globo. Os Apostolicos são huns Burros, e merecem estar onde estão tantos: dizem-lhes homens capazes, e dignos de toda a fé, que a Hespanha pode ainda ser a Arbitra da Terra, decidindo dos grandes destinos da meia laranja, ou do meio Globo, huma vez que se governe pelo Systema Constitucional de 1820; e sabendo que estes

homens são os Redactores do Portuguez, que he cousa que não falha, (basta a correspondencia, que elles tem, mesmo do interior de Madrid, do Escurial, e de Santo Ildefonso) e não querem este Systema vital, e salutar de 1820, são tollos, porque só gente tolla não quer a sua felicidade, mesmo metendo-lha em casa, como estes grandes homens lhe querem metter. Oh! cegueira, maior que todas as cegueiras! Apparecem-lhe de vez em quando, aqui, e alem, nesta, ou naquella Cidade, mais de noite, que de dia, homens zelosos do bem geral da humanidade, homens que toda a sua vida *impendem* sobre a verdade, como diz a Epigrafe de Jaques, que he tirada de Juvenal, que pegão nas suas Opas, e alli estão até amanhecer, e que nem depois do Sol nado sahem, se alguem os espreita; a abrir canaes, a fazer Camões para aqui, e Camões para alli, a endireitar o Direito torto, a deitar abaixo o vil Servilismo, o mal encarado Despotismo, e pegão nestes homens, e enforcão nelles, como quem derruba Pardaes com escumilha. Oh! fatal cegueira! Assim o querem, assim o tenhão; vivão debaixo do jugo do *Arbitrio*, já que não querem viver debaixo do Imperio da Lei. Ora: para os Hespanhoes procederem desta sorte he preciso que tenhão mui poderoso motivo: são homens de muito juizo, porque, ainda que algumas cousas fação mal, tudo dizem bem. A mim me disse hum sujeito que tinha encontrado lá para cima, não sei onde, hum Apostolico Jesuita muito velho, muito feio, muito roto, muito esfomeado, que andava pedindo esmola para a Junta, e espalhando Manifestos de Catalunha, que trazia cozidos no forro das calças velhas, que elle era do tempo de Fernando VI. e de Carlos III.; e que, se houvesse alguem que lhe provasse que na Epoca da Constituição de 1812, e 1820 a Hespanha existia no estado de felicidade, em que existira no Reinado daquelles dous tão arbitrarios Monarcas, hia dalli mesmo despir as calças de Apostolico, e a esfrangalhada roupeta de Jesuita, chamar a Côrtes com Listas triplas, e proclamar a Constituição de 1812, e 1820 nas escadas de S. Filippe: em quanto me não provarem isto, eu não sou homem de me deixar adormecer com as cantilenas regeneradoras de quatro Franchinotes Esganarélos, que, em vasando o saco das estudadas frazes, nada mais sabem dizer; e se acaso se apodérão da força em alguns momentos da allucinação dos

Povos, com huma intolerancia mais que inquisitoria, insultão, perseguem, prendem, desterrão aquelles homens, que amantes da Justiça, e da verdade, e ensinados pela experiencia, não querem abraçar hum Partido, que em ultimo resultado não tem trazido ao Mundo mais do que desgraças, e calamidades. Com que paciencia hão-de ouvir os Apostolicos Hespanhoes, que não querem mais que a conservação do Throno com aquelle poder, magestade, soberania, e gloria, que tão ditosa fez por tantos Seculos a Hespanha, que elles não querem a Constituição de 1820, porque —*coarctava seus planos nefandos de Dominio Universal*— que assim lho dizem, porque elles o dizem, os Redactores do *Portuguez* em Portugal! Os Demagogos, que pertendem universalizar a Constituição de 1820, são esses os que querem realizar os planos nefandos do Dominio Universal, que para isto se tem preparado cincoenta annos antes da Revolução Franceza. A Constituição na Hespanha fez rebentar hum Volcão de males; pois querem os Senhores do *Portuguez* que os Hespanhoes acreditem, que a medicina destes males he abraçarem a mesma Constituição, que os causou? Vem isto a ser cabellos do mesmo cão. Está hum homem arrebentando com huma indigestão de salada de pepino, tem já dous Padres Camillos á cabeceira, o assistente pede Junta, apparecem mais dous, já párão as Traquitanas, já sobem, cada hum repete huma arenga, que acabava de repetir n'huma casa, onde se tratava de hum Tyfo, e todos tres assentão que, para sarar da indigestão de pepino, he preciso já, e já tomar huma barrigada de salada de pepino. Eu, se fôra o doente, pegava no escaparate, por não dizer outra cousa, e atirava com elle á cabeça dos receitantes. A Representação, Poder, e Thesouros da Hespanha, com que *decidia dos grandes destinos de meio Globo*, perdeo-se pela Constituição Democratica de 1812, e 1820; pois venha esta Constituição, que ella lhe dará o Poder, que ella mesma lhe tinha feito perder. E ha de o Mundo acreditar estes funestos, e *ominosos* Charlatães sempre com o mesmo frasquino de balsamo, sempre com a mesma massa purgante do matador *Le Roi*! Hão de os graves, e nobres Hespanhoes ver tranquillos a ruina, a desmembração da sua vasta, e magestosa Monarquia, ha de a experiencia mostrar-lhes que estas desventuras incuraveis lhes vierão do Systema De-

mocratico, e ha de haver huma agua furtada, ou o que quer que seja, da Rua da Prata, onde quatro incognitos Doutores, tendo á vista em seu bofete as Cartas dos seus correspondentes, estribados na Authoridade da Borboleta, e Participações de Melgaço, que diga aos mesmos Hespanhoes que, se querem ser no Mundo o que forão nos dias de Carlos V, e Filippe II, III, e IV, proclamem a Constituição, que os reduzio a tão deploravel estado! Queira o Ceo que estes dous Numeros 160, e 161 do *Portuguez* não appareção na Hespanha; porque as Notas do arquitectado Manifesto são mais ultrajantes daquella Nação, mais injuriosas ao seu Monarca, que o mesmo Manifesto, cujos Auctores forão declarados pela Real palavra de S. M. Catholica.

Perguntar-me-ha V. m., meu amigo, se eu vim cá a este Mundo para me alistar na andante Cavallaria, e reparar aggravos? Não vim por certo, mas tambem não vim para ser tollo: se os mais o querem ser, que o sejão, eu não estou para isso. Se os do tal *Portuguez* assentão que de seu pleno poder podem bigodear o Mundo, não he esta bigodeação tão geral, e tão absoluta, que não tenha huma excepção. Eu sabia muito bem que me expunha a descomposturas, e injurias, porque até agora não tenho contado com outra resposta a quanto tenho escripto. E não se envergonhão quatro malvados de se servirem de taes armas? Se elles não podem mais, e cuidão que ficão muito airosos, mostrando que são incapazes de raciocinio, e de combater huma razão com outra razão, de transcreverem fielmente huma passagem, de a esmiuçarem, de mostrarem a sua contradicção, e a sua incoherencia. Para provarem que os Jesuitas, que já não existem, são auctores dos crimes actuaes, vem com os crimes dos Jesuitas quando estes Jesuitas realmente existião. Estes Jesuitas resuscitados são os que actualmente cercão Fernando VII, os que possuem o ouvido deste Monarca, que os acolhe, os favorece, os defende, e os conserva dominando, dizem os do Portuguez n'huma parte, e n'outra parte dizem estes mesmos do Portuguez, e no Portuguez, que elles querem desthronar Fernando VII, revolucionar a Hespanha, escolher outro Monarca, e chamar os Hespanhoes ás armas. Assim he que eu queria que me apanhassem, convencessem, e impugnassem; ver-me-hião no mesmo instante do lado donde apparecesse a verdade. Na-

da disto. Pelos seus Emissarios, descomposturas; e de sua casa?... Entrou Cachapuz, sahio Cachapuz; hum Lord fallou, outro Lord calou-se; os rebeldes estão desarmados; os Apostolicos, os Apostolicos, e mais Apostolicos; Constant escrevêo, Bentham opinou; o Systema, as Instituições; solidar-se, garantir-se, imperio da Lei; não ha Orçamento, sim ha Orçamento, territoriaes, o bravo Tambor, o bravo Cabo, o bravo Pifaro, re-integrar, inauferiveis, financar, vão financando, urgencias, liquidação, responsabilidade, os aguerridos, os escalões, os batalhões.... Ora muito obrigado por esta tão necessaria illustração, com que VV. mm. nos fazem entrar na linha das Nações! Eu nunca tirarei a V. m. da primeira linha dos Amigos deste

Seu do C.

J. A. de M.

Forno 10 de Julho de 1827.

N. B. Na Carta 5.ª, pag. 4, lin. 8, onde diz *Louvee* (que matou o Duque de Berri) leia-se *Louvel*, e assim nas seguintes paginas onde vem o mesmo nome.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 7.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

Desejo a sua saude; a minha não existe. Aqui me disserão hoje que na Gazeta de 9 vinha huma Carta datada dos *Olivaes* sobre huma Carta bebeda, que ahi tinha apparecido, que he de hum homem Fiscal dos abusos alheios, como diz a mesma Gazeta. Os que me derão a noticia pozerão á tal Carta o nome de *bebeda*, porque com effeito só huma cabeça possuida inteiramente do succo balsamico, e no mais alto gráo de effervescencia podia produzir semelhante salgalhada. O objecto da Carta he combater humas, que se vão vulgarisando, e que esmiução algumas passagens do Periodico grande, chamado o *Portuguez* — sobre os que hoje chamão os Apostolicos — sobre isto, nem palavra: injurias, personalidades, infamias, libellos, ataques, e sempre o meu nome, ou inteiro, ou partido, ou ás avessas, com mil epithetos ultrajantes: noticias biograficas, e necrologicas de Pato, queixando-se da Patria, que tractou mal tão alto Cidadão, homem de hum saber immenso, e luz brilhante das Côrtes passadas, e por isso odiado, e perseguido pelo Ministerio venal, e punido com cadêas, com degredos, e finalmente morto na Ilha do Fogo, de puro desgosto de ver a Patria outra vez em grilhões. Depois passa ao Panegyrico do actual Ministro da Guerra, fazendo-nos saber que he Neto, pela parte Materna, do I.º Marquez de Pombal. Continúa dizendo mil injurias a Nossa Senhora da Conceição da Rocha, e declarando que eu prégara este anno, a 31 de Maio, a sua apparição, e que publicára os *falsos* milagres, que a Senhora tem feito; e que se elle lhe dera este nome no tempo da Inquisição, esta certamente o queimava; mas que já lá vão os tempos da superstição, e do fanatismo. Por mais que eu fosse lendo huma pagina, e muitas, a ver se achava a impugnação da minha Carta, he verdade que me achava a mim descomposto a cada linha, chamando *sandices* ao que

escrevo, e invertendo sempre injuriosamente o meu nome com nunca ouvidas affrontas; mas nada sobre a Carta, até que finalmente diz ao seu Amigo, e Correspondente João Candido Baptista Gouvêa, que ahi lha manda para o Rio de Janeiro, e que a lêa toda a S. M. o Senhor D. Pedro IV, e que este cá me castigará, pois já vem pelo caminho, assim mesmo lho diz; porque como eu offendo os do *Portuguez*, e na pessoa dos do *Portuguez* a todos os *Liberaes*, elle me castigará. Eis-aqui a Carta bebeda, porque hum bebedo a fallar he mais consequente. A Gazeta me vinga; eu não culpo o homem, basta que me lembre da mão do almofariz de pizar cacáo, com que hum Chocolateiro do Rio de Janeiro lá fez huma pública, e cruel justiça: queixo-me (como faz a Carta da Gazeta), de quem com tal licença infringio hum dos mais expressos artigos da Carta, e as mais expressas Instrucções dadas para a Censura por S. A. S. a Senhora Infanta Regente. Eu já respondi á 1.ª Carta, a esta não sei, porque he impossivel achar-lhe hum fio; he verdadeiramente huma cousa bebeda; e que se ha de dizer a huma cousa bebeda? O auctor do artigo inserido na Gazeta de 9 falla largamente em hum Annuncio de Producções Literarias, que elle põe no fim, que vem a ser a Traducção da Tragedia de *Voltaire*, chamada *Bruto*, e diz elle, que he propria para accender no peito de todos o ardente desejo de apunhalar os Oppressores da humanidade, que são os Reis (no que a Tragedia concorda com os Niveladores, ou estes com ella!) O artigo volta-se aos Censores, e diz o que deve contra semelhante Licença.

V. m. me quiz fazer mimoso com grandes thesouros literarios, ou diversos números do *Velho Liberal do Douro*, cousa que me era incognita; só conhecia este Velho pela birra, ou teima, em que anda de lhe comprarem tres Orações funebres, que prégou; não ha papel, e esquina, em que não estejão annunciadas, e sempre com diminuição de preço, assim como estes, que mostrão figuras de cêra, que vão diminuindo o preço das entradas até chegar a dez réis; eu espero que as taes Orações sejão distribuidas *gratis*; mas tambem espero que o Povo faça o que até aqui tem feito, que nem mesmo assim lhe queira pegar, e só lhe pegará quem andar com falta de sono, pois não ha espertina, que lhe resista. Eu peguei em hum dos números, que se chama—

Inglaterra —, e leio sempre taes cousas pelo fim, e fiquei triste pelo que vou a dizer: eis-aqui o que elle escreve a pag. 546:

« *Valha-nos a Nossa Regente! Valha-nos o Saldanha!*
« *Valha-nos a Inglaterra! Se estas cousas forem to-*
« *mando algum geito, escreveremos, aliàs tornaremos*
« *para o Brasil.* »

O homem está afflicto! Que será isto? Talvez lhe comprem tanto os seus *Velhos Liberaes,* como lhe comprão as Orações funebres. Verei o que isto he, e teremos materia para Cartas *per omnia sæcula sæculorum.* Que será isto? Dar-lhe-hião pancadas? *Valha-nos a Nossa Regente, valha-nos o Saldanha!* Queira o Ceo que acodissem ao pobre Velho! Elle diz que escreve nas sombrias margens do Douro. Os do Porto são tezos; talvez algum *Correio* lhe assentasse pelo lombo com alguma *correia!* O peior não he isto, o peior he o Velho ameaçar a gente, que se ha de ir embora para o Brasil: — *tornaremos para o Brasil!* Oh Portugal! Ainda te faltava mais este golpe? Que ha de ser de ti, se o Velho se fôr? Como ficas, miseravel? Queira Deos que haja alguma pessoa, que lhe tire isto da cabeça. Se o Velho se vai, he o mesmo que perder este Reino todas as suas Conquistas d'Africa, e d'Asia, e até as Ilhas adjacentes. Se o Velho se vai, apagou-se a luz, ficâmos ás escuras. O mesmo Douro, em tal vendo, abala, e vai correr para outra parte. Pois o Douro tem lá coração para vir correndo por aquellas *sombrias margens,* onde estava escrevendo aquelle archote do Seculo 19.°, e onde costumava parar para o vêr, e admirar aquella politica cabeça curvada sobre os joelhos, meditando aquella *Idade de ouro*, que elle trouxe a Portugal, e começou na *Bahia?* Parece-me que o Velho se não vai; ainda que tenha máo coração, sempre ha de ter dó da nossa orfandade. Esta resolução de se ir embora foi effeito d'afflicção, em que o Velho estava, quando espancado pelos malvados, que por certo o fustigárão muito, chamou, e gritou: — *Valha-nos a Nossa Regente! Valha-nos o Saldanha!* Mesmo esta sem ceremonia, com que tracta hum Ministro d'Estado, e de tanta consideração — *Valha-nos o Saldanha!* he signal de que estava afflicto, por isso devemos confiar que, em lhe passando a afflicção, tambem lhe passe a desastrada resolução de nos deixar. Olhe V. m., meu Amigo, eu

ao menos não o hei de deixar ir embora, porque desde hoje não o largo mais, hei de andar em cima delle, como se diz, ou na piogada, pois abrindo o papel avulsamente sempre lhe acho novidade; ora ouça: — Leio humas palavras Latinas mal escriptas, que são aquellas do Evangelho — *Loquella tua manifestum te facit* — que se disserão a S. Pedro; diz o Velho que forão dictas pela *Ancilla de Pilatos.* De Pilatos? Ora o pobre Velho, occupado com as Liberalices do Douro, nem toma hum Ripanso na mão em Sexta feira de Paixão. A tal *Ancilla* não era de Pilatos, a cuja casa, que eu saiba, nunca foi S. Pedro, a *Ancilla* era de Caifaz, Summo Pontifice. Pilatos tinha creadas Romanas, que não erão tão Bacharellas; e isto he huma ignorancia muito vergonhosa em hum Padre, que prégou tres Orações funebres. Veja V. m. que tal será elle em Politicas!! Temos pois panno para mangas; e muito má velhice espera o *Velho Liberal do Douro.* Verdade seja que eu prometti não largar os dous Numeros do *Portuguez* 160, e 161 até 1830, mas de vez em quando, como perrexil, ou saboreante, irá o *Velho Liberal do Douro*, porque, ainda mesmo que elle nos dê o desgosto de abalar para o Brasil, cá nos deixa fazenda bastante; e he preciso exterminar da terra esta raça de Impostores, que queixando-se sempre de males, que não existem para malquistarem o Governo, trazem os Povos em perpetua confusão, em funestas desconfianças, e são verdadeiramente os perturbadores da ordem social, verdadeiros inimigos do socêgo público, Medicos agoureiros, que querem por força curar doenças, de que ninguem se queixa. Nenhum Governo lhes agrada, se elles não governão; e revolvem todas as aguas para elles pescarem sós, e pescarem tudo. São causas efficientes de todas as divisões, de todos os motins, de todas as calamidades públicas, de todas as conspirações, e com hum descaramento, que não tem exemplo na chronica escandalosa das revoluções, empurrão tudo isto aos outros, que não querem assentir a tão barbaros procedimentos, e que são os verdadeiros amigos dos Reis, das suas Cartas, e das suas Leis. Querem perseguir, e querem perder todos os homens de bem; queixão-se delles imputando-lhes aquelles crimes, que elles só comettem. Não pode haver maior improbidade! No tempo do Augusto Salão, e do Augusto Congresso, era perseguido o homem de bem, porque era amigo

do Rei, agora que temos Rei superior ao Augusto Salão, e ao Augusto Congresso, he perseguido o homem de bem por ser inimigo do Rei, e das Instituições, que lhe conservão a authoridade Real. Em sentindo nos Reis, nos Gabinetes, nos Ministerios alguma opposição, isto he, quando não podem cavalgar, e sopear os Reis, os Gabinetes, e os Ministerios, gritão que o ouro dos Apostolicos, e Jesuitas os tem comprado para estabelecer o Imperio do *Arbitrio*, e apagar as Luzes do Seculo, frustrando os progressos da civilisação. Eu espero ouvi-los gritar ás Potencias do Norte, que se acautelem, que o General Chaves, e o Vice-General Canellas já passárão os Pyreneos, para irem levantar o Estandarte Jesuitico do *Absolutismo*, e do *Arbitrio* nas muralhas de Cronstadt, e de Arcangel. Se ha Congressos Democraticos, os Apostolicos são Realistas; se ha Realeza, os Apostolicos são Democraticos. Se a opposição se pronunciava contra os Francezes, dizião aqui os apaixonados, e fieis servidores dos Francezes, que era o *ouro Inglez* quem comprava esta opposição. Quando na rua suja, e rua de João d'Oiteiro se pronunciárão algumas matronas, e marujos seus conhecidos contra os Francezes, dando-lhe muita pancada, e estendendo alguns, logo os fieis servidores dos Francezes disserão em papeis publicos, que tanto as matronas, como os grumetes tinhão sido comprados pelo *ouro Inglez*, e que pela primeira vez tinhão apparecido Guinéos no beco d'Amendoeira! Agora se se desconcertão alguns tenebrosos planos, e se o Correio do Porto N.° 150 faz tremer os Demagogos, revelando *o que se tem propagado em Portugal pelos Agentes da Sucia grande* — grita-se, que he *o ouro da Junta Apostolica* quem tem comprado aquelles malvados, e degenerados Portuguezes inimigos do Senhor D. Pedro IV, e da Carta, e até do seu Hymno, para publicarem aquellas mentiras. Valha-me Deos com tanto ouro, e não ha quem veja huma Peça! Onde se encafua tanto ouro? O ouro já não gira no Mundo, todo elle está sepultado na baselga da Junta Apostolica, e, se algum apparece, cahe desta baselga.

Diz o Correio do Porto no mesmo N.° pag. 628 — Sr. Redactor, *deixe estes Campeões da nossa conta, porque os havemos de fazer calar com a publicação de certos papeis, que lhes descobrem todos os podres; e, pensando vir buscar lã, hão de sahir tosqueados* — V. m. verá o que ahi vai em taes pa-

peis apparecendo! Logo se diz, e se imprime, que o ouro da Junta Apostolica comprára todos os malvados, que imitão as letras do seu proximo, e todos os malvados Tabelliães para as reconhecerem, para se forjarem todas aquellas calumnias, e mentiras contra os Sanctos innocentes, os verdadeiros amigos do Senhor D. Pedro IV, e da Carta, o que comprovão pelos seus gritos no Theatro, pedindo o seu Hymno, em quanto de noite na tenebrosa, como bem claramente diz o mesmo Correio a pag. 627, se canta o Hymno dos *Marselheses*

» Maçonica Grei
» Vamos de Marselha
» Cortar huma orelha,
» A Carlos o Rei.

V. m. tambem ouvirá dizer que o Poeta, que fez este Hymnosinho, que aqui vai, tambem foi comprado por dous caixões de ouro da Junta Apostolica, e que elles bem vírão dezeseis Gallegos, que os levárão a páo e corda, pousarem á porta de huma taberna para beberem dezeseis almudes de vinho. Não ha lugar aonde não chegue, onde não penetre, onde não faça das suas este ouro da Junta Apostolica. Ahi está escripto em boa letra redonda, que elle penetrára já o Gabinete de Vienna, e que esteve por hum triz a entrar no Gabinete de S. James.

Andão estes regeneradores do Mundo, estes Propagandistas da civilisação do Globo, estes zelosos salvadores dos Direitos do Cidadão, prégando em missão aos Povos: — Filhos, nós vimos emancipar-vos, vimos tirar-vos das cadêas do servilismo, despotismo, e absolutismo; vimos apagar as fogueiras da Inquisição; vós não sentireis mais o pezado jugo do Fanatismo. Vós cuspis sangue nas mãos para puxar pelo rabo de huma enxada, e suster a rabiça de hum arado; desde hoje pela nossa Constituição não trabalhareis mais, porque o trigo, o milho, a pinga do vinho, e o fio de azeite vos hade cahir constitucionalmente das nuvens, como outr'ora cahia o Manná aos Israelitas no deserto da Arabia; agora podereis matar á fome os vossos Curas, despedir, e despiedadamente, os vossos Sacristães, que são huns golosos, e huns fanaticos; se vós morrerdes, não he preciso pagar o enterro, porque alguem vos enterrará. Sois desde hoje Cidadãos, livres de foros, de quartos, de oitavos; em vossas

casas, sagrados domicilios do Cidadão, não entrará senão quem vós quizerdes, excepto os nossos belleguins, que vos queirão esfolar. Desde hoje ficão provisoriamente abolidos todos os Officios de Defuntos, Suffragios, Ladainhas de Maio, todas as Festas de S. Sebastião, ainda que as malignas vos consumão, porque estas tambem ficão provisoriamente suspensas, em quanto se não fizer a Lei regulamentar a pró da Medicina. Vos ides participar das luzes do Seculo, e sentir os progressos da civilisação; as vossas propriedades ficão seguras, e inviolaveis, em quanto por aqui não passar hum Destacamento. Nós vamos fazer hum projecto de Lei agraria, para ser discutido, pela qual se repartão os campos com tão exacta igualdade, que nenhum d'entre vós possuirá maior extensão de terreno que o seu visinho, de sorte que, ficando todos com propriedade perfeitamente igual, não haverá huns, que queirão trabalhar na fazenda dos outros, porque os que tem o mesmo, que tem os outros, não tem necessidade de trabalhar, e fica extincta a classe dos Jornaleiros, necessarios n'agricultura, porque deste modo vai a prosperar como nunca. Não tereis mais do que hum Cura, e este esfomeado; não poderá haver outro Sotâna na Freguezia, porque o vosso Cura fará tudo, tocará os sinos, varrerá a Igreja, ajudar-se-ha a si mesmo á Missa; e, quando vos fòr enterrar, levará elle mesmo a tumba, e a caldeirinha; ensinará todo o dia vossos filhos a ler, e escrever, e deixará os rapazes aos coices na escola, quando fòr levar a Santa Uncção; e, quando adoecer, a Lei regulará a suspensão de todas as funcções do Ministerio. Em vossos Cirios o Juiz do Bodo será escolhido d'entre nós por listas triplas, porque materias de comes, e bebes só devem ser administradas por nossas mãos; porque no Seculo das luzes só nós somos os Financeiros natos. Ficão desde já as vossas alegres Romarias transformadas em festas civicas, e nacionaes. O Cabo, a Nazareth, a Lapa, a Abbadia, a Senhora das Arêas, ficão fechadas, e ficão applicados todos estes mealheiros para a divida pública, que nós fizermos.

Ora, meu amigo, se os Póvos pegão n'hum páo, e enxotão os Missionarios espontaneos da regeneração, vem logo a pestilente Jeremiada de que aquelles povos do páo activo, e sacudido, forão comprados pelo ouro da Junta Apostolica, que só pertende corromper os incautos para os levar

ás fileiras do rebelde Cachapuz. Nada mais se ouve; para tudo Junta Apostolica; e, em se querendo fazer insultar hum homem, que por algum titulo desagradou, o remedio, e o meio por si mesmo se offerece .... he Apostolico. Fogem, ou emigrão para aqui os Hespanhoes, he a virtude da hospitalidade que os recebe; fogem, ou emigrão daqui os Portuguezes para a Hespanha, he o ouro da Junta Apostolica, que os chama, que os recebe, e que lhes paga. Zangão-se os Povos com as perlengas revolucionarias, he a Junta Apostolica quem fascina os incautos, e lhes faz crer que os taes derramadores das luzes do Seculo são huns pataratas. Tem a audacia estes perversos de se identificarem com o nosso legitimo Rei, e com a Carta, que nos dêo; e quando alguem rebate as suas imposturas, e maquinações, e que tendem a destruir Reis, e Cartas, gritão que os Apostolicos são os inimigos do Rei, que querem, e da Carta, que respeitão; querem, e adorão. Qual he desses, a quem quatro desses Esganarelos passeantes ociosos chamão Apostolicos, qual he desses o homem sisudo, e circumspecto, que não seja hum sincero, e verdadeiro amigo do Rei, e da sua Lei? Em que altera cada hum destes objectos sagrados a sua fortuna, a sua representação, o seu socego? Vive activo no seu trabalho, na sua condição, não a quer mudar, e não se lembra do Governo estabelecido, senão para lhe obedecer. Quero fartar a vontade a estes gritadores, que se queixão de males, que não existem, e de abusos, que não apparecem, que este homem, a quem publicamente insultão, no fundo do seu coração, sem acto algum externo, que próve o contrario, não gosta do Systema; porque não ha de haver com este homem o mesmo procedimento, que a Carta manda ter com o Cidadão, quando se tracta de opiniões Religiosas? Por estas ninguem será perseguido, huma vez que exteriormente respeite a do Estado. Tolerancia para a Religião; pois haja tolerancia para a Politica, huma vez que com acções, ou actos manifestos se não perturbe a ordem pública. He desnecessario argumentar com razões, porque para estes homens não ha razão.

Lá vai hum Apostolico .... diz huma voz, que sahe de huma bodega, ou do pescado sêcco, ou do pescado molhado: chegão todos á porta para verem a nova Pheniz, que todos dizem, que existe, e que ninguem vio ainda; lá vai ... quem

he? He aquelle Clerigo!! Olha que dinheirama da Junta Apostolica! Lá vai, vamos atraz delle..... lá vai andando com humas botas velhas, com huma sobrecasaca, que por cincoenta, e sete terças feiras esteve pendurada na Feira da ladra; com hum chapéo, que tem andado por vinte cabeças, direito á Sacristia de S. Antonio da Sé buscar seis vintens, que estavão esperando por elle em cima do Bofete. Pois este miseravel, que vai comer atraz da porta de huma escada meio pão com hum queijo de Montemor, ou meio arratel de ginjas, he hum Apostolico nadando em dinheiro, que vai levar o *Pret* para o infame Guerrilheiro Vasconcellos; e bem se vê que he hum inimigo da Legitimidade, e da Carta, e que quer o Absolutismo, e as fogueiras da Inquisição para viver de abusos, com os validos, e lisongeiros, e os outros zangãos do Estado. E quem diz isto, he comprado pelo ouro da Junta Apostolica para illudir os incautos com estes papelorios, e chapelorios.

V. m. meu amigo, e velho, sem ser Liberal, fatigado de lèr até aqui tantas cousas, ainda que verdadeiras, porque diz Horacio que ninguem deve vedar dizer-se a verdade brincando, e rindo, me dirá, onde ficão os Numeros 160, e 161 do Portuguez? Tem razão, eu vou já, mas a gente anda tão cheio de desordens revolucionarias, que he preciso desabafar para não estourar.

Nota 11.ª ao Manifesto
da Catalunha pag. 457.

« .... *Induzio Luiz XVIII a apoiar com hum exerci-*
« *to de mais de cem mil homens esta facção perjura, e*
« *Regicida* »

Já se sabe quem seja esta facção perjura, e Regicida: he a Junta Apostolica. Ora assim não se falla nem aos mesmos negros Jalofos, e Hottentotes!! Falle-se assim aos estupidos Portuguezes pelos Redactores do *Portuguez*! O ouro da Junta Apostolica comprou o Ministerio Francez para indusir o parvoinho de Luiz XVIII para apoiar com hum Exercito de mais de cem mil homens esta *facção perjura, e Regicida*. A Revolução, ou Rebellião militar de 1820, começada como a do Porto do mesmo anno por dous Regimentinhos de Riego, e Quiroga, ia pondo em combustão não só

a infeliz Peninsula, mas a Europa inteira. Proclamou-se a Constituição de Cadiz para darem cabo do Rei, e caminharem seu mole mole, ou rijo rijo á perfeitissima Anarquia, e depois á Divinal Democracia, que he o grande caso, o grande intento, o grande fim de todas as luzes do seculo, e isto promovido pela Junta Apostolica, que consequente em seus principios queria agora promover na Catalunha em nome de S. Pedro, e S. Paulo, e de todos os Sanctos da Côrte do Ceo, outra do mesmo lote, e ainda peor; ou matando, ou mandando o Rei para hum *ominoso* desterro, como dizem os do *Portuguez*, vindo elles os Apostolicos a induzir Luiz XVIII para mandar dar cabo delles mesmos, que o induzião a enviar hum Exercito de mais de cem mil homens. Segue-se que, quando se enforcou o Mestre Riego, enforcou-se hum Apostolico, porque era Auctor da Revolução militar, e instrumento da facção perjura, e Regicida, que he toda inteira a Junta Apostolica, que quer *dethronar os Reis, e agrilhoar os Povos.* He preciso agora que os do Portuguez digão que os Apostolicos são Pedreiros Livres, cousa que ninguem sabia, e ninguem lhe tinha chamado, porque todos são Frades, e Clerigos, e riquissimos como huns Porcos de vara. Entra o Duque de Angoleme, lá vai o Exercito Francez a Cadiz dar cabo das Côrtes, lá vai pelos ares em Cadiz a Junta Apostolica, que erão as Côrtes, facção perjura, e Regicida. Faz-se huma montaria geral á Maçonaria, verdadeira inimiga do Throno, e do Altar, como dizem as Leis de todos os Soberanos, e dizem as nossas Leis, que não estão abolidas, apezar de dizer o *Imparcial do Porto* em termos bem claros, que *quarenta lojas Maçonicas* determinárão isto, e aquillo: começa o Exercito Francez, que para isso veio, e se conserva na Hespanha, a apanhar nelles como quem apanha Tordos n'hum Olival em anno de safra: nomeão-se Carrascos supranumerarios, e as forcas tem trabalhado, como dizem as Gazetas daquelle Paiz, que tem sido percisas escoras, espias, e espeques; e para lhe dizer a verdade, meu amigo, eu me tenho horrorisado, e consternado com tanta matança, a humanidade geme, e a cousa podia levar-se de outra sorte. Os Apostolicos são muito tolos, porque são muito ricos, e quanto mais besta mais peixe; veja que tolice, conforme dizem os do *Portuguez*, formão Revoluções para depôr os Reis, e crear Democracias, chamão

Exercitos para apoiarem esta *facção perjura, e Regicida*, os Exercitos dão cabo della, e o Exercito he pago pela mesma facção *perjura*, *e Regicida*; e quando Fernando VII enforca a facção *perjura*, *e Regicida* dizem os do *Portuguez* a pag. 456 que a Fernando VII *para eterno opprobrio da illustração lhe pertence todavia a tolerancia*, *e protecção dada á facção Apostolica*, perjura, e Regicida. Redusamos isto a mais precisão Logica. 1.° A facção Apostolica he perjura, e Regicida, pois pelo Manifesto se vê que quer dethronar, e desterrar Fernando VII. 2.° O Exercito Francez vem para apoiar esta facção perjura e Regicida. 3.° O Exercito Francez malha nesta facção, como quem malha em centeio verde. 4.° Fernando VII enforca Riegos, e Facciosos. 5.° Tolera, e protege esta facção Apostolica, perjura, e Regicida, pois lhe quer tirar o Throno, e a vida!!! Isto serão as luzes do seculo, que ensinem os homens a discorrer tão consequentemente?

Donde nascem estas contradictorias babozeiras? De quererem os Revolucionarios empurrar tudo quanto fazem alto, e malo, á Junta Apostolica, que quer ao mesmo tempo o Rei absoluto, e o Rei dethronado; o Rei com Cortes, e o Rei sem Cortes; o Exercito Francez para a apoiar, e o Exercito Franzez para a destruir; que fomenta as Rebelliões, e extingue as facções; quer a Soberania pura, e quer o Democracismo estreme.

Parece que se abrio a porta da casa dos Orates, que sahirão todos; e cada hum delles, para pôr hum modo de vida, abrio na baixa hum Escriptorio de Periodicos com banca, feitos, e Fieis de feitos. Não me admiro do que elles escrevem, porque em fim bem sabe qual era o domicilio donde abalárão; admiro-me da condescendencia de Censores, que consentem não só parvoiçes, porem manifestas impiedades, como a que se lê na *resposta* á minha 2.ª Carta, onde o Fiscal dos abusos alheios chama aos prodigios manifestos da Senhora da Rocha — Os *milagrões* da Senhora da Rocha!

Não sei como os mesmos Censores não reparárão no que lhe vou transcrever do *Velho Liberal do Douro*, N.° 42 pag. 542; falla das Forças Inglezas aqui estacionadas:

« Hum Exercito *combinado* nas gargantas dos Pire-
« neos pode tolher os passos a huma *invasão* do Nor-
« te; e a Peninsula com a Gran-Bretanha pode evi-

" tar as machiavelicas irrupções *dos novos barbaros*,
" que intentão destruir a civilisação, e as luzes do
" nosso seculo. "

Combina-se acaso a prudencia da assizada critica com estas expressões revolucionarias? Combine-se, compagine-se hum *grande* Exercito de Democratas Portuguezes, Hespanhoes, Inglezes, e vão impedir a invasão dos *novos barbaros* do Norte, que vem apagar as *luzes do Seculo, e os progressos da Civilisação.* Quem ha para lá dos Pireneos? O Mappa mostra a França, a Alemanha, a Prussia, a Russia, quatro grandes Potencias, e muitas secundarias, e assim mesmo guerreiras, e respeitaveis. Eis-aqui qualificadas de novos barbaros do Norte; e em apparecendo o Exercito combinado dos Liberaes, commandados *em Chefe* pelo Velho Liberal do Douro, que foi Capucho na Bahia, todas aquellas grandes Potencias (os barbaros do Norte) prostradas ao pés do Ex-Capucho, recebendo das mãos do Ex-Capucho a Carta, que, segundo as luzes do seculo, o Ex-Capucho lhes quizer dar.

Acabo com o solemne protesto de nunca fazer reflexões senão sobre o que apparece em letra redonda com licença da Commissão da Censura; e conhecerá o Reino, a quem querem enterrar, o que deve á Cáfila desorganizadora. Meu rico amigo ou nós, ou elles, ou elles, ou nós.

Forno do Tijolo 14 de Julho de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 8.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

Os terriveis acontecimentos, que vimos estes dias, ou estas noites na consternada Lisboa, porque o de 15 de Setembro de 1820 não foi desta natureza, ainda que dirigido ao mesmo fim, e nascido da mesma fonte, me perturbárão bastante; e creio que este seria o estado dos homens de bem. Se houvessem tido lugar em outro Paiz, e nos fossem annunciados, não os acreditariamos; mas aqui os vimos, e não he falso o depoimento dos nossos sentidos. Que he isto? Como he isto? Quem mandou fazer isto? De que meios se servírão para isto? Nestas perguntas andava eu comigo mesmo, sem me podêr dar huma resposta; até que por acaso á porta da loja d'hum mestre Barbeiro, Sexta feira 27 de Julho, que hoje acaba, vi chegar hum homem alto, mal vestido, mal encarado, rouco, que mal podia piar, com doze vintens na mão, e cousa de ametade de hum archote debaixo do braço esquerdo, e dizer estas palavras, ainda que pardas, e roucas, muito intelligiveis = *Ladrões, vão ao Diabo que os carregue: andar huma noite inteira a gritar, o que hum tal Manoel do Sol ensinava, morra este, viva o nosso Presidente, por doze vintens!!! Huns taberneiros de garrafas defronte do Chafariz do Loreto, tambem davão vinho, mas eu não bebi nem huma pinga!!! Hum tratante da rua dos Cavalleiros chuchou quatro cruzados novos, que lhe derão, para repartir com os rapazes, que gritavão adiante — morra este... viva aquelle...* — Ladrões!!!

Meu Amigo, eu puxei da caixa, e dei huma pitada de tabaco ao homem; e abrindo a bôca, que cuidei de me cahir a mandibula inferior, como se naquelle instante me tivessem posto na cabeça a Mitra do *Quarto grão*, vi a *Luz!!* As palavras ingenuas, energicas, e seguras palavras do homem dos doze vintens, e do meio archote, forão para mim a verdadeira chave do Gabinete Cavernal, e descóbri clara-

mente o mais abominavel, e abominando attentado, que em Portugal se comettêo, desde que o Reino começou até hoje 27 de Julho, talvez dia decretorio, e talvez destinado para o acabarem, e enterrarem de todo; mas a Divina Bondade, e Providencia, opportunamente acudio; e a força, a sabedoria, a magestade do Governo foi ó instrumento desta mesma visivel, e Divina Providencia. Dous grandes bens nos fez o Governo; salvou Portugal, e nos conservou de 12 até ao dia 28 hum Gazeteiro, que se chamava algum dia o Padre José Santinho; e eu digo que ainda se chama, e ainda he o mesmo, porque com toda a simplicidade, e infantil innocencia de hum Santinho, nos descobrio em dous discursos da sua lavra toda a diabolica maquinação, que ia a ultimar, e realisar a nossa ultima ruina. A Patria foi sensivel ao beneficio, que lhe fez o Padre Santinho, e innocente, dispensando-o de ulteriores trabalhos, mandando-o repousar tranquillo no seio dos seus amigos; e isto com hum Aviso motivado, que servio de verdadeira consolação aos verdadeiros homens de bem, e que immortalisou a força, e energia do justo Governo, que temos.

Ora, meu Amigo, alguns a quem estas Cartas amargão muito, gritão contra o gracejo, e protestão que este homem he incapaz de seriedade. Pois enganão-se, porque só della elle he capaz; esta, e as duas seguintes Cartas, irão naquelle tom de seriedade, gravidade, e prudencia, que pede tão importante materia. Irá depois outra Carta, que será huma exposição analytica de hum Artigo — *Turquia* — da Gazeta de 27. Não fica no esquecimento o *Portuguez*, não cahio em saco roto, e continuaremos depois com elle; ainda que, fallar no *Santinho*, e fallar no *Portuguez* he fallar na mesma cousa. Comecemos pelo Artigo da ultima Gazeta, que nos dêo, (e dará) o Santinho, que he a de 28, sobre a qual recahio o fatal Supplemento, que foi o raio exterminador da Impostura: vamos fazer hum serviço aos bons, e verdadeiros Portuguezes, defender o seu Rei, e a Lei Fundamental, que elle nos déra, e que os malvados com o seu — Viva o Rei, e Viva a Carta — querem de todo o coração acabar.

Plano do Attentado.

" Determine-se huma Lei com tal força, que a ella

"se sujeitem os Soberanos, e os Governos: esta Lei
"será chamada — *Força da Opinião* — Esta Opinião
"será a expressão da vontade geral sobre qualquer
"objecto; esta vontade geral será a vozeria da Ca-
"nalha; compre-se esta Canalha, e executar-se-ha
"o que quizermos, porque não se resiste á vontade
"geral da Nação.

Como isto se faz de noite, tambem de noite se ha de executar; e na conformidade do Plano vamos a perpetrar o mais escandaloso delicto contra a Soberania. Huma das Attribuições Magestaticas, que a mesma Carta dá ao Monarcha, he a livre Nomeação, e Demissão de seus Ministros; nada ha tão expresso, e tão livre, e livre de interpretações em a Carta: comecemos por isto. Em nome d'ElRei se nomeou Ministro da Guerra João Carlos de Saldanha, em nome d'ElRei se demittio o Ministro da Guerra João Carlos de Saldanha; pois venha a Lei da força da Opinião pública, que he a expressão da vontade geral, prepare-se a pouco custo a Canalha, e os Vadios, que entulhão a Capital, ensinem-se-lhes o que hão de gritar de noite pelas ruas, os *vivas*, e os *morras* que hão de vozear; se a Força armada se lhe unir, melhor; berrem pela re-integração do Ministro demittido: o Governo, como deve obedecer á Opinião pública, que he a suprema Lei, fará o que esta quizer. Dado, e conseguido este passo, n'outro dia, e n'outra noite a mesma Canalha, proclamará huma Republica com dous Consules, e hum Presidente; e, como a Nação assim se exprime, acabou-se a Monarquia Constitucional, e ficâmos, graças ao Deos de Adoniram! todos felizes, e bemaventurados Republicanos! A primeira idéa do Plano realisou-se, o pretexto era maravilhoso, e abre o passo para ulteriores reclamações, a quem o Governo ha de obedecer, porque não pode deixar de o fazer á Opinião pública. Apparecêo esta Nação, e tão facil de fazer que, quem tiver doze vintens, e hum archote, tem huma Nação ás suas ordens.

O Gazeteiro Santinho, complice com os outros co-réos desta nova, e não vista sedição, a declarou, e annunciou de tal maneira, que merecêo logo a pena de seu delicto na mais affrontosa expulsão; hum dos actos mais vigorosos, mais justos, e mais necessarios do Governo, e que acredita,

e faz immortal o nome do Ministro, que o assignára. O Supplemento á Gazeta de 28 he hum monumento indelevel da sabedoria do Governo. Vamos a esta Gazeta, acudamos ao Throno, á Patria, aos homens de bem, que querem Rei, que querem Carta, e obedecem ás Leis, e até ao mesmo Deos offendido, e ultrajado, pois brada ao Ceo a verdade contradita.

" *Passou-se o dia d'hontem na mais serena tranquilli-*
" *dade!*

Ah! Que perfidia! Tranquillidade!... No maior susto, no maior espanto, no maior receio, e na maior agitação, esperando-se pavorosamente a noite, e muitas familias retirando-se da Capital, roubando-se ao espectaculo talvez de sangue, e morte! *Tranquillidade!* E a Canalha comprada, bramindo, assoprada pelos seus ajustadores, e compradores. Eis-aqui a *Tranquillidade* do dia 27. A invasão de hum exercito inimigo não poria em tanta consternação a Capital! Que Impostura!

" *Pelo meio da tarde começárão a reunir-se nas Pra-*
" *ças públicas numerosos grupos de Cidadãos de todas*
" *as Classes.*

Sim, todas essas Classes formavão huma, que era a da *infima* relé da populaça. De todas as Classes? Quem se vio naquelles grupos de Cidadãos? Hum, ou outro individuo, que se dizia de nobre sangue? Este sangue desorou-se, convertêo-se em lama; os corpos, em que circulava este sangue (que he encarnado em todos), fizerão-se membros do corpo da Canalha. De todas as Classes!! Que injuria! *De todas?* Vio-se acaso entre o cardume de pés descalços, e esfomeados vadios alguma Toga, algum Militar honrado? Vio-se algum Empregado público, algum Frade, algum Clerigo? Eis-aqui a quem o Santinho chama *Cidadãos* de todas as Classes. Eis-aqui a Nação, que forma a Opinião pública!

" *A's* 6 *horas rompêrão no Terreiro do Paço os mais*
" *inflammados Vivas ao Rei, á Carta, e ao Excellen-*
" *tissimo Saldanha.*

Vivas a ElRei, e desobedecer a ElRei! Isto he loucura. Vivas á Carta, e infringir o mais expresso Artigo da mesma Carta! E a que se ha de chamar Rebellião? Os Rebeldes querem outro Rei; estes ainda fazem peor. Dão vivas ao Rei, e destroem-lhe a Soberania, invadindo-lhe o poder, e a suprema authoridade; este insulto ainda he mais aggravante, e sacrilego, que huma Rebellião, que he huma dissidencia, ou falta de conhecimento pleno da Legitimidade. Ao Excellentissimo Saldanha! Pois hum particular, hum demittido, hum vassallo põe-se em parallelo, ou em linha igual com o Rei, e com a Lei Fundamental, para merecer a mesma, e identica acclamação?

> "*Partio dahi huma numerosissima porção de Povo, e
> ,, com o maior socego se dirigio entre vivas á casa do
> ,, Juiz do Povo; e tendo chegado á porta delle clama-
> ,, vão todos = Juiz do Povo, Sua Alteza foi mal infor-
> ,, mada, represente-lhe em nome de todos, que pedimos
> ,, o nosso Ministro da Guerra: Viva o General Saldanha.*

Com o maior socego! Que descaramento! *Socego*!! He socego hum tumulto revolucionario, huma verdadeira sedição, huma Rebellião formal contra a suprema Authoridade Real? Huma sublevação, e de noite, entre alaridos, e desconcertados, e sediciosos gritos, he *socego*? Pode assim insultar-se o juiso, os olhos, e a experiencia dos homens honrados? Esta scena do Juiz do Povo he verdadeiramente cómica; e se o antigo Diogo do Theatro fizesse a parte de Juiz do Povo nesta comedia, com o talento que tinha, que caretas não faria com aquella cara velha, e com aquelle ôlho torto! Este recurso do Juiz do Povo em taes danças he digno da alta capacidade, e do juizo providencial dos Jesuitas Apostolicos, que fizerão a Revolução do Porto em 1820. Que trabalhos derão, e que figuras obrigárão a fazer ao muito honrado Jan-Alves, e ao seu Escrivão, o Sr. Verissimo! Eu não sei como Jan-Alves já podia com a barriga á torreira do sol naquella varanda do Rocio! Isto he cómico, e vá assim, já que assim o quiz o Santinho. O Povo faz aqui de Soberano, e quer sustentar a etiqueta; quando falla ao muito honrado, he lá por huma terceira pessoa abaixo, e diz — Juiz do Povo — (faltou-lhe o *olhai vós* dos Reis antigos) S. A. *foi mal informada*. Se neste jogo theatral houvesse hum bom contra-regra devia interromper a scena, e dizer com tom

magestoso — Vós sois levantados, e amotinados, ide-vos para as Galés; e vós Juiz do Povo ide-vos deitar na vossa cama, que isto não são Juizes de Bandeira, que vos proponhão algum negocio dos Officios na Casa dos vinte quatro; e pois tendes huma vara, que não he das mais delgadas, enxotai daqui esta matilha de podengos. Que tem o Juiz do Povo, que este, ou aquelle seja, ou não seja Ministro da Guerra conforme a vontade de S. Alteza, em cujas mãos está depositado o Poder Real para o Governo deste Reino? Triste condição do Juiz do Povo! Vem os Apostolicos do Porto, e para publicar, e fazer abraçar a sua Lei servem-se do Mestre Jan-Alves, que representasse toda a Nação, porque he Presidente da Casa dos vinte quatro de Lisboa!! Querem começar mais abominanda revolução ainda, e servem-se do Juiz do Povo; mandão-no ás Caldas sem estar doente, pedir hum Ministro da Guerra, que o Poder Real acabava de dimittir! As Sessões da Casa dos vinte quatro são secretas, e á porta trancada, e tudo se podia dar só por ouvir a Proposta do Presidente áquellas duas dusias de Varões! Hum muito honrado, que fosse esperto, devia dizer-lhe; Companheiros, e Amigos, de cujo gremio vê a Europa sahir Misteres, e Capatazes, e por seu turno occupar os Numeros do Terreiro, eu vos peço que me apureis neste instante alguns vintens, com que já, e já eu vá com mudas ás Caldas pedir a S. A. que mande, em quanto o Diabo esfrega hum olho, que mande neste instante a briosa Tropa de linha, pois ainda tem muita fiel, que apanhe, sem lhe escapar hum só, toda esta canzoada, que a leve para hum Quartel, e que lhe não dê de comer em quanto não declarar pelo seu nome quaes forão os Heroes, que os convidárão, e comprárão para fazerem o maior desacato, que se póde fazer á Soberania. Depois vir para fora, e dizer-lhes, eu vou já cumprir a Soberana vontade deste Povo heroico, e leal.

Sabemos o resultado da Missão do muito honrado; talvez devia ser, mandar pedir á sua familia lhe enviasse algum vintem, que estava morrendo com fome na Cadêa das Caldas, se elle tivesse a audacia de fazer soar nos ouvidos de S. A. S. semelhante Proposta; por muito menos mandou o Senhor Rei D. José enforcar o Juiz do Povo do Porto! Tornemos ao nosso Santinho.

" *O mesmo espirito animava o Povo, e a Tropa, pois*
,, *se vião immensos Soldados dando os mesmos Vivas, e*
,, *com o mesmo enthusiasmo* — parece impossivel *ha-*
,, *ver tão inalteravel harmonia em tão grande ajunta-*
,, *mento popular.*

Se os da Proposta ao muito honrado erão o Povo, quem he este Povo, que agora apparece depois daquelle Povo? Não era Povo, era Populaça, era hum miseravel tropel de assalariados para gritarem o que não entendião, pois houve hum que perguntou a outro seu companheiro — Quem he que hade morrer? Eu sei cá, lhe disse o outro, já me esquecêrão os nomes. Este Povo, que quer o *seu* Ministro da Guerra, he hum magote de rapazes descalços de pé, e perna engalfinhados huns nos outros, — porque tu levaste hum patacão, e a mim derão-me só hum vintem. — Que vergonha! Eis-aqui a *tão inalteravel* harmonia. Oh desgraçado Portugal! Quando imaginarias tu que chegarias a fazer hum papel tão infame, e tão ridiculo á face das quatro partes do Mundo, que enchestes da fama de teu nome, e assombraste com tuas façanhas! Vê a que monturo te arrastárão esses malditos Regeneradores da especie humana; vê em que linha de Nações elles te pozérão. Sem fanatismo, reconhece a mão de Deos, que te abate, e castiga teu antigo orgulho, que em fim era hum delicto, com que erguias a frente coroada de ouro, e de palmas entre as Nações da Terra! Que vergonha! Aqui na presença de tantos Embaixadores, e Encarregados de todas as Potencias, representarem-se papeis tão ridiculos, e tão anarquicos! *Inalteravel harmonia!* Hum tumulto prohibido com todas as Leis, e que deve ser castigado com todo o rigor das mesmas Leis, he chamado n'uma Gazeta Ministerial — Inalteravel harmonia! He o braço do Omnipotente, que contêm os homens de bem, que não vão de huma vez despedaçar tão insolentes patifes! Desculpe a Censura esta expressão, mas he preciso ter o descaramento de Satanaz, para chamar huma sublevação, e rebellião contra ElRei — *inalteravel harmonia.*

Cheguemos ao summo da audacia, e da impudencia, que este he o seu nome.

" *Nunca os inimigos da ordem soffrerão tão manifesto*
,, *acinte, nem os calumniadores do Povo receberão delle*
,, *maior lição de prudencia!!!*

A quem chama este desatinado homem, já punido com huma affronta pública, a quem chama inimigos da ordem? Todos responderão que são os Corcundas, e Apostolicos (Os do Portuguez, a quem a impostura até faz arear a cabeça, dizem que os auctores dos presentes motins são os Apostolicos). Então vem a ser ordem hum levantamento de populaça comprada para vociferar? Então vem a ser ordem levantarem-se tumultuosamente contra os mandamentos, e disposições da Soberania? Então vem a ser ordem conglobarem-se grupos de sediciosos chamando para a morte pelo seu nome altas personagens, e homens conspicuos pelos seus talentos, empregos, e dignidades? Então vem a ser ordem quererem pôr em estado de verdadeira coacção a Serenissima Senhora Infanta Regente, obrigando-a com ameaças a sujeitar-se em sua Soberania á vontade de huma facção revolucionaria? Então vem a ser ordem pôr em susto, e combustão a inteira Capital, receando todos que estas manifestas vozes de rebellião acabassem n'um instante em purissimas ladroeiras, e horrorosos assassinios? Então vem a ser ordem hum continuado grito de sublevação em todas as praças, em todas as ruas, com escandalosos insultos? Por acinte he que aquelles Cidadãos pacificos (patifes) conservão aquella ordem para fazerem huma pirraça aos revoltosos Corcundas, aos Apostolicos, que são inimigos da ordem, metidos em casa, ou quando muito dando comsigo na Sé a pedir á Senhora da Rocha que se condoa de Portugal! As palavras, que se seguem, não tem nome no Diccionario dos desaforos humanos — *nem os calumniadores do Povo recebêrão delle maior lição de prudencia.* — Huma ordem não tem culpa das culpas de hum seu membro. He desgraça que sahisse huma destas dos Claustros Canonicaes, e Regrantes! *maior lição de prudencia*! Isto em frase familiar chama-se estar judiando com o genero humano! Que tal está a lição de *prudencia* dada aos Apostolicos! Sim, elles a devião tomar, e como bons discipulos imitarem os exemplos de prudencia de seus mestres, e com a mesma prudencia armarem-se como elles de pistolas, punhaes, e bacamartes, juntarem-se em grupos, e sem archotes, ou com archotes, saltar sobre taes Demagogos tumultuosos, e com huma carga cerrada estenderem meia duzia de revolucionarios, e depois se veria em clara luz a grande merendeira corcundal no cos-

tado de cada hum. Lição de *prudencia* !! Hum acto de formal rebellião he huma lição de prudencia? Assim o entende este Sacerdote do Deos vivo, que para salvar Portugal do abysmo, e das garras do absolutismo foi para Inglaterra, e veio de Inglaterra ser o Campião das garantias, e patrias liberdades, e que depois de tantos estudos, e de tantos escriptos nos vem dizer, que he huma lição de prudencia levantar-se contra ElRei, e contra a Carta, querendo dar Leis ao Legislador, invalidando seus Decretos, e fazendo da vontade da canalha huma lei suprema, a quem o mesmo Rei deve obedecer. Eis-aqui o que este homem, ou o que quer que seja, chama lição de prudencia!!! Isto não tem nome; e a tal estado chegámos, que foi preciso dar huma satisfação aos Ministros Diplomaticos. Não posso deixar de lhe dizer, meu amigo, que isto foi huma lição, ella nos aproveitou, porque se derão de todo a conhecer, tirárão a mascara com a maior impudencia, descobrírão com toda a clareza seus projectos, manifestárão seus planos, e seus fins, apparecêrão taes quaes elles são, e mostrárão ao mesmo Povo menos reflexivo, que quando com seus gritos hypocritas acclamão a Carta, ou Constituição, não a querem senão em quanto lhes serve de degráo para fazerem a Revolução Democratica a seu modo, e que intentão atear aqui o primeiro fogo, que segundo as suas ôcas, e tresloucadas idéas deve abraçar, isto he, republicanisar o Mundo inteiro. Estes grandes rasgos de prudencia das tres noites, e tres dias foi o primeiro grito de rebellião contra todos os Soberanos, a quem tem declarado guerra exterminadora. Se vingasse o intento, que manifestárão, nem mais hum dia se escutarião os louvores ao Senhor D. PEDRO IV. A cousa mais irrisoria, ou mais capaz de fazer rir o homem, como eu, mais hypocondriaco, he esta deslavada conversão para a Realeza, com que se nos apresentão os mais emperrados Republicanisadores, que apparecêrão até agora no Mundo. Queira o Ceo que estas minhas justas reflexões, que sahem do coração mais sincero, mais amigo de Portugal, e que nunca mudou, sejão attendidas, e aproveitem. O Governo nos fez conhecer agora que tudo devemos confiar delle. O acto da expulsão do Gazeteiro alegrou os homens de bem; e todos amão, todos respeitão, todos abençoão o actual Ministerio. Se a minha idade, se a minha experiencia, se meus continuados estudos podem algu-

ma cousa, eu peço aos Nobres, aos Titulos, e Titulós, que governão as Armas, que se unão ao Throno, que formem hum muro de bronze, que o defenda; tracta-se a sua causa, e a da Nação inteira, diga-se-lhe a verdade.

Ainda mais, meu amigo, huma unica reflexão sobre este artigo, que, bem considerado, foi hum distincto beneficio feito aos bons Portuguezes. *Wandick*, ou *Caravagio* não se retrataria mais ao natural. Revelar desta maneira sua propria ignominia, só elles o poderião fazer!

" *Em quatro dias de agitação, e effervescencia univer-*
" *sal, nem sèquer tem acontecido algum desses peque-*
" *nos accidentes desordenados, que apparecem aqui qua-*
" *si todos os dias.*

Sim, á vista do accidente mais desordenado, que em Portugal tem apparecido, que outro accidente pequeno podia apparecer? A paciencia do mesmo Job se transformaria aqui em desesperado furor! Quatro dias de agitação, e effervescencia universal, cousa nunca vista na Capital, não he já por si mesmo hum accidente o mais desordenado, e o mais funesto? Hum crime de rebellião, hum attentado contra a Soberania, huma escandalosa infracção da Carta, huma Revolução ochlocratica, he mais que hum incendio, que hum roubo, que hum assassinio, porque isto póde ser parcial, e huma tal revolução tudo abrangia. E não he isto hum accidente desordenado? Hum crime universal na opinião deste homem não he hum accidente desordenado. A pertinacia no crime tantos dias, e tantas noites reiterado, a espantosa voz tantas vezes repetida (entre os vivas) — morra — morra —; o insulto barbaro feito ao domicilio, e á respeitavel pessoa do Intendente Geral da Policia, a quem tanto deve a ordem pública, a este homem cheio das benções dos homens honrados; a entrada violenta, e de mão armada no domicilio de Ministros d'Estado: em huma palavra, hum levantamento formal não he hum accidente desordenado? Huma caterva infame, e a tão vil preço angariada, e comprada, tem a audacia de se annunciar representante de toda a Nação Portugueza, e de fazer exprimir a vontade geral em gritos sediciosos, torno a dizer, he hum acinte feito aos inimigos da ordem.... Tanta mal-

dade, e tanta desvergonha não podia caber em peito Portuguez! Continuarei, meu amigo, nas duas seguintes Cartas a expôr, e a revelar os mysterios de iniquidade, que se descobrem, e revelão por estas duas Gazetas; e já que no instante actual he impossivel vedar a sua circulação por todo este Reino, ao menos vão girar estas Cartas como triaga, ou antídoto de tanto veneno. Se os Povos da Capital, e Provincias estão horrorisados com o attentado do expulso Gazeteiro, saibão que ainda existe hum homem, que nos poucos dias, que lhe restão de sua tão enferma, e dolorosa existencia, se lhe faltasse a tinta escreveria com o sangue a verdade, porque só esta póde salvar a Patria, que a mentira, a revolução, a perfidia, e a impostura querem verdadeiramente enterrar. Eu affronto todos os punhaes dos vís assassinos, elles não podem fazer mais que o tempo dentro em pouco não venha fazer; e, se puder soltar huma só voz, esta soará para pedir ao Ceo que se compadeça deste Reino, que o salve do opprobrio, de que os malvados o tem coberto. Estes são os meus votos; e, em quanto nestes dedos tiver movimento, farei triunfar a verdade, e amar a justiça; e as Cartas, a que dei principio por hum casual, e simples gracejo, desafrontando o Inglez — *Bacon* —, continuarão, porque Deos ha de ajudar-me a defender o brio, os interesses, e a gloria de Portugal. Tenha saude, já que eu da minha nem sei novas, nem mandado.

Forno do Tijolo 31 de Julho de 1827.

Amigo

J. A. D. M.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 9.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

SE houvesse quem ácinte quizesse exasperar a paciencia humana, e declarar guerra á razão, á justiça, á natureza, não se podia servir de outra arma, nem usar de outro instrumento mais proprio para conseguir este fim do que escrever hum Periodico, chamar-lhe — O *Portuguez* —, porque isto faz o que assim se chama. Foi huma *Empresa* ha muito meditada; foi tomada por huma Sociedade de homens já conhecidos, e no meio dos quaes existem alguns, que comem da substancia do Estado, empregados em Secretarias, e que por isto devião respeitar, e temer o Rei, observar com submissão as disposições da sua Carta, e não conspirarem tão impudentemente, e já sem rebuço algum em seus Escriptos contra o Rei, e contra a Carta, que são os nossos objectos sagrados, e de que pende a paz, a felicidade, e a independencia da Nação, e que só a podem salvar do abysmo de males, em que estes, e outros refalsados Portuguezes a querem sepultar, servindo-se da sagrada palavra Rei, e da palavra Carta para estes fins nefandos, como vimos ha poucos dias, e ha poucas noites. Eu fallo assim, porque fallo a verdade; e esta verdade immutavel vai ser comprovada, e posta na ultima raia da evidencia pelos documentos exarados no mesmo faccioso Periodico — *Portuguez*. Sou atacado pelo lado mais sensivel á minha honra, e ao meu tão patente, e tão conhecido desinteresse, vivendo, e tão doente, e tão sem remedio, em tão continuados apuros só com o honesto fructo do meu suór em hum trabalho, com que já não posso, até pela minha idade, ainda que não fosse pela minha irremediavel molestia. He verdade que se me dêo huma pequena pensão, mas em oito mezes de falta não se vive sem comer. Assim mesmo nunca pedi, nem pedirei, nem me venderei por todos os thesouros do Mundo. E pois me obrigão chamando-me — *comprado*, eu revelarei o mysterio. A H

do mez de Julho de 1826 na Sacristia da Igreja do Mosteiro da Incarnação fui procurado por hum *Roza-Cruz*; e com grandes promessas de grandes interesses convidado a entrar na empreza de hum Periodico como o *Portuguez;* e que fiz eu? Calar-me: se rompi o silencio foi pela indignação, que me causárão os ultrajes a *Bacon*, mas sem tenção de continuar; mas vi a avidade, com que o Povo lia aquellas exhalações do amor da verdade. Não lia o *Portuguez*, leio agora, e mostrarei ao Mundo que no *Portuguez* ha summa ignorancia, summa perversidade, em que se embrulha huma manifesta conspiração contra ElRei, contra a Carta, que nos dêo, que he a Lei fundamental da Monarquia livre, e independente, e que se dirige a huma subversão universal, a hum transtorno público, no qual se pertende com todo o afinco estabelecer a Democracia, profanando para isto o nome d'ElRei, que elles não querem, e da Carta, que elles dentro de seu coração abominão, porque o seu odio jurado he ao mais ligeiro vislumbre de Aristocracia, pois a sua pedra de escandalo he a Camara dos Dignos Pares, vendo-se agora illudidos pelas falsas idéas, e preoccupações, em que estavão a respeito da Nobreza deste Reino, encontrando nella de repente energia, luzes, conhecimentos, força capaz de sustentar sua Jerarquia, rebatendo com heroico vigor as tentativas, ou pertenções demagogicas. Enganárão-se: os Grandes de Portugal sabião que se tractava a sua Causa no Tribunal Revolucionario, e que era preciso sustentar o Throno, que sem a Nobreza nem está seguro, nem póde existir; enganárão-se: cuidando que os Grandes serião huns doceis pupillos, que em tudo se sujeitarião ás decisões de seus pedagogos, e que em breve, pela unanimidade de sentimentos, não haveria mais que huma só Camara. Tudo isto será expendido com a ultima clareza, e perspicuidade na confutação victoriosa do incendiario Portuguez. Os que gostão do estilo lúdrico, ou da arma do ridiculo, tenhão paciencia, esperem hum pouco, são precisas algumas Cartas com sustentada seriedade; se eu sou capaz desta, porque he a unica do meu caracter, bem o provão os Tractados — *Da existencia de Deos — Da verdade — Do Homem, ou dos Limites da Razão.* Bem o provão — o *Newton* — a *Meditação*, e mais que tudo — o *Oriente* nesta segunda edição, que ha pouco se publicou. Eu desafio essa banda desprezivel de Revolucionarios,

que fação, não digo eu, hum Canto, porque isso era inventar, mas huma só Oitava, que se pareça com qualquer, que entre tantos centos de Oitavas se apontar. Perdoe-me o Publico fallar de mim, e faltar á modestia, que me tem ensinado a verdadeira, e não revolucionaria Filosofia; mas he preciso rebater a audacia, e desmascarar a impostura de quatro bota-fogos, que ultrajão ElRei, e desprezão a Carta, fallando sempre em Rei, e em Carta.

Proposição 1.ª

Os do *Portuguez* são ignorantes — Provo.

O Portuguez de 23 de Julho N. 222.

No discurso sobre o *Espirito de partido*, em que elles se retratão ao natural, ha esta passagem, que he a primeira prova da sua vergonhosa ignorancia.

"Os *Europeos* não querem a *Democracia*, porque he "contraria a seus habitos, e costumes: porem não querem "igualmente a *Theocracia*, que repugna á sua illustração, e "aos seus intereses."

Ignorantes!!! Quem senão ignorantes assentão huma proposição tão geral, e tão absoluta! Digão-me, rapazes da eschola, e ainda menos: os Suissos não são Europeos? E ha quantos Seculos conservão hum Governo Democratico? Digão-me: os Hollandezes não são Europeos? E por quantos Seculos conservárão o Governo Democratico? Foi precisa toda a força, e perfidia de Buonaparte para se acabar entre elles o Governo Democratico, dando-lhes seu irmão Luiz para ser o Rei de Hollanda! Os mesmos Francezes não conservárão o Governo Democraticó? Quem lhe destruio esta forma de governo? Forão acaso seus habitos, e costumes, ou foi a usurpação, a tyrannia, e ambição de Buonaparte quem transformou a Democracia Franceza no Absolutismo Corso? Ignorantes!!!

"*Não querem igualmente a Theocracia, porque repugna á sua illustração, e aos seus interesses.* Ignorantes!!! Quando existio na Europa o Governo Theocratico? Existio, huma vez só, e por poucos momentos, mas na Asia, quando com a visivel mão de Deos, por meio de milagres, sahírão os Israelitas do captiveiro do Egypto. Foi Deos quem immediatamente dêo no Sinai a Lei a Moysés; e como este expunha os Oraculos da Lei, que immediatamente ouvíra da bôca do mesmo Deos, chamou-se então o Governo

religioso, e politico, o *Governo de Deos*, *Theocracia*, por tão pouco tempo, quanto vai da publicação do Deuteronomio á do Livro dos Juizes, porque os Hebreos passárão logo ao Governo Democratico pela eleição popular dos seus *Juizes.* Quando veio isto á Europa, ou quando se vio entre Europeos o Governo Theocratico? Ignorantes!!! Ou perversos, que querem confundir as idéas das cousas para acirrarem o odio contra a Religião, e odio, que lhes roe, ou que lhes torra as entranhas! Porque lhes disserão, porque elles nada sabem ler, que muitas vezes nos negocios Politicos tivera grande preponderancia o Estado Ecclesiastico, e que deste Estado forão tirados grandes Politicos, grandes Ministros d'Estado, como em Inglaterra o Cardeal Wolsey, em Hespanha o Cardeal Cisneros, e modernamente o Cardeal Alberoni, em França os Cardeaes Richelieu, Mazzarini, Fleuri, Du Bois, e de Bernès, em Portugal o Cardeal de Alpedrinha, o Cardeal da Motta, e mesmo o Cardeal Nuno da Cunha, e outros muitos Ecclesiasticos conspicuos por saber, e virtude, cujos Lacaios serião menos ignorantes, e saberião mais de Politica, que os do Portuguez, imaginárão no seu odio contra o Estado Ecclesiastico hum Governo Theocratico, que nunca existio na Europa, e não temos delle outra idéa senão a que nos dá o Exodo, e o Deuteronomio relativamente aos Israelitas. Ignorantes!!!

Dêmos por existente por hum só instante este Governo Theocratico, isto he, que Deos visivel, e immediatamente governe: Em que se póde oppôr o Governo immediato de Deos á illustração, e aos interesses dos homens? Isto he perversidade, isto he impiedade. Deos he a fonte de toda a Sabedoria, he a luz verdadeira, que illumina todo o homem, que vem respirar a luz do dia neste Mundo. He Deos acaso algum cego, algum tyranno, que não queira a illustração das suas creaturas? Mas a illustração de Deos não he a illustração, que os do *Portuguez* querem, e a que a Facção Democratica quer espalhar. O Governo de Deos opposto aos interesses dos homens! O verdadeiro interesse dos homens he a virtude, nunca he, nem póde ser o crime; e Deos, que conhece os verdadeiros interesses do homem, póde oppôr-se, e ser contrario a estes mesmos interesses? Quando se escutárão blasfemias semelhantes na lingua Portugueza? Escutão-se depois que os do *Portuguez* escrevem. Ignorantes, e perver-

sos, que á cara descoberta atacão o Rei, e a Carta, promovem divisões, assoprão tumultos, e taes quaes os vimos, e sentimos estes mesmos dias.

Os Europeos querem o Rei, e a Carta. Pois o nosso legitimo Rei o Senhor D. Pedro IV. he o Rei de todos os *Europeos*, e a Carta he para todos os *Europeos*? Mas não seja este o Rei, nem seja esta a Carta, que os Europeos querem. Os Russos, os Laponios, os Transilvanios, os Turcos, não são tambem Europeos? Que Carta querem? Ignorantes, que não sabem o que escrevem, e o que dizem! Querem huma Republica mais imaginaria que a de Platão, e de quem somente o Cavalleiro da triste figura D. Quixote podia ser Presidente! E a que Presidente se davão vivas no Theatro? Que incendio os seus assopros nas continuadas invectivas ao Governo, ião atear! Continuemos com a revelação destas ignominias vergonhosas. *Nem Rei, nem Lei, nem Grei querem os Apostolicos.* Então que querem, ignorantes??

Digão-me, ignorantissimos, os Apostolicos não são Europeos? Não dizem VV. mm. que os Europeos querem alguma cousa? Os Apostolicos da Hespanha, com huma opulencia, e profusão espantosa de Thesouros, pugnão pelo Rei, e não querem Rei? Não querem Rei, nem absoluto, nem Constitucional, não querem Rei de sorte nenhuma (só se estes Apostolicos são os do *Portuguez*), e matão-se e empobrecem pelo Rei, e não o querem? Se querem o Absolutismo, então querem hum Rei; e onde irão constituir este Absolutismo? Quem o ha de exercitar? Ignorantes!! Ou fanaticos da Democracia! *Não querem Lei?* Então não querem Sociedade, porque Sociedade sem alguma Lei não pode existir, ou escripta, ou oral, ou convencional; seja como fôr, sem Lei, sem convenção, sem pacto não ha Sociedade. Todos os Apostolicos são como João Jaques Rousseau, querem ir viver com os Ursos, e como Ursos! *Não querem Lei!* Querem as Leis Sagradas pelo uso e pelos Seculos, querem as Leis, por que se governára com tanta gloria, tanta abundancia, tanta harmonia, e tanta independencia a Hespanha até 1820, e não querem Lei? Não querem Leis de Côrtes Democraticas, que se chamão Legislativas, sem Rei, que lhes dê a iniciativa, que as suspenda, que as invalide como bem lhe parecer; eis-aqui as Leis, que os Apostolicos não querem, porque são as Leis da canalha, e não

do Rei Legitimo; as Leis deste não querem os do *Portuguez*, e se dizem — Viva a Carta — he huma ironia amarga, e de que se estão rindo, e zombando no fundo do seu coração. Até huma companhia de ladrões tem entre si huma Lei convencional. E na Sociedade humana, os Apostolicos não querem Lei? *Não querem Grei*: Que cousa se entende por *Grei?* O que queria dizer D. João 2.° no mote, que escolheo para suas Armas — Pela Lei, e pela Grei. — He o Povo, he a Sociedade civil, he o corpo moral de toda a Nação sobre a qual o Rei impera. Se os Apostolicos não querem esta Grei, que he a Nação, onde querem viver? Não querem Grei! Ignorantes! Pois que querem? Viver como Anacoretas isolados como os solitarios da Láura da Nitria, cada hum no seu tugurio, sem verem, sem fallarem huns aos outros! Chama-se isto dar a conhecer a travez da mais crassa ignorancia a mais refinada perversidade, derramando sempre as sementes da Revolução, e Demagogismo, como os recentes e sacrilegos motins nos derão agora a conhecer. Quando tractar de responder ás sandices calvissimas, com que intentárão deitar poeira nos olhos de todos na resposta, em que se esmiuça a passagem do N.° de 30 de Maio. *Sobre altar privilegiado, e fogueira de sacrificio*, então eu mostrarei ás Gentes a sua nudez: eu lhes direi quem pôz a espingarda na mão a Domingos Leite Pereira, Escrivão de Guimarães, para atirar a ElRei D. João 4.° alli na Rua dos Fanqueiros!!! Eu lhe direi que cousa he *El Fuero de Subarbe*, eu lhes direi que cousa foi o Feudalismo das Infantas Santas, filhas de D. Sancho 1.°; eu lhes perguntarei se a Senhora Imperatriz Rainha, sendo Senhora de Terras, como he, se ha neste Senhorio alguns Direitos puramente Feudaes; eu lhes perguntarei qual dos Grandes Donatarios da Corôa tendo o dominio util das Terras, foi nunca Senhor de baraço e cutello; eu lhes perguntarei, se tantas cousas quizerão dizer no artigo criticado de 30 de Maio, porque as não disserão então, e as dizem agora? Está levantada a terceira parallela; ou de cá, ou de lá ha de ser o arrasamento, porque eu não desisto. Com taes inimigos da Ordem, com taes insultadores d'ElRei, e infractores da Carta, nem paz, nem trégoas; e não cuidem que estas ameaças são como as suas razões deitadas ao vento. O Senhor D. PEDRO IV ha de ser vingado, a Carta mantida, a malicia desco-

berta, e a impostura castigada, e de todo confundida a mania Democratica. Entre tanto em seus politicos trabalhos escolhão hum momento para ir até ao Limoeiro visitar seus irmãos d'armas, e que tragão de lá hum Mappa dos Apostolicos Theocraticos, que lá jazem, e querião pôr o Reino em combustão em as noites de 24, 25, e 26 do passado.

Proposição. 2.ª

Os do Portuguez são perversos — Provo.

Estes orgulhosos, e atrevidos illustradores do Mundo, fazendo praça de tantas virtudes (da sua lavra), de nenhuma blasonão mais que de sua veracidade. Infelizes! Deixão perceber sua perversidade, e má fé todas as vezes que se tracta de narrarem factos, em que vejão compromettidos os Demagogos seus Collegas. Sendo esta sua constante marcha, deitarão de todo as mãos de fóra em o N.º 225, mentirão mais do que costumão sempre para defender a canalha, que elles apoião, e para empurrarem ao partido pacato, e honrado, e o mais obediente a ElRei, e á Carta os desaforos, que elles praticão, e praticárão naquellas noites funestas.

Assim que a Serenissima Senhora Infanta Regente julgou conveniente ao Serviço do Estado demittir o Ministro da Guerra, logo ao toque da tronbeta de Revolução Democratica se ajuntou hum montão da relé da plebe, ou populaça, instrumentos materiaes, comprados, e passivos de cabeças amotinadoras, que virão proporcionar-se-lhes o meio de darem o primeiro passo para o premeditado Republicanismo, e que se arrogão o direito de querer dar Leis ao Governo. Nada mais foi preciso: os *Engajadores* de recrutas revolucionarias fazem desfilar pela esplanada das Praças públicas estes Batalhões amotinadores, e a 24 de Julho, para corresponder ao 24 de Agosto, se levantou o primeiro grito desta plebea revolução; e Lisboa em tantos Seculos de existencia nunca vio huma scena semelhante. Ouvem-se duas vozes, ambas sagradas, e tremendas: — Viva o Senhor D. PEDRO IV, Viva a Carta! Ajunta-se-lhe outra disparatada, e indigna de entrar nesta linha suprema — Viva o Saldanha — Ministro demittido; e neste estado hum Vassallo particular; e com huma rebellião formal, com huma desobediencia sacrilega, contra as Ordens d'ElRei representado aqui pela Senhora Regente a Serenissima Infanta D. Isabel Maria, gritão — Queremos o Saldanha Ministro da Guer-

ra, esta he a nossa suprema vontade! Não se respeite o respeitabilissimo Magistrado da Policia, ataque-se o seu domicilio por tão vil canalha, e por seus ainda mais vis conductores, e assopradores, que erão os mesmos que em a noite de 17 de Novembro de 1820 conduzirão com archotes ao Rocio Manoel Fernandes. E que diz a isto, e com que verdade conta isto o *Portuguez* de 26 de Julho? Tenho horror de o dizer!! Chama *Nação* a hum bando miseravel de rapazes descalços, e vadios esfrangalhados, e diz que a Nação desapprovava a demissão do Ministro, e que com o direito proprio da Nação pedia se reintegrasse o Ministro. Elles merecião bem pertencer a esta Nação descalça, e rôta, ou bem mostrão que pertencem. E a verdade com que narrão este facto revoltoso? A verdade he aquella, com que costumão fallar, filha da probidade e integridade, a que se chama perversidade. Não fallão, nem dizem huma só palavra dos insultos feitos ao domicilio do Intendente, dos *morras*, que misturavão aos Vivas, quando os assopradores, e conductores designavão as pessoas, que na revolução começada devião supportar este golpe. Ainda a mais chega a perversidade dos do *Portuguez* de 26. Tem a perversa e inaudita audacia de figurar taes attentados, como signal demonstrativo do desgosto do *Povo Portuguez* pela demissão daquelle Ministro!!! Do *Povo Portuguez!!* Pois o Povo Portuguez, perversos, he figurado, ou representado todo naquelle grupo de rapazes, e vadios, assalariados por vil preço pelos angulos escusos do Terreiro do Paço, e do Rocio, ou tirados das tabernas, e bodegas?

Parará aqui o desaforo? Ah! que nem eu tenho expressões para patentear a Portugal, e fazer chegar aos degráos do Throno o Quadro de tanta perversidade! Attribuem os tumultos, e as desordens áquelles mesmos, e aos proprios, a quem a canalha assalariada por tres continuadas noites andou insultando, e sobre quem fazia resoar o grito espantoso — *morra.* — Leião-se, e eternamente se meditem em Portugal, e na Europa as suas palavras — *Portuguez de 26 de Julho.* —

" Mas os audacissimos fautores da Rebellião, os ini-
" migos d'ElRei, e das suas Instituições, que julgá-
" rão ser chegado o momento de romper, e amoti-
" nar, disfarçadamente lançárão seus Emissarios pela
" Cidade a promover a sedição.

Pode haver perversidade maior? Além, aquelles gritos erão hum signal de desgosto do *Povo Portuguez* pela demissão do Ministro; aqui, não havendo outros gritadores senão estes mesmos, são os emissarios dos inimigos do Senhor D. PEDRO IV e da Carta, que dão principio ao motim, e á rebellião. E ha, ou póde haver palavras, com que se exprima esta descarada perversidade? He providencia, que estes homens escrevessem estas palavras para se retratarem a si mesmos, e não deixarem equivocas as suas intenções. Se isto era assim, porque se não prendêrão logo esses individuos mandados promover a sedição? Então se conheceria quem erão os inimigos do Senhor D. PEDRO IV e das suas Instituições. Mas graças aos procedimentos do Ministro da Policia, graças aos mandamentos, e providencias da Serenissima Senhora Infanta Regente, já estão debaixo dos ferros muitos dos que podem e devem declarar o nome daquelles, de quem forão os fiéis mandatarios, quero dizer, os promotores de tantos attentados contra ElRei, e contra a Carta. Toda a Europa tem agora os olhos fitos sobre nós; e toda a Europa deve conhecer o espirito, de que estavão animados esses, que na fallaz apparencia se mostravão os fautores e defensores das nossas novas Instituições. Insultar desta maneira, e com tal descôco a Nação inteira, só a perversidade dos collaboradores do *Portuguez* o podia fazer. Só o *Portuguez*, inimigo do Rei, e da Carta, porque só o *Portuguez* he o orgão principal de hum Partido Democratico, desorganisador, e exaltado.

Não olhemos este execrando delicto senão por hum só lado, que vem a ser, violentar a livre, e soberana vontade de S. Alteza Serenissima, a Senhora Regente, pondo sua Real Pessoa em verdadeira, e violenta coacção. Se o delicto he grande, e atroz em si mesmo, he maior, e atrocissimo em suas consequencias. Se os levantados conseguem com seus gritos a re-integração do Ministro, nunca mais S. Alteza exercitava acto algum de Soberania. Qualquer Lei, qualquer Ordem, qualquer Decreto, que emanasse de seu Legitimo Poder, era no mesmo instante invalidado, e suspenso: o meio estava prompto, e era efficaz. — Ajunte-se a plebe, distribuão-se archotes, grite-se por Lisboa huma, e mais noites, pegue-se com violencia no Juiz do Povo, individuo incompetente para tudo o que não fôr negocio privativo da

Casa dos Officios, ou dos Vinte quatro, e grite-se — não queremos esta Lei, e este Decreto. porque esta he a expressão da vontade geral da Nação Portugueza. Isto era o que esta *Nação* não queria; e que veriamos quando se tractasse do que esta mesma Nação quizesse? Tinhamos outra vez a Soberania em a Nação, como, ou peor que em 1820, e ficava desde logo ElRei o Senhor D. PEDRO IV hum Ente nullo, e de nenhuma sorte representado na Serenissima Senhora Infanta. Venha a canalha, de noite, e grite — Queremos convocação de Côrtes Geraes Soberanas, e Constituintes, como quer, e não deixa de clamar o *Portuguez;* hajão Côrtes como quer a Nação dormindo aos magotes de dia no Terreiro do Paço, e gritando de noite pelas ruas principaes da Capital; e como esta he a opinião pública, Lei suprema, e expressa pelá vóz da canalha, obedeça o Soberano a esta Lei como o quiz o Padre *José Liberato* Ex-Conego Regrante em sua abominavel, e revolucionaria Gazeta. A Nação não quer Igrejas, nem tantas imagens nos altares; grita a canalha de noite, he a voz da Nação, tome-se tudo a rol, ponha-se em leilão a Imagem do Senhor dos Passos, arrastem-se as outras Imagens pelas ruas com cordas ao pescoço, assim o quer a *Nação*, e o Rei deve dobrar o pescoço á força da opinião pública expressa nos sediciosos gritos da canalha assalariada. Não particularisemos mais estes horrores, mas tudo erão consequencias infalliveis daquelle primeiro attentado, se acaso se realizasse. Estivemos com os pés na borda do precipicio.

Que males não ia a acarretar sobre nós semelhante attentado, a quem o perverso *Portuguez* chama a manifestação do desgosto do *Povo Portuguez* pela deposição ou demissão de hum Ministro, sendo isto huma das attribuições da Soberania dadas e garantidas pela Carta? E não foi este procedimento mostrar aos Soberanos da Europa, que tem seus Ministros em Lisboa, e que lhes não occultão a verdade dos factos, que publicamente occorrem, que este Reino geme ameaçado de transtornos revolucionarios? Não foi isto mostrar a todas as Nações, que he quererem pôr a Senhora Regente na situação de não podêr nomear, ou depôr do Ministerio quem bem quizer, sem attenção a Partidos? E he o perverso *Portuguez*, quem, além de occultar a verdade dos factos promettendo expô-la com probidade, vem

apoiar o atrevimento de hum Partido, que só quer no Ministerio este, ou aquelle?

Não he isto huma improbidade manifesta dos Redactores do *Portuguez?* Revestir a canalha das ruas e das tavernas com o nome de Povo Portuguez, para impôr a este, e á Senhora Regente o jugo premeditado da Democracia? Chamarem Nação á canalha paga para gritar que não approvava a medida, que a Senhora Regente tomou por motivos, que por certo em sua presença forão muito ponderosos! Assim com perversidade se invertem factos, se desfigurão sentimentos, e se expõe a Patria á sua ultima ruina, e seu exterminio.

Não são isto invectivas vagas, como fazem os do *Portuguez*, são proposições demonstradas com evidencia, e com os mesmos argumentos, que os Demagogos me offerecem, porque são públicos em seus Escriptos. Ainda ha, e ainda Deos conserva Portuguezes verdadeiros. Eu sou hum delles, que, ainda que tão calumniado, tão affrontado, tão perseguido, tão vilipendiado por monstros, que ou expirão nos desterros, ou agora gemem nos merecidos ferros, ainda sabe, e pode pelejar pela verdade, pela gloria da Patria, pela salvação do Throno, pelos foros da Nação, pela dignidade do nome Portuguez; que se não vende a Partidos, que he sempre igual, que nunca em seu coração mudou de sentimentos, e que até ao excesso apurado por ter sido auctor no tempo da expirante revolução de 1820 do que se chamou *Escudo da Patria*, declara agora que emprestou o seu nome para este Escripto, e o diz porque o seu auctor está vivo, e he o Desembargador Joaquim José Marques Torres Salgueiro, que ha pouco o continuou com o titulo de *Pensamentos avulsos* sobre idéas Liberaes: se a minha condescendencia foi criminosa, eu me quiz livrar de malvados com Poder, e não tinha animo, nem poder para escrever cousa, que nem ao menos ao longe, e remotamente favorecesse tão infame Causa. O meu Partido he o da verdade, e da justiça. He necessario haver quem rebata as maquinações, e descubra a perversidade dos Revolucionarios, e deste modo defenda a Causa do Rei, e a Causa da Carta. He, e será sempre este o meu empenho. Eu não desejo, nem me importa que se mande emmudecer o *Portuguez*: escreva, mas não faltará á Nação o antidoto, que vá apar de tão corrosivo veneno.

Huma vez se abaterá tão insultante soberba. Varios N.os do *Portuguez*, que tem sahido depois que rebentou o volcão amotinador, parecem dictados pela desesperação, parecem os ultimos arrancos de hum frenetico moribundo, he effeito da raiva de se verem descobertos, de lhes ter cahido a máscara, de se ter desvanecido a illusão, de se terem manifestado os fins pela applicação de meios ridiculos, infames, e por si mesmos ruinosos. Era huma conspiração de dilatadas, e extensas ramificações, que pretextando direitos de petição, de petição feita pela canâlha em tumulto, feita em gritos sediciosos, feita de noite pelas ruas, misturada com pavorosos — *morras* — se encaminhava a mudar violentamente a fórma de Governo, e acabar de huma vez com o Rei, e com a Carta. O que está publico no *Portuguez* he para mim materia sobeja para muitos Discursos, e para huma longa serie de Cartas; e com o que forem publicando farão crescer a materia para nunca acabarmos. Eu satisfarei os homens de bem, que em Cartas as mais honrosas, ainda que anonymas, que assim mesmo talvez hum dia publicarei, me tem pedido em nome de Deos, e da Patria, em nome de todos os honrados Portuguezes, que acuda a manifestar, e a combater tantos desaforos. Cumprirei a sua vontade, e peço aos do *Portuguez* que, visto saberem tanto, e assim o dizerem, declarem á face dos Ceos, e da Terra o nome daquelles, que me comprárão, e assalariárão para escrever a favor do Senhor D. PEDRO IV, e a favor da Carta. Senhores do *Portuguez*, eu sou inimigo das suas doutrinas. Senhor J. J. P. L. porque he honrado, e he verdadeiro Portuguez he

Seu Amigo

Forno do Tijolo 3 de Agosto de 1827. *J. A. D. M.*

NB. Na Carta 8.ª pag. 2, lin. 3, *hoje 27 de Julho*, leia-se, *hoje 31 de Julho*.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 10.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

LI o que era preciso ler desse nauseante papel, chamado — o *Portuguez* N.° 228 de 30 de Julho; a mesma indignação, que os outros me excitárão, me excitou este, porque os motivos sempre são os mesmos; porque de identicas causas identicos effeitos. Quem se não ha de indignar contra a mais descocada impostura, que até agora se vio nestes papeis, que se chamão Folhas volantes, ou Periodicos, quero dizer, contra aquella incessante, e universalissima — *Correspondencia particular*, que estes incognitos, e innominados homens conservão desde aquelle momento, em que se arvorárão *Periodiqueiros*, só com o unico fim de illustrarem o genero humano, que se lhe não queixava de cegueira, e de ignorancia! Apenas appareceo o primeiro N.° dando hum sonóro brado por todos os angulos da Europa, de todas as Côrtes da mesma Europa se lhes offerecêrão desde logo correspondentes, e correspondencias, e tudo isto particular, para ficarem sempre tão obscuros os correspondentes, como os correspondidos. Estes Empresarios da Impostura congregados por hum partido subversivo, para emittirem todas as suas idéas revolucionarias, e amotinadoras (o que se irá demonstrando, com o que elles mesmos escrevem, no decurso destas Cartas) lançárão mão deste miseravel recurso — *Correspondencia particular*. O seu fim principal he tornar odioso S. M. Catholica o Senhor D. Fernando 7.°; esta audacia não tem exemplo no Mundo, ainda na effervescencia das mais descaradas Revoluções. Como o não podem fazer directamente, porque em fim S. M. Catholica tem nesta Côrte hum Embaixador, que faria, como deve, justas reclamações, venha o meio indirecto da correspondencia par-

ticular. Quem conhecerá em Madrid estes insectos, que a nós mesmos moradores em Lisboa são desconhecidos, ainda que sejão nomeados quatro, ou cinco Officiaes empregados em Secretarias, que tão ingratos são a quem os tirou do nada, e lhes dêo hum pão para comer? Com esta supposta correspondencia particular inculpão impunemente todos os actos do Governo; e fingindo transacções Diplomaticas, que não existem, propalão segredos de Gabinetes, armão Tractados, e Convenções a seu modo, lavrão Decretos de evacuação de Tropas de huma Potencia; e a conservação e permanencia de outras Tropas; porque todos os Ministros Negociadores lhes mandão dar parte, na *Correspondencia particular*, de todas as suas occultas negociações. Nada em seus Conselhos determina a Russia, nada em sua Politica dispõe a Austria, nada em suas decisões conclue a França, nada em seu barbarismo quer o Divan, e a sublime Porta, nada em sua alma eminentemente politica concebe Canning, que não venha em *Correspondencia particular* aos Empresarios do *Portuguez*; e nós devemos passivamente acreditar tudo quanto elles dizem, porque elles o dizem, e assim o querem. Das Provincias deste Reino ainda he mais portentosa esta *Correspondencia particular* com os Empresarios. Daqui a pouco será preciso accrescentar mais hum Mácho á récua ordinaria do Correio Geral; porque os que andão no caminho não podem sós trazer a *Correspondencia particular* aos Empresarios do *Portuguez*. Chegámos a tempo de não usar de ironias, e gracejos em materias tão graves, e de tanta cousequencia!!

Esta impostura he risivel, e irrisoria, he hum dos estratagemas da ignorancia, e da perversidade, que são, como se costuma dizer, as duas *caracteristicas* destes varões assignalados. O que devo combater para defensa do Throno, e da sua Lei fundamental he aquella gigantesca, ou sacrilega audacia, com que se arrojão a dar imperiosamente conselhos ao Governo de S. M., o Senhor D. Pedro 4.°, e ao seu illustrado Ministerio: não he fallar com exactidão, e propriedade dizer — *conselhos* —, são formalissimos mandamentos, que não devem ter outra execução, que não seja arremeçar para o fundo do Limoeiro estes sacrilegos attentadores da Soberania. Eu não sou homem capaz de asserções vagas, nem de accusações não motivadas. A pag. 728 deste N.° 228 lêmos estas palavras:

" *Mais de huma vez temos fallado sobre a necessida-*
" *de absoluta, e indispensavel da convocação de Cór-*
" *tes Extraordinarias.*"

Não me digão os do Partido Demagogico exaltadissimo, que eu vou levantar *Questões de nome.* Não são Questões de nome, são manifestações, e denunciações da mais refinada malicia, e perversidade, accendida, e exaltada pelo espirito Revolucionario, e Republicano, que he a grande Causa, e a grande Questão, unica, e necessaria. *Córtes Extraordinarias!* Isto he hum attentado contra ElRei, o Senhor D. Pedro 4.°, e contra a Carta. Nós não temos *Córtes*, nós temos, estabelecidas pela Carta, duas Camaras, a primeira a Camara dos Dignos Pares, a segunda dos chamados Senhores Deputados. Isto são Camaras, isto não são Côrtes. Entre Camaras, que temos, e Côrtes, que elles querem, ha huma differença infinita. Dirão que foi engano nestes homens, e que, em lugar de dizerem — *Camaras* —, disserão *Córtes Extraordinarias.* Engano nesta materia? Pois sendo elles tantos os Empresarios desta Comedia revolucionaria, chamada o *Portuguez*, nenhum de tantos varões illuminados advertio no engano? Se elles o não advertírão, eu lho advirto.

Córtes Extraordinarias! basta este titulo, porque no coração lá lhe ficão os outros — *Soberanas*, *Legislativas*, e *Constituintes.* Esta asserção não he gratuita; eu satisfaço a tudo, porque estas Cartas são hum serviço feito ao Governo de S. Magestade, e ao seu Ministerio. *Córtes Extraordinarias!* Para que? Elles o dizem logo, para nos não deixarem em dúvida, ou para que a não possamos ter.

" *Começa desde então a authoridade da Lei sobre os*
" *Ministros do Rei.*

Pois nós não temos esta authoridade da Lei sobre os Ministros do Rei tão bem expressa na Carta, que o Rei nos dêo? Pela Carta não são agora, e não o serão sempre os Ministros responsaveis? Pois para fazer observar este expresso Artigo da Carta são percisas Côrtes Extraordinarias? Sim, são percisas, porque convocadas pela authoridade legitima ellas se farão Soberanas, e Constituintes por vontade propria. Convocarem-se a si, como fizerão em 1820, era transtornar descaradamente o Governo legitimo, e provocar claramente para a vingança deste crime todas as Nações da

Europa, que jurárão conservar o Estado, e Governo Monarquico sobre as bases da Legitimidade.

Novellistas, ou Novelleiros obscuros arrogarem-se o direito de dizerem ao Governo em tom Dictatorio: *Mais de huma vez temos fallado sobre a necessidade absoluta, e indispensavel da convocação das Côrtes Extraordinarias!* A necessidade da convocação *destas Côrtes* he a mesma, com que pertendêrão illudir a Nação os Revolucionarios de 1820, e são estes mesmos, os que as preparadas listas nomeão, e nomeárão Deputados. Torno a repetir, o caso da responsabilidade dos Ministros tão expressa na Carta, he o motivo da convocação das Côrtes. Que quer isto dizer? Que huma conspiração Democratica nos dá de continuo o signal da sua existencia.

Mas concedamos tudo o que quizerem sobre estas revoltosas, e subversivas expressões do *Portuguez* escriptas ácinte; entendão-se por *Camaras* o que elles mui de proposito chamão *Côrtes*: que audacia he esta de fazer insinuações ao Governo? *Mais de huma vez temos fallado.* Larguem-se destas, que parece são ditas ao acaso. *Necessidade absoluta, e indispensavel*; capacitem-se disto algumas cabeças exaltadas; estas como dispostas sempre para as revoluções, lancem mão dos já vistos despreziveis, e vilissimos recursos; juntem a comprada populaça, que pouco custa, gritem, vociferem de noite, tome corpo o motim, que talvez se illuda, e fascine a Tropa fiel; e ao amanhecer appareção as esquinas forradas de Proclamações, que peção a instalação de huma Republica, e assim conseguiremos, e caminharemos ao nosso fim, pedindo convocação de Côrtes Extraordinarias. (Insensatos! Verdadeiros Quixotes Politicos!) Republicanisemos assim Portugal, que seguindo nossos passos se republicanisará a Europa inteira! — Este he o grande crime, que não deve ficar impune; mas o maior crime ainda, he a profanação do Nome do Senhor D. Pedro IV. nosso Soberano; e depois de tão escandaloso principio de Revolução, qual não teve nem a mesma Revolução Franceza, venha o *Portuguez* dizer aos Portuguezes: — Passou-se a noite de 27 na mais perfeita tranquillidade; o Povo, e a *Nação* entre os vivas do maior enthusiasmo, se recolhêo socegadamente a suas casas!! " Todos os homens de bem se admirão de não verem já todos estes Empresarios pedindo quartilhos de vinho pelas grades do Limoeiro.

Se o grito de convocação de Côrtes extraordinarias se fizesse escutar de noite, na manhã do dia seguinte dizia o *Portuguez*, que o ouro da Junta Apostólica comprou estes grupos de miseraveis, porque os Apostolicos são os inimigos do Rei, e da Carta; e, sendo tão inimigos dos Reis, dão tanto dinheiro aos Reis?? Fernando VII traz o seu exercito faminto, nú, e descalço, a Junta Apostolica derrama thesouros nas mãos de Fernando VII que até não tem com que se sustentar a si; e tudo isto he dito pelo *Portuguez* em huma mesma pagina. Parece impossivel que isto haja chegado ao conhecimento dos Ministros de S. Magestade; talvez se não dignem lançar os olhos para taes infamias de semelhante Periodico, affogadas, ou lançadas em hum diluvio de palavras, que compõe, ou formão as tres columnas deste edificio arruinador, e o mais corrosivo veneno, que se tem propinado ao Povo Portuguez. Ignorancia crassa, e perversidade manifesta.

Este N.° 228 he o mais farto em atrocidades, ainda que me digão que o do 1.° de Agosto traga já o delicto de desesperação agonisante com a declaração de que a Junta Apostolica (vá hum leve gracejo; creio que esta Junta Apostolica vive, e mora n'huma rua junto á Esperança, chamada a rua do *Merca tudo*) tem comprado o nosso actual Ministerio! traslademos.

> « *Ao Club assalariado da rua do* Arco do Bandeira,
> « *chegou ordem para se entrar em regular campanha*
> « *contra os homens, contra as instituições, contra o*
> « *Rei Legitimo, que he o Senhor D. Pedro IV, con-*
> « *tra tudo o que não for traição, e rebeldia. Tomado*
> « *o baluarte da Gazeta de Lisboa pela prudente de-*
> « *terminação do Governo* » (que poz na rua o Gazeteiro com infamia) « *está-se construindo nova Cida-*
> « *della com a invocação de* Gazeta Universal. »

Tudo isto he huma fábula, mas confessem os perversos, que até os faz tremer o nome de *Gazeta Universal*. Que elles digão o que fazem, e o que intentão fazer, porque o vemos escripto, pode ser; mas que elles dêm por certo, e existente o que ainda não está feito, e se ha de fazer, accusando o que não tem existencia.... a perversidade os ce-

ga, e até os faz tôlos, e inconsequentes; *chegou ordem*... donde baixaria? Das nuvens, e, antes que entrasse na porta do *Club*, foi direita á rua da Prata dizer aos Empresarios, que alli vinha, e a que vinha. Pelo que dizem estes Senhores Empresarios pela bôca da perversidade, parece que todas as disposições, que vierão ao *Club*, que elles fingem, primeiro lhes forão communicadas a elles, assim o dão a conhecer pelo tom positivo, e seguro, com que fallão:

« Brevemente verá disseminar por todo o Reino os
« principios, que tem fomentado a rebellião.... em
« summa; verá o espirito de confusão, e de desordem
« confundir os homens, as cousas, as doutrinas, e
« os principios.... baralhar de tal maneira o Reino,
« que tarde se venha a arrepender da sua tolerancia,
« e a querer dar remedio ao que já o não poderá ter.»

Tudo isto elles virão escripto na ordem, que veio ao *Club*. Ora: eu lhe digo, e lhe affirmo, Senhores Empresarios da revolução, que tudo isto verá, e sentirá o Reino, em quanto os consentir a VV. mm. congregados com a penna na mão. Parece que foi hum rasgo da Providencia, que os quiz fazer conhecer! Retratárão-se a si, quando arquitectárão esta Quimera do *Club*, e lhe attribuírão taes operações com tanta segurança, como se já fossem vistas, e existentes. Sim, tudo isto tem visto, e tem sentido o Reino, desde que a praga revolucionaria do *Portuguez* cahio sobre elle. Impudencia, mentira, perversidade, eis-aqui as suas armas. Impudencia, attribuindo o que fazem Demagogos aos Cidadãos pacificos, que só querem o Rei, e a sua Carta, servindo-se da palavra, ou surrado estribilho, que já de todo enjôa — a Junta Apostolica. — Mentira, inculcando sempre, e sempre a *Correspondencia particular*, que nunca tiverão, nem antes, nem depois de congregados Empresarios do Theatro da Impostura. Perversidade, espalhando doutrinas, insinuando principios, e inspirando idéas, que, solapando os fundamentos do Estado, tendem, ou se encaminhão a provocar o odio, e a vingança dos maiores Monarchas da Europa, insultando-os, como constantemente se vê nas injurias dictas a S. M. C., vilipendiando suas determinações com o tom da ironia na exposição da ordem para a aber-

tura do Pateo dos Bichos. Nunca se fez huma guerra mais cruenta ao socêgo, e conservação deste Reino; nunca se lhe declarárão inimigos mais acirrados. A palavra — *Gazeta Universal* — lhes desconcertou, e desorientou de todo a cabeça. Desde que temos Rei, e temos Carta, nunca lembrou isso a seus Redactores; ella foi a arma, que mais debellou os Revolucionarios de 1820; e para ella os mais conspicuos homens de Portugal mandárão artigos. Os Empresarios denuncião ao Governo, o que a *Gazeta Universal* havia fazer, se existisse; eu denuncio ao Governo o que os do *Portuguez* tem feito, e fazem, porque está público, está impresso, está desgraçadamente nas mãos de todos. Não sei se he perversidade, se he demencia! Annunciarem como feito, o que ha de fazer huma cousa, que ainda não existe! Quando o *Correio* do Porto annunciou que os Emissarios da Sucia grande andavão disseminando a creação da Republica dos *Tres Consules*, com letras maiusculas, deitou huma Bomba medonha no meio dos Clubs revolucionarios, cujos estilhaços tanto os amedrontárão, que já não sabem o que dizem, nem o que fazem. Desencabrestárão-se por fim, em ajuntar rapazes descalços, e vadios rotos, e famintos, para gritarem como o *Velho Liberal do Douro* — Valha-nos o Saldanha! Como não pegou com a chusma do rapazîo gritador, nem com os vivas, e morras dos membrudos archotistas, quizerão os Empresarios ver se pegava com a convocação das suas *Córtes* extraordinarias, reforçando d'antemão a cousa com o Discurso *premiado* do Padre José Liberato sobre a Opinião pública, Lei suprema, Lei absolutissima, a que os Monarcas inclinando a frente devem obedecer! Acaba o §. com estas memorandas palavras:

> « *O Governo não póde, nem quererá desprezar estas*
> « *reflexões.*

Sim, não póde, nem deve; mas he para conhecer, e para punir tão manifesto crime, tão sacrilega audacia, tão revoltosa pertenção dos que o querem dominar, e sopear, e buscão com tanto descaramento dirigir suas operações na conformidade de suas miras, e vistas revolucionarias. Que Governo pode tolerar que lhe estejão publicamente dando leis, em ar de conselhos, quatro exaltados turbulentissimos, en-

voltos no pó do desprezo público, que ninguem conhecia; nem conhece, senão pelos recentes, incendiarios Escriptos? Se este estilo he aspero, he preciso acudir assim pela honra da Nação, e salvar a Magestade do Senhor D. Pedro IV offendida, e sua Carta menoscabada, e escarnecida na prática pelos exhaladores de ironicos Vivas. Se estes Emprezarios com seus descobertos projectos desafião a indignação dos Portuguezes honrados, e que sabem que não he com gritos que se obedece ao Rei, se respeitão, e observão as suas Leis; por outra parte desafião o amargo riso dos homens sensatos com sua crassa, e vergonhosa ignorancia. Nada de assersões vagas, que isso he para Declamadores taes, como os do *Portuguez;* venha o N.° 222.

» O Clero largando de si o exclusivo do Saber, que
» por tantos seculos conservou .... »

Que ignorancia! Que puerilidade! Pois o Clero tinha o exclusivo do Saber ha cem, ha duzentos, ou ha trezentos annos? Eu não faço alardo de erudição, lembro o que sei, quando he preciso confundir a impostura, e envergonhar a ignorancia. Abra-se a Historia Literaria de todos os Reinos, e vejão se acaso poderem dar vasão ás infinitas Cartas da sua *Correspondencia particular.* Comecem pela Italia : — Dante, Lourenço Valla, Francisco Filelfo, Policiano, Patrizzi, Guicciardini, Maffei, Muratori, Ariosto, Tasso, Filicaia, Filangieri, Grevio, Holstenio erão Clerigos? Quantos podia citar se quizesse fazer Cartas de Nomes. Passemos á França: — Hospital, Meserai, Descartes, Rohault, De Thou, Racine, e Boileau, Crebillon, e Corneille erão Clerigos? Vamos á Alemanha: — Leibnitz, Wolfio, Puffendorf, Kant, Mendelson erão Clerigos? Limitemo-nos a Portugal: Rui de Pina, Duarte Galvão, João de Barros, Diogo de Couto, Manoel de Faria e Sousa, Francisco de Sá de Miranda, Luiz de Camões, Antonio Ferreira, Francisco Rodrigues Lobo, João das Regras, etc. etc. etc: erão Clerigos? Hespanha: — Cervantes, e Diogo de Sáavedra, e outros, erão Clerigos, ou erão Frades? Se se tratasse dos maiores ignorantes de Portugal, e do Mundo, com quanta razão, e com quanta verdade se porião á frente deste esquadrão infinito de parvos (mas não daquelles de quem he

o Reino do Ceo) e se devião constituir os Empresarios do Portuguez? Olhem que tres Clerigos nos offerece a Inglaterra! Bacon, Newton, e Richardson!! Vamos a mais, e traslademos com fidelidade.

« E a Nobreza entregando de bom grado o monopolio « das armas, e dos altos cargos. »

Aqui devo perguntar, se isto he linguagem da estupidez, ou de refinada perversidade, e malicia? He tudo junto; quem inspira taes discursos para enredar os desacautelados, e ignorantes, e impingir-lhe para seus fins, ideas tão falsas, e tão subversivas? Só perversos, só estupidos, podem assoalhar que a Nobreza fazia até este seculo o monopolio das armas, e dos altos cargos. Não nos apartemos de Portugal, para quem estes energumenos amotinadores escrevem. Quantos Portuguezes bem plebêos sobírão ha duzentos, e trezentos annos aos mais eminentes cargos, e que mais se illustrárão pelas armas? Digão-me, pois vamos até á India, de que casa, e de que familia era *Men Carrasco?* (Carrasco he huma voz agourenta para os Empresarios!) de que casa, e de que familia era o Soldado Conquistador João da Nova, e o Soldado, Rei do Pegú, Salvador Ribeiro de Sousa? De que casas erão Vasco da Gama, Bartholomeu Dias, e Gil Annes? Que Solar tinhão em Lagos sua Patria? Que Fidalgos derão o ser ao Cardeal d'Alpedrinha, e ao Cardeal João da Mota? Quaes erão os nobres ascendentes de tantos Soldados, que conquistárão tantas Praças na Africa, e na Asia? Sabe alguem o nome dos Avós destes Capitães, illustres por si mesmos, e esforçados, que obrárão tantas proezas? Se quizermos alongar os olhos, e a memoria pelas outras Nações, quantos exemplos eu podia allegar contra as trasloucadas asserções, e gratuitos dictos dos Empresarios, que confundirião a sua profunda ignorancia? Vamos ao *Portuguez*, que isto he huma mina inexhausta.

« Como evitarião que hombrée com elles huma massa « de homens, que reune em si a milicia, as artes, as « sciencias, a industria, e a riqueza! »

Só huma crassissima ignorancia se podia contradizer tão ver-

gonhosamente! Gritavão os Senhores Empresarios contra os Clerigos, contra os Frades, contra os Nobres, porque, dizem elles, são os que possuem as riquezas, e desfructão a rica *prebenda dos abusos;* e agora ingenuamente confessão, que na classe media he que estão as riquezas, a industria, as sciencias, as artes, a milicia; e pela mais estranha contradicção, como natural consequencia, he nesta mesma classe, em que existe o monopolio de tudo, como existia nas mãos dos Clerigos, dos Frades, dos Nobres; e he a classe media, em que estes Senhores tem a gloria de chantar-se, quem exclusivamente possue, e desfructa a rica prebenda dos abusos, e dos privilegios, e desgraçadamente sahio o ouro das mãos dos Apostolicos para as mãos de *mil, e huma unhas* destes Senhores. Que queixumes tão affectados são estes contra as outras classes, se tudo existe, e se conserva com posse pacifica, e eminente direito de propriedade nas únhas destes Senhores da media, ou da baixa? Escreva-se a torto, e a direito, espalhem-se sofismas, mentiras, parvoices a torto, e a direito, baralhem-se todas as idéas, tragase o Povo enredado em illusões, malhe-se na paciencia humana com a tão particular *Correspondencia*, e diga-se descocadamente ao mundo, que isto he sustentar a *Carta* contra os Apostolicos, compradores dos Reis, dos Thronos, dos Ministerios, dos Generaes, dos Exercitos, dos Tribunaes, do Mundo.

E não he isto hum Partido ligado por principios, e encaminhado constantemente a hum fim, que he revolucionar a Europa, e levarem ávante o que tão clara, e evidentemente descobrírão na Revolução de 1820? Eu não vejo outra cousa; e as scenas, de que ha pouco fomos testemunhas, nenhuma outra cousa annunciavão, e promettião. Estava o dado lançado, e contavão com o bom exito do jogo, com que querião de todo, e por huma vez acabar com este Reino, que ha tantos annos luta contra sua infelicidade, e seu total exterminio. Ora pois, meu bom amigo, se com a penna pelejão tantos monstros para ruina do Throno, e de sua Lei fundamental, eu não deixarei de fazer huma guerra defensiva ao menos para repellir tão impios aggressores, viboras peçonhentas, que dilacerão, para nascer, o seio da propria mãi, que as gerára. Se elles pertendem enganar a Nação, haja quem desengane a Nação. Elles suspirão pela Liberdade da

Imprensa, pois suspirão pela sua mais prompta, e mais apressada ruina. Em gastando (e gastão logo) todas as munições das descomposturas, calão-se, ainda que se não envergonhem; a razão sempre ficava, e com esta se triumfaria. A ignorancia, e a perversidade, não tem força; podem conservar alguns momentos a illusão, mas esta desvanece-se. A verdade, e a boa fé, não se mudão, nem desfalecem. Acudamos, torno a dizer, ao Throno, cujos fundamentos se pretendem alluir, acudamos á Carta que jurámos, que se procura invalidar tão refalsadamente, rebatamos a audacia, e a impostura. Throno, Carta, Religião, eis-aqui o que os verdadeiros Portuguezes querem; tenhamos huma generosa confiança no Governo. S. A. a Serenissima Senhora Infanta Regente começa a desenvolver huma estupenda energia, superior ao seu sexo. Eu já vou descobrindo Portugal na plenitude d'aquella gloria, em que se vio na Regencia de duas Matronas de nome immortal, D. Catharina, e D. Luiza; terá a mesma duração o nome de huma D. Isabel. Estas pequenas cousas, que eu digo, e que eu escrevo, não chegarão á sua augusta presença, mas chegarão ás mãos dos bons Portuguezes; e eu desejo levantar hum muro de bronze entre elles, e as infamias, as imposturas, e os enganos do *Portuguez*. Nenhum interesse levo nisso, nem o sei, nem o quero esperar, mais do que o bem, a felicidade, a verdadeira, e sólida, e legal liberdade, e independencia da nossa Patria afflictissima, e perseguida por estes fanaticos niveladores das condições humanas. Pois hão de fallar os verdadeiros inimigos da Patria, e hão de immudecer seus verdadeiros amigos? Não; em quanto eu podér mover estes tres dedos escutar-se-ha a voz da verdade, e a verdade sempre triumfa. Tarde comecei, mas ainda cheguei a tempo, porque agora mais que nunca vão em rápido progresso os desaforados tiros, que se dispárão contra a pública tranquillidade, contra a conservação do todo, contra a Lei, que lhe serve de fundamento. Vomitem muito á sua vontade os do *Portuguez* quantos absurdos quizerem, desafoguem, talvez que no aperto da sua mortal agonia; a reacção está prompta, e me parece que irá adquirindo novo vigòr. A paciencia offendida transforma-se em furôr. Não hei de transgredir os limites da moderação, mas não deixarei de repellir a força com a força: assim o pede a natural defensa, assim o quer, e assim

o manda a Justiça. Tenho satisfeito com toda a dignidade, seriedade, e verdade ao que pedia materia tão importante, e assim continuarei nas incessantes Cartas, que se irão seguindo, porque em quanto houver *Portuguez* ha de haver hum Portuguez verdadeiro, que rebata os frenesis, e as imposturas revolucionarias, e atrevidas daquelle falso *Portuguez*, como por vezes lhe tem chamado a Gazeta de Lisboa. Meu amigo, vou preparar a espoleta para dar fogo a outra formidavel bateria. Entre tanto, sou como sempre

Amigo antigo

Forno do Tijolo 5
de Agosto de 1827.

J. A. D. M.

P. S. Que cousa tão galante! Agora neste momento me dizem, e he verdade, que hum Mestre de Meninos (he hum entre muitos, não he este, nem aquelle), que he doudo, anda extorquindo huma subscripção, e já apanhou setenta cruzados novos, para escrever huma Carta contra estas Cartas); ora eu estimo isto, em primeiro lugar pelo que pertence ás assignaturas, porque ao menos, porque o homem tem fome, sempre lhe servirá para hum molho de Brocos, de que elle gosta, e para hum pão para os acompanhar: em segundo lugar estimarei que a Carta appareça, porque então apanho-lhe a palmatoria, e desanco-o com ella; ha de levar mais duzias, que o nosso antigo conhecido Mestre de Meninos Gregos apanhára por seus illustres feitos. Bom he que venhão destas, que por subscripção hão de ser importantissimas!

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

CARTA 11.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

O Desgraçado Portugal, ultimo Reino da Europa, que sentio o flagello revolucionario, talvez que por ser o ultimo, tem sido o mais desgraçado, e o mais opprimido; e depois da primeira Invasão Franceza de 1807 tem ido em progressão lastimosa seus males, e suas calamidades. Parece que alguma pausa querião fazer os reiterados golpes, que temos soffrido depois da morte de tão bom. e pranteado Monarcha, o Senhor D. João VI., quando, pela successão legitima do Senhor D. Pedro IV., tivemos huma Lei Fundamental firme, e segura, ou huma Carta Constitucional, que definitivamente fixa os nossos politicos destinos, equilibra todos os Poderes, estabelece a regra da Liberdade legal, mantem, e conserva a todos inviolavelmente seus respectivos direitos, e põe em movimento regular todas as peças da grande Máquina do Estado. Isto nos dava seguras esperanças de huma permanente tranquillidade. Foi huma illusão esta esperança, que parecia ter hum fundamento tão seguro, qual era, e deve ser, a Carta Constitucional tão solemnemente recebida, e jurada pela Nação Portugueza. O volcão revolucionario nunca chegou a extinguir-se de todo; e se a cratéra não vomitava chammas, e lavas, o bôjo da montanha conservava em si o mesmo fogo, que, por isso que estava comprimido, devia rebentar depois com mais actividade. Vivemos sempre em continuados sustos, temores, e receios, porque a mania revolucionaria mostra por seus procedimentos que não tem cura, e que não he só teima, he pertinacia. Não ha desengano, que a convença, ou que lhe faça mudar os nefandos propositos. A prova mais clara desta verdade foi sempre para mim a reflectida hypo-

crisia com que ouvia acclamar a Carta, e a Legitimidade do nosso Monarcha o Senhor D. PEDRO IV. : sempre desconfiei de tão affectados clamores : de que bôcas sahião elles? Daquellas mesmas, que no seio da desaforada Revolução de 1820 mais injuriosamente vociferavão, e gritavão contra este mesmo Monarcha, cobrindo-o de baldões, e de improperios, assacando-lhe defeitos, e até delictos, que tanto o vilipendiárão á face de todas as Nações da Terra. Eu não receio publicar estas verdades, porque pela Imprensa se fizerão públicas, pela Imprensa se conservão nos existentes Documentos daquella estrondosa facção, que se arrogou a si o titulo de Côrtes Soberanas, e Constituintes. Estes mesmos, que então insultárão tanto o presumptivo Herdeiro do Throno, e hoje legitimo Rei, e Senhor destes Reinos, são os que mais o acclamavão, e exaltavão com tanto afinco, dando clamorosos *vivas* á sua Carta. Democrátas tão pronunciados não podião passar tão repentina, e ingenuamente á apuradissimos Realistas; a sua obstinação punha até hum obstaculo á Graça Divina, para se tornar sufficiente para sua conversão. Não podia ser permanente, o que era affectado; e os véos da hypocrisia não erão tão densos, e espessos que se não rasgassem. A massa, que chegou ao ponto extremo da fermentação, era perciso levar por diante o grande projecto tantas vezes malogrado pela resistencia dos Povos, pela vigilancia do Governo, pela sabedoria, e efficacia das Leis, e pelo concurso da vontade geral de todos os Soberanos da Europa. Nós o vimos nos desastrosos acontecimentos das noites de 24, 25, e 26 do passado Julho, e se comprovão pelos vigorosos, e prudentes Actos do Governo, que degolárão no covil esta Hydra, e suffocárão este começado, e já ateado incendio, que simultaneamente rompeo em tres diversos, e marcados pontos deste Reino, como effeitos de hum Plano de antemão reflectidamente combinado. Os Trombetas assalariados, e complices da Revolução manifesta, que são os infames Periodicos, não podendo deixar de confessar a enormidade do attentado, porque foi público, tem procurado diminuir a sua malicia para suspender o impeto da indignação de todos os homens de bem, que obedecem ás Leis, que adorão o Monarcha, e que não tem outro voto, que não seja o da tranquillidade, a união, o socêgo, e a paz de toda a Nação Portugueza. Dizem estas Folhas

infames, venaes, e sempre revoltantes, e revoltosas, que como os grupos gritadores, e amotinadores erão compostos de individuos das classes infimas, rusticos, e sem conhecimentos, devem ser perdoados, ou minorar-se a sua pena, porque a *Carta dá o direito de Petição.* Seja tudo isto assim, e tenhâmos a baixeza de dizer que aquelles despreziveis montões de Populaça representavão a Nacão Portugueza, e que esta por elles pedia a re-integração do Ex-Ministro da Guerra. Quando os infames Periodicos, e Periodiqueiros declarão que era Populaça rude, e canalha rustica, que não tinha nem conhecimento, nem intelligencia, isto he, que não sabia o que fazia, tambem confessa que havia mãos exteriores, que davão á manivella desta Maquina bruta, e que a movião para outros fins, que a mesma vociferadora canalha não conhecia, e que era passivo instrumento para levar ao fim o mais horroroso attentado. E podem os Peridioqueiros pedir para estes cabeças a indulgencia, e o perdão, que as Leis não podem conceder, sem comprometter a estabilidade, e a segurança do Throno do Senhor D. PEDRO IV., e a força, e o poder da Carta Constitucional, que elle nos dera? Os Peridioqueiros são os principaes co-reos de tão grande delicto; e o Corpo do seu delicto está formado judicialmente em seus mesmos papeis, (e que seus Censores deixárão correr.)

São criminosos de alta traição, e são, depois de criminosos, descarados, impudentes, e atrevidissimos. Leão-se os seus papeis; elles serão lidos, e elles serão julgados em rectissimos Tribunaes, cuja suprema authoridade elles tem com tanta audacia bigodeado. Digo que são descarados, e impudentes; porque vendo-se, e conhecendo-se publicamente quem sejão os actores, e os auctores de semelhante attentado, estando nos olhos de todos os sujeitos, e nos ouvidos de todos, os gritos que elles davão, e para que os davão, attribuem com o ultimo descaramento, o que elles mesmos e outros seus iguaes, e da mesma communhão fizerão, aos homens mais pacatos, sisudos, e obedientes ás Leis; e que nem insultão, nem tem insultado, nem insultarão hum só individuo, e a quem elles dão por affronta nomes de Corcundas, e Apostolicos, e até de Jesuitas, sem se saber jámais o que isto queira dizer. Tractaremos logo deste objecto, e para elle nos preparemos com algumas reflexões. Os grossos

magotes gritadores, e amotinadores, erão compostos da ultima relé da populaça. Sim, homens pobrissimos, e miseraveis, rapazes descalços, e avulsos, sem pais, sem domicilio, sem emprego: quero que entre elles se divisasse algum com eira, com beira, ou ramo de figueira; hum Capelista, hum Fanqueiro, hum Barbeiro, hum Confeiteiro, e hum, ou dous Taverneiros; que tem toda esta mixordia, toda esta matúla do pó, e da lama, que seja Ministro da Guerra este, ou aquelle individuo, para quererem violentar a Vontade Soberana da Depositaria legitima do Poder Real, para que com hum Acto livre, que a Carta dá ao Poder Moderador, demitta este, ou escolha, e conserve aquelle? Não tendo estes gritadores, e instrumentos passivos da revolta, a quem na Gazeta de 27 de Julho dá o Senhor José Liberato do Loreto o *direito de Petição*, conhecimento algum de Legislação, de Politica, de Governo, de attribuições da Realeza dadas pela Carta Constitucional, era preciso que por alguma outra força fossem impellidos, e levados; porque todos elles não olhavão a outra cousa mais que ao miseravel, e vergonhoso estipendio, por que forão assalariados: esta força, que os impellia, e arrastrava, (dizem os descocados Periodiqueiros actuaes) era a força pecuniaria dos Apostolicos inimigos do Rei, e da Carta, que tem feito no Mundo todas as Revoluções, e sustentão todos os rebeldes. Esta asserção dos Peridioqueiros não pode ser contestada, porque em fim estes Apostolicos apanhados, e convencidos, são os que querião a Republica dos *Tres Consules*, como já lhe declarou, segundo a confissão dos Emissarios da *Sucia* Grande, em muito intelligivel letra o *Correio* do Porto N.° 150. Muitos destes Apostolicos estão já mettidos entre ferros; e os Peridioqueiros podem ir á Cadêa, (e devião ir) para que reconhecendo-os por suas caras honradas, e nomes conspicuos, os lançassem em suas Folhas para termos o prazer, e a ventura de os conhecer, e para depois os apuparmos, e investirmos pelas ruas, como se costuma fazer aos Apostolicos. Assim descançaria o Mundo vendo apparecer estes incognitos, e invisiveis Fradinhos da mão furada; estes escondidos Duendes, que tantas tropelias tem feito, e fazem na Europa.

Ora: assim conhecidos pela fé pública de taes, e tão dignos Escriptores públicos, cuja penna no bico, na rama,

e no canudo, he a mesma verdade, receberião na execração, e no odio público, os primeiros castigos de seus crimes, e maldades. O Povo tem visto algumas destas Procissões caminhando a passo grave para a Cadêa, e nestas fieiras não tem visto, nem os rapazes de preço *vintem*, nem os vadios de preço 12, que enrouquecêrão de gritar nas tres noites do festejo; mas tem visto os Apostolicos, que os comprárão, conduzirão, e ensinárão. Nenhum daquelles, que os garrulos Periodiqueiros, sem se calarem já mais, tem descomposto com o appellido de Apostolicos, Auctores do Manifesto da Catalunha, lá appareceo ainda. Os Grandes Patriotas, os *verdadeiros* amigos do Rei, e da Patria, os subditos obedientes, e observadores escrupulosos da Carta, lá estão mettidos pela calumnia, e pela preponderancia dos Corcundas, inquietos, e revoltosos! Este fiado devia ser finalmente descozido; a verdade devia triunfar hum dia da mentira, e da impostura; a Gazeta *Liberata*, e o *Portuguez* refalsado, devião apparecer em toda a luz de sua malicia, e perversidade. Impostores famosos!

Ouça, meu amigo, e ouça o Mundo, o que diz a Gazeta de 27 de Julho, vespera do seu enterro solemne — Artigo *Lisboa.*

" *O Excellentissimo Ministro da Marinha sahia da Se-*
" *cretaria; hum concurso de mais de seis mil pessoas,*
" *quasi todas qualificadas, lhe cercou a carruagem en-*
" *tre vozes — Viva o nosso General Saldanha!!!!!*

Diga agora hum Lambão, ou lambaz Periodiqueiro, que eu sou hum Escriptor de má fé, e que minto!! Eu não altero, nem em huma virgula, nem em hum ápice só as passagens, que traslado desta Gazeta, do Portuguez, e do façanhoso, e louco *Velho Liberal do Douro.* Coteje-se, o que eu traslado, com o que lá está impresso, e depois chamem-me á sua vontade — *Escriptor de má fé.* — Não ha nestes Demonios huma só razão, que combata outra; em se affrontando o homem, está combatido victoriosamente o Escripto. Não esperem que eu dê já mais outra resposta, ainda que os Livreiros a desejem, para venderem as descomposturas. Tractemos a importante materia, defendamos o Governo, desafrontemos os Ministros, acudamos ao Throno, sirvamos a Patria, que de toda a parte he ameaçada de ruina por estes monstros, até aqui solapados, e agora descobertos, e

que as Leis, como espero, vão a punir para conservarem seu vigor, sua força, e sua magestade; defendamos a Carta, que vituperão, e que infringem quando mais desentoadamente gritão — *Viva a Carta.* —

Para que mente, e escreve este punido, e talvez que não envergonhado — Ex-Gazeteiro, *que hum concurso de mais de seis mil pessoas, quasi todas qualificadas, cercou a carruagem?* Esta he a mais fina impostura! Seis mil pessoas qualificadas? Isto já era hum Corpo consideravel; e assim se dava a conhecer que o movimento era geral, e que a vontade universal pedia a re-integração do Ministro, como se a salvação da Patria pendesse daquelles trascendentes talentos Politicos, e como se aquelle Generalissimo Braclai de Tolli podesse manter o Estado, tanto com o valôr de seu braço, e fios da sua espada, como com os bicos da sua penna, e profundidade da sua eloquencia, e politica!! Não está aqui tudo! Era para pôr desta maneira em estado de verdadeira coacção a livre vontade, e o livre exercicio da Soberania delegada de S. A. Serenissima, a Senhora Infanta Regente. Devia saber, mandando lêr a Gazeta na sua presença, que só o Ministro da Marinha fôra *abordado* por hum concurso de mais de seis mil pessoas qualificadas, para se dar a Pasta dos Negocios da Guerra áquelle, a quem S. A., porque o podia, e devia fazer, a tinha mandado tirar. *Mais de seis mil pessoas qualificadas?* Não, Serenissima Senhora, não he assim; mente a V. A. o infame Gazeteiro, não erão seis mil pessoas *qualificadas*, erão apenas duzentos, ou duzentos cincoenta miseraveis dos estacionados de continuo no Terreiro do Paço, assalariados, e acompanhados por alguns dos que as Leis estão julgando, para levantarem aquelles gritos sediciosos, e darem com elles execução ao projecto concebido de acabar com a Monarchia. Seis mil pessoas qualificadas, e amotinadas podião incutir algum temor ao Governo de V. A., e extorquirem com esta exagerada, e imaginaria força as Ordens, e os Decretos, que julgassem necessarios para ultimarem o attentado!

Venhão os Periodiqueiros agora, e digão que eu sou hum Escriptor de má fé, que minto; mas antes que o escrevão, já que achão Censores, que com infracção do Artigo 6.º das Instrucções, deixão imprimir tudo, que me ataque pessoalmente, mostrem que eu não traslado com fidelidade

todas as passagens, que exponho, e que analyso: mostrando sem replica a sua malicia. Venhão, e digão, *resposta á Carta tal, e tal*, vamos a ver; lida a primeira injuria, o primeiro nome affrontoso da introducção do luminoso, e illuminado Escripto, logo se lê — *Não he do nosso intento analysar a Carta.* Insensatos! Se isto nunca fizerão, nem podem fazer, á que chamão resposta? Ao que só podem escrever, descomposturas. Impotente desafogo de ignorantes, e perversos!! Eu só, e vocês tantos!! Não me desanimo, nunca lhe voltarei a frente; e ainda que oppresso com internas anxiedades, e interminaveis dôres, até ao ultimo alento mostrarei ao Mundo, que fui o unico homem em a Nação, que se atrevêo, ou resolvêo a atacar em rosto os assopradores da Revolta; o unico homem, que não teme morrer combatendo pela Religião, pelo Rei, pela Carta, e pela Princeza Depositaria do Real Poder no Governo deste infeliz Reino. Fujo de fallar de mim, mas provocado por tão solemnes mentecaptos, ou patifes sem vergonha, o silencio he cobardia, não he virtude.

Tornemos, meu amigo, a grandes objectos, e tornemos por huma necessaria digressão. Se houvessem homens de bem, poderosos, e pecuniosos, que levados do verdadeiro espirito de Filantropia se ligassem, congregassem, e ajuntassem, reduzindo a massa commum todos os seus cabedaes para sustentarem, e conservarem nos mares poderosos vasos de guerra armados, que extinguissem de todo a piratagem, fazendo livre o Commercio dos Povos, e a Navegação, não serião estes homens benemeritos da humanidade? Não merecerião as bençãos de todos os Povos? Sim. Se houvessem outros, que se congregassem, e ajuntassem pondo em commum seus cabedaes, e haveres para pôr em pratica, e em acção todos os meios, que podesse haver, para vedar o derramamento de contagios, e pestilencias, extinguindo-as nos mesmos lugares, onde constasse que rebentavão, não farião estes homens honra á natureza humana, não executarião a acção mais nobre, e não praticarião a virtude mais heroica, e mais essencial do Christianismo, que he a Caridade? Sim. Se houvessem outros homens, tambem opulentos, que olhando para o estado interior de hum Reino, e para as desgraças de suas Provincias infestadas de salteadores, assassinos, e ladrões, se ajuntassem, e congregassem para extirpar es-

tas assoladoras quadrilhas, constituindo os Povos em socego, segurança, e tranquillidade, não serião estes homens benemeritos da Patria, em que nascêrão? Sim. E se houvessem homens, que com sua authoridade, com sua influencia, preponderancia, thesouros, luzes, virtudes, e trabalhos quizessem vedar, e suspender os males, que aos Thronos, aos Altares, ás Leis dadas pelos Reis, ás Sociedades civís, ás Instituições antigas, e novas, a todos e a cada hum dos individuos de hum Reino causão, e trazem homens mais barbaros que os Piratas, mais exterminadores que a Peste, mais descarados que os Ladrões; não seria esta Junta a mais digna da admiração, e do respeito de todo o Mundo? Por certo nenhuma Ordem militar antiga teria feito maiores beneficios por mar, e por terra; nenhuma das Juntas, e Congregações de Caridade, que se instituirão para exercitar as obras tão meritorias da Misericordia, teria feito maiores bens á humanidade, que geme nos braços da fome, nudez, e enfermidade, do que esta Junta, que se dedicasse, e consagrasse ao acabamento, e ruina de revolucionarios, niveladores, e quimericos Regeneradores das Nações, fazendo-se com estes especiosos nomes seus flagellos, e sua verdadeira perturbação, e ruina. Se se descobrisse esta, a que os mesmos niveladores, e transtornadores das Nações derão em chamar *Junta Apostolica*, e manifestasse seus Estatutos, Constituição, ou Compromisso, verse-hia que querião em pequeno aquillo mesmo, que a Sancta Alliança tão apupada, e tão escarnecida em todos os nossos circulos de niveladores quiz em grande. Extinguir innovações, manter a integridade das Monarchias, e fazer unicamente valer os Sagrados Direitos da Legitimidade, e não intervir, nem ingerir-se no Governo privativo de cada Nação, senão quando houvesse manifesta infracção daquelles principios geraes estabelecidos. Ha muitos homens animados deste espirito, porque conduzidos pela reflexão, e pela experiencia, conhecem que os Revolucionarios, a quem nada contenta, como vimos agora, levantados contra o Rei, e contra a Carta, entre os perfidos gritos de Viva o Rei, e Viva a Carta, em lugar de terem melhorado as Nações com suas illusorias theorias, e mais illusorias promessas, não tem feito mais que arruina-las, empobrece-las, reduzindo os homens a não poderem viver em Sociedade, pois lhe estancão, e arruinão todos os meios, e

todos os recursos da sua subsistencia. Portugal não ficou melhor depois da Revolução de 1820, do que até alli tinha sido: ficou peor do que ficára entre os estragos das invasões, porque nestas, perdendo-se tudo, não se perdêo a Honra Nacional, nem os principios da Religião, nem as invariaveis regras da Moral Publica, como então acontecêo, deixando-nos o fermento, e a semente para rebentar, o que agora vimos, ainda com mais impudencia no escandaloso, e sacrilego ataque contra a Authoridade Real, e contra as Sagradas determinações da Carta Constitucional Os malvados ainda bem não tem acabado este attentado, e já está empurrado ás occultas manobras da Junta Apostolica, que vem a ser, fazer a Junta aquillo mesmo, que quer destruir.

Vai esta Carta aproximando-se ao seu termo, e eu desejo que esta Carta 11.ª fique para sempre lembrada. Eis-aqui o fim do Artigo da Gazeta impudentissima de 27 de Julho.

" *Podemos asseverar que em toda esta geral, e una-*
" *nime effervescencia só tem apparecido os virtuosos*
" *sentimentos de adhesão. e respeito a ElRei, o Senhor*
" *D. PEDRO IV, e á Carta Constitucional tão legi-*
" *timamente dada por elle, e tão dignamente sustenta-*
" *da pelo Excellentissimo Senhor João Carlos de Sal-*
" *danha.* „

Se nos não lembrassemos que logo no dia seguinte fôra deposto o Venerando Gazeteiro, e logo tambem expulso do lugar da Secretaria, que elle não devia contaminar com sua presença, e doutrinas já expendidas naquelle *Campeão*, que preparou a Revolta de 1820, não poderiamos contêr a indignação, e o furor. *Geral, e unanime effervescencia!!!* Pois forão geraes, e unanimes os gritos de rebellião? *Unanimes!* Esta palavra he o monumento eterno da impudencia, e da mentira. Mas este maximo Trombeta da revolução vai coherente com seus principios para caminhar seguro ao seu fim. Quiz fazer acreditar a generalidade da que elle tem o descaramento de chamar — *a mais pacifica, e justa reclamação*, e confunde na massa do povoléo amotinado, não digo eu a maioria, mas a totalidade dos habitantes de Lisboa, horrorisados com o primeiro grito da rebellião: apparecêrão — *os virtuosos sentimentos de adhesão, e respeito*

a ElRei — He preciso mascarrar, e enfarruscar a cara com toda a argamassa de *Adonirão*, e abanar-se com o raminho da Accacia, que alli pozerão para signal, para fallar ao Povo Portuguez, que em seu total he incorruptivel, com tanto descaramento. *Virtuosos sentimentos* são os gritos de infracção da sua Carta em seu mais claro, e menos interpretavel Artigo? Invadir-lhe a Soberania, menoscabar-lhe o poder, são *sentimentos virtuosos?* Assim como o estão escarnecendo com estas amargas ironias, o escarnecerião depois com manifestos insultos, como já fizerão no meio do chamado Augusto Salão do Augusto Congresso. He na verdade adherir virtuosamente á Carta, quebranta-la por huma formal sublevação, por huma effervescencia amotinadora? Sim, á Carta — tão dignamente sustentada pelo Excellentissimo Senhor João Carlos de Saldanha!!

Meu amigo, a sorte estava lançada, o fatal dado jogado, a Revolução tinha principio, era preciso que continuasse. Os Republicanos são féros, e constantes. O fatal Ex-Gazeteiro parece que nasceo para fazer desesperar a paciencia humana, porque insultar desta maneira o conhecimento público sobre objectos offerecidos aos olhos, e aos ouvidos do Mundo inteiro, he pôr as armas nas mãos aos mais pacificos, e indifferentes de todos os homens. Chama este homem, que só pela exterior apparencia lhe podemos dar este nome, chama este homem — *virtuosos sentimentos de adhesão a El-Rei* tantos punhaes apparelhados, tantos estoques de bengalas, tantas espadas núas, tantos — *morras* — distincta, e individualmente pronunciados, tantas ameaças de morte publicamente feitas, tantos insultos a individuos, e a domicilios; tão manifesta contravenção dos mandamentos Reaes; *tudo isto são virtuosos sentimentos!* ah! que este homem já não existe civilmente, e he cobardia invectivar tão acerbamente! Não existe elle, mas existe o papel, que elle escrevêo, e que elle imprimio, existe a Gazeta, que nos vai perder no conceito das Nações Estrangeiras. He verdade que o subsequente Supplemento veio reparar os males de tal Escripto; mas a primeira impressão já estava feita, já não tinha remedio, nem o tem mais do que nesta illucidação, que ainda ha de continuar.

Devo por fim decifrar-lhe hum enigma, e depois lembrar-lhe huma verdade, que talvez (mas isto não he possi-

vel) confunda a canalha insultadora, e amotinadora. Todos estes Periodiqueiros são miseraveis échos huns dos outros. Entendem-se perfeitamente o *Portuguez*, o *Velho Liberal*, e a novissima *Gazeta Constitucional*, tudo he da mesma fabrica; todas estas rodas trabalhão nos mesmos eixos, são huns Telégrafos, que se communicão com os mesmos signaes, que vem a ser as mesmas frases; são huns miseraveis aleijados, que se encostão aos mesmos bordões; são hum conluio, que tem — *Mónita secreta* — e hum de seus artigos he empurrar com descaramento aos outros aquillo mesmo, que elles fazem. Diz o *Portuguez* — *Os Apostolicos* (que he o páo, que lhes serve para toda a obra) mandárão logo naquellas noites seus Emissarios para promoverem a revolta, illudindo os incautos — Vem o *Velho* diz o mesmo; vem a *Constitucional* diz outro tanto: e, ou venha, ou não venha a proposito, vem Garantias, vem Liberdades patrias, vem Systema, que felizmente nos rege. — Mas este ainda não he o enigma: saiba, e conheça que todas as vezes que lêr nestes nauseantes Escriptos estas rebatidas palavras — *Os amigos do Rei, e da Carta* — e depois — *Os amantes da Ordem*, saiba que esta he a *Senha* da Conspiração Democratica, que acaba de se dar a conhecer, mais ainda nas ridiculas desculpas, que os Periodiqueiros dão á rebellião, que na mesma rebellião. Em ouvindo estas palavras a todos os filhos, e netos da revolução de 1820, saiba que são da Liga Democratica; se os observasse em particular veria que não as escrevião, sem primeiro soltarem huma risada parda, amarella, ou sardonica. Este he o enigma decifrado. Ouça agora a verdade conhecida. Quando apparecem levas de prezos por Apostolicos, tem havido Capellista, e Fanqueiro, que pague mais do ajuste ao Boleeiro da sege mandada buscar para conduzir do embarque para a cadêa algum miseravel estropeado, obrigando o a fugir com a sege, só para ter a barbara consolação de o ir insultando pela rua, apupando-o até subir as fataes escadas da prizão; a maior vileza, que se pode cometter no Mundo, he insultar a desgraça. Bispos, Ecclesiasticos, Anciãos constituidos em Dignidade, tem sido assim tractados entre os perfidos *Vivas* ao Senhor D. PEDRO IV, e á Carta. Tem sido levados, e continuão a ser para a cadêa muitos dos assopradores da revolta, ainda se não ouvio, nem ouvirá huma só palavra insultante proferida por esses mesmos abominaveis

Corcundas, ou Apostolicos, que não sabem usar do direito de represálias, nem desaffrontarem-se com as mesmas armas das injúrias, que tem recebido. Eis-aqui huma verdade, que não pode ser desmentida, nem pelo mais puro, e constitucional arruamento. Se alguma desforra tem tirado estes Apostolicos tão infamados, e tão praguejados, he tornarem visiveis os sentimentos de sua humanidade, ou compaixão. São os Apostolicos tão amigos de revoltas, e tão inimigos da Ordem: e não se aponta hum, que fosse na leva para o Limoeiro!! Os que guardão, e observão as Leis, esses são os verdadeiros amigos do Rei, e da Carta. Nas seguintes, meu amigo, continuarei a combater a mentira, e a impostura. Disfarce-se embora a Liga Democratica, ha de ser perseguida, e anatomisada até aos ultimos entrinxeiramentos da sua malicia, e perversidade. Tinha amainado a tempestade periodical, tornou o vento a soprar rijo, e já se vão sentindo os estragos. A *Constitucional* levará huma resposta, como a que levou o *Fiscal dos abusos*, que já estará impressa, que por volumosa não vai na serie destas Cartas: dizem que este Fiscal, que se fingio enforcado para o não ser, está assentado á sombra para fugir dos calôres; vendo-o neste estado, eu nada escreveria, porque se não deve augmentar ao afflicto a sua afflicção, porém quando se recolhêo á sombra já o papel estava na Imprensa. Da Officina Portuense do noticioso, e *veridico* Gandra tambem sahio o que quer que seja; tambem haverá ballas, que cheguem do Tejo ao Douro. Vou escrever a 12.ª porque Mr. Liberato ainda não está livre de ser batido em derrota. Este *Campeão*, até depois de vir de Inglaterra, tem atirado com tantas luvas, que he preciso acceitar-lhe o desafio. Os doze, que forão á Inglaterra em tempo de D. João I, inda cá tem hum parente: e V. m. hum amigo em

J. A. D. M.

Forno do Tijolo 8 de Agosto de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

CARTA 12.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

Sem abandonar a seriedade do estilo, que he preciso conservar para rebater a soberba ignorancia, e as grosseiras imposturas do Periodico *Portuguez*, que com tão pueril ufania assentava dominar com revolucionario despotismo, ou sobre o entendimento, ou sobre a paciencia dos homens de bem, porque via toda a Terra immudecer na sua presença, como já immudecêra na presença de Alexandre, não posso, meu Amigo, deixar de fazer, no tom costumado, huma, ou duas reflexões sobre o moço da estribeira do mesmo Potentado — o *Portuguez*, — hum dos mais solemnes mentecaptos da presente revolta Periodical. Chama-se o tal moço da estribeira a — *Gazeta Constitucional* — agora na sua chrisma, porque no baptismo chamava-se o — *Patriota.* — He o N.º 4, em que promette responder á minha 8.ª Carta, e logo depois desta promessa accrescenta a costumada declaração seguinte: — *Não he nossa intenção analysar agora tão infame producção.* — Então, Sr. da estribeira, que quer fazer, ou como quer responder, ou como se pode responder a hum Escripto sem analysar este Escripto?? Como? Dirá V. m.: Como? Como nós costumâmos, e nós sabemos, que he como costumão, e sabem todos os nossos, que são os *verdadeiros* amigos do Rei, e da Carta, — *descompor*, e affrontar com aleives, e com mentiras o auctor do Escripto. — Nós não sabemos mais do que isto; este he o uso, esta he a prática. Pois então, Sr. da estribeira, outros que taes como V. m. que lhe respondão; mas entre tantos pezares, que nos opprimem, he preciso algum desafogo. Ora: ouçamos todos.

Em tres continuadas, e consecutivas *noites*, de 24, 25, e 26 do proximo passado Julho, esteve Lisboa em mortal, e lastimosa agitação; e, se as vigorosas providencias do Governo não acudissem a reprimir a sedição popular (atiçada pelos agentes da revolução Democratica) com a força armada, era

inevitavel a imminente ruina: isto he huma verdade demonstrada; d'entre os grupos dos *pacificos* Cidadãos, como V. m., e os da Liga lhes chamão, rompião aterradores, e funestos gritos — *morra* este, e *morra* aquelle, porque esta era a humilde, e respeitosa Petição, com que se requeria á Serenissima Senhora Infanta Regente a re-integração do Ex Ministro João Carlos de Saldanha, sem a qual o Reino não podia ser Reino, nem ter Governo, nem ter Representação, nem a Nação Portugueza ser Nação, nem permanecer na linha das Nações, quebrando o jugo do absolutismo, debaixo de cujo jugo tinha por tantos seculos gemido. A estes pavorosos gritos dos Cidadãos *pacificos*, e *tranquillos* se misturavão os insultos, e os attentados nunca vistos, quebrando-se as vidraças, e assaltando-se o domicilio dos Magistrados; e isto com o direito de Petição garantido na Carta! Os homens de bem se escondião em suas casas, outros se retirárão de Lisboa, e Lisboa inteira se conservou em anxiedade, em susto, e em consternação; com a noite se acabava o tumulto, porque a força armada vigiava incessantemente; e por certo os taes Senhores do direito de Petição não se atrevião a expôr as suas caras *honradas* á luz do dia; quando rompia a manhã acalmava o tumulto, porque o tumulto era de noite: e eis-aqui o que o moço da estribeira tem de galantissimo; e eu, ainda que *escriptor de má fé*, como elle me chama com muita urbanidade, trasladarei com escrupulo as suas palavras, e repare-se que a agitação de Lisboa era de NOITE, e de noite

» Os habitantes de Lisboa estiverão sempre tranquillos;
» e, por causa dos motins, nem hum só houve, que se
» retirasse: os Tribunaes patentes, expedindo os seus
» negocios; as Alfandegas abertas, despachando as fa-
» zendas; os Estabelecimentos públicos no seu anda-
» mento regular; as transacções commerciaes sem sof-
» frerem a menor alteração; o Banco, este Estabeleci-
» mento precioso, e nacional, trabalhando em seus nego-
» cios; as Lojas abertas; os Escriptorios de Justiça, e
» de Commercio progredindo em sua marcha, etc. etc.»

E tudo isto de *noite*; mas como os archotes erão muitos, até o Banco podia ver se os bilhetes, que rebatia, erão falsos; e não seria milagre, porque até no Cabo da Boa Esperança, de noite, e debaixo de hum temporal, vio Vasco da Gama que os dentes do Gigante Adamastor erão amarellos!!! Mas não tem côr, nem tem nome este desaforo! Lisboa em agitação, e sus-

to no meio da noite com huma sedição nocturna, com as *Alfandegas abertas despachando fazendas, e o Banco rebatendo!*.. Ser preciso de noite a força armada para dispersar a canalha amotinadora, e Lisboa tranquilla, e as familias congregadas em seus innocentes divertimentos, esperando que amanhecesse para se irem deitar em suas camas! Tudo isto excita o riso, ou mais depressa o desprezo; e huns vermes destes abrem Lojas de Periodicos para somente se vender a *Gazeta Constitucional* na Loja da *Gazeta Constitucional!!* Devo gastar ainda mais huma, ou duas pennadas de tinta com este moço da estribeira do Potentado — *Portuguez.* — Vem o 2.º N.º, e no artigo *Lisboa* 3 de Agosto, fallando dos *simultaneos* motins do Porto, diz: —

» Os disturbios alli occorridos pelos mesmos motivos, e
» razões, que nesta Capital, e que, em quanto a nós,
» em grande parte fôrão devidos *aos inimigos da Causa*
» *da Legitimidade* . . .

Aqui são os inimigos da Legitimidade os que causão os disturbios, e no fim do paragrafo diz — que a Capital » se achava » em hum estado de tranquillidade, como se os anteriores, pro» ximos, e *irreflectidos* disturbios populares não tivessem exis» tido. » No principio são os *inimigos da Legitimidade*, que fazem os disturbios, no fim são os grupos *irreflectidos*, sem advertencia, que os causárão. Quando diz que a canalha os faz, chama lhe *irreflexão*; quando os fazem os inimigos da Legitimidade, são hum crime. O moço da estribeira anda bem mal a cavallo; a cada passo dá logo com os ilhaes n'arêa. Tenho acabado com a *Gazeta Constitucional.* Eu não respondo mais a patifarias; e que hei de dizer á patifaria impudentissima, com que o da estribeira affirma que eu *defendo os Silveiras* quando rebato as doutrinas revolucionarias do *Portuguez?*

Com tudo isto, meu amigo, eu não sei afrôxar na carreira, e he preciso oppôr hum Dique á inundação de tantas desgraças, e calamidades; nós as conheceremos claramente quando o Processo se ultimar. Aterra-me o quadro das desventuras, que esta teima revolucionaria tem trazido ao Mundo, ha já tantos annos. Gemem todas as Nações, onde tem penetrado este contagio. Quantos Soberanos tem sido obrigados a implorarem a intervenção, e o auxilio de Exercitos Estrangeiros para se segurarem, e defenderem dos ataques, e maquinações de seus mesmos Vassalos revoltosos, que procurão derruba-los dos Thronos, e sobre suas ruinas levantarem o Estandarte Democrati-

co? Vem hum Exercito Allemão occupar o Reino de Napoles para o livrar das mãos dos *Carbonarios*. Pode haver maior desgraça para hum Reino, que ver-se na necessidade de soffrer hum peso estranho para se livrar da oppressão domestica; para segurar o Throno, e a Pessoa de seu Monarcha? A quem pede huma Nação que a livre do Despotismo, do absolutismo, da arbitrariedade? A huma Assemblêa occulta de Revolucionarios, jurados inimigos dos Thronos, que assentárão de dominar o Mundo, dizendo que querem melhorar a sua condição. E apparecêrão estes melhoradores de repente no Mundo. Leia-se toda a Historia Universal da Europa; onde se achão as queixas das Nações contra os absolutismos dos Monarchas? Achão-se depois que rebentou a Revolução Franceza, de quem todas estas novas pestes são filhas, e netas. Todas as Nações tinhão Governos, suas Leis, seus usos, e concedamos tambem que suas preoccupações, e tudo isto sanccionado pelo lapso dos seculos, pelos habitos, pelo consentimento unanime; com estes Governos, e com estas Leis prosperavão, erão felizes, opulentos, e respeitados; vivião contentes; e, se vivião em erro, —*felices errore suo* — ditosos com seu engano. Ninguem se queixava, ninguem murmurava, ou de lhe atacarem suas propriedades, ou de attentarem contra sua liberdade individual. Nisto passavão as Nações Europeas seculos; e esta herança de contentamento, satisfação, e harmonia era deixada pelos pais a seus filhos, e huma geração a transmittia a outra geração. Apparece sobre a grande scena do Mundo huma Seita, ou huma Liga de Demonios, cujo elemento he o Mal, e conspirão na desgraça, e na ruina das Nações tranquillas, para se cevarem depois em seus estragos, e dominarem sobre elles com hum sceptro infernal. Começárão por espalhar doutrinas, e a semear entre os Povos principios corruptores de toda a ordem, de toda a obediencia, e de toda a harmonia social. Insinuárão aos mesmos Povos que toda a Soberania era huma usurpação; que todos os Reis, por exemplo, em França, desde Faramundo, e Clodoveo até Luiz XVI, erão huns Tyrannos; que estes Reis, e todos os outros não conhecião outra Lei, nem outra justiça para governarem os homens, mais que o proprio arbitrio, ou capricho; que os bens, que erão só da Nação, erão dados a validos; que os Povos não erão mais que huma massa de escravos tornados propriedade dos Tyrannos, e usurpadores, e que por isto todos os Povos devião cuidar em sua emancipação, e alforria, e que para isto era necessario impôr, e dar huma

Lei aos Soberanos, e não recebe-la de suas mãos, porque á Soberania existia essencialmente em as Nações, e que não era herança de hum só individuo, conservada successivamente em huma só familia; que os Reis não fizerão Povos, a quem governar; que só os Povos elegêrão, e devem eleger Reis para os dirigirem, com aquellas convenções, que só os Povos podião dictar, e determinar. Isto disserão, isto escrevêrão, e isto insinuárão na ordem politica; e como era preciso quebrar todos os laços sociaes, e para isto era preciso lisongear todas as paixões, e divinisar todos os vicios, para este grande fim era preciso remover o maior obstaculo, e este obstaculo era o respeito, submissão, e amor, que os Povos conservavão á sua Religião, era necessario persuadir-lhes que, assim como a Realeza era huma tyrannia, a Religião era huma impostura, e que este culto externo, que se dá a Deos, era hum estratagema, com que a Politica subjugava os Povos, e com que os Ministros deste externo culto espoliavão, e absorvião a substancia dos mesmos Povos: hum diluvio de Livros, e de volantes Impressos se começou a derramar por todas as Jerarchias, e até pelas classes infimas dos mesmos Povos. Corrompidos desta arte os corações, e obscurecidos os espiritos, e postas as Sociedades em fermentação, espiárão, e observárão sempre o momento opportuno da explosão revolucionaria, porque todos os homens desejão naturalmente o estado da maior felicidade possivel, e este desejo continuamente os illude; e, arrojado o jugo da Soberania, facilmente se arroja o jugo da Religião.

Este he o retrato dos fataes Regeneradores dos Povos, e estes são os caminhos abertos para a desgraça das Nações; e neste espelho, que offereço aos olhos dos verdadeiros Portuguezes, lhes faço ver o nosso estado em 1820. Se os Grandes do Reino não podérão soffrer a infamia do casamento de D. Sancho II com D. Mecia de Paredes; se os irmãos do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira peleijavão contra este Reino no exercito de D. João I de Castella; se o Duque de Caminha, o Marquez de Villa Real, o Conde d'Armamar, e D. Francisco Manoel seguião o partido da Hespanha no Ministerio, e valimento do Conde Duque de Olivares contra ElRei D. João IV, nada disto foi huma revolução geral, foi hum crime particular, ainda que delicto d'alta traição. Não era huma conspiração contra a Realeza em *Geral*, era a vontade de terem hum Rei desta, ou daquella Dynastia, ou por erro de entendimento, ou por interesse particular. Nunca houve queixas, nunca houve

murmurações contra o Governo, contra as Leis, contra a Administração; em huma palavra, nunca houve revoluções Democraticas. Huma vez só se escutou a palavra *Republica* na bôca de hum Portuguez, quando nas dúvidas e receios do Duque de Bragança, hum dos quarenta Acclamadores disse a Antonio Paes Viegas: — Vá, e diga ao Duque de Bragança que, se não acceita, então faremos huma Republica.—Isto que então proferio a magnanimidade de coração, e o sentimento da independencia, que não tolerava hum jugo estranho, he hoje o objecto unico dos votos da rebellião, e da malicia da Liga pertinacissima na confusão da ordem social, e na destruição do Throno, e do Altar, pelos que mais furiosamente gritão: *Viva o Rei*, e *Viva a Carta.*

Antes de rebentar o Volcão Democratico de 1820, que se ouvio por muito tempo? Espalhadas murmurações por entre os Povos, queixas do Despotismo, do absolutismo, da arbitrariedade, de abusos, de dilapidações; clamores surdos de que era preciso hum Governo energico para remediar tantos males; que não podiamos sahir da escravidão, sem convocação de Côrtes Geraes, Extraordinarias, e Constituintes para reformar a Constituição da Monarchia. Que as riquezas do Estado erão comidas pelos Mandões, e pelos Zangões. Que os Aulicos, e os Lisongeiros se assenhoreavão de todos os Empregos, e illudião o Monarcha. *Que a illustração do seculo, o derramamento das Luzes, e os progressos da civilisação*, fazião conhecer aos Povos que era chegado o momento de reassumirem os *inauferiveis direitos* da sua liberdade, e viverem só debaixo do *imperio da Lei;* e outros que taes palavrões, com que derão agora em explicar tudo, ou em pretextar a revolta; palavrões, que servem para tudo, e com que trazem enredados, e confundidos os Povos, dispondo-os assim para fantasticos melhoramentos, imaginadas reformas, e quimericas innovações, fontes de todos os bens, e de todas as venturas; e tudo isto para se seguir, o que vimos em 1820: Scena luctuosa, que se pertendêo renovar agora para passarmos ainda para peor estado, e mais desgraçada condição, qual era a do intentado Republicanismo, depois de haverem estes mesmos pertinacissimos revolucionarios prodigalisado tantos, e tão affectados Louvores ao Monarcha, que nos governa, e á Lei fundamental, por que nos governa, que observada como deve ser em toda a sua plenitude, fixaria de huma vez, e seguraria o estado de tranquillidade, que tantas inquietações, e tantas desgraças nos fazem desejar,

porque na verdade a condição das Nações Nómadas, e errantes, a inculta barbaridade dos negros de Zanguebar he preferivel ao estado, em que nos pozerão, e querem pôr os mesmos revolucionarios de 1820.

O Gazeteiro Ex-Conego Regrante, jubilado, e aposentado sem os ordenados, e emolumentos da sua Cadeira pelo Supplemento de 28 de Julho, incessante trombeta da revolução do Porto, no artigo — *Turquia* — da Gazeta de 27, em que eu mostrarei a guerra declarada a ElRei o Sr. D. PEDRO IV, e á Carta com huma malicia, que apenas acharia semelhante em Satanaz, diz-se conhecedor das intimas intenções dos rebeldes, que acclamando hum Governo Monarchico — *Querião, e ainda querem por tanto impor-nos a Lei Musulmana, e fazer-nos passar da classe de homens, e de subditos constitucionalmente livres para a baixa, e vil sorte de Vassallos Turcos sujeitos a hum Sultão.* Parece isto dicto, e annunciado com huma simplicidade angelica; porem he dicto, e annunciado com huma malicia diabolica; que outra cousa insinuavão os revolucionarios de 1820 senão que hum Rei sem as maniotas de Côrtes soberanas como elles as formárão, em que o Rei não era mais, que hum vergonhoso executor das suas altas, e absolutas determinações, não he mais que hum Sultão, e que seus Vassallos não ficão sendo mais que viz, e miseraveis escravos Turcos, e que esta fôra, e tinha sido a condição de todos os Portuguezes em quanto não tiverão Côrtes Soberanas, e Constituintes, nas quaes exista essencialmente o Poder exclusivo de fazer Leis, e de as impôr aos mesmos Soberanos, como elles praticárão (isto não he asserção gratuita, eu darei logo a prova extrahida do mesmo artigo *Turquia*)? Tudo isto, dizião elles, he para destruir, e acabar o absolutismo *Musulmano*, e arbitrariedade dos Reis, e tirar os Portuguezes do abysmo da escravidão: e que se seguio? Exercitarem elles hum absolutismo mais que Musulmano. O Sultão não dá razões, nem allega Leis, quando a casa deste, ou daquelle manda *o fatal cordão*, com que se deve enforçar, ou estrangular; nem a ordem para este, ou aquelle se desterrar. Tudo isto he arbitrio, tudo isto he Musulmanismo. E que fizerão as Côrtes Soberanas, e Constituintes, ou que praticou o Soberano Congresso, e seus Ministros? O que nunca fizerão Turcos para consolidar o seu Systema Governativo. Dormia o Cidadão tranquillamente em sua casa, seguro no testemunho de sua consciencia, que lhe não fazia amarellecer o rosto com a lembrança de algum cri-

me: hum Meirinho o acordava em sobresalto, e lhe intimava a ordem do Ministro da Justiça para dentro em poucas horas se desterrar, tivesse, ou não tivesse meios, do centro da sua familia: embora levantassem alaridos até aos Ceos, mulher, e filhos desamparados, embora gritasse a innocencia, embora clamasse a Justiça, embora gemesse a Natureza, não constou jámais que huma só daquellas ordens verdadeiramente Turcas se suspendesse, ou revogasse. O Systema da Liberdade devia consolidar-se com os actos do mais barbaro, e tyrannico despotismo. Não só vimos desterros de huma povoação para outra dentro deste Reino, mas para fóra deste mesmo Reino, sem outra razão mais do que o capricho do mais brutal absolutismo, e sem nenhuma consideração de humanidade. Apresente-se hum individuo sem levar comsigo meios de subsistencia para hum só dia, no meio de hum Reino estranho, entre gente desconhecida, sente-se no poial de huma porta, e espere da natural compaixão dos homens huma fatia de negro pão para não cahir desfallecido, e o abrigo de huma choupana, ou pucilga de brutos animaes, onde se acolha das injurias do tempo. Perguntem-lhe espantados os homens pela causa da sua desgraça, e do seu desterro sem Sentença, que o determine, e sem tempo, que se lhe assignale; elle responderá que são as Liberdades patrias, e as Garantias Constitucionaes. O que não vai expirar faminto n'hum desterro, prive-se até do ar commum a todos os Entes, e vivo cadaver sepulte-se em huma lúgubre, e esteita prisão; e se o absolutismo revolucionario se dignar dar-lhe, ou apontar-lhe huma causa, dir-se-lhe-ha, depois de lhe chegarem as barbas ao peito, e de se lhe não verem os olhos de encovados, que alli está, e estará, porque se suspeitou que não era affecto ao Systema! Ao que não geme em prisões, e em desterros, arranque-se lhe das mãos, e dos dentes hum pedaço de pão, comque se alimentava, e com seus filhos repartia, privando-se do Emprego, que era seu porque o comprára, ou que era seu porque lho derão como premio, ou recompensa de seus serviços, porque houve hum individuo que disse, que elle sentia mal da nova ordem de cousas!

Tudo isto he feito, e mandado fazer por aquelles mesmos, que tem dicto que os Reis sem Côrtes Soberanas, e Constituintes são huns Sultões, e seus Vassallos huns Escravos Turcos muito contentes com o dogma da obediencia passiva. O que estes Revolucionarios querem, e tem sempre querido he que não haja Reis; querem que estes não promul-

guem Leis, nem dêm Constituições aos seus Povos, porque a grande Causa, que unicamente tractão, he o Republicanismo, porque hum Rei que deva, e possa dar a Lei, e Lei Constitucional do Estado, he hum Sultão; e he esta a idéa, que nos querem dar de todos os Soberanos Portuguezes, que sem Côrtes Soberanas, e Constituintes tem governado, e governão este Reino. Por mais que se queirão disfarçar e dissimular, lá deixão insensivelmente escorregar huma palavra, que os dá de todo a conhecer, que lhes descobre as intenções, e que patentêão o grande fim, a que se encaminhão. Este ex-Regrante, e ex-Gazeteiro, deita a máscara no chão neste famoso Artigo da *Turquia.* Tracta de difinir a Lei; diz com muita sinceridade que esta *he o resultado do geral consentimento de todos.* Vejão se o querem mais claro. A Lei he a vontade do Superior declarada aos subditos. — Isto quer dizer Soberania, porque se o Soberano não dicta a Lei, não a sancciona, não a promulga, não a suspende com sua livre, e independente vontade, não he Soberano; mas quando o ex-Regrante nos diz que he o *resultado geral do consentimento de todos*, aqui temos a Soberania não em o Rei, mas nas Côrtes Soberanas, ou no Povo representado pelos seus Procuradores, ou Deputados, e no fim de tudo isto — Viva o Senhor D. PEDRO IV, e Viva a Carta! Logo a Carta, que elle dêo, como não he o *resultado do geral consentimento de todos*, isto he, como elle a dêo, e não a fizerão os Povos para lha dar a elle, não se deve a esta Carta, ou Lei fundamental a obediencia passiva, que se deve á Lei. Para nos não deixar em dúvida accrescenta:

» *Porem querer que a mesma obediencia sem restricções* » *se preste ao* HOMEM *centro de todas as paixões, he* » *querer entregar as almas, e os corpos de todos os Go-* » *vernados á roda inconstante de huma verdadeira Lote-* » *ria politica.* »

Que tal está a doutrina! Quem será este Homem, de que se falla? He hum Homem, a quem se presta obediencia, e este Homem he o Rei; logo, como este Homem he o centro de todas as paixões, se este Homem Rei mandar alguma cousa, isto he, se elle promulgar como Soberano alguma Lei, não se lhe deve obediencia, porque a Lei pela definição dada, *he o resultado do geral consentimento de todos*, isto he, dos Povos representados em Côrtes pelos seus Deputados. Esta he a doutrina, e assim se tracta a Carta dada pelo Senhor Rei D. PEDRO IV, que foi acto da sua suprema vontade, e não resulta-

do do geral consentimento de todos. Não sei se argumento bem, porem não me parece má Logica, e estimarei que os grandes Legisladores da Caverna Republicana me destruão o argumento. Combine-se esta doutrina com os Vivas ao Rei, e com os Vivas á Carta. Não se obedeça ao Rei porque he Homem, e o Homem he o centro de todas as paixões; não se reconheça a Carta como Lei, porque esta Carta he dada por hum Homem só, e não he o resultado do geral consentimento de todos: e por todas estas grandes, e ponderosas razões venhão Côrtes Soberanas, que são os verdadeiros Estados Geraes; e se a França assim caminhou para o Republicanismo, caminhemos nós tambem; e se no Theatro se derão vivas a hum Presidente, este Presidente não era de nenhuma das Camaras, porque ambas o tem, para alguma cousa que não erão Camaras se acclamava este Presidente.

Torno lhe a dizer, meu amigo, que tivemos os pés na borda do precipicio; a nossa ultima ruina estava Jurada, e Decretada; se vingasse o projecto da raiva, ou da loucura de todo em todo se perdia este Reino, talvez que o mais digno de existir na Terra; isto não o digo eu, porque me poderia arrastar, ou cegar o amor da Patria, que como hum voraz fogo me abraza; isto dizem seus mesmos Annaes, que guardão as Memorias das suas virtudes, e os monumentos da sua grandeza. Oito dias não se conservaria de pé o fantasma Republicano. Todas as Nações cahirião de chófre sobre este palmo de terra, nem hum passo poderiamos dar, que não fosse por entre armas Estrangeiras; e os montões de ruinas, em que ficasse Portugal, servirião de despertador ao Mundo, que o acautelasse contra as maquinações dos fataes Revolucionarios, a quem o mesmo quadro das desgraças, que causão, não atemorisa.

E atrevem se estes hypocritas arruinadores a fallar em melhoramentos, felicidade, e tranquilhdade dos Povos!! Ha situação mais miseravel que a situação, em que elles poserão Portugal desde a infaustissima Epoca de 1820? Só a Providencia Divina lhe pode ainda dar remedio. Julgavamo-nos seguros com o Rei Legitimo, com a Carta de Constituição, que elle nos dêo emanada da sua Soberania; pois refalçadamente se maquinava contra huma, e outra cousa, e descobertamente nos manifestárão estas mesmas de tão longe premeditadas maquinações. Até parece que se recusa a penna a escreve las: a Justiça as patenteará. E atrevem-se estes monstros a fallar em Despotismos, e Absolutismos! Atrevem-se a prometer-nos ven-

turas, e dignidades do homem! O Rei, e a Carta nos affiançāo isto, mas elles não o querem. Até os tenho ouvido lastimar os Uniformes dos Senhores Deputados, vendo os tão tristemente vestidos, junto aos Dignos Pares; estes lhes parecem Portuguezes antigos e aquelles os pobres do Lava-pés. Isto não sei eu se he assim, porque ainda não vi nem huns, nem outros com seus Uniformes; sei que ellès não olharião por accidentes, só quererião não as Còrtes chamadas pelo Rei, e pela Carta, mas aquellas Côrtes, que se convocão a si mesmas, que se dão o titulo de Soberanas, e que dominão com mais que Asiatico Despotismo sobre os Reis, e sobre os Povos, porque a huns, e outros tem jurado interminavel guerra; ao Reis, tirando-lhes os Thronos, e aos Povos a liberdade, a paz; o socêgo, a abundancia, e todos os bens, que poderião gozar na Sociedade, a que os chamou a Natureza.

Isto, meu amigo, he o que posso dizer-lhe sobre este Artigo — *Turquia.* — Em tão poucos dias, que o Padre D. Liberato se conservou no Ministerio da Gazeta não podia manifestar mais claramente o espirito, que anima a Liga perturbadora do genero humano; forão poucos, mas soube-os aproveitar, para nós forão muitos, porque nelles colhemos, e ajuntamos muitas riquezas. Este Oraculo emudecêo; mas continúa a fallar da trípode, ou da tripeça o *Portuguez.* Ouvir huns, he ouvir outros, e ouvir todos, porque todos estão afinados no mesmo tom, todos cantão o mesmo cantochão monótono, ou uniforme. Cometer todos os attentados politicos (porque com sua moral nada tenho), urdir as mesmas tramas, insinuar as mesmas doutrinas, espalhar os mesmos principios, maquinar, e assoprar as mesmas revoltas, fazer levedar a mesma massa revolucionaria, e empurrar tudo á carga cerrada aos Apostolicos. Passa-se pelo Largo do Limoeiro, lanção-se os olhos para as cabecinhas enfiadas pelas grades como *Galinhas* em capoeira da Praça, são as cabecinhas delles, e não há pôr a vista em cima da cabeçorra de hum Apostolico: a teima destes he para a Sé; quem quizer ver Apostolicos em grossos magotes dê comsigo na Sé; e quando vir homens com caras de homens de bem, com os joelhos dobrados, as mãos levantadas, os olhos baixos diante do Altar da Senhora da Rocha, mexendo muito com os beiços; e, depois de se levantarem, tornando outra vez a ajoelhar com hum joelho, ou com ambos, irem deitar o seu patacãosinho na bandeja, que está ao lado esquerdo, ninguem hesite de lhes chamar no mesmo instante — Apos-

tolicos —; e como elles dizem do coração — Viva a Religião — tambem do coração dizem: — Viva o Rei, e Viva a Carta. — Não dirão no Theatro — venha o Hymno —; mas por certo gritarão na sua casa: — vamos ao Terço —, que são horas de cêa, e depois cama. Se os filhos mais espertos lhe dizem lá pela noite alta: O' Pai, ahi vão archotes; elle lhe responderá sem se tirar da cama; ó filho, eu se me levanto daqui, eu te farei dormir; reza ao Anjo da Guarda, e moita. Se ha Junta Apostolica, estes são os seus membros, estes não dão que fazer á Policia, e nunca darão que fazer ao Carrasco.

Está chegando a vez ao endemoninhado *Velho do Douro;* deixe ver se melhora da rouquidão, em que ficou de gritar pelo Saldanha: — Valha-nos o Saldanha! Se lhe não der agora em gritar mais, visto ter ido para longe: a trovoada já lhe vai estando perpendicular: mas eu quero fallar primeiro com elle, e perguntar-lhe se conhecêo hum Clerigo com figura de Esôpo, que primeiro foi vendilhão da rua na Bahia, depois Frade Capucho, depois Clerigo, papa jantares eterno, que se gabava de não accender lume em casa, e que ralhava sempre dos jantares de mofo, dizendo que lhe davão carne do Certão, que mui favorecido do Excellentissimo Conde dos Arcos, apenas o vio mandar prezo da Bahia escreveo logo contra elle; que aterrado de ouvir dizer a ElRei na Audiencia. "Conde de Villa Flor, aquelle he o Padre da Gazeta da Bahia" fogio de Lisboa, e nunca mais appareceo; depois de me informar de tudo isto com elle mesmo, então cuidarei logo no *Velho Liberal do Douro.* Vá V. m., meu amigo apartando os Numerosinhos para me enviar, e tenha para isto a saude, que não tem

Seu Amigo *J. A. D. M.*

Forno do Tijolo 10 de Agosto de 1827.

N. B. Cumpre advertir que o primeiro §. da pag. 3.ª da Carta 10.ª sobre a differença de *Córtes* a *Camaras*, se entende na accepção das nossas *antigas Córtes;* posto que não ha dúvida que a Carta dá esse nome ás Camaras collectivamente, (e he quanto basta,) cuja accepção he nova, como bem se pode ver conferindo-a com a definição de *Córtes* nos nossos Diccionarios.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.
Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

CARTA 13.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

A Scena he galantissima, meu amigo; apparecem, e irão apparecendo estas Cartas, e apparece no mesmo instante huma matilha de gozos atrelados huns aos outros a ladrar, e a ganir, huns coxos, outros aleijados, e todos sarnentos, e miseraveis. Que heide eu fazer? Ainda nem hum só da matilha se atreveo a declarar seu nome, tudo he anonymo, tudo he incognito; e por fim, tudo he canzoada; e todos ladrão. Eu devia pegar n'hum arroxo; e que faria com isto? Escadeirava dous, ou tres de huma lambada, ficavão ganindo na lama, e depois calavão-se; os outros fogião, e com vergonha de cão tornavão a ladrar, como fez o Fiscal dos Abusos, com segunda jumentada; já pela primeira elle levou huma tunda magistral: e quererá v. m. que eu me entretenha só em enxotar cães? Agora appareceo hum, que me fez dó; he hum podengo velho, cheio de mataduras, e insanavel rabugem; he o amigo dos Brocos, ou o Mestre de Meninos, que tambem se quiz aggregar á matilha, e apparecer no Mundo com a — *Resposta á* 1.ª 2.ª *e* 4.ª *Carta*, e diz logo no 2.º §. — *Li as ditas Cartas com pressa, e por isso não espereis que vos faça a analyse, que merecem em quasi todos os seus periodos.* — Ora: não era bem assentada a primeira lambada neste podengo pelado, e sarnento; e, para fallar sem figura, não lhe devia entrar logo na escóla, e apanhar lhe de subito a palmatoria, e zurzi-lo como lá por essas Provincias se costumão agora zurzir as mulheres corcundas? Pois tu dizes que respondes a tres Cartas, e dizes que as lêste com *pressa*? Pois tu pódes responder, sem ter lido com muito vagar, muita attenção, muita reflexão? Pois tu affirmas que as lêste á pressa, e tiveste tanto vagar, que trasladaste

tantas, e tantas passagens por extenso, ainda que alteradas; e dizes que foi á pressa? Vai-te daqui, Demonio, tu não sabes o que dizes; e se a mãi Domingas te não migar melhor os Brocos, do que tu escreves, não terás que jantar. Vai ladrar a huma Horta, e não tornes a atormentar o Mundo com taes latidos. — Venha outro — *O Velho Liberal do Douro.* —

Este cão he damnado, meu amigo, e como tal he perciso atirar-lhe como a cão damnado. Nada do que elle tem dito, ou escripto cahio em saco roto; tudo apparecerá em papel separado, com que lhe não heide deixar huma pedra sobre outra pedra, pois jurei não deixar nesta época funesta o veneno revolucionario sem o antidoto, que o destrua. São tantos os papeis, que até da Bahia me tem mandado, como memorias para a historia civil, e politica deste homem, que nem as Memorias para as Côrtes Lusitanas daquelle antigo Religioso Patriota! São tantos os Documentos, tão bem ordenados, e dispostos, que se eu como o *Quevedo* quizesse compôr a vida — *Del Gran Tacanho* — não tinha mais que ordenar aquelles Documentos com a ordem numerica dos Capitulos. *Gil Blas*, o *Bacharel de Salamanca*, o *Peralvilho de Cordova*, não fizerão mais figuras!! O Capitulo da recepção do 5.° grão he a cousa mais curiosa, que ha. Em fim Portugal terá tambem o seu *Gil Blas*, e isto não são promessas de Camões feitas pelos Francezes, quando cá nos vierão livrar da influencia Ingleza. V. m. me diz que lhe responda, e isto he de summa difficuldade nos estreitos ambitos de huma Carta, e eis-aqui o motivo. Hum doente no delirio de huma febre ardentissima não poderia dizer cousas mais disparatadas, e mais freneticas. Compõem-se os seus cadernos de duzentos, e trezentos paragrafinhos de poucas linhas; não he possivel achar hum nexo, que prenda hum ao outro: nenhum he consequencia do antecedente, nenhum tem relação com o que se lhe segue. Sempre a gritar frenetico, sempre disparates, sempre ignorancia crassa com patifaria superfina! V. g. falla nas Cartas de S. Paulo, e de S. Jeronymo, lembrão-lhe as *Cartas Persianas* de *Montesquieu*, pois encamba tudo, e junta ás Cartas de S. Paulo, e de S. Jeronymo as Cartas *Persias*, como elle lhe chama. Falla do Historiador Hespanhol João de Mariana; sem mais, nem mais faz huma promoção, e declara-o Bispo, *o Bispo Mariana*, sem que o triste Jesuita João de Mariana deixasse

jámais de ser o Padre João de Mariana. Quer citar hum Texto do Livro de Judith; e sem nunca o ter lido, nem saber onde vinha, profere esta parvoice. — *Diz a Escriptura Santa orando a Deos* — (olha que não te valle aqui o Saldanha, ainda que grites por elle — *Valha-nos o Saldanha!*) Pois a Escriptura he quem ora? Anda cá, velho frenetico, tonto, e endemoninhado, eu te digo o que he. Quando Judith cortou a cabeça a Holofernes, disserão-lhe os habitantes de Bethulia — *O Senhor te abençoou com sua força, e virtude, por ti reduzio a nada os nossos inimigos.* — Tu não sabes o que dizes; e disseste *que era a Escriptura Santa orando a Deos.* Aqui o *nada* he termo figurativo, isto he — acabou com os nossos inimigos, isto não he a *anníquilação* no sentido natural, e literal como os do *Portuguez* entendem, quando fallão da morte. Tu dizes, porque nunca sabes o que dizes — *Respublicas Democraticas*; pois acaso ha Respublicas Monarquicas, ou Realistas? Muitas vezes tenho avulsamente pegado n'hum ou n'outro N.º do Velho, e entre os disparatados pulos, que dá de huma especie para outra, seja qual fòr a materia de que tracte, ou prometta tractar, he constante n'huma só cousa, e vem a ser — O Sermão de Exequias d'ElRei na Igreja da Estrella; e com aquella cabeça daquella materia, que serve sempre de comparação para se dar a conhecer huma materia dura, não póde jámais entender o que lá está escripto para se engrandecer a virtude da clemencia do defunto Monarcha. Para se dar a conhecer a grandeza desta virtude se allega hum contraposto, que a faça resaltar, e realçar ainda mais, e vem a ser — Que David sendo hum homem formado pelos moldes do coração de Deos, e tão brando de condição, que disse ao mesmo Deos — *Lembrai-vos, Senhor, de David, e toda a sua mansidão* — no leito da morte disse a seu filho Salomão: — *Lembra-te do que me fizerão Joab, Semei, Abiatar, não os deixes impunes;* — encarregando ao filho o castigo daquelles culpados. Muitos forão os que offendêrão ElRei, *mas este legado não podia ser deixado por hum coração tão clemente, e generoso* como o do Senhor D. João VI.

E ateima de noite, e de dia o endemoninhado Velho, que eu no Sermão pedíra forcas, e fogueiras ao Senhor D. Pedro IV. contra os inimigos de seu Pai. Velho frenetico, já que me pareces o Diabo Coxo, não queiras tambem ser

o Diabo cego. Abre esses olhos de Toupeira, vê o que lá está escripto no Sermão, e vê como entendes, e deixa apparecer ao menos hum caderno, em que não moas a paciencia aos homens com o Sermão da Estrella, que tanta inveja te desperta nessa alma perversissima, ou liberal. Quantas vezes tem dicto os arruamentos, e as suas classes illustradas — *Ao Velho Liberal do Douro não responde elle* .... Sim, preclarissimos, doutissimos, e liberalissimos Senhores, bem depressa terão sobre seus balcões a vida, e feitos do *Gil Blas Portuguez*, e não ha de ser impressa nessa Officina do Bairro de S. Christovão escondida, onde se lhe imprimem os seus Breviarios de patifarias, e impiedades por ahi vendidas debaixo de mão, e de capote, como a supposta Carta de Talleirand ao Papa, e outras infamias corruptoras, que os tem ensinado a VV. mm. a mofar, e a escarnecer da Religião, a profanar os Templos, e a fazerem galla de huma estupida incredulidade. Parece-me que basta, meu amigo, eu não devo deixar progredir a Carta, sem tractar do principal objecto, que he o nosso *Portuguez*, ou armazem de desaforos, e attentados contra o Governo d'ElRei o Senhor D. PEDRO IV, ficando V. m. na certeza que, em ladrando Cão novo, ou tornando a ladrar Cão antigo, nenhum delles ficará sem arroxada, e de bom peso, e tamanho: augmente-se quanto quizer a matilha ganidora, atrelle-se mais canzoada ainda, ladrem todos ao mesmo tempo, ladre cada hum por sua vez. O Escrivão da Vintena lavrou elle mesmo a sua Fé de Réo, eu lhe pagarei a Diligencia, e não lhe ha de ficar a bôca tão dôce como a marmelada de Odivellas. Huma só cousa desejava, meu Amigo, e vem a ser que, assim como eu me não escondo no que escrevo, estendendo em tudo o meu nome, fizessem o mesmo estes Senhores, que só trabalhão como os assassinos, escondendo o punhal, que até para mandarem seus moraes Escriptos para a Impressão sempre se servem de hum nome supposto, ou de huma testa de ferro... Cobardes! Parece que tem huma cousa, que elles não tem, que he vergonha. Parece que temem sobre si o mesmo desprezo, que vêm cahir sobre seus miseraveis Escriptos. Nem hum só he capaz de se dar a conhecer; mas como a fome obriga a muito, lá vão elles mesmos a deshóras, e quando esteja pouca gente, á Loja do seu Livreiro (e tal como elles) a ver se tem cahido algum vintem no mialheiro da gaveta; e se elles escrevessem alguma cousa, que

não fosse — *Resposta ao Padre*, — escusavão de ir á Loja do Livreiro, que não achavão lá nem hum ceitil. Comão pois, miseraveis, alguma cousa á sombra do Padre, e que lhes faça muito bom proveito, mas a sobremeza eu lha darei. Os *dos Pobres*, e *para os Pobres* (que eu não sei distinguir tal mixordia) já me pedírão que não entendesse com elles: Deos me livre! Entender com os Pobres de Christo!! Que lhes hei de eu dizer? — Deos os favoreça, irmãos, e Nosso Senhor os remedeie. — A primeira esmola, que eu lhes désse, como as que acima levo apontadas, não se me tiravão da porta em busca de mais; e os Pobres, alem de pobres, são surdos para ateimarem ainda mais. Não quero nada com elles, pobres somos todos, ou o vamos sendo, e Deos só sabe as linhas, com que cada hum se coze; torno a dizer: — Deos lhes depare quem lhes faça bem, e ainda ha almas boas, que lhes fação a caridade. Elles com a capa de pobres vão-se mettendo muito pela terra dentro. Eu não lhes direi nem huma palavra: os cães, que ládrão, que lhes ladrem; bem sabida he a tentação, que tem os cães com os pobres, e os pobres com os cães: já que fallámos em cães, vamos aos da grande fila.

Nem só os Lençóes números 160, e 161 dão materia sobeja para muitas Cartas, como eu tenho promettido, e cumprirei a promessa; vão estes dous descançar hum bocado para a guarda roupa, e ponhamos outros ao ar, para lhe tirar o bafio, ou sacudir-lhes os percebejos. Antes que entremos nesta vastissima materia, em que devemos fallar no tão fallado Prior do Barreiro, em que até falla o fallador Velho Liberal do Douro, posto daqui tantas legoas, he preciso expôr com summa verdade, e com desinteressada clareza o estrondoso caso do Prior do Barreiro, que foi este, e só este, e nada mais. — Encontrou-se o Prior do Barreiro no dia 24 de Julho com hum filho, neto, e irmão de Sancta Cecilia; este he Contrabaixo, e ás vezes o ouço eu por essas Igrejas contrafazer a voz, que fica em Contralto, ou não se sabe em que fica: o Prior do Barreiro tambem tem voz, ou voz de Contralto tirante a sovelão, em fim, guincha (agora não guinchará tanto, porque anda muito moido, muito contra sua vontade, porque ninguem quer ser moido de pancadas). Hum em Contrabaixo, outro em Soprano, em fim, fizerão-se ouvir, e sem batuta, e compasso; disse o Soprano ao Contrabaixo, ou o Prior do Barreiro áquelle filho da Harmonia: —

Ora graças a Deos! Já o dinheiro dos Apostolicos (por quem tanto se pergunta) *servio de alguma cousa; lá vai o Saldanha a terra.* — Não disse nem mais huma palavra, nem accrescentou mais cousa alguma. Andava á roda delles hum de tantos, que de noite, e de dia não se occupão, porque disso comem, em outra cousa mais, que em ouvir o que se diz, como se homens livres pela Lei não podessem fallar huns com os outros; ouvio estas palavras, denunciou á proxima Guarda o triste Clerigo, que em toda huma noite, de estação em estação, de Guarda em Guarda, se lhe fez o que se fez, chegando a tanto a barbaridade de hum Chefe de Guarda que, quando se amontoava o Povo, esse a quem derão em chamar Nação, punha huma lanterna de furta-fogo á cara do Padre para ser visto, e ser escarnecido, apupado, moído de pancadas, porque até quando caminhava entre as filas de páos, e espadas, como do Horto para Casa de Annás, e de Caifás, hum curioso, que lhe ia atirando coices, como era em marcha, em lugar de dar no *Réo*, dêo hum coice n'hum Soldado, que, levando da coronha d'arma, lhe agradecêo de tal sorte a civilidade, que não tornou a escoicear mais.

Vamos ao *Portuguez*, e com este caso unico se conhecerá quem seja o *Portuguez* N.° 237, 9 de Agosto, — Artigo — Lisboa.

„ O Ex-Prior do Barreiro, prezo no dia 24 do passa-
„ do, como annunciámos em o nosso N.° 225, *por ha-*
„ *ver levantado gritos sediciosos*, acha-se hoje em ple-
„ na liberdade; — os que fôrão prezos pelos tumul-
„ tos do Terreiro do Paço continuão prezos, e por
„ ora não se diz que destino terão: os seus Proces-
„ sos, segundo nos informão, achão-se muito atra-
„ zados. „

Eis-aqui o *Portuguez*: e que devemos esperar do *Portuguez*, se hum dos seus Redactores he o Auctor (porque se assigna) do Livreco impresso em 1821, intitulado — *O dia 24 de Agosto!* — onde vem tambem o *Fuero Jusgo*, e Livreco o mais escandaloso, e revolucionario, que tem apparecido, pois nelle se pertende justificar não menos que a Rebellião, e Levantamento dos Democratas de 1820! Livreco dedicado áquelles *Sanctos* Pais da Patria, que se levantárão contra Deos, e contra o Rei; Livreco, que elle Auctor diz que traduzíra nas Linguas, que sabe, para chegar ao conhecimento de to-

dos aquella patifaria. Vejão de que espirito estão animados os Collaboradores do *Portuguez?* Do mesmo espirito, com que escrevêrão o que acima deixo transcripto. Nada pode haver, nem mais indigno, nem mais ridiculo, nem que possa descobrir maior ignorancia, ou maldade. Em primeiro lugar, lendo-se, e recorrendo-se com attenção aquelle citado N.° 225, que se encontra? Huma formal desobediencia a ElRei, á Carta, feita, e praticada pelos da *senha* — os Amigos do Rei, e da Carta; — huma escandalosa infracção da Lei; hum insulto á Authoridade propria, competente, e constituida. Basta vêr o modo, não só escandaloso, mas verdadeiramente revolucionario, e proprio dos *Sans-Cullotes*, que gritavão *à la Lanterne*, com que foi prezo, e arrastado o tal Prior. Que simplicidade, e que innocencia he a do tal *Portuguez*! Diz que fòra prezo em tumulto do Povo, e conduzido por huma Guarda, e Povo ao Juiz do Crime do Bairro de Sancta Catharina, que o mandou ir em paz, solto, e livre; porem que, appellando-se deste Juiz para o Grande, e Legitimo Tribunal do Povo, decretou este, de moto proprio, sciencia certa, e poder absoluto, ser mal julgada aquella Ordem de soltura; e em motim formal, e altissimo alarido fez prender segunda vez o tal Prior; foi para a Guarda principal, e d'alli para a Cadêa.

Eis-aqui patente hum attentado duplicadamente revolucionario, 1.° em quanto á prizão por tumulto do Povo, 2.° em quanto á desobediencia á decisão do Magistrado, que bem, ou mal entendida devia religiosamente observar-se; de outra maneira adeos Ordem, adeos Sociedade, e viva a Anarquia, que he o que se pertende. Vamos agora tractar do crime do Prior do Barreiro, isto he, do testemunho falso que lhe levantão os do *Portuguez*, isto he, *gritos sediciosos*. Se estes Doutores do Portuguez soubessem o que as nossas Leis chamão, e em que classificão o que se diz sedição; se alguem lhes ensinasse que aos Juizes, pesada a prova, e analysada, e conhecida a moralidade da acção competia declarar haver ou não haver sedição, e sobre tudo, se a malversação não fosse o seu norte, e a sua guia em tudo, que assim convem ao seu revolucionario, e demagogico partido, não se atreverião a chamar sedição ás quatro palavras, que acima deixei declaradas, que não forão (e se collige da 1.ª parte dada) senão as que o pobre Prior espancado disse, e proferio, fallando naturalmente, e não gritando, ou levantando

gritos sediciosos. Como era possivel (ainda que não goste, e nunca me sirva de argumentos negativos) como era possivel, que em *hum tumulto*, e sem interrupção se podesse ouvir hum discurso seguido, qual o appresenta com tanta ingenuidade o *Portuguez?* A prova desta verdade he tão palmar, e tão clara, e que devia confundir, e fazer calar os do *Portuguez*, que está na decisão do Ministro, que mandou ir solto, e livre o supposto sedicioso Prior do Barreiro; d'onde se conhece que, ou não lhe imputárão gritos sediciosos, como lhe imputão os escrupulosos *Portuguezeiros*, ou não appareceo prova alguma, porque se apparecesse seria o Ministro muito culpado, e cumplice com o réo em o deixar ir livre, e solto. Alguma cousa seria inconsiderado o Ministro; mas creio que procedeo na boa fé da sua legal authoridade, que seria obedecida, em o tornar a deixar cahir nas mãos daquelles revolucionarios: não reflectio por certo, que o devia esconder ao furor da canalha amotinada, que lhe podia dizer com a mesma verdade, com que gritou a canalha Judia em Jerusalem a Pilatos: Se mandas solto, e livre este homem, então não es amigo de Cesar.... Na verdade esta mesma canalha o ia sentenciando sem processo, e executando-o sem carrasco de direito, mas com muitos de facto, e merecedores de o serem de direito.

Nada disto admitte dúvida, porque tudo está escripto no *Portuguez* N.º 225, sendo as consequencias, e illações direitamente tiradas do seu enunciado; segue-se conhecer a Liberdade, a que os *Portuguezeiros* chamão plena, e dizem haver-se conferido ao mencionado Prior dos *gritos sediciosos.* Dizem os *Portuguezeiros* (tão fracos, e mentirosos, que vão fazer queixa ao pai) que são Escriptores publicos, e de excellente fé, e melhor caracter, nós o veremos; pois devião examinar o feito para o appresentar verdadeiro; e sendo cousa mui repugnante levantar gritos sediciosos, ser prezo, e obter duas vezes a liberdade, isto he, a primeira, que se malogrou, do Juiz do Crime do Bairro de Santa Catharina; e a segunda de quem depois o mandou soltar conhecida como foi a verdade do caso, deverião os *Portuguezeiros* examinar miudamente até pedirem certidões; e pois não se atrevem quando requerem a pôr seu nome; no Rocio ha Procuradores para tudo, hum Procurador que requeresse, então verião que a Justiça já fez mais do que devia em conservar na Cadêa hum homem prezo pelo Povo em tumulto, e que

repetio a prizão depois de hum Juiz ó ter mandado soltar.

Que malicia! O Paragrafo, em que se dá a noticia da soltura do Prior, he para aggravar a idéa da prizão dos outros, quero dizer, os dos *tumultos* do Terreiro do Paço. Ui! já são *tumultos*? Outro dia erão desafogos, exhalações de amor ao seu Saldanha! Devia dizer o Auctor do Artigo, porque elles são muitos os Authores, que os tumultos se organisavão no Terreiro do Paço, e que dalli sahião os batalhões com diversos Commandantes a pôr em susto, e consternação toda a Cidade, assaltando casas á pedrada, entrando com violencia no domicilio de Ministros de Estado, tirando da sua cama o Juiz do Povo a tremer como varas verdes! Não se pode aturar sem indignação a ingenuidade destes homens!! — *Por óra não se diz que destino terão, affirmão que seus Processos, segundo informão, achão-se muito atrazados.* — Isto que será, malicia, ou ignorancia? A compararmos as patadas humas com outras, esta he a maior do *Portuguez*. VV. mm. são Doutores em Israel; e ignorão que, antes de ultimados os Processos, não se pode dizer que destino hãode ter os processados? Ou soltos, ou desterrados, ou açoitados, ou pendurados, isto não se pode saber sem se ultimar o Processo. Só se o querião saber por suas correspondencias particulares, por onde se lhe communicão os mais reconditos segredos de todos os Gabinetes! Querião estes illustradores do Mundo por tres vintens, que os Juizes lhes participassem já as suas tenções sobre o destino, que se deve dar aos amotinadores, para o lançarem *no seu bem acreditado Periodico*, como dizem os que lhes transmittem infamias, taes como a da *Salzedas*, que não hade ficar sem despacho, e sem vingança.............

Aqui chegava, meu amigo, com esta Carta, hoje 17 de Agosto pelas 4 horas da tarde, quando me entrou pela porta hum homem trazendo na mão o Lençol do mesmo dia, e gritando por vingança. V. m. bem sabe que nada me pode assarapantar neste Mundo, porque, quem não teme a morte, nada mais pode temer. Desenrolei, e li. Com effeito no Artigo intitulado — *O Portuguez, e o Padre José Agostinho* — logo no primeiro §. me achei com muita decencia descomposto, chamando-me *energumeno furioso* etc. etc. o que elles costumão quando dizem que respondem. Volto o ramo ao Lençol, e vejo os rapazes fazendo queixa á mãi

com hum nunca acabado Requerimento assignado por hum Procurador de Letras iniciaes. Elles já fizerão outro que tal Requerimento contra o *Correio do Porto.* Devião tambem pôr o Despacho, que elle deve ter, ou teria — *Use dos meios Ordinarios.* Isto he infame, he indigno, he vergonhoso. Porque não respondem como tão sabios, e tão homens de Letras quaes elles se inculcão? Fazer queixa! Eu tinha feito tenção de me deixar disto, acabar com Cartas, porque em fim estou cada vez mais doente, e atribulado com huma *Emathuria*; mas seja como for, agora he que os Lençoes todos desde o seu principio hão de ser descosidos. Requerer contra hum homem nestas circumstancias he a desfórra dos cobardes. Quem teria mais razão do que eu para fazer destas queixas? Ha homem mais insultado do que eu por esse tropel de escriptores, em que entrão os do *Portuguez*, que até me chamárão — *comprado*, e hoje *energumeno?* Insultou-me o *Fiscal dos abusos* na sua carta ao amigo João Candido Baptista Gouvêa, chamou-me Espião, Pedreiro Livre, avarento, venal, etc. etc. etc.; para me vingar destas injurias não foi preciso ir aos degráos do Throno com o eterno aranzel do eterno Requerimento pedir á Serenissima Senhora I. R. que me acudisse. Estes dedos ainda se mexem, o tinteiro ainda tem tinta; respondi ao Fiscal dos abusos, e a seus Censores com o que se chama — *A voz da Justiça, ou o desaforo punido.* Assim se desafrontão os homens de bem. Escreve-se contra elles? Escrevão tambem: mas fazer queixa!! Que fraqueza, e que vileza! Eu desejo de todo o meu coração que S. Alteza, que Deos guarde, mandasse o Requerimento a hum Ministro, a hum Tribunal inteiro, e que se instaurasse hum Processo Legal, e que alli se examinassem as Cartas, a que elles chamão Libellos famosos: eu não responderei, sem ser por Procurador, mais que estas palavras — *Se elles disserão aquillo, com que se defendem, tambem disserão aquillo, com que os accuso.* — Eu traslado escrupulosamente do *Portuguez* todas as passagens, que esmiuço. Ou aquillo está lá, ou não está lá. Escolhão deste argumento Cornuto, ou Dilema, a ponta que quizerem. Se aquillo está lá, são elles os criminosos, porque o disserão; se não está lá, então sou eu o Calumniador, e devo ser punido. Este exame he facil de fazer, e muito mais facil será dar a sentença. Não sejão tão fracos: em lugar do interminavel Requerimento assignado pelo Procurador *Chaves*, porque nem

requerendo a S. A. se atrevem a declarar os seus nomes, escrevão, combatão, *anniquilem* as razões taes, e quaes eu tenho produzido.

Ameação com S. Magestade o Senhor D. Pedro IV! A Depositaria do seu poder tambem sabe fazer justiça. Deos o trouxera já, e já; então eu desmascararia de todo os do Portuguez, que tanto impão de Realistas purissimos, eu lhe diria: — Veja, Senhor, que espirito pode animar, e dirigir estes homens, que se dizem seus defensores, e columnas do Governo Monarchico; veja V. Magestade este Livro composto por hum delles, e impresso aqui mesmo em Lisboa; veja V. Magestade onde, e até onde pode chegar a hypocrisia, e que rabo deixárão na ratoeira: então desenrolando da algibeira o fatal Livro, lho apresentarei. — Eis-aqui o titulo —

O Dia vinte quatro d'Agosto
Pelo Cidadão
J. B. S. L. A. Garrett.

Ora: se V. Magestade me dá licença, eu leio hum bocadinho só do principio, que he a Dedicatoria ao *Congresso Nacional.*

" Aos Pais da Patria offereço a defeza da causa
" della. Os verdadeiros Portuguezes não carecem
" das poucas luzes deste escripto para reconhece-
" rem a justiça; com que o heroismo de poucos
" homens os libertou do jugo de tantos.....
" Tentei provar a *legitimidade do dia — Vinte*
" *quatro d'Agosto*: — vós declarais á Nação, e em
" nome della, a mesma Legitimidade.... "

Calla-te, diria ElRei Nosso Senhor: não quero ouvir mais patifarias; pois esses são os meus tão affectuosos Legitimeiros? Calla-te.... Ora: ouça V. Magestade mais hum bocadinho, que ainda agora vamos no principio da Dedicatoria....

" Acceitai pois a offerenda delles, e — Salvai-nos
" — Salvai-nos, ó Pais da Patria; salvai nos, *ho-*
" *mens sagrados*....."

Calla-te já, e dá cá o Livro.... Ah! Senhor, por mercê deixe-me V. Magestade ficar com o Livro, que eu com elle mostrarei ao Mundo quem sejão os do *Portuguez*, que andão sempre a gritar por V. Magestade, apregoando ironi-

camente os sagrados direitos da sua Legitimidade; e peço a V. Magestade me deixe ainda ler em voz alta duas regrinhas só, huma da Introducção, outra da Conclusão, e depois ou me mande a mim para as gallés, ou o author. — Lê —

Introducção.

" Já temos huma Patria, que nos havia roubado o
" Despotismo.... Pintar os males, que soffriamos,
" o captiveiro, em que jaziamos, o desprezo, a in-
" solencia, com que *a perfida Côrte do Rio de Ja-*
" *neiro nos calcava, nos opprimia, nos sangrava,*
" *nos roubava, e preparava a nossa morte politi-*
" *ca...*" Ahi vai agora a do fim: Cap. 11 pag. 48.

" De tudo o que tenho exposto = devemos ne-
" cessariamente concluir — que o Governo de Por-
" tugal até ao dia 24 d'Agosto era tyrannico, des-
" potico, e injusto."

Aqui tem V. Magestade os que se dizem seus *Legitimeiros....*

Então já lhes passou este espirito? Não, ainda os anima, ainda são os mesmos, os mesmissimos; e este he hum dos de Vossas mercês mesmos. Vão agora fazer queixa como rapazes ao Mestre do que lhes disse hum menino, porque Vossas mercês assim o disserão. Eu tenho tanto medo das suas cobardes queixas, e requerimentos, como tenho de hum Official reformado da Bahia, que anda entrando em Lojas públicas de Bellem com huma Pistola para me matar: disto ha mil testemunhas de vista, e de ouvida, e não me queixo, nem queixarei ao Magistrado: isso he para rapazes, não he para velhos; e eu tenho em casa huma com dous, e em cada hum duas — A chave desta charada he este problema: — Se hum dedo velho pode tambem dar a hum gatilho novo? Velho, e novo he

Seu Amigo *J. A. de M.*

Forno, 17 de Agosto de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1827.

Com Licença.

CARTA 14.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

DE todos os Escriptorios de Periodicos, d'onde depois se hão de provêr todos os Confeiteiros, e todos os Mécheiros, se ouvem gritos, e alaridos contra o Padre, e contra as Cartas, que o Padre lhe escreve, e o Padre lhe escreverá. Bastava que gritasse hum, porque todos dizem o que diz hum; e hum diz o que dizem todos. A *Gazeta Constitucional*, sem eu haver bolido com ella, (porque eu nunca fui aggresor) começou gritando contra mim muito constitucionalmente; continúa a gritar, e a descompôr com huma raiva verdadeiramente canina; e o thema para as infames descomposturas, ou ataques pessoaes, he a Junta Apostolica, que existe, depois que os Senhores Pedreiros Livres começárão a sentir que o genero humano já cançado, e enjoado, começou a mostrar que já não podia aturar tantos desaforos, chamados derramamento de luzes, progressos da civilisação, liberdade, emancipação, e melhoramentos das humanas Sociedades, opprimidas com o Absolutismo, Despotismo, Fanatismo, Servilismo, Jesuitismo, Apostolicismo, Fogueirismo, Inquisitoriismo, e todos os *ismos* mais; mas não tanto como com o Pedreirismo.

Eu não posso responder a todos, nem devo, porque, havendo já respondido a hum, ficão todos respondidos; já respondi ao *Patifeirismo* do *Fiscal dos Abusos*; e todos os que escrevem como são deste ultimo — *ismo* — todos se devem dar por cabalmente respondidos. Ora pois, meu amigo, com estas Cartas vou dispondo a attenção do Publico, ou de Portugal inteiro, até o pôr em estado de o regalar com o meu Periodico, já de longe premeditado, e de que conservo já huma alta pilha de Numeros, que se ião fazendo sobre materias, que as occasiões hião offerecendo; porque tendo eu todos os vicios, até o da avareza, e venalidade, como elles dizem, nunca poderão dizer que tive o da *ociosidade;* chamar-se-ha este fatal Periodico = *O DESCOZEDOR.* =

Tudo o que estes nossos amigos tem feito, tem dicto, tem escripto, e tem maquinado, ha de apparecer em toda a sua

verdadeira luz, e verdadeiro aspecto. Nada se póde dizer por agora, porque a tudo se dá huma sahida prompta, e terminante, e he a mais fina, em que se podia dar. Mata hum homem outro homem, acha-se o assassino com a faca ensanguentada na mão. Não fui eu, diz o assassino, foi aquelle Apostolico, que alem vai andando; e hão-de todos crêr que foi hum Apostolico, mandado pela Junta Apostolica. Arrancão-se das esquinas em huma grande Villa deste Reino Proclamações desavergonhadamente Republicanas, designa se nellas pelo seu nome, e nellas se dão vivas a este nome, o Primeiro Consul desta Republica. — Forão os Apostolicos, que fizerão isto para malquistar os verdadeiros Constitucionaes, amigos do Rei, e da Carta, e não ha para onde appellar com esta sahida. Ha em Lisboa huma sedição popular, isto tem duas sahidas; quando se lembrão que podem esperar a soltura, e liberdade dos amotinadores, para minorarem o attentado, sobre que esperão a indulgencia, foi huma exhalação do fogo Patriotico, que os obrigou com *direito de petição* a pedir com vivas, e morras o seu querido Saldanha; quando vêm que não podem deixar de confessar a enormidade de semelhante crime, forão os Apostolicos, que pelo seu ouro, e seus Agentes promovêrão a sedição, para fazerem odiosos os homens probos, os verdadeiros Constitucionaes, os amigos do Rei, e da Carta, os Cidadãos pacificos. Ha mais de hum anno, isto he, desde a madrugada do dia 31 de Julho de 1826 até hoje 19 de Agosto de 1827 não tem acabado as assuadas, as investidas affrontosas, os insultos mais ultrajantes a homens, que não respondem senão com o silencio, com a resignação, e com a modestia: e mais desgraçados delles se respondessem huma só palavra. Clamão as Leis contra as assuadas, são os Apostolicos, mandados pela Junta Apostolica, que com o dinheiro, que espalhão, promovem estas mesmas assuadas, e affrontas para promoverem a rebellião, e engrossarem as filas do rebelde Chaves, chamarem o Absolutismo, e acenderem as Fogueiras da Inquisição. E a Junta Apostolica existe, porque assim o ouvio dizer n'hum Reino estranho hum digno Par, assim o disse hum Senhor Deputado, que foi Ministro dos *Estrangeiros* (assim está escripto), e assim o disse em França o Conde de Montlosier. Taes são os argumentos, e as provas, com que a *Gazeta Constitucional* de 15 do presente Agosto assenta que deixa demonstrada até a evidencia, e muito alem ainda, a existencia da Junta Apostolica no artigo expressamen-

te feito para me descompôr, segundo o costume, chamando-me venal, e membro mui distincto da Junta Apostolica, lembrando-se ainda, porque lhe doe, da *Tripa Virada* o mais infame de todos os Escriptos. Diz ainda mais este desazado, e desastrado bota-fogo, que a existencia da Junta Apostolica se prova por via dos raciocinios: com estes raciocinios tambem se póde provar a existencia dos habitantes do Globo da Lua.

Que cousa he Junta? Creio que he hum aggregado de homens, que com Compromisso, com Lei organisadora, com Regimento, para fallarmos Portuguez, que depois da mania revolucionaria parece que vai esquecendo, com Regimento, cuidão na direcção, no governo, na administração destes, ou daquelles negocios, civís, economicos, militares, ou maritimos do Estado. Junta do Commercio, Junta do Tabaco, Junta das Fabricas, e Aguas Livres, Junta dos Juros, e assim de outras muitas Associações, que entre nós existem. Até para os doentes ha Juntas, e prouvera a Deos que as não houvesse; ao menos para mim as não heide eu convocar! Todas estas Juntas tem hum lugar do seu assento para seus conselhos, deliberações, e medidas, como as dos Medicos tem as cabeceiras dos doentes, e de que Deos livre a todo o fiel Christão. Até houve a Junta do Governo Supremo, e outra Junta Preparatoria das Côrtes Soberanas, que já vinhão feitas, porque todos os afilhados vinhão despachados, empregados, e attendidos, e cada hum tinha escolhido a sua posta; o anzol era bom, e a linha segura, até que Deos quiz. Sabe-se pois onde seja o assento destas Juntas, quem seja o seu Presidente, seus Membros, seus Deputados, seus Continuos, e seus Porteiros, Escrivães, Meirinhos, e homens da Vara.

Ora: se em lugar dos raciocinios, e os dictos soltos de tres homens, dous Portuguezes, e hum Francez (os dictos deste, são roupa de Francezes), com que a *Gazeta Constitucional*, que mui inconstitucionalmente me descompõe, produzisse todos os predicados, partes, e componentes de huma Junta, que acima levo dictos, e concluisse então que a Junta existia, então poderia allegar o seu quimerico, e antilogico principio — *isto he verdade, porque he verdade.* —

Como estes Senhores, nossos Mestres, e Illustradores, que abrem especiaes Lojas para a exclusiva venda das suas doutissimas Folhas, com Escriptorio, Guarda-Livros, e Caixeiros, tem chegado sem ceremonia ao tom de desaforo, ain-

da que eu ja tractei nestas Cartas esta materia, como tanto apertão comigo, e tanta amizade me mostrão, he preciso fallar de huma vez mais claro, e acabarmos de huma vez com isto. Se a Junta Apostolica não existe, devia existir, sendo este, que vou a dizer, seu emprego, e seu fim. Começo por hum exemplo singular.

Apparece no Mundo, apparece em Portugal, vem a Lisboa, impresso na Cidade do Porto, hum papel, o mais atrevido, e petulante dos papeis agora impressos, e talvez que o mais asno dos que se tem publicado pela Imprensa, desde que a ha, pois diz em o N.º 76: — Que assim como sem crime pedimos a Deos que mande chuva, ou bom tempo com preces públicas, feitas conforme o rito da Igreja, assim tambem não he crime pedir em tumulto nocturno a S. A. Serenissima que não demitta João de Saldanha, — *porque os fins justificão os meios.* — Neste mesmo N.º 76 pag. 371 se falla do Illustrissimo Senhor Intendente Geral da Policia, e Desembargador do Paço, desta maneira.

» *Vio no Senhor Intendente o homem versatil em suas*
» *opiniões: Demagogo exaltado em* 1821 (o Grande
» homem, que tão dignamente fallou dos Foraes) *an-*
» *nunciar nas Córtes intrusas daquelle tempo, e nos*
» *circulos onde se achava, suas perigosas doutrinas,*
» *mudar de linguagem conforme os interesses do mo-*
» *mento* ....

Basta; que me horroriso de trasladar mais huma palavra deste horroroso §. Eu nunca vi, nunca fallei, nunca conheci, nem sei onde mora o Illustrissimo Senhor Intendente; mas, se eu pudéra, eu lhe diria que vingasse esta afronta, não como Magistrado, e de tal Jerarquia, mas como homem. Cortar a lingua a hum tal patife ainda era pouco. E chamão-se estes malvados Constitucionaes, Amigos do Rei, e da Carta!!

Se existisse pois huma Junta de homens capazes de escrever, e, sobre tudo, honrados, que se compromettessem a impugnar, e rebater por escripto estas injurias, e atrocidades escriptas, apenas pela Imprensa se fizessem públicas, como em o caso presente; se em apparecendo em escripto ataque directo, ou indirecto á Religião, ao Governo, á Moral pública, no mesmo instante escrevessem contra esta impiedade para atalhar seus progressos, e oppôr hum dique a esta inundação pestilencial, destruindo os sofismas, com que a corruptora incredulidade tem fascinado, e arrastado tantos

entendimentos, não seria esta Junta, ou Associação de homens digna de bum nome eterno, e da estima, e respeito dos verdadeiros amigos da ordem, da paz, e do socêgo do Mundo inteiro? Muito bem: rasgue-se o véo, e desenganem-se huma vez os Povos. A real, e verdadeira, a organisada, e universalisada Junta, que existe na Terra para continua desgraça, e desventura da mesma Terra, inundada, e alastrada de estragos, ha tantos annos, he a Junta dos Pedreiros Livres, que derão agora em se chamar — *Universalistas;* — porque, dizem elles, ha de existir huma Republica Universal, e a Sociedade humana não ha de ser senão Republica. Esta he a Junta Maçonica, ou Junta Diabolica, que real, e verdadeiramente existe. Se existe a Junta Apostolica, quem fez, e quem creou esta Junta Apostolica foi a Junta Maçonica.... Oh! que attentado, oh! que paradoxo! Esperem, Senhores, eu bem sei que não pode haver convenção alguma entre Deos, e Belial, e sei que o Diabo não pode fazer boas obras; mas VV. mm. hão de convir comigo; e a minha Proposição ha de ficar de pé, porque eu, quando digo que o *Portuguez* diz isto, ou diz aquillo, traslado as mesmas palavras do Portuguez, e

Provo.

Em toda a parte se enforcão, se esquartejão, se exterminão, se espingardêão os Pedreiros Livres. Na Russia, v. g; e á Sentença, que tal mandou, chamão cá os nossos *bons amigos* do Rei, e da Carta, a Sentença eterna da Russia! E porque houve esta chacina naquelle vasto Imperio, e tão vasto, que se deita hum bracinho pelo Baltico fora, e outro bracinho pelo Bosforo, ou pelos Dardanellos adiante, pode dar hum abraço, e muito apertado, em todos os Pedreiros Livres da Europa? Porque os Pedreiros Livres, tomando estas, ou aquellas denominações, pertendêrão, e começárão a pôr em prática huma revolução Democratica no mesmo Imperio, desmembrando-o, e retalhando-o em diversas Republicas federativas, acabando, ou a ponta de faca, ou a chicarinha de chocolate com a actual Dynastia dos Czares, ou Autócratas; isto não o diz o Padre, isto diz claramente a Sentença, chamada *eterna.* Em Napoles, o Carrasco torto, que já o inculcárão para cá, e já o fizerão em caminho, elle, e seus habeis, e dignos ajudantes, primeiros, e segundos Chefes daquella direcção penduradeira, cançárão de pendurar Carvoeiros, bons primos, ou primos co-irmãos dos Pedreiros Livres. E porque houve esta cresta nelles, como alli se dá

cresta ao Macarrão? Porque conspirárão, e quizerão fazer das duas Sicilias huma só Republica Parthenopéa, acabando com aquelle ramo da Dynastia de Bourbon com tanto furor, que semeárão tudo de incendios, e de assassinios, sendo preciso recorrer á força estranha de hum exercito Austriaco para apagar o incendio, e reprimir a revolução, e queimar a Constituição Carbonaria, ou Maçonica, que he o mesmo. Isto não o diz o Padre, isto diz a Sentença, isto confirmão, e declarão os Decretos d'ElRei de Napoles. Em Veneza: Porque razão, não o Conselho dos Dez, como n'antiga Aristocracia, que he o Governo dos Nobres, mas Francisco 2.° Imperador de Austria, mandou alli esquartejar Pedreiros, arrazar, e salgar até aos alicerces as casas dos mesmos Pedreiros, chamadas Lojas, e Grandes Orientes, para não haver dellas mais memoria, ou lembrança? Porque se descobrio huma Conspiração Maçonica para revolucionar, e arrancar aquella possessão adjudicada á Austria, e transforma-la, não em a antiga Aristocracia, mas em huma pura, e calva Democracia Pedreiral. Isto não o diz o Padre, isto dizem os Decretos de Francisco 2.°, que apparecêrão, e se publicárão em nossas mesmas Gazetas. No Piemonte: Porque razão neste Reino escondido entre os rochedos dos Alpes, ainda que agora estendido até ás praias de Liguria, e de Genova mercantil, e Alfeloeira, ou pelo carrasco torto, ou pelo direito se executárão á corda tantos Pais da Patria, e regeneradores da terra chamados Pedreiros Livres, ou Carbonarios, que ainda quer dizer mais alguma cousa, invocando-se o auxilio da Austria, que inundou tudo de soldados por tanto tempo alli conservados? Porque a mesma Conspiração Maçonica, que se havia descoberto em Napoles, tambem se descobrio em Turim, Conspiração teimosa em querer outra vez levantar a Republica Cisalpina, Transalpina, e Liguriana, tambem acabadas no enterro da de França por Buonaparte. Isto não o diz o Padre, isto derão a conhecer ao Mundo os Decretos, e as disposições daquelle atribulado, e perseguido Soberano. Em Roma: O Vigario de Christo não quer forcas, e menos quer fogueiras: o Vaticano tem outros raios, que, ainda que não fação tanto estrepito como a artilheria, são mais terriveis, porque em huma folha de papel pode vir mui bem enrolada huma excommunhão, que para quem crê em Deos, e em Jesu Christo seu Filho, he mais terrivel que a morte. Com estas excommunhões tem o Vigario de Christo desfechado raios contra os Pedreiros Livres,

que os tem posto á dependura; e se effectivamente o Sancto Padre os não mandou pendurar, como Senhor temporal de seus Estados, mandou alguns, apanhados com a bôca na botija, para Civita-Vécchia remar, ao menos, n'algum bote, ou catraio, que por lá tenha, levando comtudo seu ferrinho ao pé, para serem conhecidos como *Galinha* com calça. E porque? Porque os Pedreiros Livres conspirando sempre contra o Throno, e o Altar, alli querião transformar o Altar, e mais o Throno em huma Republica Quirinal com seus Brutos, e com seus punhaes. Isto não o diz o Padre, isto dizem, isto clamão tantas Bullas desde Clemente 13.°, e Benedicto 14.° até Leão 12.°; Bullas reiteradas, e sempre publicadas. Na Hespanha: Este quadro he tão patente, quanto he mais proximo a nós. Communeros, e Pedreiros, Carbonarios, e como enfarruscados, seus irmãos os Negros, tudo junto, e tudo prompto, em 1812 conspirárão contra Deos, e contra o Rei; e pegando na Republicana Constituição de França, obrigárão-na a parir a Constituição Hespanhola, que teve huma filha natural, e unica, que foi a nossa de 1821, que morreo menina de trinta e tres mezes, e tantos dias; com esta conspiração Maçonica começou a Hespanha, com mais de treze seculos de existencia politica, a dissolver-se, a arruinarse, e desfazer-se. Isto he huma verdade de facto, pois de todo se eclipsou a magestade augusta daquella Monarquia, pois vemos com lastima que não conserva huma sombra do que fòra, e do que, se efficazmente quizer, ainda pode ser; se os Pedreiros não malograssem a expedição preparada em Cadiz, talvez no dia de hoje a America não tivesse tantas Republicas Pedreiras. Em fim, entrou S. M. C. o Senhor D. Fernando 7.° em Hespanha, sahindo de sua prizão, acabando-se o seu desterro; olhou para os auctores de tantas calamidades, para os arquitectos de tantas desventuras; e com seus Decretos, e Reaes Ordens, e providencias, alto, e malo, começou a enforcar em Communeros, em Pedreiros, em Carbonarios, em Diabos vivos em carne, e osso, que são estes moedores inimigos jurados do genero humano. Isto não o diz o Padre, isto não cessão de dizer até ao dia de hoje os Papeis públicos, as Gazetas, e os Documentos authenticos, que tem sido publicados, vistos, e lidos, e conservados por todos neste Reino de Portugal. Não ha Cidade na Hespanha, onde, sendo apanhados, não sejão logo enforcados. E porque são enforcados huns com mitra, trolha, luvas, e avental; outros em pelle, ou *in puris naturalibus*;

outros em simples fralda, assim mesmo sobião, e só não gostavão de hum fato, que levavão, que era a gravata? Pelo que os Pedreiros Livres fizerão, e ainda querem fazer: republicanisar a Hespanha, começando por Portugal, e daqui levarem o *Barrete da Liberdade* (que, espetado n'hum páo, já vem gravado, e estampado no alto da Gazeta da Ilha da Madeira, chamada — O *Defensor da Liberdade)*, até á Groelandia, e á Laponia debaixo do Pólo, e até para lá do Pólo. E da Republica universal será tambem Presidente o acclamado no Theatro, e expresso em Proclamações? E os outros dous Consules? Manoel da Sola, e o Fiscal dos abusos. E o Secretario? Será *Sório?* Não; será o *Escrivão da Vintena*; e, não acceitando, será o *Velho Liberal do Douro.*

Existe pois esta Junta, a pezar da maquîa diaria, que a Forca lhe leva desde Napoles até Moscow, e desde o Danubio ao Tejo; e eu posso dizer aos Senhores da *Gazeta Constitucional*, que tanto me descompõem para provar, por meros, ou ôcos raciocinios, que existe a Junta Apostolica: se VV. mm. me duvidão daquella Junta Maçonica, tão enforcada, e tão enforcanda, que acima lhe pinto tanto ao natural, venhão comigo, que eu lhe mostro aqui em Lisboa onde esta Junta tem as suas Sessões, e onde assenta seu Tribunal Supremo, para VV. mm. me fazerem outro tanto, e assim me convencerem da existencia da Junta Apostolica. Vamos; e, ainda que não posso andar, como tenho de ir embarcar á Ribeira Nova, atalhemos aqui por esta travessa para as visinhanças do Arco do Marquez para S. Paulo.... Olhem o que lá vai entrando naquella escada!! E personagens! Olhem o que já lá vai de ingrezia sobre quem ha de sèr Intendente, Ministro d'aqui, Ministro d'alli!! Ora: ahi tem; e como VV. mm. são da mesma Junta, podem entrar, que a Cacheira do irmão terrivel he só para os Profanos; talvez os deixem ficar para a cêa, porque o que VV. mm. tem he fome.

Vâmos á demonstração se ha Junta Apostolica: quem fez a Junta Apostolica são estas Juntas, que tanto se ajuntão, e tanto deliberão entre nós. Vírão os homens de bem; vírão as grandes Corporações Regulares, e Seculares; vírão os Membros dos mais altos, e mais respeitaveis Tribunaes; vírão todos os que ainda tem temor de Deos, amor aos Soberanos, respeito ás Leis, odio, e rancor ao crime, á impiedade, ás revoluções, aos transtornos moraes, e politicos, os que desejão a ordem, a harmonia, e a prosperidade social

que tudo isto se ia perdendo; que as Sociedades Civis se dissolvião; que os Thronos abalavão; que a Religião se perseguia, e vilipendiava; que os Povos se inquietavão, e perdião; e que todas estas desgraças, e calamidades erão trazidas ao Mundo pelas mãos da Universal Junta Maçonica: juntárão-se, unírão-se, congregárão-se, moralmente fallando, pozerão em commum todas as suas faculdades moraes, politicas, fysicas, pecuniarias, e offerecêrão tudo isto aos Soberanos avexados, aos Governos perseguidos, aos Povos consternadissimos, para formarem hum Corpo de opposição á torrente, e alluvião de tantos males, que opprimem a Terra; havendo esta differença entre estas duas Juntas, Apostolica, (se existe, por mais que diga o Par de França) e Maçonica, que tanto existe, que até mostrâmos as casas, em que se congregão. Huma quer destruir, outra quer edificar; huma quer conservar a Soberania, outra quer levantar o Republicanismo sobre as ruinas da Soberania; huma quer conservar os Povos na devida obediencia aos Reis, e ás Leis, outra quer quebrar o jugo da subordinação, e largar as redeas á mais desenfreada Liberdade; huma quer conservar a unica, e verdadeira Religião, outra não quer nenhuma Religião, quando préga huma mal entendida tolerancia, ou indifferentismo de todas; huma quer os austeros, e sãos costumes de nossos antigos Pais, outra promove com a irreligião huma impudente desmoralisação universal. Para dizer muito em poucas palavras, huma quer o Ceo, outra quer o Inferno; huma he animada pelo espirito do bem, outra he animada pelo espirito do mal; huma não se queixa dos ultrajes, que lhe fazem, outra attribue todas as desgraças, que causa, áquella, que não quer mais, que promover a necessaria felicidade dos Povos; huma distribuindo seus thesouros para ajudar os Monarchas, outra roubando quanto vê, e quanto apanha para empobrecer, e agrilhoar as Nações; huma teme a Deos, e ama os homens, outra despreza a Deos, e aborrece os homens; em fim, huns são homens de bem, outros são Pedreiros Livres. Ninguem diz onde está o primeiro, e principal assento da Junta Apostolica, e todos nós podemos apontar com o dedo, e dizer com a lingua: — *Aqui está O Grande Oriente dos Pedreiros Livres*: — e vejão d'onde he este Impresso na Officina da Viuva Neves, e Filhos, e leião o titulo, que diz: — Manifesto do Grande Oriente contra os patifes da Loja da Regeneração.

Ora ficamos desembuxados sobre Junta Apostolica. Se

existe, isto he o que ella quer; e a Junta Maçonica que existe, quer o que nós temos dicto. Quer huma Republica, e olhem que se apertão muito com os amigos, que eu traslado aqui com longos Commentarios feitos pela minha mão á Proclamação arrancada das esquinas de Setubal, e perguntarei depois se os Apostolicos dão vivas ao Nosso primeiro Consul........ que dá hum, ou dá dous, ou dá muitos testemunhos desta infausta verdade.

Meu amigo, eu digo desta Carta o que disserão os Assyrios de Judith quando virão Hollofernes sem cabeça — Huma mulher pôz em confusão toda a casa de Nabucodonosor, Rei dos Assyrios Os Reis destes Reinos nunca fizerão Leis ao acaso; e a Lei terrivel, mas justa de 29 de Março de 1812 feita no Rio de Janeiro ainda está de pé, nem as Côrtes Geraes, Extraordinarias, e Constituintes se atrevêrão a abolir esta mesma Lei; e se ella prova que ha Pedreiros Livres, e Juntas de Pedreiros Livres, provão que ha Junta Maçonica, á qual se oppõe como deve, e com muita Justiça a Junta Apostolica, porque ha Soberanos, que condemnão aquella, e ainda não appareceo hum, que condemnasse esta. Agora que fará a Gazeta Constitucional? Preparará hum irmão resoluto, que me venha apunhalar. Pois venha, porque como lhe faltárão as armas das descomposturas, lançárão mão das armas dos cobardes, e salteadores. Peguem n'hum Procurador só com o ultimo sobrenome, e com este vão fazer queixa ao Governo, que me não condemnará sem eu ser ouvido, e então eu darei novas de sua Avó aos sabios Redactores do *Portuguez*, que devião mostrar no Requerimento, que eu adulterei as passagens do seu Escripto trasladadas nas minhas Cartas; e pois elles dizem, que está a chegar ElRei Nosso Senhor D. PEDRO IV, eu lhe levarei o volume impresso do Senhor Garrett em 1821. Verá que Realista o está defendendo, quando promette a illustração do seu Povo.

O Portuguez he hum canal, ou vehiculo de calumnias, e personalidades atrózes.

Provo.

Peguei neste instante 3 da tarde do dia 20 d'Agosto de hum monte de Lençoes hum que quizesse sahir, sahio á sorte o de Sabbado 4 de Agosto, não foi escolha. Os dous ramos da esquerda são Promoções, e Demissões, que fez o Ex-Ministro Daun; no ramo da direita vejo a palavra ou nome — *Salzedas* — e sem data, sem assignatura, sem authorisação

alguma, sem documento, que faça fé, ou que possa dar credito ao annunciado, acho huma descompostura, porque a quizerão dar, que he para que servem, os do *Portuguez*, ao Illustrissimo e Reverendissimo Padre Geral da Congregação de S. Bernardo, do Conselho de Sua Magestade, e seu Esmoler Mor. E porque se lhe faz tão insolente ataque! Porque esperando elles os do *Portuguez*, que Sua Senhoria *viesse dar exemplos de amor á Causa*, nomeou *José Joaquim*, Escrivão do Couto de *Salzedas*. E porque? Porque este José Joaquim foi Ajudante de Ordenanças em Dezembro passado, e que *fusilára a Carta*. — Onde estava a *Carta* que o homem logo a vio, e como bom caçador logo lhe acertou? Diz mais o Artigo sem nome que, depois de a fusilar, creio que á queima roupa, a queimára; (depois de fusilar hum papel, queimou o mesmo papel queimado já) ainda fez mais (tudo isto está no Artigo) pegou na *Carta*, fusilada, e queimada, e a enterrou. Foi caçador, e coveiro. E sabia acaso de todas estas operações carrasqueiras do José Joaquim (todo o Mundo conhece José Joaquim) o Illustrissimo Padre Geral, ou devia o mesmo Illustrissimo punir o crime da fusilação, queima, e enterramento da *Carta*? Era elle Juiz competente? Nomeou José Joaquim Escrivão do Couto: se José Joaquim he criminoso, quem o pode castigar, que o castigue; por ser nomeado Escrivão, não fica inviolavel. Tudo isto he assim, e para calumniar o Illustrissimo Padre Geral fação os do *Portuguez* entender, sem provas, sem assignaturas que o mesmo Illustrissimo nomeára o José Joaquim Escrivão, porque fusilara a *Carta*. Ah! Senhores do *Portuguez*! Para o que VV. mm. servem!! Escrivão ha por ahi, que he capaz de fusilar seu pai, quanto mais a *Carta*!! — Vou-me ao monte, e venha outro Numero.... veio, aqui está: vamos a ver.... sahio o mesmo. Aqui ha mina, exploremos — Lençol do meio da parte de dentro — Artigo *Funchal* — Huma descompostura, não menos que a hum Bispo, e não ahi a qualquer bigorrilhas. E porque? Porque Sua Excellencia suspendêo só do Ministerio de prégar — O Reverendissimo Vigario de S. Gonçalo — *dizem os do Portuguez*: — *Parece* indubitavel que he por ter fallado a favor do Systema Constitucional — Não se pode assacar maior crime a hum Bispo!! E as provas? Para os do *Portuguez* he huma prova plenissima somente esta palavra — *Parece* — E, porque *parece*, se calumnia a Sagrada Pessoa de hum Bispo!! Ha maldade semelhante? Pois eis-aqui o crime por-

que foi suspenso (e logo se suspendeo o procedimento por empenho do General Valdez.) — Gritou o Reverendissimo Vigario do Pulpito abaixo — Que não acreditassem no Jubileo do Anno Sancto, que era huma caraminhola dos fanaticos, que o verdadeiro Jubileo do Anno Sancto, era a *Carta*: Ainda gritou mais, e disse — Esta Igreja he de Constitucionaes, se aqui está algum Corcunda, ponha-se no meio da rua, (não só no Funchal se disse isto, tambem se disse aqui em Lisboa em S. João da Praça.)

O' Senhores Padres Pregadores, pela sua vida, e saude, deixem estar os Corcundas; estes burros são os que devem ser instruidos, ensinados, e convertidos para a Constitucionalidade; os Constitucionaes não necessitão de Catequeses, são não só justos, mas os mais instruidos nas doutrinas Constitucionaes. Pois se os Missionarios de *Angola* deitarem fora os Pretos buçaes, e tirados do Mato para prégarem só aos Europeos que por lá estejão, então que vão lá fazer? Aos Corcundas, aos Corcundas, he que deve dirigir-se a vehemencia dos seus Discursos, e a Sanctidade das suas Doutrinas, e converter aquellas almas de C...., e aquelles corações de páo, já que nem a páo se querem apear da burra de seus principios, a que elles chamão honrados, que vem a ser, obedecer a ElRei, observar a Carta, e não insultar ninguem, nem armar sedições nocturnas, querendo o que? Daun.

Meu amigo, são quatro horas, e meia da tarde, vou tomar huma beberagem amarga, (não he da Botica): são excessivas as anxiedades, e as dores, até hum dia cedo, isto he, até ao dia de ir Carta, que já agora não largo o *Portuguez*, e tomára que lhe acceitassem a querela, para eu sahir com o meu Libello! Heide faze-lo eu; e V. m., se me ajudar com apontamentos, mais se augmentará a Obra das Causas celebres que ha em Francez; e eu em bom Portuguez sou

Seu Amigo *J. A. de M.*

Forno do Tijolo 20 de Agosto de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1827.

Com Licença.

CARTA 15.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

Sim, meu amigo, eu desejo fazer-lhe a vontade, e a justiça o quer: desejo; mas como se pode responder ao *Velho Liberal do Douro*, se este ente, que nem homem merece que se lhe chame, desde que quiz illustrar o Mundo com seus *Ensaios Politicos*, ainda não escrevêo hum só discurso seguido, ordenado, ligado entre si, com deducção, com clareza, e que diga alguma cousa de maneira que se possa entender o que elle diz, e o que elle quer? Paragrafos miudos, e soltos, a quem elle, como o mais ignorante das creaturas, chama *periodos*, porque de nada tem idéas claras, e justas! Apenas se pode responder que he hum mal creado, e que mostra que nas Cachoeiras da Bahia se creára, e educára sem dúvida em alguma Taberna. Eu nada escrevo, ou adianto sem provas extrahidas literalmente do Escripto, de quem fallo. V. m. me remette o 2.° Supplemento do *Velho* ao *Velho* N.° 49. Eu peço aos meus mais declarados, e encarniçados inimigos que o leião, e decidão. Visto o caracter, a creação, e a perversidade estupida do homem, (vá o homem) nada espanta. Os Censores, os Censores he que eu admiro, e só os Religiosos Censores, *e nada mais, e nada menos!!* Os Censores; delles me queixo unicamente, e só de taes, e semelhantes Censores se deve queixar o Mundo, vendo as patifarias, e desaforos em todo o sentido, que tem ha tempos sahido dos Prelos Portuguezes, tendo estes Censores humas Instrucções, cujo §. 6.° lhes prohibe dar licença a accusações, imputações, ou injurias, que respeitem á vida particular dos Cidadãos. » Isto se prohibio sempre, e por todas as Leis he prohibido *doestar*. — Os Censores por certo lêrão, como devião lêr, este N.° 49, e elle aparece impres-

so; o meu nome alli está impresso tambem desde a primeira até á ultima pagina. (*) Vejão os Censores: — na pag. 689 sou chamado *Carteiro*, — logo *Regateiro*, — logo *Arrieiro*. — mais abaixo *Energumeno*, — depois *Doudo*, — adiante *Escrevinhador*. — A pag. 684 duas vezes *Carteiro*; — abaixo pouco mais — Republicano *Agostinheiro*, e *fornilheiro*. — Na pag. 685 *Pata-choca Ecclesiastico*. — A pag. 686 *Polifemo*. — A pag. 687 *Borrões revolucionarios do Padre Carteiro*. — Na mesma pag. *Arrieiro*, — logo abaixo *Masmarro*, — logo *Cachola*. — Pag. 688 *Hypocrita*. — Pág. 689 *Blasfemador*. — Na mesma pag. *Vibora*, — outra vez *Polifemo*. — Na mesma pag. *Tartufo*. — Na mesma *Impostor*. — Na pag. 690 *Garoto*. — Na mesma pag. *Masmarro*, — e logo *Burro*.

Hum homem creado n'huma Taberna, que mais, e que menos poderia dizer? Não se queixem os homens de bem deste indigno ente, queixem-se dos Censores mais cegos, mais parciaes que o mesmo Escriptor, e por tanto complices mais escandalosos de tantas maldades. Quatro Religiosos, que chegão a dizer que papel meu se não deve imprimir, ainda que seja — *hum Sermão de Nossa Senhora*, — (lembrem-se qual delles disse isto) que podem fazer senão dar licença, contra as suas Instrucções, a estas infamias? Que quer V. m., meu Amigo, que eu responda a estas injurias? Que se pode responder a huma serie semelhante de affrontas? Que provas se produzem, ou que Leis podem permittir como justas taes injurias, doestos, e ataques? Que mais podia fazer no meio de huma rua hum desalmado pago para atacar, e vilipendiar hum homem? Eu não posso dar a resposta, que isto merece; não me pertence a mim, pertence ás Leis, ao Magistrado, e ao Governo, e Poder Judiciario; mas como alli sou atacado no meu Ministerio, nos meus estudos, nos meus conhecimentos, quaesquer que elles sejão, muitos, ou poucos, não nesta serie de Cartas, mas em separado, como já fiz ao *Fiscal dos abusos*, eu prometto ao Publico desafrontar-me, e desafrontar o mesmo Publico, com huma extensissima exposição deste supplementado N.° 49;

(*) Eu sempre ponho o meu nome; os meus respondões nunca se assignão; nem o mesmo *Velho*, que no seu Numero 25, pag. 287, disse: » *Assignai em vossos Escriptos os vossos nomes*... assignem, e dem-se a conhecer para não serem suspeitosos. » E elle?....

porque como elle diz em todos o mesmo, só com a differença de mais frenesi, e insipiencias em cada hum delles, esta exposição, que vou escrever (e todos sabem que não costumo faltar a estas promessas), supprirá cabalmente por todas; e, se he possivel, deixarei confundido de huma vez este, o mais iniquo de todos os viventes. Comecemos, meu Amigo, com a minha interrompida tarefa, e vamos ao *Portuguez*, que eu não deixarei — *em quanto o espirito reger estes membros*, como diz *Virgilio.* — Todos tem reparado, e com muita razão, nos dous Requerimentos lançados no Portuguez, o primeiro contra o *Correio do Porto*, o segundo contra mim, e achão em ambos huma infracção manifesta da Carta, segundo aqui me disse hum Magistrado Togado, porque he postergar todo o procedimento legal, e querer confundir os Poderes governativos tão expressos, e tão distinctos na mesma Carta Constitucional; e o mesmo Magistrado me dêo taes razões, que eu fiquei convencido de que os *Portuguezeiros* infringírão a Lei Fundamental; e tambem fiquei persuadido que, quando o Procurador de Letras iniciaes acabasse com o aranzel, toda a *Empreza* havia exclamar, animada do melhor espirito, e enthusiasmo, como os Periodiqueiros dizem que estava animado o *bravo* Tambor, que dêo vinte rufos quando chegárão as — *dezesete Bandeiras* — tiradas aos rebeldes *Chaveiros.* — Viva a Carta! Parecem-me Bandeiras de mais! Deixemos isto para a outra vez, quando o *bravo* Tambor, que dêo os rufos, rufar mais, e o *bravo* Sargento, que as recebêo, as contar melhor.

O Magistrado achou infracção de Carta no Requerimento dos *Portuguezeiros*, (quando V. m. vir papel periodico com o titulo — O *Portuguez*, desconfie sempre, lembrando-se do que vinha de Inglaterra, do Portuguez de Pato, e do Campeão Portuguez) eu encontro mais alguma cousa no mesmo Requerimento: encontro nos seus Auctores outros tantos Apostolicos da gêma... Apostolicos os *Portuguezeiros!* Sim, Senhor, todos inteiros. Que querem os Apostolicos? Querem, que para isso gastão o seu dinheiro, querem, e morrem pelo *absolutismo*, e *arbitrariedade*, que he, dizem elles, o melhor de todos os Governos. Outro tanto querem os *Portuguezeiros.* Logo: os *Portuguezeiros* são Apostolicos. Chamase isto hum Enthymêma; e he preciso sempre neste Sylogismo provar a consequencia. Dirigírão-se immediatamente ao

Throno; e querião *(sem absolutismo)* que sem forma alguma de processo; sem sentença dada, depois de eu ser ouvido, sem apresentar a minha justa defensa; sem se conhecer, e decidir em juizo, se as passagens, que eu cito do *Portuguez*, forão, ou não forão fielmente trasladadas do mesmo *Portuguez*, só para satisfazer o amor proprio offendido dos sanctos Patriotas do *Portuguez*, se mandasse passar hum Aviso, que á moda dos assignados — Silva Carvalho —, désse comigo nas Pedras-negras, embarcando á meia noite, e só com a camisa, que levasse no corpo, se acaso o dicto Aviso com a assignatura *supra* me não mandasse tirar essa mesma. Quem faz isto quer o absolutismo, quem quer o absolutismo he Apostolico; logo os do *Portuguez* requerendo assim, sem caminharem pelos meios competentes, ou ordinarios da Justiça, e na conformidade da Carta, e Leis deste Reino, são Apostolicos! Aqui não se pode negar nem a maior, nem a menor, nem a consequencia. Querem pois os *Portuguezeiros* aquillo mesmo, contra o qual tanto gritão, e escoucêão; e para destruir o qual vierão cá, e se levantárão os Pais da Patria, hoje faz sete annos 24 de Agosto, na tranquilla Cidade do Porto.

Que dirião estes meus, e nossos Senhores do *Portuguez* se vissem que, sem se abrir devassa, sem forma alguma judicial de Processo, apenas se fosse caçando hum, ou outro merlo dos conductores, e pagadores do rapazîo, e mais descalcez dos tumultos nocturnos de 24, 25, e 26, os remettessem logo para bordo de huma Charrua velha, que os acarretasse logo na primeira maré, e vento até as deliciosas praias de Caconda? Que dirião! Oh Ceos!! Quanto gritarião; e que ramos do Lençol encherião contra as fogueiras da Inquisição, e Despotismo Ministerial!!! Elles mesmos, estes *Portuguezeiros*, quanto se tem lastimado de que aquelles *innocentes*, *sem culpa formada*, não saibão ainda qual será o seu destino, soltando-se o Prior do Barreiro, que dava pelas praças, e ruas berros espantosos de sedição *contra* o Rei, e *contra* a Carta; e elles na cadêa, os cidadãos pacificos, e tranquillos, que marchando a compasso, e ao som de harmoniosos instrumentos, ião vêr as ruas armadas para a festa de *Corpus*, pedindo mótes ás Senhoras, que aformoseavão as janellas, á luz de bogias, com suas caras de pão com manteiga, e chá. Cidadãos pacificos, e modestos, que entoavão

suaves hymnos com musica de Rossini, e de Cimarosa, e Pergolese com a Letra daquella Aria chamada — *Quem merca Tripa* ..... com o lindo estribilho em fuga de — *Morrão muitos, e morrão muitas* ..... Quem se não ha de condoer destes cidadãos pacificos, divididos em bandas de Musica com seus directores todos da *irmandade de Sancta Cecilia*, que apenas soou o sino da Sé a recolher, se retirárão para seus domicilios inviolaveis? Isto corta o coração; e he huma arbitrariedade manifesta dos escuros tempos do Despotismo. E vv. mm. querião com sua queixa huma ordem arbitraria, sem formalidade alguma judicial, para sua satisfação no eterno requerimento! Ora pois, de todos os N.os do seu *Portuguez* se estão extrahindo passagens, e documentos, que provão, e justificão aquellas accusações, de que vv. mm. se querem defender; deitárão-se a perder com isto, porque vão ser convencidos com as suas mesmas razões; e veremos então onde vão buscar outras, e chamar-me-hão no fim — *energumeno*, que quer dizer endemoninhado. E na verdade podem dizer que appareceo o Diabo á Náo da India.

Meu amigo, repizei esta especie, porque todos me fallão no requerimento do *Portuguez*; eu não tenho outra resposta, que lhes dê, senão esta: — *O requerimento do Portuguez lá está no Portuguez.* O *Velho Liberal do Douro* lá anda gritando — Valha-nos o Saldanha! Pois gritem elles tambem.

Mandárão-me aqui o *Portuguez* de Sabbado 4 de Agosto, para eu vêr alli lançadas as duas patifarias contra o Excellentissimo e Reverendissimo Bispo do *Funchal*, e contra o Illustrissimo D. Abbade Geral, e Esmoler mor: sobre isto já fallei, ainda que pouco, na Carta precedente; porem como cada Lençol em cada hum dos seus ramos he huma mina de bicharia grossa, e miuda, lá fui achar, mesmo na ponta de huma costura, hum artiguinho destacado, persuadindo se que escapava alli, porque he com effeito mettido como piolho por costura; he cousa bem singular, parece huma innocencia, e até huma exhalação de caridade Patriotica; pois não he nada menos que hum ataque virulento, sacrilego, e atrevidissimo contra S. M. Christianissima Carlos X Rei de França: a audacia, ou o descôco destes homens a todos desafia, provoca, e insulta. Nada de assersões vagas, o que lá está; e, se eu fôr infiel na copia, cadêa comi-

go; e, se fôr fiel, cadêa com elles. Não se sabe de que folha, ou de que papel o artigo seja extrahido: nem, ao menos, he de correspondencia particular. Tal, e qual, o titulo he este —

Bordeos, Julho 18.

» Chegárão aqui varios refugiados hespanhoes, que
» parecem querer partir para Portugal a bordo de
» hum navio Portuguez, que se acha neste porto á
» carga; e, não obstante virem munidos de passapor-
» tes, o nosso Prefeito não lhes permittio embarcar,
» sem officiar primeiro ao Governo. Receia-se que
» estes infelizes não obtenhão a licença pedida. *Se*
» *ha oito mezes a pedissem para irem reunir-se ao Mar-*
» *quez de Chaves, não só a obterião, mas serião auxi-*
» *liados !!!!!!* »

Para aqui he que eu queria o Neto do Grande Pombal pelo costado materno! Com aquelle pulso, e com aquelles bigodes, que se fossem acompanhados de barbas era Affonso d'Albuquerque esborrachando Coge-Atar, levava toda aquella Portuguezarîa a cachação, por mentirosos, e testemunhadores. Este artigo he mentiroso, porque he impossivel que em huma Gazeta Franceza, ainda que fosse o patife *Constitucional* (e com Censura), se posessem as ultimas clausulas do mesmo artigo: — *Se ha oito mezes a pedissem para irem reunir-se ao Marquez de Chaves, não só a obterião, mas serião auxiliados.*

Que he isto, senão querer fazer ácinte odioso ElRei de França, declarando-o patrono, e auxiliador dos rebeldes? Temos visto em quasi todos os N.os deste revoltoso papel insultos, e ataques directos a S. M. Catholica, faltava-nos vêr tambem, e com tanta atrocidade, atacado, e insultado ElRei de França! (*) Quantas Lamurias, e Jeremiadas tem estes Senhores feito pelo Licenciamento das Guardas Civicas, ou Nacionaes, que he o Palladio, com que a Democracia conta para as revoluções? Estes Doutores da Lei .....

(*) Os Censores devião ter presente o 7.º Artigo das Instrucções da Censura, de 18 de Agosto de 1826, que veda escriptos offensivos aos Soberanos estrangeiros.

não só reprehendem todos os actos do Governo domestico, vai tudo raso por todos os Governos estranhos, tudo ha de passar pela sua politica fieira, tudo ha de ser pesado nas balanças do seu Sanctuario. Querem cá mais Hespanhoes. E que Hespanhoes? Os de Cascaes. Digo-lhe a verdade, que vendo aqui por Pedroiços (porque eu posso estar onde quizer, sem pedir licença ao Grande Oriente) passar aquelles magotes de romeiros de S. Thiago, não sabia se aqui estava, se passava pela Portaria dos Camillos ás onze horas, vendo os magotes dos mendigos, cada hum com sua tigella, esperando que se abrissem as cataractas do Ceo, e cahisse o diluvio do caldo. Leio mil copias das Proclamações Republicanas arrancadas das esquinas setubalenses, e para que se preparavão os bravos gritadores da noite do festejo das armações para o Corpo de Deos; e vejo que contavão com estas indomitas legiões do Grande Pompeo, e que ião já para os campos de Farsalia, ou Campo Pequeno, para disputar a Cesar a posse, e o dominio do Mundo. Talvez se enganassem no caminho, e fossem para onde os chama seu instincto, ou sua arte, que he thesoira bicuda nos coldres, para a porta do Passeio, Campo de Santa Anna, e largo do Terreiro, tosquiar Entes de quatro pés, porque os de dous, esses ficão para a estrada! Pois isto, podem ser Soldados hespanhoes levados pelo Marquez de Los Velles, ou commandados pelo General Aldana na batalha de Pavia? Ou são Miqueletes da raia, ladrões como ratos? Sim, com estes viva a Republica; ainda que morresse Bruto, e Cassio, cá ficavão tres o Augusto, o Lépido, e o Marco Antonio; algum dia direi quem são. São bons Fariseos! Como estes guerreiros em pele e osso vem cá defender a Legitimidade do Senhor D. Pedro IV, não os deixe embarcar, nem vir ElRei de França; e se viessem para engrossar as fileiras do rebelde Marquez de Chaves, logo ElRei de França estava prompto, e muito contente, para os auxiliar, dar-lhe barco, pouca roupa, muito vinho, bastantes cigarros, e promessas de posto de accesso pelas escadas da Forca acima.

Eu não sou capaz de dar conselhos e fazer advertencias ao Governo, como estes Doutores fazem: — temos dito mil vezes, que Cortes extraordinarias são de absoluta necessidade, — porém neste caso, em que se faz tão atroz injuria a ElRei de França, sempre desejava que se lhes man-

dasse apresentar a folha Franceza, em que venha o tal artigo — *Bordeos, Julho 18.* — com as mesmas palavras, com que elles o apresentão tal, e qual como elle apparece desde o principio até ao fim; e, se o não fizessem, fazer-se-lhes o que manda a Ordenação que se faça aos altos calumniadores. Que estes homens e toda esta turba multa dos gritadores da *senha* viva a Carta, venha o Hymno — no fundo do seu coração aborreção os Monarchas, e desejem sempre o que huma vez disserão os seus mestres, pais, directores, e predecessores — *Sans-Culottes* da revolução Franceza em sua aurora, — que o ultimo Rei deve ser enforcado com a tripa do ultimo Frade, e ultimo Clerigo, não me admiro, porque todo este cáhos, em que esta canalha tem posto o Mundo, não se encaminha a outro fim, que não seja republicanisar o mesmo Mundo; e que outra cousa quer dizer *Maçonaria*, ou *Carbonaria*, ou *Negraria*? Que para abater os Thronos, e pulverisar os altares trabalhem noite, e dia, e com mais afinco, e descaramento em Portugal, que em qualquer outro canto da sempre convulsa, e ameaçada Europa, esta he a sua conhecida pertinácia, e tão desesperada, que na Hespanha até a conservão nos degráos da mesma Forca; não he cousa que assombre já, porque a toda a hora se está vendo; mas que elles se atrevão a atacar, calumniar, malquistar, e fazer odiosos os Monarchas em boa letra redonda, e que offereção estes mesmos testemunhos aos olhos do Mundo inteiro em seus papeis, só o tenho visto em duas partes, no *Portuguez*, e no *Velho Liberal*, em hum Sermão impresso, e por elle prégado na Bahia, que ultimamente me apresentárão, e conservo, e conservarei sobre esta mesa, para offerecer em juizo, se for preciso, e que eu irei desfiando, e commentando, não em separado como aqui prometti fazer aos seus outros papeis, mas nestas mesmas Cartas; e como em o Sermão está o nome de — Padre Ignacio, — verá Portugal que o mais revolucionario, e o mais desesperado Liberal, que tem dentro em si para promover sua ruina, transtorno, e desgraça, he este — Velho Liberal. — ElRei o Senhor D. Pedro IV. está, como elle, e elles dizem, por instantes apontando á barra, e eu no primeiro Bote, que vir, voarei á sua presença para lhe apresentar mais este documento depois do Livreco — *o dia 24 de Agosto legitimado*; e elle conhecerá quaes sejão os defensores da Realeza, que

elle aqui conserva; mas em quanto Sua Magestade não desembarca, para desengano dos Corcundas, e Apostolicos malvados, eu irei mostrando quem seja o Padre Ignacio, Velho Liberal, e pois aqui tenho o Sermão impresso na Bahia na Officina de *Serva*, ahi vai huma amostra — pag. 8 § 2.° linha 5; falla das Leis deste Reino, e diz assim:

„ *Codigo barbaro, que assassinaste a Gomes Freire, e* „ *que pertendias assassinar Portugal, e o Brasil. Ah!* „ *pereça a tua memoria, e a memoria daquelles, que* „ *se servirão de ti, para levarem ao desterro, e ao ca-* „ *dafalso os Cidadãos mais distinctos!!...* (homens que querião roubar a Coroa ao Senhor D. João VI.)

Isto foi lido ao acaso, porque abri o Sermão, e não busquei; e agora se irá conhecendo quem seja esta cobra de capêllo, que se enrosca no Porto, e que os arruamentos aqui levavão em charola ás Igrejas para dizer na do Sacramento, prégando de Santo Antonio, que — *Os Martyres de Marrocos erão Portuguezes, naturaes de Coimbra.* Nós fallaremos; isto veio de passagem para se conhecer mais quem seja o amigo do Rei, ou o gritador de viva a Carta, venha o Hymno! Basta a passagem acima transcripta para se conhecer, que o tal Padre Ignacio (vai o nome, porque elle se assigna) he o Declamador mais furioso, que talvez exista em ambos os Mundos, velho, e novo. Passemos aos do *Portuguez*, que, a fazer justiça, são mais homens de bem, e menos revolucionarios, ainda que o tal *Velho Liberal*, que melhor se conhecerá quando apparecer o papel, que não tarda, intitulado — *A Besta esfolada.* — Tornemos aos do *Portuguez*, que he thema eterno. Se acaso Sua Magestade Catholica não tivesse feito justiça aos Communeros, que o pertendem derrubar do Throno, e que tão contumazes se mostrão que até se acoutão aqui, para o atacarem de cá juntos ás nossas invenciveis falanges Republicanas, os do *Portuguez* não terião tão impudentemente insultado este Monarcha. Se El-Rei Christianissimo não houvesse dado algumas provas de querer sustentar a Soberania, e pôr-se em guarda contra as maquinações maçonicas, que se obstinão contra os obstaculos, que lhes oppõem os mesmos Povos, já cançados, e enfastiados de tantas promessas de ventura, que sempre vem

a acabar em desgraças, elles não terião injuriado este Soberano fazendo-o fautor das rebelliões, e apadrinhador dos Rebeldes, como tão claramente se descobre no fantastico Artigo — *Bordeos Julho* 18. — Tendo elles escripto tanto, e tendo já tão moida a paciencia humana com a secantissima descarga diaria, ainda não escrevêrão, e publicárão cousa mais escandalosa: parece que unicamente desejão a desgraça deste tão atribulado, e tão atenuado Reino; por injurias muito menores, e até muitas vezes insignificantes se tem pedido estrondosas satisfações; e bem cuidada a malicia insultante do tal Artigo — *Bordeos Julho* 18 — eu não sei o que haverá. Talvez haja apenas hum riso amargo de compaixão de hum Reino, que chegou a cahir nas mãos de Periodiqueiros, orgãos manifestos do partido desorganisador, que não quer outra cousa mais que a ruina da Monarchia, quando mais grita — Viva a Carta, venha o Hymno.

Eu nada tenho com estes homens como homens, sejão tão venturosos que não tenhão mais que desejar; se peguei na penna, foi unicamente para destruir, ou descobrir a malicia de suas doutrinas, o espirito revolucionario de seus principios; ainda que a totalidade do Povo Portuguez seja incorruptivel, com tudo, o veneno, que se lhe propina, he tão subtil, que põe em obrigação o homem zeloso do bem da Nação, de acudir com o prompto remedio. Este foi o motivo, e este o unico fim destas Cartas concebidas neste estilo festival quando a materia o pede. Quando se unta de hum licor doce, e suave a orla do vaso, em que se dá ao tenro menino a bebida medicinal, mas amarga, com este innocente engano recebe a saude, e a vida. Eu não necessitava já de me dar a conhecer por Escriptor nem em verso, nem em prosa; não em verso, porque quem compoz com a mira de exaltar a honra de Portugal o Poema Epico — *O Oriente* — no estado, em que se acaba de publicar, nada mais devia escrever, e estimarei que haja quem o censure; não em prosa, porque quem, entre tantos centenares de Escriptos, pôz em Portuguez o Elogio de Pio VII, e agora escreveo o Elogio de Ricardo Raimundo Nogueira, não tem mais que desejasse escrever. A esta casa veio já por tres vezes hum assassino para me matar, isto he verdade; a Providencia acudio, descobrio-se, e evitou-se: tal he a minha tristissima condição: — morra, porque diz a verdade, e falla com

affecto, e com verdade a toda a Nação. Perdoem-me os Leitores fallar de mim, não o faço por orgulho, ou por vaidade; haja quem diga que me ouvio jámais fallar em conversação, ou em versos, ou em prosas, e prasa ao Ceo que nos poucos dias da minha enferma existencia, eu tivesse com que sufficientemente me alimentar sem fallar em publico mil vezes sobre o mesmo objecto, sem que já haja que dizer! Atacado por todos os lados até na vida natural, descomposto com approvação dos Religiosos Censores, calumniado pela infame Maçonaria, tractado até de ignorante, coberto de nomes affrontosos como levo dicto no principio desta Carta; assim mesmo vendo o punhal de hum assassino, não desistirei, em quanto vir doutrinas subversivas para as combater, e acudir á sempre grande, áté no abatimento, Nação Portugueza. Remato, meu amigo, esta Carta, e como? Pedindo á Classe Titular, e Nobre, e distincta deste Reino, que olhe por si, porque a grandes passos se trabalha para a sua ruina; liguem-se, e deveras, para deceparem as Cabeças renascentes desta Hydra! Infelizes, não se illudão, acreditem-me. Se alguns, ou alguns chegão á baixeza de approvar, com pouca reflexão, o espirito Republicano já tão claramente pronunciado, não se illudão, tenhão diante dos olhos o terrivel exemplo do Duque d'Orleans — *L'Egalité.* — Poz o barrete Republicano, mas tambem depoz logo a cabeça na Guilhotina! Debalde se lembrarão do que lhes diz hum miseravel homem, mas homem de experiencia, e de observação, homem que os ama, porem que nem delles, nem com elles quer cousa alguma, que a nenhum hade procurar, que a nenhum sabe, nem soube já mais lisongear. Mantenhão a Dignidade de Pares, como Nobres sempre o forão; e ainda lhes farei mais hum serviço: saibão que a Carta, que agora temos, he a mesma que sempre tivemos, com poucas differenças nominaes. Esta Carta quasi que só tem novas palavras, novas formulas, que o Seculo, e que o diverso modo de se explicar nos homens, e o diverso modo de estudar, tem introdusido. A Magna Carta Ingleza de João Semterra, he a mesma em sua substancia, que a Carta dada por Affonso Henriques. Não ha em nossa Carta actual hum só Artigo, que substancial e virtualmente não esteja em nossa, he verdade, muito implicada e complicada Legislação, o que se poderá demonstrar até á evidencia; e ve-

remos então quem sejão os amigos da Carta, se os que isto dizem, e provão, se os que gritão — Viva a Carta, venha o Hymno!

Isto não he apartar-me do objecto principal, são diggressões necessarias, o objecto principal nunca esquece, a fertilidade de absurdos, e ataques aos Soberanos em o *Portuguez* he espantosa, e diariamente nos offerece nova materia para muitas Cartas, que tem merecido, o que muito agradeço, benigno acolhimento do Publico. He preciso que appareção estas Toupeiras solapadas, e minadoras, que não se conhecião mais que pelos montes de terra, que levantavão; eu as exporei ao olho do Sol, que ellas não soffrem para que todos fujão de figuras tão hediondas, e abominaveis. Continúão a apparecer *Respostas ao Padre,* (ás Cartas não.) O Mestre de poucos meninos aparelha, ou vai em caminho, com segunda jumentice; mas quem hade ter alma de descarregar huma lambada em hum lombo descarnado, e cheio de tantas mataduras? As Hortas estão sêccas, os Brocos acabados; mas o homem quer roer alguma cousa, seja o que fôr. Vão perguntar-lhe se em algum dia de sua vida fallou comigo, ou recebêo de mim algum aggravo! Cousa nenhuma; o mesmo que os outros; todos serão enfeixados, e todos levarão huma resposta, qual elles merecem. Não se hão de calar, porque ainda que não possão morder, estes cães contentão-se em ladrar; em quanto o Publico decididamente senão enfastiar, irá tendo alguns desenganos uteis encapotados em decentes gracejos, e dará ao menos algumas risadas quando vir passar pelas ruas, mui campanudos, e meditabundos sobre a sorte, que querem dar a este Reino, alguns dos do *Portuguez*, e outros que taes; e V. m. para ser verdadeiro Portuguez, seja o que tem sido até aqui V. m. e

Seu Amigo *J. A. D. M.*

Forno do Tijolo 24 de Agosto (bom dia) de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 16.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

CONSERVAVA, meu amigo, os tres Numeros do *Portuguez* sobre esta banca, erão o meu thesouro, e a mina fertil, de que até aqui tinha tirado todas as minhas riquezas; mas em fim tambem a mina do Potosi, sendo tão abundante, se estancou: o ultimo torrão, ou a ultima pissarra, que pude arrancar dos tres Lençoes foi o Artiguinho, que dêo materia á precedente Carta, que foi aquelle piolho escondido, ou mettido na ponta da ultima bainha, e que se chamava — *Bordeos Julho* 18; — acabou-se alli; e em quanto V. m. me não remette algum trapinho mais, em que venha algum ramo apontado, para não faltar hum só Correio sem Carta, servir-me-hei no presente do *Velho Liberal do Douro*, mais patife ainda, que seu irmão d'armas o *Portuguez*; ao menos este discorre sobre qualquer materia dada, huma vez que faça geito, e seja conforme a seus principios, e possa ser meio para caminhar a seus fins, ou instrumento para a sua Obra revolucionaria. Não he assim o *Velho*, este *Velho* que he hum grande nas mãos ahi de qualquel Cortidor de pelles, e Fabricador de sola, não discorre, porque aquelle rombo bestunto he incapaz de raciocinios; ladra, morde, grita, e salta, como já disse, de huma materia para a outra, e que tem em si tanto parentesco, e semelhança, como tem requeijão com ponta de espeto: naquella lingua de matúla, ainda que *caixeiro de Taberna nas Cachoeiras*, se atreve a assoalhar sobrinho do homem de Estado Duarte Ribeiro de Macedo, arredado, porque este homem illustre morrêo ha quasi dous Seculos; não sabe outra cousa que não sejão nomes afrontosos, pois hum Donato de Capuchos se atreve a chamar — *Masmarros* a tudo o que he Frade, ou Clerigo, com tanto que não seja revolucionario, amotinador, ou as-

pirante Republicano. Os seus Discursos são delirios furiosos de hum febricitante; e seus latins mal escriptos, com que elle mata os arruamentos, que os não entendem, direi com Horacio, que são como sonhos vãos de hum miseravel enfermo, sem hum só paragrafo, que não venha adubado com injurias grosseiras, nomes afrontosos, e descaradas calumnias; tudo isto muito consentido, e approvado pelos austeros, e penitentes Religiosos da Censura para escandalo do Mundo, e indignação dos homens de bem de todos os Paizes, e de todas as Opiniões; porque o Censor, que tal approva, he peor que o Escriptor, que taes infamias publica. Não me posso acommodar com tal procedimento destes austeros Religiosos: demoremo-nos sobre esta materia hum pouco, pois se enlaça muito com a principal, de que me não aparto, e de que logo continuarei a tractar, porque não salto, ou escoicêo, como o Velho, e até supplico a attenção do mesmo rectissimo Governo, que temos, sobre o que vou ponderar a V. m. nestas Cartas tão ligeira, e superficialmente começadas.

De todas as desgraças, divisões, e infelicidades, sustos, e sobresaltos, que nós soffremos desde que a Carta Constitucional foi publicada, e jurada, e que em sua plena observancia podia, e pode fazer a nossa felicidade, porque nos une a todos, tem culpa os Religiosos Censores da chamada Commissão. Parece isto hum paradoxo absurdo, mas he huma verdade demonstrada. Todos estes públicos gritadores de Viva a Carta, Vivão as Instituições do mais sabio, e do maior de todos os Imperantes, são os mais furiosos Demagogos Republicanos de 1820, e na cabeceira deste interminavel Rol vão os Periodiqueiros actuaes; *Pobres*; *Portuguezeiros*, *Imparciaes*, *Borboletas*, *Gazetistas Constitucionaes*, *Sóes*, *e sobre tudo Velhos Liberaes.* Para se salvarem, sem poderem, porque os Documentos da sua perfidia antiga, e moderna, existem impressos, e publicos diante de Senhor D. Pedro IV, começárão a infamar todos os Portuguezes, que não são elles; e estas invectivas ainda não acabárão pois empurrão tudo o que elles fazem aos homens de bem, que mudos, tranquillos, e sujeitos, ouvem a Lei, e obedecem á Lei. A paciencia, e o soffrimento de tantas patifarias tem hum termo, e todas as divisões, que tem havido, nascem da irritação apurada, em que os tem posto. Não fallo tambem dos insultos das ruas, e dos que a toda a hora sa-

bem das Lojas dos arruamentos, e até dos Corpos de certas Guardas, e dos individuos avulsos destes Corpos, e destas mesmas Guardas postas para manterem a publica tranquillidade, fallo dos insultos, dos aleives, e das calumnias, e afrontas, de que estão recheados os Periodicos, o mais violento, e cruel flagello deste Reino, e de todos. Ah! porque tem emigrado, e fugido daqui tantos individuos, e tantas familias para a Hespanha expostos a tantos trabalhos, miserias, e desterros? Sim: tem fugido muitos, e não se pode dizer, que são unicamente os Soldados rebeldes, e alliciados; e tantos tem fugido, que toda a Historia deste Reino não offerece hum quadro mais doloroso; he unico, e não posso ouvir dizer que hum só individuo fuja, que o meu coração não estale de dor. E porque tem fugido? Para melhorar de estado, não, porque até homens abastados, e opulentos andão entre gente estranha á mercê de hum miseravel pão caritativo. Porque fogem? Porque os Periodicos os tem perseguido, insultado, vilipendiado, nomeando-os pelo seu nome, assacando-lhes crimes, e baldões, que nunca tiverão; fogem, e clamão contra o Governo, que, porque o não sabe individualmente, parece tolerar estes infames e infamadores Periodiqueiros, que ou por propria malicia, ou interesse, porque por este se deixão corromper, são os mais crueis inimigos de toda a Nação. Vão clamar por Justiça a Reinos estranhos, expatriados, arrancados sem esperanças de suas terras, de suas casas, de suas familias, onde os mais delles vivião tranquillos, e mais obedientes, e sujeitos ao Rei, e á Carta, que os infamissimos revolucionarios Periodiqueiros! Se aqui estão Francezes, taes Escriptores exaltão Francezes até ás Estrellas: se apparecem os Esganarelos Republicanos de 24 de Agosto, chamão-lhe logo os Periodiqueiros — *Pais da Patria, Homens Sagrados, Salvadores da Nação, honra da humanidade, Anjos protectores* — tudo isto está escripto em muito nitida, e aceada letra redonda; tudo isto irá apparecendo, porque em fim, eu assim mesmo doentissimo, vou vivendo. Sahe ElRei para Villa Franca, para escapar ao que se premeditava fazer-lhe no Campo Pequeno; os mesmos Periodiqueiros, que até alli gritavão pelos *Pais da Patria Homens Sagrados* — clamão agora, que S. Magestade com muita justiça reassumira seus inauferiveis Direitos usurpados pelos Demagogos revolucionarios de 24 de Agosto, a quem acabavão de chamar Pais da Patria, Ho-

mens Sagrados, Anjos, e mais Arcanjos. Vem a Carta dada pelo Senhor D. Pedro IV, ei-los já para se metterem com o Sr. D. Pedro IV, a quem desejão beber o sangue, promovendo (não podem negar isto, homens desaforados) promovendo Revoluções Republicanas, e desculpando em seus corruptores Periodicos a rebellião formal, e começada em as noites de 24, 25, e 26 de Julho, indispondo, e irritando sempre tantos homens, que irritados com tantas patifarias fogem do Reino, que elles desejarião felicitar com a obediencia a El-Rei, e exacta observancia da sua Carta. Estas desgraças são verdades, e estas verdades são desgraças. Quem tem culpa de tudo isto? Dirão que são os Periodiqueiros; não, não, não são os Periodiqueiros, elles obrão conforme seus principios, não podem deixar de ser perversos, porque são perversos, outros não podem deixar de ser perversos, e tollos, como o *Velho Liberal*, e seu irmão, e compadre o *Borboletæ*, os culpados são os Religiosos Franciscanos da Censura, e seus Collegas, porque obrão contra sua consciencia, e são huns escandalosos infractores do principal Artigo das suas Instrucções; eu tambem as tenho, e ainda o não infringi em tantos Livros, e Papeis, que tenho censurado, louvando o que he bom, e tanto que até muitos me pedem a faculdade de imprimir as minhas censuras. Se estes Religiosos da tão stricta observancia de S. Francisco não tivessem licenciado tantos desaforos dos *Pobres*, do *Velho*, do *Imparcial*, e do *Portuguez*, com tanto conhecimento de causa, como sobeja malicia, o descontentamento não seria tão geral. Eu repito o que mil vezes repito, não atiro ao ar com asserções vagas: succede, por exemplo, na Cidade d'Evora o que succedeo com Ecclesiasticos respeitaveis, e homens innocentes, vem logo a historia no *Portuguez*, tão infamemente alterada, que os annunciados ficão como ficárão, no conceito público, tidos pelos mais criminosos malfeitores do Universo, inimigos do Rei, inimigos da Carta, inimigos do Hymno, Sediciosos, Conspiradores, e em summa, Apostolicos: remettem-me, que conservo, e publicarei authenticos testemunhos da verdade, provas de assassinios aos Cidadãos em sua casa, e até em suas camas com arrombamentos de suas portas, publica-se o contrario no *Portuguez*; que muito se tantos, e tantos homens atrozmente calumniados se irritem a ponto de se tornarem inimigos do Systema, fujão, e se degradem voluntariamente a si mesmos? Quem tem a

culpa destas desgraças, e da ruina de tántas casas, e familias? Os Censores, que animados do mesmo espirito, que dirige em tudo os Revolucionarios Periodiqueiros, approvão taes incendiarios Escriptos. Que diria ElRei de França, se depois de determinar Censores para os Periodicos estes continuassem a publicar os mesmos absurdos, pelos quaes forão mandados sujeitar á Censura? Quem ficaria responsavel pelos absurdos, os Escriptores, ou os Censores? Isto não necessita de mais provas, a experiencia falla. Se eu não fosse hum tão miseravel enfermo, que nem andar posso, que até me custa a assentar, e a levantar depois desta cadeira, quem tinha maior razão de se expatriar, e fugir de tal Reino pelo que contra a minha pessoa sempre, e nunca contra meus Escriptos, tem licenceado, e permittido os quatro Religiosos Franciscanos, Capuchos, e Terceiros, e seus Collegas? Ha infamias, que elles não tenhão deixado passar, e vão deixando, depois que com estas Cartas procurei destruir as illusões, com que trazem enredado o Povo taes Periodiqueiros? Ha affronta, que me não tenha feito o *Velho Liberal* aqui licenceado, e aqui impresso, e aonde? Na Rua dos Fanqueiros. Nomes, que os não chamaria huma Meretriz, ou hum Lava-peixe, que estivessem bebados; eis-aqui o que se vê em todos os Numeros, e Supplementos, sem jámais trasladar, ou copiar por inteiro, e por extracto, huma só passagem de hum só Escripto meu, que devia, se tivesse honra, ou juizo, analysar.

Prometti encher esta Carta com este homem, que tanta bulha faz pelos arruamentos, fallar nelle, e fallar nos do *Portuguez*, fallar nos do *Portuguez*, e fallar nelle he a mesma cousa, as mesmas doutrinas, os mesmos principios, e os mesmos fins. Viva o Rei, viva a Carta, venha o Hymno, e depois viva o Primeiro Consul, porque o Povo tem direito de Petição. E porque se não pedia *de dia* o Ex-Ministro com a mesma formalidade, com os mesmos gritadores, e seus directores, com que por tres noites se pedio *de noite*? Se o Povo tem para isto direito de *Petição* espere que amanheça, porque isto não era caso de Sancta Unção, que ha de ir, seja a que hora fôr. De noite não ha Audiencia, nem estão abertas as Secretarias, e menos os Tribunaes. Para supplicar á Serenissima Senhora Infanta Regente, que estava nas Caldas, he perciso que se ajuntem de noite a gritar pelas ruas com archotes grupos de amotinadores, nas mesmas noi-

tes, e ás mesmas horas em Lisboa, no Porto, em Guimarães, e outras terras? He possivel que em toda a parte houvesse os mesmos movimentos simultaneos, e identicos, sem haver hum plano antecedente, combinado, e disposto para o mesmo fim? Era perciso que gritassem muito, para que a Serenissima Senhora Infanta Regente os ouvisse nas Caldas, e despachasse desde lá aquelles Cidadãos pacificos, e tranquillos, que entoavão vivas á Carta, e ao Senhor D. Pedro IV.!!! E he possivel que o *Velho do Douro* venha justificar tudo isto, e lastimar-se muito, que tão conspicuos Cidadãos, *que temião que a Carta fosse abaixo*, estejão no Limoeiro? Fazendo o que? Insultando das grades abaixo quem vai passando pela rua! Conheça-se de huma vez o *Velho Liberal do Douro*, porque esta Carta he com elle, e para elle, e depois responda elle ao *Carteiro* com seus nomes affrontosos.

Quem não está já cançado de ouvir este Catão Republicano declamar contra os inimigos da Carta, e do Senhor D. Pedro IV.? Tudo he legitimidade, tudo he respeito, tudo he obediencia a este Soberano, tudo são gritarias contra os Apostolicos inimigos do Senhor D. Pedro IV., e da Casa de Bragança. Parece que nem o mesmo João Pinto Ribeiro era mais amigo do Duque de Bragança, e depois o Senhor D. João IV. do nome em Portugal. Os Arruamentos, os Largos, as Praças dos passeantes de dia, e gritadores de noite isto acclamão, isto levantão até á mais alta das nuvens, repetindo o nome *sagrado do Velho Liberal* com os seus Numeros nas mãos, a que não responde o Padre. Ora arrebitem os Senhores essas orelhas, que, por certo, ou são, ou parecem dobradiças, e vejão que amor tem á Casa de Bragança, e ao legitimo Successor na Dynastia de Bragança.

Sermão prégado na Bahia a 13 de Abril de 1821 pela recepção do Decreto, em que D. João VI. *jurou a approvação* da Constituição — pag. 8. §. 3.° linha 1.ª

" Ingrato Duque de Bragança, foi assim que te mostraste
" generoso a huma Nação, que te firmou nas mãos o Sce-
" ptro? Sim, forão os seus Ministros, e os que apparecêrão
" nos subsequentes Reinados, quem arrastou a Nação ao
" tenebroso abysmo do pranto, da vergonha, e da miseria."

Não esperou este homem que lhe arrancassem a máscara, elle quiz poupar esse trabalho aos outros, descobrio-se, e assim ficará. Não se pode invectivar, e atacar com mais in-

solencia não só o Mónarcha restaurador, e por isto o mais memoravel, e o mais respeitavel de todos, pois em quanto ao meu entender fez mais que D. João I vencendo a batalha de Aljubarrota, ajudado pelo Condestavel, donde por sua filha D. Leonor d'Alvim vem tambem a Casa de Bragança; mais que D. João II com a severidade, e prudencia de seu Reinado; mais que D. João III com sua piedade, e dilatação de conquistas no Oriente; porque D. João IV libertou o Reino da diuturna, e prolongada dominação estranha, arrostando, sem segurança do bom exito, o formidavel poder de Filippe IV, a quem o valido Conde Duque de Olivares, disse ufano depois da Acclamação do 1.º de Dezembro de 1640: — dou os parabens a V. M. por se haver unido á sua Corôa por confisco, a Casa, e Estado de Bragança, pois se rebellou o Duque D. João. — A este Monarcha, que nos libertou, chama ingrato o *Velho Liberal do Douro* — *Ingrato Duque de Bragança*; — nem Rei lhe quiz chamar. Attribue as desgraças do Reino a elle, *e aos que apparecêrão nos subsequentes Reinados.* Pois o Senhor D. Pedro IV não he neto daquelle D. João IV? E não he o Senhor D. Pedro IV o Heroe, o Divino, o maior, o mais glorioso, o Celeste Libertador de Portugal? Deixe-me a censura passar esta palavra, e tenha com ella indulgencia o Publico: — ah! patifes!! — Pode dizer-se, que seja o mesmo homem, ou animal o Velho do Douro, e o Velho da Bahia! Sim, são os mesmos todos elles. Tanto querem elles D. Pedro IV, como D. Pedro V, ou D. Pedro mil! Não querem Rei, não querem Altar. Saiba o Povo Portuguez que são huns dissimulados hypocritas. He tempo de se dizer a verdade, e salvar com a verdade exposta o Throno, e a Nação; querem huma Republica; e quantos dias duraria essa Republica, apezar das Guilhotinas, e gargalheiras já preparadas? Ah! não, não se esperaria que até do fundo do Septentrião cahissem sobre este Reino alluviões de Soldados, o soffrimento dos homens de bem, levado ha hum anno até ao extremo, teria hum termo, e n'huma hora só a Dinastia do — *ingrato Duque de Bragança* — na pessoa do Senhor D. Pedro IV se assentaria segura sobre cadaveres de tantos monstros, que, tendo procurado desmoralisar o Povo com suas doutrinas, tentão abater o Throno com seu rebelde Republicanismo.

Vejão os senhores arruamentos, que diversas figuras tem o seu *Velho Liberal*; nem tantas tem hum baralho. Que Ja-

no bifronte, que Protheo. Na Bahía — *ingrato Duque de Bragança* — no Porto o Senhor D. Pedro IV, o Senhor D. Pedro IV, o Senhor D. Pedro IV, os amigos do Rei, os amigos da Carta, a legitimidade, a legitimidade! Todos estes nomes são degráos levantados, e o cimo da escada? A Republica. Oução ainda mais os senhores arruamentos, e suas annexas, e filiaes cá de fóra. Abrão suas mercês os seus cadernos *Velhos Liberaes*, leão desde o cabo até ao rabo, que descobrem em todos os destacados paragrafinhos? Maldições á rebellião de 1820, maldições á illegitimidade da Constituição Democratica de 1822, porque não emanava da Legitimidade, e da Soberania, como agora temos na Carta, que veio da Soberania do Senhor D. Pedro IV. O Senhor D. Pedro IV, os amigos do Rei, os amigos da Carta! Isto diz o *Velho Liberal* no Douro, oiçamos agora o que diz o mesmo *Velho Liberal* na Bahia. O mesmo Sermão impresso, pag. 7 § 4.º

» Foi o brio nacional accendido nas margens do Dou-
» ro, *que firmou o vacillante Throno de D. João VI;* e
» o anno de 1821 ainda he mais glorioso nos Fastos
» da Monarchia do que o memoravel anno de 1640. »

Só daquella bôca poderia sahir esta nefanda blasfemia!! Veja Portugal, veja a Serenissima Senhora Infanta Regente, que escriptores estão illustrando o Povo, e que dignos Censores estão approvando seus Escriptos! Poderá o mais habil, e conspicuo Magistrado organisar com mais exactidão hum corpo de delicto, do que se apresenta organisado este corpo de delicto pelas mãos do proprio réo? Elle está assignado no Sermão impresso — O P.^e^ Ignacio. — Vejão de que Cartilha he mestre este P.^e^ M.^e^ Ignacio! Quem diz, e quem grita do Pulpito abaixo, quem escreve, e quem imprime — *que o anno de* 1821 *he mais glorioso nos Fastos da Monarchía do que o memoravel anno de* 1640, — pode querer o Senhor D. Pedro IV, e quem seu lugar occupa neste Reino? O Padre, dizem os arruamentos, o Padre não responde ao *Velho Liberal.* Não he preciso que eu responda, elle tem o cuidado de se responder a si mesmo. Vejão de que espirito está tomado, quem diz, quem escreve, quem imprime (com approvação dos Religiosos de S. Francisco, tão sabios, e illustrados, e tão probos Censores) que a rebellião de 24 de Agosto, a mais descarada Democracia, *firmou o vacillante Throno de D. João VI.* Vejão, que bons figados tem

este exaltado Republicano, quando diz, e imprime, que he mais glorioso o anno de 1821 que arruinou Portugal, que o de 1640 em que Portugal se restaurou!! Fique a Nação desenganada, e saiba que os mesmos revolucionarios de 24 de Agosto de 1820 são os que com a penna a estão illudindo, baralhando-lhe as idéas com a mais refinada hypocrisia; maquinando a sua ultima ruina, e seu exterminio. Quem assim falla, assim escreve, assim imprime, quer com todo o seu coração o Senhor D. Pedro IV, quer a Carta? Pode dizer mais alguma cousa este descarado *Velho Liberal?* Pode, e se isto he máo; o que elle continúa a dizer, ainda he peor.

Tem injuriado, e affrontado como vimos, a Casa de Bragança, vejamos agora como ainda com maior atrocidade affronta os verdadeiros Portuguezes! Vejamos a mesma pag. 7 § 5, falla com os Portuguezes honrados.

» *Impostores! E vós tivestes a audacia de chamar re-*
» *beldes aos habitantes do Porto?* ....

Começando pelo Throno, chama o *Velho Liberal* (o P.ᵉ Ignacio, que assim se assigna quando tal publíca pela Imprensa) Impostor ao Senhor D. João VI, que declarou Rebeldes, e Demagogos Revolucionarios aos do Porto de 24 de Agosto, abolindo de Direito o que elles tinhão levantado de facto. Chama Impostora á Serenissima Senhora Infanta Regente, que assim os declarou por seus Decretos, e até Editaes públicos, e affixados nesta Capital. Chama Impostores aos fieis Vassallos do Rei, que espancárão, e fizerão sahir da espelunca das Necessidades os Patos, Gatos, Liberatos, e Pretextatos, e assignadores de hum Protesto contra o melhor, e mais humano, e clemente dos Soberanos da Europa, então existentes! Eis-aqui o Throno, os Povos, e os honrados Portuguezes, que formão a maioria da Nação, regalados, e mimoseados com o titulo de Impostores pelo *Velho Liberal do Douro.* Venha agora hum N.º, hum Supplemento do *Velho Liberal do Douro*, impresso na Rua dos Fanqueiros, approvado pelos Religiosos Censores de saio, e de capa parda da Ordem de S. Francisco, que me cubra de nomes affrontosos, contra as expressas, e terminantes Instrucções da Censura, e com estes nomes responda, como costuma, ao que elle mesmo disse, imprimio, e publicou, e andem os arruamentos de Loja para Loja: — Aqui está o *Velho*; que lhe responda agora!! Grite hum Bacalhoeiro pela Travessinha a hum Quinquilheiro: — Aqui está o nosso homem; que lhe

responda-o Padre: *adhesão á Causa, affecto ao Systema, e viva a Carta!! Ah bom Velho!*— formalissimas palavras.... Ellas entrárão já por estes ouvidos, mas tambem sahirão as verdades do canudo desta penna. Eu não chamo nomes affrontosos; isto faz qualquer maroto, que não tem outro despique: eu confundo estes malvados, com o que elles mesmos escrevem, e imprimem, approvado pela Censura, trasladando com o ultimo escrupulo as suas mesmas palavras. E quem me poderá arguir do contrario? Deixe-os, meu amigo, ameaçar com seus punhaes, e até hum titulo, que será cunha do mesmo páo, com a sua espada (que cobardia! huma espada para hum pobre Clerigo velho, indigente, e opprimido com tal enfermidade, que já não pode dar hum passo!!) Dar-me-hão a morte? Não importa: os homens honrados, presentes, e futuros, me farão justiça. Como não tem penna senão para escreverem afrontas, só sabem responder com a ponta de hum punhal. Os Escriptos destes Sabios servem unicamente para indisporem ametade da Nação contra a outra ametade.... Neste instante, dez horas da manhã do dia 28 de Agosto, me dizem que na Gazeta de hontem 27 vem hum Decreto de S. A. Serenissima, que deita a terra varios Membros da Commissão da Censura. Parece-me que os estou vendo; como vão airosos!! Como os vejo pelas costas, lá vão; hum leva capuz redondo, outro capuz bicudo, outro capuz rabudo. Como os não saudo pelo seu nome, não ha aqui personalidade; e esta forma, ou bitóla dos capuzes, cordas, e cordões he a marca, e o distinctivo das differentes Familias Franciscanas, que tão assignalados serviços fizerão sempre á Religião, ao Estado, e á Literatura, serviços bem differentes dos que em fim acabárão de fazer a Portugal no Ministerio da Censura estes seus Filhos Reverendissimos. Se eu soubesse que os tinhão despachado assim, antes de começar esta Carta, não diria o que levo dicto; mas, em fim, se não he já pelo que elles hão de fazer, he, e foi pelo que elles até aqui tem feito, pois maior mal não se podia fazer á Nação, ao Throno, e á Religião. Mas a Censura, que approvou o Cathecismo de Volney, a Legitimidade do dia 24 de Agosto do Official da Secretaria o Sr. *Garrett*, que assim se assigna, deixou por legado, e por herança, sem ser como Elias a Eliseu, o seu espirito duplex, e o seu capote. Queira Deos que agora no fundo de seus Claustros penitentes, ás mãos dos seus Refeitoreiros, fação penitencia das co-

mettidas *venialidades* no Ministerio da Censura. A Deos, Reverendissimos, Nosso Senhor haja misericordia com VV. Reverendissimas; e os encaminhe bem.

Na seguinte Carta 17.ª, meu amigo, continuaremos a vêr as duas formosas Caras do *Velho Liberal do Douro*; em quanto V. m. me não remette mais algum N.º do Portuguez, pois se acabárão as munições dos tres N.ºs com o achado da ponta da costura. A doutrina desta 17.ª Carta será toda para os Arruamentos; mas della tambem se poderão aproveitar todos os seus Commissarios Volantes; e com estas duas Cartas não terão muitas saudades dos do *Portuguez*, que levão semana, e meia de sueto. Ah! meus meninos!!!

Hoje, Terça feira 28, he o dia das noticias Aqui me está dizendo hum Impressor da Officina — *Carvalho* — que hoje mesmo sahe contra mim 2.ª Carta do Mestre de Meninos de Belem, do enthusiasta dos Brocos, e do idólatra da Mãi Domingas, que lhos prepara ás mil maravilhas. Mande-me logo seis exemplares; e, se elle abrio assignatura, estenda lá o meu nome, quero ajudar o homem, porque me cheira aquillo a fome: se elle quizer alguns Artigos contra mim, eu mesmo lhos farei, e até lhos mandarei francos de porte pelos Correios das Patronas; ao menos irão com mais alguma graça, e mais algum geito, que não pareça ranho, e miseria; e Deos levará em desconto de meus peccados este acto de caridade. Se elle não quizer converter em propria substancia os Artigos, que lhe enviar, ao menos diga: — Artigo Communicado pelo mesmo Auctor, a quem desejo arrancar as ganas de comer. — Muita gana de comer tem elle, porisso escreve tantas inepcias: he preciso pois acudir-lhe por caridade; e elle andou errado em me não trazer cá o seu manuscripto, eu lho prepararia ao menos de modo, que se podesse ler, sem cahir das mãos dos Leitores, perdidos de sono, no meio do chão. Não levarião os meus Additamentos tanto sal, como tinhão as talhadas de presunto comidas atraz do Altar Mor, e que tanto seccavão a bôca para obrigarem mais a molhar a palavra; mas assim mesmo não irião mal adubados, posto que com mais sainete lhe prepare os Brocos a Mãi Domingas. Deixemos isto, que poucos entendem. Nosso Senhor lhe dê boa venda a seus lastimosos papelinhos.

Ah! meu amigo! Possão as singelas, e indestructiveis verdades, que exponho, aproveitar alguma cousa aos verdadeiros Portuguezes, que não conspirão, que temem a Deos,

que amão o proximo, que obedecem ás Leis, que adorão os seus Monarchas, que soffrem com paciencia as adversidades!! Abri os olhos, meus Irmãos, pela Patria, e pela Sancta Religião, que professamos, e ponde-vos em guarda contra os perversos Escriptores, que fingem inimigos para derramarem todo o fel da calumnia sobre homens de bem. Que cousa são Corcundas, que cousa são Liberaes, onde todos são Portuguezes? Se alguns se extraviárão, são nossos Irmãos, são nossos Amigos, são nossos Patricios; peçamos ao Ceo que os reduza ao bom caminho. Não vos afronteis com o nome de Apostolicos, porque sois Catholicos, Apostolicos Romanos. Obedecei ao Rei, e observai a sua Lei. Vós podeis dizer com verdade que sois insultados, mas nunca vos dirão com verdade que vós insultastes alguem. Deos vos guarde, e vos defenda do *Portuguez*, do *Velho Liberal*, da *Gazeta Constitucional*, do *Imparcial*, da *Borboleta*, dos *Pobres*, em huma palavra, de Ladrões, que com a penna tem roubado o socego a esta Nação, que eu com a penna defenderei; e sem pena, mas com gosto sou

Seu Amigo *J. A. D. M.*

Forno 28 de Agosto de 1827.

N. B. Na Carta 14.ª, pag. 10, linha 13 — 14, onde diz — 29 *de Março de* 1812, — leia-se — 30 *de Março de* 1818, — data do Alvará, a que se allude.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 17.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

Meu amigo; o Decreto, que dissolve a edificante communidade dos Censores, sendo pela sua materia tão importante, pois se dirige a estancar o manancial de todas as pestes, que tem flagellado este Reino em tão ruinosos escriptos periodicaes, he muito mais importante pela sua forma. Mais bem concebidos, mais bem annunciados, poucos tem apparecido entre todos os actos do Governo; não só sustenta a magestade, e imperio, com que os Governantes devem fallar aos Governados, porem manifesta com Real Dignidade, a grandeza, e enormidade dos attentados ha pouco commettidos, e que se encaminhavão á nossa total ruina; attentados, que tão sacrilegamente tem querido, não só minorar, mas justificar os revolucionarios papeis quotidianos, que são as delicias dos perversos, os oraculos da Pedreirada, e o tormento dos homens de bem. Quem assim concebeo, e quem assim se annunciou sobre tão relevante materia, sabe a arte de pensar, e sabe a arte de escrever; e quem assim manda, sabe a arte de reinar.

Ora, meu amigo, como eu ainda tenho os olhos abertos, e não sou tão ignorante como os Religiosos Censores me deixavão chamar, porque a sciencia, e a probidade só estavão mettidas naquelles quatro Capuzes, de que eu nunca me esquecerei para o devido agradecimento, devo dizer-lhe, que o maior delicto dos revolucionarios Periodicos erão as continuas ameaças, que fazião a este Reino, a este Governo, e a todos os Portuguezes honrados com a proxima vinda, e chegada do nosso Rei o Senhor D. Pedro IV. S. M. pode vir ao seu Reino quando quizer, elle o governa, e em seu nome nos preside, e governa a Serenissima Senhora Infanta Regente. O Throno he seu; nem com melhor vontade, nem com maior promptidão entregou D. João II o Governo, e o Throno a seu Pai D. Affonço V quando chegou de França, do que Sua Alteza Serenissima entregaria o Governo a seu Augusto Irmão. E qual he dos verdadeiros Portuguezes (porque Pedreiros Livres não são Portugue-

zes) que não desejasse, estimasse, e quizesse neste Reino o seu Rei, e Senhor natural? O primogenito do Rei de Portugal, he o Rei de Portugal. Os do *Portuguez*, e todos os outros que taes da mesma estofa, do mesmo jaez, e da mesma marca, e da mesma calça, porque bem se conhecem, e distinguem, devem desejar aqui o seu Rei, mas não ameaçar os subditos fieis com o seu Rei. Esta materia por si mesma pede muita seriedade, e não pelos amotinadores Periodiqueiros esfomeados, e golosos, pais da mentira, e assopradores da revolta. A primeira cousa, que nos dão a conhecer estas continuadas ameaças de que já embarcou, já vem no mar, já está chegando S. M. Imperador e Rei, he hum ataque não indirecto, mas directo, e formalissimo ao Governo da Serenissima Senhora Infanta Regente, que Deos guarde, e guarda com especial providencia. Dá a entender esta ameaça, que S. M. I. se vê obrigado a deixar a Séde de seu Imperio no Hemisferio opposto, para vir acudir ao Reino, e reparar os damnos, e as desordens do Governo, arguindo assim claramente a insufficiencia daquella, que he seu Lugar Tenente, e a incapacidade dos Ministros, que ella escolhe para o despacho, e expediente dos Negocios tão difficeis entre as convulsões, em que conservão o Reino os Demagogos, e, para fallarmos claro, que todos entendão, os Republicanos exaltados; e negar que exista esta matilha, he negar que o Sol derrama luz, e calôr. Isto não são sonhos, isto são verdades palpaveis, e ainda agora, insinuando-as sempre, eu as comecei a dizer com clareza; porque, morrer ás mãos de Pedreiros por alguns gracejos, então morrer por alguns Oraculos, que podem ainda salvar esta Nação das mãos de seus internos, e apostados inimigos. Ha insulto semelhante! Quererem os Periodiqueiros, ou aquelles, de quem são os infames trombeteiros, que o Povo Portuguez, tão honrado, tão seguro, e tão fiel, perca a confiança, que tem posto na prudencia, na constancia, na força, e na magnanimidade de S. A. Serenissima a Senhora Infanta Regente, que por certo tem adquirido huma gloria immortal em sua Regencia, qual alguns Monarchas da terra não adquirírão em longos annos de seu Reinado! Nos Periodicos de Lisboa, e com mais desaforo ainda nos Periodicos do Porto, que são *Borboletas*, *Soes*, *Imparciaes*, e *Velhos Liberaes* sobre tudo, sem rebuço algum, se descobrem estas atrocidades concebidas n'alma perversa dos Redactores, e consentidas pelos Censores de cá, e de lá. Con-

sentir os crimes não he manter a Liberdade Civil dos Portuguezes. Para perpetrar delictos não ha Liberdade, e para se fazer o mal nunca se fizerão Leis. Depois destes ataques ao Governo, com taes ameaças, os Arruamentos, seguros na soberana authoridade, e infalliveis decisões, e promessas do *Portuguez*, e seus Subalternos, os Srs. *Pobres*, tambem se escudão com esta vinda para insultarem, e vilipendiarem o homem de bem, que por desgraça não acertou com hum beco, ou huma travessa para fugir das abertas espeluncas de pezo, medida, côvado, e vara: — O' sô *Caracunda*, ahi está a chegar o Senhor D. Pedro IV, que nos *artagou* a Carta; nós o enformaremos, que elle vem matar os *Caracundas*, cabeça fora. — Ha, ou pode haver maior insulto á Magestade de hum Rei, que, se quizer, pode vir visitar os seus Estados, e permanecer, quando, e como lhe aprouver, nos mesmos Estados? Querem elles que S. M. I., apenas desembarque, antes de ir descançar em seus Palacios, e tomar algum refresco, vá em direitura, por exemplo, á Rua dos Fanqueiros perguntar se os triangulos das luminarias estavão bem orientados, e se estão cabaes, e correctos os rões dos Corcundas, que elle deve mandar matar, segundo a sentença proferida naquelle rectissimo Tribunal da Fancaria. Qual he o homem de bem, que não tenha sido ameaçado publicamente pelos amotinados, e amotinadores da baixa, e da alta com a vinda do Senhor D. Pedro IV, pelas queixas, que elles lhe hão de fazer! Que quer isto dizer? Que o Reino está sem Leis, sem Governo, e sem justiça? Que a Carta não se observa, e que S. A. S. a Senhora Regente não desempenha, nem preenche as suas Soberanas obrigações? Gritavão os Arruamentos, e retinia o fiel Caes do Sodré, e suas fidelissimas avenidas, que o Capitão da *Pombinha*, que he a mesma verdade, dissera que S. M. I. devia embarcar no dia seguinte ao da sua sahida. E não fica este Capitão naquelle Porto mais vinte e quatro horas para ver aquelle embarque? Era o caso mais notavel, e mais memoravel, que nos podia offerecer o presente estado politico de ambos os Mundos, e isto no momento, em que se tractava dos Preliminares de paz entre o Imperio do *Brasil*, e o Governo de *Buenos-Ayres*. Em que situação se representava Portugal aos olhos da Europa, que obrigava o Rei, posto a duas mil legoas de distancia, a deixar o Imperio nas mãos de huma Regencia, a que não podia presidir nenhum de seus Filhos, em razão da sua minoridade, e vir acudir aos

apuros, e á crise do seu Reino de Portugal! Com muita indifferença olhou o Sr. Capitão da *Pombinha* este extraordinario successo, que não quiz por vinte e quatro horas ser testemunha deste acontecimento, e vir ao menos na conserva da Esquadra, em que S. M. I. e R. viesse a este Reino; e já que foi tão velleira a sua *Pombinha*, visto fallar tanta verdade, como dizem os Arruamentos quando ameação quem vai passando, que por milagre não sahem á rua os Caixeiros a fazer antecipada justiça nos Corcundas, conservando as cabeças em fóles, ou em saccos para apresentarem estas fés d'officio a S. M. quando chegar, porque se não fazem preparativos para a digna recepção de hum tal Monarca? Todos os verdadeiros Portuguezes exultarião de prazer, se tal acontecesse! Sabem VV. mm., Senhores arruamentos, quem treme desta vinda? São VV. mm., Senhores Republicanos.

Talvez V. m., meu amigo, me vá já arguindo de lhe não dar novas do *Velho Liberal do Douro*, tendo-lhe dito, que estas duas Cartas erão para elle. He verdade, que eu já estava com pena de ir deixando tão pouco espaço nesta Carta para zurzir como merece este o maior, e o mais dementado de todos os Hypocritas que apparece tão contradictorio em seus escriptos para melhor ser conhecido. V. m. terá reparado que desde que os Folicularios Periodiqueiros começárão a assoprar a revolta, a baralhar as idéas, a enredar os Povos, e a dispôr, ou desensarilhar as armas para a mais patifa de todas as revoluções, que vem a ser levantar a Democracia sobre as ruinas da Monarquia, tem andado sempre em scena o velho Marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho. Se querem exaggerar o Despotismo, o Absolutismo, e o Fogueirismo, vem o Marquez de Pombal; se lhes convém invectivar os Inglezes, com quem se enganárão, apezar dos vivas, e foguetes do dia primeiro deste anno, vem o Marquez de Pombal, e a rebatida, e já nauseante historia da Bahia de Lagos. Se querem levantar até ás Estrellas fixas, até á ultima, que se descobre na cauda do Dragão, ou na ponta de hum cabello de Berenice, o valor, o heroismo, o denodo, os talentos, as miras, a capacidade, os vastos planos, os sublimes projectos, as vistas profundamente patrioticas de seu grande Neto pela parte materna — O Neto do Grande Pombal —, vem o Marquez de Pombal reduzido a molho de Pasteleiro, ou nariz de cera de Medicos, que serve para todas as cabeceiras dos que envião para huma outra, e melhor vida, porque vão livres para sempre

das mãos, ou dos dedos delles estendidos em hum oitavo de papel: em fim, Marquez de Pombal, e o Neto do Grande Pombal. O *Velho Liberal do Douro* he o Clarim maximo dos louvores do Marquez de Pombal, por seu Neto, o Neto do Grande Pombal, para cuja re-integração tinhão direito de petição os patifes a gritar desde o anoitecer, até ao amanhecer. Na Gaita do *Velho Liberal do Douro*, todos os homens de Estado desde Achitofel, Conselheiro de David, e tambem de Absalão, até ao Reis Effendi actual, o Marquez de Pombal he o maior homem de Estado, basta elle ser Avô do Neto do Grande Pombal; muito bem, assim o diz nas sombrias margens do Douro o sombrio *Velho Liberal* do mesmo Douro, em seus cadernos, e cantares; vejamos agora, quem he na bôca deste mesmo *Velho Liberal do Douro* quando préga na Bahia. Nada de testemunhos falsos, venha o Sermão do Padre Ignacio, que elle cantará melhor. Aqui está o Sermão.

Pag. 9. § 2.°, *linha* 1.ª

" *Ah!! Dispensai-me, de traçar o quadro de hor-*
" *rores, a que lançou as ultimas linhas de abominação*
" *— O façanhoso Pombal! —*

Que devia fazer quando isto lêsse o Neto do Grande Pombal? Pegar em si, e na primeira barcada de Vapôr, para ir mais depressa, que despegasse para o Porto, chegar lá, e com hum arrazoado arroxo, com a mão robusta, e valida, esmigalhar de tal arte os ossos todos, que os reduzisse a polme, atirar deste feitio com o *Velho Liberal do Douro* ao mesmo Douro, e que lá se aviesse com o seu grande amigo. Se o Francez *Soult* entrasse outra vez no Porto, era capaz o *Velho Liberal do Douro*, por hum prato de Dobrada, que o Francez lhe désse, de dizer, que o *Soult* era o verdadeiro Salvador do Porto, e das Provincias Nortaes. Se o *Soult* fosse enxotado do Porto, apenas elle désse costas, era capaz o *Velho Liberal do Douro* por outro prato de Dobrada, que lhe dessem, de dizer que *Soult* era o peior Diabo que tinha sahido do Inferno. Isto não he para invectivar o caracter moral do Mestre Ignacio, he para mostrar, que taes são as suas Cartilhas. No Douro o Marquez de Pombal posto nos cornos da Lua para lisongear seu Neto, de quem tudo esperavão; na Bahia mettido nos quintos infernos, para levantar a Constituição Maçonica de 1820. Venhão cá, venhão cá, arruamentos todos, que são a minha tentação, a minha doudice, o meu amor, que nunca lho hei de perder; venhão cá, venhão ver o Marquez de Pombal, de

quem he Neto o Neto do Grande Pombal, mettido nas mãos do *Velho Liberal do Douro*, a quem o Padre não responde, feito a origem, a causa, e a fonte de todas as desgraças de Portugal pela sua má, e tyrannica administração, e despotismo. Que estou eu dizendo? me dirão todos os arruamentos com toda a maquina fanca, quinquilha, bacálha, e lanzuda. Não, Senhores, não sou eu que o digo, he o Padre Ignacio (assignado, e impresso) quem o diz no seu *immortal* Sermão: — O mesmo § linha 4.ª no meio da linha, —

" *Os golpes, que nos campos da Farsalia se derão á*
" *Liberdade Romana, não forão tão rudes como os gol-*
" *pes, que cortárão de todo as esperanças de Portugal.*

E o *Heroe do Secùlo* 19, (como já imprimírão) que he Neto do Grande Pombal, âinda aqui está sem ir ao Porto pagar o Sermão ao Mestre Ignacio desta Cartilha!! Pois oiça agora os crimes do seu Avôsinho na mesma Cartilha do tal Mestre Ignacio. São muito grandes, e muito compridos, mas taes e quaes assim estão estendidos ao olho do Sol na mencionada Cartilha. Pag. 9, § 3.º

" Profana applicação dos Dizimos da Igreja: tributos
" sem applicação, e sem calculo; Erario com mys-
" teriosas manobras como segredos da Inquisição; es-
" cusada erecção de Tribunaes oppressores do Com-
" mercio, e da Lavoura; multiplicação de empregos,
" e empregados para expoliar a Nação, e para en-
" grossar o partido de huma Corte destruidora; o
" crime sem punição, a virtude sem recompensa...
" Ah! Só a Nação Portugueza era capaz de soffrer
" tanto.... "

Tenho pejo de trasladar mais, e até dó de hum scelerado semelhante. Mas, quem póde resistir aos ultrajes, que este monstro me tem feito, e por elle, e com elle aos que me fazem os arruamentos, estes malditos Doutores em Leis, e contractos sociaes, que apezar de estarem a enxotar moscas todo o dia, sem vender nem hum ceitil, querem morrer pela sua carissima Republica. (*) Já que tanto me apertão, levem de huma vez, e saibão, que só quando se me acabar a vida, se acabará a polvora. Vejão, vejão que joia fina he o *Velho Liberal do Douro*, que tanto lhes arrota Realeza, o amigo do Rei, e da Carta, o venha o Hymno a toda

---

(*) Aqui ha muitas e muitas excepções; só fallo daquelles que se tem mostrado taes quaes aqui vão pintados: os honrados são victimas tambem das arrieiradas e sandices dos papalvos, de que aqui se falla.

a hora, até em descargas de enterro! Virem a pag. ao Sermão, he pag. 10, § 2.º, linha 1.ª

" *Opulenta Cidade, que te elevas sobre as margens do* " *Douro* " (e andas sempre afogada em tripas, tem paciencia, já que não tens posto ao Sol as deste incendiario bota-fogo.) " Opulenta Cidade que te elevas " sobre as margens do Douro, tu foste a que fizeste " rutilar o sagrado lume da razão captiva, e algemada; tu foste quem descobrio, e apontou a Portugal, e ao Brasil os subnegados titulos da Soberania Nacional, rompendo o denso véo da impostura.... "

Cala-te já, patife, lhe devia dizer algum homem honrado, se os houve na Bahia naquelle tempo, e que estivesse na Cathedral da Bahia ouvindo a 13 de Abril o Sermão do Mestre Ignacio, não falles assim, cala-te patife, não dês esse nome á mais patifa, e sacrilega rebellião, que tem havido, qual foi a de 24 de Agosto de 1820. Foi ella a que — *descobrio os subnegados Titulos da Soberania Nacional?* Querem mais claro o Republicanismo deste Catão, e Labieno, que veio prégar Realezas para as sombrias margens do Douro? Pode haver mais refinada hypocrisia? Onde se hade acreditar huma trombeta destas? Hum homem destes em Constantinopola seria o mais esturrado Panegyrista do Sultão Mahumud 2.º; e se fosse a Marrocos, punha-se a assobiar diante do Palacio Mouro o Hymno de Riego em louvor do Soberano.

Se até agora, ó meus arruamentos, *caros objectos do meu coração,* mais do que aquelles a quem se davão de noite *vivas, e morras,* se até agora vos tenho manifestado cousas, que fazem horror *em vosso Velho Liberal do Douro*; agora vos manifestarei cousas, que vos fação estoirar de riso em o *vosso Velho Liberal do Douro,* o mais descarado revolucionario de todos os vossos. Acaba o velhinho Santo de gritar á Cidade do Porto, em cujo seio se formou a mais escandalosa conspiração, e nós sabemos os nomes, sobrenomes, e apellidos dos treze benemeritos, que a forjárão; doze estão vivos, e a Chóca grande, que os chamava, e ajuntava, aqui a matárão em Lisboa, que para a fartarem de Constituições até com duas embalçamadas foi enterrada! Começa o Velhinho innocente a gritar pelos nossos maiores Heróes dos bons Seculos, e diz §. 3.º na mesma pag. linha 1.ª do §. —

„ *Respeitaveis cinzas dos nossos illustres antepassados,*
„ *que cingistes virentes louros nas margens do Sallado,*
„ *nas ardentes areas da Africa, e sobre os altos muros*
„ *de Diu, e de Malaca, Ah! saltai de prazer em vos-*
„ *sos Tumulos á vista dos altos feitos* — DOS VOS-
„ SOS NETOS. —

Ora: com effeito, nós não sabiamos, que Chicara, Estriga, Armação, e Companhia, erão netos de Affonso IV, e dos Heroes que levou comsigo ao Sallado para dar cabo de quatro centos mil Mouros; e ainda menos sabiamos que os mencionados Titulos acima tambem erão netos, (dando nós hum passeio até Diu, e Malaca) de Antonio da Silveira, D. João Mascarenhas, D. João de Castro, e sobre tudo, do descoroçoado, medroso, e acanhadinho Affonso de Albuquerque sobre as muralhas, e torreões de Malaca, arrostando em dous Bastioens com duzentas Peças de Artilheria de bronze. Tem razão de saltarem de prazer as suas cinzas na cova, vendo o que os seus nétinhos fizerão no Porto a 24 de Agosto de 1820, e ficarião muito consoladas, vendo que seus nétinhos não degeneravão daquelles mesmos sentimentos de honra, e fidelidade, com que elles fizerão tantos serviços ao Estado Portuguez, e á Religião Catholica. Bem se via que até pela golilha, luvas, altaclara, ou durindana com que o mesmo chão não podia, bigodes, e arnez do Vice-Presidente, que aquillo era em carne, e osso, Affonso de Albuquerque ressuscitado. E Affonso de Albuquerque quando mandou em pública praça degolar ElRei Utimutiraja para salvar Malaca, e conserva la na obediencia, e vassalagem ao Rei de Portugal, conservou tambem a mesma constancia, e magestade, que conservárão os seus nétinhos no Augusto Salão quando mandárão que hum neto do Rei D. Manoel fosse viajar na Europa para aprender creação.

Ora eu cuidava, que o *Velho Liberal do Douro* chamava aquellas crianças da Asia para virem admirar os bons burros, que davão ao dizimo, os seus nétinhos do Porto; mas não he assim, são chamadas pelo *Velho Liberal do Douro* para as descompor. Arribitai, arribitai as orelhas, ó arruamentos, e vinde ver, vinde ouvir o vosso *Velho Liberal do Douro.* No mesmo §. linha 6 no meio; —

„ *O nosso brio, e valor, he o fiel retrato do vosso, e*
„ *a nossa Causa he incomparavelmente mais legitima,*
„ *e mais santa que a vossa. Os vossos trofeos forão co-*
„ *lhidos sobre inimigos estranhos, que nenhum mal vos*

» *fazião, e os nossos louros forão colhidos sobre inimi-*
» *gos domesticos, que nos bebião o sangue......* »

A patifaria humana não se podia requintar mais, nem sobir a maior auge de descaramento. O fiel retrato do valor, da honra, do patriotismo daquelles Heroes, os maiores por certo da antiga, e moderna idade, que dilatárão o Reino, que lhe firmárão a gloria, que o fizerão o mais respeitado, o mais temido, o mais invejado da Terra, que o encherão de thesouros, de conquistas, onde levantárão as Quinas, e a Cruz, e onde deixárão até hoje, nas mesmas reliquias, hum patrimonio de gloria, e de grandeza ao nome Portuguez, he a patifaria de hum mólho, ou de hum feixe de Maçőes revolucionarios, e rebeldes, que se levantárão contra o Rei, usurpando-lhe a Soberania, e devolvendo-a a hum piquete, ou patrulha de Miqueletes, que se chamárão a si mesmos a Nação Soberana! Esta causa, isto he, a usurpação, e a rebellião, o espolio, e a ruina de Portugal, a sua miseria, nudez, e pobreza — *he incomparavelmente mais legitima, e mais santa* — que a causa daquelles homens immortaes, que se sacrificárão a si, que derramárão seu sangue, e perderão generosamente a sua vida pela gloria, conservação, e engrandecimento deste Reino! A causa de D. Luiz de Ataide, mandado por ElRei D. Sebastião, segunda vez, restaurar a India, quasi perdida pela liga de todos os Potentados da Asia para expulsarem de lá os Portuguezes, não he, *nem mais legitima*, *nem mais santa*, que a causa da revolução de 24 de Agosto de 1820, pela qual dava o Padre Ignacio graças a Deos na Cathedral da Bahia! Causa tão legitima, e tão santa que deitou para sempre Portugal a perder, e que nem o mesmo grande D. Luiz de Ataide, se resuscitasse, poderia reparar, nem com sua politica como Cortezão, nem com seu valor como Soldado. Pode chegar a mais o furor de hum Demagogo, ainda que tenha nos couros dous almudes de vinho!! Aquelles Heroes Portuguezes triunfárão de tão estranhos, e poderosos inimigos, que nos querião tirar o que com tanto heroismo tinhamos ganhado; olhem que não erão fracos Indios despidos, ou mal cobertos com pannos de algodão, erão Turcos, erão Arabes, erão Persas, não armados de settas, mas de pelouros, não defendidos com crizes, mas seguidos, e escudados com artilheria do calibre da Columbrina de Dio, e de Obuzes, que arrojavão ballas de muitas arrobas, como a que se vê ainda mettida na parede do lado direito da porta da Igreja do Mostei-

ro de Odivelas, mandada alli pôr por D. Alvaro de Noronha, declarando em letras gravadas na pedra, que com aquellas ballas lhe atiravão em Ormuz os Persas; parece incrivel, que houvessem Obuses, que as arrojassem, e muros que lhes resistissem, ou peitos que as não temessem, e assim mesmo mettida n'huma parede onde se pode ver, que tem tres palmos de diametro, e por isto nove de circumferencia, está assustando a quem a vê, pois alli está desde o anno de 1557. Os louros dos treze Mações ou Diabos, que fizerão a Revolução do Porto — *forão colhidos sobre inimigos domesticos; que nos bebião o sangue!* — Aqui como se tracta de beber, era melhor em resposta que eu os mandasse...... Quem mais do que elles nos bebeo até a ultima pinga de sangue? Onde estão os milhões bebidos por elles? O Estriga foi direito como hum fuso para o Erario fazer a partilha aos netinhos daquelles Heroes, que para o Estado havião adquirido tantos thesouros. O Rei de Portugal teve huma congrua para comer, e vestir, dada por huns pirangas, ou piratas, que até alli andavão á de seis, ou á de doze pelas esquinas do Porto. Hum comeo o dinheiro dos Orfãos, outro abalaria com a manta de huma estalagem. Estas desaforadas sanguesugas, a quem nenhum sangue fartava, são as que nos vierão livrar de nossos inimigos domesticos, que nos bebião o sangue! Já agora vá nesta Carta todo o Padre Ignacio em pezo, ainda que me pareça que fica alguma cousa para o rabo, que não será o peior de esfolar, e está por instantes apparecendo de todo — A Besta esfolada. — Eis-aqui como o Padre Ignacio continúa a fallar em seu Sermão impresso com os nossos Heroes do Oriente. O mesmo § pag 10 ultimas tres linhas: —

> " *Vós fostes briosos para conquistar o alheio; e nós*
> " *para conquistar o que he proprio, o trabalho das*
> " *nossas mãos, e a nossa liberdade roubada por Ty-*
> " *rannos.*"

Nós admiramo-nos de huma patifaria, cuidando que já lá não vem mais, pois he engano, ainda ha patifarias maiores do que estas, porque não são com os homens, são com Deos, como veremos no principio da Carta 18, porque este Mestre Ignacio não cabe em duas Cartilhas. Quem são estes Tyrannos, que nos tinhão roubado, e nos roubavão em 1820 a nossa liberdade? Os nossos Republicanos como o Reverendo Ignacio (torno a repetir, he o nome impresso neste Sermão, e praza ao Ceo que mo mandem apresentar em Jui-

zo!) O Tyranno era o Rei, a quem foi perciso deixar por piedade, pão, e soldo, e quartel para uso, e não para propriedade. Bem mostrárão que para conquistarem a sua liberdade lha tirárão a elle, e tão barbara, e indignamente, que em quanto durou a *Soberania Nacional* não foi mais senhor de suas proprias acções, até ao ponto, em que cançado o soffrimento dos Portuguezes fizerão voar com hum sopro toda aquella cambada infame de Arlequins; deixando, assim mesmo Arlequins como erão, este Reino coberto de estragos, e alagado em ruinas. *Estes Tyrannos* (acaba o § o Padre Ignacio) *estavão dentro de nós*: e como os acoçárão, e abolírão, com muita razão ficárão os Arlequins, sendo chamados os Benemeritos com sua insignia na indicação de hum enterrador, ou filho de Esculapio, e Pai da Patria, como elles dizião, e ficaria gravado em letras bem garrafaes no Monumento do Rocio, se os Corcundas, como Tito fez aos Judeos com os muros de Jerusalem, não se lembrassem de não deixar alli huma pedra sobre outra pedra: assim como nos campos de Senaar perguntão hoje os antiquarios Inglezes, onde estava aqui aquella soberba Babylonia, para levarmos ao menos para Londres hum tijolo? (Isto já trouxe hum Inglez); podemos nós perguntar no Rocio, onde estava aqui aquella caraminhóla dos pedregulhos? E onde forão metter aquella caixinha que lá enterrárão, que não houve mais pôr-lhe a vista em cima?

Quando chegará, meu amigo, esta Carta a passar a ponte do Douro triunfal para chegar ás mãos do Velhinho do mesmo Douro? E que fará com a Carta 18.ª, que ainda o espera? O Sermão tem só onze mesquinhas paginas, mas cada huma me póde dar mais volumes, e mais grossos, que os de huma Poliglóta. Que elle dissesse isto no Brasil, não me admira; a mania de 1817 em Pernambuco he a mesma que ainda continuava, e continuará, na Bahia em 1821; mas que elle viesse dizer, e escrever o que está escrevendo, e dizendo, no Douro em 1827, isto he o que excede toda a comprehensão humana!! De que he capaz hum Revolucionario, para revolucionar seja de que modo fôr? Que figuras, que figurinhas faz este Velhinho! Coitadinho! De todos estes Revolucionarios, que se dizem Redactores, ou o que elles quizerem, de Periodicos, que tem feito maiores damnos ao Povo Portuguez, como irei mostrando nestas Cartas, nenhum he mais turbulento, mais maligno, mais reflectidamente perverso, e amotinador do que este Velho, que com tan-

to desaforo se chama — Liberal! Liberal? Isto he para que entendamos o que elle he, o que medita, e o que promove. O conhecimento, que eu dou ao Público deste funesto individuo pela exacta exposição do seu Sermão (insulto feito a Deos, e á sua real presença na Cathedral da Bahia) hade agradar muito aos arruamentos, porque só lhes servem homens deste caracter, e destes sentimentos, e hão de exultar por verem hum retrato ao natural de seus mestres, e seus directores em Lisboa, e no Porto. Não contem com o triunfo. Poderão continuar a apparecer papeis com doutrinas subversivas attentatorias da Authoridade Real, de que he depositaria a Serenissima Senhora Infanta Regente, sejão, ou se chamem Periodicos, Jornaes, etc., digo em geral, escriptos como os que tão desgraçadamente temos visto por culpa dos Censores, a guerra está declarada, eu os não deixarei girar impunes. Não acudir á Nação Portugueza em tanto perigo de ser corrompida pelos malvados, podendo acudir, he ser o mais execravel de todos os delinquentes. Depois do Revolucionario Republicano chamado o *Velho Liberal*, o Escripto mais patife, que tem apparecido, he o *Imparcial* de 14 de Agosto. O sabio, e justo Governo de S. A., e a perspicacia, e sabedoria de seus Ministros, e como objecto d'alta Policia, o seu digno, e respeitado primeiro Magistrado, hão de olhar por este infame papel. Não importa que sejão tantos os inimigos desta consternada Nação, quantos são os folicularios Periodiqueiros, não importa, eu só farei hum partido de opposição por parte da justiça, do amor do Throno, e da Patria. Neste estado de entrevecimento, em que estou, Deos me dará força nesta cabeça, e nestes dedos. Já que tantas pennas (que nem escrever sabem) conspirão na desgraça de Portugal, esta penna nunca hade fugir do campo da batalha. Os inimigos do Throno, e do Altar me dão em seus Escriptos as armas, com que os combata, e Deos me dará a victoria, porque a Causa he justa. As provocações, que me fazem, me obrigão a fallar assim; e o reconhecimento, e a razão me obrigão a dizer que sou

Seu Amigo *J. A. D. M.*

Forno do Tijolo 29 de Agosto de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.
Com Licença.

CARTA 18.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita. Hum Corcunda he sempre, e será sempre o mesmo Corcunda. Ainda he, e será sempre o que começou a ser desde o momento, em que lho começárão a chamar: tão alcatruzado appacecêo em 1820, como apparece em 1827; e a mesma prominencia dorsal, que apresenta neste anno aos olhos da Filosofia da rua dos Fanqueiros, e das mais que são o mesmo, apresentará, em quanto viver, aos olhos da Filosofia de hum cáes a outro cáes, e ambos da lama, até que esta mesma Filosofia vá parar ao ultimo destes cáes, onde entre tojo tambem se levantão tres páos, com que he preciso ganhar o jogo a estes Senhores Filosofos, que até áquelles degráos se lhes concederá o direito de petição, e nas tres noites precedentes á jornada para elles. Tal he a emperrada indole dos Corcundas. Se he honra esta birra, muito honrados são os Corcundas! Nunca deixão de ser o que sempre forão. Corcundas em 1820, Corcundissimos em 1827. Mas não são elles só os homens honrados, não só elles sabem sustentar caracter. Os Esganarellos, ou Grutescos mais saltadores, e gritadores de 1820, são os mesmos saltadores, e gritadores de 1827. Os que forão recitar Sonetos na trazeira de huma sege aos Pais da Patria, que vinhão do Porto, e passavão a Barca de Sacavem, são os mesmos, que gritão no Theatro, e de noite pela ruas — Viva a Carta, venha o Hymno, ou venha o vinho. Com tudo isto, sempre ha sua differença; os Corcundas, o que disserão, disserão, o que escreverão, escreverão, nem exteriormente mudão para outra cousa, ainda que no interior fiquem sendo o que erão, e sempre serão. Os Grutescos dos Vivas fazem se Realistas agora, gritando como endemoninhados, sem que nenhum Exorcista os obrigue, — Viva D. Pedro IV; o écco de seu coração lá lhes responde interiormente: — Viva a Republica, e o nosso Presidente!!! A differença dos lugares não muda a essencia dos sujeitos, e muito menos muda o caracter moral dos mesmos sujeitos!

Nesta Carta, meu amigo, veremos prodigios nesta materia; e conhecerá Portugal, quem sejão os patifes, e os

hypocritas, que com tantos Escriptos pestilenciaes o tem illudido até agora; mas de hoje em diante não será assim. *Velhos Liberaes do Douro*, *Imparciaes*, ou Pucarinhos *da Maia*, cheios *d'Agua Bruca*, que he Orago de huma Loja de Pedreiros na Bahia; a *Borboletada* pateta, e mais que plebêa; o *Portuguez* se continuar a nos moer, e bigodear, a *Constitucional* se for deitando as mãosinhas de fóra, toda esta récua de illusores hade ir pelos ares, a verdade hade triunfar, e a mentira hade ficar confundida. V. m. me recommenda com efficacia que deite os olhos de compaixão para a Carta, que o meu amigo, o Doutor Abrantes escrevêo ao Embaixador, e Ministro de S. Magestade Britanica, o Senhor A'Court. Isso não faço eu, meu amigo, porque eu sou obrigado ao Doutor Abrantes; e, ainda que eu procedesse com justiça, sempre me ficaria o intoleravel remorso da ingratidão. Isto he hum motivo pequeno á vista de outros maiores; e o principal de todos he este: se eu exposesse com a critica mais imparcial tudo o que se contem naquelle Escripto, por certo consternaria, e affligiria, e não pouco, S. A. Serenissima a Senhora Infanta Regente; o que se passou no interior do seu Gabinete, Sanctuario Politico, diante do qual, ou á porta do qual, se deve tremer, não he para se revelar daquella maneira; e hum Medico, cujo Tribunal he só a cabeceira de hum doente, não se deve inculcar Director da grande, e complicada machina do Estado, e do Governo; deixe-se lá estar com a Botica, e nada mais; e não se metta a Pero d'Alcáçova Carneiro, a Mendo de Foios, ou a Diogo de Mendonça Corte Real, quem não deve sahir nunca de hum Bote de Jalapa, ou meia arroba de Chinchonino da invenção, e manipulação de Bernardino. Com tudo, se elle cá estivesse, e me fallasse na Carta, estes cabellos brancos me authorisarião a lhe dar alguns conselhos de amigo. Em primeiro lugar: O Senhor A'Court he hum Diplomata da primeira Jerarchia, he o Representante de hum dos maiores, e mais poderosos Monarchas da Terra, encarregado até agora das mais ponderaveis Missões, nas circumstancias mais difficeis, nas Côrtes mais respeitaveis da Europa, nas crises mais terriveis, em que era preciso pôr em acção, e movimento os principios da Politica mais profunda. O Senhor A'Court he hum Sabio conhecido, porque a Grã-Bretanha nunca empregou ignorantes, nem os pode empregar. As resoluções dos altos conselhos da Grã-Bretanha, são as resoluções da Sabedoria; e se a sua marcha he morosa, esta he a marcha da prudencia: (aborrecem-me Elogios, mas nunca me póde aborrecer

a verdade). Ora, eu diria com ingenuidade ao meu amigo Doutor Abrantes: — O que V. S. diz ao Embaixador de S. Magestade Britanica he hum manifesto insulto, tanto á sua alta Dignidade, como á sua Pessoa: pode ignorar a Lingua Portugueza, isto não he hum defeito imputavel, porque saber bem a Lingua Portugueza, poucos Portuguezes a sabem bem, tem mais que todas as outras Linguas, vivas, e mortas, o caracter de dizer de mil modos, e em mil estilos a mesma cousa: mas dizer a hum Ministro daquella ordem: — *Vossa Excellencia não tinha os conhecimentos elementares do Direito Publico sobre estes objectos, nem da Legislação Portugueza a este respeito!*... Pois o Senhor A'Court não tem, nem ao menos os conhecimentos elementares do Direito Publico? Dizer isto hum Medico a hum Embaixador de Inglaterra, he o mesmo que dizer hum Embaixador a hum Medico: — Vossê não sabe receitar, para matar hum homem, dous grãos de tartaro. — Sirva isto só para o Senhor A'Court: elle podia dizer ao meu illustre amigo, o Senhor Abrantes, ainda que fosse em meia Lingua Portugueza, com tanto que se entendesse: — *Eu cito a V. m. as Côrtes de* 1641, *e os Decretos de Setembro do mesmo anno.* —

Eu não sei, meu amigo, o feitio, que tem o Senhor A'Court, nunca o vi, nem quero, nem tenho para que; mas fica mal á Nação Portugueza tractar-se de ignorante hum tal Embaixador de Inglaterra, e de ignorante naquillo mesmo, que elle deve saber como Diplomáta, e sabe mais. Eu andei errado na minha vida, fui hum pedaço d'asno em não estudar Medicina; em eu sabendo receitar huma purga, era no mesmo instante hum Polyhistor, ou hum Sabio universal. O melhor Livro de Politica, que se compôz no Mundo, (tenhão esta gloria os grandes Hespanhoes) he o Livro das *Emprezas de Diogo de Sáavedra Fajardo:* pois se eu aprendesse na Medicina a dizer a hum doente, de caminho para a outra vida, — deite lá a lingua fora, — tinha no mesmo instante mais Sciencia politica, que o mesmo Diogo de Saávedra Fajardo. O meu amigo, o Doutor Abrantes cita na sua Carta, inculcando-o ao Senhor A'Court, hum tal Mr. *Fritot*, ou Fricandó. Ora hum écco de *Duprat*, e outros que taes das Garantias pedidas á Hespanha, he o unico Oraculo em Direito Publico, que o Senhor A'Court deve estudar para saber cá das nossas cousas, do nosso Direito, e das decisões das nossas Côrtes!!! Em fim lá se avenha o Doutor Abrantes com o Senhor A'Court; mas peço ao Senhor A'Court que, se estiver doente, não chame o Doutor Abrantes, nem outro qualquer, ainda que lhe resuscitasse o seu *Harvey*,

que se diz inventor da circulação do sangue, nem o seu *Thomaz* Sindenham o Mestre das febres, ainda que compozesse hum novo Tractado das Febres Politicas, que sempre trazem consigo o delirio. Se o Doutor Abrantes me mostrasse manuscripta a pagina 35 da sua Carta, muito havia eu de ralhar ao Doutor Abrantes sobre a sua ignorancia dos factos mais notaveis da Historia Portugueza, quando diz que Affonso III, acclamado Rei de Portugal, ficára ao mesmo tempo sendo Conde Soberano, e Reinante do Condado de Bolonha em França!!!! Os exemplos, que elle na mesma pag. 35 allega de ElRei D. Affonso V, e de ElRei D. Manoel quando foi a Castella fazer jurar herdeiro daquelles Reinos o Principe D. Miguel, que morrêo logo, provão evidentemente o contrario do que elle quer provar, e isto, meu amigo, he huma miseria: na verdade tenho pena do meu amigo, o Doutor Abrantes, porque lhe sou muito obrigado, e nada posso tolerar em menoscabo dos meus amigos. — E o *Velho Liberal do Douro?* Oh! Que gordo amigo he este *Velho Liberal do Douro!* He preciso acabar com este amigo bota-fogo Republicano na Bahia, Realista enthusiasta no Porto, e nos arruamentos. Vamos a elle; mas sempre com o presupposto principio de que, quem foi Corcunda, sempre he Corcunda, e quem foi Republicano em 1820, sempre será Republicano em 1827, ainda que berre — *Viva a Carta, venha o Hymno*, ou venha o vinho. Elle ouvio-me, e aqui está já o *Velho Liberal do Douro.* Chegou á rua dos Fanqueiros! Que figura! Parece quadrado! Como vem bochechudo com o seu Sermão da Bahia! E como vem mais bochechudo ainda com as suas Liberalices do Douro!! Os mesmos arruamentos, que descompõe tudo quanto passa de Corcundas incorrigiveis, e de Apostolicos diabolicos, estão já tão fartos das puras Realezas do *Velho Liberal do Douro* que, quando mettem os dedos na boca, já as tocão nas guelas, ou gorgomilos. Sempre em letras grandes, sempre com exclamações, o nosso Rei D. Pedro IV, o immortal D. Pedro IV, a Magnanima D. Maria II; o puro Governo Monarchico, outra vez a immortal Carta, dada pela Legitimidade, emanada do seio da Legitimidade. Isto he que he Carta! A Carta, que foi cá do Porto já feita para Lisboa, com a guarda avançada das Bases juradinhas, e tão repetidas vezes juradinhas pelos povos Portuguezes, que se lhes podia chamar com a nomenclatura de Tapuias Brasileiros, como os Topinambazes, os Povos — *Jurabazes* —, era Demagogica, revolucionaria, e mais que tudo Pedreira (estes mesmos Pedreiros são agora Pedristas!) Isto vocifera, isto

grita, isto berra o *Velho Liberal do Douro* por todo o N.º — *Os amigos do Rei, e da Carta* — Viva a Carta, venha o Hymno.—Ora: ouçamos agora o que diz destes Reis, e desta Carta, de que tanto ralha no Douro este *Velho Liberal do Douro* mettido na Bahia, membro em 5.º grão em *Agua bruca.* Falla assim, pag. 4, §. 3.º, e 4.º do Sermão desta por elle praguejada Constituição do Porto de 1820.

„ Chegou o tempo!!!!! Estava reservado a este se„ culo das Luzes .... a Hespanha, tão celebre desde „ os tempos fabulosos por seu decantado pomo, *(isto he asneira: o pomo das Hesperides não he o pimentão colorado de Castella!)* exarou melhor que nunca o „ seu inclito nome nas Laminas da Eternidade, ac„ cendendo o Luminoso farol da Constituição politi„ ca (de 1812).

„ Portugal, e o Brasil abrio os olhos ao rutilante „ clarão, que a Divindade do Ceo mandou a esses „ (os Reis), a quem a vil adulação chamou Divinda„ des da terra; e destruindo o Reino da iniquidade, „ e das trevas, principia a florecer o Reino da Luz, „ e da Justiça.... Deos cançou de olhar para os abu„ sos do Governo, e para a oppressão dos Povos. "

Eu estou perplexo, e não sei que commentarios faça, ou possa fazer a isto; sempre digo que, ainda que alguem lhe não quizesse chamar *Masmarro*, como elle chama a todos, lhe devia chamar patife. Talvez fizesse justiça. Pois este mesmo homem he o que vem para o Douro, e o que começa a amaldiçoar esta mesma Constituição, e a gritar pelo Saldanha, que lhe acudisse nas suas afflicções, e miserias? Pois he este o mesmo homem, que grita pela Carta, e pelo Hymno a cada instante, e a cada pagina? Quando foi este homem sincero em 1821, ou em 1827? O Corcunda não deixa de ser Corcunda, e nunca jamais disse que o não era. O Republicano não deixa de ser Republicano, por mais que sem vergonha grite, e torne a gritar que he Realista. Este homem, que até no Theatro, se o deixão entrar pelo amor de Deos, grita como hum Cabrito —Viva a Carta, venha o Hymno, grita no Pulpito da Bahia com voz mais que de Cabrito, que a Constituição de 1820 he huma emanação celeste, e sahida do seio *da Divindade do Ceo.*

Se Deos no maior furor da sua ira, e da sua vingança contra os peccados dos Portuguezes, permittíra que a Revolução Republicana, começada tão descaradamente nas noites de 24, 25, e 26 do mez de Julho, vingasse; se a mesma cólera Divina permittisse que as Bandeiras Republicanas

se despregassem, se as Guilhotinas se levantassem, se as gargalheiras retinissem, e Portugal para sempre se perdesse, este mesmo *Velho Liberal do Douro* gritaria logo contra o Senhor D. Pedro IV, e o cobriria de nomes mais affrontosos, sacrilegos, e insultantes, de que o cobrírão as Côrtes Soberanas, Extraordinarias, e Constituintes da Nação Portugueza; e dirião os arruamentos banhados em lagrimas de ternura, a este não responde o Padre! Elles verão a resposta, que lhe vai preparando o Padre. — Sim, este Velho, este inimigo capital deste Reino, ficará eternamente confundido, e pagará de huma vez os crimes, que tem comettido pela Patriotica Impressão da Rua dos Fanqueiros por culpa de Censores, que se por mais tempo os consentem, Portugal acabava.

Isto, meu amigo, he huma eschola uniforme em principios, sempre igual em doutrina, e onde os discipulos sahem perfeitamente iguaes aos mestres. Os exemplos tambem se buscão dos tempos passados, porque para isso a Historia contendo, e conservando em si os factos, he chamada a Mestra da vida. Lembrado estará V. m. de hum homem Pato, lá vai já, que houve aqui, que foi Grão Secretario de noite, e grande Deputado de dia nas Côrtes, onde essencialmente estava a Soberania Nacional feita pelas taes Côrtes. Este Pato, antes de lhe darem huma moeda d'ouro por dia, e muito bem merecida, vivia de fazer, lá de beneficio a beneficio, Elogios de Theatro a quartinho cada hum. Fez, recitou-se pela habil Actriz, e pelo habil Actruz, e imprimio-se hum Elogio, que ahi está, intitulado — O Mez das Flores — ou o dia 25 de Abril, dia anniversario de S. M. Imperatriz Rainha Nossa Senhora, Filha, Esposa, e Mãi de Grandes Monarchas. Com effeito, não se pode louvar mais huma creatura humana! Quantas flores traz Abril, e quantas ostentão os campos até ao meado de Maio são poucas para lhe fazer grinaldas para sua Augusta fronte nos aleijados versos do tal Poeta Pato. O Epithalamio de Honorio e de Maria, em Claudiano, não tem mais capellas, mais ramalhetes, e mais flores; passão menos de dez annos, e passa este Pato do triste quartinho do Theatro para a grossa moeda do Augusto Salão; e no mesmo instante na bôca deste mesmo Pato passa a Heroina das Flores a ser a Ex-cidadããããã!! He mandada por Pato por esses mares de Christo, fazendo-lhe circulo dez Medicos... Coitadinha! Dez Medicos! Já hum, até meio Medico era muito. Eis-aqui tem V. m. o mesmo Pato do Mez das Flores, e o mesmo Pato do Augusto Salão: o Pato de quartinho he o mesmo Pato da

moeda. Quando ha quartinho ha flores, quando ha moeda marcha daqui para fora sô Ex-cidadããã!

Eis-aqui o exemplo; a sua applicação he muito facil, e a semelhança he exactissima; e elles não podem fugir da ratoeira quando se compara, e confronta o que elles escrevêrão com o que escrevem: estes patifes, só semelhantes a si mesmos, voltão as vélas do mesmo moinho para a parte, d'onde lhes sópra o vento; mas o alicerce do moinho he sempre a Democracia, isto he, o Republicanismo: isto tem elles assentado no coração, e o que mais impacienta he vêr estes monstros de perfidia sempre esperando, e preparando o momento de se pronunciarem, como vimos agora, com o pretexto velhaquissimo da re-integração do Saldanha, ameaçando a Nação com a proxima chegada do Senhor Rei D. Pedro IV, a cousa, que a elles mesmos mais enche de susto, e que elles mais de coração detestão. Sempre em contradicção; huma cousa querem, e outra cousa dizem. Esta digressão he precisa. Dimitte-se João Carlos de Saldanha do Ministerio da Guerra. Que tem o Povo com isto? Os malditos escriptores Periodicaes clamão que o Povo temêra que a Carta fosse abaixo, ou não continuasse, huma vez que aquelle Ministro era demittido. Segue-se logo que tudo o que ha no Reino não basta para sustentar a Carta, se no Ministerio da Guerra não existir João C. de Saldanha Daun. O Poder Real de S. A. Serenissima he cousa nenhuma para sustentar a Carta. Só Daun, e sem o Daun adeos Carta; este susto he quem obrigou os revolucionarios tumultos a pedirem de noite, com gritarias, pedradas, insultos, e archotes, a re-integração de Daun. Ai! dizia a *Nação toda*, ai! que perdemos a nossa Carta, se perdemos o Daun! Pois, Senhora Nação, ainda ahi está a Carta, e já não está no Ministerio o Daun. E querem os Periodicos infamissimos do Porto, os Sóes, Borboletas, Imparciaes, que acreditemos isto? E, viva o Rei, e viva a Carta, fazendo tão públicos, como escandalosos insultos a huma, e outra cousa! Esta materia nunca he bastantemente repizada, porque este he o maior attentado, que se tem comettido neste Reino. Se a machinação fosse adiante, se a fiel Força armada se corrompesse, porque com sua adhesão contavão os altos Pedreiros, em qualquer das noites, que esta desgraça acontecesse, estavão evaporados os vivas a ElRei, e os vivas á Carta; e hum mais estrepitoso bérro diria — Viva a Republica dos Tres Consules; aqui estão as nossas Bandeiras, e abre lá essa barrica de Laços Republicanos para se distribuirem já pelos Salvadores de Portugal. He tanta a insolencia dos Escripto-

res do Porto, que se atrevem a dizer, e a ateimar que os motins nocturnos nascêrão unicamente do justificado susto, que o Povo tinha de perder a Carta, perdendo o Daun, ou sahindo o Daun do Ministerio da Guerra, porque sem Daun não ha Carta, não ha Rei, não ha Reino, não ha nada. Estes patifes vão tendo ainda maior culpa do que esses, que já pronunciados estão dentro do Limoeiro por esta culpa. Esta he a digressão, a que me obrigou a leitura proxima de dous papeis do Porto, hum o *Imparcial*, outro o *Sol*. Tornemos ao mesmo Douro, porque he rio fecundo, e vai pastando em suas sombrias margens o *Velho Liberal do Douro.*

Estremece este conspicuo Varão pelo Senhor D. Pedro IV, pela Carta, e pelas novas, e sabias Instituições da verdadeira, e subordinada representação: abomina com toda sua alma candida, innocente, ingenua, e sincera a Democracia revolucionaria, e rebelde de 1820. Mas isto he agora, sendo agora mesmo, e ainda peior o que foi na Bahia em 1821. Ora: vamos ouvir o Sermão do P.ᵉ Ignacio, que parece hum Anjo, e não hum homem, que está fallando aos outros homens da Bahia taes como elle. Pag. 12, §. ultimo. Falla com Deos Nosso Senhor presente no Sacramento.

» O teu Evangelho, Senhor, estava tão desfigurado
» pelos effeitos do Despotismo, como a Liberdade da
» Nação. A abominação, de que falla Daniel, não só
» estava ao lado do Throno, como no interior do San-
» ctuario: agora tudo se vai restaurar!!... Confirma
» a grande obra da nossa regeneração, confunde os
» inimigos da *Causa sancta*, que vai augmentar a tua
» gloria, e a nossa prosperidade.... «

Huma tenaz em braza na mão do Carrasco lhe devia arrancar a lingua! Pode haver maior blasfemia neste monstro agora tão amigo da Realeza, e o maior Vivador da Carta, e mais do Hymno, do invocador, e chamador do Daun, Valha-nos o *Saldanha!* A *Causa sancta* da Democratica rebellião de 1820, que he a mesma Causa sancta, por que mostra tanto zelo em 1820, vai augmentar — *a gloria de Deos?* Que bom Sacerdote de Deos he este! Sim, malvado, augmenta a gloria de Deos a espoliação de seus Templos, a profanação mais que gentilica das suas sagradas Imagens, o abatimento, e desprezo de seu culto, a perseguição, e o desterro, e talvez que a morte de seus mais respeitaveis Ministros? Augmenta a Gloria de Deos huma alluvião de Escriptos impios, vulgarisados na lingua Portugueza, para corromper os sentimentos da Nação mais Catholica? *A Causa sancta!!* Oh! homem abominavel! Oh! hypocrita per-

versissimo! Causa sancta! Despojar o Rei da sua Soberania, reduzi-lo a executor mandatario da vontade dos rebeldes, e revolucionarios! Causa sancta! O roubo de hum Reino inteiro, o exterminio de tantos innocentes, a confusão, o transtorno, a desgraça de huma Nação inteira! A Causa sancta! O Erario roubado, o Exercito desorganisado, os Tribunaes algemados, a Soberana insultada, o mesmo Principe, hoje ElRei D. PEDRO IV, enxovalhado com affrontosos nomes no meio da infame espelunca dos *Pais da Patria*, isto he, dos Pais da rebellião, e da impostura! Esta he a Causa sancta, para cuja manutenção o Padre Ignacio, virado para o Sacramento, pede os auxilios Divinos. Quem não seria, e com razão, chamado calumniador, se isto não existisse impresso em boa letra redonda, e logo na Officina de *Serva*? E quem deixará de conhecer o Padre Ignacio quando cotejar o que escreveo, e imprimio na Bahia, com o que escreve nas sombrias margens do Douro, e manda imprimir em Lisboa na rua dos Fanqueiros. Desengane-se o Reino, para cuja instrucção, e até salvação escrevo, que este homem, e os outros, que como elle escrevem, pensão, e vociferão se não cobrem com esta affectada capa Constitucional, com estes perfidos vivas ao Rei, e vivas á Carta, senão para aproveitarem o pretexto de hum tumulto ácinte disposto, e promovido, e engrossarem hum corpo, que com as armas, e com a força lhes sirva de apoio para a acclamação dessa ideal Republica, que espantando com seus recursos todos os Potentados da Europa, levante na mesma Europa huma Universal Republica, servindo de fermento, que lévede esta massa geral, a *Republica Lusitana* com os seus tres designados Consules, que em seu Democratico Chrisma se chame o primeiro Buonaparte, e os outros dous Cambacerês, e Le Brum; e ai dos Soberanos da Europa, se se não deixarem estar, como querem estes Senhores, com os braços encruzados para descerem do Throno, quando se lhes mandar!! Os Reis são huns Tyrannos; e nós, quando formos os Cidadãos Consules, seremos huns Serafins. *Causa sancta* chama o Velho *honrado* a huma Facção Maçonica, que jurou odio eterno ao Throno, e ao Altar; ao Throno, em hum Fantasma illusorio sem corpo, e sem alma, e por isto sem vida, sem acção, e sem vigor, como nós vimos, e tanto lastimámos: ao Altar, atacando a Religião em seus dogmas, em sua moral, e em sua disciplina. O Cathecismo da Lei natural, e o Muito Reverendo Abbade de Medrões, bem nos provão esta verdade, ainda patente nos estragos que causárão, e vão causando aquelles dous pestilenciaes Escri-

ptos, que fizerão ahi de qualquer Caixeiro hum Filosofo, e hum Doutor das gentes. Esta he a Causa sancta, assim chamada por aquelle, que agora lhe chama Demagogica, e revolucionaria. E não acha o *Velho Liberal do Douro* quem lhe faça, ao menos, o que aqui lhe fez hum Titulo, que governou a Bahia, a quem elle se atreveo a procurar? A primeira vez que o procurou, não lhe fallou; e a segunda, em lugar de Escudeiro, veio hum páo atraz delle pela escada abaixo: mas em fim, encoste-se o bordão, que não he aqui preciso, porque tem quem o substitua, que he esta penna, muito peior que páo, e muito peior que pedra. Ha de apparecer nú, e crú, como elle he; a Nação conhecerá por estes Escriptos, que viboras alimenta em seu seio, para se acautelar do veneno, com que lhe querem dar a morte embrulhada em papeis Periodicos, d'onde tem vindo toda a sua ruina, como iremos vendo.

Aqui appareceo hum Periodico de vintem, chamado o *Sol do Porto*, e da Officina Gandra, que he sufficiente calça para se conhecer. Este *Sol* he o N.º 21 de 26 de Agosto. Vamos coherentes, todos rézão pelo mesmo Breviario. — Legitimidade, Legitimidade, Viva o Senhor D. PEDRO IV, Viva a Carta, e venha o Hymno; mas como a affectação, e a hypocrisia não se podem sustentar muito, descuidão-se, escorregão, embicão, e dão comsigo no chão, cáhe-lhes o chinó, e ficão em careca. São tão Republicanos em 1827, como forão em 1820. Eis-aqui o que diz com seus raios aquelle astro enfarruscado: —

> " Aquella porção de Cidadãos, que o Senhor D. João
> " VI beneficiou, a quem fez Condes, Viscondes, Ba-
> " rões, Commendadores, e Cavalleiros, *pela primei-*
> " *ra Rebellião de Trás-os-Montes* . . . . .

Falla expressamente da *primeira* Rebellião de Trás-os-Montes, da *primeira*, isto he, quando honrados Transmontanos indignados, e furiosos com a usurpação dos levantados do Porto, tentárão livrar ElRei das cadêas vis da escravidão, em que os revolucionarios barbaros, e impudentes invasores da Real Soberania, o conservavão com tanto escandalo do Mundo, e entre tantas lagrimas dos verdadeiros, e leaes Portuguezes; acção verdadeiramente heroica, e por isso verdadeiramente Portugueza. Se estes Portuguezes perdêrão batalhas, não perdêrão a honra, antes a ganhárão, e por isto S. M. o Senhor Rei D. João VI os premiou, e condecorou tanto. A esta acção, que foi a primeira causa impulsiva da nossa Liberdade, escapando das garras dos Tigres, que nos ataçalhavão; a esta acção chama o senhor *Sol a pri-*

meira Rebellião de Trás-os-Montes. Logo ElRei premiou a rebellião: logo o levantamento do Porto era a Legitimidade, pois só contra a legitima authoridade póde haver rebellião. A estes Lobos cobertos com a pélle de Ovelha, sempre fica o rabo fóra, para conhecermos todos que a Democracia he o primeiro de todos os seus votos, e tenções; e quanto mais gritão — Viva a Carta, venha o Hymno, mais gritão aos seus, que se ultime a grande Obra da Edificação do Templo de Jerusalem, isto he, do Republicanismo em que trabalhão, ha tanto tempo, a régoa, a trolha, o prumo, e o compasso. Ora pois: espero em Deos, que eu só possa deitar abaixo os andaimes, e os operarios trolheiros. O Governo he justo, a Policia não dorme, em boas mãos está o Pandeiro; e são tão boas as mãos, e o Pandeiro, que elle lhes porá as mãos, e a boa vontade.

O momento, em que estamos, he o mais decisivo para a conservação do Throno do Senhor D. PEDRO IV: ir atrás, ou suspender-se, he precipitar-se. Conheça primeiro a Nação a verdade; depois o Governo não encontrará em sua prudente marcha nem barrancos, nem barreiras. Soldados fieis, e honrados, quero-vos revelar huma verdade: sabei que me disse a mim mesmo o Juiz de Fóra de Ricardães, cuja firma — Silva Carvalho nos causou tantas desgraças: = Nós faremos que as baionetas dos Soldados sejão de *chumbo;* nada destes brutos venaes: se elles servírão para *nos assentarmos aqui;* daqui ámanhã servirão para levantar o Despotismo dos Tyrannos. O tal Reisinho tem duas mãos, pois nenhuma dellas ha de pôr, nem sobre dinheiro, nem sobre espingardas. = Ainda estas palavras me retinem nas orelhas. Vêde para que vos querem, e não querem estes meninos. Se déstes juramento (alguns de vós) nas Lojas, olhai que tambem o déstes sobre as Bandeiras; e huma Bandeira Real he mais alguma cousa que o avental esfrangalhado de hum Pedreiro Livre. Não sois Soldados para pegar n'huma trôlha, sois Soldados para empunhar huma espada. O vosso posto não he o Grande Oriente para fazer caretas ridiculas: o vosso posto são os terreiros dos Palacios, em que a Regente vive; e as vossas caretas são apontar bem as Espingardas aos miolos dos patifes, que attentarem contra a Soberania, de que ella he Depositaria. Sois mais honrados, deitando-vos sobre as taboas nuas de huma tarimba, do que assentando-vos n'huma tripeça triangular na chafurda d'alguma pucilga, mettida n'algum chaguão, armada de papel pardo com luzinhas de candieiro de trevas mais nojento do que a Lanterna de corno d'algum palheiro de estalagem. He mais nobreza ser-

vir a Casa de Bragança, do que a Casa de Méca de tantos patifes. Eu chorei a vossa sorte, e vosso aviltamento quando vos via ir atrás do Pato, e do João dos Beiços, quando das Necessidades ião levar as suas Soberanas Ordens á Bemposta; mas em fim, as lagrimas se me enchugarião se vos visse tomar a direcção do Caes do Tojo, porque para lá tambem costumais acompanhar alguns taes, como não poucos o merecerião, do Augusto Salão do Soberano Congresso.

Conclúo, meu amigo, estas duas regras, lembrando-lhe o susto, em que andão os Liberalissimos Senhores Grutescos, porque os Periodicos do Porto, e os que se finárão cá, não cessão de ameaçar os inimigos do Senhor D. PEDRO IV com a proxima chegada do Senhor D. PEDRO IV. Os Corcundas estão contentissimos, porque se elle vem castigar os seus inimigos, muitos estão já seguros no Limoeiro, outros são faceis de apanhar; ahi anda hum, por ex., que era das Côrtes Palhaças, muito amigo, e grande correspondente do Senhor Luiz Antonio, muito inimigo do Senhor D. PEDRO IV; e tanto, que ahi nos deixou ficar em letra redonda, e assignada por elle a grande chamadella, que elle chamava ao Senhor D. PEDRO IV chamando-lhe — *filho espurio da Casa de Bragança* — Ainda que elle supprima estes papeis, hum que tenho não supprime elle, bem guardado o tenho para ir nestas Cartas, e o Senhor D. PEDRO IV se divertirá com elle: este mesmo sujeito, que he lá de cima, he hum dos que mais dizem — Viva a Carta, venha o Hymno!! — Por isso os Corcundas dizem, mettidos pelos cantos daquella Sé: — " Mãi Sanctissima da Rocha, trazei-nos já o Senhor D. PEDRO IV; porém como sua Augusta Irmã tem cá o mesmo Poder, Mãi Sanctissima da Rocha, dai-lhe força para acabar com a Pedreirada.... Ave Maria, cheia de graça o Senhor he comvosco.... etc.; e desde pela manhã até á noite não se cálão com esta prelenga: tambem eu não me calarei, e jámais deixarei de dizer que sou

Seu Amigo do Coração *J. A. D. M.*

Forno 2 de Setembro de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 19.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

Hoje 2 de Setembro, ao acabar a 18.ª Carta, me apresentão hum quarto de papel impresso de huma parte, que diz: N.° 116. Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra em 31 de Agosto de 1827. — Disse logo comigo, neste instante derão hum estoiro, como huma bexiga chêa de vento, quantos Periodiqueiros do Tejo, e Douro tem moido a paciencia, e tem insultado o juizo, e a probidade dos Portuguezes honrados. Neste instante se açaimárão as queixadas, e as guellas a tantos cães damnados, que atassalhavão a verdade, a justiça, e a experiencia, os ouvidos, e os olhos da Nação inteira. Este Decreto he tão terminante que, sem outros testemunhos, mostra á Europa inteira *que os Cidadãos pacificos, animados do mais vivo enthusiasmo, receosos de perder os caros objectos do seu coração, que entoavão harmoniosos Hymnos ao Senhor D. Pedro IV, e á Carta*, (e de vez em quando ao seu Presidente) comettêrão hum crime de traição, e rebellião, allegando assim os seus inauferiveis Direitos de Petição! Houve crime, porque onde se apresenta, já formado, o Corpo de delicto, ha crime. Infames Periodiqueiros, assopradores da revolta, tremei agora; e tu revolucionario *Imparcial*, encolhe, ou emenda o rabo do teu *(Memorando!!!)* Imparcial de 28 de Agosto, o mais desaforado papel, que tem apparecido, desde que os Ladrões do socego público se pozerão na estrada dos Periodicos.

» A'manhã, pelas 5 horas da tarde, he o momento da » sua retirada: acompanhão-o saudoso as bençãos de todos » os Portuenses, e os homens honrados em toda a parte » verão nelle o *Protótypo de todas as virtudes* — Este he o » Senhor *Stubbs.* — Isto diz o Veneravel d'*Agua Bruca.* Agora vejamos o que nos diz a Ordem 116: — *Servindo-lhe de Corpo de delicto o Officio, que dirigio a este Ministerio da Guerra, e a Representação acima mencionada.* Como elle he réo indiciado, e ainda não he réo convencido, e sentenciado, e póde responder no Conselho — eu não fiz semelhante

cousa, foi a canalha dos Archotistas da sempre leal, e inclita Cidade do Porto, quem me obrigou a assignar, que eu não queria, e eu tive medo de desagradar-lhe, estive em coacção; — depois de sentenciado o caso, fallaremos. Nenhum homem se póde adiantar tanto, que chegue a criminar outro homem em público, antes que a Justiça, applicando as Leis, o declare criminoso. Eu só desejei hum documento tal, porque com elle se dá legitimamente a conhecer ao Mundo, que houve hum crime, e crime de Estado, nas successivas amotinações de tres continuadas noites; e se ellas nascêrão, como ateimão os Liberaes pelos seus orgãos, os Periodiqueiros, do medo, e susto, em que o Povo ficou de perder a Carta, porque tinha sahido do Ministerio Daun, porque não gritava este Povo de dia, para lhe acudirem mais depressa, porque de noite está cada hum mettido em sua casa, e a semelhantes horas, para desordens, só andão ladrões, ou revolucionarios armados de punhaes? Se isto era susto de perder a Carta, e nada mais, e se este Povo era huma creança innocente que chorava, e gritava com medo de lhe tirarem da mão o bonito, que elle só mostra querer lá para os seus fins, porque razão os senhores arruamentos da ultima baixa, antes do Sol posto, ou logo a Sol posto, fechavão, e trancavão as suas portas com taes pancadas nas trancas, e nas cunhas, que não faz maior estrondo huma trovoada de Maio, de que Deos nos livre? Porque temeo, que de envolta com a Carta, e com as lagrimas, que, por sua temída perda, corrião, tambem lhes corressem pela porta fóra os barrís de manteiga, as vélas de cebo, o costal de bacalháo, e o rôlo de panninho, ou o pacotinho de filó, ou antes de tempo se lhes arrombasse alguma barrica de laços:... tinhão razão, porque eu tambem mordi o cartuxo, e preparei a escorva.

Houve hum crime, meu Amigo, houve hum crime; assim o declara o Governo, mandando produzir, como formado Corpo de delicto, a mesma Representação, que o *Protótypo de todas as virtudes*, o Senhor Stubbs, tinha dirigido ao mesmo Governo para a reintegração de João de Saldanha Daun, não fosse o Diabo negro, que de envolta com o Daun, fosse tambem a Carta, a quem tanto amor conserva o innocente Povo. Pois se era hum crime, de que já não podemos duvidar, para que era a alluvião de punhaes, que então apparecêrão? Punhaes, que se vendião por menos do custo em huma certa loja do Rocio, que vinha a ser, oi-

tenta réis do nosso dinheiro? He preciso responder a esta pergunta, e sabermos que estado he o nosso, não para persuadir os Corcundas, que acudão a comprar tambem o seu ferrinho, em quanto está por aquelle preço, que he o mesmo que hum ôvo por hum real; porque os Corcundas nem de graça querem as armas dos cobardes, ou dos Republicanos, a quem o Bruto da Tragedia deixou o seu punhal por herança, e por brazão, mas para vermos quaes sejão as miras, e os intentos desta infernal matúla revolucionaria. Huma de duas: ou o punhal he para sustentar o crime da revolução, quando se faça escutar o grito, que já se começava a levantar, ou he para cevar o odio, que conservão aos homens de bem, que elles julgão contrarios, e oppostos a seu systema destruidor. Para pedir a S. Alteza Serenissima que chamasse o Ex-Ministro Daun, não erão precisos punhaes. Isto seria então pedir como os Eremitães de charneca pedem na estrada. Se era o Direito de Petição, era escusado o ferro, bastava a lingua. Seja para que for, elles andavão, e faca de ponta tem pena de galés. Os Senhores Liberaes respeitão muito as Leis, e bem o próvão, porque quem diz: — Viva a Carta, e venha o Hymno, não quer outra cousa senão o Senhor D. Pedro IV, e a sua Carta. — Ah! meu Amigo, perdeo-se a honra, a gravidade, e a magestade do caracter Portuguez!! Selim 2.°, Imperador de Constantinopola, no tempo em que os Portuguezes ião para a India, sem serem mandados para a India, ouvindo fallar em tantas derrotas de Turcos, de Arabes, Persas, e Mogores vencidos pelos Portuguezes, desejou vêr hum Portuguez para saber se era homem de outro feitio. Conseguio isto, porque em fim Agá Solimão seu General pôde haver ás mãos hum Soldado Portuguez em huma sortida das muralhas de Diu: foi pelo Isthmo de Suez ao Cairo, e de lá a Constantinopola em huma gaióla de ferro, vestido de ferro, e com as barbas prezas no cinto. Os Turcos vinhão vêr o bicho, mas de longe. Se Mahamud, actual Imperador, tivesse agora o mesmo empenho, eu fazia-lhe á vontade, mettia esta penna carunchosa no tinteiro, punha-me á janella, e dahia a nada via passar hum páo de alféloa, com humas botinhas de tacão de mulher com ferraduras de Burro, com humas calças de Judeo de Tamaras doces, com hum saiosinho de vapôr, que lhe cobre apenas meia nadega, com hum lencinho branco de riscas azues, que está pedindo huma gargantilha de linho forte e redondo, com hum chapeosinho branco que parece que já tapou alguma cousa por modo de hum

cilindro posto em pé, e da parte esquerda do peito, mal coberto com a gólla do saiosinho de vapôr o rabinho de huma sovina, de marfim torneado, com hum mote que diz: (para ser glosado pelo Carrasco) *ou Republica, ou morte:* — pegava neste Manequim, chamava hum Galego, que o mettesse no sacco, e que o levasse da parte do Padre do Forno a Mahamud 2.º que o capasse, e que o désse á Sultana para brincar, com hum escripto meu que dissesse: — Senhor Mahamud, remetto a V. Alteza hum neto, e descendente daquelle velho chamado Affonso, que mandou hum recado a hum dos seus antepassados em que lhe dizia, que ou lhe havia pôr para alli a Cidade de Jerusalem para ser do Rei de Portugal, ou elle passava já, e já a queimar os ossos do Profeta no meio de huma Praça de Meca, e a esterilisar o Egypto mudando a corrente do rio Nilo; conserve-o lá, dê-lhe meio pão de Meleças, e hum charuto, tem criança para muitos tempos. Servo de V. Alteza — O Padre do Forno »

Pois este boneco, que iria fazer estoirar de riso o Sultão, e mais a Sultana, he hum Republicano, que jurou ahi para a Travessa, ou Beco dos Apostolos, levar todos os Apostolicos á ponta da sovina do cabinho de marfim com o letreirinho; e se elle levasse bigodes, e mais a perinha, tinha o Sultão, mais a Sultana, que depinicar. Eis-aqui tem, meu amigo, os que blasonão de amigos do Rei, e da Carta; vá esta noite ao Theatro; e, se estiver occupado á noite, vá de dia se tiver vagar, debaixo da Arcada, lá os ouvirá gritar, viva a Carta, venha o Hymno, e nisto se transformou Portugal, depois que a contagião, ou pestilencia Maçonica se derramou, e espalhou neste infeliz Reino! Esta insolencia dos Punhaes, com que andão insultando, e apurando, até certo ponto, a paciencia dos homens de paz, dos verdadeiros Portuguezes, que sem murmurar, ou recalcitrar, como não murmurão, nem recalcitrão agora, tem recebido os Codigos, que seus Monarchas lhes tem querido dar, o Affonsino, o Manoelino, ou Filippino, porque o verdadeiro Portuguez não sabe fazer mais que amar o Rei, e obedecer á Lei, me obrigou a esta divergencia do assumpto principal, que he confundir os malvados pelo que os mesmos malvados tem escripto, e tem impresso. Eu não tenho mãos a medir: *A Besta esfolada* está por instantes a ir dar o seu passeio, não faltarão rapazes atraz della; a pelle, que deixou, não serve para odre, nem huma correia se lhe póde tirar. Hade ir a passo grave; adiante irá a banda de Musica tocando, e can-

tando o Hymno de Riego, parando a todas as portas dos arruamentos; não leva a cabeça esfolada, não precisa, porque ella he por fóra o que he por dentro. Aqui está, irá ella dizendo a cada porta, aqui está, Senhores Doutores, aqui está o *Velho Liberal do Douro,* não em pelle, porque lha tirárão, mas em osso, porque assim o deixárão: *Valha-me o Saldanha!!* E a VV. mm. a Republica dos tres Consules!! Tudo isto, meu amigo, vai dispertar appetite, mas tenhão hum bocado de paciencia, que eu não tenho quatro mãos, ainda que alguns Senhores digão que eu tenho quatro pés, pois servirão para correr atraz delles, que não hão de pôr mais pé em ramo verde.

Não podia guardar silencio quem vendo que estes vivos Demonios ião deitar a perder o Reino, guardava papeis, que elles imprimírão, e ouvia agora os gritos, que elles davão — Viva o Senhor D. Pedro IV., viva a Senhora D. Maria II., viva a Carta, venha o Hymno! E os Bacalhoeiros incançaveis com a legitimidade, legitimidade, em Bacalháo de lastro, punhão hum rótulo: — A legitimidade de Bacalháo do Banco. — Hoje se verá o que elles imprimírão de D. Pedro IV., para se cotejar com o que elles gritão agora de D. Pedro IV. Farão depois os verdadeiros Portuguezes o que devem fazer a semelhantes Impostores. Se ElRei D. Pedro IV. he Republica, esta he o Rei D. Pedro IV., que elles querem.

Ha treze mezes, e cinco dias que duas cousas me impacientão, e desesperão; a primeira he a barbaridade, ou a brutalidade dos insultos, que, desde o primeiro dia do juramento da Carta, se começárão a fazer aos homens de bem, e a todos os actos externos de Religião dentro, e fóra dos Templos, com hum furor tal, que não tem exemplo talvez senão nas primeiras perseguições dos Tyrannos. Caixeirinhos de dous dias, mas que em o negocio da impiedade já vão de meias com os Patrões, os primeiros Politicos do Universo, insultárão publicamente o Sagrado Viatico levado a hum enfermo: a segunda tem sido a desaforada hypocrisia dos louvores ao Senhor D. Pedro IV, com cuja vinda ainda não acabárão de ameaçar os mais pacificos, e obedientes de todos os homens. Estes affectados louvores sahem da boca daquelles mesmos, que com huma raiva diabolica mais perseguírão, e vilipendiárão este mesmo Monarcha. Eu não seria capaz de semelhantes imputações, e diante de sua Augusta Irmã, se permanentes Documentos pela Imprensa não descobrissem esta terrivel verdade. Parece hum rasgo de Provi-

dencia sensivel o mesmo delicto commettido nas tres noites successivas, para se rasgar de todo o véo da maldade, que não deve ficar impune, para que o Reino conhecesse a desgraça, que se preparava ao mesmo Reino, e para que se descobrisse a sinceridade daquelles vivas ao Rei, e á Carta do Rei, com que os ares se atroavão, e que servião de capa para se fazerem tantos insultos a Deos, e aos homens. As Lojas dos Arruamentos, e outras Lojas, que não estão arruadas, ainda que estejão marcadas, saltárão de prazer como saltão cabritos, e carneiros, quando vírão que podendo chamar *Constituição* á Carta podião com a palavra *Constituição* soltar as redeas á devassidão, á impiedade, ao descaramento, e á desenfreada licença de insultar o Mundo inteiro, até de desafiar, e provocar os mesmos Monarchas da Terra, como veremos pela exposição do malvado *Imparcial* de 14 de Agosto, que he o maior crime de Estado, que pela Imprensa se tem comettido em Portugal. Para conservar a impunidade de tão atrozes delictos no mesmo acto de os cometter grite-se: Viva o Rei, e viva a Carta. Ahi vem o Senhor D. Pedro IV. — *consolidar a sua obra, e a nossa felicidade*, como diz o *Imparcial* de 28. — Quem são estes homens, que tanto gritão por Sua Magestade como se não gritou ainda por Soberano algum do Mundo?

Aqui está estendido sobre esta mesa o Campeão de Lisboa N.º 149, segunda feira 30 de Dezembro, não traz o anno da Era vulgar, mas traz outro mais notavel ainda, e que marcará mais notavel época em Chronologia — *Anno terceiro da Liberdade.* — Este Periodiqueiro está vivo, e são, elle se diz auctor do Artigo, que vou expôr, porque se assigna — O Redactor — morava na Rua dos Barbadinhos Francezes N.º 50, ou ahi tinha muitos cacos n'huma Loja. Eu vou fazer hum serviço á Nação Portugueza trasladando, e commentando este extraordinario Artigo, mostrando a Sua Magestade quem sejão aquelles fieis subditos, que elle cá tem neste Reino, isto he, os patifes, que mais gritão pelo seu Nome, e mais reconhecem, e acclamão a sua Legitimidade, e os que mais insultão a Religião, e os homens probos, e honrados; e a Nação ficará conhecendo quem sejão os Periodiqueiros, e os Periodicos, e quem fôrão os gritadores, que pozerão em consternação, e susto os verdadeiros Portuguezes, pedindo *com direito de petição* a João de Saldanha Daun, o hum, ou o unico a seu vêr, que podia sustentar a Carta em Portugal. Vamos fielmente a copiar, para fielmen-

te conhecermos quem sejão os legitimeiros do Senhor D. Pedro IV. A materia, que vou tractar, pede a classificação, que lhe vou dar, e desculpe-a a decencia pública. Chama-se o Artigo — *O Governo a dormir* — N.º 149 § 4.º Ahi vai.

Patifaria 1.ª

„ Que pela maior das fatalidades ficasse no Brasil *esse*,
„ que depois tem sido o principal auctor da desordem, que
„ alli não era preciso .... mas que o nosso Governo visse
„ *aquelle revolucionario* á testa da infame cabilda, e que im-
„ mediatamente o não chamasse, e não quizesse logo evitar
„ o *roubo*, que aquelle intentava, isto não póde ser attribui-
„ do senão á crédula indolencia!!! „

Entre os gritadores archotistas devia ser buscado, talvez o achassem, este malvado, gritando: Viva o maior dos Monarchas, que na sua alta Sabedoria nos dêo a Carta! Viva a Carta, venha o Hymno. Eis-aqui quem são os presentes acclamadores, eis-aqui a affeição, que elles mostrão ter ao Rei, que assim insultão, e insultárão sempre; e como o patife Author deste papel existe, ha de estimar muito vêr cá o Senhor D Pedro IV, para conhecer o modo, por que o tractavão os seus fieis Subditos, esses zelosos da sua Soberania independente contra os impios Corcundas, que nunca disserão destas ao Senhor D. Pedro IV, pois não he possivel até agora, nem será encontrar hum crime de hum verdadeiro Corcunda, por mais que os temerosos arruamentos os insultem, e provoquem. Seja qual fôr a forma de Governo, calão-se, e obedecem. Que se vio nestes Corcundas *abominaveis*, quando no *Terceiro anno da Liberdade* o Senhor D. João VI determinou com sua heroica resolução, sahindo para Villa Franca, que acabasse já a impia farçada dos chamados Pais da Patria? Huma sincera alegria pela exaltação, e independencia de S. Magestade. Tantos Gatos, Patos, Liberatos, Pretextatos, Medroensatos, que se escondêrão, e alapardárão, escusavão de ficar amarelos em seus escondrijos, e boracos, podião livremente apparecer: aos que andavão patentes, e erão taes, ou peiores, que elles, se não disse hum só dixote, ou fez o mais ligeiro insulto. Podião os Corcundas com dez réis, que gastassem, largar-lhe os rapazes; pois nem hum só rapaz lhes dêo hum assobio mandado por hum Corcunda. Estes tudo esquecem quando vêm o seu Rei independente, e a sua Religião respeitada. Quem ouvio ainda huma só palavra a hum Corcunda, ou Apostolico, como lhes derão em chamar agora, sem se saber o que

isto queira dizer, salvo se o sabem os Srs. Arruamentos, onde está a sciencia de todas as cousas Divinas, e humanas? Forma-se a Camara dos Senhores Deputados, dá-se (pelas Eleições) a Presidencia a hum, que na revolta de 24 de Agosto se honrava muito de lhe chamarem o Cidadão Manel, pois nem palavra disserão os Corcundas na cara do Cidadão Manoel. Vai a Presidencia recahir em outro, que tinha jurado a revolta de 24 de Agosto por toda a Universidade, que o escolhêra com unanimidade de votos para seu representante, porque conhecia a sua vasta literatura pelos seus doutissimos Tractados de Synonimos, e Galecismos, nem palavra disserão os Corcundas; respeitão, e obedecem. A Carta não manda fazer as Eleições assim, mas fizerão-se assado, e apparecem, vindos de seus degredos, e escondrijos, os que tanto enxovalhárão o Senhor D. Pedro IV, e tanta zombaria fizerão das Cartas, que elle escrevêra a seu Augusto Pai; e os Corcundas calados; nem palavra. Aqui vem a esta casa Corcundas como pinheiros, cada homem como huma torre; olho-lhe para aquellas manapolas, e concluo que com hum só cachação davão cabo de cento e cincoenta Esganarellos exaltados, e nem palavra dizem; calar, e obedecer a ElRei, e respeitar a Carta, que não authorisa insultos; mas tambem não parece desaprovar huma arroxada, com que os Corcundas se podião desforrar. O que he mais admiravel, e o será sempre, he andar o vigilantissimo, e activissimo Miguel Apanha á pesca, e pescando aqui hum, acolá outro, e com o papelinho da culpa formada, e com a sua muita cortezia, e cortezania, levando-os á direita como homens de bem, acarretando nelles para o Limoeiro, passarem elles muito constitucionalmente por entre as immensas alas de Corcundas, nem palavra, que conste, nem hum só dixote; porque os Corcundas sabem que o homem criminoso, depois de estar desgraçado, he inviolavel. Pelo contrario, se elles passassem para baixo acompanhados de mais alguem, que não fosse o incansavel Miguel, com irmãos adiante, que com alcofas pedissem para bens d'alma daquelle irmão, que alli vinha com vestido branco, eu, se lá estivesse, e os outros Corcundas, fieis Vassallos, e obedientes ao Rei, deitavamos o nosso patacãosinho na alcofa, não só para os suffragios daquelle Irmão, mas para agradecermos a Deos o termos hum de menos. Estes Corcundas nunca insultárão o Senhor D. Pedro IV, como vâmos vêr na

Patifaria 2.ª §. 6.º

„ Em Pernambuco os Europeos espancados, roubados,
„ e mortos. Na Bahia cercadas as Tropas Europeas, a ponto
„ de estarem fechadas n'hum pequeno circulo. No Rio as
„ prizões, os castigos, os açoites, a morte he o tractamen-
„ to, que o indigno, que *o rebelde, e infame Pedro* (estas
„ tres palavras estão no impresso em letra grifa) dá áquel-
„ les, que jámais fôrão assim aviltados. —
Demos huma volta pelo Terreiro do Paço; e, por passar hum bocado de noite, vamos ao Theatro Nacional, que a Companhía he escolhida; quando o panno vai acima, nos intervalos á dança, quando o frangalho do panno vem abaixo, que se ouve? Viva o Senhor D. Pedro IV, o maior dos Soberanos! Viva a Carta, venha o Hymno do mesmo Senhor; e estes mesmos: Viva a nossa Liberdade, Viva o nosso Presidente.... Ora: não alinhavarão estes negalhos! Tanto insultão S. Magestade nos papeis impressos, que aqui conservâmos, e promptos para os offerecermos, se fôr preciso formar corpos de delicto, como as Representações, e Officios do Sr. Stubbs; como nos hypocritas Vivas, que dão a S. Magestade; e quando apupão pelas ruas os homens mais quietos, sisudos, tranquillos, obedientes, e pacificos do Universo. Quem ataca, investe, accomette, e insulta assim o Senhor D. Pedro I Imperador do Brasil, pode acclamar, e respeitar aqui o Senhor D. Pedro IV Rei de Portugal?

Alguma cousa tem que me agradecer a Nação Portugueza, defendendo-a, e desabusando-a desta maneira. Querem leva-la ao ultimo exterminio, á ultima raia da desventura com estas illusorias apparencias de fidelidade ao Monarcha. Em quanto huns estão gritando no Theatro: — Viva a Carta! — estão os outros irmãos no fundo da Cisterna das Lojas dizendo: — Abaixo esta Carta, que nos veio pôr em cima do cachaço o insupportavel jugo de huma por nós tão detestada Aristocracia!! Pois nós, que em 1820 tanto levantámos a mangedoura aos Fidalgos, havemos agora vêr estes Zangões da Nação, cobertos de chaparia de Medalhas, a fallar de papo, vestidos de arminho, a empatarem decididamente as nossas vasas, jogando sempre de Trunfo! Vós, Veneraveis. vós, Rosa-Cruzes, vós, Cavalheiros Kadosques, não vêdes Manoel Christovão no meio da rua, sem nos deixarem pôr pé em ramo verde? Carta abaixo, Republica acima, o Principe da guerra conserva todo o vigôr, toda a energia da sua alma. Talvez que na Caverna se diga o que o *Campeão de Lisboa* disse no impresso, e ahi vai:

Patifaria 3.ª

„ O chamado Imperador se tem proscripto desta Patria, „ em que vio a luz. — Hum rebelde, hum desnaturalisado „ Portuguez quiz antecipar a Epoca de governar, usurpan- „ do a Authoridade a seu Augusto Pai .... „

Treme a mão ao copiar estas horriveis blasfemias, mas ellas girão impressas pelas mãos de todos, e talvez hajão penetrado pelos Paizes estrangeiros, por isso ateimo a dizer que os Periodicos tem feito maiores damnos a Portugal, que todos os seus inimigos juntos. As tres invasões não estragárão tanto este Reino, como estes malvados. Ainda que em Leis regulamentares se determine a plena Liberdade da Imprensa, sempre deve existir hum caso fora dos limites desta Lei. Deve haver só para Periodicos, já que não ha pobre Diabo, que os não faça, deve existir sempre huma rigorosa Censura. A promessa posta na cabeceira de seus malditos roes he esta — O Amor da Patria nos obriga a lançarmos mão da nossa penna para illustrarmos a nossa Nação, e concorrermos para os rapidos progressos da civilisação. Venderemos as nossas folhas a dez reis, para facilitarmos o derramamento das luzes. A nossa devisa será a verdade, e a imparcialidade. Os nossos Concidadãos entrarão no verdadeiro conhecimento do estado politico da Europa. As cartas, que recebermos dos nossos Correspondentes, todas serão fidedignas, e todas as participações, que se nos fizerem tanto das Provincias do Reino, como de fora do mesmo Reino. Os Senhores assignantes, que nos honrarem, e apoiarem a empreza com suas assignaturas, terão paciencia, se ficarmos com o resto das mesmas assignaturas, se no meio da nossa gloriosa, e patriotica carreira nos mandarem metter a viola no sacco, e calar para sempre o bico. Os nossos Supplementos serão distribuidos *gratis*, tendo os nossos assiduos Leitores sempre alguma contemplação pecuniaria com os Caixeiros da Empreza, que os forem espalhando ao Povo. Todas as operações da Guerrilha de S. Gregorio, como nos fazemos carga dellas, serão logo descarregadas sobre os nossos Leitores. — Estas são as promessas dos Prospectos, e dos Cabeçalhos dos taes Periodicos; e depois? O que nós estamos vendo em todos elles, e os horrores, que acabei de trasladar do mais que infame *Campeão de Lisboa*. Como se compadece esta desnaturalisação com a tão apregoada legitimidade por malvados taes, como os que o desnaturalisão, e lhe chamão rebelde, e *indigno Pedro!*

Meu amigo, se estes abominandos Seres não querem tal Rei, como tão claramente mostrão; se he impossivel dizer-se que elles hajão mudado de sentimentos, porque tambem he impossivel apontar hum motivo, que a isto os tenha obrigado, que querem, ou com que se poderão accommodar, e satisfazer seus desejos? Será isto muito difficil de mostrar? Não, se nos lembrarmos quaes são os principios, que elles tem adoptado, e pelos quaes se governão, e dirigem. Estes principios se descobrírão aos olhos do Universo desde o momento, em que, sahindo do Inferno, erguêo a cabeça na Terra a Revolução Franceza. Que querem pois estes monstros, que trazem Portugal em tão diabolica agitação, e os homens de bem em tão continuados sustos? Olhemos para a França, e veremos o que querem em Portugal; querem que a cabeça do Rei cáia decepada na horrivel machina levantada no cadafalço no meio de huma praça pública, e que a cabeça da Princeza de Lambale gire as ruas da Capital espetada na ponta de huma lança. Querem em Portugal o que se vio em França, o Catholicismo abolido, extincto todo o culto externo, que se dá a Deos, e que se chama Religião, e em seu lugar estabelecido hum Atheismo legal; querem o que se ouvio em França, que á Tribuna do Augusto Salão do Congresso Nacional suba hum, (e quantos entre nós estão pulando por serem destes Oradores!) e que diga: — Já podêmos dizer com toda a liberdade, não ha Deos no Universo!! — Querem em Portugal o que se vio em França, metralhar, fusilar, degolar, afogar tudo o que seja Ministro da Religião, ou seja da Ordem secular, ou da Ordem Regular, e não lhe faça dúvida haver entre estes monstros exterminadores alguns da Ordem Presbyteral, e até Episcopal. Chabot, e Fouché desta Ordem erão, hum se fez Magistrado, outro General. Em França se *laiquisou* hum Bispo, em Portugal talvez possa haver algum, que se queira *laiquisar*, para mais firmemente dirigir o timão da Republica dos tres Consules. Querem em Portugal o que se vio em França. Os Nobres queimando publicamente os velhos, e carunchosos pergaminhos de seus Titulos, e pondo na cabeça aquelle mesmo Barrete Republicano, que espetado n'hum páo aqui estou vendo sobre esta mesa pintado na frente da Gazeta do Funchal, na Ilha da Madeira. Querem arrasar, e demolir aquelles Castellos de amêas, ou casas Goticas de solares antigos, onde estão fixos os escudos de armas com aquelles murriões de timbres, e brazões ganhados em bata-

lhas vencidas, em praças entradas, em Reinos conquistados. Querem o que se vio em França, a espoliação dos bens dos grandes Proprietarios convertidos em bens Nacionaes a beneficio do Thesouro Nacional, de quem elles sós tenhão a chave, e o miôlo. Querem em Portugal o que se vio em França, a Moral pública mettida a ridiculo, no sexo feminino huma prostituição pública, no masculino huma usurpação, e rapina escandalosa convertida em Lei. Querem o que se vio em França, hum Tribunal revolucionario, a quem se dê o nome de Segurança pública, composto de Tigres com Béca Republicana, patente, e aberto ás denuncias de espiões comprados, a quem se pague ordenado a pêso do sangue de victimas sacrificadas aos centos para se *desfazerem delles*, isto he, de tudo aquillo, que com honra, virtude, e fidelidade lhes podia, ao menos na opinião dos homens, fazer alguma opposição, ou sombra. Querem em Portugal o que se vio em França, e o que nós já vimos, hum corpo municipal da Capital composto de Taverneiros. Isto quizerão em Napoles com a Constituição: isto quizerão no Piemonte com a Constituição: isto quizerão em Hespanha com a Constituição: a isto derão principio em Portugal com a Constituição de 1820. Isto, ou a isto intentavão dar calôr, e impulso em Portugal com os criminosos tumultos de tantas noites em Lisboa, Porto, e outras Terras do mesmo Reino. Os que isto querem são os que mais gritão — Viva a Carta, e venha o Hymno; legitimidade, legitimidade, oh! legitimidade!!

O' legitissimos patifes, vós começastes, e eu comecei tambem. O cerco da montaria está feito, se escapardes, ao menos sereis batidos. Respondei-me com affrontas, que eu vos responderei com factos. Levantai-me hum testemunho, que eu trasladarei fielmente os vossos papeis. Hum pequeno David ha de degolar tantos Golias, mas com a sua mesma espada. Descomponhão-me os desavergonhados, com tanto que me leião os homens de bem, e os verdadeiros Realistas: huma, e outra cousa he V. m.; e porque o he, outro tanto he

Seu Amigo *J. A. D. M.*

Forno do Tijolo 5 de
Setembro de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1827.
Com Licença.

CARTA 20.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

A Constituição de huma Monarchia, meu amigo, he o objecto mais sagrado, e respeitavel na ordem civil, e politica para o homem de bem, para o homem Catholico, para o Cidadão pacifico, obediente, e fiel ao seu Rei, á sua Religião, á sua Patria, e ás Leis estabelecidas, por que a sua Patria se governa. Se v. m. quizer entender por todos estes nomes, ou por todas estas virtudes, que não são hum nome vão, hum *Corcunda*, entende v. m. huma verdade; e, pintando-o assim, ninguem o pintará melhor, e será hum grande Pintor, porque apresentará hum retrato, em que se veja sem equivocação o original. Huma Constituição politica he a força organica, e até a força motriz de hum corpo social, que se chama huma Nação. A primeira Constituição, que appareceo no Mundo, foi a do mesmo Mundo, e sem ella não poderia elle existir. No momento marcado na fluxão infinita da Eternidade, em que Deos se dignou crear o Mundo, logo lhe dêo huma Constituição. He a primeira cousa, que hum rapaz sabe, quando na escóla lhe ensinão a pôr em Portuguez, o que está em Latim: *Mundus a Domino constitutus est.* Todas estas Leis invariaveis, e multiplicadas, por que se governa esta grande machina, ou este corpo immenso, que se agita por hum espaço indefinito, são outras tantas Leis regulamentares, que se derivão dos artigos, e paragrafos desta fundamental Lei, ou Constituição, que Deos dera ao Mundo no instante da sua creação. Sem esta Lei, mãi de tantas Leis, não existiria, nem poderia existir o mesmo Mundo. Estas Leis são sentidas, porque a ellas obedecem todas as partes deste grande corpo, ou por ellas subsistem na ordem, e no lugar, que se lhes marcára. O Filosofo não as entende, nem as explica, isso não importa, basta que as veja, que as sinta, e que as não possa negar. Ora: se o Mundo visivel subsiste por huma Constituição dada pelo Soberano Senhor de todas as cousas, que he Deos, (deixemo-nos do Supremo Architecto, que aqui não se tracta de obras d'alvenaria) O pequeno Mundo moral de qualquer humana sociedade, que se chama Nação, tambem não póde existir sem huma Constituição. A do Mundo

foi dada por Deos, a de qualquer Reino deve ser dada pelo Rei, que he hum Representante de Deos, porque por elle reinão os Monarchas, e toda a Potestade vem de Deos. — Isto era huma blasfemia desde 1820 até Maio de 1823; e quem se atrevesse a proferi-la, o menos que lhe fazião era manda-lo respirar os ares livres das Berlengas, ou viajar, para se instruir, em Reinos Estrangeiros. Nós os Portuguezes tambem somos gente; e quando desalojámos daqui os Mouros, que erão os donos da casa com posse pacifica de mais de tres Seculos; depois que os Mouros tinhão tambem posto a andar daqui para fóra os Godos, e os Suevos, que tambem tinhão desalojado os Romanos, nos quizemos formar em corpo de Nação livre, e independente; e D. Affonso Henriques com seu Procurador Lourenço Viegas, e com seu Secretario inamovivel, Mestre Alberto; e de outra parte os Ricos Homens, que não erão como os homens ricos de agora, e no meio huns Abbades de má cara, e não tanto dinheiro como o de Lobrigos, ou Soalhães; e no esquerdo lado os Procuradores dos Povos com suas capinhas curtas, e de calças, sem serem de saragoça; erão de picóte, ou de chamalóte: tudo junto em Lamego, foi dada pelo Rei a Constituição da Monarchia independente. Todos disserão — Assim seja, e ninguem mais abrio bico. Todo Portugal foi Corcunda; e ainda até hoje 8 de Setembro de 1827, entre tantos milhões de Corcundas, que tem existido, não houve hum só, que não quizesse o Rei, e a Lei, mas a Lei dada pelo Rei, e a isto he que se chama ser Corcunda.

Ora: se quando ElRei D. Affonso Henriques sahisse da Igreja de Almocade, em Lamego, lhe apparecessem á porta treze Franchinotes do Porto com hum pergaminho feito de Tripas, e nelle escripta huma Constituiçãosinha feita no espirito das luzes do Seculo, derramamento de luzes, e progressos da civilisação, e lhe dissesse o Cidadão Borges, o Cidadão Manoel, e outros, que nós conhecemos, e lhe declarassem todos com imperio — " alto lá. V. Senhoria, Senhor D. Affonso, não põe hum pé daqui para fóra sem jurar esta Constituição, que nós fizemos, e tenha a bondade de tirar da cabeça esse murrião, e embainhar essa espada, porque está na presença da Nação, que nós somòs, e representamos: " que faria o Rei, e que farião os Corcundas, que só querem o Rei, e a Lei dada pelo Rei? No Codigo penal, que o Rei acabava de dar, havia huma frase de Latim mais puro que o de Cicero, e Petronio Arbitro, que dizia — *Cum ligno troncudo* — isto he — hum arroxo de hum páo, com seus nósinhos, pegavão nelle, e esmigalhavão os ossos aos treze benemeritos do

Porto, pegavão no pergaminho, e alimpavão . . . . e como ainda no Douro não haveria tantas vinhas, beberião do que houvesse, e dirião — Viva o Rei, e viva a Carta, que o Rei dá, porque os Corcundas não querem outra cousa.

Para que, me dirá v. m., he este *autem genuit* de Constituição do Mundo dada por Deos, e de Constituição velha dada aos Portuguezes por seu primeiro Rei? Para resolver huma questão, que me tem dado que fazer desde a madrugada do dia 31 de Julho de 1826 até hoje. Ainda não era dia claro, e já chovião, e fervião os insultos a muitos homens de differentes classes, que ião apparecendo pelas ruas. Os insultados erão tidos, e havidos por Corcundas, que querem Rei, e querem Lei dada pelo Rei: e quem erão os insultadores? Os mesmos, que ainda hoje o são. Aquelles patifes, que em 1820 fizerão tantos insultos ao Rei, e que o obrigárão a acceitar, e a jurar huma Lei, que elles mesmos tinhão feito para despojar o Rei da sua soberania, e o Povo da sua liberdade; e como ouvião a palavra *Constituição*, mudárão-lhe as guardas para se vingarem dos Corcundas, que tinhão deitado a terra a Constituição de 1820. Confundem os termos, e fazem este argumento, ou syllogismo — Os Corcundas forão inimigos da Constituição, que se jurou em 1821, esta de 1826 he huma Constituição, logo os Corcundas são inimigos desta Constituição, e nós os Liberaes os podemos, e devémos insultar, e perseguir. — Negada a consequencia, está desfeito, e pulverisado o sofisma, e condemnada a maior patifaria, que tem havido entre Portuguezes. Ainda esta Constituição não estava jurada, e já os Corcundas estavão injuriados, e perseguidos! Nenhum acto externo tinha manifestado suas intenções criminosas, e são assim tractados? Que he isto? A culpa, meu amigo, não he d'agora, a culpa estava no Cartorio, a culpa, ou o peccado era velho, e eis-aqui a questão resolvida. Os patifes infractores de todas as Leis, que insultão os homens de bem desde 31 de Julho de 1826 até agora, são os Revolucionarios, os fautores da Revolução de 1820, e desta Constituição he que elles são Constitucionaes; olhe que não apparecem outros em scena, são os mesmos; só estes são os auctores das revoltas. Nenhum fez ainda, ou disse hum unico insulto, que não seja conhecido por hum solemne exaltado da Constituição do Porto. Esta he, a que elles querem, e não aquella, a que os Corcundas tão sinceramente obedecem, porque he dada pelo Rei, e não pelos Roques das Lojas. Os que entulhão as avenidas dos Salões das Camaras, especialmente a dos Senhores Deputados, os que entupem as

escadas das Secretarias, os que rodêão as seges dos Ministros, os que em ociosos magotes empáchão as arcadas, os que descompassadamente gritão nos Theatros, e Theatrinhos, todos estes erão os assignantes das Galerias do Augusto Salão do Soberano Congresso; e todos estes berrão que são Constitucionaes, e que devem morrer os Corcundas, porque não são Constitucionaes como elles. Onde quer que appareça hum insultador, ou na rua, ou em Loja aberta, ahi está hum Constitucional, mas de 1820. He tal o odio, que conservão no coração contra os homens de bem, que acabárão com a rebellião de 1820, que apenas se podérão servir da palavra Constituição, como de pretexto, fizerão ainda mais do que havião feito, pois no infausto periodo dos tres annos nem se fizerão, nem se ouvirão tantos insultos.

Vergonha, e grande vergonha he para a Carta Constitucional ver, e considerar, os que se dizem seus defensores, contra os Corcundas, que nem dizem huma palavra, nem fazem huma só acção, que a ella se opponha. Vê V. m. aquelle levantado, que vai cruzando a rua com passo incerto, olhar soberbo, e espantado, gesto vingativo, que passando pelos Templos, ou por objectos sagrados do Culto Catholico, crava mais o tombado chapeo redondo na cabeça irta, e ôcca; que hombreando com o Frade, ou Clerigo, seja de que jerarchia fôr, lhe chama na cara, patife, e fanatico; que vira as costas ao Sagrado Viatico, que vai passando, e que accende o charuto na lanterna da Santa Unção, e ainda em cima descompõe o Cura, que a leva; que dá hum sonóro, e politico — fóra bebados — aos do Terço de S. Domingos, que com devoção, e modestia vão caminhando; que se repimpa depois no banco externo do Bosque, e faz o parallelo exacto de Villele, e Caning, e de Meternich, e Pombal, e lança com huma eloquencia triunfadora os preliminares do Tractado de Commercio da Republica Columbiana com o Sofi da Persia; e, deixando os preliminares no meio, diz huma obscenidade á mulher honesta, que vai passando; que deixa a mulher, que lhe não responde, e salta furioso, e blasfemo na Communidade de S. Francisco, que vai buscar hum defunto para a cova; que sendo Temporas, e jejum come em público, e raso hum alentado bife á porta da Taberna; que vendo passar seu mesmo Pai diz para seus companheiros, — Olha que gebo, e tartaruga acolá vai! Inda he dos Originaes de fabrica coberta; não tenha dúvida, meu amigo, de dizer com afouteza — Eis-aqui hum Constitucional, que estava feito desde 1820, e rebentou agora com mais violencia em 1827 gritando pelas esquinas — Viva a Carta! Viva a Carta! Venha

o Hymno! Isto, meu amigo, he hum verdadeiro opprobrio, é huma verdadeira affronta á Lei Fundamental, que nos foi dada, porque he o mesmo que dizer que ella authorisa huma desmoralisação tão escandalosa, que pervertêo o nobre caracter Portuguez, fazendo-nos representar tão triste, e ridicula figura aos olhos do Universo, que com tanto respeito, e admiração, até aqui nos havia considerado. A tudo chega esta horrivel contaminação, ouvindo-se a cada instante este novo oraculo nunca escutado entre nós ha setecentos annos — O homem Constitucional pensa assim como hum homem Constitucional. — Isto na verdade dá muito credito á Constituição! Que diremos de hum respeitavel Juiz de Fora de huma Cidade cercada de fortes muros, que manda indagar, como hum crime de Inconfidencia, quem lêa, ou tenha as Cartas do Padre? Que manda a hum Botiquineiro, que vende Gazetas, que não publique aquella Gazeta, que transcreve hum Artigo do Correio do Porto, que tracta dos Demagogos amotinadores? — Porque hum homem Constitucional pensa como hum homem Constitucional. —

Hoje, meu amigo, estou possuido do costumado humor melancolico, porem mais exaltado. A que homem verdadeiramente Portuguez não affligirá o lastimoso espectaculo de tanta corrupção, e desventuras? A que chegámos com estes furores dos hypocritas amigos do Rei, e da Carta, que com o pretexto de objectos tão Sagrados promovem todas as desordens, comettem todos os crimes, conservão em sustos, e sobresaltos os pacificos, e sempre leaes, e fieis Portuguezes? Quem pode tolerar com paciencia ver estes mesmos Portuguezes ameaçados a cada instante nos Periodicos com a proxima chegada de S. Magestade o Senhor D. Pedro IV? Eu cuidei que só o *Velho Liberal do Douro* escrevia inepcias, e patifarias: como vou quasi acabando de esfolar a Besta, trabalho que interrompo para não faltar com estas Cartas, na ponta de hum dos Numeros achei esta terrivel ameaça — *Estou por instantes trocando a nova Chula de Portugal pelas modinhas Brasileiras, e então de lá sacudirei* os sevandijas *da Europa:* Cuidei que depois disto não encontraria maiores desaforos nos Periodicos do Porto: com tudo, remettendo-se-me aqui o soberbo *Imparcial* do Porto N.º 81, acho o maior ataque, e a mais atroz injuria, que se podia fazer ao infeliz Reino de Portugal, e á sua Regencia, e Governo. A pag. 390 se repizão as ameaças da sahida, e proxima chegada de S. Magestade, o Senhor D. Pedro IV. Vem a authoridade do Capitão da *Pombinha*, pelo mesmo Capitão tão honrada, e solemnemente desmentida na Gazeta

para eterna confusão dos malvados Periodiqueiros; diz estas memorandas palavras no §. 2. da mesma pag. fallando dos Brasileiros sobre esta *infallivel* vinda do Monarcha.

„ Conhecendo a gloria, que lhes resulta, de ser o Brasil ha pou-
„ co Colonia, quem vem dar a Liberdade á sua antiga Metró-
„ pole, longe de obstarem á sahida do seu Imperador para
„ aquelle fim, antes o estimão, e desejão ....

Liberdade!! Pois em que captiveiro existimos nós, patifes?! Quem nos opprime? Quem nos tyrannisa? Em nome de quem somos nós governados? Quem murmura, quem se queixa? Que cadêas arrastâmos? Que Leis barbaras se nos promulgão? Manda-nos o Rei huma Carta de Constituição, em que essencialmente se encerrão todas as antigas Instituições politicas do Reino, todos a recebem, todos a jurão; continúa com posse pacifica o Governo estabelecido, e confirmado pelo Rei; publicão-se os Decretos deste Governo, cumprem-se á risca; manda ElRei que se organisem ambas as Camaras, organisárão-se logo, e começão suas funcções, ou como agora se diz, seus trabalhos, e começárão no mesmo momento prefixo; castigão-se os crimes, premeião-se os merecimentos, afugentão-se, combatem-se, exterminão-se os dissidentes; administra-se a Justiça, operão os Tribunaes, paga-se o que permitte o deploravel estado das rendas públicas, sobre que descarregárão golpes mortaes os revolucionarios de 1820, desfalca-se o Exercito, e no mesmo instante por hum sério, e vigoroso recrutamento, preenche-se a falta, que se experimentava pelas continuadas fugas. Compra-se, e vende-se pouco, he verdade; mas assim mesmo as Alfandegas não estão ociosas. O Terreiro está provido, ainda aqui se não ouvio, nem Deos permitta, que se ouça, a palavra fome; ha atraso nos pagamentos, porque em fim onde o não ha ElRei o perde, mas assim mesmo, acudindo-se aos atrazos, ninguem tem morrido á mingoa. Ha grande pobreza? Pois não haja huma hydropesia de cabeça, alivie-se a Capital da alluvião de Provincianos ociosos, que a entulhão. Em huma palavra, nós não estâmos, nem podêmos nunca estar em condição de escravos, que seja preciso que os Brasileiros nos venhão trazer, e dar a Liberdade. Considerem-nos embora os Senhores Brasileiros como huma especie de Colonia sua, até que a Senhora D. Maria II. chegue á idade competente, para ficar então a Monarchia sobre si, e independente; assim mesmo tristissimos, e miseraveis Colonos, não sômos escravos, para

que os Senhores Brasileiros *venhão dar a Liberdade á sua antiga Metropole?* Huma Nação, que tem a sua Constituição politica peculiar, e privativa, he huma Nação independente, e livre, não he huma Colonia escrava. S. Magestade diz em seu Decreto, que a Nação Portugueza, e a Nação Brasileira, são duas Nações diversas independentes para nunca mais se unirem, e por isto Portugal não he huma Nação sem Liberdade, e que precise dos Brasileiros para lhe virem dar esta Liberdade — *á sua antiga Metropole.* — Acodem, e vem logo com as mãos á cara, dizendo que, se Portugal tem Constituição, não tem Liberdade, porque não tem Leis Regulamentares; e a falta destas Leis Regulamentares he o pretexto de todos os clamores. Comecemos de mais longe. Estiverão os Senhores do Porto por quasi tres annos a gritarem por Leis Regulamentares, porque não tinhão mais que a Constituiçãosinha Hespanhola traduzida em Portuguez desde Fevereiro de 1820, em que se ajuntárão os treze Legisladores traductores: pois se elles tinhão feito o mais, porque não fizerão o menos? Para que se servírão da Velha Ordenação, gritando sempre por Leis Regulamentares? O que elles fazião era gritar por mais moedas de ouro, e mandar em nome da Patria, da Igualdade, e da Liberdade, para crueis desterros os homens de bem, mettendo n'algibeira quantos reaes apparecião no Thesouro Publico, e Nacional. As Leis Regulamentares forão a Liberdade da Imprensa, que os metteo nos quintos infernos. Tantas cabeças Legislativas mettidas agora na chicana da Letradice, porque não fizerão Leis Regulamentares? Porque não fizerão os Codigos, postos em Programa, e offerecidos a premio de Medalha como a Grammatica Filosofica d'Academia, que ha de apparecer talvez na vespera do Dia de Juizo á tardinha? Para dar esta Liberdade á antiga Metropole, e ter a antiga Metropole Leis Regulamentares, (acaba o seu artigo o Imparcial) *devemos convencer-nos que o Senhor D. Pedro IV qualquer dia chegará a Portugal para consolidar a sua obra, e a nossa ventura.*

Pois os Senhores Deputados da Nação Portugueza, quasi todos das Cortes Soberanas, Geraes, Extraordinarias, e Constituintes da Nação Portugueza, não tiverão cinco compridos, e contínuos mezes para fazerem Projectos de Leis Regulamentares? E para isto quer o *Imparcial*, seguro em a noticia do Capitão da Pombinha, que venha o Senhor D. Pedro IV qualquer dia; he arguir, e deitar em rosto com impudencia aos Senhores Deputados da Nação Portugueza a sua insufficiencia, e incapacidade. Cinco mezes erão bastantes, porque as não fizerão?

Para que se pôz hum delles a gritar com huma Indicação, que ahi está impressa na Gazeta, que eu não levanto testemunhos a ninguem, que se mandassem acabar, e concluir todos os edificios públicos da Capital, que se achão imperfeitos, ou por acabar, para aformosear a mesma Capital? As obras de Sancta Engracia, por certo não acabaria o Illustre Preopinante, que isso seria destruir o Proverbio Portuguez = As obras de Sancta Engracia, = que serve para tanta cousa. Esta Indicação he singularissima, e merece alguma reflexão, sem nos desviarmos do assumpto sujeito. Os edificios acabados? Com que dinheiro? Só se o Illustre Preopinante o tinha. Temos aqui o Apologo dos Ratos em conselho para se livrarem do Gato? Deite-se-lhe hum cascavel ao pescoço para que o ouçamos, e nos escondamos quando elle vier. E quem lho ha de deitar? disse huma Ratazana de cauda larga? Onde está o dinheiro para o acabamento dos edificios? Contraia-se hum Emprestimo Estrangeiro. Esta palavra, meu Amigo, me faz sempre estremecer cada vez que a ouço! E quando a ouvio o Opulento Portugal? Nunca, até o momento das malditas regenerações politicas Democraticas. Mandem lá ao Papa, disse ElRei D. João 5.º a Diogo de Mendonça, mandem lá ao Papa o tostão da Missa, que me disse na Capella de S. João, que mandei pôr em S. Roque. Então quanto, respondeo o Secretario, ou perguntou? Hum milhão de cruzados. E ha de ir Portugal pedir dinheiro emprestado ao Judeo Samuel, e aos outros Samueis em Inglaterra? Oh! desgraça mais vergonhosa de todas as desgraças! E dizem agora os Pedreiros Livres, que nos vão pôr na linha das Nações. Na linha das Nações? Na linha dos pobretões, dos farrapões, dos mendigões; e, o que he ainda peior, na linha dos toleirões. Jogão ao dado nos mares da China os Soldados razos da guarnição de huma Fusta, ou de hum Junco, peças de cabaia de ouro da mesma China, e hoje não tem hum bocado de biscouto podre de torna viagem para comer, nem hum bazaruco para humas calças, e estamos postos na linha das Nações pelos Pedreiros Livres, com o derramamento de luzes, e os progressos da civilisação!! Deixemo-nos de tantas Leis Regulamentares, e muito mais de emprestimos estrangeiros, que se para cá mandassem dinheiro, não era emprestimo, era restituição: tractemos da Liberdade, que nos virão dar os nossos irmãos, que já forão, os Brasileiros, conforme nos promette o Imparcial de 28 de Agosto; os Brasileiros daquelles quatro costados mais puritanos, que os que aqui queria fazer hum Grande Ministro, que não tinha os olhos muito direitos. Se

eu declarasse estas genealogias, ou estes quatro costados dos Brasileiros do Brasil, levantava huma poeira. São filhos de Deos, e Senhores de Engenho, e tanto basta. Mas acudirem aquelles Senhores, os Brasileiros, á sua Colonia, que foi a sua antiga Metropole, para a livrar do seu captiveiro, e dar-lhe a Liberdade, que perdêra, ou tira-la de sua natural escravidão, se este não he o mais pezado golpe de ultraje, que depois de tantos lhe podia descarregar hum Periodiqueiro, e o que mais he, fugido da Bahia, onde não pode tornar sem perigo de subir alguns degráos ao ar, eu não sei que outro seja. Por outro lado, e considerando melhor a cousa, vejo que isto seria nos Senhores Brasileiros hum acto de gratidão, e reconhecimento, seria hum dever sacratissimo preenchido, lembrando-se que os miseraveis Portuguezes são os que os fizerão gente, pois o não erão; que os miseraveis Portuguezes hoje escravos, são os que os formárão em corpo de Nação, mandando para lá os seus degradados para povoarem aquelles ermos cheios de tigres, de cobras, e de Tapuias peiores que as cobras, e mais ferozes que os tigres, pois devoravão a propria especie; que os Portuguezes, a mais infeliz Nação do Globo, por culpa de seus filhos do officio de Pedreiros, por meio de seus degradados, e de mistura com alguns Colonos Minhotos de côvado e vara, de canada, e almude pouco aferidos, fizerão povoações, que pouco a pouco se transformárão em Villas, e em Cidades populosas, e opulentas; que os Portuguezes lhes levárão para lá aquellas producções, que hoje formão suas principaes riquezas, o algodão, o café, e o assucar, e o tabaco; que lhe acarretárão para lá os animaes agricolas, que o paiz não conhecia; que comprando com seu dinheiro os seres Pretos, forão desempedrar suas montanhas, e arrancar dellas o ouro, de que enchêrão depois a Europa, e a sua grande Ilha adjacente para a parte do Norte, que o tem sabido aferrolhar; que os Portuguezes alli plantárão a Religião, cujos zelosos, e infatigaveis Ministros de todas as Ordens, principalmente da detestada Roupeta, amaciárão, e reduzírão a homens sociaes, os que parecião feras indómitas, e devoradoras da carne humana, domesticando-os, e aldeando-os, tirando-lhes os corpos da selvatica barbaridade, e as almas do Inferno; lembrando-se que os miseraveis Portuguezes lhes derão Leis, com as quaes ficárão iguaes, na ordem civil, e politica, aos auctores do seu ser, e de sua ventura social; não he muito que, lembrados de tantos beneficios, que são todos, e os maiores, que os homens podem fazer a homens, queirão vir acudir á nossa desgraça, acabar a nos-

sa escravidão, e dar-nos aquella Liberdade civil, que nós só conhecemos pelo nome; verdade seja que tambem cá no-la tem promettido os Pedreiros Livres, estes Entes privilegiados, e singularissimos, que apparecêrão no Mundo para salvadores do mesmo Mundo, e só com huma ferramentinha, que se achou no Porto em hum caixãosinho, que estava deitado a dormir no cavouco da Lapida Constitucional, e que foi remettido em huma condeça á Secretaria de Estado, e de lá mandado á Moeda para se fundir: caixãosinho, que tinha sido deitado no cavouco pelos Apostolicos, só com o fim de malquistarem os amigos do Rei, e da Carta, isto he, que não querem nem o Rei, nem a Carta. Soffrarnos pois, meu amigo, com paciencia estas injurias, que nos fazem os Periodiqueiros, e entre elles com tanta magestade o Sr. Imparcial do Porto; mas a declaração posta na Gazeta pelo Capitão da Pombinha foi hum raio, que cahio no Sr. Imparcial, e certamente o encherá de vergonha. De vergonha? Eis-aqui huma mentira: pois a vergonha he cousa, que tenha parentesco com aquella cara, que diz em hum Supplemento, em que descreve a sahida do Sr. *Stubbs* (a Gazeta lhe terá já respondido), dizendo que na partida de S. Exc.ª se tocárão todos os Hymnos Constitucionaes, isto he, o de Riego, o de 1820, e o Imperial, para lhe não esquecerem patifarias, nem em hum desprezivel Supplemento?

O Gandra, meu amigo, tambem he Supplementeiro, e a Borboleta tambem tem seus rabos. A guerra está declarada a todos estes assopradores; este, he verdade, he dos mais asnos; e para o deixar de ser, já que nos tem desafiado tanto, levará huma descarga. = Quinta feira 16 de Agosto de 1827.

» Na Folha Ingleza *The Courier* vem o seguinte artigo em fa-
» vor da legitimidade de S. M. F. o Sr. Rei D. Pedro IV con-
» forme as idéas expendidas com toda a razão, e dignidade pe-
» lo Sr. Deputado da Nação Portugueza — CONSELHEIRO
» de ESTADO, Doutor *Abrantes.* »

Ou isto he despacho, que faz o Gandra, ou he hum insulto a Portugal, e hum ataque directo ao Governo. Se eu não visse esta patifaria impressa no Porto, e com licença, não a poderia acreditar. Fez já o Governo constar ao Publico por algum Acto Official, e authentico, que aquelle Cavalheiro tinha sido elevado á alta dignidade de Conselheiro de Estado? Apparecêo acaso officialmente publicado o Decreto da sua nomeação? Nós não duvi-

dâmos, nem podêmos duvidar da sua capacidade, nem da profundidade insondavel dos seus conhecimentos politicos, nem da sua immensa literatura; vê-lo a elle, e vêr Mr. Fritot, he vêr a mesma cousa; tem tanto na ponta da lingua a Farmacopéa Tubalense, ou a de St.° Tirso, como a Historia Portugueza. Não só he capaz de conhecer os segredos do Gabinete, mas de os publicar. Escreve aos Embaixadores com a mesma facilidade, com que compõe hum Boletim de — passou melhor, está com o pulso livre. — Sim, Senhor, conhecemos tudo isto, e sabemos que os Empregos estão clamando por elle, e que o vão buscar, sem que elle os busque; e assim deve ser, porque a navalha deve buscar os queixos, e não os queixos a navalha; com tudo isto, se o Governo não declara a nomeação a hum Cargo tão relevante, como pode hum escuro, e plebêo Supplementeiro annunciar tão positivamente hum despacho de tal natureza, que com tanta segurança o constitua entre os titulos, que condecorão aquelle Doutor? A tanto chega a audacia revolucionaria, e tanto pode o descaramento do Borboleteiro do Porto! Que elle embutisse ao Povo hum retalho descosido da Carta, que o Doutor Abrantes escrevêo, impressa, ao Embaixador de S. M. Britannica, para fazer rir ainda mais o mesmo Povo, julgando isto tão digno da pressa de hum Supplemento, não me admira; o homem do insecto, ou insecto, necessitava de alguns dez reis, não admira; os do Porto são huma boa gente, gostão de ajudar a viver o seu Patricio; mas que elle se atrevesse de pleno podêr a despachar Conselheiro de Estado o Doutor Abrantes, eis-aqui o que excede todo o descôco de huma Cara Periodical. Olhe que não pecção por tollos, ou innocentes, meu amigo, olhe que he refinada malicia, he assôpro de discordia, he insultar o Governo, he ir com a teima revolucionaria por diante, he o desejo de semear desconfianças, de promover divisões, de conservar o Reino sempre inquieto, sempre em sobresaltos; mas tambem he desafiar sobre si todo o rigor das Leis, que não serão Leis, se deixarem impunes taes patifarias, e atrevimentos. D'outra maneira obrigâmos os Estrangeiros a nos considerarem em estado de verdadeira anarchia.

Isto faz grandes males, e causa grandes ruinas entre os Portuguezes: tomára eu que todas as classes baixas, e todos os arruamentos fizessem as pazes, e se pozessem bem comigo, que me ouvissem, e que me lessem de boa fé; seriamos amigos, e eu lhes destruiria todas as illusões, em que os trazem quatro pataratas, que os cardão, e zombão delles com palavrões, que em

ultimo resultado servem para os deitar a perder. Não sejão simples, já que são tão honrados. ElRei D. Manoel, quando sahia de tarde a passear com dous Elefantes mansos adiante, que ião abrindo caminho, assentava-se na Loja de hum Mercador seu Compadre, e conversava, não no Contracto Social de Jan-Jaques, mas no seu Negocio, na vinda das Náos da India, e no aviamento da Pimenta para toda a Europa. Agora já não faria isto, que tanto honrou as Classes, depois que Bachareis enfronhados em trolha entrárão nas suas Lojas para fazerem de seus Caixeiros outros tantos Bachareis. Ponhão dahi fora a golpe de côvado os taes Bachareis, e Franchinotes, verão como tornão a ser Portuguezes velhos, pés de Boi, e honrados; mas se vv. mm. não querem paz comigo, nem ler de boa fé, ahi o tem agora; ponhão-se todo o sanctissimo dia a enxotar moscas, e queixem-se que o giro parou, e que o Commercio está paralisado, que tambem he palavrinha da moda, que os seus Patrões antigos nunca ouvírão, por isso até dos caracoes da cabelleira lhes cahião, sem elles o sentirem, peças de 6400, e hoje mais alguma cousa. Destas peças lhe desejo eu muitas, meu amigo; mas nem peças, nem saude teve, ou tem já

Seu Amigo do C.

J. A. D. M.

Forno do Tijolo 8 de
Setembro de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 21.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO
A SEU AMIGO J. J. P. L.

NÃo admira que os malvados, e perversos promovão desordens quando os deixão andar em plena liberdade: então de dia insultão, de noite gritão. Transvertendo a ordem Maçonica, de dia abrem o Parlamento lá pelo fim da rua dos Alfaiates da segunda linha, por detraz de algum armazem de fazendas brancas, e alli sem mitra, sem trôlha, sem avental, mas sempre com o primeiro, e segundo Vigilante á porta, com sete olhos, não seja o Diabo negro, dispõe dos destinos deste Reino, e mais dos outros, tirando Reis, e pondo Consules muito á sua vontade, com consentimento, e aprazimento dos mesmos desejados Consules, que são os da cabeceira da mesa da mesma Irmandade; e de noite em lugar da caverna para poupar azeite, e dispensar a ceia para as urgencias da Ordem, com medo de perderem a Carta, gritar pelo Saldanha, não batendo ás portas, onde se lhes podião dar noticias delle, porque isto se faz, quando se procura alguem; mas quebrando caixilhos, e esmigalhando vidraças, e entre esta gaiatada, ou matula da pedrada, altas, e sanctas Personagens de jaqueta, chapeo redondo, e varapáo na mão, pistola nos coldres, e punhalsinho no peito, a perguntar com archotes — Vírão por aqui o Saldanha? — Não admira tudo isto, meu amigo, porque este he o unico meio, e o verdadeiro caminho de felicitar o Reino, derramar as luzes, e adiantar os progressos da civilisação. Mas que estes mesmos perversos, e malvados, mettidos entre ferros, com a espada da Justiça vertical a suas estólidas cabeças, opprimidos da execração, e do odio público, clamando por vingança de seus enormes attentados, estejão sem temor de Deos, e sem vergonha do Mundo, perpetrando inauditos desafaros, isto estava reservado para os nossos dias, e para os nossos olhos. Ah! meu amigo, que eu não sei dizer senão aquillo, que eu posso provar. A falange dos inimigos de Deos, e dos homens ia engrossando muito, e os *engajadores*, ou recrutadores destes esquadrões patifes, erão os Periodicos da Irmandade.... Eis-aqui porque vimos abrir duas Casas de Negocio com Caixeiros, e Guarda-Livros, huma na Rua da Pra-

ta, outra na Rua dos Capellistas N.º 61; nesta ultima se vende pelo grosso, e pelo miudo a *Gazeta Constitucional*, que me tomou á sua conta, e com a Censura de hum alto filho de Esculapio; eu devo lêr estes papeis, para acudir com a triaga onde descobrir o veneno; porque em fim os homens de bem não devião estar por mais tempo mudos, calados, insensiveis, e indifferentes a tantas desgraças, e a tantos desaforos. Veio á minha mão a *Gazeta Constitucional* de 18 de Agosto. Acabadas as noticias officiaes, começão comigo, e dizem — Que fora mentirosa a noticia, que se espalhára de que hum dos Juizes devassantes perguntára a hum dos prezos — Quem os induzíra a quererem estabelecer em Portugal huma Republica? Que hoje podem affirmar que taes perguntas se não fizerão aos presos, — e *que nem mesmo se lhe dá o nome de sedição, mas apenas de motim popular.* — (tão asnos são, ou se fazem os taes Redactores da Constitucional, que não sabem que sedição, e motim popular he a mesma cousa, e que vem a ser, janella de páo de pinho. de páo de pinho janella!!) — *A lembrança foi somente do Reverendo Padre J. A de Macedo para saciar o odio, e rancor, que professa a todos os verdadeiros amigos do Senhor D. Pedro IV.*

Ora: ha huma calumnia mais patifa, e ao mesmo passo mais patente do que esta? A lembrança, de quererem aquelles sanctos innocentes huma Republica, foi minha? E veio-me á mão este N.º da Senhora Constitucional na mesma tarde, em que me apresentárão o 3.º N.º da Trombeta. Com effeito a Proclamação alli estendida ha de ser obra da Junta Apostolica, porque aquelles sanctos innocentes, aquelles meninos do Padre Gil, que jazem no Limoeiro, não erão capazes de fazer semelhante parvoice; e se a fizerão outros que taes foi apenas hum divertimento innocente *daquelles Cidadãos pacificos cheios dos mais puros sentimentos de adhesão ao Senhor D. Pedro IV.* A lembrança de quererem huma Republica foi só minha; e como elles são os verdadeiros amigos do Senhor D Pedro IV., por isso lhes levantei aquelle falso testemunho! Se eu com a mais justa indignação ponho a calva á mostra a estes anonymos patifes, e outros que taes ... oh! que sou hum atrabiliario, que ataco os Cidadãos, que não poupo expressões duras; em fim, que sou hum vivo Diabo. Mas quem ha tão de ferro, que se possa conter? Os Demonios, que fizerão aquella Proclamação, que declarárão pelo seu nome o Primeiro Consul electivo, esses não querem huma Republica! A Proclamação

era para estabelecer o absolutismo, e a arbitrariedade, para accender as fogueiras da Inquisição!! O tempo chegou, a humana paciencia cançou, e os mysterios da iniquidade vão a ser de todo revelados: os Povos das mais ignoradas Aldeias em Portugal vão conhecer, o que as trevas tem escondido para arruinarem de todo este infeliz Reino, para atirarem como atirão aos lobos, que lhes ataçalhão seus rebanhos, em os conhecendo, aos auctores de tantas calamidades. *Esta Gazeta* N.° 14 me foi apresentada para vêr o cumulo da perversidade humana descoberta, e desenvolvida nos amotinadores presos no Limoeiro, a quem nem os ferros podem conter no exercicio do mal. O caso parece alheio do andamento destas Cartas, porem a innocencia opprimida reclama algum desafogo.

No § seguinte ao que acabo de expôr, porque me pertencia a mim, se arquitecta outra calumnia bem digna de seus perversos auctores. Conta-se que no dia 15 de Agosto entrára hum sujeito, que se diz ser Espião da Policia, e com elle hum Soldado da Guarda Real da Policia, levando na mão huns bilhetes de enterro, *dizendo que ião dirigidos aos presos politicos para assistirem ao da Senhora D. Maria Quiteria. Os presos tomárão o nome da barretina do guerreiro, e fizerão huma representação do facto ao Excellentissimo General da Provincia, o Excellentissimo Conde de S. Paio. He digno de hum exemplar castigo, pois que he bem clara a allusão. Malvados!! No dia tão caro aos Portuguezes, em que recordamos o Anniversario do Augusto Nome da joven Rainha, delicias de seus Subditos, he esse o mesmo dia, em que para escarnecer convidão para o enterro! Malvados!!*

Este he o grande facto contado com as mesmas palavras da veridica, e respeitada Gazeta Constitucional. He cousa nova, e cousa unica, huma joven Rainha, delicias dos seus Subditos, chamada Maria Quiteria, morreo, e foi hum Soldado ou Cabo da Policia com bilhetes de enterro convidar para este os amigos dos archotes, que estão no Limoeiro; estes dão parte ao Excellentissimo Conde de S. Paio: e que fez o Excellentissimo Conde de S. Paio? Como a parte era dada pelos seus, e nossos amigos dos archotes, e por isto era a mesma verdade, mandou logo metter no Calabouço o Soldado, formar-lhe Conselho de Guerra, o que se executou á risca; o Soldado esteve preso sete dias, respondeo ao Conselho, e á primeira resposta, que deo, foi posto no andar da rua, devendo entrar para o Calabouço quem foi causa de lá o metterem, e

deixar estar por dez annos no Calabouço do Limoeiro os amigos dos archotes, que derão a parte, que tão promptamente foi acreditada pelo Excellentissimo Conde de S. Paio, que não estava cá, quando se fizerão nas tres noites as tres procissões de penitencia, e preces para apparecer João de Saldanha Daun, batendo-se, não ás portas, mas a tantas vidraças para se saber se alguem tinha delle novas, ou mandado. Vamos ao facto, e conheça-se de huma vez a perversidade humana na perversidade diabolica da Gazeta Constitucional.

O Sóldado da Policia Bernardo Antonio foi mandado entregar dous bilhetes de enterro da mãi do Alferes Telles da 8.ª Companhia, hum ao Confeiteiro do largo de Sancto Antonio, outro ao Tenente Pinto; passa pelo largo do Limoeiro com hum seu conhecido, este quer fallar a hum prezo chamado Ventura, que bem pouca tinha em estar alli, sóbe com elle o Soldado com os bilhetes na mão, estavão em banquete os amigos dos archotes, offerecem-lhe vinho, he descomposto depois, por ser da Policia, formão-lhe a parte referida, e manda o Excellentissimo Conde S. Paio prender o Soldado, porque ia levar bilhetes d'enterro da Senhora D. Maria Quiteria *joven Rainha, delicias de seus subditos!* Geme o Soldado sete dias no calabouço, comido, diz elle, de percevejos, e de ratazanas, entra em Conselho, conta a verdade, e he solto; porém mais pálido que hum Pedreiro Livre apanhado de avental, e mitra, e mais atenuado, e magro que hum invejoso! Nem de gaióla deixão taes monstros de ser o que são, e de fazer o mal que podem, huma vez que tiverão o General á sua vontade para prender o Soldado pela unica culpa de ser da Policia.

Talvez, meu Amigo, que V. m. julgue huma digressão bem alhêa do objecto destas Cartas, o que lhe acabo de referir: não, Senhor, não he alhêa, porque os Periodicos revolucionarios devem ser mettidos no Inferno, porque são causas immediatas da ruina deste Reino, e de todos, em que elles apparecerem. Temos, nisto só, tres culpados, e qual será o maior? Os *probos*, que derão a parte, o General que decreta a prizão do innocente, ou os innocentissimos redactores da Gazeta Constitucional? Eu decido, e digo, que todos são o mesmo.

Recebi o 3.º N.º da *Trombeta:* com effeito, he de som estrepitoso, e mais do que aquella, de que falla o nosso Poeta — *Déo signal a Trombeta Castelhana* — Posta no Coreto de Sancta Cicilia ao primeiro sustenido punha em fuga precipita-

da todo o exercito dos filhos da melodía, e quando toca o recitado da *Proclamação* (Realista!) nós lhe devemos bater as palmas, e gritarmos — dá capo. — (Oxalá ella afinasse melhor os sons dos seus concertos!) Quantos olhos ficarião arregalados com aquelle documento! Justo he que seja conhecido dos mais reconditos angulos deste Reino, para conhecerem a sorte que se lhes preparava, e respeitarem os que se dizem ternos, e maviosos amigos do Rei, e da Carta. Semelhante attentado deve fixar a reflexão de todos os Governos da Europa, e tornar mais activa a sua vigilancia sobre essa fatal associação secreta, d'onde tem vindo todos os males, e todas as calamidades ao Mundo. Approvo as intenções, e o animo da Trombeta; com tudo tocou mui forte, e mui de madrugada; assustou. A minha gaita he fraquinha, ainda que muitas vezes me lembrasse a Proclamação, e estivesse á huma, e ás duas, nunca me atrevi a tirar della aquelle tom. Não approvo a seriedade, com que invoca os Manes dos pais d'alta eloquencia Grega, e Romana, Demosthenes, e Marco Tullio, para combater Esganarellos; isto he gastar cera com ruins defuntos. Pois elles merecem seriedade? Quem? Os archotistas? Os Pedreiros Livres? Os cabeças de burro incorrigiveis? V. m. não os vio Sexta feira 7 do corrente Setembro? Não vio hum alto, e encarapitado armador, e seus consocios, preparando doze grosas de foguetes, com dous odres de vinho, já marchando em rota batida para o Terreiro do Paço, esperando a entrada do Primeiro Consul, como diz a Proclamação publicada na Trombeta, para arrepanhar a Pasta da Guerra, conforme o seu uso? V. m. não os vio com os seus olhos, e com os seus óculos, ficarem virados huns para os outros com os queixos tão cahidos, e as bôcas tão abertas, que por ellas podia entrar, sem se abrir, e despejar hum dos odres acima mencionados? As bôcas abertas, os queixos cahidos, os braços estirados, os joelhos trémulos a darem huns nos outros, os punhaes com o rabo tombado; mas vergonha de casta, ou vergonha de cão. Olhe, meu Amigo, ainda que elles vissem huma Romaria, ou hum Cirio numeroso em marcha para o Campo de Sancta Anna, não se apeavão da Burra; depois do responso rezado ião direitos como hum fuso para a cafúa da Loja cuidar ao menos n'huma Oligarchia Suissa, já que não póde ser huma Republica Columbiana. Ora com effeito, como as Comadres peleijárão deveras, descobrírão-se grandes, e escondidas verdades. A Trombeta descobrio sem muito trabalho as que andavão á

superficie da terra, eu descobrirei as que estavão no fundo da terra, e isto he mais alguma cousa; e hoje a enxada do Trabalhador pode mais que a colhér do Pedreiro. Tudo o que temos visto desde 1820 para cá, he obra deste tão embandeirado officio. Hoje farei de Juiz dos Orfãos, produzirei hum Inventario, e depois farei huma partilha. *Patet atri Janua Ditis* — De Plutão fica a porta escancarada. — Ora: sem mais ceremonia, tome V. m. sentido.

Inventario.

» Relação dos effeitos encontrados na demolição da Lapida Cons-
» titucional, levantada na Cidade do Porto, remettidos em hu-
» ma Condeça ao Governo pela Camara da mesma Cidade.

São do theor, e fórma seguinte:

Huma caixa de prata grande, contendo dentro duas Medalhas allegoricas á mesma Lapida Constitucional. — Item, huma moeda de ouro do valor de 7$500. Item, outra do mesmo metal louro de 3$750. Item, outra de prata de 480. Item, outra de 240, outra de 120, outra de 100, outra de 60, outra de 50 réis. Item, huma de bronze de 40, outra de cobre de 10 réis.

Agora temos, e teremos grandes Itens.

Item, huma trôlha, ou colhér de Pedreiro, e de prata. Item, do mesmo metal, hum martéllo, com cabo de páo (e não era sancto). Item, do mesmo metal, huma Regoa. Item, do mesmo, huma Esquadria. Item, huma Vassourinha com barbas, e argola do mesmissimo metal.

Toda esta tralhoada de ferramenta, e symbolos da Veneranda Congregação de desavergonhados, foi remettida para a Casa da Moeda por Aviso da Secretaria d'Estado de 3 de Outubro de 1823, para ser fundida, e reduzida a moeda corrente. Creio que a não fizerão appensa aos Autos, para que algum Fiel de Feitos a não convertesse em vinho na Taberna. Então podem dizer, não só os Fieis de Feitos, mas todo o genero humano, que visse a tal arca, e contracto: — então tudo isto de Constituições Democraticas, de Regenerações, de derramamentos de Luzes, e progressos de Civilisação, de melhoramentos sociaes, de Côrtes Soberanas, de Ladroeira universal, de occupação de todos os lugares honorificos, e rendosos, a exclusão escandalosa de todos os homens de bem; tota esta mexida de sublevações, de rebelliões, de creações de Republicas; toda essa cadea de desgraças, em que o Mundo geme envolto, todas essas decantadas, e promettidas Leis sustentadoras da dignidade do homem, e dos direitos do Cida-

dão, toda essa charlataneria politica, que he huma rede de arrastar quantos vintens appareção, ou estejão ferrolhados nas algibeiras dos homens, toda essa interminavel Ladainha de palavrões, com que apregoão felicidades, não para os Avós presentes, mas para os Netos futuros, todos esses attentados de mortes dos Reis, transtornos dos Povos, intrigas diabolicas contra Principes; em fim tudo o que temos visto desde 24 de Agosto de 1820 he obra Maçonica, e pura, e rigorosamente só Maçonica. Meu Amigo, já que elles não poupão ninguem, ninguem os deve poupar a elles. Esta Carta girará por todos os recantos deste Reino; o seu estilo he intelligivel a todas as classes, porque he para todos; esta revelação armará os Povos singelos, assim como disporá todos os homens de bem contra estes inimigos de Deos, e dos homens. Volvão-se os olhos desapaixonados para o lastimoso espectaculo, que offerece este Reino á contemplação do Universo. Que vemos? Podemos afoutamente dizer, que hum montão de ruinas. As vastissimas conquistas perdidas irrevogavelmente; e, as que nos restão, quasi esterilisadas, e infecundas, não dando já a somma das rendas públicas, com que se mantenhão, e conservem estas mesmas Conquistas mais proximas, como são essas dispersas Ilhas convulsas, e sempre agitadas com o maldito fermento revolucionario, como tanto se descobre na mesma fructifera Ilha da Madeira, vendo que alli chega a tanto o Partido revolucionario, e Republicano, que chega a pôr como Timbre da sua Gazeta o Barrete da Liberdade, e do feitio daquelle mesmo, de que se servia a *Sans-Culotagem* na maior efflervescencia da Revolução Franceza. Vemos isto, a que se chama trafico, ou commercio, a troca, a compra, a venda de mercadorias, ou de necessidade, ou de puro luxo, em hum estado de amortecimento tal, que não dá signaes alguns de vitalidade. Faltão os generos, e falta o numerario. A lista dos fallidos de boa fé, ou de má fé, cresce a olho todos os dias. Os edificios, que servírão de Fabricas, convertidos em palheiros. A fome obriga na verdade a cultivar as terras; mas os braços tem escaceado de tal maneira, que daqui á manhã veremos, em lugar de searas, tojos, e charnecas. A emigração voluntaria, e a emigração forçada, a fuga, e os espontaneos desterros tem despovoado o Reino. As Provincias quasi não tem relações entre si, e nellas se arrastão familias desfalcadas, e isoladas. Se não ha braços para a Agricultura, menos os ha para as artes fabrís; e, ainda que os haja, não ha quem os em-

pregue, porque a indigencia he extrema. A confluencia na Capital, e para a Capital, faz apparecer algum dinheiro no seu supplemento em papel-moeda; mas isto mesmo aqui se concentra, e as Provincias gemem. As letras em perfeita decadencia, porque a geral corrupção dos costumes tem suffocado, ou feito perder o amor ás mesmas letras. Os estudos da Universidade estão invadidos pela corrupção dos costumes; se para alli vão os mancebos máos, dalli vem os mancebos pessimos. Alli tem existido, e talvez ainda existão, grandes recrutadores do Maçonismo; a elle são sacrificadas aquellas victimas innocentes, e inexpertas, para fazerem a sua ruina, e depois as dos Povos, a quem são mandados administrar Justiça. As rendas do Estado na vergonhosa necessidade de recorrer a emprestimos, que quasi já não tem outro fundamento, e outra fonte para augmentar com huma divida insolvivel a imminente desventura dos Povos. Os costumes, unica, e verdadeira origem da prosperidade social, tão corrompidos, mudados, ou alterados, que já não parecem Portuguezes. A Religião, ainda que immobil em seus alicerces, porque a sua origem he Divina, combatida de continuo, e enxovalhada pela impiedade, como portas do Inferno, mas que não hão de prevalecer, inquietando as cinzas de nossos Avós, que nem assim a praticárão, nem assim a deixárão. A união dos Portuguezes inteiramente partida, e dividida pelo embate de partidos, que a malicia fomenta, e a inconsideração conserva. O futuro Destino dos Portuguezes offerecido em aspecto vago, e incerto. O que tanto nos ennobrecia, a gravidade, a sisudeza, e a vergonha perdidas, e talvez sem reversão. O escandalo dado por tantos individuos do Sacerdocio Secular, e Regular na ingerencia das opiniões encontradas. Huma pepineira de Filosofos feitos do pé para mão, que, mal sabendo medir, e pezar, querem penetrar, e expôr os mais escondidos arcanos da Politica do tempo.

Eis-aqui o espectaculo, que depois de tantos seculos de gloria, e de grandeza está offerecendo Portugal aos olhos do Universo; chegando a tanto o seu abatimento na ordem politica, que ha de necessariamente ser o que os outros Povos quizerem que elle seja, que esta he a condição dos Povos pequenos em forças, em representação, em tudo. E donde vem tudo isto, donde vem tantas desgraças? Tantas perguntas não tem mais que huma resposta: Vem da Maçoneria: em quanto esta producção das trevas não teve a preponderancia, isto he, em quanto sua corrupção não se generalisou, nada do que agora

sente a Europa então sentia; e ha de sempre sentir o que sente, em quanto ella existir em acção, e movimento dentro das Sociedades Civis. Sim: ella he a origem de todos os nossos males. Depois desta revelação feita, ainda haverá quem tenha tanta impudencia, que se atreva a negar a real existencia deste parto infernal? Sim: ainda haverá quem diga, e quem escreva que o Padre levanta estes testemunhos por odio, que tem aos Amigos do Rei, e da Carta, e da legitimidade da Senhora D. Maria II? Inda haverá hum Religioso penitente, e descalço de perna, que diga até por essas Igrejas que eu com estas Cartas não faço mais que recrutar para o Silveira?

Sim, meu amigo, não tenha pena de terem dado sumiço á Arca, e Contracto, que estava no Cavouco do Monumento do Rocio; elle não continha nem mais, nem menos do conteúdo na Caixinha do Cavouco do Porto. A resposta tem elles na ponta da lingua; ei-la aqui: — Os Corcundas fingírão tudo isso; fizerão essas arcas, e essas trôlhas para malquistarem os Amigos do Rei, e da Carta. — Mas o Ourives, que fez a encommenda, ainda não apparecêo para declarar quem fôra o encommendante: erão bem apanhados desta maneira os taes Corcundas! Inda continuarão a responder: — isso foi Ourives Corcunda, que o fez sem dizer nada a ninguem, e peitou a Camara do Porto para dizer que se achára no Cavouquinho, o que para a Secretaria d'Estado se mandou n'huma Condeça, e que se fundio na Moeda. Ora: assim fica a cousa muito bem respondida; e a cara argamaçada de hum Pedreiro he capaz de dizer isto, e muito mais com toda a circumspecção, e sisudeza de hum Veneravel.

Deixe-os queixar, meu amigo, de que os metto a ridiculo, e que eu não conheço outro estilo senão este. Conheço, e posso servir-me de alguns mais, e de todos; e as provas ahi estão em letra redonda em escriptos de toda a natureza. Lembre-se que ainda existiria no Mundo a andante Cavallaria, se acaso Cervantes não combatesse este Fantasma com a arma do ridiculo. E que outra arma ha para estes Quixotes, que se assoalhão vindos ao Mundo para reparadores dos aggravos, que os Reis fazião aos Povos, sem que os Povos jámais se queixassem de semelhantes aggravos? Tomára poder dar hum conselho a todos os Soberanos, que andão rodeados, e espiados pelos Pedreiros Livres. Senhores, lhes diria eu, fação o seu Exercito fiel, e deixem fazer aos Pedreiros Livres quantas caretas quizerem; obriguem toda esta cambada de careteiros, e trejeiteiros a faze-

rem Loja pública quatro vezes no anno, tres nos tres dias consecutivos do Entrudo, e a quarta no dia do glorioso S. Martinho; mas com entrada franca para os rapazes; e deixem os Pedreiros Livres por minha conta. Larguem-nos aos rapazes, que nenhum dos Rosa-Cruzes, e Veneraveis sahia de lá com a mitra inteira, ou com o avental pegado ás nádegas. Vejão França, Napoles, Piemonte, Hespanha, e Portugal, e conhecerão que obra Maçonica de regenerações nunca pegou sem a corrupção de alguma parte da força armada; conservem esta fiel, de serte que elles percão as esperanças da co-operação, e deixem fazer aos careteiros as caretas, que quizerem. Elles poderão ensinar aos filhos que não obedeção aos pais, ás mulheres, que não sejão fieis aos seus maridos, aos maridos que maltractem e sejão infidelissimos a suas mulheres, aos estouvados que não respeitem, antes insultem a Religião, aos que vendem, que enganem o Mundo inteiro, aos Negociantes, que em se vendo bem endinheirados com a substancia de seus crédores que se fação quebrados de muito boa fé, e que vão viver na opulencia no centro de huma boa Quinta, dizendo que he dote da mulher; ao Estalajadeiro que cozinhe gato por lebre, e que deixem a pedir esmola o resto do caminho os miseraveis passageiros; aos Letrados, ou o que quer que sejão esses que põe banca (e de bom jogo) que depois de cardarem as Partes Litigantes defendendo o pró, e mais o contra, os deixem com huma tigella debaixo do braço ao caldo pelas Portarias; mas abalar os Thronos, e mudar o estado tranquillo das Nações em estado de hum verdadeiro inferno, isso não poderão elles fazer, porque não tem senão lingua, em quanto lha não arranção; braços não lhes deixem ter, e fação quantas caretas quizerem, que com isso divertem a gente; e os rapazes que os ficão conhecendo dos tres dias de entrudo, e dia de S. Martinho, em vendo passar algum por essas ruas, e essas Praças, logo dizem huns para os outros: ólha, Manoel, e olha Roque, lá vai hum caretinha, e logo responde o Roque, he verdade aquelle tinha tamanha Mitra! He mentira não he Mitra, erão chavelhos, e tinhão tamanha ponta!! Assim, meu amigo, he que se acabava a Confraria. Exercito fiel, e rapazes com entrada franca. O seu primeiro objecto, he corromper a força. Nunca deve esquecer, e nunca esquecerá o caso da Russia; veja a que se abalançárão á vista de tão gigantescas forças! Aquelles poucos Regimentos erão hum fermento deitado á immensa massa para fermentar, porque com outra cousa não começão; a ex-

periencia nos mostra esta verdade. Veja como se descobrio a impulsão dada ás Guardas Civicas de París! Acudio Carlos X, e cortou com huma palavra só os immensos braços do Briareo revolucionario; e, se assim o não fizesse, a contaminação podia chegar ao Exercito; e se chegasse? A Europa se alagaria de novo em sangue, e a geral perturbação de trinta annos se renovaria.

Que querem estes Demonios das carantonhas? Querem fazer bem á humanidade, remediar os damnos causados pelo absolutismo, dar a liberdade ás Nações agrilhoadas pela Tyrannia, Ministerial, fazer prosperar o Commercio, a Navegação, as Fabricas, a Agricultura: querem dar ás Nações Marinha, pois todas as tem podres como elles acharão a Portugueza; e hum dos seus Deputados, fallando por todos elles, querem pôr hum cabresto aos Monarchas. Tudo assim será lhes direi eu, mas tudo isto que vv. mm. dizem, não se poderá fazer sem que vv. mm. governem? Não, dizem elles, porque nós sós vemos a luz, e todos os mais estão em trevas. Pois estejão vv. mm. tambem á sombra, lhes tornarei eu. Quem os chamou a vv. mm. cá? Olha que he boa teima de Medicos! Por força hão-de curar os doentes, que nem ao pé de si os querem vêr?

Meu amigo, depois de ter apparecido a Proclamação, (arrancada das esquinas em Setubal) depois do achado do bahuzinho das ferramentas, assim como elles fallão tão claro, fallemos nós tambem. Os que intentárão fazer, o que a Proclamação diz, e ao que derão principio, são jurados inimigos deste Reino, querem mudar o seu Governo, abrogar as suas Leis, confundir as suas jerarchias, são nossos declarados inimigos: e que destino quererião estes monstros dar a toda a Real Familia? O que derão á Familia Real dos Bourbons, quando se levantou o Collosso Republicano. Os Diplomatas estrangeiros isto mesmo conhecêrão, e isto recearão nas funestas noites do motim popular, ou sedição. Até se confessárão, e reconhecerão em estado de verdadeira coacção. A crise era chegada, mas Portugal tem guarda celeste, que vigia sobre elle; sobre estas cousas eu guardaria profundo silencio, bastavão os Periodiqueiros para me entreter. Fallai no máo aparelhai o páo; eu a fallar em Periodiqueiros, e o Lençol de hoje 13 a entrar por esta porta dentro. O Lençol vem huma miseria, as lavandeiras são humas estragadas; vou olhar para o ramo do meio, e de fóra, para depois se montar a roupa, e não vejo se não pontos, pontos, e mais pontos, cuidando eu

que depois de tanto descanço o Lençol vinha em folha. Folha he, e boa folha. Falemos sem figuras e sem allegorias. O que era Lençol parece papel de solfa. Ou o que me parece, meu amigo, he que a Censura olhou já para os seus sagrados, e importantissimos deveres. O Artigo, que ficou redusido a pontinhos, tem por Titulo — Trás-os-Montes — vejão o que iria contra esta desventurada Provincia, theatro sempre ensanguentado, sempre coberto de ruinas, a que talvez, e não me engano, tenhão dado motivo os Periodiqueiros com seus embustes, com seus enredos, conservando sempre os Povos em confusão, motivando desuniões até no mesmo seio das familias, que se dispersão, e fogem da exaltação do tambem pronunciado partido Demagogico. Tal seria o espirito, e a letra do tal Artigo, que obrigou a judiciosa, e rectissima Censura actual a reduzir tudo a pontos, que vem a ser o mesmo que a Zero. Tem feito grande estampido o Lençol assim alinhavado. O Artigo París, foi apontoado da mesma sorte. O que alli viria do *Constitucional* do mesmo París! Ahi vinhão certamente as Guardas Civicas em pé, e já os Baluartes tomados, a Republica Galla, ou Galica proclamada, e o Mundo inteiro governado por Consules electivos, e por Tribunos natos. Não me quero deitar a advinhar, e sobre fantasias não formo discursos. Aqui me veio á mão huma Proclamação, não manuscripta, mas impressa com o nome da Officina, e com Licença da Commissão de Censura no anno de 1823. He Maçonica, e assignado — Holofernes Grande Secretario. Que papel, meu amigo! Mette n'hum chinello todas as Proclamações Republicanas. Esta cá argue os Boticarios Pedreiros de terem matado só vinte homens. He a Peça mais curiosa, porem a mais capaz de fazer abrir os olhos ao Povo Portuguez, e a ensinar-lhe a detestar para sempre os Pedreiros: sem mais ceremonia, até á primeira.

Amigo certo

J. A. D. M.

Forno 13 de Setembro de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 23.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO
A SEU AMIGO J. J. P. L.

DE todos os angulos deste Reino, meu amigo, onde empunhão a inflexivel vara branca da Justiça Ministros Liberaes, e Constitucionaes, promptos a ser servilissimos Corcundas, se lhes ventar vento norte corcundal, não apparecem mais do que queixas, e representações dos escassos progressos do Systema, e dos obstaculos, que encontra o derramamento das luzes, e da teimosa resistencia, que se faz aos progressos da civilisação; tudo isto he huma verdade de facto, de que se não póde duvidar: mas desta desgraça, e calamidade pública, quem tem a culpa? Os mesmos, que della se queixão. Os Cemiterios das Provincias estão cheios de corpos, que para alli levárão tirados da vida presente á violencia de crueis açoutes, ou golpes de varas, de que não ha exemplos nos Annaes da barbaridade dos homens, pedindo os mesmos miseraveis, que expirárão em tão crueis flagellações, que antes os matassem com hum golpe só, com hum só tiro, do que acabar-lhe a vida em tão prolongados martyrios, e penas tão deshumanas, que se lhes infligírão sem crime provado, sem processo, sem sentença, sem competencia de Juiz, e de Tribunal. As Cadêas das mesmas Provincias atulhadas até de fracas, e innocentes mulheres, a quem cortárão braços gangrenados com as crueis palmatoadas, porque com huma palavra, ou outra se suspeitárão culpadas do nefando, abominavel, e imperdoavel crime de Infantistas, proferindo o *detestavel* nome *Miguel I.* Nós fomos testemunhas destas scenas de horror, e que mais horrorosas se manifestarão ainda á posteridade, que as não poderá acreditar, naquelle dia da arbitraria, e militar flagellação das dezenove victimas, que talvez hajão expirado; a humanidade gemeo, mas foi hum dia de gloria, hum dia de triunfo para os fataes arruamentos, que em pezo sahírão das muito claras, e arejadas Lojas para darem os competentes vivas á Carta, cantando de caminho o Hymno, e despejando pelas Ermidas de caminho o vinho. Não digo eu só em Portugal, mas na Europa inteira, na carreira de muitos Seculos, não se observou huma scena mais luctuosa, nem já mais se observará, do que a scena, que temos visto no espaço de hum anno, e mez e meio. He verdade que o Governo já attentou por semelhantes horrores, e fez suspender taes barbaridades, que sempre nos espantárão, e ater-

rárão; mas suspendendo-se estes horrores para o futuro, nunca se suspenderão as consequencias dos passados; longe de fazerem bem á restaurada forma do nosso antigo Governo, lhe tem causado hum damno irreparavel. Esquece a bondade essencial da mesma forma de Governo; e os Povos espantados, atemorizados, e, o que mais he, irritados com a deshumanidade de taes castigos, attribuem ao mesmo Governo justissimo o que he effeito da barbaridade, e ferocidade de alguns Militares, que assentão que he valor Portuguez aquillo, a que os mesmos Canibaes chamarião crueldade. No meio desta confusão clamão: como he possivel que seja boa a nova, ou renovada Lei, que tolera taes attentados? Não a queremos; e, se aqui não podemos assim viver, antes vamos em hum Reino estranho arrastar a existencia mendigando, do que espirar na Patria debaixo das varas dos algozes.

Não só estes mortaes castigos tem indisposto os Povos, de que se queixão muitos integerrimos, e liberalissimos Magistrados Provincianos, não se queixando ainda do espantoso assassinio commettido em Evora, de que se têm por ahi gabado hum filho da Natureza, e do amor de hum mirrado representante, já n'outro tempo grande atiçador, e assoprador das fogueiras da Inquisição, (embora não se entenda em Inglaterra, em França, e na magestosa Hespanha isto que digo, muitos o entenderão em Portugal); ha outro motivo da opposição, de que dão conta os integerrimos Magistrados; são os insultos, que ainda não acabárão a estes pobres, e mudos Corcundas, a quem será difficultoso, por não dizer impossivel, provar hum crime Politico, porque a primeira maxima do Corcundismo puro he obedecer ao Governo reconhecido, ainda que fosse o Dei de Argel. Hum bravo, intrepido, e valoroso Chapelleiro do Rocio, que com huma intrepidez nunca vista, rasgou, e pizou aos pés hum oitavo de papel, em que estava hum Clerigo velho pintado de novo, passando por aqui a hum jantar de borracheira em Portosalvo, fartou-se de berrar insultos para esta janella; mas se eu por isto não detesto o Systema, como os Filosofos arruados lhe chamão, o vulgo, que não distingue as cousas das pessoas, ouvindo por toda a parte os insultos, os ataques, as ameaças de morte, não quer soffrer semelhantes tractamentos, que se não poupão nem dentro dos Templos; detesta, e abomina a mesma Patria, em que nasceo; maldiz a terrivel situação, em que a pozerão, e reputa, com razão, esta a maior de todas as desgraças, que podião acontecer aos sempre attribulados Portuguezes. Como quem escreve huma carta falla de si, escrevendo estas, não he muito que de mim falle, porque o que digo de mim he aplicavel a muitos. Poucas situações ha mais

deploraveis do que a minha situação; basta a mais dolorosa enfermidade, e sem melhoras, e sem esperança de que termine senão com a morte pouco distante. Isto he da Natureza, ou, digamos melhor, da Providencia, soffro, e resigno me: só se me exaspera a paciencia, quando se me diz, e com muito affecto, e amizade, que me acautele dentro em casa, porque me virão matar; que não appareça, como se eu podesse andar, que me podem matar; que não escreva, que me podem matar! Matar!! A morte? Porque? Porque intentei salvar, ou acudir á Nação abrindo os olhos aos verdadeiros Portuguezes, descobrindo lhes as desgraças, que se lhes preparavão, e já estavão imminentes, não fantasiadas, ou inventadas por mim, mas existentes nos impressos correntes de seus verdadeiros inimigos. Isto farei sempre; e como a causa he dos verdadeiros Portuguezes, e por consequencia he verdadeiramente a causa de Deos, elle a defenderá; mas custão-me mais que todos os incommodos, e que todas as dores, estas incessantes ameaças de morte. Se eu seguisse a marcha dos Patifes, tinha mais estatuas douradas que as que se levantárão a Demetrio Faléreo. Queixão se os pais que lhes fugírão os filhos, os irmãos os irmãos, as mulheres os maridos; queixão-se as Povoações, que estão desamparadas, queixão-se os meritissimos Senhores Juizes de Fora, e de dentro, que o derramamento das idéas liberaes achão por toda a parte hum partido de opposição formado de varapáos breados; queixem-se, torno a dizer, dos insultos, poucos são, ou nenhúns, os homens de bem, que passem illesos por hum arruamento, salta dos balcões a Filosofia, saltão os consumados Publicistas do Universo besuntados de toucinho, ou exhalando o nauseante fortúm de bacalháo, saltão estes, saltão outros, saltão todos, e chovem as injurias, trovejão as maldições, e os insultos. Que querem, Demonios, que querem? Queremos a Carta, queremos o Hymno. Querem a Carta? Comprem a Carta, que ahi se vendem. Querem o Hymno? Já que ainda não tem as goellas apertadas, berrem. Demonios, berrem o Hymno á sua vontade. Que mais querem? Queremos o Saldanha. Isso he que eu lhes não posso dar. Talvez se venda, o que não creio. Porque o não vão vossês pedir de dia, a quem lho póde dar? Não o andárão pedindo de noite? Não andárão batendo ás janellas de casas, onde elle não estava, nem lá o querião nem pintado? He bom gritar por Saldanha? *O Velho Liberal do Douro*, valha-me o Saldanha! Os outros velhos, e moços liberaes do Douro valha-nos o Saldanha! Os pacificos Cidadãos de Lisboa entoando harmoniosos Hymnos, como dizia o amigo camisóla da Gazeta, e dando os vivas mais cordeaes á Carta, gritando — Saldanha, Saldanha;

Saldanha! Valha-me Deos com tanto Saldanha! Pois a Pasta da Guerra não está em mãos dignas, e capazes? Parou acaso o Expediente? Se Deos o levasse para Sua Sancta Gloria, erão vossês capazes de ir daqui para outro Mundo gritar pelo Saldanha. Para que se gritou tanto por este Saldanha? Nós bem o sabemos; mas tenhão paciencia, nem tudo se póde fazer; algum dia se lhes agradecerão os seus bons desejos, a cousa vai em caminho, e vai mostrando hum aspecto menos máo. Nem o Investigador de Inglaterra investigava melhor, que agora investiga o Miguel; e como quem busca, acha, eu não sei onde os vai achar o Miguel! Para curiosos de caça, que bom faro tem esta creatura! Está feito Sancto Antonio: S. Miguel em toda a parte. Faz mais que o Anjo; este enxotou os Demonios, este he o Miguel apanha Diabos. Miguel em cima, Miguel ao Norte, e Miguel pela rua, nunca se vio huma montaria semelhante! He huma rede varredoira, que não apanha só peixes pequenos, já vai apanhando peixes grandes. Forte Tarrafa! Agora pela vindima apparecem muitos coelhos, e parece que vem chegando o S. Miguel das uvas, que tarde vens, mas não pouco has de durar!!! Muito acertavão os nossos velhos em seus adagios, e dixotes!! Olha para quando estava guardado o S. Miguel das uvas, e que vindima elle deve fazer!! O ponto está que lhe não deixe rabisco! E se elle se lembrar da Lei das Vinhas, que he do Avô do Grande Neto do Grande Pombal, he arrancar tudo pela raiz, que são uvas de cão, e não servem cá para cousa nenhuma. Deixe embora em pé as Vinhas do Alto Douro, que entrão lá por Trás-os-Montes, mas as Vinhas do Baixo Douro, que são as do Porto, isso tudo a eito arrancado, mas sempre conforme a Lei das Vinhas, nada de arbitrios, e menos de vingança. Mesmo no Porto póde haver alguma vinha boa, pois então essa escape da Lei das encravações. O Miguel, que não he Podão, traz hum Podão na mão, mas tambem traz huma balança, e tambem saberá pezar nesta os bons amigos da balança, pezo, e medida. O Miguel tambem he Almotacél, e tambem saberá dar hum varejo a estes amigos. Aos da lã elle cardará a lã; e aos das estamparias elle lhe porá a marca, ou lha mandará pôr pela mão competente, que he impossivel que não esteja branca, porque sempre está á sombra. Este Miguel de cima, chama-se Principe do Celeste Exercito, assim o diz a Escriptura, o Miguel do Norte, ou lá para o Norte, tambem he Principe de Exercitos, mas elle naquella cara de hum Anjo tem olhinho vivo; quatro Rapozas juntas não são mais espertas, — nos seus Exercitos tem mil Diabos, que lhe hão de ir apparecêr em revista com bôcas de riso, fingindo caras de Anjos, mas em

elle apalpando as mochilas, acha-as abarrotadas de obras de verdadeiros Diabos. S. Miguel afugentou os Anjos máos, e cá os Anjos bons forão demittidos por Diabos máos, elle chamará os bons, e porá a andar os máos, e para longe. O Miguel de cima vai com as balanças, oiro fio, carregadas d'almas ante o Throno Eterno, para se dar a cada huma o que merece; o Miguel ao Norte, tambem se apresentará ante o Throno, de cujo poder vem ser depositario, com as balancinhas aferidas, e nellas pezará muitas almas de chixarro; e se elle, como esperâmos, passar para cá na Galeota, aprende logo huma frase dos famosos remeiros Algarvios — Leve lhe o Diabo a alma — e dirá depois com as balanças a vergar, Leve lhe o Diabo a alma, a tantas almas do Diabo, que por todas as repartições tem feito ir tudo com os Diabos, roubando, e comendo o que não merecem; e, ingratos a quem lho deo, enchendo a barriga a quem devia mandar apertar os gorgomilos. Pois a carregação d'almas do Diabo Republicano? Essas fazem-lhe ir a balança ao chão, e os braços abaixo. Acodem mais ao pêzo, porque nellas a maldade, e a parvoice são macissas; e, se as não metter lá bem para baixo nos quintos infernos, aquellas poias tem boias, e hão de tentar vir ao de cima. Por mais trambulhões que lhes tenhão feito dar neste Mundo, como odres de vento, por mais que os mergulhem tornão á superficie da agua, em quanto não os furem, e se lhes vaze o vento. O que for soará.

Ora, meu amigo, tenho fallado em figuras, e symbolos em ar de estilo Oriental; mas não he do Grande Oriente. Assim fallão, e se annuncião os Corcundas até certo tempo, em que estas figuras se convertão em realidades, a nossa luz ha de apparecer, sem que accendamos a tócha no candieiro triangular. Assim conspirão os Corcundas, mas sem archotes, e sem gritarem pelo Saldanha; estimão muito o cumprimento, e deveres do seu officio em Miguel Gadanha. Aqui se ajuntão alguns compadres meus, homens honrados, e cujo espinhaço descreve huma curva regular, e nisto fallão, e destas figuras se servem em huma tarde inteira, e assim aturão até que a campa dê a primeira badalada das Ave Marias, então tudo a pé, e mãos erguidas, e *Angelus Domini* te valha, até que o mais velho, e mais authorizado se benza, benzem-se todos, e logo com hum — seja Louvado Nosso Senhor Jesu Christo — cada rato a seu boraco, antes que venhão archotes, e comecem a buscar o Saldanha, que como Aves de máo agouro só tem que apparecer de noite. Foi este adubo para desterrar a melancolia no meio de tantas calamidades, humas sentidas, e outras receadas. Passemos a objectos muito ponderaveis.

Esta corrupção quasi geral de sentimentos, tanto na ordem politica, como na ordem moral, não tem outra fonte d'onde corrão senão as doutrinas impias, e revolucionarias, que se tem espalhado em tantos escriptos subversivos, que entre nós girão impressos; antes de entrarmos nesta materia para conhecermos a influencia da seita na massa popular, cumpre fazer huma reflexão, que hoje mesmo 20 de Setembro eu fiz, apresentando-se huma Lista impressa em 1823, e assignada pelo meritissimo Intendente Geral da Policia Simão Ferraz de tal; consta dos nomes de todos aquelles, que no mesmo anno de 1823 forão daqui removidos, degradados, deportados, e obrigados a assignarem hum termo de não serem mais membros da Secreta, e a viverem no lugar do seu degredo, ou remoção de huma maneira tal, que podesse sanar a sua anterior conducta. Todos elles de hum nome conspicuo, e immortal nos Fastos da rebellião de 1820, e cotejando exactamente esta exacta lista com exacta assignatura com a lista dos Senhores Deputados actuaes, vejo o que se chama favas contadas. Nome na lista dos proscriptos de 1823, nome na lista dos Senhores Deputados de 1826. Então para fóra daqui, agora no centro daqui; e então como inimigos do Senhor D. João VI, agora como amigos do Senhor D Pedro IV; então como Democrátas, hoje como Realistas; então como membros da Secreta, hoje como Legisladores do Reino; então como abrogadores de todas as Leis, hoje como mantenedores, e defensores da Carta. Isto he sonho, ou he milagre! Milagre, por certo não he da Senhora da Rocha? Então de quem he o prodigio? Pois votão nestes Barões conspicuos aquelles mesmos Povos, em cujo seio estavão como degradados, e como degradados, criminosos, ou ao menos suspeitos de doutrina subversiva! Huns escondidos entre matagaes, e serranias, outros pegados a rochedos de praias inhabitadas, incognitos ao Mundo, apparecem eleitos por Ilhas dispersas, por Colonias negras, que nunca os vírão, tractárão, e conhecêrão, ou por Provincias, que não souberão que erão Senhores Deputados, se não quando ficárão de bôca aberta, vendo a Lista Geral da Loteria, em que os seus respeitaveis nomes estavão, e ainda estão, só com o abatimento que vai de 3750 a 4800? Como se fez isto? Eu não sei; o que sei he que elles alli estão, e se mais forão, mais para cá vierão. Quem pede, ou decreta como ahi está em letra redonda, que por mais que se raspe, não se apaga, hum *Cabresto* para o Rei, e seus queixos, póde agora sustentar a Liberdade do Rei, e as Attribuições, que lhe competem como Monarcha, e a Carta, que elle mesmo dêo, lhe assegura? D'onde nascêrão estas nunca jámais espe-

radas eleições? Em primeiro lugar de hum abuso intoleravel, e ruinoso em Politica, das eleições em massa, onde entra toda a qualidade de patiaria, que vimos praticar na primeira, e segunda Legislatura da massada de 24 de Agosto; e em segundo lugar da corrupção derramada por tantos escriptos, que tem transtornado, e pervertido os sentimentos do Povo Portuguez, depois desta infausta regeneração chamada. O Cidadão Garrett, com o seu Livro impresso da Legitimidade do dia 24 de Agosto, causou á Nação Portugueza maior damno, que lhe podia causar huma invasão de Arabes Bedoinos. Eu hei de analisar com mais vagar toda esta producção das trevas; e para huma, ou outra materia destas Cartas, bastará huma, ou outra passagem avulsa da mesma Obra, pervertedora sacrilega dos puros sentimentos da Nação Portugueza. Aqui vai huma passagem da sua introducção.

» *Apontar as authoridades de Rousseau, de Mably, de Volney,*
» *de Condorcet, de tudo me valerei, para expender, e fazer pú-*
» *blico, e claro aos olhos dos Portuguezes... n'huma obra que*
» *deve ser pública, e que he de todos, e para todos, e destinada*
» *a instruir hum* Povo Rei, *nos seus direitos, e nas suas obri-*
» *gações....*

Eu não necessitava de outra palavra mais do que esta — Povo Rei. Querem mais claro a pura Democracia? Pode-se annunciar com mais descaramento a Soberania do Povo? Deste principio dimanárão todas as desgraças, todos os males, que sentimos, e ainda vemos, porque a mania Democratica não fez, nem faz ponto. Desta Nação Soberana, deste Povo Rei nascêo aquella Constituição, que reduzio o Monarcha a hum illusorio Fantasma, conservando-lhe o nome de Rei para mais o ludibriarem, e mais se patentear a sua degradação, e aviltamento: daqui nascêo aquella abominanda scena de o arrastarem ao meio do Soberano Congresso, como tinhão arrastado Luiz XVI ao meio da Assembléa Constituinte, dando S. Magestade passos tão incertos, que parecêo haver perdido toda a vitalidade, para jurar nas mãos de hum ~~bigorrilhas~~, chamado Presidente, acceitar o vergonhoso, e pezado jugo, que se lhe impunha. Daqui nascêo fazerem de S. Magestade ElRei de Portugal hum mero executor da vontade popular — O Povo Rei. — Em huma Monarchia não ha dous Reis, porque Monarchia quer dizer o Governo de hum só: logo, dous ao mesmo tempo era cousa incompativel; era preciso que hum deixasse de o ser, para que o outro o fosse. Isto vimos, porque o Rei de Portugal foi cousa nenhuma. A primeira attribuição de hum Rei he ser Legislador; ElRei não foi Legislador, foi Executor das Leis, que o Povo Rei lhe impunha, e fazia acceitar com juramentos,

que com tanta infamia se lhe extorquião O Exercito, que era seu, não o defendêo; passou no dia 24 de Agosto a ser o Exercito do Povo Rei. As Potencias Européas, vendo em huma só purpura enxovalhada a purpura de todas, devião fazer marchar seus Exercitos, e cobrir de Soldados este Reino, para vingarem tamanha affronta; e, se a morte de Luiz XVI abalou a Europa, a degradação d'ElRei de Portugal ainda mais a devia abalar, para exterminarem da terra tantos malvados. Eu farei aqui huma reflexão, que nunca foi feita, e he justo que fique para sempre na lembrança de todos. Quando os Francezes se revolucionárão, e levantárão, estava presente o seu Rei Luiz XVI. Foi testemunha de seu primeiro passo, e approvou, ou consentio na convocação dos Estados Geraes; e parecêo ser legitima esta convocação, que tão depressa, e tão precipitadamente degenerou. Quando os Napolitanos se revolucionárão, quando proclamárão a rede, ou o alçapão daquelle Governo Representativo, que era puramente Carbonario, estava presente o Rei de Napoles, e este primeiro passo, ainda que poz o Rei em coacção, estava o Rei presente, e com elle se escudavão os Revolucionarios, gritando: — Constituição, Constituição. Quando os Piemontezes se revolucionárão com tantas divisões, intrigas, escandalos na Real Familia, abdicações, e não abdicações, estava o Rei presente, e debaixo de seus olhos teve a rebellião principio. Quando na Hespanha em 1820 se proclamou pelos incorrigiveis Communeros, ou descamisados, a Constituição de 1812, S. Magestade Catholica D. Fernando VII não estava na prizão de França, estava no seio da mesma Hespanha, e alli se fez a revolução, que chamou, e attrahio depois as forças Francezas: pelo contrario, em Portugal não houve mais que a pura revolução Maçonica, ou Democratica. S. Magestade a duas mil legoas de distancia, não se podião cobrir com a sua presença; a rebellião não tinha sombra, não tinha escudo. O Povo Rei se fez Soberano; e com huma perfida machinação escondida mudou repentinamente a face deste Reino, e declarão as Côrtes Soberanas hum Rei Vassallo. Quando se apresentou para se assentar em seu Throno, logo lhe fizerão perder a Soberania. Ella acabou visivelmente no dia 3 de Julho de 1821. Quero desembarcar, disse S. Magestade; não queremos, disserão os Tigres Republicanos. Se o Rei não usa de sua livre vontade, o Rei não tem Soberania.

Eis-aqui os resultados das doutrinas do Livro do Cidadão *Garrett*, transtornando todas as idéas de justiça, todos os principios, que com os Portuguezes nascêrão, e com os Portuguezes vivem. Este foi o fermento Republicano, que tão desgraçadamente se conserva. A conservação do Rei em 1821 não foi

vontade, foi medo. A Europa tinha resurgido com o restabelecimento do Throno dos Bourbons; e seria desconcertar-se toda a machina Europea vêr levantar no canto mais occidental da mesma Europa huma Republica assentada sobre taes cabeças, e cabeças de motim. Não haveria espada, que se não desembainhasse, e que não viesse cobrir de ruinas este pequeno espaço de terra, e assentar o Rei sobre o corpo despedaçado do Povo Rei. O Rei ficou sem authoridade, e sem fazenda; não podia mandar senão o que lhe mandassem; ficou sem fazenda, porque até as suas pessoaes Propriedades ficárão desde logo convertidas em bens Nacionaes. Até as suas mesmas Perdizes lhe queria comer hum Deputado, assadas em suas Leis queimadas. As suas manadas não fòrão suas; o campo de Quadros, e as planicies de Alter fòrão bens do Povo Rei; comêrão humas, e vendêrão outras, e assim vierão a comer todas. Hum real não tinha de seu; o comer era por onças, porque lhe contavão o dinheiro na mão do seu Mordomo. Executar o que se lhe mandasse, e mais nada; fazer, não o que quizesse, mas o que quizesse o Augusto Salão. O Congresso chamava-se Soberano, porque era Representante do Povo Rei, como lhe chama o Cidadão *Garrett*, e por isto estava a Soberania no Povo Rei, e esta Soberania era indivisivel, e por tanto o Rei não a tinha. Com taes idéas se preparava a Nação para o Republicanismo, que este he o maximo dos votos da Secreta; nisto se trabalha, e isto claramente se nos dêo a conhecer no que vimos. Todas estas desgraças, como levo dicto, não tem outra origem, outro motivo mais que a corrupção de sentimentos; e o veneno desta corrupção he bebido na taça das doutrinas espalhadas pelos escriptos taes como os do Cidadão *Garrett*, que legitíma o dia 24 de Agosto, reconhece a Soberania Real em a Nação; e, para nos não enganarmos, lhe chama hum *Povo Rei*, para quem escreve, re-integrando-o em seus eternos Direitos, escudado com a authoridade de Rousseau, de Volney, de Mably, de Condorcet, quatro authenticos Evangelhos dos patifes, dos Demagogos, dos Revolucionarios, dos Republicanos, que he a unica bemaventurança destes Senhores; e, para a conseguirem, fação-se todas as Nações desgraçadas, e viva o fiel Povo Portuguez sempre em sustos, sempre em sobresaltos. Dáme o coração hum baque todas as vezes, que ouço dizer com muita seriedade: — Trabalhão as Lojas da Secreta, — temos mudança na Administração.... Oh! meu Deos! Pode isso acreditar-se? Pois he possivel que os Pedreiros Livres disponhão como quizerem do Estado Politico dos Portuguezes! He possivel que machinem de continuo a sua ruina, e que lhe tenhão causado tantos damnos, e que inda em cima se diga com certo ar

de importancia, e até de medo: — Trabalhão as Lojas!! — Aqui chegava, meu amigo, hoje 20 do corrente ás 4 horas da tarde, quando se me apresenta o *Imparcial do Porto* de 11 de Setembro. Com effeito, no dia de meus annos, 11 de Setembro, eu devia receber algum mimo da parte deste meu cordeal amigo Periodiqueiro, o mais mentiroso, e peior intencionado de todos os Periodiqueiros: entre as ponderosas peças, de que se compõe esta Veneravel folha, vem huma, que me diz respeito, que he do teor seguinte:
" *Escrevem-nos tambem que o Exm.º Arcebispo d'Elvas vai pôr*
" *hum Libello de injuria atroz contra o P.e José Agostinho de*
" *Macedo pelo que escrevêra em algumas das suas Cartas contra*
" *aquelle* virtuoso, e digno Par.
Com effeito, fiquei espantado; e esperando eu sempre por tantas, não esperava por estas!! Ahi estão já vinte duas Cartas impressas, correm pelas mãos de todos, dentro, e fóra deste Reino; esta he a 23.ª; corrão-se todas de fio a pavio, sejão lidas, expendidas, analysadas, e até maliciosamente esmiuçadas na mais campanuda Loja de Pedreiros, onde por certo não tenho grandes amigos, presida a esta leitura, a este exame, se quizer, o mesmo Exm.º Arcebispo d'Elvas, como Parte interessada, pois he a queixosa, deite-se o veneno, que quizerem, em cada frase das mesmas Cartas, deixe-se até o sentido natural, e obvio, dê-se-lhe o sentido tropologico, allegorico, até o accommodaticio; e se nellas a mesma malicia encontrar a mais remota allusão a S. Ex.ª *o virtuoso, e digno Par*, seja eu castigado, e a Carta, e todas ellas queimadas pela mão do Algoz, que isto merecem, ainda que não fallem no *virtuoso, e digno Par*, já que eu fui tão pedaço d'asno, já que eu neste estado moribundo me determinei tão imprudentemente a destruir as illusões, em que os Periodiqueiros, e suas doutrinas trazem o Povo Portuguez para sua total ruina.

Consta-me, he verdade, que S Ex.ª *o virtuoso, e digno Par* se queixára de mim pelo que lêra impresso n'outro papel, que não he Carta, e que eu não escrevi: procurei lêr este mesmo papel, e por mais que o revolvi, por mais attenção, que dei á sua leitura, eu não encontro huma palavra só que, ao menos, ao longe, e remotamente designasse, não digo eu pelo seu nome, mas nem *remotamente* o *virtuoso, e digno Par.* Ora, não me apure elle muito, que eu não tenho papas na lingua.... Eu lhe poderia desde já dizer: — Exm.º Sr. virtuoso, e digno Par, quem se queima, alhos côme. Ahi anda hum papel anonymo, porque eu ponho o meu nome em tudo quanto escrevo, em que, sem nomearem pessoa, se diz em abstracto, em geral, que querendo todos ser tudo, e ser mais do que são,

poderá haver algum Bispo que, não contente até com honras de Arcebispo, queira a Republica, para ser Patriarcha de Sodoma, e de Gomorra; ninguem se designa; e o Censor do papel não achou que nestas palavras havia infracção alguma do Artigo 6.º das Instrucções da Censura, que prohibe ataques pessoaes, ou individuaes. Ninguem o diz. V. Ex.ª voluntariamente põe mais esta Mitra em si; então será V. Ex.ª; porque V. Ex.ª diz que he V. Ex.ª; e a palavra de hum Bispo, como hum Successor dos Apostolos, deve ser a mesma verdade; e como V. Ex.ª diz que se entende de V. Ex.ª, queixe-se V. Ex.ª de V. Ex.ª, porque ninguem mais o diz. Depois do requerimento dos do *Portuguez* faltava-me mais esta. Os do *Portuguez* queixavão-se de mim pelo que elles mesmos tinhão escripto; o virtuoso, e digno Par queixa-se de mim pelo que eu não escrevi. Eu digo aos do *Portuguez:* prόvem que, o que eu delles transcrevo nas Cartas, não está no *Portuguez;* e aqui está esta mão para ser cortada. O Auctor do tal papel, e o Censor tambem podem dizer ao *virtuoso, e digno Par:* prove V. Ex.ª que naquellas palavras se falla particularmente de V Ex.ª; e fação-nos o mesmo. V. Ex.ª he hum Prelado de muita virtude, vasta comprehensão, e profundo entendimento; he hum Genio raro, e de consummada prudencia; e eu estou certo que não aspiraria a semelhante Patriarchado, e que não quereria ser Patriarcha — *in partibus* — de semelhantes duas Dioceses. Os Patriarchados d'Oriente acabárão; e não quereria V. Ex.ª ter hum nome só no Oriente, quando pode no Occidente ter, e ser tanto! Não fallemos mais nestas cousas, porque o fallar nellas ainda he peior. Quando houver personalidade directa, ou indirecta, os Censores tem responsabilidade. No tal papel nenhuma ha; e o Povo, Exm.º Sr., continúa com o proloquio, *quem se queima, alhos cóme.*

Querem, meu amigo, que as Cartas acabem, pois acabarão, falta huma para se completarem as duas duzias; quem pode já soffrer tanto? Eu cuidava que nisto fazia algum serviço ao Povo Portuguez, pois tinhamos chegado a hum ponto, que estavamos já como suffocados em illusões, sem haver quem rompesse o fogo contra tantos bota-fogos, quantos erão os Periodicos, acclamando Reis, que não querem, adorando Cartas, que detestão, louvando Governos, que abominão, inculcando paz, e união, que ácinte procuravão destruir, e authorisando insultos, que todas as Leis prohibem, e reprovão. Eu soube que me sacrificava a persegnições, e a calumnias; mas o zelo verdadeiro, e não hypocrita do bem da Nação Portugueza, me obrigou a fazer das tripas coração; e não podendo nada mais que mover estes tres dedos, assim mesmo me resol-

vi a escrever, misturando o util ao dôce, e usando de hum estilo ténue, claro, e corrente, para ser accessivel a todas as condições, e a todas as pessoas; e desde logo começou a guerra dos asnos, e a guerra dos perversos; aquelles, porque são asnos; estes, porque não querem verdades, que lhes amargão. Veja se as cousas vão, ou não vão combinadas. Consta-me que no dia 12 do corrente mez de Setembro viera o virtuoso, e digno Par fazer queixa de mim; pois no Porto, no dia onze, já se sabia do offerecido Libello *de injuria atroz!* Veja se a Seita se propaga, e se as communicações são methodicas, e se as machinações são premeditadas. Vamos a vêr se podêmos dar cabo das Cartas, porque, a irem por este andar, tudo nos descobrem, ou nos descobrem de todo. Eu, meu amigo, não me devo apropriar o que se disse de J. C. no Conselho dos Judeos, mas ahi vai: — Que fazemos? Este homem faz prodigios, *e desengana o Povo*, se o deixâmos assim, *virão os homens de bem*, e occuparão o nosso lugar, e darão cabo do nosso Imperio.

Malvados Periodiqueiros! Acabo esta com este mesmo *Imparcial.* Diz elle, fallando de Pernambuco — que no dia 23 de Junho se descobríra alli huma conspiração, que tinha por objecto — *assassinar o Governador Militar, e mais algumas pessoas, saquearem a Cidade, e evadirem-se.* — A Gazeta de Lisboa N.º 223, 20 do corrente, diz — Conspiração contra o actual Governo, que estava para rebentar no dia de S. João, e tendia a estabelecer *o Governo Republicano.* Isto sabia muito bem o *Imparcial*, ou Veneravel da *Agua Bruca*; e para não publicar o Republicanismo, Republicanismo, e mais Republicanismo Pernambucano, que não pára desde 1817, dá por objecto da Conspiração descoberta o saque da Cidade. Se ella fosse adiante, dessorava-se o homem em louvores dos Direitos do Cidadão para estabelecer a forma de Governo, que lhe convier. Sempre dão com o pé na pêa; e são de tão pouca memoria, que se contradizem. Neste mesmo N.º diz que a paz com Buenos Ayres está feita, e diz que os Corsarios de Buenos Ayres não cessão de aprezar os Navios Brasileiros. Fora Impostores! Corsarios, e peiores que Corsarios são elles; e eu, meu amigo, sou

Seu do C.

J. A. D. M.

Forno do Tijolo 20 de
Setembro de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSAO REGIA. Anno 1827.
Com Licença.

CARTA 24.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

MEu amigo, se v. m. não tiver vagar, ou vontade de dizer — mentira, intriga, perfidia, malignidade, enredo, e embrulhamento, diga só esta palavra — Periodico — tem dito tudo, e vá mais este synonimo para o rol dos synonimos. Parece que estes homens, ou o que quer que sejão, que fazem Periodicos, se tem apostado entre si qual delles ha de dizer mais desaforos, mais horrores, e mais contradicções. Eu de mim lhe sei dizer, que em começando a ler qualquer dos actuaes Periodicos, não acabo huma linha só, que me não suba o sangue ao miolo; fico estonteado, ou verdadeiramente enfurecido. Entre estes Periodicos, oh! que lugar distincto occupa hum, que se diz — O Imparcial do Porto! — O seu Auctor he o mesmo Auctor do *Semanario Civico da Bahia*, que vem a ser a Gaita de folles d'Agua Bruca, como aqui me dizem os que já forão residentes na mesma Bahia. Este *Imparcial* pois, já que tanto comigo entende, eu tambem entenderei com elle. Como tomei a empreza, ou, mais em Portuguez, o presupposto de desenganar a Nação, e de lhe fazer ver os enganos, em que a trazem enredada para a perder, indicando lhe os alçapões, que lhe tem armado os impios, e crueis inimigos de seu socego, e ventura, com algumas reflexões sobre este nefando Periodico, lhe abrirei de todo os olhos para olhar por si no estado Politico, e muito mais no estado Religioso, porque ainda he mais atacada neste estado, que no outro; e por passageiro incidente lhe digo que, ha pouco, na Cidade de Portalegre foi sacrilegamente apedrejada huma Cruz, e, o que mais he, por algumas Patentes Militares, por individuos de varias classes, e até levando á sua frente, como digno General desta Brigada, hum Filho de Galeno, grande transplantador das Boticas para o buxo dos doentes, dando com os doentes cheios de Boticas, sem haver mais que deferir, dentro da cova. Tornemos ao que serve. Mentir, enredar, e illudir, eis-aqui o timbre do

Imparcial do Porto, coherente com todos os outros, porque todos se tem dado as mãos para caminharem ao mesmo termo, pelas mesmas veredas. Nada de accusações vagas, o texto, e só o texto destes Doutores; elles fallão por si, e tambem fallão por mim. Eis-aqui o que diz este menino entre os outros Doutores em o N.º 86, de 15 de Setembro. Chegou a correspondencia particular, que o Imparcial conserva com o Brasil, e todos sabem que vem mala directamente para elle, como até do Monte Caucaso, e do Thibet, vinha para os Redactores do *Portuguez.* A suspensão deste Periodico foi o golpe mais sensivel para a Nação Portugueza! Com a do dos Pobres tambem os pobres ficárão sem amparo, e sem remedio.

Texto — » Recebemos pelo Navio — *Rio Ave* — noticias do » Rio de Janeiro: ... recebemos os Decretos impressos naquel- » la Côrte por ordem superior — dirigidos ao Governo de Por- » tugal em data de 29 de Janeiro, que não forão por em tan- » to cumpridos ...

Como se chamará isto? Taes Decretos não apparecêrão na Gazeta official do Rio de Janeiro, onde devião ser lançados se fossem mandados imprimir, e publicar por Ordem superior. Se apparecêrão impressos avulsamente, forão pela Imprensa livre, mandados imprimir por quem os forjou, ou subrepticiamente feitos assignar. O Editor dos Decretos tambem póde agora, muito á sua vontade, manda-los imprimir em Londres. Isto he hum ultrage manifesto ao Governo; isto he pôr a Nação de má fé com o Governo; isto he semear ás mãos cheias a desconfiança entre os afflictos Portuguezes. Então não se cumprem as supremas vontades do Supremo Imperante? Rompeo-se o laço social, huma vez que os governados faltem com a obediencia aos Governantes. Neste caso não ha Subditos, nem ha Monarcas. Anarquia, porque no meio da Anarquia rouba-se, mata-se, e foge-se; eis-aqui o que se pertende; e para acomodar a Anarquia, valha-nos o Saldanha, dizia o *Velho Liberal do Douro;* talvez isto seja tão máo como gritar: Venha a Republica. Qualquer dos arruamentos, que saiba insultar bem quem vai passando, póde ser, quando menos, hum Tribuno, e chamar-se Graco, ou Gralha, que he o que elles são. Eis-aqui as vistas de tantos queixumes, que se fazem sobre o não-cumprimento dos Decretos! Que tem os Periodiqueiros com isto? Quem lhes deo authoridade para se intrometterem nos actos do Governo? Quem

são estes Periodiqueiros? Quem os chama cá? Elles não sabem governar as suas casas, dado caso que elles tivessem com que as governar, e mettem-se de pleno poder, e sciencia certa a governar este Reino! Não ha Periodiqueiro, que não metta a sua colherada. He verdade que muitas vezes vão para o Limoeiro, onde mettem tambem a sua colherada no caldeirão da Caridade. Todos são os mesmos, e todos purissimos orgãos, por onde se annuncia a Veneranda. Malditos genios da divisão, que tanto abração a maxima do Tyranno — *Divide, e impera:* — tudo são divisões, para que da divisão nasça a desordem, que elles querem. Divisão entre Reaes Pessoas de Reaes Familias; divisões entre os Empregados; divisões entre os Tribunaes; divisões entre os Corpos do Exercito; divisões entre homens, e homens de todas as classes, e jerarquias. E para se conseguirem estas divisões, Periodicos, e mais Periodicos, mas Periodicos, que sirvão ao partido dos Divisionarios. Para isto he preciso malquistar tudo para baralhar tudo, e nesta grande arte he eminentissimo o *Imparcial* do Porto, que como do Porto, e do partido do Porto se devia conter com as margens, ou nas margens do tranquillo Douro, e não vir cá tão longe impacientar com tantas mentiras, e imposturas os homens de bem. Pois eu lhe mostrarei o fundo á canastra, e os fios á têa.

Texto, no mesmo N.° 11 de Setembro — „ As prisões em „ Lisboa, por motivo dos acontecimentos populares dos ulti- „ mos dias de Julho, havião cessado; pelo Correio nos cons- „ tou que já 12 dos presos havião sido soltos. „

Que santa simplicidade! — *Os acontecimentos populares!!* Parece isto assim por modo de huma cousa que aconteceo, huma bulha, huma pendencia de covado com covado, vara com vara, houve suas arranhaduras, suas contusões ligeiras; os que querião capote querelárão, mas a cousa acomodou-se, rapaziadas, já sahírão 12 para a rua. Pois nada menos foi que huma formal sedição, que se manifestou em gritos revolucionarios para se constituir em coacção o Governo, extorquirem se Decretos, que pozessem em combustão o Reino inteiro, aclamando-se nas Ruas, e no Theatro hum Presidente, que não era para nenhum dos Tribunaes existentes. Veja, meu amigo, que impostura, e que diabolica dissimulação aqui vai! Acontecimentos populares? Huma desordem da feira; não foi nada, illuda-se assim a Nação, e pelos Povos das Provincias controverta-se o caso, fique ambiguo,

e duvidoso, e não venha á lembrança de ninguem que erão huns bem pronunciados ensaios para o levantamento de huma Republica. Contou muito mal quando contou doze, menos forão, e parte destes forão reclamados por diverso Ministro devassante, porque em sua devassa sahírão pronunciados. *As prisões havião cessado*: isto não he o que dizem os nossos olhos, nem o que escutão os nossos ouvidos; e se estes nos enganassem, ahi está Miguel, que nos não deixará mentir. O mato tem continuado a ser batido, as moitas espiolhadas, os coelhos tem sahido de grandes lócas, e até ao dia 20, segundo aqui me contão, ao vigilante Miguel não lhe tem mordido a pulga. A cousa vai andando até pelos Periodiqueiros revolucionarios; hum delles, ao embarcar na Capoeira conductora, disse com a magestade do Romano Marcello, indo para seu desterro: — Ora, aqui vou eu passar por hum enxovalho por querer salvar, e illustrar a minha Nação!! E na verdade, aquillo forão malquerenças, e más linguas! O dos Pobres, ou para os Pobres, que he salgalhada que se não entende, já para lá foi caminhando; e acabou-se o patrimonio dos Pobres, cousa tão sagrada em que os Grandes Funccionarios de Igreja não põem a mão. Se o *Imparcial* estivesse escrevendo no Limoeiro, o cadastro seria mais exacto que o que temos do Reino feito pelo grande Jurisconsulto Sá. O *Imparcial* do Porto, que com tanta audacia, e sacrilego descaramento atacou o Illustrissimo Intendente Geral da Policia, e Desembargador do Paço, como já mostrei, como devia, em huma destas Cartas, e não quer que este grande, e conspicuo Magistrado tenha parte nestes rectissimos procedimentos, que são da sua immediata competencia, nos diz huma cousa, que para nós foi nova, e que por isto he huma das suas insolentes mentiras. Nada de asserções vagas, venha o texto, aqui está o

Texto. "O Excellentissimo Ministro das Justiças ordenou aos "Juizes dos Bairros se communicassem directamente com elle, "sem ser pelo intermedio do Intendente Geral da Policia como "até aqui praticava."

Mais huma illusão com que se enrede o Povo, em que se lhe confundão as idéas, com que se malquiste hum Magistrado. E não se ha de dizer, que os Periodicos são os orgãos, e as Grandes Trombetas da Veneranda? Querem fazer que ninguem se entenda, para se entenderem elles; são os primeiros pescadores d'aguas envoltas. Mas tambem lhes chegou o seu S. Martinho,

Agora convido, como dizem os Periodiqueiros, os meus assiduos, e constantes Leitores, para verem a cara de hum Periodiqueiro, que he cousa muito curiosa, e muito notavel. São dignos trastes de hum Musêo, na parteleira dos Monstros. O *Imparcial do Porto*, como acima levo dito, nos annuncia que a paz do Imperio Brasileiro com a Republica de Buenos Ayres está na *realidade* concluida. Esta noticia nos enchêo de huma verdadeira consolação. O Imperador do Brasil he o nosso Rei; a prosperidade daquelle Imperio tambem he a prosperidade deste Reino, porque em fim os Brasileiros erão nossos irmãos; e o amor antigo, que deitou tantas raizes, não se perde, nem se pode perder. A paz está feita, e na *realidade* concluida; devemos esta faustissima noticia a hum dos maiores Luminares do Mundo politico, o nosso Imparcial do Porto; seja-nos muito para bem, e confessâmos que o Sr. Imparcial he o Escriptor mais benemerito do nosso respeito, da nossa estima, e do nosso extremoso amor. Viva a noticia da paz; e veio elle verdadeiramente apregoar as pazes! Agora venhão cá os meus assiduos Leitores para conhecerem pela cara, e de vista hum Periodiqueiro, e conhecerá Portugal a canzoada, que tem aturado pelo seu dinheiro. Dous paragrafos mais abaixo diz o mesmo Periodiqueiro — Venha o Texto, ahi vai o

Texto — « Pelo Navio S. Manoel, vindo de Pernambuco, rece-
« bemos noticias daquella Praça » *(tudo recebe hum Periodiquei-*
« ro, excepto huma sóva) « *que chegão á data de* 7 *de Julho:* es-
« tas noticias são pouco agradaveis: algumas Embarcações apre-
« zadas pelos Corsarios de Buenos Ayres .... »

Oh Periodiqueiro! oh Periodiqueiro! oh Impostor!! A paz está na *realidade* concluida, acabou-se a guerra, ultimou-se o Tractado, e os Corsarios de Buenos Ayres ainda a 7 de Julho aprezavão, e tomavão Embarcações daquelle Imperio, que está em paz pôdre com aquella Republica!!! *Et crimine ab uno, disce omnes.* Deste só desaforo aprende todos. — Oh Periodiqueiro! ou tu és hum mentiroso superfino, ou a Republica de Buenos Ayres he peior, e mais barbara que a Regencia de Argel. Depois de concluida realmente a paz, continuão as hostilidades! Se elle tivesse dado a noticia da paz em hum N.º muito anterior, e muito distante deste, em que nos dá a noticia da real conclusão da paz, podiamos attribuir isto a esquecimento; mas no mesmo N.º, na mesma pagina, na mesma columna annunciar a paz, e

declarar a guerra, concordar duas Nações, e dividi-las ao mesmo tempo com hostilidades..... Isto só a cara de hum Periodiqueiro; e para verem esta cara enchuta he que eu convido os Srs. Leitores. Para conservar esta cara enchuta não tarda muito a evasiva costumada: —*Não forão exactas as noticias dos nossos Correspondentes de Hamburgo, e do Brasil; com ulteriores esclarecimentos satisfaremos os nossos Leitores.*

Deste maldito embrulhamento dos Periodiqueiros nascem todos os males, e todas as desgraças, todas as divisões, toda a animosidade dos partidos. Estes descarados, escravos da facção, atêão de contínuo o fogo da discordia com o remoinho de suas noticias encontradas, de seus revolucionarios discursos, de suas vergonhosas contradicções. De que tem servido este temporal de papellada? De confundir o Reino, e envergonhar os homens de bem. Estão baralhadas todas as idéas de ordem, de harmonia, de obediencia, não ha quem se entenda. Cabeças de classes, que não devião sahir da sua classe, em tendo nas mãos hum Periodico, no mesmo instante andão á roda. Thronos, Gabinetes, Reis, e Leis, tudo vai n'huma poeira. Qualquer Caixeiro bezuntado, que ha pouco tempo atava as cuécas com huma tamiça, se julga capaz de commandar hum Exercito, e metter debaixo do braço a Pasta de huma Secretaria. Cada Loja ensebada he hum Laybac, e huma Verona; quatro Caixeiros, e hum meio Patrão, temos logo hum Congresso de Plenipotenciarios, em cujas mãos leva o Diabo a Europa, se não estiver pelo que elles quizerem. A balança, em que vai acima, ou vem abaixo huma quarta de manteiga, he a balança, em que são pesados os destinos do Mundo, a sorte dos Reis, e as formas de Governo; e ainda com o olho no fiel, não seja caso que penda mais alguma cousa para a parte da manteiga, se passa hum homem respeitavel pela porta, he logo insultado sem piedade. O Ministro, ou Conselheiro de Estado, se não he da vontade, e escolha daquelles Senhores, leva, quando menos, huma escarrada affrontosissima. Dous Cervejeiros, ou Vinheiros engarrafados, ou Taberneiros, porque tanto faz hum quartilho n'hum cópo, como meia canada n'huma garrafa, postos no Theatro na alta assignatura, se julgão effectivamente authorisados para levantarem os gritos, que quizerem, e mandarem imperiosamente á Orquesta que toque o Hymno, que fôr mais da sua paixão, e apurado gosto, ainda que seja o de Riego; e desgraçada da Orquesta, se não obedece promptamente aos dous Taberneiros, vão-lhe dentro os tampos das rebecas. E não ha hum Orfêo daquelles, que, ao menos, com o arco do

e os homens de bem não devião estar por mais tempo calados; o soffrimento acabou-se, apertárão muito com os amigos, e estála a corda que muito se estende. Isto não he Trombeta final, não he necessario tanto; para lhes dar huma gaitada, que os ponha em derrota, basta huma gaita. O Pai da mentira está envergonhado no mesmo Inferno de se ver excedido no Porto por alguns de seus dilectos filhos, os Periodiqueiros. O *Imparcial* do Porto incova na verdade o pai da mentira; e para eu me não parecer com elle, venha o Texto; lá vai o

Texto. O mesmo N.º pag. 410.

" As ultimas noticias do Paquete, referindo-se ás do Brasil, con-
" firmão a *vinda do Senhor D. Pedro IV a Portugal*; apezar disso
" os mal intencionados em Portugal tem mandado inserir nos Pe-
" riodicos de Londres Cartas anonymas, em que pertendem pôr
" em dúvida aquella viagem, bem como duvidão da paz com Bue-
" nos Ayres, quando ella na realidade está concluida."

Com a Parte Official da Gazeta d'hoje 22 de Setembro, se pode dizer a este Mestre Impostor, que, não vem o Senhor D. Pedro IV, e mandou em seu lugar pessoa capaz, e que hade saber muito bem fazer as suas vezes. Ora, meu amigo, quando esta Gazeta chegar ao Porto, e entrar no Escriptorio do *Imparcial*, com que cara ficará o *Imparcial?* V. m. vê pouco, a pezar dos seus óculos de vinte gráos, ou os que quer que tem, senão lhe diria eu: V. m. não tem visto a cara deslavada, e estanhada de hum Pedreiro Livre, quando está explicando a Moral da Ordem, que não he mais que a doce benificencia, a caridade heroica, e o filantropismo o mais elevado para com doentes, pobres, encarcerados, e viuvas ricas, se ellas são tolas? Pois se isto visse, como eu por meus peccados tenho visto, e aturado, e o bordão quieto, veria a cara do Mestre Imparcial do Porto. E a cara com que ficará o *Velho Liberal do Douro?* Com a mesma com que prégou o Sermão na Bahia, e com a boca tão aberta como a tinha, quando gritava — Valha-nos o Saldanha! Os Corcundas, meu amigo, são innumeraveis, he huma bicharia que não entra em calculo, he todo o Mundo que ainda tem juizo, vergonha, e temor de Deos; se o Rei governa, querem o Rei, e obedecem ao Rei; se a Serenissima Senhora Infanta he Regente, obedecem á Senhora Infanta: se vem outro Lugar-Tenente do Rei, a este obedecerão, e a respeito da forma do Governo, nem chús, nem bús. Quem levantou toda esta poeirada

de questões desde o dia do juramento da Carta? Os exaltadissimos Senhores. Os Corcundas ficárão como elles são, callados como toucinho em saco. No mesmo instante se condensárão nuvens de Periodicos a gritarem, e approvarem o que ninguem contestava. Hum dos primeiros, que appareceo para combater inimigos, que não apparecião, nem apparecem, foi hum Preto, chamado por alcunha o Despe Santos, e espanca Frades; e estando tudo quieto, começa a amaldiçoar os Corcundas n'hum papel chamado — *O Amigo da Carta.* — Que tal está o amigo? E os Corcundas pasmados, olhando para elle, pois o conhecião como os seus dedos. Eu mesmo, e todos os que tinhão olhos, virão este *Amigo da Carta*, armado como hum Platow, Etman, ou Capitão dos Cossacos Civicos de Lisboa, gritando á porta da sua Freguezia (e já os ares para a parte de Villa Franca estavão serenados). E os rapazes de boca aberta olhando para as douradas guarnições do formidavel, e recomendavel Preto, sem entenderem o que elle queria dizer! Este he o Amigo da Carta, gritando como os outros infames Periodiqueiros, contra os Corcundas mansos como cordeiros. Porque fim, e porque motivo entrárão estes espadichins a gritar contra os Corcundas, que nem por palavra, nem por escripto dérão hum ligeiro signal de opposição ao novo estado do Governo deste Reino, ainda se não pôde adivinhar. No mesmo instante estes Quixotes transformárão moinhos de vento em Gigantes armados, e ferocissimos, dando principio elles só a huma bulha, que ainda não teve fim. Ora, a nossa Regente os vai fazendo entrar já em seus deveres.

Demorei-me alguma cousa nesta digressão, porque ainda hoje 22 ouvi ameaçar Corcundas como inimigos do Rei, e da Carta, e desprezadores do Hymno, que ácinte lhe buzinavão aos ouvidos; gritando huns curtidores de couros, que já assignárão termo na Policia para senão meterem a Publicistas, e cuidarem só na fedurenta casca de seus cortumes; que tudo quanto a Gazeta hoje annunciára era huma calva, e descarada mentira para illudirem a Nação (a Nação, de que estes Barões do Couro fallão, creio que he a que toma o sol no Rocio, e o ar salitroso do mar no Terreiro do Paço); chega a tanto o desaforo desta loucura, que já não tem outro remedio senão em certa Enfermaria do Hospital de S. José. Estes alugados, sem ser pelo S. Miguel, não se hão de assentar quando quizerem, ao menos com esta penna se lhes ha de arrancar a máscara; e, já que tanto tem insultado os fieis Portuguezes, serão confundidos, se em taes caras pode assentar confusão, e vergonha.

Rebecão grande lhes faça ir tambem as costellas dentro! Em fim, os Periodicos tem de tal maneira confundido os Portuguezes, e com tal arte os tem enfatuado, que muitos tem perdido as idéas verdadeiras das obrigações, e deveres de Vassallos. Estes deveres, estas obrigações estão reduzidas a cálculo, e a problemas politicos, resolvidos a arbitrio destes Senhores. Vão cavar bem na raiz deste infernal embrulhamento, achar-se-ha que são os Periodicos, e os Periodiqueiros. Até ao instante do apparecimento desta praga, os Portuguezes erão, como são os verdadeiros Portuguezes, a mesma honra, a mesma moderação, e por excellencia o respeito, e a obediencia ao Throno dos Reis, e á Religião de J. C.

Entrará esta Carta as venerandas portas do Gabinete do Imparcial, inclinando a cabeça ás duas Estatuas, que sobre duas bases de papel estão de hum lado, e d'outro da magestosa entrada, á direita a Impostura, á esquerda o Descaramento. Olha o Imparcial para ella, vê aqui a verdade núa, e crúa; e que faz o Imparcial? O que? O que faz hum Periodiqueiro, quando he apanhado. Descompõe com injurias atrocissimas em hum de seus N.os o Illm.° Sr. Intendente Geral da Policia; todos se escandalisárão, como devião, de tão desaforadas personalidades, pois foi atacado não só em seu alto, e ponderoso Ministerio, mas em sua mesma pessoa como homem. Disse eu em huma Carta, offendido de tanto atrevimento, que o Sr. Intendente não devia vingar tal injuria como Magistrado daquella jerarquia, cortando a lingua a tão patife Calumniador, porque assim o pedia a honra. Que faz este Calumniador? Apparece agora hum N.° 83; e sahio-se com esta. Venha o Texto, aqui está o

Texto. » Hum, por exemplo, fallando a nosso respeito, não te-
» ve pejo de publicar pela imprensa, excitando o Sr. Intendente
» Geral da Policia para que se vingue de nós como homem, já
» que se não vinga de nós como Magistrado. Eis-aqui hum Sa-
» cerdote de hum Deos de paz, calcando aos pés o Evangelho,
» que manda perdoar as injurias, e offerecer a face áquelle, que
» nos der huma bofetada .... »

Ora, não querem vêr o Auctor do *Semanario Civico* da Bahia, onde traz o discurso do Veneravel da Loja Maçonica, que alli está impresso, a fallar com tanto respeito, e edificação n'hum Deos de paz, e na doutrina do Sancto Evangelho, que manda perdoar as injurias, e soffrer com paciencia as bofetadas! Esquecêo-lhe o Cal-

vario, que he outro exemplo, com que estes innocentes costumão vir, ou quando são corridos á pedra, ou quando os mandão açoutar, ou quando os levão para a forca. Nosso Senhor J. C. perdoou a seus inimigos, e orou por aquelles, que lhe davão a morte. Isto compunge muito, isto corta o coração; maçar o corpo a estes Servos de Deos, observadores do Evangelho!!

Sim, Sr. do *Semanario Civico*, certamente manda, e ensina o Evangelho que perdoemos as injurias; faça-me favôr de me dizer onde manda o Evangelho que se digão, e se fação injurias aos nossos semelhantes, e irmãos? Quando de VV. mm. se tracta, quando com justiça se lhes vai ao galinheiro, Evangelho, e mais Evangelho: pois sim, Senhor, Evangelho; mas eu aposto a vida, que, posto que a minha valha pouco, sempre he vida, que o homem de bem, o Clerigo edificante, o Religioso grave não passava hum arruamento do principio ao fim, ou atravessava o Diplomatico Caes do Sodré, e suas annexas, sem ser insultado, e injuriado! A estes Senhores serve o Evangelho para se lhes perdoar a elles; a estes Senhores não serve o Evangelho para deixarem de injuriar, e insultar os mais. Cuidei que pela mudança da estação estes Senhores de Lojas abertas se cohibissem mais alguma cousa com o que trouxe a Gazeta de 22. Em que Artigo da Carta, que tantos vivas leva destes Cidadãos, achão elles a authorisação para insultar, investir, e atacar quem os não provoca nem com huma vista d'olhos? Quando o cortez, e urbano Miguel lhes offerece a sua respeitavel companhia até ao Palacio, que foi do Conde Andeiro, e depois do Conde de Assumar; gritão pela Carta, que se lhes forme a sua culpa; quando se trata de injuriar os outros, então não se grita pela Carta.

He tão grande o horror, que isto causa aos homens de bem, que eu não me canço de repizar esta materia; e, sem me esquecer della, passo a objectos menos melancolicos, mas que devem ficar na memoria dos bons Portuguezes. Sóbe, meu Amigo, as escadas do Pulpito hum Prégador de burel, e corda grossa, a prégar, já se sabe, da Constituição, que elle diz quer defender com huma espada, que conserva á sua cabeceira, e com que dizia que defendêra a Realeza contra os Francezes, e diz que temos na Constituição o verdadeiro Mysterio da Trindade; porque Deos, dizia elle, he Uno na Essencia, e Trino nas Pessoas, e a Cartilha diz: — Tres Pessoas distinctas, e hum só Deos verdadeiro. — Eis-aqui a nossa *Divinal* Constituição: ella he huma, em si, e tem tres Poderes distinctos, que se não confundem, hum não he outro. O' Sr. P.^e Prégador, lhe disse hum curioso de baixo, ve-

ja se acha mais outra Pessoa na primeira Trindade, que fação quatro, porque na Carta Constitucional ha mais o Poder Moderador, que fazem quatro com os tres antigos de 1820. Este mesmo Chrysostomo descalço, prégando na Capital dos Saloios, a aprazivel Loures, disse: — Acabei de prégar do Sacramento, que he hum Mysterio, que nós acreditamos *por favor*, prégarei agora de outro Mysterio mais importante para nós, que he a nossa *Divinal* Constituição. — He verdade que hum Saloio mais impaciente se arremeçou pela escada acima ao Frade, e o queria arrastar para baixo; elle segurou-se, dêo suas punhadas no Pulpito, e gritou, com grande borburinho na Igreja, que não descia sem prégar da *Divinal* Constituição. Eu não sei como semelhante mania invadio tantos Frades destes austeros Institutos! Aqui anda hum por essas praias, vestido de branco, páo na mão, e chapéo de calafate, que até de madrugada anda mettido pelas barracas dos banhos explicando, e com furor, a *Divinal* Constituição ás Senhoras, que ainda estão pingando do seu banho. A merendeira ha de abaixar, e alizar-se, como diz hum Profeta: — Eu converterei os caminhos escabrosos em veredas planas, e então Deos nos ajudará. —

Ora, meu Amigo, já que para desengano da Nação eu lhe tenho fallado destes Religiosos penitentes, e das suas boas manhas, justo he tambem que me não esqueça de alguns Clerigos, e para não dizerem que ha parcialidade. Com effeito, meu Amigo, o maior escandalo, que se tem dado a este Reino de Portugal, e a toda a Igreja Catholica, Apostolica Romana, he o de hum Folheto aqui impresso na Officina de João Baptista Morando, no qual se pertende provar que a Nação pode pôr, e tirar Bispos, e conservar dous na mesma Diecese, hum fóra, outro dentro, hum exercitante, outro mandado passear; e isto tão bem provado, como com toda a evidencia o pode provar a Revolução Franceza no seu maior delirio. Este Folheto, assim como muitos, e muitos, não estão guardados em saco roto; e, como já o estão ha muito tempo, para lhes não dar o bafio irão sendo postos ao Sol. Estas melgueiras da maldade hão de ser descobertas aos Portuguezes, que, posto não tenha remedio o passado, servir-lhe hão de cautela para o futuro. Como o nome do Autor está impresso, ao menos ahi vai ametade.

Composto por *Manoel Feyo.*

E quem he este *Manoel Feyo*, ou *Manoel horrendo?* Elle mes-

mo o diz, para se conhecer pelos seus titulos — De S. Thiago da Espada —

" *Presbytero Constitucional Jurado.* "

Na verdade. Estes Presbyteros Constitucionaes Jurados são de huma Ordem nova, e de diverso caracter; e quiz Manoel Feyo ser *Prétre ensermenté.* Ora, isto ainda he peior que o tôlo do Frade com a sua Trindade Politica, não de tres Pessoas, mas dos quatro Poderes, obrigado a tirar-lhe hum, ou a desmanchar essa Trindade. *Presbytero Constitucional Jurado!* O Patriarchado tem huma Suprema Authoridade Ecclesiastica, e nella actualmente se reunem Virtudes, e toda a Sciencia da Religião, e de todas as Ecclesiasticas Disciplinas, que eu conheço por propria experiencia ha 48 annos; ora eu, beijando-lhe a Sagrada Purpura, lhe peço que mande lêr na sua presença o façanhoso Folheto do *Manoel Feyo*, Presbytero Constitucional Jurado. Meu Amigo, Nosso Senhor nos livre delles, e guarde a V. m. muitos annos. Forno em 23 de Setembro de 1827.

J. A. D. M.

N. B. Na Carta 23ª pag. 7 lin. 35, leia-se: — para jurar nas mãos d'hum chamado Presidente, como se fosse o Rei hum bigorrilhas, para acceitar, etc.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 25.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

ESta Carta 25 parece que deve ser de bom agouro, ainda que não seja por outra cousa, ao menos pelo seu N.° 25, porque nós, todos os bons Portuguezes, o que queremos he que cheguem os 25. Vinte cinco que? Todos os Corcundas, apezar de alcatruzados, curvos, opprimidos, e voltados para a terra, e muito mais para o Ceo, hão de querer responder ao mesmo tempo .... eu respondo por todos, porque não sou dos mais pequenos: — Os vinte cinco annos .... De quem? Essa pergunta he boa! Isso já está dito por todos os homens honrados, tementes a Deos, e amigos de Portugal, inimigos de Revoluções, Innovações, Subversões, Republicanismos, Maçonismos, que são peiores que inundações, alluviões, e tremores de terra. Sim, já está dito, e authenticamente annunciado; mas, por estar assim annunciado, com maior consolação o queremos repetir. Os vinte cinco annos de idade. Ora Nosso Senhor lha multiplique; e, para sahir huma conta quadrada, sejão os vinte cinco multiplicados por si mesmo. Mais Ave Marias leva elle todos os dias por aquella Sé, isto só contando o rancho das velhas, que são mais rezadeiras, e que são doudas pelo nosso Menino, como ellas lhe chamão; e não he scena pouco agradavel ver tremer na rezadura tanto queixo velho, e desdentado; ver postas, e levantadas aquellas mãos, que parecem páos de carqueja, e dellas penduradas aquellas encebadas contas, que os Sacristães restituem, quando as achão pela Igreja, e nas quaes ninguem péga, ainda que as veja no mialheiro das almas. Ora em obsequio, e acatamento do N.° 25 vá esta Carta 25; e porque ha muitos que não querem, não digo eu 25, mas nem huma, irão mais outras 25; e, se ainda se não enfastiarem, outro quarteirão mais. Eu conheço que existe huma força resistente contra estes escriptos, cuja acrimónia indispõe, e irrita certos individuos, que parão na superficie das

cousas; mas enganão-se, ou não querem lembrar-se, que para conhecermos os bens, de que actualmente gozamos com o Governo prudentissimo, que nos rege nas crises, e apuros, em que nos temos visto, e de que não ha memoria, nem exemplo em nenhuma das épocas de nossa politica existencia, era preciso traçar hum quadro dos males horrorosos, que temos supportado, nascidos do espirito de partido, que tem causado tantas divisões, e tantas desgraças, atalhadas finalmente pela incançavel vigilancia do actual Ministerio, cujas principaes, e mais bem pronunciadas intenções são conciliar os partidos, unindo-os com os vinculos da moderação, e da justiça, dispondo de tal maneira o corpo da Nação Portugueza, que seja digno daquella cabeça, qualquer que seja, que a suprema, unica, e legitima soberania lhe determinar para sua direcção, e governo? Quem póde duvidar, á vista da experiencia, que tem existido até agora huma luta sacrilega dos Periodicos, com rarissima excepção, verdadeiramente vulcanicos, e incendiarios, contra as disposições, e intenções do Ministerio? Quem póde ignorar os estragos, e ruinas, que tem causado no corpo social as doutrinas subversivas, as falsas idéas, os capciosos sofismas de tantos Escriptos, Diarios, Semanarios, e o que elles quizerem, que tem apparecido para fascinar os desacautelados, e atormentar os homens de bem, malquistando o Governo, examinando com audacia, e com malicia todos os seus actos, arrogando-se huma authoridade censoria, que não he mais que hum crime, e verdadeira inconfidencia, procedimento este sem exemplo, ainda mesmo nos Paizes, em que se reconhece maior liberdade de pensar, e de escrever? Os Periodicos, fallemos claro, tem sido ultrajantes á Regencia de S. A, e attentatorios do seu Ministerio, que como Ministerio nunca acaba, ainda que os individuos, que o compõem mudem pelas occorrentes circumstancias, ou pela vontade de quem os póde chamar, conservar, ou demittir. Dous Periodicos, hum de Lisboa, outro do Porto, diz hum Papel Inglez, que se póde ver, e examinar, porque he impresso, são os orgãos de huma Facção, que intenta subverter as actuaes Instituições politicas, dividindo a Nação, e dando ás opiniões sempre sãs dos Portuguezes outra direcção, que não he da conhecida honra, e fidelidade. Chamão se estes Periodicos, hum o *Portuguez*, outro o *Imparcial*.

Eis-aqui patente de huma vez o motivo, por que estas Cartas se escrevem, e o fim para que se escrevem. Todos os males da Nação, que eu até aqui tenho exposto para se conhecerem,

e remediarem, e que o Governo com tanta prudencia, como actividade procura agora mais que nunca reparar, nascem dos Periodicos; porque onde quer que existão hade existir o germen da discordia, pois servem de vehiculo á communicação do veneno revolucionario; inquietão verdadeiramente os Povos, pois infelizmente por toda a parte tem penetrado alguns até com a premeditada malicia de seu baixo preço, e a parte irreflexiva da Nação bebe a tragos a morte: a efervescencia, a nunca ouvida ingerencia de certas classes, (que não devem sahir de seus balcões senão para fazer entrar para dentro as fazendas, que depois vendidas saião para fora) nos negocios politicos, no andamento do Governo, e nas determinações da Soberania. Para acodir á Nação, fazer respeitar o Ministerio, acabar, ou ao menos envergonhar com o ridiculo a animosidade dos partidos, que se devem com presteza conciliar, ou reprimir, torno a dizer, se escrevem estas Cartas, que huns cobrem de benções, outros de maldições, porque em certos homens a verdade produz o odio. Eu só estou, devo estar, quero estar em guerra com taes Periodicos sem tregoas, e sem paz. Com os do *Portuguez* acabou, seus especuladores estão em saldo de contas com os seus credores, acabada como está aquella Patriotica, e mercantil Empreza. Homens prezos, e afflictos, não se devem affligir mais, agora não he o zelo de hum velho bem intencionado pela salvação de Portugal, he a imparcial Justiça das Leis quem os deve julgar. He verdade que elles deixárão em seus Escriptos huma semente pestilencial, e bastaria o fatal Artigo — *Os Governantes, e os Governados* — para dar materia eterna a eternas Cartas; mas em fim acabou-se. São desgraçados, pois sejão sagrados. Mas o outro Periodico apontado no Jornal Inglez impresso, cuja traducção se verá, he o *Imparcial*, o mais venenoso, e atraiçoado de todos os Papeis, e sobre o qual vigiará seriamente o Ministerio, e sobre tudo a Policia, cujas forças com taes inimigos se devem duplicar. He hum Papel opposto diametralmente aos bens, que recebemos do Governo, he o orgão, e o canal de hum Partido arruinador.

O methodo destas Cartas, ou descubrão os males, que os Revolucionarios nos tem feito, ou enumerem os bens, que do Governo temos recebido, he sempre o mesmo, e será sempre invariavel; transcrever fielmente o que está escripto, analisa-lo, e expo-lo com honra, ainda que seja com graça. Elle he hum inimigo da Nação, pois eu serei o amigo, e o

defensor; elle o orgão da mentira, eu serei o pregoeiro da verdade; elle me chama atiçador de rixas, e eu lhe mostrarei que he elle só o assoprador da discordia. Venha elle, e depois delle vir, grite-se então contra as Cartas do Padre. Aqui está o Doutor das Gentes. Como vem formoso! Vem com elle duas matronas de braço dado; bem estreadas raparigas! Tem o ar, tem a doçura Bahiana, e quem as quizer conhecer, falle com o Correio do Porto; mas basta só que nós o conheçamos a elle. He o de 22 deste mez, que hoje acaba, N.º 88 pag. 421 2.ª columna com alguns pontinhos Censorios nella, e —Noticias Nacionaes.—

Texto. — » *Estamos ameaçados de huma crise. A proxima* » *vinda do Senhor Infante D. Miguel se annuncia agora por* » *todo o Reino de hum modo assustador, que causará grandes* » *desordens..... Na mesma Capital correm aquellas subversivas* » *noticias.....*

Eu julgo que o presente texto não necessita de glosas, e commentarios, por si mesmo está mostrando todo o espirito da letra. Quando a Gazeta de Lisboa de 22 na parte, que se chama Official, dêo a noticia official do Embaixador Portuguez em Londres sobre a vinda do Senhor Infante, dizendo claramente que vinha ser Regente, com assombro de todos, foi recebida esta participação com tal socego, tal silencio, e tal quietação, que pareceo huma verdadeira indifferença: se houve algum movimento em alguns, que tão injuriados, e acossados andão, chamados Corcundas, foi o da curiosidade, tornando a pegar na Gazeta, para se affirmarem no titulo da noticia, e de novo verem que era Official, isto he, que era o Ministerio quem fallava, e o Ministerio não illude a Nação. Chegou isto até a parecer frieza, e insensibilidade no amaldiçoado *Corcundismo*, que assim lhe chamão os amantes do *Archotismo.* Quando no dia 29 se ouvirão de madrugada as salvas, sabendo-se que era o dia do Anjo, cujo nome tem o Senhor Infante, muitos Corcundas, que parece que sonhão com elle, disserão: — aquillo são os Inglezes, que andão lá com os seus exercicios; e elles que trabalhão bem!! E que outra cousa se podia esperar dos verdadeiros Portuguezes? Com razão se dêo ao Rei de Portugal o titulo de Fidelissimo, e o mesmo merecem seus verdadeiros Vassallos (este titulo he nobre, e Vassallo d'ElRei algum dia era cousa muito grande!) porque sempre os Portuguezes servirão de exemplo a todas as Nações, de fidelidade aos seus Soberanos. Os Portuguezes verdadeiros nunca tiverão outra vontade, mais que a vontade do

seu Rei. Este manda que seu Irmão, o Serenissimo Senhor Infante, seja Regente; manda ElRei? Obediencia, e silencio: tanto se hade obedecer ao Senhor Infante D. Miguel, como se obedece á Senhora Infanta Regente. Os verdadeiros Portuguezes não querem Republica, querem Rei, Lei, paz, união, e justiça. Estas são as suas invariaveis disposições. Mas não o quer assim o Senhor *Imparcial*, que o destino trouxe da Bahia (onde nunca aparecerá com a presente geração,) para salvação, e illustração deste Reino, porque não bastavão os illustradores, que por cá trabalhavão para dar cabo delle, e diz — *Estamos ameaçados de huma crise.* — E são as Cartas do Padre, que atição os Partidos, que accendem as rixas, que desorientão as cabeças, sim, porque as Cartas do Padre não são do Grande Oriente, por isso desorientão. — *Huma crise?* — Eis-aqui como hum Periodico sabe pôr toda a Nação em alvoroço, e sobresalto. Eis-aqui com duas palavras promovida a inquietação geral do triste, e tristissimo Portugal. Eis-aqui os homens de bem postos em consternação. O Ministerio fallou ao Povo pelo orgão da Gazeta com huma clareza, e simplicidade magestosa, annunciando a vinda de S. A., sem marcar tempo, nem modo, declarou a disposição d'ElRei; onde está aqui *o modo assustador, que causará grandes desordens?* Pode haver expressão mais sacrilega do que esta? Que quer isto dizer? Que quer este homem que nós por isto acreditemos? Nós os Portuguezes pacificos julgamos que elle virá ser o depositario da Soberania, e que he incapaz de exceder os limites desta Augusta Commissão, que a mesma authoridade, que exercita a Senhora Infanta Regente, elle exercitará. Manda-o ElRei Nosso Senhor; fraze que escandalisou muito compridas, e estiradas classes! A Carta o chama, e a Carta com a Lei fundamental he Lei invariavel. Esta determinação d'ElRei Nosso Senhor foi dictada pela mesma sabedoria, era o unico e verdadeiro modo, ou o unico meio de amalgamar os Partidos exacerbados, de conciliar todas as vontades dissidentes, de conduzir todos os extraviados ao caminho da união, e da verdade, de acabar tantas calamidades, tantas emigrações, tantos desastres, tantos escandalos; isto que eu digo he o mesmo sentir de grandes Personagens Diplomaticas, he a convicção geral da Europa, he a persuasão intima dos homens de bem, que verdadeiramente amão a Patria, adorão a Religião, querem a felicidade dos pacificos, que só devem possuir a Terra. O Senhor Infante D. Miguel, determinado Regente por Sua Magestade que

Deos guarde, por sua conducta, ou procedimento, para fallarmos mais em Portuguez, tem sido hum exemplar perfeitissimo de obediencia, como filho, como irmão, como vassallo; e por esta heroica virtude, não em theoria, mas na pratica, se tem feito a admiração do Mundo, as delicias, o respeito, e o amor de todos os Soberanos da Europa, e na Historia de todas as Nações não ha hum exemplo semelhante. O seu caracter não muda, ainda que mudem as circumstancias, he sempre o mesmo Infante D. Miguel: a sua indole he a mesma bondade, e esta está acrisolada, e aperfeiçoada pelas suas experiencias, viagens, instrucção, e communicação com as primeiras Cabeças do Mundo Politico. Nada mais pode querer do que a Lei, nada mais he capaz de executar do que a mesma Lei. Nunca me persuadi, que hum Ser tal podesse ter inimigos. A sua vista, as suas palavras, o seu tracto familiar, e público, são a mesma conciliação por excellencia. O que vemos em sua Augusta Irmã, nelle veremos, e experimentaremos. He hum só Genio celeste em ambos estes irmãos.

E que faz o *Imparcial* do Porto? Releve-me a Censura esta expressão, pela qual eu respondo; o que pode fazer quem diz que este annuncio assustador *causará grandes desordens*. Conselhos ao Ministerio he atrevimento, mas se se não manda calar isto..... Parece que quer isto dizer que vem ahi Gengiskan, que vem Saladino, ou Amurates 1.º com o Alfange na mão para fazer, (como diz Tacito de hum Tyranno) de Portugal huma solidão, e dizer que ha paz, quando não houver hum só individuo, que a goze. Que idéa quer este homem dar da vinda de hum Principe, que não he devida (como já com tanta formalidade se nos annunciou) a maquinações de Partidos, a discursos ôcos dos Periodiqueiros, ou ás decisões dos balcões-tribunaes, aos passeantes das Praças, aos gritadores de noite, aos entulhadores das avenidas, ou ante-camaras das Secretarias, mas sim á Soberana determinação d'ElRei, que o declarou Regente destes Reinos? *Causará grandes desordens!* Quem? Quem trará a paz, a união, a concordia, a indulgencia nas mãos, no coração, na vontade, e tão magnanimo, que dirá com mais grandeza d'alma, o que disse hum Duque de Orleans feito Rei de França, insinuando-se-lhe que se vingasse de seus antigos inimigos: — O Rei de França não se vinga das injurias feitas ao Duque de Orleans: — O Regente de Portugal não sabe vingar injurias feitas ao Infante D. Miguel. Isto verá o Mundo com assombro, isto

experimentará Portugal cheio de gloria, e consolação. E atreve-se hum Periodiqueiro escuro, e sem missão alguma, a indispôr a Nação inteira deste modo? Grandes criminosos se declarão estes, que desta arte dão a conhecer seus remorsos, e seus temores. Que vio Portugal na Regencia do Infante D. Pedro, na minoridade d'ElRei D. Affonso 5.º? Que vio Portugal na Regencia de outro Infante D. Pedro, no impedimento fisico e natural d'ElRei D. Affonso 6.º, identicos nomes em Monarcas, e em Regentes? Que vio Portugal nas Regencias das Rainhas D. Leonor, D. Catharina, e D. Luiza, e que vê Portugal na Regencia da Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria? O desejo da união, neutralisando paixões, e partidos; e daquella prosperidade da Nação, que he compativel com seu estado. O mesmo verá na Regencia de Sua Alteza, o Senhor Infante D. Miguel, e sem lhe ser preciso ir buscar os exemplos remotos, que acima apontei, terá diante de seus olhos o exemplo presente, e vivo. Destruamos huma illusão, que para isso peguei da penna, e a conservarei nos dedos.

He muito mal interpretado este desejo geral dos bons Portuguezes, que não deixa de pronunciar-se a cada momento, da vinda do Senhor Infante para este Reino. Enganão-se. Os máos, tanto o temem a elle, como temem o actual Governo, que leva a seu lado tanto a bondade, como a energia. Os que o tem desejado, não o desejão por descontentes, ou porque vejão o Ministerio corrupto, ou a justiça mal administrada, ou as rendas públicas dilapidadas; nada disto, que aos mal intencionados se representa, he o motivo dessa ancia, desse fervor, com que se tem desejado tão expressamente a vinda, annunciada já ministerialmente, de Sua Alteza o Senhor Infante. Deseja-se porque o innato amor dos Portuguezes bons aos seus Monarcas, e suas Augustas familias não lhes deixa supportar a sua longa ou dilatada ausencia. Estamos no mesmo caso muito proximo a nós: apenas no infausto dia de 29 de Novembro de 1807 sahio daqui Sua Magestade o Senhor D. João VI, em fim todos os penhores da Dynastia de Bragança, sabendo Portugal que Sua Magestade se ia salvar a si, a nós, o Reino, e talvez a Europa, desde aquelle momento não deixou de suspirar pela vinda, e apparecimento de seu Monarca. Não forão os bons Portuguezes os que contra elle se levantárão, e que querião sua ausencia eterna; os bons Portuguezes querião a sua vinda, e não supportavão tranquillos a sua separação. Este he o exemplo, e esta he

a prova. Quasi quatro annos de ausencia de hum seu filho, e em huma idade muito tenra, em Paizes estranhos, entre gentes não conhecidas, era bastante motivo para o ardente desejo da sua reversão. Este desejo em hum verdadeiro Portuguez he huma virtude, e nunca poderia ser hum crime. Querem, e sempre quizerão só a sua pessoa; na Europa não o tem senão a elle unico ramo varonil daquelle tronco; querem entre si hum Varão da Casa de Bragança, isto por impulso de amor, e não por espirito de partido, para ser o vinculo dos Portuguezes, e não para instrumento de vingança; não para satisfação de odio, mas para vertente de paz, e de união entre todos. Talvez que a primeira palavra, que se escute de sua bôca, seja esta — Paz. — Aos bons porque a merecem, aos máos para que mais o não sejão. Só os perversos, os contumazes, podem considerar o seu apparecimento debaixo de hum aspecto odioso: estes mesmos se enganão, ainda que atormentados pelo remorso, que lhes dilacera a consciencia.

De todas as atrocidades, que tenho visto ha quatorze mezes em Periodicos, onde se tem atacado toda a Nação, e da Nação o mais conspicuo, o mais respeitavel, e o mais necessario Corpo, que he o da Magistratura, tem sido nos mesmos Periodicos expressamente vilipendiado; nenhuma atrocidade me ferio, e espantou tanto, como esta unica frase do revolucionario *Imparcial — A vinda do Senhor Infante se annuncia de hum modo assustador.* — Isto não tem ambiguidade nenhuma. O Governo a fez annunciar; e quem se assusta? E porque se ha de assustar? Não ha senão dous que se devão seriamente assustar, se elle não viesse, como eu creio, com a clemencia até nos olhos, quanto mais nas palavras, e nas obras. O *Imparcial*, e mais ainda do que o *Imparcial* o revoltante *Velho Liberal do Douro.* A Besta esfolada vem de vagar, mas não tarda quem vem, e nella o rabo não he o peior para a operação; porque basta hum golpe, para levar de huma vez couro, e cabello. Com quantas invectivas a este Principe tem elles maculado as suas aceadas paginas? Senteceando como hum crime atroz o affecto, que os Portuguezes conservavão a hum Principe ausente, ludibriando-os com os mais vís sarcasmos, que se tem escutado no Mundo. *Infantistas, Silveiraticos*, etc.

Quem chegará a conciliar partidos, a amortisar facções, a fazer das vontades dos Portuguezes huma só vontade, para se conservar o Reino em perfeita união, e tranquilla paz, se ha es-

tes Periodicos constantes assopradores do incendio da discordia? Quem exalta os partidos senão elles? A huns com injurias, a outros com illusões, e corrompidissimas doutrinas? Insultão huns, e desmoralisão outros, escandalisão todos, e tem ainda em cima o descaramento de dizer, que vierão da Bahia aqui sem ninguem os chamar, porque ninguem conhecia taes Framengos á meia noite, para illustrarem a Nação, que se não queixava nem de trevas, nem de ignorancia; para explicarem a Carta, como se lhes competissem as glosas; e fazerem amar as novas Instituições Sociaes, que ninguem aborrecia, nem aborrece, porque tem huma fonte legitima, e não arquitectadas no Gabinete da Sucia grande, como lhe chamava o Astro, tambem boa rêz, e muito bom moço; e sem irem a Caneças para se lhes pôr o Grande Sello. Se ha partidos, os Periodicos os fizerão, e os levantárão, a huns, como digo, com injurias, a outros com o fanatismo revolucionario.

Tanto quer methafisicar o *Imparcial* para encapotar desaforos, que fica parvo, e nos arranca involuntariamente huma gargalhada. Os Censores no Porto vão estando animados do mesmo espirito dos Censores de Lisboa. O Lençol começou a apparecer aqui cheio de pontos, signal sensivel de que se lhe ia acabando a vitalidade; o *Imparcial* já tem apparecido ponteado, parece solfa, talvez já a do *Libera me* para se enterrar. Quer este homem attribuir ao Corcundismo os symptomas de Rebellião Democratica, que se descobrírão, e que se tem legalmente rectificado. São os Corcundas, são estes inimigos, *que fazem apparecer agora novos planos de huma conspiração Republicana. Não nos objectem que existem as peças justificativas quer provas reaes, a captura dos chefes, e sequazes, a apprehensão de papeis assignados, e reconhecidos.*

Eu fiquei horas com a bôca aberta ao lêr estas grandes palavras, e perguntei a alguns meus conhecidos, que por certo são a Torre do Tombo de tudo quanto ha feito, e por fazer, que me dissessem, já que tudo sabião, onde morava, e tinha o seu Escriptorio o Tabellião dos Conspiradores Republicanos, e que reconhecia as Actas das suas Sessões, e os nomes dos seu Preopinantes. Os Conspiradores procedem segundo as Leis, só faltou ao *Imparcial* dizer, que tambem queria os papeis tão legaes, que tivessem ido ao Sello, e que cada plano apprehendido tivesse em baixo a formula Tabelliôa que dissesse — Reconheço a letra, e signal supra ser de fulano e beltrano, pelo fazer na mi-

nha presença ; — receber os dous vintens, e calar-se. Não sei como não exigio mais o *Imparcial*, e vem a ser, que os mesmos Conspiradores, depois dos seus Papeis Sellados, e reconhecidos, elles mesmos os levassem á Policia, e os entregassem em mão propria ao Illustrissimo Senhor Intendente, e Desembargador do Paço. Então he que o *Imparcial*, que não crê de leve, acreditaria a existencia de conspiração, e conspiradores. Tanto se adelgaça este homem, que estoura, e se desfaz nestas simplicidades. *Papeis assignados, e reconhecidos!* Isto he estar zombando de homens com barbas na cara. Para se conhecer que ha partido conspirador he preciso que se apanhem papeis assignados, e reconhecidos!... Eu desafio o mesmo Miguel, que em lhe mandando apanhar, apanha tudo, e faz muito bem, porque he mandado, que apanhe hum papel destes assignado, e reconhecido, e que certo no emolumento da diligencia, que lhe ha de dar o *Imparcial*, lho vá entregar, para elle se persuadir então que existem planos, que, segundo elle diz, são obra de seis, ou sete corcundas malvados, que se põem a escrever *Proclamações*, *Pasquins*, e *Cartas anonymas*. Ah! Bom seria que, em lugar do Miguel lhe apanhar o papel, o apanhasse a elle! Tudo he mentira, diz elle, porque ainda se não prendeo hum Republicano, nem se apresentou hum papel assignado por elle, e reconhecido por hum Tabellião. Oh! Sancta simplicidade! Oh! Innocencia baptismal! Como escapou este innocente das mãos de Herodes? Por certo o deixou cá por esquecimento! Mas se elle esqueceo a Herodes, eu não lhe esqueci a elle, pois tambem elle me não esquece a mim. A pag. 422 do mesmo N.º vem o meu quinhão: falle o Texto, e ahi vai já o

> Texto. — " Dizem que forão prohibidos os Escriptos (as Car-
> " tas) do P. J. A. de Macedo; com effeito, ha muito — *se*
> " *devia prohibir se* — boa grammatica! — a publicação da-
> " quelles Escriptos, que tendião a perpetuar as rixas, avivar
> " os partidos, e descompor os homens probos: era hum ver-
> " dadeiro — *Bota-fogo.* "

Elle não descompõe ninguem, e chama-me *Bota-fogo*. Quem serão os homens probos, que eu descomponho? Hão de ser os sanctos innocentes, aquelles, que em lhe cheirando ao Miguel, ou o Miguel se chegue a elles para os comprimentar, e offerecer-lhes a sua companhia, se lembrão logo das maximas do Evange-

lho, e que Nosso Senhor perdoou na Cruz aos seus inimigos; e, quando elles tractão de crucificar os outros, então não ha Evangelho, e não ha perdão. Eis-aqui os homens, os homens probos, isto he, os revolucionarios negros, como se lhes chama na Hespanha, os conspiradores, os amotinadores, os Republicanos, e os Periodiqueiros embrulhadores, a quem eu descomponho, porque elles chamão descompostura á revelação, que tenho feito das suas turpitudes, e maldades. As Cartas continuão; foi o Senhor *Imparcial* enganado pelos seus correspondentes, que hão de ser outros que taes; depois de eu haver manifestado os males, que nos fizerão gemer, he justo que faça conhecer os bens, de que gozamos, para os sabermos corresponder. Mas os males são tantos, e aos quaes se deve dar prompto remedio, que eu não posso omittir a relação de alguns, para que chegue aos ouvidos da Authoridade Ecclesiastica. Já fallei na traducção da supposta Carta de Talleirand ao Papa, aqui feita por hum Doutor Lanzudo, dos da moda, e vendida na Loja de hum bom Liveiro na rua principal da Cidade N.º 199, e em sua privada Officina impressa, e talvez em segunda edição, e offerecida debaixo de capa por essas ruas, e arruamentos, com outro Livro ainda mais impio de Pigault le Brun, chamado o *Citador*. Passa o Sagrado Viatico, e fica na mesma Loja o Traductor Lanzudo com o chapeo na cabeça, convidando os outros para o mesmo com o mais descarado Atheismo. E isto não he augmentar, e exaltar o partido dos impios tão inimigos do Altar, como o são do Throno? Ora: as Cartas do Padre não são tão más, nem tão contrarias á manutenção da ordem, e da harmonia social. Senhor *Imparcial* isto he que aviva partidos, e não as Cartas; isto he o que corrompe a Nação, derrama o veneno; mas as Cartas procurarão preparar-lhe a triaga.

Outra praga, meu amigo, outra praga, os Prégadores! Quem esperaria isto? Taes Prégadores, para vergonha da Religião, e escandalo dos Fieis, são os atiçadores dos partidos. Queixão-se dos Corcundas, dos Apostolicos, que são inimigos da Carta? Ainda não praticárão huma só acção no meio desta Capital, que dê a conhecer a sua opposição á Carta. Não gritão pela rua pela Carta, mas nem na rua, nem em casa gritárão jámais, ou fallárão contra a Carta. Ora: que nas ruas haja imprecações, e maldições contra elles, porque nas ruas ha arruamentos, e nos arruamentos ha individuos, que por ser o dia 29 de Setembro se enlutárão, isso não admira, porque he vulgar; mas que dentro

do Templo, com o Senhor exposto, festejando-se o Mysterio da Conceição, hum Prégador de burel, e corda grossa peça a Nossa Senhora que interceda com seu Bemdito Filho que perdôe aos peccadores, mas que de sorte nenhuma perdôe aos Corcundas, isto parece impossivel: pois foi real, e verdadeiro na Igreja de Sancto Antonio da Sé; todos os que lá estavão o ouvírão clara, e distinctamente. — Perdão para todos, mas não para os Corcundas! Oh desgraçados Corcundas, que não quer o penitente Religioso Prégador, mas valente como as armas, ou diante de hum touro, e com a espada na mão arremettendo a huma columna de Francezes, que Deos lhe perdôe os seus peccados, e que só por Corcundas os condemne ao fogo eterno!.. Dizem-me que até o Festeiro, que seria capaz de se assignar Pascoal Liberal Constitucional, chrismando-se primeiro para se chamar Pascoal, só para fazer consoante com liberal constitucional, não gostára da súpplica do Reverendo Padre, e talvez se resolvesse a maquiar-lhe a esmola. Os Corcundas, só pelo que lhes foi dicto, e gritado do Pulpito abaixo, vão vestidos e calçados para o Ceo. E quem aviva os partidos, Senhor Imparcial? V. m., os Periodiqueiros seus confrades, e alguns Prégadores. Estes taes poucos Prégadores fazem chorar os Corcundas, e os fazem rir. Chorão com as injúrias, que lhes dizem, e riem com as satisfações, que os mesmos poucos Prégadores lhes dão passados poucos tempos. Taes Prégadores, que vão prégar para hum oiteiro, e os Corcundas que vão para a Sé rogar á Senhora que ponha tudo em bem, pedindo no fim tres Ave Marias. Disse.

E a Deos até á semana. Amigo certo

Forno do Tijolo 1 de Outubro de 1827.

J. A. D. M.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença.

CARTA 26.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

MEu amigo, a confederação Periodical tem hum plano uniforme, as mesmas Leis, os mesmos fins, a mesma bitóla, e o mesmo aranzel, por que se governa, e dirige. Fallem todos ao mesmo tempo, fallem vinte, falle hum só, o plano geral he o mesmo: o seu estilo, ou o seu palavreado he perfeitamente semelhante, e podemos dizer, porque o vemos, que he huma fraze de convenção. Morre hum Periodico? Nenhuma falta faz, cá estão os outros irmãos. São como aquella arvore dourada, que Virgilio pinta no Inferno; apenas se lhe cortava, ou arrancava hum ramo, em seu lugar rompia, e brotava o outro, que conservava sempre a arvore na sua integridade, e formosura. Morreo o *Portuguez?* Deos lhe perdoe, bons Burros deo por cá ao dizimo! Esbravejárão á sua vontade, até que lhes chegou, como merecião, o seu S. Martinho. O Reino sepultado em trevas, por elle vio a luz; nunca se vio hum grupo de homens assim! Estavão vencidos, como disse o mesmo Virgilio, pelo amor da Patria, e estavão possuidos da immensa cobiça de louvores daquelles homens, a quem elles chamavão — *probos* —, e que V. m., e eu tão bem conhecemos: morrêrão estes bons esteios dos Thronos, e apagárão-se estes luzentes archotes da moral, e da politica; não era justo que os Portuguezes tornassem outra vez para o estado de embrutecimento, e de ignorancia, de que tinhão sahido. Portugal era todo trevas até ao momento, em que rompeo esta luz, e depois de sete Seculos de desgraças se lhe aproximou o instante da ventura. O mesmo Portugal conheceo em fim que era huma Nação, e que entrava, pelos esforços daquelles Barões, na linha, ou na fileira, em que estão os Povos postos pelos Periodiqueiros. Portugal tinha huma Lei, mas ninguem lha tinha explicado antes de trabalharem as pennas dos do *Portuguez*; era o mesmo que se a não tivesse. A Lei he dada pelos Governantes, os Governados a recebem, e com ella se dirigem, e governão; mas nem os Governantes, nem os Governados sabião o que erão; e se os do Portuguez não apparecessem com o seu Artigo — *Os Go-*

vernantes, *e os Governados* — nem huns, nem outros sahião do cáhos da sua ignorancia. Foi com effeito lastimosa a perda deste thesouro de luzes; Portugal perdeo muito, mas não perdeo tudo: se os do *Portuguez* existem no retiro do Sabio, e fora da balburdia, reboliço, e estrepito do Mundo sempre inquieto, e descontente, se elles não vêm perturbado, ou rompido o silenclo do Meditador senão alli pela volta do meio dia, e oito da noite, quando com hum ferrinho se tocão os outros ferros para saber se estão de perfeita saude, cá temos, e possuimos, por ora, ainda livre do incommodo do ferrinho, que interrompa seu filosofico silencio, o *Imparcial*, que animado pelo mesmo, ou ainda mais fino amor da Patria, continúa a fazer o mesmo bem aos Portuguezes, que os do Portuguez fazião. Arranca-se hum ramo aureo da arvore frondosa Periodical, nasce, e se renova logo outro, que produza os mesmos fructos, porque a cultura, amanhos, e adubios são os mesmos. Ora: este homem animado de hum zelo heroico, como hum Golias, quer elle só combater em campo, quer mandar fazer alto aos esquadrões dos Filisteos, quer elle só armado de aço, e ferro sustentar a gloria da Nação, quer elle só conservar nas mãos a lanterna das luzes. Para que estou eu perdendo tempo com imagens, e figuras, quando elle, que he a mesma verdade, e que quiz deixar a Bahia para vir acudir a este Reino, que ia a terra, por si falla, e com tanta clareza se annuncia? Ora: venha elle, e ahi está com o seu N.º 89, pag. 424, e elle mesmo me offerece o seguinte

" Texto. — " *Necessita o Governo dos Periodicos de boa*
" *fé*, *como o Imparcial*, que, desde o seu principio, nun-
" ca se desvairou para outra doutrina, que sustentem a opi-
" nião pública o que facilmente conseguem, porque estão
" ao alcance de todo o Mundo, mas neste caso he neces-
" sario tirar-lhes os obstaculos, que actualmente os oppri-
" mem por meio da Censura, a qual só deve ser mui se-
" vera para os *Trombetas*, *Correio do Porto*, *Padre Ma-*
" *cedo*, etc.

Eu não sei o que isto seja, se isto não he estar fazendo zombaria do genero humano! Pois o Governo necessita de Periodicos? O Governo mantem a ordem, faz observar a Lei, dirige com muita sabedoria, e prudencia o leme da Náo do Estado, e podemos dizer que faz milagres no estado de atenuação, em que os inimigos externos, e internos; e no numero destes os que aqui vierão, e vem como formigas aqui introduzir-se para maquinarem, e sobre as ruinas

de todos os Bourbons da Terra levantarem o fantasma Republicano (isto não são sonhos, isto são verdades, que irão apparecendo em toda a sua luz, porque na exposição destes males mais ressaltarão, e se reconhecerão os bens, que recebemos do actual Governo) elle vigia de continuo, e o seu primeiro voto he a salvação de Portugal, e nada mais de novo se póde esperar em materias de medidas promptas, vigorosas, e efficazes do que temos visto adoptar, e pôr em obra. E para isto necessita acaso o Governo de *Periodicos de boa fé como o Imparcial?* Eu bem sei que se não devem dar bofetadas em o nosso proximo; mas quando chegamos a ler isto, e annunciado com tanta frescura.....ao menos tenhamos o desafogo de dizer — Ora isto só com huma mão de ferro.....são bons desejos, e nem tudo se mette em obra, mas os bons desejos tambem se agradecem. Pois o Governo com sua actividade, prudencia, e sabedoria, tem precisão de ser coadjuvado por Periodiqueiros, que fixem o que ainda não tem hum sentido fixo, e que se diz a opinião pública? O Governo entende muito bem o que todos estes Senhores querem significar com a frazinha — *opinião publica* —; e para isto são muito azados os Periodicos, que temos visto. Correm estes mais rapidos que a peste, mais ligeiros que hum pé de vento, ou que hum ramo de estupor: as classes, e as por classificar vão aos Periodicos com mais ancia, e sofreguidão, com que algum dia em Portugal se corria para a Missa das Almas, quando se dizia, que já tinhão tocado a segunda vez. Os Patrões mandão os Caixeiros; e, se os Caixeiros tardão, vão elles mesmos; em fim, como hum toque electrico n'hum só momento a baixa, e tambem a alta, estão cheias de Periodicos.. He bem digno espectaculo do Filosofo pensador, vêr sete, oito, vinte ruas de lojas abertas, e todas no silencio dos tumulos, não ha freguezes, não ha que pezar, não ha que medir, ha só que soletrar, e gaguejar; mas a postura curva, em que se estava, muda-se em recta, quando se chega ao artigo, que vem preparado para se fixar a *opinião pública* sobre as tramas do costume; grita-se de porta para porta, o borborinho se faz epidemico, cruzão-se as passagens, encontrão-se os de cá com os que vem de lá: o parecer de Braz Massarellos he como o parecer de Andre Mondin, a cousa agrada, o artigo fica com a sancção da baixa, e da alta; isto he, de manhã, e de tarde, nos melhores *Circos* do Rocio, do Terreiro do Paço, do Caes Politico, ou Sodré, o projecto he approvado; e de noite nos Gabinetes do Grande Occidente se declara que se fixara final-

mente a *opinião pública*, e que toda a baixa diz em pezo que o Ministro tal não goza da *opinião pública*, que he preciso demittir o Ministro, e o Funccionario tal, porque não tem a *opinião pública* a seu favor. Assim se faz a opinião pública, termo desconhecido a nossos avós, que em nenhum acto, em nenhum escripto se encontra até á época das revoluções Maçonicas; e saiba todo Portugal que esta palavra *opinião pública* he a mais forte alavanca dos revolucionarios. He hum papão, com que começão a assustar os Soberanos, para lhes enfraquecer a authoridade, e pouco a pouco solapar-lhe o alicerce do Throno, porque como com este termo tambem querem fazer significar a expressão, ou pronunciação da vontade geral da Nação, começão a dar hum pezo immenso ao que não he mais que a irreflectida vozeria da Caixeirada, e da Patrãozada, excitada pelo artiguinho do Periodico posto ácinte, e muito de proposito para produzir este effeito; e lembrem-se todos que, desde que rompeo o vendaval Periodiqueiro, nenhum destes gafanhotos, que sahírão do poço do abysmo para turvar os ares, alto, e malo, tem deixado de vir com hum discursosinho sobre a *opinião pública*. Aqui se nos empurrou na Gazeta do Camisola (que era hum bom Patriota, foi pena morrer á nascença!) hum discurso sobre *opinião pública*, em que sem ceremonia nenhuma se nos annunciava que os Soberanos devem obedecer á *opinião pública*, e esta grande máquina forma-se como digo. Não haja Periodicos ver-se-ha desde logo, que nem a baixa, nem a alta se intromette com os actos do Governo, nem põe Reis, e tira Reis, faz Ministros, e desmancha Ministros. A geral mania politica, que he causa de todos os transtornos, e inquietações, que soffremos, e que tantas cabeças escalda, que devião cuidar em suas compras, e vendas, e no estudo dos grandes, e profundos Tractados de Commercio, que todos elles não dizem, nem ensinão mais do que isto — comprar por menos, e vender por mais, e *vice versa* nos Senhores Cambistas — comprar por mais, e vender por menos, nasce dos Periodicos. São os orgãos dos revolucionarios, e em suas mãos os instrumentos mais poderosos para pôr em movimento a massa dos Povos, fazendo nelles nascer a desconfiança, e o descontentamento, para acharem estes corpos dispostos quando se marca o instante da rebellião. Cotejem-se humas épocas com outras, e ver-se-ha que desde este, que se chama derramamento de luzes pelos canaes periodiqueiros, se começou a sentir este espirito de vertigem revolucionaria,

que de tantos estragos tem alastrado a terra, e mais, em razão da sua pequenhez, este infeliz Reino de Portugal. Mil vezes tenho lastimado a nossa sorte; e, olhando com alguma reflexão para o nosso estado, nada tem pungido mais o meu coração que ouvir as ameaças de huns homens a outros homens — *olhe que o ponho n'hum Periodico! Olhe que V. m. vai á Borboleta, ao Sol, ao Portuguez, ao Imparcial!...* Gemi de indignação ao vêr hum Periodico chamado *Espreitador* apostado unicamente a enxovalhar, e malquistar o Corpo mais respeitavel da Nação, que he a alta Magistratura. Hum mentecapto, mas com huma habilidade rarissima de annexar ao seu Casal Capellas, e Predios só com duas palavras honradas, prometter hum Periodico, que fosse dando ao respeitavel Publico chronologicamente todas as Sentenças proferidas nos altos Tribunaes, como hum Portacollo da Relação, e do Desembargo, só com o fim de malquistar, e vilipendiar a Toga, e indispôr o Povo contra a administração da Justiça. O revoltoso *Imparcial*, como hum dos orgãos mais escolhidos, sabe muito bem estas cousas, e por isso inculca os Periodicos, para sustentaculos do Governo, porque os Periodicos, diz elle, — *fixão a opinião pública*, daquella maneira, que já indiquei, e para o que a Veneranda os tem propagado, e multiplicado tanto. Não procedamos sem texto, porque eu não costumo açoutar o vento; falla da opinião pública, e diz:

" O que facilmente conseguem, porque estão (os Pe-
" riodicos) ao alcance de todo o Mundo. "

Sim, se os contagios se não universalisassem, não haveria tanta mortandade. Perca-se na Empreza no sentido pecuniario, com tanto que se ganhe na Empreza na propagação das doutrinas revolucionarias, e se fixe a dicta opinião pública para a cooperação da ultima balisa dos revolucionarios, que he o Republicanismo, porque bem examinados todos os Periodicos, e entre elles hum, que he o delirante *Velho Liberal do Douro*, como se verá na desejada, e quasi prompta, porque eu não tenho quatro mãos, *Besta esfolada*, conhecer-se-ha que não tem outro scopo, alvo, senão indispôr os Povos contra os Governos estabelecidos, promover sedições, e empurrar tudo á carga cerrada aos que elles chamão Corcundas, sem hum só accender, não digo eu hum archote, mas nem huma véla de sebo, sem hum só ter posto ainda, como tal, huma Aposentadoria no Limoeiro. *Ao alcance de todo o Mundo* — sim, vendidos a dez réis, e a vintem, che-

gão até aos Aguadeiros da Bica do Çapato; a curiosidade he muita, o preço baixo, e não ha hum só esmurrador dos candieiros, que não tenha querido saber onde se acampe, e onde manobre o exercito grande do Cachapuz, e as columnas volantes do Viuvinho; mas de caminho saibão os Aguadeiros, e os esmurradores que, por taes doutrinas, o Governo Democratico he a flôr, e o beijinho da farinha de todos os Governos que ha, ou pode haver no Mundo. Esta teima vai por diante, os symptomas são visiveis por toda a parte, os Thronos estão convulsos, a malicia revolucionaria chegou ao ultimo auge. Diz a Escriptura que o Anjo das trevas se costuma mil vezes fingir Anjo de luz. Estes senhores da luz, que na verdade são das trevas, tambem se sabem transfigurar: como Republicanos, que são n'alma, não se podem compaginar, ou organisar em corpos grandes, e fortes, porque sabem que o primeiro que, como tal, levantasse o grito, seria o primeiro, que fizesse ouvir hum guincho surdo apertado com o cordel. Pois então finjamo-nos Anjos de luzes, ainda que sejamos huns vivos Diabos das trevas. Gritemos — Somos Realistas, e mais ainda que Ultra-Realistas; oh! nossos carissimos irmãos Realistas, juntemo-nos todos, vamos salvar o nosso Rei, que está coacto, vamos salvar a nossa generosa Nação, que está ameaçada da ultima ruina pelos demagogos, e revolucionarios.

Não he da competencia de hum particular intrometter-se na marcha politica dos successos actuaes, o Governo não dorme, e não posterga os seus deveres; mas se he licito, e permittido arriscar algumas conjecturas, o estado da Catalunha me dá muito em que entender. Tanto Carlista, e Carlos o mais quieto dos homens ao lado de seu Augusto irmão! Tanta coacção, e S. M. Catholica o Senhor D. Fernando VII tão Livre! Tantas Bandeiras com a effigie de Nossa Senhora, e tantas Povoações saqueadas, e demolidas! Que he isto? Que titulos são estes, para se armar tanta gente? Me mélem se aqui não andão Pedreiros, ou Negros, como por lá lhe chamão: se aqui não andão Anjos das trevas transformados em Anjos de luz!! Em quanto não podem ser muitos, vamos livrar da coacção em que não está o nosso adorado Monarca! Depois de nos ajuntarmos, e armarmos todos, então já não seremos Carlistas, nem Realistas, nosso Mestre Adonirão nos dirá o que devemos ser, Republicanos. Estas mesmas conjecturas, que eu arrisco, tem seu fundamento no mesmo *Imparcial*, e não me engano, porque aqui está o Texto, pag. 424:

„ Visivelmente se conhece que aquelle malfadado Rei-
„ no (a Hespanha) se acha em guerra civil, promovida por
„ fanaticos ambiciosos, e não pelos Demagogos Constitu-
„ cionaes de 1820. —

Já se sabe o que estes Senhores entendem pela palavra — *Fanaticos* — os Clerigos, os Frades, os homem de bem, os puros, e incontaminados Realistas, e tudo o que ama o Rei, e teme a Deos, e que a eito, e a esmo se chama Corcunda. Esta gente o que quer he rezar pelas suas contas, estar quieta, confiar na Providencia, obedecer á Lei: esta gente não conspira, e parecendo assim gente de pouco mais ou menos, não he gente tolla, e alto lá que se mo chamarem, desconfio, e deveras; sabe muito bem quando o Rei está coacto, e não está coacto, e nada tem que ganhar em guerra civil. O que Deos quizer, dizem elles; são assim por modo de Sebastianistas, gente descançada, e entrevada: morre ElRei D. Sebastião na Africa a 4 de Agosto de 1578 (e fallando agora com elles sempre lhes digo, que isto que acabo de dizer a respeito de morte, he graça; pois elle podia lá morrer?) Morre o Rei, e deixão ahi estar os Filippes sessenta annos, sem bolirem nem com pés, nem com mãos; esperando que chegasse o homem, que estava na Ilha, que ninguem vio, que chegou a Veneza, que chegou ao Cairo, que foi a Jerusalem buscar humas contas, que vem por Hespanha, que passou por Setubal, fallou a hum Barbeiro, que indo o Barbeiro atraz delle para lhe pedir hum Officio na Repartição do sal, ou da sardinha, se lhe somira de tal sorte por huma travessa, que nunca mais lhe pozera a vista em cima; e assim deixárão passar sessenta annos sem tugir, nem mugir. Eis-aqui os Corcundas sem tirar nem pôr, que são os Fanaticos, de que estes Senhores nos fallão. Não formão conspirações, disto não se pode produzir hum só argumento, huma só prova. Destes Fanaticos nem hum só tem sido enforcado. E porque tem os illuminados dado tanto que fazer ao Mestre Carrasco? Por certo não he por ouvirem Missa aos dias de semana, que isso fazem os Fanaticos, ou Corcundas. São enforcados por conspiradores, que não cessão, não desistem; se não lhes vingão as tentativas reiteradas no proprio Reino, fogem para Reinos estranhos, armão Juntas directivas, levantão hum General vagabundo, e vão apparecendo á formiga magotes de farrapões, que olhados pelo lado da humanidade são objectos de compaixão, pois parecem tirados das Enxovias, cobertos até com boca-

dos de esteiras velhas, para engrossarem hum corpo de Milhafres, e abrindo-se-lhes por aqui hum boraco por onde todos juntos, e outros de cá, se possão esgueirar para o paiz natal. Ah! paiz que produzio só hum Quichote, e agora apparecem tantos! Hum quiz reparar os aggravos feitos a Donzellas encantadas, encastelladas, defendidas por Gigantes, e servidas por Anões; estes Quichotes esfarrapados, sem huma carapuça ao menos, como o outro trazia a bacia do Barbeiro como o elmo de Mambrino, querem reparar os aggravos, que o absolutismo tem feito aos Direitos do Cidadão, e isto á força, por mais que os Cidadãos não queirão estes desaggravadores, que, em lugar de tirarem das mãos dos aggravados as cadêas do servilismo, tirão-lhes das algibeiras, que he o que elles querem, quantos vintens alli achão. Quanto os grandes sabios, e Escriptores da veneranda Irmandade tem eloquentemente ralhado da teima dos cruzados do Seculo 11.º e 12.º que ião de todos os angulos da Europa precipitar-se sobre a Asia menor, e sobre a Syria, e Palestina, para livrarem das mãos dos infieis os lugares sanctificados com a presença do Redemptor, dizendo que era huma solemne mania semelhante restauração da Terra Santa! E que diremos nós desta impia associação, que não tem por insiguia a Cruz de J. C. mas a insignia do Diabo, para minarem por toda a parte as bases do Throno, e os alicerces do Altar? Isto he que se chama rematada, e furiosa mania, quererem assolar os Povos, e lançar-lhes grilhões para os fazerem livres á força, e muito contra sua vontade, e fazendo esta guerra devastadora aos corpos, e ás almas dos outros homens, dizem elles, pelo seu orgão, que são os Fanaticos, isto he, os Corcundas, os que promovem, e ateão a guerra civil. Eu não posso resolver de outra maneira o intricado problema das alterações, e commoções da Catalunha. Não duvido que esses, a quem chamão Carlistas, tragão Nossa Senhora pintada nas Bandeiras, e cada hum delles seu Rozario ao pescoço: ora dispão estes Cavalheiros Carlistas, talvez lhe achem entre o couro, e a camisa, huma Trolhinha de prata, e huma Mitrinha de páo do ar, ou Tartaruga do Alemtejo, para chamarem pelo Deos de Adonirão, ou como elles dizem, o Arquitecto das Estrellas, e então se verá, se os revolucionarios são os Fanaticos, ou os Demagogos, ou Democratas de 1820.

Temos visto, meu amigo, quem sejão os que fixão a *opinião pública*, como esta se promova, e quem sejão os que a formão. O melhor ainda está por dizer, porque estes as-

sopradores Periodiqueiros andão cegos até tal ponto que, tapando-se todos, sempre deixão as orelhas de fora para se conhecerem. Quer o *Imparcial* que hajão Periodicos de tão boa fé como elle os faz, porque hum homem destes não espera pelo voto dos mais, e não deixa o seu credito em mãos alhêas, para que estes Periodicos sirvão de espeques ao Governo, que se não pode conservar sem a *opinião pública*, visto ser esta *opinião pública* formada pelos Periodicos: quer para estes huma graça especial, hum privilegio singularissimo; elle o diz tão claramente que he preciso o Texto escarnado, pois aqui está o Texto esfolado.

Texto. „Mas neste caso he necessario tirar-lhes os obs„taculos, que actualmente os opprime, pelo meio da Cen„sura; a qual *só deve ser muito severa para os Trombetas,* „*Correio do Porto, e Padre Macedo* ....

Eu lhe fico muito obrigado pela parte que me toca, e não he preciso que V. m. o recomende. Mas advirta V. m., em quanto lhe não vou a casa, que estas Cartas não são Periodicos, posso escrever, posso não escrever, não tenho assignantes, podem apparecer quando quizerem, podem não apparecer; e parece hum milagre, que a minha enfermidade me deixe escrever huma, ou outra, até que diga de huma vez, não quero que escrevas mais: em huma palavra, isto não são Periodicos, e não me metta nesse rol; com os meus Leitores sempre as contas estão feitas. Quer V. m. Censura para os outros, e liberdade para si; eu não sei se isto he orgulho, se he tolice. Quer V. m. livrar-se dós obstaculos da Censura, que o opprime, para ficar muito á sua vontade, e escarapetear como quizer. Liberdade de mais tem V. m. tido. V. m. não desafiou já todos os Potentados da Europa? Fez V. m. de Buonaparte, declarou guerra ao globo. Russia, Prussia, Austria, França, Hespanha, tudo foi citado perante o seu Tribunal! E esta Rodomontada ha de algum dia coroar os meus trabalhos sobre V. m. Chamou-me *Aretino*, porque derramo o fel da satyra sobre Esganarelos, e malignos; nós temos muito que fallar a este respeito, V. m cahio em boas mãos, eu chamarei a V. m. Capaneo, hum dos sete Capitães que forão escalar Thebas; este Capaneo provocava os Deoses todos a singular certame, e se o raio que o abrazou, o não acaba tão depressa,

Podia merecer segundo raio,

como diz Estacio, porque o tal Capaneo não se calava; assim he V. m. que nunca se cala, ainda que o escalem. Esta sua requisitoria de isenção da Censura, assaz o pinta querendo hum Deos para si, e hum Diabo para os mais. Isto he hum brado, que eu accrescento aos outros, que tenho dado á Nação para a salvar do abysmo de males, de illusões, e de enganos, em que os Periodiqueiros a tinhão posto. Com a isenção da Censura no Senhor *Imparcial do Porto* tinhão logo *os devotos* hum plano de huma Republica tão perfeita como a de Platão, e, para não profanar o nome de Platão, teria huma corja de mentiras, de imposturas, que porião tudo em fermentação, azedarião ainda mais os partidos, e porião pela rua da amargura os que elle tantas vezes tem injuriado, e chamado *Infantistas*, juntamente com o seu collega cá, e lá, na Bahia, e Porto, o *Velho Liberal do Douro*; a estas trombetinhas se deve a rebellião, o desasocego, e o desgosto. Ainda este homem continúa a enredar os Povos, e a semear discordias. Venha mais texto, nada de proposições gratuitas, ahi vai.

> Texto. » Tomando por alvo o Senhor D. Pedro IV e a
> » Carta, que elle se dignou dar-nos. Se divergirmos deste
> » ponto, abriremos a brecha para o incendio do Reino
> » visinho penetrar entre nós. »

Sim senhor, sim senhor, porque nós divergimos deste ponto he porque se tem passado para cá a Feira da Ladra. Pedro Grande não achou mais pobres pelos palheiros, do que nós temos visto vir para cá em caravana; parece-me destes Jogues do Indostão, que não professão camisa, e ainda mais magros, e lazarentos do que elles; verdade seja que, assim entrárão os bravos de Marengo com o Duque de Abrantes, mas logo engordárão, e apparecêrão tão guapos com camisolas de panno brim, feitas pelas mulheres da Praça, que lhes estavão a matar. Os Corcundas que divergírão do ponto, que he o Senhor D. Pedro IV e a Carta, forão os que os chamárão para cá, os que abrírão a brecha para penetrar o incendio do Reino visinho! Forão, e são chamados pelos que mais dizem, que se unem ao ponto do Senhor D. Pedro IV e da Carta: são estes os que abrírão a brecha, para aqui se atear o incendio, que ameaça devorar a Hespanha. Se elles nos querião acudir por parte de visinhança, porque não apagárão de lá o incendio? Era escusado para o atalhar passar-se para a banda de cá. Forão chamados para cá, para

assoprarem o incendio Democratico, cá, e depois lá. Se esta infernal maquinação fosse adiante, se a vigilancia do Ministerio não tivesse acudido, por mais que quizessemos abraçar o conselho do *Imparcial* pegando-nos ao ponto do Senhor D. Pedro IV, e ao ponto da Carta, os nossos amigos, que são os chamadores de tantos chamados, que não querem nem Carta, nem D. Pedro IV, nos arrancarião destes dous asilos sagrados, para nos pendurarem, já que nós os não penduramos, ou ao menos enxotamos, porque hospedes, que não trazem de comer, são pouco de aturar. Estes mysterios de iniquidade ficão para mais de vagar, e Portugal, e a Europa conhecerá o que se lhes preparava.

Recebo, meu amigo, o presente que me envia do N.º 90 do *Imparcial* de 29 de Setembro; já tinha algumas idéas deste precioso documento, e apenas lhe puz os olhos, mesmo de passagem, vi logo hum ataque directo ao Governo da Serenissima Senhora Infanta Regente. Falla da vinda do Senhor Infante D. Miguel, e diz assim o

Texto. — „ *Vem governar Portugal como Regente* ....
„ *e fazer pôr em andamento a Carta Constitucional.* „

Pois a Senhora Regente conserva a Carta parada? Por ventura não tem ella mandado executar tudo o que a mesma Carta manda que se execute? Se nos cinco mezes lhe tivessem apresentado Leis regulamentares, deixaria de lhe dar a sua Sancção? Pode haver maior injuria? Publicar a Carta, fazer jurar a Carta, organisar as Camaras, governar pela Carta, he ter a Carta parada, isto he, sem andamento? Eis-aqui como se illude a Nação, fazendo odioso o Governo de S. A. S. a Senhora Regente. Mandou-se o Barão de Renduffe para Bruxellas, isto não era conforme as vistas politicas do *Imparcial*, e pega no Barão de Renduffe, e manda-o para París; isto he expresso no

Texto. — " O Conde de Parati vai como addido á Em-
" baixada para Roma, e o Barão de Renduffe para *Pa-*
" *rís* — „

Ora: que faça muito boa jornada! — Novidades deste sitio, as mesmas; o Fantasma do bambú nodoso, chapéo de calafate, com huma prôa mais levantada, que a da Fragata Amazona, vai continuando com o mesmo fervor nas suas tarefas politicas. Sempre ha almas bemfazejas, especialmen-

te para com as Senhoras! O Conde Francisco Algaroti escreveo *O Newtonianismo para as Senhoras;* e a estas explica aquelle intricado systema, no qual as bólas, que se chamão Astros, andão sempre a puchar huns pelos outros, huns puchão para dentro, outros puchão para fóra, e andão todos á roda. Este illustrador tambem embirrou com as Senhoras, não as deixa; e se lhes não explica o systema da Attracção, porque em fim elle está attrahido dos seus encantos, explica-lhes cousa mais essencial, o Constitucionalismo. Não larga a Folhinha na Tabella das marés pela sobida da agua, sabe o momento dos banhos, então he a hora das explicações; por decencia, e honestidade, em algumas barracas explica de fóra, julga-se que he no momento de se enxugarem, e tomarem seus vestidos, e esses chapéos de Frialeira, feitos de palha. Lê primeiro hum Artigo da Carta, e depois explica pelo *Periodico dos Pobres*, ajuntão-se-lhe muitos rapazes; mas elle com o bordão enxota estes profanos. Outro dia se vírão aqui duas Irmãs da Caridade, andando muito depressa, ião fugindo delle, que lhes queria embutir, e explicar o Artigo da Carta sobre o domicilio do Cidadão, afeando muito a insolencia, ou diligencia do Miguel, que péga como grude, roçando-se pelas portas de varios Cidadãos, e Deos o tem ajudado; dizem aqui que este zelador feminil he natural da Teixeira, que he huma terra nas abas da Serra do Marão; mas isto não faz ao caso; o Ceo lhe conserve o mesmo zelo, e a V. m. a saude, que não tem

Seu amigo *J. A. D. M.*

Forno do Tijolo 4 de Outubro de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença da Commissão de Censura.

CARTA 27.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

MEu amigo, no desgraçado, e ferreo tempo do servilismo, absolutismo, e despotismo, e mesmo naquelles infaustos dias, em que a carqueja, e o alcatrão tanto abrilhantavão o desconhecido Campo da Lã, onde hoje se levanta o pomposo edificio do Terreiro, com paz, e quietação, honra, e vergonha se atravessavão, e corrião as estreitas, tortas, e enlameadas ruas de Lisboa. De hum Corcunda fysico somente se rião os rapazes, chamando-lhe Golfinho por terra. Os amigos da humanidade, estes homens votados ao beneficio público, e á felicidade das Nações, descidos do Ceo, nos apparecêrão em 1820 para nos tirarem do monturo, em que estavamos, sermos illuminados, formarmos huma Nação como as outras Nações, cousa que nunca tinhamos sido, nem tal lembrou *Nunca* aos Portuguezes, porque não tinhamos hum palmo de terreno de dominação, senão quanto vai daqui até Macáo, com mais huma courella de terra, dalli até ao Japão. Neste instante, em que os taes homens celestes nos levavão a este cumulo de gloria, não sahio de sua casa hum só homem honrado, que não fosse investido, insultado, e vilipendiado pelos taes Illustradores, ou Regeneradores, ou por seus discipulos, sequazes, e companheiros. Donde nasce, ou donde veio este prodigio, me tenho eu mil vezes perguntado a mim mesmo? Por mais que medite sobre este fenomeno espantoso, não tenho podido atinar com outro motivo, que não seja a corrupção moral vinda pelo desprezo de todos os principios Religiosos, que forão sempre a base de toda a gloria, grandeza, e representação dos antigos Portuguezes. O fim dos nossos, e dos outros Regeneradores, foi, e he sempre o infernal intento de acabarem na terra com o Christianismo, porque em se soltando o freio, ou arremeçando o jugo da Religião, estão esquecidos, e desprezados, desde logo, todos os principios até da Moral natural, da civilidade, da honra, e da cortezia. Para se conseguir este fim he necessario corromper de antemão os corações, anuviar os entendimentos, e levantar a mentira sobre as ruinas da verdade. E que esforços não tem feito para isto a enganada

Filosofia das cavernas ha sete annos até este momento! Pelos muitos Documentos, que se me tem apresentado, vejo agora que estavamos inundados de Impressos impios, e sediciosos, que a desenfreada liberdade da imprensa vomitára neste Reino desde o momento, em que os caritativos bemfeitores dos homens, sem ninguem os convidar, começárão a cuidar na obra celestial da nossa Regeneração. Não he a espada, he a penna quem nos tem feito a mais exterminadora, e cruenta guerra; he preciso que iguaes armas combatão estes inimigos. Combater pelos Portuguezes, he combater por todos os Povos Catholicos, porque a todos se faz a mesma guerra, e contra todos se combate com as mesmas armas. O maior interesse dos Thronos he a conservação da Religião Catholica. He huma Religião para o coração, para o entendimento, e para a vontade: para o coração pela santidade, e pureza da sua moral, regulando de tal maneira os costumes, que não só reprova os actos externos, quando são peccaminosos, mas até os mesmos pensamentos, quando são contrarios á lei, ainda que se não manifestem com sinal algum sensivel: para o entendimento, sujeitando-o suavemente á crença dos Mysterios, e Dogmas, reconhecendo nelles o braço do Omnipotente para o adorar; para a vontade, dispondo-a, e sujeitando-a ao jugo da Lei, e ensinando-a a obedecer aos homens, isto he, aos Superiores, ás Potestades, e aos Soberanos, cujo poder, e authoridade vem de Deos. Por isto vemos que a Religião Catholica he o mais seguro esteio da ordem civil, e politica, e a base mais firme da humana Sociedade. Não lhe pareça, meu Amigo, que este discurso, que he huma especie de Tractado Theologico, e Politico, seja alheio do andamento ordinario destas Cartas, de que se convencerá quando reflectir sobre o objecto, de que vou tratar, mais util para pôr a Nação em guarda contra seus internos inimigos, que a refutação dos disparates dos Periodiqueiros, ou os systemas governativos dos Bacalhoeiros, e outros eiros em geral, que nunca hão de esquecer, ainda que se tratem materias essenciaes.

Lembrado estará que os dias passados lhe fallei n'huma Obra magistral sobre — *Disciplina Resuscitada, ou Legitimo poder das Nações* sobre Bispos tirados, e postos; sobre Priores, Abbades, e Curas tirados, e postos daqui para alli. Esta Obra he composta por Manoel Feio, Presbytero Constitucional Jurado. Estes dous apellidos não vem na Nobiliarquia Portugueza, que me lembre. Não entendo agora com esta Disciplina, porque não tenho humas na mão para ir de caminho discorrendo com este Cons-

titucional Jurado ; mas vendo que este Jurado Constitucional ataca, e mette a ridiculo o segundo Mandamento da Lei de Deos, e que he hum dos tres, que pertencem á honra do mesmo Deos, e isto com inauditas blasfemias, he necessario acudir á contaminação da Moral pública com algumas reflexões. Tracta este Theologão daquelle juramento, que a muitos se extorquio de acceitar, beijar, jurar, e defender até a bico de faca, se preciso fosse, ou a fios de espada civica, a Constituição, que de seu vagar fizerão no Porto os Pais da Patria, e diz (aqui está o Texto á vista) e ahi vai o

Texto — Pag. 22 linha 14. — » *Este santo juramento ao mes-* » *mo tempo civil, e religioso Nacional, alimenta a fé, que se de-* » *ve á Trindade Augustissima , á Incarnação de Jesu Christo ,* » *e aos Mysterios Eucharisticos. Santa Constituição , obra do* » *Ceo! Queres que na Assemblea Nacional resida o poder de le-* » *gislar , no Rei o de executar . . . . .* »

Em primeiro lugar, nunca lembrou aos Apologistas da Religião Christã, que tantas provas produzírão da verdade de seus Mysterios, que se sustentão sobre a virtude da Fé, que entra em nosso espirito, pelo que ouvimos da Revelação, que o juramento arrancado pela força, e pela força dado a hum Codigo da iniquidade, declarado rebelde ao Rei legitimo, Codigo demagogico, revolucionario, anti-religioso, alimentava a nossa Fé ao Mysterio da Trindade Santissima, á Incarnação do Verbo, e ao Sacramento da Eucharistia. Tudo isto se acredita mais, porque se jurou a Constituição! Se lhe lembrasse dizer, que bastava o juramento das Bases, tambem o dizia, que tão Constitucional, e Jurada era aquella alma! Este Padre, e quantos Padres mais, como os do Cidadão Lusitano, os do Opusculo do Clero, os das Contas saldas com a Côrte de Roma, e os de hum *Sermão da Soledade*, tudo impresso, de que faremos especial menção honrosa, nem sabião os Mandamentos da Lei de Deos, nem as qualidades de hum juramento dado pelo seu Sancto Nome, e sobre os seus Evangelhos. Diz o segundo Mandamento — *Não jurarás o seu Sancto Nome em vão.* — Para este juramento ser válido, he preciso em primeiro lugar que seja justo, e sobre materia justa. E era materia justa huma formal rebellião contra a legitima, e suprema authoridade do Rei? Póde ser justo hum juramento dado a huma Constituição, que abalava, e alluia os seguros fundamentos da Monarquia Portugueza, pondo a Soberania nas mãos do Povo, e dando o poder Legislativo exclusivamente a este Povo? Que declarava huma implacavel guerra á Religião, que he o Cul-

to, que damos a Deos, como depois se vio na espoliação sacrilega de seus Templos, na profanação das suas Imagens, e no transtorno da Jerarquia Ecclesiastica? Ora: tomar o Nome de Deos em vão para tudo isto, he huma bagatella. Tudo isto, que digo daquella — *Sancta Constituição obra do Ceo!* — nos foi depois declarado, quando depois em Maio de 1823 com hum só piparote se lançárão a terra todos aquelles castellos de cartas de jogar, feitos, e levantados pelas mãos daquelles innocentes, e tão bons rapazinhos. Este Cura Jurado, e Jurado Cura, não sabe que para se não tomar em vão o Nome de Deos, he preciso que o juramento seja justo, e depois que seja necessario? Não póde ser o juramento justo sobre materia injusta, sacrilega, e escandalosa, qual era a chamada Constituição. E que necessidade havia della? E, se a houvesse, pertencia acaso a treze Franchinotes de capa em cóllo

Entre os quaes Ferrabraz com seus bigodes,
He Vice-Capitão de taes Jagodes,

dar esta Constituição ao Reino de Portugal? Não tinha este Reino hum Rei, como agora vemos, que a podesse dar, se a quizesse dar? Como se manifestou, e comprovou esta necessidade, e como se recorreo a quem unicamente a podia remediar? Pois então senão era justo, e senão era necessario hum juramento, onde está a sua validade? E como não he aqui tomado em vão o Santo Nome de Deos? Não bastava a este Cura jurado considerar a cousa na ordem civil, e politica, que assim mesmo tal juramento era hum desaforo, e huma insolencia, quiz chamar-lhe — *Religioso Nacional* — para vir Nação em tudo, até na ordem da Religião, porque a Nação podia pôr, e tirar esta nos pontos essenciaes da sua Disciplina: quiz que este juramento fosse o sustentaculo, e o alimento da nossa Fé nos mais Sanctos Mysterios, fundamentos da Religião, como a Trindade, a Incarnação, e a Eucharistia!! Ora: nem trinta Rilhafoles, nem quarenta Aljubes pagavão este Sermão não encommendado ao Presbytero Constitucional Jurado! E derão-se estas lições de Dogma, e de Moral ao Povo Portuguez nos ditosos tempos da Regeneração Politica de 1820?? E existe isto nas mãos dos Portuguezes, impresso na Officina de *Morando!!* Que idéas estas para fazer hum Povo Religioso, obediente a ElRei, e observante de suas supremas vontades, e suas Soberanas Leis! Pois estes Presbyteros Constitucionaes Jurados querem lá Rei, nem Roque? Ouçamo-lo a elle, que o puro Texto ainda aqui está — *Santa Constituição, Obra do Ceo, queres que na Assemblea Nacional exista o poder de legislar, no*

Rei de executar. Eis-aqui o principio constante da Soberania do Povo, que he a principal teima, e embirração destes Senhores! E acabar se-hia já esta maxima fundamental da Democracia? Talvez que v. m. logo o veja no famoso Campeão, que veio de Londres para ser Campeão em Lisboa, onde em hum dos seus doutos N.os a Camara dos Dignos Pares vai pelos ares. Sobre este grande principio se trabalhou sempre, se trabalha, e trabalhará; ElRei deve estar sempre ás ordens destes Senhores, porque elles tem sempre no fundo d'alma aquelle axioma — Mestre mandar, Marinheiro fazer. — Mas os Presbyteros Constitucionaes Jurados não se lembrão, que apenas a Assemblea Nacional se julgar segura na sella, pode legislar sobre todos os Presbyteros Constitucionaes jurados, e manda-los á fava, para simplificar o culto, que vem a ser nenhum! Olhem que ao luminoso clarão de archotes já se gritou — Viva a Religião, mas sem Frades, nem Clerigos. — Nem no seio do Paganismo houve, ou ha ainda Culto públíco sem Ministros. A cousa mais escandalosa, e ao mesmo tempo mais incomprehensivel que ha, he vermos tantos Clerigos, e tantos Frades imbuidos com estes principios, e por isso mesmo inimigos do Throno, e do Altar, e estes parece que requintão, ou refinão, são os mais acirrados, ou os mais emperrados. E que esperão dessas Democracias, dessa dissolução politica, em que vivem, e em que andão? Sermos todos o *Goibinhas*, tomar estado, e assim vivermos á nossa vontade, porque em dizendo no meio do Mundo, somos Liberaes, Constitucionaes, e deixamos o fanatismo, e a superstição do Claustro, choverão sobre nós crusados novos como milho; para hum homem Liberal, Constitucional, todo o Mundo tem a sua porta aberta, mesa posta, e cama feita. A fome he para os Corcundas ainda que trabalhem, para nós basta-nos o officio da impudencia, a profissão da incredulidade, e o emprego do desaforo; se havemos gritar no Côro, queremos antes gritar de noite, mólha se a palavra, e isto sempre rende alguma cousa. A's vezes rende o Limoeiro, que ao menos são as casas pagas, que não he pequena ajuda. Ora Deos os oiça! Como a vergonha he nenhuma, persuadem-se que sempre irão bem no jogo. Se ha Liberaes descobertos, somos Liberaes; se o vento sópra Corcunda, então gritão logo, fomos enganados, arrastados, illudidos. Assim ouvi eu cantar muitos cochichos, ou grillos destes, de 27 de Maio de 1823 por diante. Outra vez mudárão a penna, e a cantiga; e, como estiverão comprimidos por algum tempo, apenas tiverão léo, apparecêrão mais furiosos e insolentes. Ora: para

vergonha do seculo das luzes, e para emenda de tanto mentecapto, ahi vai mais esta. Das janellas de hum Mosteiro muito pegado com a beira do mar ouvi eu gritar dous Monges a hum Clerigo velho que ia passando por baixo: — ah! sô Padre, e o meu dinheiro? Que nos admiramos, se hum Presbytero Constitucional Jurado mette a bulha o segundo Mandamento da Lei de Deos, e diz que o juramento dado á Constituição de 1822 alimenta a fé dos Mysterios da Trindade, Incarnação, e Eucharistia. Se a este ponto chega a corrupção em materias de Dogmas, que fará em materia de costumes? O que vemos, e o que tão amargamente lastimâmos.

Vio V. m. meu amigo, o segundo Mandamento da Lei de Deos mettido a bulha, e hum juramento dado á obra da iniquidade, servindo de alimento á nossa Sancta Fé; veja agora os Mandamentos da Sancta Madre Igreja maquiados, e reduzidos a mais pequeno numero. Elles são cinco: pois hum impresso na Officina de Bulhões em 1822 os reduz a quatro. Eis-aqui o titulo, e o Auctor do mesmo Decreto de reducção — *Reflexões sobre a abolição dos Dizimos, por José Antonio Monteiro da Guerra.* E com effeito he guerra aberta ao quinto Mandamento da Sancta Madre Igreja. Comecemos hum pouco de longe: huma das febres, que invadio estes salvadores do Mundo, que se chamão regeneradores, he a agromania. Quando intentão despojar os Reis de sua authoridade, e os Povos de sua tranquillidade, e ventura, vem adiante como guarda avançada das illusões, em que nos tem envolvido, a lavoura, a lavoura, e mais a lavoura: animar a agricultura, promover a agricultura, minorar os encargos da agricultura, Leis cereaes, e grão Estrangeiro. E tudo isto para que? Para não pagar nem Dizimos nem Primicias a Deos, e cercear, e aguarentar desta maneira os Mandamentos da Sancta Madre Igreja. Dirão que eu sou suspeito, e parte interessada, como Ecclesiastico. Mentem, porque eu não tenho de que pagar dizimos, nem tenho porque m'os paguem. A primeira razão, que allega este Legislador para se riscar da táboa da Lei este quinto Mandamento, he augmentar o número dos braços para a agricultura, porque abolidos os Dizimos, ficavão tambem abolidos Priostes, Dizimeiros, arrecadadores; e todos estes braços, em se vendo ociosos, logo se empregavão na agricultura. Tomara que este inimigo do quinto Mandamento da Igreja viesse huma tarde de Maio até ao Rocio de Lisboa, e désse huma volta curiosa, e filosofica por alguns Botequins de sete, e dez portas, que estendesse o passeio até ao Caes do So-

dré, onde fizerão assento mais que setecentos sabios da Grecia para darem Leis ás Sociedades humanas; todas estas colonias de ociosos, de passeadores, de novelleiros, tem mais braços que hum triste Prioste, que não tem senão dous, e que hum esfomeado Dizimeiro, que não tem senão outros tantos, e aqui poderia fazer grandes recrutamentos para a agricultura. Se o mesmo Doutor de Cima-Còa se encaminhasse em observação pelo arruamento nobre, por exemplo, dos Senhores Capellistas, em cada loja pequena veria tres caixeiros grandes, medindo hum huma sesma de filó, outro huma vara de floco, e o terceiro hum negalho de linhas, fazendo tres Gigantes o que podia fazer huma velha, sem se ver abarbada com a azáfama: que braços, e tão robustos aqui ajuntaria para a Agricultura! Verdade seja que elles são precisos para sustentarem a balança das Leis, e para dirigirem o timão da Republica. Com a ociosidade destes Senhores nada perde a agricultura, perde muito a agricultura, porque os Dizimos empregão seis braços, dous do Prioste, dous do Dizimeiro, e os outros dous do arrecadador no celleiro. A Religião, que estes Senhores nos fazem favor de deixar, pede Ministros; e se os Dizimos os não sustentão, quem lhes dará de comer? O Doutor responde, que o Thesouro Publico. E quem ha de dar dinheiro ao Thesouro Publico para encher a barriga aos Clerigos? Quem? Huma contribuição directa sobre os Lavradores. Então hade ir o trigo para o Thesouro Publico? Não Senhor, dinheiro, dinheiro, que he o que lá se quer? Seguem-se daqui tres cousas, venderem os Lavradores o trigo por pouco mais de nada para se fazerem em dinheiro, applicar o Thesouro o dinheiro para as urgencias da Nação, e no fim ficarem os Clerigos morrendo com fome, e pedirem aos freguezes que os enterrem pelo amor de Deos, antes que recebão o primeiro quartel da Congrua, que lhes prometêra o Thesouro Publico governado pelos Regeneradores. O Quinto Mandamento da Sancta Madre Igreja anda ligado á consciencia dos Povos, nelles não se extinguem os sentimentos Religiosos, querem pagar os Dizimos a Deos, para que Deos no anno seguinte não lhes mande em cada espiga hum grão. Desenganem-se os Povos que o primeiro fito dos Regeneradores, he arrancar-lhes do coração os sentimentos da Religião, e persuadão-se que as Leis de Deos, e as Leis da Igreja estão primeiro que as ôcas theorias dos Arlequins Democraticos, que pertendem destruir no Mundo Christo, e Rei. Se o triste Cura não recebesse do Compadre pela Paschoa o folar, e quatro queijos, bem podia esperar pela Congrua, que lhe ha-

vião dar estes Senhores Regeneradores do Mundo. Os Lavradores antes querem dar a Deos de cada dez hum, que dar todos dez aos saltimbancos que arquitectão Democracias para darem ao homem a fruição de seus direitos, que ninguem até alli lhe havia tirado, nem disputava. Como a revolução Franceza he o modello, e a norma de que se não apartárão os Pais da Patria, que com tanto incómmodo seu vierão do Porto para nos regenerar, eis-aqui como este Doutor se explica no seu aureo folheto sobre a abolição dos Dizimos, e acabamento do quinto Mandamento da Sancta Madre Igreja: pag. 12 linha 12, e tal he o

Texto. — » *Elles* (os Dizimos) *forão já extinctos na illustra-* » *da França, e se não tem tido igual sorte nas mais Nações Eu-* » *ropeas he porque huma Aristocracia Egoista, e oppressora, he* » *interessada nelles, e em conservar na escravidão, e na pobre-* » *za os infelizes, e abusados Povos.* »

Eis-aqui os Doutores da Lei, que tem os Portuguezes. A Lei da Igreja manda, que se paguem os Dizimos, e o Doutor chama a isto o interesse de huma Aristocracia egoista, e oppressora, e empenhada na escravidão, e na pobreza dos Povos. Como querem estes Regeneradores que os Povos vivão sujeitos ao jugo das Leis Civis, se elles lhes fazem arremeçar o jugo das Leis Divinas, e Ecclesiasticas? Em tudo se descobre a mesma doutrina, e os mesmos principios dos Regeneradores. Lembrado estará V. m. das illuminadas theorias do Reverendo Medrões sobre a applicação dos bens, e Dizimos da Igreja para fontes, e pontes, passadeiras, e canaes. (Camões não queria este, bastava-lhe o Poema — *a Querculunada* — de hum seu collega illustre Deputado.) O nosso Doutor não só nega os Dizimos a Deos, mas quer tambem, ou tirar de todo, ou diminuir os ordenados a quem os percebe pelo seu trabalho, e diz que estes ordenados, que se devem tirar, forão arbitrados, e dados no tempo, em que havia muito dinheiro, de que nos não soubemos aproveitar. — Eis-aqui o

Texto. — » Essa abundancia, de que nos não soubemos apro- » veitar, edificando Mosteiros, e Ermidas em lugar de cons- » truir canaes, pontes, e estradas......

E deo-lhe para canaes, e pontes!! Os Francezes, que erão os primeiros Regeneradores, entre as promessas com que nos protegêrão, vinha sempre a promessa, de canaes, camões, e pontes; vem os seus discipulos, e successores, e começa Medrões a abrir canaes, e a lançar pontes, tirando aos Sanctos para dar aos passageiros: este Doutor quer tirar os ordenados, para termos pon-

tes, por onde passar em jejum, e tirando elles tanto aos Conventos, e ás Ermidas, não fizerão nem huma ponte; verdade seja que abrirão estradas, mas foi para elles chegarem aos primeiros Empregos lucrativos, e aos primeiros lugares de representação, deixando os Sanctos nús, os devotos descalços, e o Reino sem pontes, e fontes, e sem dinheiro; e olhando nós para o prodigioso augmento da Divida Publica, depois da feliz Regeneração que veio do Porto, podemos dizer, que por certo a despeza foi excessiva na abertura dos canaes, mas que estes canaes supponho que tiverão principio na bôca, sem ser da de Sacavem, mas na bôca dos Cofres, e tiverão seu fim na algibeira dos caritativos regeneradores. Abolir Dizimos, alterar Foraes, não pagar ordenados, e querer dinheiro em circulação para entrar no Thesouro Publico, d'onde só os particulares regeneradores chupavão a substancia, eu não entendo esta economica Filosofia sobre a prosperidade das Nações, como quer o Doutor Guerra.

Parece-me, meu amigo, que me vou esquecendo muito da Politica dos Papeis do tempo. Se tão depressa o prudentissimo Governo, depois das tres Procissões de penitencia, que se fizerão de noite para irem com mais devoção, e recolhimento, não suspende o atilado, e illuminado Gazeteiro, estavamos todos mais Republicanos que os antigos Esparciátas. Elle he o eximio Redactor do *Campeão* Londrino, que veio ser o mesmo *Campeão* em Lisboa; e em o N.º 31 do 2.º volume — Sabbado 2 de Novembro (dia de Defunctos) de 1822, vejo cousas, que me descobrem o espirito, de que invariavelmente estes Senhores estão animados para fazerem a nossa felicidade, pondo em cima de nós tres Consules com cadeira Curul, que era de marfim, com dous Lictores com o mólho de varas, e sua cutella no meio, e sua purpura de rastos, como ainda por ahi vemos pintados *Hirto*, e *Pansa*, ambos Consules Romanos. Toda a birra destes Consulares, e Consulados, he a Soberania Popular; querem por força huma Bandeirinha (que talvez haja servido em Procissões dos seus Passos) com as letras iniciaes — S. E. O P. L. isto he — O Senado, e o Povo Lusitano. Entendamos, para remover da imprensa, tudo o que podem ser allusões, que isto não passa de idéas consoladoras, mas estes são os invariaveis sentimentos, que se não desmentem, porque os Textos impressos existem; e para nos não enganarmos abra-se este N.º 31 a pag. 70, e eis-aqui o

Texto. — » *Decidírão (as Côrtes) com summa, e reflectida*

" *prudencia, e bem assim com summa energia, que para todas*
" *as Leis Constitucionaes, e ainda todas as Leis Regulamentares,*
" *feitas pelas mesmas Côrtes não fosse necessaria a approvação*
" *Real!* "

Esta he a doutrina, e tão clara, que não necessita commentarios; se não he preciso o Rei para dar, e sanccionar Leis, então para que serve o Rei? Para nada, segundo estes Senhores querem. Mande-se ao Executivo; esta era a frase de que usavão. Que o Rei mande, isto he ser Rei; mas que o Rei seja mandado, isto não he ser Rei. Estes principios são invariaveis, e estão profundamente arraigados no coração destes homens, que inquietão o Mundo inteiro, e d'onde se derivão todos os males, que sentimos, e que desconcertárão a máquina social. Confirme-se isto que digo com hum novo Texto do mesmo *Campeão*, escrevendo, não em Londres, mas aqui mesmo em nossas barbas honradas. Pag. 68 linha 4.ª

Texto. — " *Estabelecêrão o grande, e Cardeal principio de*
" *todas as sociedades humanas, que he a Soberania da Nação,*
" *sem o qual he impossivel marchar segura, e desembaraçada-*
" *mente, e até coherentemente em qualquer organisação dos Cor-*
" *pos Sociaes.* — "

Azul ferrete não ha, veja se o quer mais claro! Nestas palavras sahio do Arquivo, e se fez patente o occulto Compromisso da Irmandade Veneranda. Não se podem organisar, nem subsistir as humanas sociedades, sem o fundamento da Soberania da Nação. Isto he, sem Governo Democratico não pode haver socie dade humana, civil, e politica. Vejão se este homem continúa na Gazeta a illustrar a Nação, aonde teriamos chegado a estas horas? Da pertinacia, com que proseguem em manter estas doutrinas, nasce este espirito de vertigem, em que temos visto o Povo Portuguez neste infausto periodo. Eu, meu amigo, não vim cá para salvador do Povo: quem as fez, que as desmanche; porém obrigado pelo amor da Patria a romper o oppressor silencio, em que permanecia como suffocado, conheça o Povo a verdade, e aproveite-se deste conhecimento.

A ruina deste Reino, e a mudança absoluta do seu diuturno estado politico, que foi a origem de sua tão invejada prosperidade, e riqueza, foi jurada, e posta em marcha desde o momento em que no anno de 1817 fez a Justiça o que devia fazer contra os Conspiradores, processados, e convencidos. Então começou a conspiração Democratica, que veio á luz em 1820. Este *Campeão* querendo fazer hum serviço á Veneranda, reve-

lou o segredo. Com trabalho vou copiar huma passagem, que he comprida, mas util, porque de nada mais necessitâmos para os conhecer de huma vez para sempre, e ella terminará esta Carta — eis-aqui o

Texto — Pag. 69. — » Nós os Portuguezes tambem havia-» mos tido em Politica huma especie de Idade media, isto » he, huma época de summa ignorancia, de summa escuri-» dade, e de summa servidão: e esta Idade media podemos » nós contar desde o fim do Reinado de D. Pedro 2.º, ou des-» de o principio do Seculo 18 até ao principio do Seculo 19, » isto he, até 18 de Outubro do memoravel anno de 1817, » dia em que a Tyrannia irremediavelmente morreo nas mãos » dos proprios algozes, que assassinárão no Campo de Sancta » Anna os doze primeiros grandes Martyres da Liberdade Por-» tugueza. Desde esse dia atrozmente escuro, e horroroso, já » não podia marchar por muito tempo entre nós, desembara-» çada, e segura, essa filha das trévas, a monstruosa Tyran-» nia: e a grande prova da imbecil, e estupida cegueira, que » derão os — Salteres, os Borbas, os Forjazes, e os Noguei-» ras, foi persuadirem-se, que podião consumar huma tão es-» pantosa carniceria, ou podião embriagar-se hum dia inteiro » de sangue Portuguez, desde o romper d'alva até ás trevas » da noite, e permanecer ainda hum lustro empoleirados no » seu ensanguentado throno do Rocio. »

Eu fico como atónito, e sem me saber dar a conselho!! Os Reinados de D. João 5.º, e de D. José 1.º formão *huma época de summa ignorancia, de summa escuridade, e de summa servidão!* Quando lhes he preciso para seus fins chamar o Reinado de D. João 5.º o Imperio de Salomão pelo ouro, e pela paz, e ao Ministerio de Pombal o seculo de Augusto, de Tito, e de Marco Aurelio, vai tudo isto até ás estrellas; quando he preciso ir por diante com a Democracia, ou Soberania da Nação, então o Reinado d'ElRei D. José he a época da ignorancia summa, porque ainda os Cavalheiros da Luz não tinhão deitado de todo as mãosinhas de fóra. Quando estes Senhores fallão em acabar com a Tyrannia, já fica sabido, que he dar cabo de todos os Reis, e sepultar na mesma voragem a Realeza, e a Religião. O sangue dos Martyres do Campo de Sancta Anna foi vingado com a rebellião Democratica de 1820. Procurem dar a apparencia que quizerem ás suas manobras revolucionarias; saiba o Povo Portuguez, que por mais Hymnos, que lhe cantem, por mais que os Periodiqueiros lhe gritem com as sabias Instituições do Senhor

D. Pedro IV, não se tracta ainda senão de vingança *dos primeiros doze grandes Martyres da Liberdade Portugueza;* isto he, da perda daquella guarda avançada, que tinha vindo descobrir campo para a Democracia, acabando com a Tyrannia, isto he, com todos os Soberanos. O Mysterio já não he Mysterio, não está mais na sua mão, dão sempre com a lingua nos dentes; e se a Nação se não illustra, e acautella, nunca terá paz. Do Senhor D. Pedro IV ainda se diz em silencio o que em público disserão, e deixárão impresso.

Acaba-se esta Carta, e porque não cabe, fica para a seguinte o que este mesmo homem disse em 1822, como se advinhasse, ou lhe doêsse o cabello da Camara alta dos Dignos Pares, a que elle chama — *Contra pezo* —; esta mesma sombra de Aristocracia os enluta, cobrem-se de suores frios apenas lhes lombrigão o fôrro das capas. As razões, que este Padre allega para não haver os Dignos Pares, dão por certo ao Povo huma tarde de Touros! Novidades do sitio, as mesmas; o Publicista vai continuando com as suas explicações matutinas: as Senhoras estão tão illustradas, que gritão, e dizem, que he huma injustiça não serem tambem eleitas Deputadas. Com a proxima chegada do Inverno vai então estudar Quimica, porque temos agora até Religiosos que, em vez de aprenderem a salmear, querem ser Quimicos; e se dão em Boticarios, muito tem os Coveiros que ganhar, e os Curas, coitados, alguma cousa que receber, se acaso em lugar de offertas não lhes continuarem a dar descomposturas. Deos dê juizo a tanta gente, e a V. m. saude, pois que a não tem o seu amigo

J. A. D. M.

Forno do Tijolo 8 de Outubro de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença da Commissão de Censura.

CARTA 29.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

MEu amigo, quando considerâmos hum Periodico em si mesmo, seja qual fôr a denominação, que se lhe dê, ou o titulo, com que das trevas da miseria, e da fome vem a este Mundo, chame-se *Sol*, *Astro*, *Campeão*, *Rabecão*, *Espreitador*, *e Serpentão*, e todos esses nomes, que encherião grossos volumes de folio, se se quizessem reduzir a Catalogo, nada ha mais insignificante, e desprezivel, que qualquer destas folhas volantes, e efémeras, que, como fogos fatuos, pelas lagoas, e cemiterios apparecem, e desapparecem; desprezíveis pela sua forma, por seu estilo, por sua plebéa, e nauseante linguagem. Esta insignificancia pelas qualidades, que aponto, e com que sahem do nada para nelle entrarem logo, não he a mesma, quando se considerão em suas consequencias, e em seus effeitos: nada ha mais perigoso, e nada póde haver mais abominavel; são os depositos de toda a maldade, e os vehiculos, e canaes de todas as desventuras no estado de Sociedade civil, e politica, em que existimos. Quer hum perverso, hum scelerado superfino, vilipendiar, vituperar, e infamar hum Militar honrado, valoroso, e fiel á sua profissão, e aos deveres da mesma, o meio mais facil, mais prompto, a mais azado para este fim, he hum Periodico; escreve hum constante, e assiduo Leitor huma anonyma, sem assignatura, e sem authenticidade alguma, a hum Redactor, e lhe pede com aquella veridica noticia, queira encher huma das columnas do seu acreditado Perio-

dico ; sem mais exame admitte-se o aleive, a calumnia, o falso testemunho, a obra do odio, que lança mão daquelle tão facil meio para a sua particular vingança. Assim temos visto, e continuaremos a ver em quanto houverem Periodicos arbitrarios engendrados na fome, e na vileza, e malignidade de seus chamados Redactores; ninguem póde escapar das mãos destes Corsarios no seio da Sociedade. O Magistrado integerrimo, e respeitavel mais pela sua sabedoria, e pessoaes virtudes, que pela Toga, que veste, e distincto lugar, que occupa nos Tribunaes de Justiça, ou de Fazenda; o Bispo sagrado, e verdadeiro Bispo; o Prelado maior pela sua jerarquia, e authoridade governativa; o pai de familias de exemplares costumes; o Funccionario público em qualquer Repartição, em que o Governo o haja constituido: em fim todos os Cidadãos, seja qual for a classe a que pertenção, não tem a fama segura, nem a tranquillidade estavel, em quanto se não obstruirem estes canaes da perversidade humana, chamados Periodicos, que servem para macular a fama, denegrir a reputação, enxovalhar o credito de tantos, e tão benemeritos individuos, que nos mesmos Periodicos estão sendo, todos os dias, victimas sacrificadas ao furor do odio, e da vingança de tantos perversos, que, chamando-se a si mesmos com tão descarada soberba illustradores dos Povos, não são mais que a ruina, e o inferno da Sociedade.

Não só o individuo particular soffre, a Causa pública padece mais que todos; e a reparação de seus estragos he muito mais difficil, senão fôr de todo impossivel, porque a irritação, em que constituem os Povos, não somente os divide em sentimentos, e opiniões, mas os obriga muitas vezes a sacudirem todo o jugo de subordinação, e obediencia ás Leis, e aos mesmos Soberanos. Estes malvados assopradores, a quem, como já disse, a fome segura a penna nos dedos, obrigados pela mesma fome, sem poderem, e saberem fazer hum discurso, que alguma cousa valha, sobre qualquer materia dada, para instrucção moral, ou ainda mesmo politica dos outros homens, ou são orgãos passivos do que outros malvados, e impios lhes communicão, ou fingem fantasmas, a quem dão o nome de inimigos, para combater, e calumniar á sua vontade, sem provas, sem do-

cumentos, e sem a mais ligeira apparencia de razão, e de verdade. Eu não gósto muito de arcas encouradas, ou, como dizem, de nabos em saccos, e para desenganar a Nação *(unico fim destas Cartas)* he necessario em primeiro lugar verdade, em segundo lugar clareza. Com a verdade se combatem as mentiras de tantos scelerados, e com a clareza se destroe a confusão, e o embrulhamento, em que trazem os Povos. Existem Sociedades Secretas; e a prova universal, e unica desta existencia he o clamor geral de todas as Nações, que dellas se queixão como causas efficientes de todas as suas desgraças, transtornos, e desastres: estas pestiferas Sociedades querem arrastar, e tem arrastado todos os Povos á revolta com o tedioso, e surrado pretexto das necessarias reformas; e para estas se conseguirem, para se trazer a felicidade perdida ás Nacões, que a gozavão, he perciso (decretão as Sociedades Secretas) que se desterre do Mundo o *Absolutismo*, que quer dizer (ainda que se não declare logo), que não existe no Mundo o Governo Monarquico, mas Democracia, ou Republicanismo com suas Constituições; esta he a doutrina do Maçonismo, e já não são percisas provas, porque elle bem claramente se tem dado a conhecer no Mundo. Ora: o Maçonismo, cá pelo meio da rua, he mudo, não só pela profissão da Filosofia Pythagorica, que he silenciaria, mas pelo justo receio de que a esportula, ou esmola de seus eloquentes sermões seja contada naquella moeda, de que nem os mesmos cães gostão. Então para que se creárão os Periodicos? Para isto. Por muito superficial que seja qualquer homem observador, por menos attenção que haja dado aos horriveis acontecimentos, de que temos sido testemunhas desde 1820 até o dia de hoje 20 de Outubro de 1827, terá visto que ainda até este momento a praga Periodical não se tem calado com o *Absolutismo*, e com a reforma dos abusos provenientes, dizem elles, do *Absolutismo*. E que querem com isto estes Pregoeiros das Sociedades Secretas? Querem que ao Governo Monarquico succeda a Democracia, ou o Governo Republicano; para isto presuppõe sempre demonstrada a maxima absurda, e monstruosa, que o Poder governativo existe essencialmente na familia, e não em o pai da mesma familia. Para isto parece-me que era preciso demonstrar primeiro que o *Absolutis-*

mo, nome, com o qual tanto querem assustar os Povos; póde existir em hum, que governe, e nunca em muitos, mais absolutos que os proprios Sultões, que usurpem o Governo, a si mesmos se chamem a Côrtes, fação para si Constituições, e dictem Leis, de que elles zombem, exercitando tyrannicamente o Poder, que sacrilega, e revolucionariamente roubárão. Não tem havido Periodiqueiro por mais miseravel que seja, desde que o Inferno vomitou sobre Portugal este flagello, que não haja gritado contra o *Absolutismo*, e na sua abolição para o sagrado fim das necessarias reformas dos abusos do mesmo *Absolutismo*. Em França fizerão os revolucionarios a cousa mais summaria, levárão Luiz XVI. ao cadafalso; em Portugal, fallemos a verdade, porque está escripto, e está impresso; e se lhes custa a repetição, não o dissessem, não o imprimissem — clamárão — *Desfaçamonos delles*. As Secretas Sociedades querem fazer detestar o Monarquismo, e para isto procurão fazer aborrecer, e abominar o que elles chamão — *Absolutismo* — que nunca existio, nem pelas Instituições do mesmo Reino desde a sua origem até este momento, em que as mesmas Instituições estão instauradas, e reformadas, póde existir. Se este pregão continuo do *Absolutismo* não andasse sempre na bôca pestilente dos Periodiqueiros, as revoluções, e as conspirações nenhum effeito terião, porque os conspiradores sempre contão com as disposições dos Povos, e estas disposições são obras dos Periodicos, que tão claramente dizem que o *Absolutismo* anda essencialmente unido ao Monarquismo; dizem que he perciso o Governo representativo, mas a seu modo, e não como agora o temos, e sempre tivemos, ainda que com diversas formulas; mas o representativo dos revolucionarios he o primeiro degráo do Republicanismo, ou Democracismo, como vimos em 1820. Tirar hum Rei de repente, era arruinar a sua mesma obra; não tem os Periodicos tanto poder, que de repente arrancassem do coração de todos os Portuguezes a adhesão, e o amor, que sempre tiverão, e ainda conservão aos seus Monarchas; fizerão do Rei hum Ente, que não tinha acção propria, os seus movimentos tinhão impulsão estranha; não se illuda Portugal, o Poder Executivo, que aquelles monstros deixarão ao Rei, não he Poder, porque executar o que se

lhe manda não he livre exercicio da vontade propria, he cumprimento do que determina a vontade alhêa; neste caso ter Monarcha, e não ter Monarcha vem a ser o mesmo. Monarcha he o que manda só; e elles mandavão ao Monarca — Mande-se ao Executivo, — dizião elles.

Talvez lhe pareça meu amigo, escusado, ou fora de tempo todo este longo arrazoado: engana se, tudo isto foi necessario para confundir de huma vez esse insolente, e revolucionario papel, que se chama o *Imparcial do Porto*, que entre mil contradicções, e mentiras públicas, não ressumbra mais que veneno corruptor. Apparece, para nos acabar de zangar de todo, e indignar contra semelhante impostura, o N.º 94 de 13 de Outubro, e sem mais ceremonia offerece no 2.º § este

Texto. — „ *Taes são esses que ousão calumniar, e insul-*
„ *tar a Nação, escrevendo, e publicando, que existe entre*
„ *nós hum grande partido Republicano .... o mais he,*
„ *que tambem querem attribuir á influencia daquelle par-*
„ *tido a guerra civil, que flagella o Reino visinho.*"

E prosegue com tanta impudencia, como demencia a querer illudir, cegar, e enganar a Nação, dizendo-lhe que nunca no meio da mesma Nação se descobrio hum só vislumbre de espirito Democratico, ou Republicano, que vem a ser o mesmo; chegando a dizer (permitta-me isto a Censura) com o ultimo desaforo, no §. 6.º — „ *Se pois em* 24 *de Agosto de* 1820 *se praticou hum acto revolucionario, se se instaurou hum governo intruso, foi porque o nome do Soberano o encobria.* „ —

Pois eu não posso descobrir hum acto de maior malicia, e perversidade. Ora: para eu provar que existio este partido revolucionario, não me servirei dos documentos patentes, que ha pouco se offerecêrão a nossos olhos, e ouvidos; não dou credito, nem a gritos nocturnos, nem a Proclamações arrancadas das esquinas, e já impressas, a clamores de ruas, e theatros, a vivas festivaes, e acclamatorios. Supponho que tudo isto para mim he huma solemne mentira; eu não quero provas, senão aquellas de facto, que me dá a Imprensa, e os documentos, que deste facto existem impressos

na Historia da Revolução de 1820, já que o *Imparcial* quer provar que não existio o partido Republicano com a mesma Revolução Democratica de 1820. Que cousa he Republica? He Democracia. E que cousa he Democracia? He o Governo Popular: para haver Governo Popular, he absolutamente necessario que nelle exista, e que elle exercite o Poder Legislativo, ou a Soberania, cuja primeira attribuição he Legislar. E onde nos disserão, ensinárão, e nos mandárão crer com degredo, que muitos soffrerão, que existia esta Soberania? Em a Nação; e desgraçado daquelle que se atrevesse a proferir huma palavra contra este dogma fundamental da regeneração. O Senhor *Imparcial* talvez não ignore que a isto se chama Republica. E tem a impudencia de nos dizer, que o acto da formalissima rebellião do Porto fora praticado em nome d ElRei! Sim Senhor, e para mais entreter os Portuguezes, nos diz, que — *a Nação persuadio-se que a ausencia do Rei justificava aquelle acto praticado em seu nome.* Não ha huma audacia semelhante! E pode o Portuguez honrado deixar que se esteja com tanta impudencia motejando o Povo Portuguez? ElRei não estava virtualmente ausente: existia havia treze annos huma Regencia, em que o Rei depositára e delegára a sua Soberania, e o seu Poder; huma Regencia, que tres vezes salvou o Reino, huma Regencia reconhecida, e obedecida por toda a Nação. Esta Regencia foi invadida por vinte mil baionetas, foi tractada com o ultimo vilipendio, dissolvida ignominiosamente, e em seu lugar levantado hum Governo revolucionario, e verdadeiramente despotico, que não reconheceo mais nem Leis, nem Reis. E diz este homem da Bahia transplantado no Porto para produzir destas Bananas, que a Nação estava persuadida, que a ausencia do Rei justificava aquelle acto de Rebellião? Homem cego, abre os olhos, envergonha-te de tractar a Nação Portugueza, como tratarias os Negros Jalôfos. Proclamada a Soberania da Nação, está proclamada a Republica, que he o que até aqui tem querido mostrar, e fazer estes revolucionarios. E nunca houve (diz), nunca entre nós houverão sentimentos, e espirito Republicano!

Parece, meu amigo, que he gastar inutilmente tempo, e palavras em refutar os miseraveis, e absurdos sofismas deste Periodiqueiro; e eu tambem lho mostrarei, e provarei,

não com asserções vagas, e ditos livres, mas com os textos de seus tão proveitosos, como illuminados escriptos, e logo o veremos. Quer que nunca houvesse em Portugal o espirito Republicano, nem mesmo em 1820, paciencia! Huma vez he a primeira. Como elle tem muita graça, e lembranças felicissimas, não tarda, que nos não diga, que os grupos archotantes erão todos Corcundas exaltados.

Intrigar, calumniar, e mentir, eis-aqui que cousa seja o *Imparcial* do Porto, nisto he fecundo, e farto; huma razão, hum raciocinio não apparecem. Com grande apparato diz que vai responder á Carta 24: traslada algumas passagens, não diz palavra, e dá a cousa por acabada, chamando-me por fim *Aretino*: alguma cousa sei deste grande Poeta Toscano, Pedro Aretino; e prescindindo de algumas obscenidades, he tão grande Poeta satirico, que não me envergonho do parallelo: posso repetir de memoria muitas das suas composições, e para dar alguma idéa deste Poeta, aos que ainda dão alguma cousa pela Literatura, ahi vai o Epitafio do seu Sepulcro em latim, e logo em Portuguez.

Lapis Aretini cineres tegit iste sepultos,
Mortales atro, qui sale perfricuit:
Intactus Deus est illi; causamque rogatus,
Hanc dedit, ille inquit, non mihi notus erat.

Aqui jaz Aretim, Vate Toscano,
Que esfregou com sal negro o Ser humano;
Intacto deixou Deos, porque, dizia,
Elle o Ente immortal não conhecia. (*)

Seja eu pois embora Pedro Aretino, e farei o mesmo uso do sal, que elle fez. Eu vou acabar com este homem, ou com seus revoltantes, e revolucionarios escriptos por huma vez, que se vendem, só porque o *Correio do Porto*, que bem o pulverisa, e as Cartas, fallão nelle; a Nação ainda carece de outras illustrações sobre materia de verdadeira importancia; assás documentos tenho, e o serviço que lhe faço será completo; só com este homem gastarei mais hum quarto

(*) Ninguem conhece a Essencia Divina: *Non videbi me homo, et vivet.*

d'hora em lhe lançar em rosto duas mentiras, e huma calumnia contra os amigos do Senhor Infante D. Miguel, que são todos aquelles Portuguezes honrados, que do coração desejão que nunca em Portugal acabe de reinar a Augusta Dynastia de Bragança. Vamos ás mentiras. 1.ª mentira — Imparcial de 9 de Outubro N.º 93 pag. 448 §. 3.º

Texto. — » *Na Villa d'Almada houverão algumas de-*
» *sordens acompanhadas de grïtos sediciosos, e terião tristes*
» *resultados, se não fossem a tempo atalhados pela activi-*
» *dade do Juiz de Fora, que com tudo se vio obrigado a de-*
» *mittir alguns dos seus Officiaes, que não quizerão obede-*
» *cer-lhe, prendendo os revoltosos; porem o activo Juiz no*
» *mesmo instante nomeou novos Officiaes, os quaes conse-*
» *guirão prender hum dos criminosos em flagrante delicto,*
» *abrio Devassa, pronunciou outros, que se evadirão....* »

Se eu fosse Pedreiro Livre, e tivesse pela sciencia da mentira, e da impostura, recebido o grão supremo de Rosa Cruz, não mentia mais desaforadamente; e, se eu mentisse tanto como o *Imparcial*, bem podia a Veneranda inventar mais altos grãos para premiar hum mentiroso mór. O caso authenticado, e reconhecido com o Acordão da Relação, que tenho presente em data de 13 deste mez, e que reprehende o meritissimo Senhor Doutor Juiz de Fóra, dá por aggravado o aggravante, e manda dar baixa na culpa, se reduz em summa a isto. Hum homem chamado José Antonio de Cariá, residente em Almada, vindo a Lisboa no dia em que se publicou a vinda do Senhor Infante para este Reino, comprou a Gazeta, e foi se muito contente para a sua terra: em Cacilhas comprou *sèis* foguetes; chegou a casa, e antes de comer alguma cousa, se tivesse que, chegou a huma janella que dava sobre humas terras de semeadura, deitou *trcs* foguetes (coitado), deixando os *outros tres* para quando Sua Alteza chegar: ás onze da noite, hum amigo lhe bateo á porta, e lhe disse da rua: foge; olha que o Juiz de Fora te manda prender, por te metteres a fogueteiro antes de tempo. Ora: como o foguete de cadêa he cousa que se não pode aturar, especialmente por dá cá aquella palha, e por cousa nenhuma, José Antonio de Cariá foi para

Porto-salvo, e fez muito bem, e como homem de juizo. O Senhor Doutor Juiz de Fóra, como o motivo dos *tres* foguetes, na sua mente, era hum crime, pronunciou o homem, e o homem aggravou da injusta pronuncia; eis que apparece o na verdade bem lançado Acordão, assignado pelos Desembargadores Doutor João Ferreira, — Maia, — e — Abreu. Basta só esta clausula para se conhecer Justiça bem administrada pela Relação: — *Dos Autos não consta facto algum criminoso, que désse lugar á Devassa.* Ora: para o *Imparcial* era isto hum grande motivo para se envergonhar pelo apanharem em tão descarada mentira; eis-aqui as desordens, eis-aqui os gritos sediciosos, eis-aqui o réo apanhado em flagrante delicto, mas eis-aqui o que elle quer para insultar o Senhor Infante, dizendo que a noticia da sua vinda causára no Reino *grandes desordens*; e a resposta já está na ponta da lingua, e nos bicos da penna: — Que tudo he fingido pelos inimigos da Legitimidade do Senhor D. Pedro IV, inimigos da Carta, e inimigos do Hymno do mesmo Senhor, e que os Corcundas estão ligados com os revolucionarios da Hespanha: e assim fica tudo muito bem respondido, e elle muito enchuto, continuando a illustrar a Nação, a dirigir a opinião pública, combatendo os escriptos incendiarios contra a Legitimidade, e a Carta, e Hymno; mas desta natureza ainda não appareceo escripto nenhum, ninguem tal fez, ninguem tal combateo; e, senão appareça o nome de hum só. Vamos á segunda mentira, que ainda he mais calva. — Imparcial de 6 de Outubro N.º 92 pag. 439 § 8 no

Texto. — » *Alguns dos prezos vão proceder contra as testemunhas, que calumniosamente os criminárão, quasi* » *todas pessoas da infima relé, e até algumas, que se não* » *sabe quem são......*

Esta he de hum calibre, que se não conhece n'Artilheria!! Os processos ainda não estão de todo concluidos, não forão ainda ao Tribunal da Relação, ainda se não proferio sentença alguma, ainda se não declarou por acto algum judicial a innocencia dos réos, e a falsidade dos crimes, que se lhes imputárão: em huma palavra, ainda se lhes não deixou o

direito salvo para poderem proceder contra seus accusadores, e já os encarcerados *vão proceder contra as testemunhas.* Mas, Senhores, a mim me parece que ha aqui huma cousa, que he impossivel fazer-se, e vem a ser: — proceder contra testemunhas — *que se não sabe quem são.* — Então como ha de ser o Requerimento? — Dizem os irmãos da irmandade dos Archotes, que para bem da sua justiça, e prova da sua innocencia nas tres procissões de penitencia que fizerão, lhes he preciso fazer citar huma das testemunhas, que não sabem quem he, e por isto P. a V. S.ª etc. Eu aqui não acho que se possa pôr outro despacho senão este —

Quando o souberem, requeirão,
Ou o Miguel que lha procure.
Dr. etc. etc.

Isto chama-se mentir desencadernadamente. E a resposta? está na ponta da lingua, e nos bicos da penna: sômos insultados em nossa folha N.° 92 pelos inimigos da Legitimidade do Senhor D. Pedro IV, da Carta, e do seu Hymno. — Ora: como os Autos, e Devassas dos prezos são daqui mandados pelos Ministros para o Escriptorio do *Imparcial* para serem por elle examinados, e dizer se a cousa vai com geito, e á sua vontade, elle já no seu bem acreditado Periodico lançou os nomes de algumas testemunhas, que mais lhe derão no goto para conhecimento da Nação; mas como o Fiel estava com pressa, o homem extractou muito precipitadamente, dizendo: — Simão de tal — Sacristão da Penha; Elias Alfaite; Mata Barbeiro. — Agora aqui vai a circumstancia que mais aggrava o crime destes homens. — E na verdade se estes tres homens forem julgados, a circumstancia apontada pelo *Imparcial* os leva ás Pedras de Angochi (ou á Horta das tripas a merendarem alguma cousa): tremem-me os dedos, mas ahi vai — Texto — " *Estes tres são amigos, e moradores na calçada de Sancta Anna.* » — Ora: não se póde aggravar mais hum crime. Serem amigos, e morarem na calçada de Sancta Anna!! Oh! Ceo! que attentado!! Os homens não esperão pelo Natal, mudão-se fora de tempo. Chama-se isto mentir. Concluamos, meu amigo, com a Carta, e com este homem, que tanto mente que até aqui nes-

te N.° diz que as Cartas tem 16 paginas, não tendo mais do que 12, só para mentir accrescenta 4.

Mentir, he não ter vergonha; mas calumniar atrozmente, he ter máo caracter, ou pessimo coração. Valha-me o Texto para huma proposição destas, que a Censura não poderia deixar passar, senão fosse provada incontestavelmente; eis-aqui o Texto. — No mesmo N.° pag. 442:

« *Do que concluimos, que o nome do Senhor Infante D.*
« *Miguel he a Egide (broquel, ou escudo), com que os nos-*
« *sos revolucionarios se encobrem para desconhecer a Legi-*
« *timidade do Senhor D. Pedro IV, desobedecer ao Gover-*
« *no, e empecer a que a Carta tenha sua literal execução.* »

Quantos crimes em hum só crime destas expressões!! Os revolucionarios cobrem-se com o nome do Senhor Infante D. Miguel. Quem são os revolucionarios? Em que estado de revolução estamos nós? Os amigos do Senhor Infante, que o são de toda a Real Familia de Bragança, nunca se revolucionárão, muitos nas mãos dos exaltados terão padecido por serem seus amigos, mas nunca forão punidos por amotinadores, nem desobedientes, maquinadores, e tumultuarios. São incapazes até de huma vingança dos não merecidos insultos, que com a alcunha de Infantistas tem recebido. Se alguns tem manifestado o justo desejo da sua vinda, talvez que o motivo deste desejo seja unicamente outro vehemente desejo de verem acabar tantos insultos, pois ainda mesmo hoje não dão hum passo por certas ruas, sem se escutarem os mais afrontosos vilipendios, cousa nunca vista. Estes homens sempre martyres, e sempre pacificos, são designados com o nome *dos nossos revolucionarios*, cobertos com o nome do Senhor Infante. E chega a tanto a barbaridade deste homem, que nos diz que o nome do Senhor Infante he o grito da revolução. Até me horroriso de repetir, e expôr ao conhecimento do Povo Portuguez, fallo dos homens de bem, semelhantes atrocidades: Quer o Reino ter paz, segurança, e união? Pois não tenha Periodicos. Vivemos bem por seiscentos annos sem elles, pois vivamos assim: nenhum bem se pode esperar donde tem nascido todos os males. A opinião pública forma-se com a justiça, e não com

papeis em que se não achão senão duas cousas, parvoices, e atrevimentos. Sobre isto tenho dito tudo.

Acabou-se esta Carta, porque a materia por si mesmo se ia estendendo, sem fallar no que tinha determinado, que era o mais destampado de todos os Sermões impressos, que vem a ser hum Sermão da Soledade prégado no fervor da regeneração, que veio do Porto, por hum Padre que se diz Conego da Sé de Hyponia, que supponho que veio da Berberia com licença; pois Hyponia, onde Sancto Agostinho instituio os Conegos Regrantes, segundo diz Cellario na Geografia antiga, existio n'hum lugar chamado Bona ao pé de Argel. Se lá ha Conegos ainda, não sei, mas o Padre assim diz aos seus discipulos, que se chama. Costuma-se no fim do exordio pedir o auxilio da Divina Graça; elle invoca a *Noite* como Young chorando a morte da Enteada a seu amigo Lourenço. Até aos Pulpitos chegou a contagião liberal. He necessario que ao conhecimento do Povo Portuguez cheguem estes horrores para se acautelar. O tal, que se diz Conego da Sé de Hyponia, he hum Orate consumado. Servirá o Sermão, sem personalidades, de adubar alguma austeridade destas Cartas, para as quaes me dará força não a Natureza, porque me sinto expirar, mas o desejo de ser util a esta Nação, a quem os escriptos revolucionarios ião levando ao precipicio. Deos o livre delle, e do estado de enfermidade, em que vai arrastando a dolorosa existencia

Seu amigo

J. A. D. M.

Forno do Tijolo 22 de Outubro de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença da Commissão de Censura.

CARTA 30.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

PArece-me, meu amigo, que se vai augmentando muito, e crescendo de mais o número das Cartas, que lhe dirijo, enviando-o muito saudar! Trinta Cartas! E se o Povo se enjoar, e aborrecer? Apenas eu o perceber, nesse mesmo dia se fecha o Correio, e para sempre; mas em quanto hum só individuo disser pelas portas dos Senhores Livreiros — temos Carta do Padre? — O Padre escreverá Cartas, esfolará Bestas, confundirá Impostores, fallará a verdade, e servirá os homens de bem, que por certo formão a totalidade da Nação. Não sei se isto seja confiar muito de mim; mas se daqui em diante todos os que tão divididos andão em idéas, em sentimentos, em fins, e interesses, me quizerem lêr sem prevenção, e com sinceridade, todos os partidos se conciliarião, ou se acabarião, e ficaria Portugal naquelle mesmo estado, em que a Sancta Escriptura nos representa a terra toda antes da confusão da Torre de Babel: — *Toda a Terra fallava pela mesma bóca, e todos os seus habitadores se exprimião na mesma linguagem.* — O mais simples, e insignificante remedio cura muitas vezes as mais inveteradas, e renitentes enfermidades. Para conseguirmos isto, nós, os verdadeiros Portuguezes, temos já parte do caminho aberto, ou hum grande, e terrivel obstaculo removido. A praga dos Periodicos está quasi extincta; o contagio remittio bastante: essas nuvens espessas de Gafanhotos, que enlutavão os ares, e codeavão as searas, vão entrando na podridão d'onde sahírão. Levantou-se esta Feira de mentiras, chegando a vender-se tão baratas, como as quinquilharias ao levantar das Feiras, que até a dez reis se vendião, e se embutião. Corra v. m. as tendas de méxas, de confeitos, de

manteiga, e de cominhos, e verá sobre pilhas, e pilhas tristes Epitafios — Aqui jazem os *Pobres* — Aqui estão subterrados os ossos do *Portuguez* — Aqui dêo fundo a *Constitucional* — Aqui veio dar a ossada o definhado *Velho Liberal.* — Aqui se pôz o *Sol* do Porto. Nas iscas do Mal-cosinhado achará v. m. para embrulhar torresmos o *Imparcial* no mesmo Porto. Em sitios bem notaveis, e muito necessarios, como he o do recanto occidental do Terreiro do Paço, na angra tambem occidental do passeado Rocio, na fachada interior do frondoso Passeio, por huma bem calculada especulação de limpeza, vierão parar por legal distribuição todas as *Borboletas* do mesmo Porto, terra tão fecunda em raridades. Assim acabou tudo isto: estamos livres; se apparecem alguns restos, lá vão para os Fogueteiros em segunda mão. Estes Mosquitos zunidores, e mordedores, tiverão a audacia de dizer que elles se levantárão do pó da terra, e se desprendêrão dos braços da fome, para illustrarem, e illuminarem a Nação, para fixarem as opiniões dos seus Compatriotas, que são os taes, que formão a opinião pública, para abrirem caminho seguro aos actos do Governo, para propalarem os defeitos dos Funccionarios publicos, darem parte ao Governo das malversações das Authoridades constituidas, e Aguazis territoriaes. Bem vimos que a *Borboleta* tinha tomado sobre si a parte da Guerra. Os Rebeldes retrogradárão das immediações do Porto com medo da *Borboleta*: as suas communicações, e noticias particulares erão tão exactas, que o *General* Cachapuz não se atreveo jámais a fazer huma operação só, ou huma evolução da grande Tactica nas columnas volantes da sua retaguarda nas avenidas de S. Gregorio, que a *Borboleta* as não apanhasse, e publicasse logo. Cachapuz aterrado, e picado sempre na retaguarda pela *Borboleta*, concentrou o grosso do Exercito nas margens do Ebro, e licencéou os Corpos dos Gastadores, e Tiradores; converteo a caixa militar em caixa de tabaco, e vai assim com duas pitadas espalhando magoas de tantos revezes, que lhe causára a *Borboleta*, e esperando que se acabe o Outono para renovar as hostilidades aos Presuntos de Melgaço, e mais alguma cousa.

Meu amigo, talvez que o Publico desculpe esta alegre Elegía no enterro de tanta impostura, e tantos desvarios, com que trazião enredado o Povo Portuguez estes mal agourados Periòdicos, que ajuntavão summa malicia á mais crassa, e profunda ignorancia. Eu quiz dar nesta Carta huma entrada risonha a objectos mui serios, e ponderosos, que começo a tratar, e irei tratando nas cento e huma Cartas, se com effeito a minha doloro-

sa enfermidade me deixar acabar este Testamento, em que deixo á Nação Portugueza hum legado de amor, de respeito, e de sincero, e vehemente desejo da sua felicidade; para outra cousa não quero a vida, nem em outra cousa se devem empregar os talentos, e os conhecimentos do verdadeiro Portuguez.

Tudo o que temos visto, e sentido de insultos feitos em público por palavras, e obras aos homens de bem de todas as classes, condições, e jerarquias, são outros tantos attentados comettidos contra a Sociedade civil em geral, e outras tantas infracções de todas as Leis Divinas, e humanas, como vemos no Evangelho, que he hum Codigo Divino, e até na velha Ordenação do Reino, que não he dos peiores Codigos humanos. Huma palavra affrontosa, huma nomenclatura irrisoria he hum crime civil, he hum delicto grave, pelo qual se póde levar huma acção de injuria, que as Leis mandão reparar, e que as Leis rigorosamente castigão. Destas acções de injuria estão cheios os Auditorios da Justiça, e muito mais o devião estar, depois que tantos malvados, irreligiosos, e desmoralisados, sem creação, e sem temor nem de Deos, nem dos homens, cobertos indignamente com a capa de Constitucionaes, que profanão, porque se não servem deste nome venerando senão para encobrirem suas maldades, e particulares vinganças; se arrogárão a desenfreada licença de atacar nas Ruas, nas Praças, nos Templos ao pé dos Altares, em toda a parte, homens, que nem por acções, nem por sentimentos, nem por palavras, desafião, ou merecem o odio público; e, ainda quando o merecessem, não he da competencia dos particulares tomarem vingança, pois ha huma Justiça pública, que póde, e sabe punir os crimes. O particular, que assim procedesse, ajuntaria hum delicto a outro delicto. Mais de huma vez, meu amigo, tenho fallado nestes, nunca pensados, vistos, ou praticados horrores entre os Portuguezes, que até serião novos, e estranhos entre os Argelinos. He para obrigar até a hum desatino ver hum homem coberto de cãs, e curvado debaixo do pezo dos annos, respeitavel por isto, e muito mais pelos seus empregos religiosos, civís. e até militares, modesto no portamento, comedido nas palavras. edificante no seu trato familiar, e público, no meio de huma Praça, ou passando, por absoluta necessidade, por hum arruamento, ser insultado de nomes affrontosos por dous Caixeiros de huma tenda, ou por dous mentecaptos sem vergonha, que vão a hum recado do Patrão, porque tal he tal Patrão, como os seus commissionados neste emprego do desaforo, e da insolencia. Costumão dizer alguns homens, ou já por calejados deste jugo dos insul-

tos públicos, ou porque queirão reprimir a colera dos insultados — *Disso não se faz caso.* — Não se faz caso ?? Sou Christão, e o Evangelho diz, que se me derem huma bofetada, offereça a face para outra, isto he o heroismo do amor dos inimigos, que entra na classe dos conselhos para a mais subida perfeição. J. C., quando em Casa do Summo Sacerdote foi ferido com huma bofetada, queixou-se e não se queixou nem dos açoutes, nem da Cruz. E quantas bofetadas se tem dado, depois de soarem os insultos de palavra? Se o esbofeteado disser como J. C. *Porque me feres?* Responderá com muita soberba o esbofeteante, *porque eu sou Constitucional, e vossé he hum Corcunda* — Oh! prodigioso estado de civilisação a que chegámos! Oh! derramamento das luzes, que tanto nos tem illustrado! Logo entraremos sobre isto em mais filosofica discussão, e antes tratemos do mais escandaloso attentado, que tantos monstros indignos do nome de Portuguezes tem perpetrado!

O Estado tem premios moraes, com que recompensa os serviços, que os Vassallos fazem á Patria, servindo-a, e dilatando-lhe, ou estendendo-lhe mais os limites da sua dominação, e senhorio. As Insignias das Ordens Militares como condecorações são os premios, e recompensas de serviços. Taes annos de serviço merecem ao Militar a Cruz de S. Bento de Aviz. Taes serviços na Magistratura, na Fazenda, ou nos Ministerios do Paço, merecem a condecoração da Ordem de Christo. Tres grandes homens servirão na India, Affonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida, e o Marischal Conde de Redondo: pois todos estes tres tiverão, e trouxerão como a maior honra a insignia da Ordem de S. Thiago da Espada. Este Habito de S. Thiago julgou-se em Affonso de Albuquerque hum premio porporcionado ás façanhas da tomada de Ormuz, da tomada de Gôa, da tomada de Malaca. Estas são as recompensas moraes de honra, com que os Soberanos remunerárão os grandes serviços de Barões tão distinctos, e assignalados; mas em nenhuma destas Insignias, ou sinaes honorificos, está gravado, ou esculpido, ou relevado o rosto do Soberano, e esta circumstancia he mui attendivel para o que vou a dizer-lhe. Talvez eu, como rude e não polido homem de Côrte, e ignorante da grande sciencia chamada a sciencia do Brazão, diga, que menos estimação daria ao Tusão de Ouro, á fita da Jarreteira, e a muitas outras fitas de tantas, e tão variadas côres, do que dou áquella Medalha, que traz por móte, ou por legenda — Fidelidade, e Realeza, — tendo no centro a Effigie do Soberano Monarcha de Portugal, a qual, com

digna expressão sua, chama o Liberalismo de caixeiros, e não caixeiros, patrões, e não patrões, a *Medalha da poeira!* A estes Senhores, que acima louvo, parecerá isto tontice, e ignorancia de hum Clerigo velho! E que poderá saber hum Clerigo velho? Ir atraz de huma Tumba gaguejando hum *Miserere* em quanto lho não gaguejão a elle. Paciencia: eu lá das luzes do seculo, e dos progressos da civilisação, nada pesco; mas das luzes da razão, e dos progressos do espirito humano alguma cousa entendo, e suppro o que nisto falta com o amor da justiça, e da verdade. Esta tão ultrajada Insignia dá a conhecer hum serviço feito immediatamente á Pessoa Sacratissima d'ElRei, e prova a fidelidade do sujeito dada a conhecer no meio das perseguições, e dos vilipendios feitos ao mesmo Soberano. As outras medalhas ou pendentes do peito, ou nelle pregadas, conseguem-se com trabalho, e assignalados serviços: esta Medalha conseguio-se pelo amor, e por meio de perigos da liberdade, e da vida, porque eu vi cem mil espadas Civicas, e outros tantos jalécos, e sobretudos pardos com manguitos, e afogadores azues com huma continencia militar de Tabaréos bisonhos, apontando aquellas sovinas, e nas mãos de sovinas, ao peito de homens honrados, que por terra, e por mar, com pão, e sem pão, que buscavão o seu Soberano para formarem em torno delle hum muro de bronze contra os perfidos, e malvados, que intentárão roubar-lhe, e roubárão a Soberania. Este roubo, e esta usurpação he huma verdade daquellas, que trazem comsigo a evidencia, e a convicção, ambas ellas sustentadas com a palavra do mesmo Rei, porque Elle disse — *Que reassumia os inauferiveis Direitos da Soberania.* — Se Elle os reassumio, he certo que até aquelle ponto estava sem elles, porque lhos tinhão furtado; e o mais he que os treze meleantes da empalmação tiverão o desembaraço de se chamarem benemeritos, e dispozerão para si suas medalhinhas de muita honra; e, se disto não fosse, seria de proveito, se os deixavão.

Temos visto os meios, os fins, e os motivos desta Medalha; e por estes meios, estes fins, e estes motivos, he verdadeiramente honorifica, e gloriosa; despreza-la, e persegui-la, he o maior de todos os attentados, que entre os insultos, que durão ha quinze mezes, se tem comettido. Que dão a conhecer estes Filosofos arruados, e os que não tem rua, nem casa, nem vida, nem officio, e só andão á pesca de archotes para terem alguma cousa que gritar, e que beber, e de caminho alguma vidracinha, que quebrar? Dão altamente a conhecer, que altamente desapprovão

a heroica, e Real determinação de Sua Magestade em acabar resolutamente com a sacrilega facção usurpadora, em tirar de seu pescoço, e do pescoço de seus fieis Portuguezes aquelle jugo, que a Tyrannia Democratica sobre elle tinha aleivosamente posto. Que desprezão, e abominão todos aquelles, que com tanta fidelidade seguírão o Monarcha para o defender, e por elle derramar o sangue, se preciso fosse. Mostrão que em lugar da Soberania livre, como agora a temos, querião o monstruoso, e revoltoso governo popular, com impunidade pública em seus crimes, e sacrilegios, com que Deos era offendido, seus Templos roubados, seu Culto interrompido, e suas ceremonias escarnecidas: querião o que ainda hoje querem, e de que não desistem, apezar de tantos desenganos, viver em huma devassidão, e licença, em que não viverão os Pagãos, e Idolatras no seio da corrupção da antiga Roma. Parece que os ultrajes públicos, que impunemente tem feito á Medalha da fidelidade sejão a expressão do rancôr, e odio que conservão aos Leaes Portuguezes, dizendo-lhes: nós Constitucionaes vos desprezamos, cuspimos, abominamos, e perseguimos, porque vós concorrestes para que o Monarcha reassumisse seus Direitos usurpados, e por isso vos juramos guerra exterminadora, porque sois inimigos daquella Divinal Constituição, que o nosso Presbytero Jurado disse que descêra do Ceo, e até juraria em cem pares dos seus Evangelhos, que elle mesmo a víra cahir a tantos de Fevereiro na Cidade do Porto em casa do Estriga, estando elle com os outros taes como elle, seus doze Apostolos congregados no Cenaculo do de Feitoria. Desesperados por verem arrancar do Sanctuario o signal de abominação, que a impiedade revolucionaria alli tinha levantado, vingão-se com o desprezo, e perseguição daquelles, que mostrárão, seguindo o Rei, a sua adhesão ao Throno, e o seu respeito ao Altar. Chegou a tanto este insulto público pelo espaço dos já passados quinze mezes, que muitos honrados Portuguezes, para evitarem novos insultos, e talvez que hum principio de motim com tanta ancia provocado, escondêrão a mesma Medalha, ao menos quando pelas obrigações da existencia, e subsistencia se vião obrigados a entrar no centro da Cidade chamada baixa, e atravessarem os fataes arruamentos, ou as Academias destes illustrados Publicistas. Mosteiros ha, onde por amor de dous, ou tres Orates, hum Tecleiro, e outros Picadores, se não póde ainda entrar com a Medalha, sem correr o mesmo risco. Esta Medalha, dizem elles, he hum signal, ou pregão permanente de que levou o Diabo o nosso adorado, e adoravel Systema regenerador, de

tornarmos outra vez da liberdade para a escravidão, e da sublimidade do Democracismo para a voragem do Absolutismo. A isto chamo eu o mais execrando, e punivel de todos os insultos; a memoria do Rei he vilipendiada, a fidelidade dos Portuguezes reputada hum crime. Se todas as Medalhas de Condecoração são dadas pelo Rei, porque só o Rei as póde conceder como premios de serviços, como são as mesmas de Campanha em seus differentes gráos, porque não insultão elles todas estas, e unicamente aquella? Porque estes feros Republicanos não querem, e protestão não querer nunca hum Rei livre, mas hum Rei escravo; não querem hum Rei com os direitos da Soberania, mas hum Fantasma despojado delles. Não querem hum Rei que os governe a elles, querem hum Autómato, que elles governem, e tyrannisem. Em quanto eu tiver esta espada na mão, dizia hum Padre Civico, não ha de aqui entrar hum Rei com — *Veto* —. Tão insensato me pareceo sempre o tal Padre, que nem o que quer dizer *Veto* elle entendia. Só huma cousa me admira, que, levando Malco huma orelha cortada, este Malco as quizesse cortar aos outros.

Não insultamos a Medalha pela Medalha, dizem muitos, fazemos estes insultos, porque os que trazem a Medalha são Corcundas. Boa razão, isto satisfaz, e ataca. He tempo, meu amigo, de ellucidarmos mais alguma cousa esta materia, que parecendo tenue, e insignificante, he, em seus resultados, e consequencias a mais ponderosa, e interessante. Para se insultar hum homem publicamente, o que nunca he licito, nem permittido pelas Leis, seria preciso que este homem fosse hum público criminoso, e publicamente sentenciado. Assim mesmo o homem mais barbaro não se atreveria a insultar hum miseravel forçado das Gallés, ainda que no pezo dos ferros, que arrasta, traga hum testemunho authentico dos delictos, que commettêra, porque aquelles horrorosos ferros são delles a pena, e o castigo. Aquelle estado merece compaixão, cada miseravel daquelles he hum individuo da especie humana, igual aos outros por natureza, ainda que posto em estado tão differente, pela culpa, ou pela fortuna. Nem o privilegio da desgraça do criminoso tem hum Corcunda em sua condição, e para ser desgraçado basta ser criminoso. Mas que delictos cometteo este Corcunda, quaes são os crimes que o fazem réo sentenciado, e executado por estes peralvilhos, que o Domingo solta das lojas, ou a ociosidade sempre alimenta pelas ruas? Consideremos este Corcunda pelo lado da Religião, depois o consideraremos pelo lado da Legislação Ci-

vil, quero dizer, como Catholico, e como Vassallo. Como Catholico, elle cumpre com as obrigações deste caracter, e basta reflectir sobre as qualidades moraes de seus insultadores, para se conhecer que hum Corcunda, como Catholico, tem virtudes, porque semelhante cambada, que canta, como cigarras, o Hymno pelo meio da rua, não pode louvar senão o que he máo, nem perseguir senão o que he bom. Vejão se as irreverencias dos Templos, e as zombarias de todos os actos da Religião são feitas pelos Corcundas; e vejão tambem se nestas insolencias deixa de entrar hum caxeirinho, e hum patrãosinho, e ambos muito Constitucionaes, porque só nisto fazem consistir a sua exaltada Constitucionabilidade. Hum Corcunda verdadeiro não escarnece da Confissão auricular, não falta ao respeito devido á Igreja, e aos Altares..... em fim, isto não he Sermão, isto he Carta, e contento-me em dizer, que hum Corcunda não he hum solemne desaforado. Como Vassallo, ninguem he mais fiel, mais obediente, mais tranquillo, mais pacato; hum Corcunda regula a sua politica pela politica do Evangelho, que diz que quem resiste ás Authoridades Civis resiste á Ordenação de Deos. He verdade que os Corcundas tem soffrido suas saudades na longa ausencia do Serenissimo Senhor Infante D. Miguel, que Deos guarde, e lá as ião aliviando com as suas medalhinhas pequeninas escondidas entre a pelle, e a camisa; com suas duas velinhas á Senhora da Rocha para que o trouxesse, porque as margens, e ribeiras do rio Danubio, não são tão apraziveis, e amenas como as do rio Tejo; em quanto Carlos 5.º confessava a aspereza da lingua Allemã, nós dizemos, que a lingua Portugueza, antes de ser regenerada pelos regeneradores, he boa para fallar aos Anjos, e aos Principes, pela sua suavidade; ainda que tenha seus *ãos*, o primeiro *ão* que aquelle Anjo disser, será o termo mais suave, que a lingua tenha, porque ha de ser — *Perdão.* — Ora: na ordem Civil, nenhum outro crime tiverão, ou comettêrão os Corcundas. Então porque tem sido, e vão sendo tão perseguidos e insultados por essas ruas, e tem havido provas de se terem prendido, e carregado de ferros homens, que estavão deitados em suas camas dormindo a sono solto, só porque lhes disserão — alli está hum Corcunda dormindo, e não sei como não accrescentárão as testemunhas Constitucionaes: — Que sabem pelo verem com seus olhos, e ouvirem com seus ouvidos, que o mesmo réo Corcunda, e dorminhoco, estava sonhando com o Senhor Infante D. Miguel? — O motivo destes insultos, e apupadas, ou o crime — *imperdoavel* — dos Corcundas, he quere-

rem hum Rei, que seja Rei, que haja huma Lei Fundamental feita com tanta sabedoria, como a nossa primeira lei, molde, e typo da Lei actual, que de tal maneira classifique os deveres dos Soberanos, e dos Vassallos, que o Rei nunca seja hum Tyranno, e o Povo nunca seja hum escravo: que a Religião seja mantida, e respeitada, tal qual a recebemos de nossos Avós. E os perseguidores dos Corcundas o que querem?? Isso diz-se em huma palavra — *Querem huma Republica.* — Para esta tão decidida e escarnada proposição, eu não tenho que ir buscar provas, e demonstrações ás tres noites dos saráos, e illuminação de esparto e brêo. Estes mesmos insultadores, e espancadores do Corcundismo, derão estas provas no momento da revolução do Porto; todo aquelle aranzel, com que a si mesmo se fez, e se levantou o Soberano Congresso, a traducção Portugueza da Constituição Hespanhola, nada mais querem dizer, do que Republica; e como se não podia proclamar esta de hum salto brusco, e grotesco, invente-se huma linguagem ambigua, que o seja, e não o pareça á primeira vista. Ora: como os Corcundas, ou á cara descoberta, ou por suas móças de páo, frustrárão estes projectos, e estas esperanças, ficárão sendo, e serão sempre o odio eterno destes perturbadores, que tanto se allucinárão com suas fantasticas theorias, que tiverão por cousa assentada, que só com a palavra *Constituição*, que se dêo á Carta, os punha em estado de republicanisar á sua vontade, identificárão ambas as cousas, e crêrão que a Carta de 29 de Abril de 1826 era o mesmo que o grande Conselho Militar de 24 de Agosto de 1820; e com hum ar de triumfo, e revindicta, gritárão logo ao primeiro Corcunda que encontrárão, como da linha, e raça daquelles que em 1823 dérão a grande cambalhota aos Palhaços, cortando-lhe a corda bamba, em que escoiceavão — *Ha de roê-la.* — Eu, meu amigo, fiquei assim por modo de parvo, ou como eu sou, quando n'hum Domingo, antes do Juramento, tres Confeiteiros, e hum Fanqueiro, que ião pela Calçada do Forno do Tijolo para Sete-Castellos provar as aguas, me disserão na minha cara: — Ha de roê-la! — Depois he que eu soube, que era huma traducção do *traga-la pierro* do Grande Riego, e seus dependurados companheiros. Ora, aqui tem V. m. quem sejão os Corcundas, e os que tão impropriamente se chamão a si Constitucionaes. Ora: por fim (passemos a outro objecto) saberá V. m. que eu já descobri o Auctor da Cartinha vinda do Funchal; he com effeito pessoa respeitavel até pelo caracter Sacerdotal; nestas Cartas não devem ir nomes proprios, porque ainda que sejão de inimi-

gos de Deos, e dos homens, ainda que existão em Documentos públicos, e impressos, como são Sentenças, que os condemnão, eu desejo evitar a menor sombra de personalidades: mas se V. m. como curioso quizer saber em particular quem seja este destampado, Auctor de tal destampatorio, não tem mais que correr com os olhos a grande, bem lançada, e judiciosa Sentença da Alçada, que foi á Ilha da Madeira conhecer dos innocentes, que querião outra vez levantar a Constituição revolucionaria de 1821. He o segundo Réo, de que a Sentença tracta, condemnado em dez annos de degredo para Angola, por ser revolucionario, e ter, por confissão propria, o gráo de Rosa-Cruz na Veneranda Congregação da Secreta. — Lêr a tal Cartinha, he lêr todas as respostas. — He comprado pelos inimigos da Causa, he vendido á Junta Apostolica, he assalariado pelos rebeldes, detractores da Legitimidade, por esses Chaveiros que aborrecem a Carta, e que tapão com as mãos os ouvidos quando se entoão harmoniosos Hymnos; e sobre tudo com o mesmo chavão de todos: — *Não he nosso intento analysar, ou expender as dictas revoltantes Cartas do Padre, que vem semear a discordia, e promover a desunião entre as familias.* — Isto disse o Escrivão da Vintena, o Fiscal dos abusos, e o lazarento, e bostelento de Meninos, que pondo nos formosos frontespicios das suas urbanissimas respostas — *Resposta ás Cartas*, logo a poucas linhas cantão todos com o mesmo Alamiré — *Não he nosso intento analysar as Cartas do Padre.* O *Imparcial*, cantando no mesmo tom, ainda o fez melhor; andou promettendo huma resposta, enchendo a todos de alvoroço de semana para semana. Veio em fim; e o que? Trasladou fielmente algumas passagens da Carta 24, e por fim exclama — *Ora aqui tem Vossas mercês o que diz hum Sacerdote.* — Não falta quem diga, que o tal confessado de *Rosa-Cruz* não he o genuino Auctor da Carta infame; mas que he outro da mesma terra, da mesma Ordem, dos mesmos sentimentos, e da mesma vergonha, por outra, o Euripides Funchalense; não sei porque lhe derão este nome de hum Poeta Grego, talvez que por fazer muitas Tragedias a beneficio dos insomnios, ou espertinas: como me não declarão o seu nome, seja quem fôr, talvez hum seja Auctor, e outro Censor, e que sejão os mesmos. que derão para a Gazeta, que traz pintado, ou gravado o Barrete Republicano os artigos contra o virtuoso Bispo, que tanto escandalo causárão os apologistas do Sermão do Vigario em que já fallei.

Ambos Arcades são, e iguaes no Canto.

Eu não me despeço delles, e só lhes digo, que até á primeira,

e em melhor tempo. Poupar os Illustradores deste Seculo, he agazalhar Viboras no seio, para depois nos darem a morte. Contra estes monstros eu acautelarei o nosso desditoso Reino; e já que são inevitaveis os males, que lhe tem causado, não lhe causarão tantos para o futuro. Se elles não desistem de buscar nossa ruina, e a ruina do Mundo, eu não desistirei de os perseguir, e acoçar com os dous bicos desta penna. Vi, e li o Relatorio da Polonia, que se distribuio com a Gazeta, e junto ao da Russia fazem ambos hum bom volume: alli se descobre com todo o escrupulo das formalidades Juridicas o que elles fazem, e intentão fazer, proseguindo na obra com pertinacia tal, que nem os patibulos, nem os degredos para as fronteiras da Tartaria, e da China, nem as sombras, e profunda escuridão das minas, nem o peso de cadèas, os poderão suspender para intentarem na Polonia, o que havião intentado na Russia; pois eu descobrirei ao Mundo com hum amplo Commentario as Leis, por que se governão, já que me cahírão nas mãos seus Originaes Estatutos. Não será este hum trabalho inutil, antes muito proveitoso para a tranquillidade, e união dos Povos. A primeira cousa, que se ha de conhecer, he a exacta conformidade, e semelhança que ha entre estes Estatutos, as suas formulas, ou a sua architectura com todas as chamadas Constituições Democraticas, que ha quasi hum Seculo tem apparecido no Mundo para desventura dos homens. A mais pequena circumstancia, e a menos attendivel de hum Soberano Congresso em acção, alli está, e alli se descobre nos mesmos Estatutos, ou Constituição da Veneranda. Huma Dieta nocturna não he mais do que huma Sessão diurna de huma Assembléa Legislativa, e Constituinte. Estes Senhores Salvadores das Nações são meus declarados inimigos. Tudo quanto se tem visto de respostas, de descomposturas, de infamias, e de ataques pessoaes em muito boa letra redonda, impresso aqui, impresso em França, impresso em Inglaterra, e finalmente até na Ilha do vinho, he obra destes mesmos Salvadores; e por isto eu lhes farei o que elles me fazem, só com huma differença, elles atacão-me com sua fantasia, eu os rebaterei com seus mesmos escriptos, com suas públicas acções, que são os mesmos escriptos postos em prática.

Ora, meu Amigo, como eu folgo mais alguns dias em razão da demora do expediente das Cartas para sua impressão, dando-se agora huma por semana, tenho vagar de deitar os olhos para alguns presentes, que pessoas curiosas me tem feito; e não cuide V. m. que são cousas de comer; são cousas de lêr, e en-

tre estas vierão duas, huma, e outra impressas. Hum Sermão da Soledade prégado, diz huma nota, n'hum grande Convento desta Côrte depois da meia noite; outra he huma Collecção de dictos, e factos asnaticos desde o Criado de Servir até ao Ministro d'Estado, pois na tal Collecção até vem Antonio de Sousa de Macedo, e na qual se injurião todas as Ordens Religiosas; ambas as Obras são do mesmo Auctor, e esta segunda, he impressa — *No anno segundo da Liberdade!* — No Sermão vem a pessoa que o fez, annunciada pelo seu nome? Sim, Senhor; mas eu não declaro o seu nome; eu que não posso estar ocioso, tenho augmentado o catalogo das parvoices com outras maiores extrahidas do Sermão, parvoices, que deixão encovados todos os mentecaptos, que disserão asneiras desde o principio do Mundo. A expectação do Publico não se ha de cançar muito, porque breve apparecerá esta preciosa miscellanea. As asneiras do Sermão podem fazer dous Tomos gordos do Supico. Quando o Auctor da Collecção disser ao Mundo — Vós dissestes as parvoices que eu aponto na minha Collecção — o Mundo lhe pode responder, e V. Reverendissima as disse maiores no seu Sermão, que fazem a segunda parte da sua Collecção. Vamos assim, meu amigo, espalhando magoas; e se eu viver, chegando o tempo, espalharei verdades, que amarguêm a muitos, e illustre a todos. Sem esperar por este tempo lhe digo já huma, e vem a ser que sou

Seu Amigo do C.

J. A. D. M.

Forno do Tijolo 28 de Outubro de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença da Commissão de Censura.

CARTA 31.ª

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

AMigo e Senhor, os nossos Sabios tanto Periodiqueiros como Regeneradores, encaminhando-se todos a procurarem a *felicidade* desta Nação, que, segundo elles dizem, ou elles fazem, era a mais miseravel, mesquinha, cega, e apoquentada de todas, differem sempre em suas opiniões sobre os meios, que se devem pôr em obra para se alcançar esta mesma felicidade, ou que a Nação perdêra, ou que nunca teve; porque sem Periodicos, e Regeneradores, nenhum Povo da Terra sahirá do abysmo do Servilismo, e Despotismo. Quando a Revolução em 1820 fez, e publicou em letra redonda hum Manifesto, em que dizia ao Mundo, e a quem o quiz ouvir, que, visto estar a *nossa Marinha podre*, para termos a nossa Marinha sã, e com ella, com a Lavoura, Artes, e Instrucção pública, podermos ir para a linha das Nações civilisadas, onde nunca estivemos, por nossos peccados, fechando sempre, teimosamente os nossos olhos ás luzes do Seculo, era preciso huma só cousa, que vem a ser, as nossas antigas Côrtes: — *Tenhamos as nossas Côrtes, seremos quaes fomos nos dias da nossa gloria.* — Excellente remedio! As mesmas causas produzem os mesmos effeitos, e de identicos principios se seguem infallivelmente identicas consequencias. E que cousa erão as nossas Côrtes? Era hum Congresso dos Procuradores dos tres Estados do Reino, chamados pelo Rei, quando o Rei queria, e se havia mister: estes Procuradores consultavão o Rei sobre os meios, e recursos, que se julgavão aptos, e proporcionados

para se acudir a taes, e taes urgencias, e remediar taes, e taes abusos; porque em tudo o que he dos homens, por mais perfeito que se julgue, sempre ha mudanças, e relaxações, trazidas pelo tempo, e pela natural inconstancia das creaturas racionaes, e livres. Alli se tractava de subsidios para os negocios da Paz, e para os negocios da Guerra; alli se propunhão meios para remediar os abusos na administração da Justiça, e da Fazenda; alli se discutia o que era concernente ao lançamento das fintas, alcavalas, e tributos, conforme a manifesta, e comprovada necessidade, que havia destas medidas, que sempre são gravosas, mas que os Povos conhecem indispensaveis para sua mesma conservação, e prosperidade. Este Congresso dos Procuradores dos tres Estados durava hum mez; e por concessão do Rei, mez, e meio, tempo, que se julgava mais que sufficiente para se tractarem, ventilarem, discutirem estes negocios; e o Rei examinando estas Consultas, e Pareceres, resolvia o justo, e se formavão as Leis, que nos Codigos se ião encorporando, e ainda subsistem. Quasi todos os annos havia esta convocação, porque até nas Côrtes de Coimbra se pedio a ElRei D. João o I. que *chamasse* a Côrtes todos os annos. Ora: este Manifesto tinha razão em dizer: *Tenhamos as nossas Côrtes, seremos quaes fomos nos dias da nossa gloria.* Mas o que elle queria erão as *suas* Côrtes, e não as *nossas;* quizerão os seus Auctores cometter o maior delicto, que vio Portugal, e não promover, como elles dizião para fazer zombaria de nós, a felicidade do Reino. Se elles quizessem as nossas Côrtes, promoverião huma submissa, e respeitosa representação geral das Camaras Municipaes do Reino dirigida a ElRei, que não estava fora delle, mas em huma parte do Reino em sua ainda existente integridade, pedindo-lhe que chamasse a Côrtes os tres Estados, para proporem os meios de remediar os males, que o Reino soffria com as tres Invasões dos Francezes, e com as vicissitudes politicas, que o transtorno geral da Europa, e do Mundo lhe havia trazido: se pela vontade do Rei ficárão suspensas as Côrtes desde 1697, pela vontade do mesmo Rei devião, e podião ser chamadas.

Ora: he de notar huma cousa, que por ser huma verdade historica nunca negada, contestada, ou contradicta, não póde ser hum crime annuncia-la, que nunca em nenhum destes chamamentos a Côrtes, que em quasi todas as Terras deste Rei-

no se fizerão, até na Villa d'Atouguia da Balea, nunca se tractou, nem huma vez só, do Pacto primordial da Monarquia, feito, e estipulado em Lamego depois da batalha de Ourique, e Acclamação d'ElRei D. Affonso Henriques. Se huma pequena Confraria faz hum Compromisso para sua conservação, e governo, huma Monarquia independente, que então se compaginava desligando-se do feudo a ElRei de Leão, tambem devia fazer hum Compromisso fundamental para governar-se, e subsistir. Jámais se alterou; até para o conservar em sua estricta observancia, e não passar o Reino a mãos estranhas, houve mister que nos tres Estados do Reino se fizesse a legitimação d'ElRei D. João I., filho natural d'ElRei D. Pedro I., pela infracção do mesmo Pacto primordial feita por ElRei D. Fernando, que não tendo filho varão, devia casar sua filha unica D. Brites com hum Senhor natural deste Reino, para que elle não passasse a mãos estranhas. Este Compromisso primordial, esta Lei politica em sua ordem, era tão invariavel, guárdada a proporção, como he, e será sempre o Decalogo, ou á Lei escripta nas duas taboas do Sinay. He vastissima a Collecção de Leis, de Estatutos, de providencias, de medidas adoptadas, e sanccionadas pela authoridade Real, feitas em tantas Côrtes chamadas pelos Reis; ainda subsistem, e crêio que enchem os armarios da Torre do Tombo: em toda ella não apparece huma Acta só, em que se falle ou da proscripção, ou da alteração do Pacto de Lamego.

Quando os nossos olhos, arregalados, lêrão o Manifesto, ficámos muitos contentes, porque nos segurava que o meio de sermos tamanhos como fomos nos dous Reinados de D. Manoel, e D. João III., era termos as nossas Côrtes; de sorte que eu cuidei que do Rio de Janeiro já tinha vindo a Convocatoria para as Camaras do Reino, e que por instantes se juntavão os Procuradores dos tres Estados em tres Igrejas, propunhão o meio efficacissimo de acabar com as Sociedades Secretas, como agora se tem feito na fria Polonia, e na gelada Russia, como dizem os grandes Relatorios, que se não levão de hum fôlgo, nem de dous, e que no mesmo instante, com huma camada de sal, se acudia á podridão da Marinha, e com outras providencias se acabavão as conspirações Democraticas, que n'hum e n'outro hemisferio tinhão começado a rebentar em 1817. Esta foi, meu Amigo, a minha esperança em os fins de

Agosto de 1820, porque eu estava pelas promessas do Manifesto feito por huns homens daquelles, que erão a mesma honra, a mesma verdade, e o mesmo zelo pelo bem da nossa Patria, segurança, e estabilidade do Throno. Já em 15 de Setembro eu desconfiei das promessas da Sociedade da salvação; eis que no primeiro de Outubro hum individuo encarapitado na trazeira de huma sege na Barca de Sacavem recitou hum Soneto da sua lavra, que se ouvio aqui em Lisboa; e recitado que foi o Soneto, começárão a marchar Benemeritos coroados de louro, e atraz delles vinte mil baionetas, que enchêrão Lisboa. Começou logo a apparecer na vanguarda das Tropas o Juiz do Povo, e seu Escrivão com seus competentes Bacalháos engomados daquelle dia, gritando: Meus Povos de Portugal, jurai as Bases, que vos trazem estes Senhores. Eu cuidei que os rapazes, que andavão em cardumes, lhes respondessem — Fóra! — e que aquella cavalcata, ou encamisada, se dissolvesse no mesmo instante; não foi assim: o motivo das nossas risadas foi o principio, e a causa das nossas desgraças; em lugar do — *tenhamos as nossas Côrtes* — tivemos huma Revolução. He verdade que nos enganárão para nos enganarem melhor; servírão-se da expressão das nossas Côrtes, e até o Presidente, dahi a oito dias degradado, assentou que se tractava das Côrtes de Lamego, sem advertir que não tinha intervindo nem a convocação, nem a Sancção Real; porque Côrtes sem Rei he revolução, he rebellião, para dizermos tudo em huma só palavra.

Ora: para salvar a Nação, lembrem-se-lhe as nossas Côrtes de Lamego, lembre-se-lhe a forma, e organisação das que se lhes seguírão: mas o *Imparcial* do Porto ainda não tinha apparecido; appareceo, e elle he a prova do que ao principio lhe disse, que estes nossos beneficos Filosofos Regeneradores nunca concordão em huma mesma cousa, nem seguem os mesmos invariaveis principios para conseguirem o mesmo fim, que he dar cabo das Sociedades civís, e do genero humano em pezo. Tinhamos já cahido na mais profunda tristeza, vendo a falta das luzes, que elle nos communicava, e isto pelo espaço de huma semana, até que ao meio desta lastimosa escuridão veio hum raio de luz em o N.º 97 cheio de tantos pontos em branco, que não he possivel apanhar hum sentido inteiro; e elle hade dizer ainda que os Censores do Porto são inimigos do

derramamento das Luzes, e dos progressos da civilisação. O Manifesto diz, que para felicidade, e grandeza de Portugal são precisas as nossas antigas Côrtes, e o *Imparcial* diz (Texto) — *Os Portuguezes do Seculo* 19 *não podião ser mais governados pelas Leis do Seculo* 13. —

Isto, meu amigo, não se póde aturar! E porque não podem ser governados pelas mesmas Leis? Poderão ser governados pelas mesmas Leis por seis continuos seculos, e sem deixarem de ser Portuguezes, sem mudarem de Religião, de caracter, de costumes, de habitos, de principios, de sentimentos generosos, de fidelidade, de obediencia, de honra, de magnanimidade, de independencia, não podem ser governados pelas mesmas Leis! E o Manifesto a gritar pelas nossas Côrtes! Assentemos que todos são revolucionarios, e que todos caminhão ao mesmo termo, mas por diversas estradas. Elles querem lá as Leis de Lamego, as Leis das Côrtes, as Leis do Reino, as Leis do Rei? Nada mais querem, por nada mais trabalhão, se ajuntão, se affadigão, se conspirão, senão pelas leis da tumultuosa Democracia, que quer dizer Republica, Provincias unidas, Provincias confederadas? Elles querem lá huma Carta, que amplie, exponha, e estenda, ou restrinja o primordial Pacto, ou convenção, e determinação porque em 1143 se organisou em Lamego a Monarquia hereditaria, independente, que reune no Rei os Poderes, e que dá aos Estados como agora os vemos a faculdade de propôr, de formar Leis, que o Rei acceite, sanccione, rejeite, ou reprove conforme entender que convém a sua livre soberania, de tal arte, que nunca deixe de ser Monarcha, que quer dizer, governar só? O que estes Senhores querem he allucinar, e illudir os Povos para os revolucionarem, alluindo os alicerces de todos os Governos, fazendo-se Legisladores, porque os Povos, dizem elles, tem necessidade de Leis para se conservarem. Não duvido, nem devo negar, que de tal arte se baralhem as circumstancias da vida civil, e politica, que exijão imperiosamente hum Regulamento, huma Ordenação, huma Lei, que regule, e ordene os seus movimentos: e quem chama cá estes Senhores, e onde forão elles buscar a competencia de legislar? Tem hum Rei? Pois seja este Rei quem lhes dê a Lei: não sejão os chamados Regeneradores, que venhão renovar a face da terra, mettendo-se a innovar tudo, para

perderem tudo, para darem por fim ás trancas, e deixarem os mais a pedir esmola, sem achar a quem a peção, porque todos a pedem. Supponhâmos nós, que he preciso concertar quatro têlhas quebradas n'hum telhado; deixem que o dono da casa as concerte; mas virem Pedreiros voluntarios, e para concertarem as quatro têlhas quebradas lançarem a terra o edificio inteiro? E se o dono da casa pega no arrôxo de hum páo, e desanca os Pedreiros, que para concertarem as têlhas lhe deitão as casas abaixo! Oh tyrannia, oh crueldade! Nosso Senhor perdoou na Cruz, o Evangelho manda aparar bofetadas; isto foi huma inconsideração, venha huma Amnistia; nunca mais buliremos em têlhas; mas o officio de Pedreiro, esse não o deixaremos, porque elle he a nossa enxada. E nisto anda o Mundo sem parar ha quarenta annos, e Portugal tambem he huma parte deste Mundo; e o caso he, que lhe tem cabido hum grande quinhão.

Se a revolução prospéra, nós somos os Salvadores do Mundo, e pozemos a Nação na linha das Nações; se os Povos, e os Reis dão cabo das revoluções, Senhor, perdoai-nos, que não tornaremos a fazer outra: e apenas os deixão fazem outra peior no mesmo instante. Tudo seja indulgencia para elles quando estão debaixo; tudo sejão castigos, oppressões, degredos, e tyrannias para os outros, quando elles estão de cima.

Huma Pastoral d'aquelles tempos he o papel mais imprudente, que tem apparecido, não digo eu em Portugal, mas dentro de todos os ambitos da Europa. Toda ella he huma enfiada de desvaríos, com que se pertendêo allucinar o Povo Portuguez para manter, e defender a Constituição Republicana feita na revolução de 1820. Deos me livre de asserções vagas, de dictos á tôa, como fazem os Periodiqueiros. Eu não quero diante da Censura perder o trabalho de muitas paginas de escriptura com duas, ou tres frases não documentadas com a existencia dos impressos. Por isso Texto, e mais Texto, e só o Texto, e depois o Commentario. Eis-aqui como a Pastoral falla aos Fieis de Deos, pag. 3. Nota 1.ª linha 4.

« *A mesma forma do Governo da Igreja instituida pelo*
» *seu Divino Fundador, he muito análoga ao nosso Cons-*
» *titucional.*"

Eu não sei como não mandárão ao Papa a Constituição, que trouxerão do Porto traduzida da Hespanhola *De verbo ad verbum*, para governar por ella a Igreja de Deos. Era hum mimo de amisade, era hum presente de mão cheia. A corrupção não podia chegar a mais. A obra das trévas arquitectada para attentar contra a Religião he análoga, e semelhante ao governo da Igreja. A Igreja Catholica, que he a congregação dos Fieis com huma só cabeça visivel, que conserva a sua unidade, que he o Vigario de J. C., cujo imperio he puramente espiritual, vem a ser huma Seita de Demagogos, que roubavão ao mesmo Deos o Culto, e aos Soberanos que delle recebem o poder, e por elle o exercicio, toda a authoridade, e soberania. Que tal está a Pastoral para a conducção do rebanho, e que taes são os pastos, que o Pastor lhe procura!

He cousa bem notavel o que estes homens são de escrupulosos sobre a Religião do Juramento! Em se fallando em Juramento dado á Constituição, todos elles com o joelho em terra tremendo de escrupulo, mais do que huma Beata velha a confessar-se de huma raiva, que tivera a hum gato, que lhe dêo cabo de hum quarteirão de sardinhas! O peccado que elles dizião que não tinha remissão, nem neste seculo, nem no futuro. Se algum miseravel quebrantava o Juramento dado á Constituição, e extorquido á força de armas, temião logo que descesse fogo do Ceo, que arrazasse tudo. Eis-aqui como falla a Pastoral de Coimbra de 9 de Março de 1823 fallando na rebellião do Conde de Amarante: — *Violando hum tão sagrado Juramento, como o que ha pouco prestárão á Constituição da Monarquia, unica fórma de Governo, que póde fazer a felicidade dos Portuguezes.* —

Sagrado Juramento! Isto excede a tudo. Juramento sobre materia injusta, sacrilega, attentatoria, qual era a ruina da Monarquia, e da Religião, a isto chama a boa da Pastoral — *o tão sagrado Juramento!* Que he isto, senão arrastar os Povos para sua perdição, fazendo caso de consciencia, o que era pura malicia. Ouçamos o texto mais terminante, que se podia desejar para eterna confusão dos seus Auctores. Quer a Pastoral dizer que, se havia desgosto por se acharem alguns leves defeitos na Constituição, e nas Côrtes que a traduzírão, que isto se podia remediar representando os Povos ao Salão Soberano, e Augusto Congresso. Eu estou a gastar palavras tendo o Texto da Pastoral, que diz tudo: pois ahi vai.

» Os Povos podem representar, seus votos devem ser at-
» tendidos, e deferidos, mas nunca por meio de huma
» revolução, que he hum terremoto politico, que sempre
» traz comsigo o incendio, o terror, e a morte, remedio
» mil vezes peor do que o mal. —

Ora cahírão na cova que elles mesmos fizerão; com suas mesmas confissões se apanharão, e convencerão agora. Se o Governo deste Reino na época de 1820 tinha defeitos, porque os homens que governão são homens, e não são Anjos; se na economia da Fazenda, ou administração da Justiça ha desperdicios, ou subornos; se as Leis vão onde vós quereis, representem os Povos, como devem, ao Soberano, representassem então com a unanime concorrencia das Camaras, buscassem o remedio donde lhes podia vir, e pelos meios justos, e competentes. Este era o dever, para cujo cumprimento todas as Leis lhes davão authoridade, e faculdade. E vós que fizestes? Vinde cá, respondei para alli. Nós fizemos huma revolução. E que he huma revolução? He o que nós dissemos, pois della dêmos huma exacta definição: — *He hum remedio mil vezes peor do que o mal.* — Pois hum remedio, que he mil vezes peor do que o mal, *que traz comsigo o incendio, o terror, e a morte, he a unica forma do Governo que póde fazer a felicidade dos Portuguezes?* Muito obrigado, meus Senhores, não queremos tanta felicidade junta.

A consciencia, que he hum domestico, e intimo Tribunal, diante do qual nenhum perverso he absolvido, lhes arrancou do fundo d'alma esta confissão; e fique a Nação desenganada que estes Regeneradores só querem a sua ruina. Quando querem usurpar o governo, transtornar a ordem da Monarquia, dando-lhe nova forma, alinhavando Constituições, que tenhão por principio a Soberania do Povo; em fim quando em 1820 fizerão o que quizerão, então não era revolução, era o voto geral da Nação debaixo das vistas do Soberano, e feita com hum acto tão legal e tão legitimo, como foi a vereação da Illustrissima Camara do Porto. Quando os Povos enjoados, e aborrecidos de aturar tanta impostura, e tantos impostores, os expelle, e espanca; então he revolução, que he remedio mil vezes peor do que o mal. Que nos roubem, que nos reduzão á condição de escravos, que elles se intro-

duzão em todos os lugares, como vimos apenas chegárão do Porto, soffrâmos, sômos desgraçados; mas que fação zombaria de nós com os seus palavriados, isto então ainda he peor que a escravidão de Argel.

Ouçamos agora os uivos de hum lobo, que, apezar de vir com a pele tão retalhada de pontos, não deixou de dar huma ferocissima dentada. Tornemos pela ultima vez ao *Imparcial* do Porto N.° 97. Consta de humas poucas de frases, que não fazem sentido, porque as que lhes faltão erão taes, que a Censura julgou que devia cortar todas: mas á perspicacia da Censura do Porto escapou n'hum cantinho escuso, em huma nota de letra miuda, huma proposição, que he preciso denuncia-la á Nação. Quer dar a saber qual seja a fonte, ou o principio, donde dimane o poder dos Reis: nós, que nos governamos nesta materia pelos Oraculos Divinos, dizemos que vem de Deos; algum dia era esta opinião hum crime: outros dizem que lhe vem de si mesmo, porque huma vez acclamado Rei pela legitimidade da herança ou successão, está no mesmo caracter de Rei o poder Real, que elle exercita. O poder está essencialmente na Realeza. Isto he o que se tem dicto, o que se julga, e os pontos em que todos convêm: porem não quer isto o illuminado Doutor do Porto, o Oraculo *Imparcial*. Vai estabelecer o principio da Soberania, e a fonte do poder Real, e da força imperatoria.... aonde? Na opinião Publica. Elle falla melhor do que eu trinta vezes, e he melhor hum pequeno Texto seu, que hum longo discurso meu, pois ahi vai o

Texto. — » *A Constituição concedéo ao Rei toda a força,* » *que pode resultar da Opinião.* —

Ninguem falla mais claro; os principios são os mesmos, e transcendentes. Lembrados estamos do que disse o Redactor Camisola sobre o poder da opinião pública relativamente aos Reis. Este, com os mesmos principios, tem o dom da clareza, e sem ella não poderia ser o *Imparcial*. Diz pois que a Constituição só dá ao Rei aquelle poder, e aquella força, que lhe resulta da opinião pública; o Rei não tem mais nada de seu. A opinião lha dá, a opinião lha tira; hum arruamento, conforme os Periodicos, amanhece hum dia com huma opinião,

a opinião de hum arruamento, ou arruamento e meio, forma a opinião pública, esta he a origem do Poder Real, e he o unico, que lhe dá a Constituição. Se V. m., meu amigo, duvida disto, ponha os seus óculos, e leia o Texto, que lá fica em cima. Eis-aqui tem V. m. os Doutores, que os miseraveis Portuguezes com tanta paciencia aturão, que até lhes pagão com o seu dinheiro.,,

Hum homem, que veio do Porto no Barco de Vapor, e muito conhecido do *Imparcial*, me contou huma cousa notavel. Passei, me disse elle, pela porta do Escriptorio do *Imparcial*, estava tudo aberto, e vi o *Imparcial* assentado n'huma poltrona, e diante huma mesa acobertada de escarlata, galão largo, franjões compridos, escrivaninhas de prata; aos lados outras mesas cobertas de couro, e a cada huma hum Amanuense da primeira classe, a quem elle dictava ao mesmo tempo os diversos artigos da sua Folha erudita; não se equivocava, ainda que as materias fossem tão oppostas; a hum dictava as correspondencias particulares das *Provincias de Lisboa*; a outro o extracto do Eco do meio dia; a outro o do baixo Rheno, a outro a confidencia intima dos Gabinetes de Tripoli, e Mequinés; e quando a obra fervia mais, e os Continuos de capa e volta estavão esperando os differentes artigos para os levar á ponteação da Censura, tudo parou, até que, depois de huma longa pausa, assim começou a remugir o chão, e a dar cuadas na poltrona, como a Pitonisa sobre a Tripodi; e fazendo grandes tregeitos, e caretas, *sic orsus ab alto*, assim começou do alto — Meus Commissarios volantes, e fixos, meus braços, que comigo enredais o Mundo, eu estou arrebentando por mentir, eu arrebento se não minto, eu não posso deixar de mentir, eu quero mentir, e tenho medo que o Mundo diga que deste meu Escriptorio, que he o Emporio da Politica, e o fóco das luzes do Seculo, sahe huma Folha illustradora, sem levar huma mentira: a Folha de hoje N. 97 está acabada, parvoices levará muitas, porem mentira calva nenhuma..... aconselhai-me, illustrai-me Senhores. — O Chefe da primeira direcção dos Amanuenses se poz em pé, agachou-se ao Oraculo, e disse: Senhor, quantas linhas faltão para acabar a Folha? — Duas, disse o *Imparcial*. — Pois minta nessas, que ainda tem tempo. Mentio, e disse (ahi vai Texto):

» *Naquella Fragata* (Perola) *foi o Excellentissimo Conde de*
» *Céa na qualidade de Camarista de S. Alteza.* —

Então mentio, ou não mentio? Não está mais na sua mão; e Periodico sem mentira he cousa que repugna. He o que vemos, o que temos visto, o que continuaremos a ver, se a praga continuar, e a ira do Ceo não abrandar sobre nós. Parece que a Justiça do Ceo determinou que aos tres flagellos, de peste, fome, e guerra, se ajuntasse mais hum para fazerem quatro. Nem fome, nem peste, a guerra acabou-se; mas os Periodicos ainda perneão; e, em quanto não morrem, o flagello vai sacudindo estragos. O Excellentissimo Conde de Cêa descançado em sua casa, muito contente com a sua familia, e o *Imparcial* a envia-lo por esses mares de Christo na Fragata Perola, feito Camarista! Quando elle para respirar ares livres, e refrescar a sua cabeça esquentada com suas importantes tarefas, com que tão gloriosamente tem tirado a Nação do abysmo, e absolutismo, sahir a passear pelas ruas Constitucionaes do Porto, ouvir sahir huma voz, mesmo de hum balcão Constitucional, que diga para outro Constitucional balcão: — O' Riveira de Pena, bê que berdadeiro Escribãosinho alli bai!! — Vem logo a desforra na seguinte Folha, e diz: — Fomos insultados em nossa pessoa com ditos picantes pelos inimigos da Legitimidade, da Carta, e das sabias Instituições. Nós deixâmos ao Publico illuminado o cuidado da nossa vingança. — Sem dúvida o Publico não tem mais em que cuidar, deixará tudo por mão, e virá acudir a hum homem de tanto vulto, e de tanta polpa, para o vingar de tamanha affronta como he dizerem-lhe na sua mesma cara, mas com o seu papel na mão, que elle mente com quantos dentes tem na bôca, por ter mandado para Inglaterra o Conde de Cêa, que está muito quieto, e socegado em sua casa. Como he preciso, em razão do seu Officio, que hum Periodiqueiro minta, não pode concluir huma Folha sem pregar huma mentira. Já na Folhinha 98 elle começa a fazer outra vez a paz com Buenos Ayres; porque se não fartou de mentir na primeira paz, quer agora mentir mais na segunda. Eu espero que Portugal chegue com o desengano a tempo de não soffrer mais Periodicos que a Gazeta. O que lhe mandar o Governo que lance, por-

que pela Gazeta chega ao conhecimento Publico, e os seus annuncios, que para ella são lucrativos, e para nós curiosos, instructivos, e divertidos. He a cousa que eu primeiro leio, e mais de huma vez. Quem quizer, dizia hum annuncio, comprar hum Cavalo Andaluz de idade conhecida, e muito manso — vá á Rua dos Fanqueiros N.º tal *Primeiro andar.* — Eu julgo que lá estaria o Cavalo. — Outro diz que he hum Viajante de mais peregrinações que Fernão Mendes Pinto; que quer imprimir as suas viagens, pede subscripções; mas não diz quem he, onde mora, como se chama, nem o que quer que os Portuguezes lhe fação, ou lhe dêm para comer, que elles estão promptos para tudo. Fugio hum cão, perdêo-se huma cadéla, abalou hum Papagaio.

Oh! meu amigo! O Imparcial arrebenta por mentir, eu arrebento por fallar; mas elle tem mais liberdade para mentir, do que eu tenho para fallar; mas ninguem poderá fazer que não diga que sou

Seu Amigo do C.

J. A. D. M.

Forno do Tijolo 4 de Novembro de 1827.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença da Commissão de Censura.

CARTA 32.ª, E ULTIMA.

DE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

A SEU AMIGO J. J. P. L.

Meu amigo, não he o trabalho da composição, he a inutilidade da empreza, quem me obriga a pôr hum termo a estes escriptos, ou verdadeiras Cartas missivas, e familiares, sem atavíos, arrebiques, ou enfeites alguns do que se chama estylo culto, ou castigado; nada tem sido mais que hum desafogo de sentimentos comprimidos no fundo d'alma pelo terror, ou pela desgraça dos tempos, que não tem outra fonte mais que os Periodicos revolucionarios do mesmo tempo em que vivemos. A malicia, e o funestissimo espirito de partido, se tem servido da venalidade de muitos homens nacionaes, e estrangeiros, chamados Redactores de folhas periodicas, isto he, que tornão em prefixos pontos de duração, para infelicidade, e confusão dos Povos a quem se dirigem, e dos Governos, que os tolerão. V. m. como tão conhecedor da lingua Ingleza, terá lido hum destes papeis, chamado — *Evening Mail* —, e com horror terá visto os insultos que vomita contra este Reino, contra os seus Soberanos, e Soberanas. Estes horrores estranhos, e domesticos, ressuscitarião de indignação os mesmos defunctos: isto me sustentava a penna nestes dedos trémulos, e mantinha esta cabeça tão curvada, menos com o pezo dos annos, que com a força de huma insanavel enfermidade; lançava no papel as minhas idéas na ordem em que se apresentavão, sem mais estudo, que o de hum sincero amor á Nação Portugueza, esperando,

que com ingenuidade com que as expunha, aproveitassem á maxima parte da Nação, que se compõe, e fórma de homens de bem, para se acautelarem do veneno que se lhes propina nas douradas taças da Impostora Filosofia dos revolucionarios; que com as falsas promessas de felicidades, sempre em perspectiva, sempre futuras, sempre inrealisaveis, não querem mais que a ruina dos Povos para dominarem sobre estragos. Verdades, meu amigo, não aproveitão, quando a paixão domina O Frenezim Liberal arrastra cada vez mais certos individuos, que mais, e mais se enfurecem, e desesperão, quanto mais zelo descobrem nos Portuguezes pelo bem da Patria. Vejo, e considero em certos homens huma cegueira tal, que parece hum instrumento de que se serve a Ira de Deos para castigar os crimes das Nações, e a incredulidade do seculo, e do que já não he indifferentismo, porém manifesto desprezo, e zombaria da Religião. Maquinárão estes malvados na Revolução Franceza, que não foi mais que a passagem do Monarquismo para o Republicanismo, a revolução do Globo inteiro, vendo-se já na metade delle, que he o que se chama America, esta mesma passagem, ou mudança; e mostrando-lhe a experiencia que elles não promovião mais do que a desgraça de todas as Nações, e vendo; que na desgraça de todos, ou na calamidade geral elles mesmos, os seus promotores, não podião ser venturosos, como verdadeiros Genios do mal, fazendo deste hum como seu natural elemento; assim mesmo o querem, assim mesmo o promovem até ao dia de hoje. Se a penna, ou o pincel, (e para isto não era preciso, nem ser Cornelio Tacito, nem Salvador Rosa) traçasse dois grandes Quadros, hum que representasse a Sociedade humana antes da horrivel, e abominanda impulsão da Revolução Franceza, outro que representasse o estado desta mesma humana sociedade depois que sobre ella se derramárão as chammas, o fumo, e as lavas deste infernal Volcão; ver-se-hia nestes dois Quadros a mesma opposição que ha entre o Ceo, e o Inferno. Se os malvados revolucionarios quizessem dar lugar, e exercicio ao senso commum, prescindindo d'outro qualquer criterio da verdade, conhecerião que ao estado de compativel fecilidade do genero hu-

mano antes das manifestas revoluções, succederá hum estado de verdadeiras desgraças, porque não ha huma só classe na sociedade civil, que não esteja peor, e infinitamente peor do que estava, antes que os homens apparecessem, como elles dizem, regenerados. Nada aproveitei, meu amigo, e já que me despeço de V. m. e dos Portuguezes, farei pela ultima vez algumas reflexões que me parecem justas sobre o estado deste Reino na desastrosa época de 1820. Ninguem me poderá arguir de me servir de lugares communs sobre as consequencias das revoluções politicas neste mesmo ultimo ataque em retirada. Eu tenho perdido toda a córagem fysica com a minha dolorosa enfermidade, nada posso mais que mover por intervallos estes dedos; mas a coragem moral augmenta-se em mim cada vez mais em proporção da perda da coragem, ou valor fysico, e por isto estou certo, que huma causa advogada pela sensibilidade do coração, nunca se poderá perder, e algum lugar distincto devo occupar entre aquelles Portuguezes que com a sensibilidade de coração chorão os males da Patria. Callar-me-hei depois.

São innumeraveis as Historias, que existem já impressas, e publicas, da Revolução Franceza, e sendo hum só objecto, e unica a materia, por todos he tão variamente tractada. Nós os Portuguezes, sobre tudo indolentes, muito mais o temos sido sobre a nossa Revolução Democratica de 1820: ainda não apparecêo nem hum esboço ligeiro deste acontecimento tão unico, como escandaloso em nossos Annaes. Será isto delicadeza em os nossos Escriptores, que não quererão offender as virtudes, e sobre tudo a exemplar, e conhecida modestia dos Auctores da mesma Revolução ainda vivos, e permanecentes entre nós? Parece-me, que he muito fóra de tempo, e de lugar esta melindrosa delicadeza, em nossos Escriptores, porque os mesmos Corifeos da Revolução nunca quizerão deixar seu credito em mãos alheias, começárão elles mesmos desde logo a se chamar Pais da Patria, Salvadores da Nação, que por hum heroico, e violento impulso de Patriotismo quizerão arrancar do abysmo da desgraça os infelizes Portuguezes, dizendo lhes, que não podião subsistir por mais seis dias com aquelle Pacto primordial, e com aquellas leis

com que tão gloriosamente tinhão permanecido por seis contínuos seculos, promettendo, que vinhão, com suas sabias instituições, pôr o Povo Portuguez na linha das grandes Nações, donde nenhuma grande Nação, nem todas as Nações grandes juntas o havião tirado. Disserão com franqueza mais que Republicana, que se muito tinhão feito a Portugal D. João 1.º em o livrar da violenta posse, que delle queria tomar o Rei Castelhano, desbaratando-o em huma memoravel batalha campal; e se muito tinha feito a Portugal ElRei D. João 4.º livrando o Reino de huma dominação estranha, que havia durado sessenta annos, acceitando a Corôa do mesmo Reino; muito, e muito mais fazião elles em livrar o mesmo Reino do mais pezado, e ferreo jugo do Absolutismo, em que os seus Monarcas com seus Cortezãos, e lisongeiros o conservavão. Disserão ainda mais de si, e não deixárão mentir ninguem; disserão que com sua sabedoria vinhão dar huma nova face á Nação, abrindo, e desentupindo todos os canaes donde lhe podia correr, e communicar-se-lhe todo o seu bem, e ventura, começando pela Instrucção Pública, cousa até desconhecida neste Reino, porque elles para serem, como erão, tão eximios Doutores tinhão com dispendiosas viagens, e reiteradas fadigas, hido estudar, e aprender fóra deste Reino, que sempre tinha sido a Séde principal da ignorancia, e da barbaridade, assim como da superstição, e do fanatismo, insuperaveis obstaculos para o derramamento das Luzes, e progressos da civilisação! Que elles vinhão promover a cultura da terra, a navegação dos mares, a actividade do Commercio, o aperfeiçoamento das Artes, e das Sciencias, e sobre tudo fazer adiantar a Industria na creação das Fabricas com que nos tirassem da vergonhosa dependencia das producções, e manufacturas estrangeiras. Promettêrão ainda mais, e elles mesmos o disserão, que vinhão simplificar o Culto Religioso, livrando-o de todo o pezo, e apparato da magnificencia, e magestade externa, reduzindo-o a puro acto intellectual. E sobre tudo nos affirmárão que o motivo mais poderoso, que os obrigára a vir daqui tantas leguas, huns a cavallo, outros em calleças, e alguns em liteiras, fazendo marchas forçadas, sem pararem, e se demorarem senão nos Collegios, e Conven-

tos de Coimbra, e em Alcobaça, foi unicamente acodir ao lastimoso estado de Finanças, ao qual as tinha reduzido a malversação dos Empregados pouco experientes, e a indifferença da Regencia, que pintavão indolente sobre este sagrado objecto, cousa que com effeito á risca cumprírão, distribuindo de tal arte o dinheiro todo, que nunca mais se soube onde elle parava, a não ser nas mãos dos novos, e illustrados Financeiros, que descêrão do Ceo para alimpar a Terra. Sem ninguem lhes perguntar, elles mesmos disserão que vinhão nivelar as condições humanas, reduzindo tudo á perfeitissima igualdade natural, pois elles nem tinhão, nem conhecião outra differença, que não fosse aquella, que davão os talentos, e as virtudes, e que só ás virtudes, aos talentos, e ao pessoal merecimento, e nobreza, elles mesmos vinhão dar os lugares honorificos, e lucrativos, e não aos Aulicos, e aos lisongeiros, desterrando para sempre o patronato; e na verdade elles tinhão afilhados de sobejo!

Tudo isto elles disserão de si, e o deixárão muito bem escripto, e muito bem impresso, e por isto escusavão o trabalho dos Escriptores, que quizessem mandar á posteridade seus illustres nomes, e estrondosos feitos. Com tudo, como dos filhos primogenitos destes pais alentadissimos da Patria, e irmãos dos cento e tanto irmãos, que representárão como Procuradores do Povo, que foi por elles levantado á cathegoria de Soberano, nos disse em hum Manifesto Portuguez, que he preciso ser traduzido em Portuguez para ser entendido, que a — *Musa da Historia estava com o Buril apontado* para exarar em laminas de bronze aquelles altos feitos da Regeneração Portugueza; esta Musa chegou, e he este seu creado o buril, he esta penna, e mui pouco trabalho terá a tal Musa na exaração dos altos feitos, ou altas cavallarias dos Pais da Patria. Pouco trabalho, porque toda aquella salgalhada se reduz a duas unicas cousas, e não tem a Musa mais que dizer, nem o tal apontado buril mais que gravar. A Revolução de 1820 foi o attentado maior, e o crime mais execrando, que se cometteo em Portugal desde que começou a ser Reino independente, até aquelle mesmo infausto momento; primeira chapa, que abre o buril da Historia. A Revolução

de 1820 foi o alçapão, o engano mais insidioso, que se fez aos Portuguezes desde a origem da mesma Monarquia: segunda chapa, que tem que abrir o buril da Historia, e depois destas duas gravuras não tem mais que fazer.

Foi o delicto mais atroz, que se tem commettido, porque despojárão o Rei da liberdade, e da Soberania, convertendo o Governo Monarquico em Democratico, dando ao Povo a Soberania roubada sacrilegamente ao Monarca. Todos os crimes simultaneamente commettidos não fazem hum crime tão horroroso, e abominavel como este. Isto está já comprovado até á evidencia, eu o tenho manifestado á Nação em tantas luzes, que não são precisas mais para o conhecer. Sobre isto tem já trabalhado quanto póde o buril do Historia, e tanto, que será já necessario amolar-lhe o bico. Em quanto á segunda gravura, ou segunda chapa, cumpre que o buril por despedida trabalhe mais alguma cousa.

He hum alçapão, e hum ardiloso laço armado á Nação, a quem vierão enganar depois de a tyrannisar. As duas grandes promessas, que lhe fizerão, forão, a primeira a da segurança individual, ou liberdade pessoal, cousa, que o homem naturalmente tanto deseja, e que á custa de tantos sacrificios anciosamente busca: — *Ninguem póde ser prezo sem culpa formada.* — Isto diz a Base, e depois da Base, isto diz a Constituição de 1822, que mentio tanto, ou ainda mentio mais que a mesma Base!!! Isto he huma dadiva celeste, dizião os Povos! Graças a Deos! Já podemos estar em nossas casas comendo descançados os nossos feijões! Já ás nossas portas não chegará hum Malsim, que só porque elle o queira, ou porque assim o queira o seu Ministro, sem mais dizer — agua vai — nos leve para a cadeia, a muito chorar, pedir, e gastar nos leve para Angola, ou Pedras Negras. Quem as fizer, quando se lhe provarem, que as pague; mas que sem mais nem mais ponhão hum homem na forca, só porque elles querem, era cousa injustissima, e insoffrivel. Enforquem-nos embora, mas provem nos primeiro que matámos hum homem, ou que alimpámos meia duzia de alampadas por essas Igrejas; mas andarem a enforcar na gente, e no caso de escapar dos tres páos fazerem marchar a gente n'hum

cavallinho de páo sem nos darem razão do seu dito, era demais; mas agora, graças a Deos = *Ninguem póde ser preso sem culpa formada.* =

Muito consolado fiquei eu, como homem do Povo, que tambem sou; porque o que he bom para todos he bom para cada hum, mas nem tudo o que luz he ouro. Empoleirados que forão os Pais da Patria, allucinado o Povo, despojado o Rei da Soberania, occupados por elles os primeiros lugares, continuando com pacifica posse as Sessões das Geraes Constituintes, as Nações assombradas, e invejosas da nossa ventura, paz, e tranquillidade, todo o Mundo satisfeito com a nova ordem de cousas, vendo cahir das nuvens o Manná, que era para todos, em barricas, e em ceirões, entoando harmoniosos hymnos por vêr os Foraes, os Banaes, e os Cereaes, tudo acabado; recebidas com hum distincto, e especial agrado as felicitações de todas as Camaras, mandadas ao Soberano Congresso, no meio desta celestial, e universal harmonia, estando os Portuguezes com o seu Soberano Congresso como Deos com seus Anjos, como diz o Proverbio, em hum dia pela manhã, tendo já o Senhor Secretario feito a chamada, e lido a Acta da precedente, que foi approvada, o mesmo Senhor disse, que á porta do Augusto Salão se achava o Senhor Ministro do Interior, o Senhor Presidente o mandou entrar, e que arrojasse cadeira, e se acomodasse como podesse, mas elle parece que vinha esfogueteado; e sem mais saudação á Augusta Assembléa .... — Está a Patria em perigo !!! Está a Patria em perigo !!! Não era de admirar, disse eu; porque como a Patria he mãi, e teve aquelle máo successo, ou parto atravessado, sahindo á luz o Soberano Congresso, não he muito que estivesse em perigo com o sobreparto.

Tudo são graças, meu amigo; o que lhe sei dizer he, que se abrio o alçapão, e já lá vão para dentro os tristes Portuguezes enganados. Declara-se a Patria em perigo? A Deos, Garantias! E v. m. que o diga mettido n'huma cadeia, e desterrado para fóra deste Reino a Deos, e á ventura. Veja se era, ou não era alçapão esta garantia, esta segurança individual, esta Base: *Ninguem póde ser preso sem culpa formada.* — Nós, dizem em seus conselhos os

pais da Patria, nós havemos dar cabo de todos os homens de bem, em cuja honra, virtude, e luzes possamos encontrar algum obstaculo em nossa gloriosa marcha. A Lei he a mais expressa, não admitte Epiquéas, ou interpretações. *Ninguem póde ser preso*, etc. — Mas como a salvação da Patria he a primeira, e a maxima de todas as Leis, e diante da qual todas as outras cessão, e emudecem, declare-se a Patria em perigo. — Quem a põe neste estado, que nunca se declarou que perigo era este, são os homens de bem, os pacificos, os resignados de costumes puros, e irreprehensiveis, os amigos da Religião, dos Thronos, e da Justiça. Tres mezes de suspensão, e he o que basta, e sobeja, e com huma Argelina Inconfidencia lá vão de noite, e de dia, arrancados do seio de suas familias, do asylo de suas mesmas casas, homens de todas as classes, e de todas as condições, porque a Patria foi declarada em perigo, sem jámais se dar hum sentido fixo, e expresso a esta frase — *A Patria em perigo.* — E como o veio dizer o Senhor Ministro do Interior, não tem dúvida, está a Patria em perigo. E qual he o remedio deste mal, que a Patria soffre? Degradar, remover, prender, deportar, e matar tambem com prisões, fomes, desamparados huma grande parte dos miseraveis Portuguezes, os mais quietos, tranquillos, pacificos, e virtuosos. E porque? Porque disserão os Espiões ao Senhor Ministro do Interior, que havia suspeita que estes homens não gostavão no fundo de seu coração das sabias Instituições liberaes! Porque se suspeitou que não erão muito addictos ao Systema, e que se apanhára, e vira hum gesto em hum, que era manifesto indicio de não ser affecto á Causa. Cubra-se embora Portugal de lutos, afogue-se em lagrimas, falte o amparo, e o sustento a innumeraveis familias, isso não importa, a Patria está em perigo, a salvação da Patria he a primeira Lei.

Esta fantasiada garantia da Liberdade individual, e da segurança pessoal, foi o primeiro alçapão, ou a primeira corriola dos gratuitos Regeneradores da Nação. E por ventura os Portuguezes deixárão jámais de ter esta garantia, ou para fallarmos Portuguez, (porque leve o Demo tanto Neologismo, ou tanto palavreado revolucionario) esta fiança da sua Liberdade natural, e civil? Onde está, e

quando se promulgou huma Lei, e a que folhas vem de todos os nossos judiciosos, e humanissimos Codigos, que mande prender hum homem sem haver existencia de culpa, ou vehementissimos indicios da mesma culpa, e de alguma cumplicidade em qualquer delicto? Mostrem-me esta Lei. Quem pode confundir a Legislação deste Reino em todas as suas épocas, como a prepotencia, vingança particular, arbitrariedade, e abuso de poder em hum, e outro Magistrado iniquo, que manda com força, e violencia lançar hum homem no fundo de huma Enxovia, ou na escuridão, e tormento de hum segredo? Isto não são Leis, isto são delictos nos mesmos interpretes, e applicadores das Leis. Ha quasi sete Seculos, que o Poder Jndiciario tem entre nós impreteriveis limites! Ah! innovadores, innovadores, ah perturbadores da tranquillidade dos Povos! A Legislação Portugueza, não precisava ser abolida, e arrancada pela raiz, precisava ser observada. Se vós quizestes dar nova face a este infeliz Reino, o vosso primeiro passo devia ser, mostrar a incapacidade, e insufficiencia da Legislação existente para se conseguir, e manter esta tranquillidade, e felicidade da Nação, que vós viestes irremediavelmente deitar a perder. São máos os seus Codigos? Fazei outros melhores: mas nem máos, nem bons, vós sois capazes de fazer outros. Miseraveis! se os *Communeros* Hespanhoes em 1812 não tivessem arquitectado a chamada Constituição, que de novo rebentou em 1820, eu não sei o que estes miseraveis nos havião de trazer! Se os Oraculos da Religião me não authenticassem os milagres, bastaria a minha propria experiencia para os conhecer, e os acreditar. He hum milagre a minha existencia desde o dia 24 de Agosto até hoje, porque eu devia expirar de magoa, ou de indignação, vendo o tombo que derão a este Reino, arrancando a maquina social de seus eixos quatro furiosos.

Acabou V. m. de ver hum alçapão, ora agora chegue-se á borda do outro para o conhecer, assustar-se, e horrorisar-se. Depois de nos garantirem, affiançarem a liberdade do nosso corpo, com o — *Habeas Corpus* — que até a Pexeiras repetião, tambem nos affiançárão a Liberdade do nosso espirito, e entendimento, sendo livre, e li-

cito ao Cidadão, emittir pela palavra, pelo escripto, e muito mais pela Imprensa, todas as suas idéas, e pensamentos. Não ha huma concessão, e huma promessa mais lisongeira, e mais satisfactoria! Isto na verdade he querer conservar a dignidade do homem. A cousa não pára aqui. Na Imprensa, dissérão os Legisladores de 1820, na Imprensa pode haver grande abuso, porque palavras, o vento as leva, mas palavras, ainda que impressas em papel, que tambem o vento leva, podem assim não só generalisar-se, mas durarem para seculos; e por isto he indispensavel hum Tribunal Jurado para conhecer dos abusos da Liberdade da Imprensa. Aqui está o peor e o mais escorregadio de todos os alçapões. Vio-se clarissimamente, que a Liberdade da Imprensa era unicamente para dizer bem delles, apadrinhar todas as suas intenções, levantar com louvores até ás estrellas a usurpação do Poder e da Soberania, a oppressão dos Povos, e a espoliação geral da infeliz Nação que lhe cahio nas mãos. Se o homem de bem imprimia huma palavra, que lhes não toásse, acabou-se no mesmo instante a Liberdade da Imprensa, desgraçado do homem, porque se mostrou pouco affecto ao Systema; ou se hade calar, e por isto o Systema nada tinha que temer da parte de quem lhe podia pôr a calva á mostra, ou se escrevesse, o Jury com elle, e cadêa te valha. Tudo se imprimia contra a Religião, contra o Rei, contra as Leis, contra a Moral, contra a decencia pública, isto era garantir a Liberdade do Cidadão, que he senhor dos seus pensamentos. Digo eu em hum papel — *Os Liberaes são Pedreiros* — tratando dos differentes Officios a que se dão os homens para terem hum pão para a bôca. Pois cahi no alçapão. Hum dos Juizes Jurados se arvorou em accusador, em espião, em parte, para depois ser Julgador, foi denunciar a frase ao Ministerio, manda-se ao Doutor Promotor que me accuse; vem hum libello, amotina-se tudo, nem a Sentença de Moureau metteo mais gente na Salla do Tribunal. Eu fui absolvido, não sei porque; porém foi o mesmo que se me dissessem, olha que se dizes mais huma palavra contra nós, ou queiras, ou não queiras, vais parar á Cacheo. Que me diz ao alçapão?

E para que tenho eu alongado tanto este aranzel de

palavras? Para deixar hum desengano á Nação, e não dar jámais credito a esta raça de Impostores, que, não digo eu em Portugal, mas em ambos os Hemisferios, andão promettendo venturas á gente com suas politicas regenerações para que ninguem os convida, e senão que me digão, quem chamou cá os do Porto em 1820? Para abrirem alçapões, não só á desgraça do individuo, mas á desventura de toda a Nação, que só por hum especial milagre poderá ainda levantar cabeça Em que melhorou este Reino com semelhante revolta de 1820? Com ella se abrio a porta a todas as calamidades. Compare-se o Portugal d'antes com o Portugal depois!! Promettião Liberdade, nunca estiverão mais atulhadas as Cadêas. Promettião justiça direita sem soborno, sem patronato, nunca as Terras de degradados virão dentro de si mais gentes, que não conhecião. Nunca os segredos tiverão inquilinos forçados por mais tempo; nunca houve tantas denuncias, nem mais rigorosa inconfidencia, nunca passeárão mettendo a cabeça por todas as portas, os espiões mais descarados, e impudentes; nunca os homens de bem viverão mais assustados, nunca houve hum Povo mais infeliz, e miseravel, nunca o Reino todo soffrêo mais perdas; em huma palavra, nunca o verdadeiro absolutismo, e despotismo pezou mais sobre os Portuguezes, nunca forão mais escravos, e nunca se chamárão mais livres, nunca delles se fez mais affrontosa zombaria; nunca a Religião soffrêo mais descobertos ataques, e insultos, nunca os senhores do engenho tratárão com mais altivez, e deshumanidade seus negros, e seus muleques, do que forão tratados por meia duzia de Bachareis aquelles nobres, grandes, e magnanimos Portuguezes, diante dos quaes na Africa, e na Asia tremião os Poderosos do Mundo, obrigando-os a trocar a magnificencia, pompa, e esplendor de seus antigos vestidos, e ornamentos honorificos em saiotes, balandráos, e roquelós de pauno da serra, e azeitada saragoça até no pino do verão, verdadeira pantomima, ou impostura Fique para sempre este desengano, e nunca mais se aturem, ou se conheção taes Framengos á meia noite. Este fermento ainda não acabou de todo, porque talvez ainda hajão hypocritas, que dando vivas ao novo estado de Governo Politico,

que temos, o mais justo, e o mais aproximado pela materia, e pela forma, ás nossas primordiaes Instituições, conservão n'alma o fantasma, ou aventesma de huma Republica, entre o Governo Monarquico da Europa, o que tem dado a conhecer.

Vamos, meu amigo, remantando estas minhas insulsas prelengas. Recebi huma attenciosa Carta anonyma, em que se me pede, queira empregar toda a força de meus taes, ou quaes raciocinios em promover a conciliação dos Partidos, fazendo convergir a todos para o unico, e verdadeiro centro. Este centro cuido eu que he o Rei, e a Lei. O meu primeiro voto por certo he este, e ficava este sendo o primeiro, e principal serviço feito á nossa Patria tão consternada, ou tão dilacerada. Eu farei logo tudo isto, certo de seu bom exito, removendo-me hum só obstaculo, que he o mais podereso de todos. Não haja Periodicos. Como se hão de conciliar partidos, acalmar a effervescencia dos espiritos, reunir as vontades discordantes em hum só objecto, e preparar para a Nação toda alguns momentos de paz, união, e tranquillidade, em quanto o *Imparcial* impertinentissimo do Porto continuar a semear a discordia, e a indispôr os animos nas poucas, e truncadas regras, que a Censura lhe deixa apparecer em hum escripto tão vergonhoso, que todo elle he riscado? Veja este Anonymo que me escreve, o *Imparcial* N.° 99. Em primeiro lugar, quem poderá deixar de rir, e com gargalhada de estalo, quando vir a pag. 516 hum artigo, capitulo, ou §, que se não sabe o que he, e que tem só estas palavras:

> Texto. — « *A sabia, e virtuosa Regente, a Senhora*
> « *Infanta D. Isabel.* »

O que teria antes, ou que teria depois, ninguem sabe, porque tudo foi inexoravelmente cortado. Corre a gente palmo e meio de pontos, acha outro capitulo, ou outro artigo, que contém como corpo destacado, só estas palavras:

> Texto. — « *As Camaras se reunirão na conformida-*
> « *de da Carta para organisarem as Leis regulamen-*
> » *tares da mesma.* »

O mais antes, e o mais depois, não sei em que tinteiro ficou: mas vamos ao que nos serve, sobre a minha asserção acima sobre a impossibilidade da reconciliação dos partidos. A pag. 515 ha tambem hum grande, e eloquente discurso, que tem só estas palavras:

> Texto. — « *Appareceo a dissidencia do Brasil a mais* « *activa.* »

Acabou-se o Discurso, e por certo havia de ser optimo, se lhe não riscassem tudo antes, e depois. Vão continuando os pontos apagadores por mais de huma mão travessa, e em fim apparece este

> Texto. — « *O Senhor D. Pedro IV por hum rasgo* « *de generosidade, e grandeza, de que não ha exem-* « *plo na Historia, acceitou a Corôa Portugueza, que* « *herdára de Seu Augusto Pai, para fazer a nossa* « *ventura, e pôr termo a nossos males — Perdoou,* « *deo-nos a liberdade, abdicou.* »

Que he isto, senão irritar partidos? Seja isto dito por materialidade, ou por malicia, eu não devo deixar de dizer, que he verdadeiramente irritar partidos. *Herdar por hum rasgo de generosidade, e grandeza huma Corôa*, he parvoice; S. Magestade herdou pelos Direitos da Succcessão, e do Sangue. Os males de hum Povo não dão os Direitos da Successão a hum Principe, que morto seu Pai, sobe ao Throno que lhe pertence por legitima herança. Deixemos isto, e pergunto, que males erão os nossos quando S. Magestade, que Deos tem em gloria, passou da vida presente? Males? Que idéa dá isto do estado da Nação? E isto não irrita? E isto não indispõe? E isto não exalta a feroz animosidade dos partidos? Por estas, e outras que taes, ha emigrações, e derramamento de sangue, dissidencia nas Provincias, e infernal desasocego nos Povos. *Perdoou, déo-nos a liberdade.* — Outro botafogo de desesperação, outro estimulo de irritação. Que tinhão feito os Portuguezes contra o Senhor D. Pedro IV? Elle não nos governava, porque seu Pai era vivo. Apenas este expirou a 10 de

Março de 1826 corrêrão os Portuguezes a dar-lhe parte deste infausto acontecimento, chega ao Rio a noticia a 24 de Abril, e diz o Senhor D. Pedro IV que era o dia anniversario da sahida de Seu Augusto Pai daquella Côrte, a 29 já nos tinha feito a preciosa dadiva da Sua Carta Constitucional. Que perdão podia elle dar a quem não o tinha offendido? Se elle se dignou perdoar aos inimigos de Seu Pai, isso era meia duzia de rebeldes, não era o Povo Portuguez, fidelissimo por excellencia. Diga o *Imparcial* a quem perdoou, não confunda todos, não irrite, e exaspere partidos, não os torne com tanta perfidia irreconciliaveis; não ponha a triste Nação em tão crueis divisões. Vamos ao mais fino.

« Déo-nos a liberdade. »

Pois nós estavamos captivos no Imperio de S. Magestade o Senhor D. João VI? Podem mais atrozmente injuriar-se as cinzas daquelle Augusto Monarca? Quando fomos nós escravos no Governo dos nossos Reis? Recorrão-se com attenção os Annaes deste Reino: nem mesmo no Governo dos tres Filippes forão os Portuguezes escravos. Lêão-se, meditem-se as Côrtes de 1581, chamadas á Villa de Thomar, alli verão os amotinadores que gritão aos Povos que são escravos para os dispôr ás revoluções, guardadas, garantidas, ou affiançadas todas as nossas liberdades, mantidos, e jurados todos os nossos foros, conservadas todas as ordens, e jerarquias do Reino, continuando em seu livre exercicio todos os Tribunaes, determinados os Portuguezes que devião existir como Representantes, e Procuradores da Nação na Côrte de Hespanha, onde Filippe II quizesse estar; alli verão a promessa feita nas mesmas Côrtes de Thomar pelo mesmo Filippe II de vir sempre residir alguns tempos em Portugal na serie successiva dos annos: alli verão a convenção solemne de mandar sempre hum Principe do seu sangue para presidir ao Governo destes Reinos, vindo o Arquiduque Alberto, e depois a Duqueza de Mantua no Reinado de seu Neto Filippe IV, etc.: nem então forão escravos os Portuguezes; se o forão, unicamente o forão depois que os de 24 de Agosto de 1820 vierão com as armas na mão das margens do Douro para

as margens do Tejo unicamente para nos captivar, e nos reduzir a peior condição, que a de forçados das Galés, ou a de captivos de Argel. Desta escravidão nos livrou S. Magestade o Senhor D. João VI pela heroica resolução da sua sahida para Villa Franca. Então de que escravidão nos dêo a liberdade o Senhor D. Pedro IV? Que lisonja he esta tão podre, ou que mentira tão calva dita á face da Europa, e do Mundo? A' vista destas injurias, e atrocidades vão lá conciliar partidos irritados! Os verdadeiros amigos do Rei defunto, os subditos fieis, e obedientes de sua filha, podem acaso em boa paz ouvir estas atrocidades? Querem tranquillidade, e união? Pois não tenhão Periodicos, e se os querem, Portugal tem homens honrados, e letrados que os fação; e mandem calar estes vagabundos. A Nação os fica plenamente conhecendo, e me tem feito conhecer que préza este pequeno serviço que lhe procurei fazer. Mas de que servem estes desenganos, ou de que tem aproveitado? Nada se consegue. Os insultos, os ataques, as injúrias ainda não cessárão de todo. Cousa que tanto me horrorisa, que por despedida lhe digo, meu bom amigo, que ainda que eu tivera a antiga robustez, e se mudasse o meu doloroso estado, não entraria mais aonde semelhantes individuos tivessem influencia. Nunca mais a taes homens abrirei a bôca, seja qual fôr a authoridade, que a isso me quizesse obrigar, posto que nenhuma authoridade com isso se embarace. Se o Apostolo S. Paulo agora vivesse diria com mais razão de taes homens — *Com estes, nem sequer comer.* — Eu digo mais, nem fallar com dignidade, e intelligencia da Religião, da sua moral, dos seus mysterios aonde elles tenhão, como lhe digo, influencia alguma. Quando V. m. a 25 do passado veio comigo da Igreja de S. Crispim para o Terreiro do Paço, de huma Loja, apenas fomos vistos, sahio esta voz — *Vamos preparar os archotes* — e tres vezes se repetio isto: eu lho não quiz dizer para que se não affligisse. Vão lá conciliar partidos, quando as provocações são desta natureza! Não tem buscado estes Doutores em Leis, estes Compositores de Contractos Sociaes, Prégadores que saibão expôr o Evangelho, explicar os Mysterios, louvar dignamente os Sanctos, exhortar os Povos á união, á obediencia ao Rei, e á Lei, porque

isto tambem he expressamente mandado pelo Evangelho; nada, nada disto, queremos Prégador Constitucional, que desafie os Corcundas.

A hum Religioso da Ordem dos Prégadores acabando de prégar em Sancto Antonio da Sé, disserão tres individuos, que se tornasse a *corcundar* no Pulpito, lhe havião de tirar a vida. Meu amigo, acabemos com isto de huma vez; eu não posso dar hum passo, sem que com a mais insupportavel dôr se me extravase o sangue da bexiga; se eu tivera mais algum vigor, o que já he impossivel, hum passeio até Olivença, ao menos, me livraria dos insultos barbaros destes Oraculos da Politica; e como estes tres dedos ainda tem movimento, eu me haveria melhor com elles, e livraria os homens de bem, a Religião, o Throno, e Portugal de tantos insultos. Fico em eterna pausa, este he o ultimo trabalho, ou incómmodo, que dou á Censura. Fico mudo, e sepultado em huma eterna desconsolação; e se Jeremias chorou sobre as ruinas de huma Cidade assolada, e deserta, eu chorarei sobre as ruinas da moral, da honra, da creação, do comedimento, da dignidade dos antigos Portuguezes, cuja causa não pude remediar por mais que a tenho advogado.

José Agostinho de Macedo.

Forno do Tijolo 13
de Novembro de 1827.

N. B. A estas 32 Cartas, que vem a ter humas 384 paginas, e formão hum arrazoado volume, se pode ajuntar a *Voz da Justiça*, do mesmo A., em defeza de algumas das mesmas Cartas.

A Collecção das 32 Cartas custa 1900 rs., *e esta ultima custa* 60 *rs., posto seja maior.*

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1827.

Com Licença da Commissão de Censura.